UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO E EDUCAÇÃO COMPARADA

RENAN MARCEL BARROS DOS SANTOS

NARRATIVAS:
SENTIDOS E CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA PARA OS PROJETOS PESSOAIS DE
LICENCIANDOS EM MATEMÁTICA

São Paulo
2015

RENAN MARCEL BARROS DOS SANTOS

NARRATIVAS:

**SENTIDOS E CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA PARA OS PROJETOS PESSOAIS DE
LICENCIANDOS EM MATEMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia Gallego

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.825	Santos, Renan Marcel Barros dos
S237s	Sentidos e contribuições da escola para os projetos pessoais de licenciandos em matemática / Renan Marcel Barros dos Santos; orientação Rita de Cassia Gallego. São Paulo: s.n., 2015. 140 p.; tabs.; apêndices

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Didática, Teorias de Ensino e Práticas escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Projetos pessoais 2. Licenciatura em Matemática 3. Histórias de vida 4. Sentidos da Escola 5. Contribuições da escola I. Gallego, Rita de Cassia, orient.

Renan Marcel Barros dos Santos

Narrativas: sentidos e contribuições da escola para os projetos pessoais de licenciados em matemática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu, da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares

Aprovada em: ____/ ____/ ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita de Cassia Gallego

Instituição: Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Nílson José Machado

Instituição: Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza

Instituição: Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Assinatura: _____

Aos meus pais Miguel e Neide que foram meus
primeiros professores, verdadeiros mestres nessa
relação, por todo amor e confiança que me
concedem...

Ao meu melhor amigo Eduardo que me mostrou o
caminho da diversão...
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

À professora Rita, minha orientadora, obrigado por acreditar em mim, acolher e orientar meus pensamentos.

À Professora Denice, por prestar atenção em mim e guiar meus primeiros passos nessa trajetória.

Ao Professor Nílson, muito obrigado por me ajudar a não desistir da área da Educação.

Ao Professor Elizeu, pelas ricas contribuições trazidas no exame de Qualificação.

Ao CNPq, pelo auxílio com a bolsa e ao fomento geral prestado para o desenvolvimento da pesquisa no meio acadêmico.

À secretaria geral, sempre presentes e preocupados com seus alunos.

À Cristina, minha prima e primeira aluna, obrigado por ser minha confidente.

Ao Michel e à Luciana, meus irmãos, obrigado por servirem de exemplo e inspiração.

A Emari, Henrique, Leandro, Lucas, Renan e Thiago, amigos que aqui escolhi para cada uma das minhas representações sociais, obrigado pela parceria.

Ao Alexandre, amigo e companheiro de trabalho, agradeço a presença em todos os momentos.

Aos colaboradores, agradeço por terem compartilhado comigo cada momento da vida de vocês, sem os quais esse trabalho não seria possível.

Aos alunos, obrigado por se fazerem como luz em minha carreira.

A vida humana tem dois ingredientes inseparáveis: um é a cotidianidade; o outro, a projeção. A vida é cotidiana, e por outro lado intrinsecamente projetiva. Há um fenômeno, baseado em algo elementar e óbvio, o sonho, e é o despertar. Muitas vezes me fiz esta pergunta: para que, alguém se desperta? Radicalmente, para a felicidade ou para a infelicidade.

É provável que isto surpreenda, porque habitualmente se passa por alto. Tem-se a impressão de que se desperta para o dia, para o amanhecer, para a luz, para os ruídos, quefazer, especialmente para os da extrema cotidianidade: o asseio, o banho, a refeição da manhã, o trabalho. Tudo isto é certo, mas embora o que se espera seja trivial, ou cheio de inconvenientes e fadigas, o decisivo é que se encontre a felicidade como um fundo com sentido. Mas a atenção se fixa nos detalhes, nos conteúdos cotidianos, frequentemente se renega, e se esquece a felicidade subjacente. Quando há felicidade se desperta para o dia, que pode não ser muito grato com um “sim” prévio. Se alguém se desperta com um “sim” à vida, com o desejo de que continue, de que possa continuar indefinidamente, isso é felicidade.

Julián Marías, “A felicidade humana”, 1989, p. 360

RESUMO

A dissertação aqui apresentada é fruto do estudo que teve duas questões nucleares: O que a escola faz com o sujeito? e O que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez? Com isso, os principais objetivos da pesquisa foram identificar, compreender e analisar sentidos atribuídos à escola e às contribuições que essa traz para a constituição dos projetos pessoais dos que passam por esse processo. O estudo teve como *corpus* documental narrativas biográficas de sete estudantes do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo. Foram realizadas entrevistas narrativas biográficas, em que os colaboradores contaram suas histórias de vida seguindo os três eixos que estruturaram a pesquisa: antes, durante e depois da escola. No primeiro eixo, procurou-se entender como a escola era vista antes da entrada nessa, bem como a valorização da Educação, sobretudo escolar, para a família. Entretanto, os colaboradores apresentaram poucas lembranças acerca dessa fase de vida. A fase *durante a escola* foi assinalada, de um lado, por episódios de alegria por momentos que envolviam professores marcantes, situações de destaque e, por outro lado, acontecimentos que envolveram o sentimento de desprazer e frustração, por causa das dificuldades enfrentadas e da obrigatoriedade vivida dentro do sistema escolar. O terceiro eixo aborda como a escola teve papel fundamental para a escolha do curso de Licenciatura em Matemática, bem como a relação com a matemática; o ingresso e permanência na graduação; a inserção no mercado de trabalho e a iniciação à docência; e os projetos pessoais dos estudantes. Constatou-se que, entre os casos abordados, os principais sentidos atribuídos à escola foram as relações pessoais, a aprendizagem e a diversão. Ao considerar os projetos pessoais, os colaboradores pretendem dar continuidade aos estudos, sobretudo por meio de cursos em nível de pós-graduação. Para os sete colaboradores, a escola se fez como palco para constituição de diversos tipos de relações pessoais, entre elas relações de amizade e de amor. Nos casos estudados, os professores marcantes também trouxeram contribuições para os colaboradores. Se considerar a situação dos pais, em alguns casos, a escola também se fez como propulsora das mudanças atuais. A constituição de família também aparece muito forte para os colaboradores, com o pensamento de investir na Educação dos filhos, sobretudo escolar, na esperança de que a escola tenha importância significativa como teve em suas vidas. A escola e o ensino da Matemática se tornam uma opção bastante válida no trabalho. No entanto, ser professor não é a única opção, uma vez que a formação em questão possibilita a atuação em outras áreas.

Palavras-chave: Projetos pessoais, Licenciatura em Matemática, Histórias de Vida, Narrativas, Sentidos da escola, Contribuições da escola.

ABSTRACT

The thesis presented here is the result of a study with two core questions: What does the school do with the subject? And What does the subject do with the things the school has done with him? Thus, the main objectives of this research were to identify, understand and analyze the meanings attributed to the school and its contributions to the formation of personal projects of those who had passed through this process. The study had as corpus biographical narrative interviews of seven undergraduate students from Teaching Degree in Mathematics at The Institute of Mathematics and Statistics, of University of São Paulo. In these interviews, collaborators were asked to tell their life stories following three bases that structure the research: before, during and after school. In the first basis, we tried to understand how school was perceived before starting school, as well as the family's values on Education, especially school education. However, the collaborators presented few memories around this stage of life. The phase during school was assigned, on one hand, by episodes of joy due to moments involving outstanding teachers and situations, and on the other hand, events surrounded by the feeling of displeasure and frustration because of the difficulties and the obligation experienced under the school system. The third basis addresses how school had its key role in the students' choice of Teaching Degree in Mathematics as well as their relationship with mathematics; their admission and permanence in the course; their insertion in labor market and initiation to teaching; and their personal projects. It was found that, among the cases discussed, the main meanings given to school were personal relationships, learning and fun. When considering personal projects, the collaborators intend to continue studying, especially in graduate courses. For the seven collaborators, the school was the stage for constituting several types of personal relationships, including friendship and love. In the cases studied, the outstanding teachers also made their contribution. Considering the situation of their parents, in some cases, the school also has fueled current changes. Family constitution is also a very strong point for the collaborators when thinking of investing in the education of children, especially school, hoping that the school has the same significant importance as they had. The school and the teaching of mathematics become a very valid option inside the labor market. However, being a teacher is not the only option, as the course under consideration enables activities in other areas.

Keywords: Personal Project, Teaching Degree in Mathematics, Life Stories, Narrative, School meaning, School contributions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico	35
Quadro 2 – Pesquisas que se aproximam do presente estudo	36
Quadro 3 – Perfil dos colaboradores.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ANNHIVIF	Associação Norte e Nordeste das Histórias de Vida em Formação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BIOgraph	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CIPA	Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica
CPDOC/FGC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas
COHAB	Companhia Metropolitana de Habitação
DEDALUS	Banco de Dados Bibliográficos da USP
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Etec	Escola Técnica Estadual
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-Menor
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FUVEST	Fundação Universitária para o Vestibular
GEPFPM	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores de Matemática
GHOEM	Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática
GRAFHO	Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral
GRIFARS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Bio.Grafia e Representações sociais
GT	Grupo de Trabalho
IC	Iniciação Científica

IME	Instituto de Matemática e Estatística
IMPA	Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada
MBA	Mestrado em Administração de Negócios
MEC	Ministério da Educação
OBMEP	Olimpíadas Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Pibid	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
POLI	Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SciELO	Scientific Eletronic Library Online
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS PASSOS: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	19
1.1. Minha história: Era uma vez.....	19
1.2. O caminho percorrido: Aspectos teórico-metodológicos.....	26
CAPÍTULO 2 – O QUE A ESCOLA FAZ COM O SUJEITO: AS HISTÓRIAS DOS COLABORADORES	38
2.1. Bruno: Uma história de superação dos limites da situação socioeconômica	39
2.2. Thiago: “É preciso estudar!”	43
2.3. Henrique: Uma grande mudança de percurso	48
2.4. Eduardo: Escola, a base para tudo	55
2.5. Lucas: “Não existe o depois da escola”	61
2.6. Leandro: Uma história de persistência, decepções e resultados.....	66
2.7. Cristina: Uma trajetória de altos e baixos	73
2.8. Sete narrativas: aproximações e distanciamentos.....	80
CAPÍTULO 3 – O QUE O SUJEITO FAZ COM AQUILO QUE A ESCOLA LHE FEZ: ANÁLISES DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS COLABORADORES	89
3.1. Sentidos da escola.....	89
3.1.1. A relação com o saber	92
3.1.2. As relações sociais	101
3.1.3. A diversão	103
3.2. A relação com a Matemática e os Projetos Pessoais	108
3.2.1. Depois do ingresso dos colaboradores no Ensino Superior	115
O FIM DA ESCOLA!: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133

Apêndices

Apêndice A - Roteiro de entrevista

Apêndice B – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Bruno

Apêndice C – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Thiago

Apêndice D – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Henrique

Apêndice E – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Eduardo

Apêndice F – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Lucas

Apêndice G – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Leandro

Apêndice H – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Cristina

INTRODUÇÃO

Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar.

Mario Osório Marques, 1997, p. 13

O conceito de *educação* é muito amplo e não existe uma única definição para o mesmo. Entre os autores que discutem tal conceito, destaco as contribuições de Machado:

Projetos e valores constituem os ingredientes fundamentais da ideia de Educação. Derivada do latim – *educatio*, do verbo *educare* (instruir, fazer crescer, criar), próximo de *educere* (conduzir, levar até determinado fim) -, a palavra educação sempre teve seu significado associado à ação de conduzir a finalidades socialmente prefiguradas, o que pressupõe a existência e a partilha de projetos coletivos. (MACHADO, 2002, p. 20)

A educação de um sujeito se faz em diversos âmbitos como no da família, da escola e da religião. As pessoas que frequentam a escola chegam a permanecer nessa instituição por volta de 15 anos, para alguns mais, para outros menos. É onde travamos um dos primeiros contatos com o mundo para além da família. Muitas vezes, os colegas de classe tornam-se os primeiros e verdadeiros amigos, com grandes possibilidades de lá conhecermos nosso primeiro amor, mesmo que em nossas fantasias. Além disso, os professores são, na maioria das vezes, os principais responsáveis por nos ensinar a contar, ler e escrever, sobretudo falar corretamente nossa língua. Os exames escolares são, de modo geral, os primeiros momentos em que somos colocados à prova de nós mesmos, obtendo sucessos e frustrações.

A escola é tão importante socialmente que é obrigatória dos 6 aos 17 anos, idade essa que deverá ser reduzida aos 4 anos a partir de 2016¹. Porém, a instituição escolar, muitas vezes, sofre críticas diversas, uma vez que, para alguns, essa permanece a mesma há décadas, o que não necessariamente é verdade se forem considerados os

---

¹ Disponível em: [<http://www2.planalto.gov.br/excluir-historico-nao-sera-migrado/lei-torna-obrigatoria-matriculas-de-criancas-na-educacao-basica-aos-4-anos-a-partir-de-2016>]. acesso em 12 Fev 2015.

contextos histórico, político e social que são diferentes. A escola é uma instituição legítima e uma das principais contribuintes para a formação do sujeito, mas disputa espaço com outros meios, muitas vezes mais atraentes do que ela, por exemplo, a mídia, os instrumentos eletrônicos e as redes sociais.

A percepção de que a escola é, certas vezes, questionada quanto a sua eficiência/eficácia, inspirou pensar em sua contribuição para a vida dos sujeitos e assim serviu de motivação para realização de um estudo que resultou na presente dissertação de mestrado, que teve como principais objetivos identificar, compreender e discutir diferentes sentidos atribuídos à escola, por estudantes do curso de Licenciatura em Matemática, bem como as contribuições que a escola teve na constituição e no delineamento dos seus projetos pessoais.

Esses sujeitos se encontram numa *situação biograficamente determinada*, conceito trabalhado por Alfred Schutz (2012). Para ele, uma situação biograficamente determinada possui uma história do indivíduo – sedimentação de todas suas experiências prévias – que estão disponíveis em seu *estoque de conhecimento*, e inclui possibilidades de futuras atividades práticas ou teóricas que dentro de *zonas de relevância* (interesses) serão chamadas de *objetivos à disposição*.

As inquietações já apresentadas foram suscitadas pela pesquisa de Iniciação Científica (IC), realizada durante os anos de 2010 e 2011, que teve como título *Avaliação do uso e conhecimento de Estatística dos formandos em Licenciatura do IME-USP* (SANTOS; MAGALHAES; SILVA, 2010). Essa teve como principal objetivo avaliar o uso e o conhecimento de Estatística entre graduados e formandos em Licenciatura em Matemática. No geral, a literacia estatística na Educação Básica se dá a partir das aulas de Matemática, daí a necessidade de estudar a formação estatística desses professores. Naquela oportunidade, a pesquisa contou com o resultado de 100 entre 295 graduados dos anos de 2007, 2008 e 2009, e 38 entre 130 formandos em Licenciatura em Matemática de 2010 e 2011, todos do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo.

A partir da análise dos dados, constatou-se que mais da metade dos sujeitos em questão, supostos professores de matemática ou professores em formação, nunca tinham atuado nessa profissão, não atuavam ou não tinham qualquer pretensão de seguir nesse campo.

Esse foi o resultado de um caso particular, mas a situação da Educação, no geral, não é muito diferente quando se trata da perda dos seus profissionais para outras áreas. Assim, se deu o primeiro interesse para formulação da problemática da pesquisa desenvolvida no mestrado, a qual sofreu alterações posteriormente: o que leva o sujeito escolher a carreira de professor de matemática e o que o faz abandonar tal escolha? No entanto, com o público alvo já definido, sendo estudantes do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade de São Paulo (USP), campus Cidade Universitária, houve muitas reformulações do projeto inicial de pesquisa, consequentemente a mudança da problemática a ser estudada. Um dos pontos de partida para essa mudança foi o seguinte apontamento feito por Christine Delory-Momberger, referente à vivência escolar dos sujeitos:

Essa reavaliação de formação escolar supõe que se reconheça que as aquisições da escola, longe de se limitar aos saberes disciplinares e formalizados, comportam, igualmente, saberes experienciais que acham sua tradução nos comportamentos, nos modos de relações, nas emoções e sentimentos, nas formas de pensamento e de raciocínio. A própria escola – enquanto espaço físico, social, político no seu sentido amplo – representa um campo particular de experiências correspondendo às aquisições existenciais determinantes para a formação futura. O olhar globalmente negativo, em torno do vivido escolar, vem, em parte, daquilo que o próprio sistema escolar desconhece, desqualifica, oculta, a maior parte das vezes, quanto aos saberes experienciais em que nele se desenvolve [...]. Os documentos biográficos trazem amplamente esses testemunhos: muito mais do que conteúdos de conhecimento, são as experiências relacionais, afetivas e sociais – em que a escola foi para eles o domínio e em que a polaridade emocional marcou sua relação ao aprendizado e ao saber – que os adultos em formação retêm da escola, aquilo que eles designam do seu tempo escolar como sendo significativo para o seu percurso de formação. (2009, p. 251)

No geral, a escola é legitimada pelo saber científico específico. Porém, como foi destacado pela autora, a escola não se limita a essa prática, uma vez que as vivências dos alunos, e não só dos alunos, são muito mais amplas. Uma pergunta fundamental para atribuir sentido à experiência escolar, também colocada pelo professor Neil Postman (2002), é *Para que serve a escola?* e, muitas vezes, não é feita pelos sujeitos que estão ou já passaram pelo processo de escolarização. As escolas são construções e representações sociais. Entretanto, cada sujeito, em sua experiência, lhe atribui um sentido. Ao tratar de sentido, considerou-se que os sujeitos qualificam as suas experiências mediante a relação entre representações sociais acerca da escola, mas

também as suas trajetórias, histórias pessoais e o contexto em que se insere. Daí se dá o principal objeto da pesquisa: os sentidos da escola na vida de graduandos da área de Matemática, conforme salientado anteriormente.

Em seu livro *Fim da educação: redefinindo o valor da escola*, que o título sugere *fim* como a ambivalência entre *final* e *finalidade*, Neil Postman pergunta

Para que servem as escolas? Sim, faz diferença se os pais podem escolher a escola, se as escolas são menores, se o tamanho da turma é reduzido, se há dinheiro para contratar mais professores, se alguns estudantes recebem recursos públicos para frequentar escolas particulares. Mas ainda não estamos diante da pergunta: Por quê? A que se refere toda essa bulha e fúria e despesa? (2002, p. 64)

Talvez essa última seja uma questão fundamental não só para a pesquisa, mas que deveria ser feita por todos os professores e estudantes, isto é, todos os envolvidos na educação formal. Assim, as contribuições da pesquisa para o campo apontam para ajudar a responder duas perguntas: O que a escola faz com o sujeito? e O que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?.

Para a realização do estudo, foram selecionados 7 (sete) graduandos em Matemática, seis homens e uma mulher, todos na faixa dos 20 a 30 anos, estudantes do curso de Licenciatura em Matemática do IME, com trajetórias pessoais bastante diferentes se considerarem aspectos financeiros, oportunidades, facilidades e dificuldades. Cada um com suas particularidades, interesses e objetivos. Embora com trajetórias tão distintas, procurou-se compreender a chegada na Matemática por diferentes percursos, inclusive como continuidade do trabalho de IC já apontado. Portanto essa seguiu como eixo norteador para a discussão construída. Foram abordados aspectos da familiaridade, ou ainda, o gosto pela matemática desde o início da escola e seus desdobramentos. Assim, foi possível pensar como que a escola contribuiu para o delineamento dos seus projetos pessoais, sobretudo a escolha, o ingresso e permanência pelo curso de Licenciatura em Matemática, além das implicações da graduação.

Todo o trabalho foi possível porque os sete colaboradores contaram suas histórias de vida seguindo o processo de entrevistas narrativas autobiográficas (SCHÜTZE, 2011), em que a partir de uma questão inicial o ouvinte narra sua história até que o pesquisador-entrevistador comece com suas perguntas, explorando o potencial

narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais, o que produz os dados textuais que possibilitam as análises subsequentes.

As narrativas percorreram as trajetórias escolares dos colaboradores, divididas conforme a tripartição do tempo: o passado, o presente e o futuro, ou ainda, o por vir. Nesse caso, os três eixos foram: *antes da escola, durante a escola e depois da escola*. Segundo Marina (2009), o ser humano consegue transcender um repertório de situações, diferente de computadores e animais que respondem questões preestabelecidas, e se coloca diante de problemas inexistentes, configurando, assim, a *inteligência criadora*. Por isso, o uso do *por vir* nesse caso.

Desse modo, é impossível desconsiderar a capacidade que o homem tem de se projetar. Todo e qualquer sujeito é delimitado por características pessoais e sociais determinadas por épocas. Sendo assim, é um ser histórico e dotado de memória. “Normalmente, dividimos o tempo em passado, presente e futuro, rememorando assim nossa condição humana definida pelas etapas sucessivas de nosso nascimento, de nossa existência, de nossa morte” (BOUTINET, 2002, p.64). Se, por um lado, os sujeitos têm histórias de vida, por outro lado, eles têm projetos pessoais e projetos de vida. Muitos autores de diferentes áreas do conhecimento e perspectivas de trabalho, como Gilberto Velho, Jean-Pierre Boutinet, Julian Marías, Jean-Paul Sartre, William Damon, Nílson José Machado e José Antonio Marina, defendem a importância dos projetos nas vidas das pessoas.

É possível afirmar que a trajetória do sujeito ganha consistência a partir do delineamento, mais ou menos elaborado, de projetos com objetivos específicos e que sua viabilidade depende da interação com outros projetos pessoais ou coletivos. Para a análise dos resultados foram consideradas as seguintes contribuições apontadas de Gilberto Velho (1987, 1999) acerca dos conceitos e da dinâmica de *projeto* imbricado na *memória, campo de possibilidades, organização social e negociação da realidade*.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro traz a trajetória de vida, sobretudo escolar, do pesquisador e após isso são apresentados os aspectos teóricos e metodológicos que serviram de estrutura da pesquisa. É apresentado um percurso da abordagem biográfica no campo da educação no Brasil, bem como a inserção da pesquisa no mesmo. No segundo, são apresentadas as narrativas das trajetórias de vida dos sete colaboradores. Nessas, são contemplados aspectos que

envolvem a família, a escola, a graduação e a inserção no mercado de trabalho. Feito isso, os perfis dos colaboradores são sintetizados e cruzados, fazendo um levantamento de lembranças relevantes que têm da escola. O terceiro e último capítulo traz as principais análises decorrentes do trabalho produzido. Por fim, são apresentadas considerações acerca das principais constatações da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – OS PRIMEIROS PASSOS: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

*Foi preciso ir à escola
Pra aprender o bê-a-bá
Foi preciso ir também
Para aprender a contar
Belisquei tanto a merenda
Na sacolinha de renda
Antes do sino tocar
(FIDELIS, 2015)*

Neste capítulo será apresentada a minha história de vida que tem bastante aproximação com as trajetórias dos colaboradores da pesquisa. Depois de situar a minha experiência, sobretudo escolar, são explicitados aspectos teóricos e metodológicos que fundamentaram a pesquisa e um panorama da pesquisa autobiográfica.

1.1. Minha história: Era uma vez...

Os primeiros passos da minha trajetória que começam em 1989, o ano do meu nascimento. Sou o filho mais novo, dentre uma irmã por parte de mãe, nascida em 1978 e um irmão, de pai e mãe, de 1986. Todos nós nascemos em São Paulo, inclusive meus pais. Porém, diferente deles, minha condição econômica foi muito melhor se compararmos, uma vez que desde cedo, com menos de dez anos, começaram a trabalhar para ajudar em casa, pois eram bastante pobres.

Minha avó paterna, portuguesa, era costureira e daí surge o primeiro contato do meu pai, do ano de 1952, com confecção. No início, ele a ajudava a costurar e posteriormente cuidava de um pequeno comércio, o que deu origem a sua carreira como comerciante na área, onde atua até hoje.

Minha mãe, nascida em 1959, começou a trabalhar em casa de família com 11 anos e, após cinco anos, teve sua primeira filha que viveu pouco menos de 1 (um) mês.

Tanto meu pai quanto minha mãe estudaram em escola pública, completando o equivalente ao Ensino Médio e o Ensino Fundamental I de hoje, respectivamente. Meu pai chegou a cursar um semestre de Engenharia, mas não

conseguiu dar continuidade aos estudos. Minha mãe, um pouco antes de completar seus 50 anos, voltou a estudar e completou a Educação Básica.

Minha irmã estudou em escola pública e meu irmão em escola privada, ambos completaram o Ensino Médio e foram trabalhar, não quiseram dar sequência nos estudos. Já eu, sempre estudei em escola particular e gostava muito de ir para escola, algo me dizia que não sairia dali tão cedo.

A etapa que precedeu minha entrada na escola foi marcada por muita empolgação, tendo em vista que, sendo eu o mais novo, admirava meus irmãos com uniforme na hora do almoço e era bastante forte o meu desejo de aprender a ler, por ver meu irmão fazendo lição de casa. Não consigo me lembrar do primeiro dia na escola, mas me lembro bem dessa época, imagino que em 1993, marcada por um cheiro bastante característico dos meus colegas de classe e das salas de aulas com seus móveis grandes na época. Além disso, brinquedos e brincadeiras eram a grande marca, se assim posso definir, sem contar a hora do recreio, que era quase um desfile com lancheiras, uma mais bonita que a outra, com personagens de desenhos animados e lanches um mais apetitoso que o outro.

Lembro-me também de que tinha um pouco de vergonha do meu uniforme, já que por rastejar bastante em minhas brincadeiras, minha mãe sempre fazia remendos de couro na região dos joelhos e cotovelos.

Sexta feira era dia do brinquedo, confesso que não diferenciava os dias da semana, mas esperava ansioso por esse, já que depois ficaria dois dias inteiros em casa brincando também. Nos anos subsequentes foi bastante triste não ter mais o dia do brinquedo. Também senti falta das aulas de judô, que não tinham na minha nova escola.

Eu adorava ir para a escola de mãos dadas com minha mãe, íamos cantando músicas que ela inventava ou pensava, como “era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada...”, às vezes passávamos numa doceria, bem no período que o dia estava escurecendo.

Em relação às professoras, lembro-me apenas de uma, com nome de flor, Rosa, amiga da minha mãe na época que nunca mais a vi. Isso na Educação Infantil. Depois me mudei para a escola onde fiz do pré até o 3º ano do Ensino Médio, e depois

voltei como professor para essa mesma escola, onde me tornei colega de trabalho de muitos dos meus professores.

Dos professores dessa escola eu me lembro de quase todos, pois se lembrar deles é um exercício que acompanhou minha trajetória.

Entre os primos, eu era o mais novo, com diferença de pelo menos quatro anos. Eu tinha primas da minha idade, mas não estávamos sempre juntos por causa da distância. Lembro-me de que todas as vezes que eu encontrava com uma delas, eu queria brincar de escolinha, em que eu era o professor e as aulas eram de Matemática.

Até os oito anos de idade eu morei em uma avenida de comércio bastante movimentada, então as amizades ficaram por conta da escola. No entanto, amizades de escola, permaneciam na escola e apenas um deles era mais próximo. Quando mudei de escola, e era bastante incômodo ser alguém de fora, pois muitos dos alunos da minha turma já se conheciam de anos anteriores. Acabei fazendo amizade com um menino que me ensinou a escrever “A” maiúsculo com letra cursiva. Ainda nas primeiras semanas esse mudou de período. A novidade nessa escola era acordar no mesmo horário que meu irmão, bastante cedo, já que até então eu estudava no período da tarde. Além disso, eu tinha mais de uma professora, para as aulas de Inglês e um professor para as aulas de Educação Física.

A transição para a 1ª série do Ensino Fundamental foi acompanhada de degraus, pois agora a sala já não se situava mais no térreo da escola. Ainda consigo me lembrar daquela caixa de papelão com meu material escolar, sobretudo todos aqueles livros ilustrados. Algumas vezes minha mãe precisou esconder o material até o início das aulas, pois boa parte das férias eu ficava com eles. Nesse ano, ganhei de presente de uma tia minha uma mochila, que foi um dos meus acessórios prediletos no ano. Para minha surpresa, tiveram início os exames escolares, também a prova do livro. Lembro que na primeira prova de Matemática da minha vida eu utilizei uma calculadora do meu irmão, que estudava na mesma escola. Mesmo assim minha nota foi nove. Fiquei desesperado achando que nunca mais veria a calculadora, pois eu pegara escondido do meu irmão.

Nas séries iniciais, eu gostava muito das atividades para colorir, o que era bastante frequente. Eu tinha um pouco de medo da professora de Ciências e Matemática, pois era muito séria.

A entrada na 5ª série foi bastante impactante, pois enquanto estava na 4ª série eu estava entre os maiores na hora do intervalo e podíamos pular corda, depois eu estava entre os menores e tinha muita gente grande. A fragmentação disciplinar também foi bastante nítida, pois passava a ser um livro e um professor para cada disciplina. Nunca tive problemas de rendimento escolar, acredito que estava sempre entre os primeiros. Até essa época eu tinha horário para estudar, meu pai me ajudava com algumas lições de matemática e inglês e minha mãe com todos os trabalhos para casa. Na 6ª série, mudou o professor de Matemática mais uma vez, talvez a grande motivação para a escolha da minha carreira. Nesse ano, com o início das equações, tive minha primeira nota baixa, o que me assustou bastante. Isso foi em apenas um bimestre, pois, daí em diante entendi o processo e na escola eu nunca mais tive problemas na área de exatas. As áreas de ciências humanas e de ciências biológicas eram mais cansativas, pois exigiam muita leitura e nessa idade eu já não me dedicava mais aos estudos como antigamente. Passei a estudar pouco, geralmente na noite antes das provas e a fazer uso das colas. Eu tentei cursar o Ensino Médio em escolas técnicas, mas não fui aprovado no vestibular, o que foi uma grande decepção pra mim.

Na mesma escola, as únicas novidades eram alguns alunos e disciplinas como Física e Química, o terror para muitos dos meus colegas. Por mais que eu não fosse muito de estudar, eu sempre fiz as lições em classe e sempre ajudava os que tinham mais dificuldade. No 2º ano do Ensino Médio, certo dia faltou um professor e foi um substituto, que cuidava da biblioteca da escola. Ele perguntou para todos da turma qual carreira pretendiam seguir e, mesmo falando na 8ª série para aquele meu professor de matemática que um dia seria igual ele, essa foi a primeira vez que falei consciente da minha vocação na carreira docente. Meus argumentos foram ter passado minha vida inteira dentro de uma escola, então se tivesse algo que eu faria bem seria ali, e garantir a educação dos meus filhos, pois segundo meus pais, uma boa Educação é condição fundamental para se viver bem.

No último ano da escola, já na época de vestibulares, tive dúvidas se seria Matemática ou Química, sabia que o curso era Licenciatura e optei por Matemática. No

mês de setembro de 2006, prestei o vestibular para uma faculdade privada, onde boa parte dos meus professores tinham feito a graduação. Foi quando tive uma conversa importantíssima com meu pai, pedi para fazer a matrícula nessa instituição, pois assim não perderia tempo nem dinheiro com cursinho. Talvez essa tenha sido a única vez que eu vi meu pai daquele jeito, não sei se era raiva ou decepção, mas este me disse que trabalhou a vida inteira para pagar a minha escola e que se eu quisesse fazer um curso de Ensino Superior, ou eu estudaria para passar em universidade pública, ou eu trabalharia para pagar minha faculdade. Bastante imaturo, eu não entendi o que ele quis dizer e fiquei com raiva dele, foi quando comecei a estudar por conta própria para passar na Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST) e Fevereiro de 2007 tive o resultado: eu havia sido aprovado na USP em Licenciatura em Matemática por 2ª chamada. Então vi o orgulho dos meus pais. Meu pai sentiu como se tivesse cumprido sua missão.

Em 2007, começou uma vida totalmente diferente da que eu estava acostumado. Eu, que estudava no período diurno desde 1995, iniciei a graduação no período noturno e precisava atravessar a cidade de ônibus para chegar até à faculdade.

Nos primeiros meses, eu chegava por volta de 1h da manhã em casa. O nome Cidade Universitária não é à toa, pois aquele lugar era mesmo muito grande, eu precisava de transporte coletivo para andar por lá. O cheiro, por ser um lugar bastante arborizado, e o clima, um pouco mais úmido e fresco do que no resto da cidade, se fazem bastante peculiares.

Minha primeira aula foi de Cálculo I e a professora fez questão de mostrar que eu e mais da metade da turma não sabíamos nada de matemática. De fato, estar ali não era para qualquer um, eu precisaria me dedicar bastante. Minhas notas na escola foram superiores a oito e agora com bastante sacrifício eu conseguia um cinco. Fiz amizades importantes ao longo da graduação, muitas que perduram até hoje. Essas amizades foram importantes para minha segurança no curso, pois sempre estudávamos juntos. No meu 3º semestre, tive meu grande trauma acadêmico: um professor, ao corrigir uma prova minha na frente da turma, com muita ênfase, dizia que eu parecia não ter aprendido nada até aquele momento. Eu tomei as palavras dele para mim, pois, apesar de ter concluído sua disciplina sem precisar de prova substitutiva ou recuperação, os próximos semestres foram marcados por grandes dificuldades e insegurança.

O meu primeiro emprego regular foi decorrente de uma conversa com um amigo da graduação, em que percebi pela primeira vez a necessidade de trabalhar. Esse emprego foi como caixa de loja, onde meu pai trabalha, e foi muito importante porque eu podia estudar e me dedicar a Licenciatura. Nesse mesmo ano comecei a fazer IC em Estatística, com um professor bastante engajado em questões educacionais. Esse contato mais próximo com ele fez também com que eu me tornasse monitor das disciplinas dos cursos de Estatística para Licenciatura durante três semestres consecutivos. Além disso, também comecei a dar aulas particulares de matemática. Entretanto, mesmo sem carregar nenhuma pendência na faculdade e ter iniciado algumas atividades na área, eu ainda não me sentia seguro, sobretudo porque certa vez tentei e não consegui uma vaga para professor numa escola de reforço.

No meu 4º semestre, eu transferi o curso do período diurno para o noturno, mas mantive a grade curricular, com poucas disciplinas por semestre, assim não me sobrecarregaria. O início das disciplinas feitas na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) foram acompanhadas de bastante empolgação, já que era um lugar em que me sentia bastante a vontade nas discussões travadas, bem como na realização dos trabalhos propostos. Muitos dos meus amigos, além de acharem as aulas cansativas, nem sempre conseguiam escrever o mínimo solicitado pelos professores nos trabalhos finais das disciplinas. Começava a despertar meu primeiro interesse na área acadêmica, até porque conforme se aproximava do final do curso, meus amigos tinham bem definido seus próximos passos, sendo na época a maioria voltada para carreira acadêmica em matemática, estatística ou computação, já que o curso possibilitava isso.

Poucos deles se mostravam dispostos em seguir como professores de matemática na Educação Básica. O grande preconceito com a área da Educação fez com que eu cogitasse a pós-graduação, em nível de Mestrado, na área de Computação ou Estatística, tendo em vista o gosto e a familiaridade com as áreas. Em uma das minhas últimas disciplinas no IME, em 2010, Projetos de Estágio, tive um contato mais constante com turmas regulares e o ensino de Matemática, o que me fez gostar bastante.

Mas, o fator determinante para minha decisão em fazer o Mestrado em Educação foi a leitura do texto Educação: Projetos e Valores (MACHADO, 2000) para a disciplina referida acima. Eu lia e relia o texto inúmeras vezes, ficava extasiado com a

ideia de projeto descrita pelo autor. Cheguei a cogitar a possibilidade de desistir do curso em 2010, por causa de uma disciplina que tive muita dificuldade. No início do meu último ano letivo, em 2011, conversei com minha professora de Didática para Licenciatura e lhe falei sobre minha intenção em dar continuidade aos estudos na área de Educação.

Ela foi imprescindível para o delineamento da minha trajetória, pois se fez como uma orientadora naquele momento, sugerindo disciplinas que me agregaram em termos acadêmicos e sugerindo leituras para que eu pudesse fundamentar meu projeto de pesquisa para o processo seletivo de ingresso no curso de pós-graduação na FEUSP.

Todas as disciplinas optativas do curso de Licenciatura em Matemática eu fiz na FEUSP. Conheci professores que se fizeram verdadeiros mestres para mim. Em Março daquele ano, me inscrevi no processo seletivo para ingresso no Mestrado e mesmo antes de formado, em Julho, dois dias antes do meu aniversário, tive o resultado de que eu fora aprovado. No fim do ano concluí a graduação, com mérito, se levar em consideração meu professor de Cálculo III que depois de eu corrigir a última prova do seu curso disse para mim que parecia que eu não tinha aprendido nada até aquele momento da graduação, que estava tudo muito ruim.

No ano subsequente à conclusão da minha graduação, 2012, saí da loja onde trabalhava com meu pai e dei início a minha carreira docente, além, é claro, de ingressar no Mestrado da FEUSP. Fui chamado para trabalhar em duas escolas particulares, sendo que permaneci até o final do ano em apenas uma delas. Ainda no primeiro semestre de 2012, comecei um estágio na FEUSP, fazendo com que eu tivesse mais contato com a rede pública de ensino de São Paulo e estudantes dos cursos de Licenciatura. Nesse mesmo ano, concluí todas as disciplinas do Mestrado.

No fim de 2012, fui convidado a trabalhar na escola onde cursei todo meu Ensino Fundamental e Ensino Médio, experiência gratificante que me acompanha até os dias de hoje, já que posso revisitar muitas das minhas lembranças e conviver com alguns dos meus antigos professores e coordenadores.

Em 2014, encerro minhas atividades no estágio da FEUSP para poder realizar um dos meus sonhos, já que voltei para a tão desejada Escola Técnica Estadual (Etec) como professor, onde permaneci durante um semestre.

No início desse ano de 2015, recebi o convite para trabalhar em uma escola particular muito bem conceituada da zona norte da cidade de São Paulo, o que está sendo uma experiência bastante rica, sobretudo em aspectos profissionais. Apesar de a carreira acadêmica fazer parte de uma das minhas ambições, cada vez mais me sinto engajado em trabalhar com jovens.

Hoje, tendo conquistado minha independência, pretendo investir mais em mim, no sentido de aproveitar mais o tempo e a condição que tenho e procuro aprender mais de Matemática não apenas para aprimoramento profissional, mas evolução pessoal. Tenho como parte do meu projeto pessoal dar continuidade aos meus estudos e constituir família.

Quando eu era pequeno, a escola foi para mim o lugar onde senti muitos frios na barriga, como na primeira vez, ainda com 7 (sete anos), que me senti apaixonado por uma garota, em provas ou quando me pegavam fazendo alguma coisa errada e não era os meus pais. Ainda hoje, a escola me deixa ansioso, por exemplo, a primeira aula do ano diante de uma nova turma, sabendo que ali dentro só depende de mim, ou então quando percebo que cometi qualquer tipo de erro na frente dos meus alunos. Apesar disso, a escola não é só o meu ganha pão, é também a minha diversão, já que muitas vezes me desligo do mundo fora dali, aprendo coisas novas todos os dias e me projeto tentando ser cada vez melhor.

1.2. O caminho percorrido: Aspectos teórico-metodológicos

Contar pode ser utilizado com duas intenções: a primeira de enumerar e a segunda de narrar. Não precisa ser matemático para quantificar, nem precisa ser escritor para inventar uma história. Sendo assim, todos somos contadores de histórias. Os significados são construídos a partir da constituição de uma narrativa, também através dos seus desdobramentos. De acordo com Bruner (1997), a narrativa tem relação com o significado dado às coisas pelo seu autor e envolve a negociação de significados entre os seres humanos.

Ainda, segundo o autor, “embora os significados estejam ‘na mente’, eles têm suas origens e sua importância na cultura na qual são criados. É esta localização cultural dos significados que garante sua negociabilidade e, no final das contas, sua

comunicabilidade” (2001, p. 16). Qualquer história, ficcional ou factual, é uma narrativa, sobretudo por se articular a partir de uma sequência de eventos.

Todo professor regular da Educação Básica tem uma formação específica, mas vivenciou uma formação primeira, como aluno de escola. Apesar de se tratar de períodos e espaços físicos diferentes, existe uma regularidade nessa trajetória escolar, no limite, se considerar símbolos, calendário e o material escolar, profissionais envolvidos, currículo, o calendário escolar, as etapas cursadas e o próprio sistema escolar. Duas pessoas que tenham frequentado escolas diferentes podem apresentar lembranças semelhantes, pelo fato de existir uma cultura da escola, o que remete a uma memória coletiva (Halbwachs, 2006) dos estudantes. Estudos realizados acerca da formação docente (CATANI et. al. 1993) apontam para importância dos professores refletirem sobre sua própria formação para pensar a formação do outro, isto é, as narrativas autobiográficas são um processo que favorece aos sujeitos a reconfiguração de suas próprias experiências de formação e escolarização contribuindo, para situações em que se responsabiliza pela formação dos outros.

Partilhando das afirmações que sustentam a fecundidade do domínio acerca da própria história e do reconhecimento da riqueza envolvida nos processos memorialísticos que reconstituem trajetórias intelectuais, acredita-se que, para as pessoas que trabalham em situações educacionais, seja vital a reflexão engendrada pelas leituras e pela escrita autobiográfica da natureza aqui aventada. [...] esta é uma das significações possíveis para a questão da memória na produção de estudos educacionais. Nesse sentido, tem-se trabalhado a produção de relatos autobiográficos de alunos (futuros professores) e docentes já atuantes, cuja temática central é a “história de formação” ou a memória dos aprendizados, desencadeando a análise e reflexão acerca dos processos formadores e da constituição das diferentes modalidades de relação com a leitura, a escrita, os conhecimentos e o espaço escolar. (CATANI, 2003, p. 126)

Essa prática de refletir sobre a própria formação está alicerçada em estudos situados na grande área da didática e formação de professores, sobretudo no setor da pesquisa (auto)biográfica. No entanto, esse campo é muito vasto e existem diversas perspectivas de trabalho. Gaston Pineau (1999) faz uma discussão acerca dos diferentes usos dos termos na abordagem biográfica e apresenta uma excelente sistematização da temática em seu texto que leva o nome *Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida*, contendo uma análise de diferentes trabalhos com abordagem biográfica desde o

final dos anos 1980. Segundo ele, a *biografia* é o escrito de vida do outro; *autobiografia* (JOSSO, 1991) é o escrito da própria vida. Para SOUZA (2006),

A utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos. (p. 27)

A apresentação do termo História de vida é bastante representativa para essa pesquisa que se deu numa abordagem autobiográfica. Além disso, as histórias de vida se fazem como variedade de fontes e são agrupadas em duas dimensões, a de *documentos pessoais e entrevistas biográficas*. A segunda perspectiva, utilizada nessa pesquisa, será apresentada mais adiante com detalhes. Nóvoa e Finger (2010) fazem uma discussão acerca dos desafios existentes da abordagem biográfica no contexto da educação.

As questões como as histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente, no Brasil, entre os anos de 1985-2003, são discutidas pelas professoras Belmira Bueno, Helena Chamlian, Cynthia Sousa e Denice Catani (2006) da FEUSP. Os trabalhos com as histórias de vida tiveram início do século XX, na Escola de Chicago, a partir da década de 1960 e são desenvolvidas até os dias de hoje na Europa, sobretudo na França, Inglaterra, Suíça, Canadá, Portugal e também na América Latina. Em território brasileiro, a utilização se inicia nos anos 1960 com o programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGC) e se expande nos anos de 1990 com a criação da Associação Brasileira de História Oral – 1994 (ABHO).

Já as pesquisas desenvolvidas no âmbito da pós-graduação em educação no Brasil e a criação de grupos de pesquisa, de acordo com Souza (2006a) e Bueno *et al.* (2006) contribuíram para a ampliação das pesquisas com as histórias de vida e as (auto)biografias na área educacional., Maria Stephanou (2008) traz uma grande contribuição para situar a abordagem (auto)biográfica no contexto da pós-graduação em Educação no Brasil ao desenvolver um trabalho em que mapeou 150 trabalhos contidos

no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior) no período de 1997 e 2006. O Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), que teve sua sexta edição no ano de 2014, se faz como um terreno bastante fértil para o campo biográfico no Brasil, reunindo pesquisadores nacionais e internacionais.

Além disso, são de grande relevância para o campo o Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO) a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph), fundada em outubro de 2008, quanto a Associação Norte e Nordeste das Histórias de Vida em Formação (ANNHIVIF), criada em 2007. A BIOgraph tem por objetivos

1. congregar os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação;
2. promover e coordenar estudos e pesquisas, eventos e ensino no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação;
3. dialogar com associações congêneres, especialistas nacionais e internacionais e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino;
4. estimular a divulgação e informação das produções na área de pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação;
5. promover a crítica e pluralismo teórico na área em suas diferentes produções e atividades. (Art. 3º Estatuto BIOgraph²)

Já a ANNHIVIF tem por fim desenvolver pesquisas e práticas no domínio da abordagem (auto) biográfica. Seus principais meios de ação inscrevem-se no domínio da pesquisa da formação de adultos e de publicações.

Considerando o campo dos estudos com Histórias de Vida, a pesquisa por mim desenvolvida foi alicerçada em duas questões: o que a escola faz com o sujeito? e o que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?. Para se pensar as questões, foram escolhidos sete estudantes, seis homens e uma mulher – Bruno, Thiago, Henrique, Eduardo, Lucas, Leandro e Cristina³ – do curso de Licenciatura em Matemática do IME. Embora tenha uma mulher entre os colaboradores da pesquisa, a questão de gênero não será levada em conta. Os estudantes estavam em diferentes momentos da graduação,

---

² Disponível em: [http://www.biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=36&Itemid=57]. acesso em 41 Fev 2015.

³ Nomes fictícios.

implicando numa visão diferenciada sobre o curso. No entanto, isso não foi critério para escolha dos colaboradores. A importância se deu por suas trajetórias, sobretudo por estarem todos no curso de Licenciatura em Matemática. Os critérios de escolha dos sujeitos foram: o ano de nascimento, a metade final da década de 1980 e o início da década de 1990, consequentemente o período e onde cursaram a Educação Básica, São Paulo. Entretanto, o principal fator considerado foi o fato de serem todos estudantes do curso de Licenciatura em Matemática do IME.

A ação de narrar a própria história possibilita a resignificação da experiência vivida. A importância da (auto)biografia na autoformação dos sujeitos é salientada por Christine Delory-Momberger, ao defender que é impossível atingirmos diretamente o vivido e só termos acesso a ele pela mediação das histórias. Para a autora, “[...] nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida [...]” (2006, p.363). Os sujeitos ao narrarem suas vidas acessam *marcas* – lembretes subjetivos – com os interesses, posição moral e social de hoje, ou seja, toda vez que o sujeito voltar no passado a partir da sua *memória* encontra uma das suas possíveis histórias. Além disso,

A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ajuda-nos a perceber a singularidade da vida, contudo a forma como a contamos não é linear ou a-histórica. Cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve/está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados, e, geralmente, a totalidade de uma experiência que é manifestada também vem marcada de sentidos que, por sua vez, potencializam-se como processo de (auto)formação. (SOUZA & UZÊDA, 2009, p. 256)

De acordo com Souza e Uzeda (2009), o trabalho com as narrativas (auto)biográficas ajuda na compreensão do narrador em relação a sua própria história. No entanto, são duas impossibilidades narrativas da memória: lembrar tudo e narrar tudo.

Ou seja, para que se produza a narrativa autobiográfica, deve haver um tema existente e um tempo, em última instância, o próprio sujeito. Vale salientar que fazer a narrativa consiste numa oportunidade de sistematizar os tempos vividos sem a precisão de um relógio, mas do tempo interior de cada um.

Algumas considerações importantes foram feitas acerca da memória e do tempo narrativo, uma vez que a memória é seletiva, isto é, suas articulações se dão em

função do momento (POLLAK, 1992). Isso quer dizer que o processo narrativo não se dá de forma retrospectiva. Nessa perspectiva, é importante refletir sobre tal questão, uma vez que seu produto final, por si só, não diz muito e a narrativa é construída para explicar como se deu o processo como um todo e seus delineamentos.

Existem pelo menos três modelos biográficos apresentados por Pineau e Le Grand (1993): o modelo biográfico, o modelo autobiográfico e o modelo interativo ou dialógico. Souza (2006), a esse respeito, destaca que,

Em relação ao “modelo biográfico”, afirmam os autores que existe um distanciamento entre o sujeito e o pesquisador, tendo em vista construir um saber objetivo e disciplinar exercido pelo pesquisador. No que concerne ao “modelo autobiográfico”, existe uma eliminação do pesquisador, porque a expressão de sentido e a construção da experiência centram-se na singularidade e subjetividade do sujeito. Por fim, “o modelo interativo ou dialógico” adota uma nova relação de lugar entre o pesquisador e os atores sociais, tendo em vista uma co-construção de sentido, porque não é redutível à consciência que tem dela o sujeito e também à análise construída pelo pesquisador. Compreendo que a dimensão interativa e dialógica, muito fortemente utilizada na abordagem biográfica, possibilita apreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos envolvidos e implicados com o projeto de formação. (SOUZA, 2006, p. 27)

Nesse sentido, bastante próximo da dimensão interativa e dialógica, para alcançar os objetivos previstos, a metodologia utilizada foi a entrevista narrativa autobiográfica que

compreende três partes centrais. Com uma questão narrativa orientada autobiograficamente [...] desencadeia-se – como *primeira* parte – a narrativa autobiográfica inicial. Na medida em que o objeto da narrativa seja efetivamente a história de vida do informante e transcorrendo compreensível de forma que o ouvinte possa segui-la, não deverá ser interrompida pelo pesquisador-entrevistador. Somente após de uma coda narrativa [...], o pesquisador-entrevistador começa com suas perguntas. Na *segunda* parte central da entrevista, o pesquisador-entrevistador inicia explorando o potencial narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais, que foram cortados na fase inicial em fragmentos nos quais o estilo narrativo foi resumido, supondo-se não serem de importância; [...] A *terceira* parte da entrevista narrativa autobiográfica consiste, por um lado, no incentivo à descrição abstrata de situações, de percursos e contextos sistemáticos que se repetem, bem como da respectiva forma de apresentação do informante; por outro, no estímulo às perguntas teóricas do tipo “por que?” e suas respostas argumentativas. [...] A entrevista narrativa autobiográfica produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos

e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia. (SCHÜTZE, 2011, p.212)

A realização das entrevistas narrativas autobiográficas teve duração entre 1h30 e 4h30, foram orientadas por um roteiro pré-estabelecido e foram transcritas posteriormente.

Uma narrativa implica uma sequência de eventos. [...] A narrativa é justificada ou garantida em virtude de a sequência de eventos narrados ser uma violação de canonicidade: conta algo inesperado, algo que o ouvinte tem razão para pôr em dúvida. O “segredo” da narrativa está em resolver o inesperado, em satisfazer a dúvida do ouvinte (BRUNER, 2001, p.163).

As transcrições tornaram possíveis uma objetivação e uma interpretação mais acurada acerca das histórias de vida em questão (PASSEGGI, 2010).

As entrevistas narrativas autobiográficas percorreram três eixos: *antes da escola, durante a escola e depois da escola*. No primeiro, procurou-se entender qual a importância que a escola tinha para a família dos colaboradores, bem como para si próprios, e quais eram as expectativas daquele lugar que possibilitaria o acesso ao mundo. Na segunda etapa, os colaboradores resgataram suas lembranças de maneira livre que, para serem analisadas, foram reorganizadas, convenientemente, obedecendo cronologicamente os ciclos da Educação Básica. No terceiro e último período, os graduandos trataram o período de ingresso e permanência na universidade e das suas pretensões após concluírem a licenciatura e o que a escola é para eles. Apesar de se tratar desses três períodos, os colaboradores pouco lembraram sobre o que foi considerado o antes da escola, por isso, as discussões pautam-se mais acerca das duas fases subsequentes, isto é, o durante e o depois da escola.

O próprio pesquisador também foi o transcritor do áudio, pois ouvir e transcrever a entrevista constitui um exercício de memória em que toda a cena é revivida (QUEIROZ, 1983 apud FERNANDES, 2010). Isso possibilitou o processo de impregnação e interpretação (MICHELAT, 1982), que consiste em ler e reler as entrevistas de modo a progressivamente suscitar as interpretações. Ao longo das entrevistas narrativas autobiográficas, procurou-se instaurar uma relação de escuta ativa e metódica, além de tentar esclarecer o sentido que o pesquisado e o pesquisador faziam da situação. Os participantes da pesquisa puderam escolher o local para participarem, assim se sentirem mais à vontade. Foi feita uma categorização das entrevistas narrativas

autobiográficas e aspectos que foram tratados com mais ênfase pelos colaboradores, como as relações sociais, a diversão e a relação com a matemática foram selecionados para uma análise mais detida.

Apesar de se tratar de histórias individuais,

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, múltiplos recursos, ligados às aprendizagens da experiência etc., esse trabalho de reflexão, a partir de uma descrição da formação de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se, apreciando, amando) permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (JOSSO, 2008, p. 25)

Por um lado, os apontamentos feitos pela autora ajudam a pensar as questões da pesquisa para além dos sete colaboradores, ou seja, tecer discussões mais profícuas acerca da formação docente e da trajetória escolar, seus sentidos e contribuições.

Conforme será destacado posteriormente, para os colaboradores, a escola teve um papel importante na vida dos sujeitos se forem consideradas: a aprendizagem, a socialização e a maneira como essa possibilitou a constituição dos seus projetos pessoais, sobretudo a escolha, o ingresso e a permanência no curso de Ensino Superior, isto é, a Licenciatura em Matemática.

O curso de Licenciatura em Matemática consta com 50 vagas no período diurno e 100 vagas no período noturno e o ingresso se dá pela FUVEST, um vestibular específico para seleção dos candidatos do Ensino Superior. Apesar de se tratar de uma das melhores universidades não apenas do país, mas da América Latina, o curso não é tão procurado e existe um alto o número de vagas se comparado a outros. Por mais que exista uma seleção criteriosa para o ingresso, no geral, o público da Licenciatura em Matemática do IME é diferenciado. Isso porque muitos desses estudantes não são recém concluintes da Educação Básica, trabalham durante o dia e cursam o Ensino Superior no período noturno. Dos seis cursos que são oferecidos pelo IME, apenas dois, entre eles a Licenciatura em Matemática, é oferecido no período noturno. A diferença entre o período diurno e o período noturno é o tempo de curso, sendo 4 anos e 5 anos, respectivamente. Além disso, existem disciplinas obrigatórias de Matemática, Estatística, Computação e Educação.

Essa ampla formação possibilita a atuação dos licenciandos em diversas áreas. Durante a graduação, muitos dos alunos estagiam no setor financeiro, sobretudo em bancos. É um campo bastante atrativo, se comparado com as condições de trabalho da área da Educação. Em pesquisas anteriores (MAGALHAES; SANTOS, 2013), foi constatado que menos da metade dos formandos e licenciados em matemática do IME atuam ou já atuaram na área de Educação, sendo que muitos sequer pisaram dentro da sala de aula, sem viver a experiência de professor.

A abordagem biográfica no contexto da Educação Matemática no âmbito da pós-graduação em Educação é contemplada por Garnica (2003 e 2009), que serve de referência para os pesquisadores da Educação Matemática e situado por Souza (2010) que discute oito trabalhos do Grupo de Trabalho (GT) Educação Matemática da 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Esses oito trabalhos estão circunscritos como produções de três grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM), Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores de Matemática (GEPFPM) e Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Bio.Grafia e Representações sociais (GRIFARS). Duas coletâneas importantes que reúnem trabalhos com professores de matemática são encontradas em Lopes e Nacarato (2009) e Teixeira, Paula, Gomes e Aurek (2012).

Para situar essa pesquisa no campo educacional brasileiro, foi realizado um levantamento que contou com um grande número de dissertações, teses e artigos, no qual foram levados em conta o objeto de estudo e o público alvo dos trabalhos, considerados no recorte temporal a partir da década de 1990. As buscas foram feitas em três plataformas virtuais: *SciELO (Scientific Eletronic Library Online)*, Banco de Dados Bibliográficos da USP (DEDALUS) e o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Os resultados encontrados são apresentados no quadro a seguir:

Descritor/plataforma	DEDALUS	SciELO	CAPES	Total
Sentidos da escola	181	197	477	855
Contribuições da escola	320	303	713	1336
Significados da escola	215	277	389	881
Trajetória escolar	227	88	329	644

Lembranças da escola	32	10	33	75
Total	975	875	1941	3791

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico

Desses, quase quatro mil resultados foram encontrados. Há trabalhos que investigam estudantes da Educação Básica, professores em atuação e professores aposentados. No entanto, a grande maioria não apresenta qualquer relação por se tratar de um sistema que localiza os descritores separadamente. São 14 (quatorze) os que estão diretamente relacionados com a pesquisa, se considerar o público alvo como professores em formação, isto é, estudantes de cursos de licenciatura. Esses trabalhos, ordenados por região do Brasil, são apresentados a seguir:

Título	Nível	Ano	Estado
Narrativas de aprendizagens no processo formativo de licenciandos do curso de Pedagogia	Mestrado	2007	Mato Grosso
Negros na UFMT: trajetória escolar de alunos dos cursos de história, economia e direito	Mestrado	2004	Mato Grosso
Trajetórias e estratégias escolares do universitário das camadas populares	Mestrado	1993	Minas Gerais
Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG - um estudo a partir de cinco casos	Doutorado	2001	Minas Gerais
Memória da prática discente: um estudo em sala de aula do curso de licenciatura em educação do campo da UFMG	Mestrado	2012	Minas Gerais
A trajetória escolar dos alunos do curso de Educação Física: um estudo das Faculdades integradas Einstein de Limeira	Doutorado	2011	São Paulo
Motivações para a escolha da licenciatura em Matemática e pedagogia: um estudo com alunos da PUC/SP e UFMT	Profissionalizante	2010	São Paulo
A imagem da escola pelos olhos dos futuros professores de arte	Mestrado	2006	São Paulo

A trajetória escolar dos alunos do curso de educação física: um estudo das Faculdades integradas Einstein de Limeira	Doutorado	2011	São Paulo
A escolha e o sentido do curso de pedagogia para um grupo de alunos: um estudo exploratório	Mestrado	1999	Rio de Janeiro
Narrativas de formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental: concepções de necessidades formativas na geografia escolar	Mestrado	2012	Rio Grande do Norte
Formação profissional em educação física: construção identitária de professores em formação inicial	Mestrado	2012	Ceará
Dar voltas com professores e licenciandos: a experiência vivida no ensino de física que problematiza a carreira docente	Mestrado	2012	Rio Grande do Sul
Trajetória escolar do surdo no ensino superior: condições e possibilidades	Artigo	2009	Revista brasileira de educação especial

Quadro 2 – Pesquisas que se aproximam do presente estudo

Entre os trabalhos selecionados, percebe-se que 9 (nove) dos 14 (quatorze) são em nível de Mestrado e 3 (três) são em nível de Doutorado. Esses 14 (quatorze) trabalhos aproximam-se dessa pesquisa por investigarem a escolha de cursos de Licenciatura, sobretudo pelo público em questão, em nível de graduação. No entanto, apenas um tem como público alvo estudantes de Matemática. Além disso, a dissertação de mestrado *Narrativas de aprendizagens no processo formativo de licenciandos do curso de Pedagogia*, defendido por Ana Karina de Araújo Galvão, no ano de 2007, é o único que considera os mesmos eixos aqui tratados: antes da escola, durante a escola e depois da escola. Porém, essa pesquisa se difere do trabalho de Ana Karina que teve como público alvo estudantes de Pedagogia e objeto de estudo a aprendizagem no percurso escolar.

Outro trabalho bastante significativo acerca das lembranças da escola foi o de Teresa Cristina Rego, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São

Paulo, desenvolvido em seu doutoramento que levou o nome de *Lembranças da escola: o papel da escolarização na constituição de singularidade* (REGO, 2000), porém, tal análise se difere por ser feita numa perspectiva da área da Psicologia.

O presente estudo mostrou-se relevante para contribuições no campo da Educação, uma vez que foi feito um levantamento bibliográfico acerca dos sentidos e das contribuições da escola na vida de sujeitos que cursam a graduação em Matemática que apontou para a existência de lacunas acerca do objeto tomado para estudo se considerada a mesma temática. Essas lacunas se dão pela ausência de estudos com professores em formação, sendo a maioria com alunos da escola pública ou professores já formados e ao não explorar os projetos pessoais dos estudantes de licenciatura.

O próximo capítulo apresenta as histórias dos sete colaboradores e é feita uma seleção das memórias que se mostraram significativas para subsidiar as análises dessas experiências.

CAPÍTULO 2 – O QUE A ESCOLA FAZ COM O SUJEITO: AS HISTÓRIAS DOS COLABORADORES

*Na hora da tabuada
Eu botava as mãos pra trás
Pra contar escondidinho
Os noves fora
Os menos e os mais
Por falar em noves fora
Nada era uma palmatória
Vinha com gosto de gás
(FIDELIS, 2015)*

Este capítulo apresenta as histórias dos sete colaboradores, de modo a possibilitar, posteriormente, o cruzamento e a análise das narrativas. As histórias foram construídas a partir das entrevistas narrativas autobiográficas realizadas. Vale lembrar que

Memória e narração são interfaces das lembranças e dos esquecimentos, as quais se inscrevem num espaço e num tempo, circunscritas em acontecimentos e experiências de vida-formação. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador. (SOUZA, 2011, p.165)

Apesar de os colaboradores muitas vezes seguirem seus próprios tempos ao longo das suas histórias, as narrativas foram organizadas cronologicamente considerando os três eixos estruturantes da pesquisa: *antes da escola, durante a escola e depois da escola*.

Ao tratar de *antes da escola*, apresentou-se um quadro geral do sujeito e da sua família, buscando entender qual a importância dada à escola antes do acesso a essa instituição, sendo levado em conta o ingresso e as primeiras lembranças da escola. Na segunda etapa, *durante a escola*, tratou-se, mais detidamente, da trajetória escolar do sujeito na Educação Básica. Foram consideradas as transições dos diferentes ciclos, experiências propiciadas pela escola e alusões que os sujeitos faziam ao futuro. O último período concentra episódios vividos após a conclusão da Educação Básica, sobretudo, o ingresso e a permanência na universidade e as pretensões dos sujeitos após concluírem a licenciatura.

A sequência adotada para apresentação dos sujeitos foi a mesma em que as entrevista narrativas autobiográficas aconteceram.

2.1. Bruno: Uma história de superação dos limites da situação socioeconômica

Bruno nasceu em 1985 em São Paulo e ainda pequeno foi para o Nordeste, para o estado do Piauí, onde ficou até seus seis ou sete anos de idade. Sua família sempre foi bastante humilde, o que implicou numa infância bastante sofrida, de poucos pertences. Seus pais, nascidos na década de 1960, estudaram até a 4ª série, e adquiriram, portanto, apenas conhecimentos básicos em matemática e português.

Tendo em vista as condições financeiras, Bruno e seus dois irmãos, um casal mais velho, não tiveram oportunidade de frequentar a pré-escola. Os irmãos já estudavam quando, ainda no Piauí, Bruno ingressou na 1ª série do chamado Grupo Escolar da região, onde não permaneceu por muito tempo devido a sua pouca idade. Ele tinha dificuldades tanto para se enturmar com os outros alunos, quanto para participar das atividades, trazendo problemas para professora que não conseguia contornar a situação e, ainda naquele ano, Bruno foi convidado a se retirar da escola. Apesar de os irmãos já frequentarem tal instituição, ele não se recorda de qualquer vontade de estudar. Em casa não existia incentivo à leitura e não se lembra de seus pais lendo revistas, livros ou mesmo jornais, até porque a situação financeira não favorecia a compra desses materiais.

Enquanto a mãe de Bruno trabalhava em casa para cuidar da casa e das crianças, seu pai ficava na roça cuidando da plantação e do gado. A perspectiva para os filhos era a mesma dos pais: a filha cuidaria da casa e os filhos iriam para roça quando tivessem um pouco mais de idade.

A escola, para seus pais, era apenas um local de passagem, uma vez que sempre esteve lá. Uma grande influência para os estudos das crianças foi o avô que foi professor na região durante 40 anos antes da chegada do grupo escolar. Apesar dessa posição, o avô não chegou a ajudar nos estudos dos netos, mas sempre falava sobre algumas contas que ninguém da região, além dele, sabia resolver. Hoje em dia, vê Bruno com muito orgulho, pois seguiu na carreira de professor.

No fim do ano em que Bruno ingressou na escola, sua família viajou para São Paulo para tentar uma vida um pouco melhor e ficaram na região de Taboão da Serra. O pai se tornara pedreiro e a mãe continuava com os afazeres do lar. Em 1993, Bruno ingressou na 1ª série de uma escola estadual muito bem conceituada na região e o irmão na 2ª série e a irmã na 3ª série.

As condições em São Paulo não eram muito diferentes da vivida no Piauí. Os materiais escolares se limitavam a um caderno, lápis e borracha e o pai mantinha a posição de que não é por meio dos estudos que se consegue uma situação melhor. Mesmo assim, existia incentivo aos estudos por parte dos pais. Por mais que esses não ajudassem com as tarefas de casa, a mãe não permitia que os filhos faltassem às aulas.

Segundo Bruno, a escola era pobre, mas com estrutura boa, com cerca de 30 alunos por sala e alimentação na hora do intervalo. Sempre rodeado de amigos, um dos problemas enfrentados se deu por se envolver em brigas, o que fazia alguns colegas se afastarem. No meio do ano em que cursava a 5ª série, Bruno e seus irmãos fizeram um teste e avançaram um ano escolar. Na escola, outros alunos fizeram o mesmo teste, mas os três foram os únicos bem sucedidos. Apesar do bom desempenho dos filhos, o pai não esboçava reações em relação a isso. Com a reclassificação, Bruno perdeu todos os amigos, pois na época não tinha como manter contato, não tinha telefone, por exemplo.

No que diz respeito ao rendimento escolar, Bruno e os irmãos sempre eram os primeiros de suas turmas, o que não quer dizer que seu comportamento fosse bom. Apesar do bom desempenho, não existia qualquer tipo de competição dele com os irmãos ou dele com os outros alunos. Quanto ao gostar da escola, Bruno gostava bastante, diferente do irmão. Lá era um lugar de destaque para ele, era onde poderia aprender coisas novas, conhecer pessoas e se divertir, principalmente devido ao futebol. Os professores sempre foram muito marcantes na vida de Bruno, tanto por aspectos positivos como negativos. Apesar de gostar de números, principalmente pela boa memória em armazenar números de telefones, o gosto pela matemática na vida de Bruno só começou a aparecer nas séries posteriores com a chegada de novos professores.

A transição da 8ª série do Ensino Fundamental II para o 1º ano do Ensino Médio foi o momento mais difícil para a família de Bruno, pois seus pais estavam em processo de separação. O pai, além de sair de casa e deixar a mãe com os três filhos, não

ajudava com dinheiro. Eles chegaram a ficar três dias sem ter o que comer. Essa foi a única época que sua mãe trabalhou como ajudante numa casa. Concomitante a esses acontecimentos, sua irmã ficou grávida e não concluiu os estudos na época. O irmão também começou a trabalhar, mas logo ficou desempregado e começou a cuidar da casa. Não houve nenhuma época em que os três irmãos estivessem trabalhando ao mesmo tempo.

Nessa fase, Bruno, que sempre estudara à tarde, precisou transferir os estudos para o período noturno, pois começou a trabalhar para ajudar em casa. Em 2001, ele começou cuidando de carros e fez alguns “bicos” até completar 16 anos e entrar numa empresa como *office boy*, onde conseguiu registro e pôde melhorar um pouco a condição em casa. Bruno chegou a cogitar a possibilidade de parar os estudos, mas foi impedido por sua mãe. Seu rendimento escolar caiu bastante, junto com a frequência às aulas. Nessa época aconteceu um projeto na escola envolvendo redações, o que foi uma motivação para Bruno voltar a se dedicar um pouco mais aos estudos. O trabalho foi importante no seu processo de formação, pois, se por um lado, Bruno queria fazer hora extra porque precisava do dinheiro, por outro lado, seus chefes não lhe permitiam porque isso atrapalharia na escola. Apesar dessa imposição de ir à escola, ninguém nunca lhe disse a importância da conclusão dos estudos.

No ano de 2003, Bruno completou o Ensino Médio, mas sequer pensou em fazer faculdade. Não houve qualquer tipo de celebração. Em seu trabalho não existia qualquer incentivo para cursar o Ensino Superior. Naquele ano, ele começou um curso técnico em contabilidade em uma escola municipal. Essa iniciativa se deu por causa de um grupo de colegas da escola que lhe fizeram o convite e a escolha pela contabilidade se deu por associar o curso a contas, uma vez que nessa época já existia o gosto pela matemática. Segundo ele, a fase do curso técnico foi a melhor da sua vida, pois se via motivado para ir à escola. Não faltava às aulas, parou de fazer horas extras no trabalho e os professores também se fizeram muito importantes para sua evolução. Apesar desses fatores, não existia qualquer perspectiva para crescer na indústria onde trabalhava montando peças de plástico. O cargo de gerente, ou mesmo vendedor, por exemplo, sequer eram opções. Não existia qualquer ambição para crescer no trabalho. O encanto e a dedicação pelos estudos que havia se perdido na época da escola voltam a aparecer.

Bruno foi o primeiro a terminar o Trabalho de Conclusão de Curso, o mesmo trabalho que garantiu uma promoção para o setor do almoxarifado.

Após o curso técnico, dessa vez com formatura, Bruno sente falta daquele ambiente, pois socialmente era bem visto estando ali, onde tinha diversos tipos de relacionamentos que lhe eram importantes. Por si só, aos 20 anos, ele se inscreve para o vestibular em uma faculdade privada, mas acaba perdendo a prova. No fim do ano, ele presta o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), outras universidades privadas e se inscreve também para a FUVEST em Licenciatura em Matemática. Os resultados são positivos, pois sendo aluno de escola pública, sem qualquer preparação especial, ele consegue passar para a segunda fase da FUVEST, mas não consegue fazer a prova devido a um atraso. A família de Bruno continua sem apoiá-lo, é uma realidade bastante distante da vivida por eles. Mesmo não conseguindo a FUVEST, Bruno sente falta do convívio social que a escolha lhe propiciava e opta pela universidade privada. Porém, ele não sente confiança nessa instituição pela forma como foi realizada a seleção. Não houve ingresso no Ensino Superior, mas, no ano seguinte, ele quer continuar estudando e começa a fazer um curso pré-vestibular, onde tem contato pela primeira vez com algumas disciplinas como Física, por exemplo, e começa a gostar. Naquele ano, Bruno já sabia que seria bem sucedido em qualquer vestibular que optasse prestar. Não foi nenhuma surpresa o resultado positivo tanto na USP como na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). A opção pela USP se deu por causa do seu chefe, ainda do almoxarifado, que o incentivou em continuar em São Paulo por causa do trabalho e da família.

Pela primeira vez, em 2007, a realidade da universidade enfrentada por Bruno foi bastante diferente das anteriores, pois as dificuldades começaram. Isso só serviu de motivação para ele que, diante dessa situação, teve a postura de se esforçar o necessário para ser o melhor, uma vez que estava lá e tinha consciência de que era um lugar privilegiado. Em casa, a situação que era de resistência em relação à importância dada aos estudos, começou a mudar quando Bruno apresentou algumas regalias que a universidade oferecia, como o auxílio moradia que recebia no início da graduação e a bolsa alimentação do restaurante universitário, onde podia se alimentar sem nenhum gasto. Conforme o tempo vai passando, o curso exige mais e Bruno precisa sair do trabalho, mas logo começa a dar aulas particulares e plantões de dúvida em cursinhos.

O interesse pelas relações sociais, o convívio com outras pessoas, começa a ser substituído pela ambição, já que agora Bruno sabe que os estudos são importantes para o seu crescimento. Ele consegue perceber que a postura dos professores da universidade é diferente da encontrada anteriormente, pois estes já não se preocupam mais em contribuir para sua formação pessoal, isto é, tendo em vista o caráter. É uma formação profissional. Mesmo com alguns problemas, nunca pensou em desistir da graduação. Chegou a pensar em mudar de curso, para alguma área que envolvesse matemática, mas ainda continuaria sendo professor. Não se enxerga em outra profissão.

Quando a entrevista narrativa autobiográfica foi feita, Bruno estava no penúltimo semestre da graduação e já trabalhava como professor na rede privada. Ele disse não ter interesse em trabalhar na rede pública de ensino por causa da desvalorização financeira. Existe a pretensão de trabalhar como professor universitário e para isso sabe que precisará ter a pós-graduação. Para ele não será um problema, pois além da importância dada aos estudos, gosta de estudar. Além do âmbito profissional, a família está em seus projetos pessoais. Ele conheceu sua esposa na graduação, ainda no primeiro ano, e tem duas filhas. Dentro de casa ele incentiva as filhas a gostarem de estudar por meio do seu exemplo.

2.2. Thiago: “É preciso estudar!”

Thiago nasceu no ano de 1989. Seus pais nasceram na década de 1960 e, hoje, ambos têm o Ensino Superior completo. Na época do seu nascimento, a mãe, que trabalhava em banco e fazia contabilidade, precisou parar os estudos e o trabalho para cuidar do filho. Em 1992, nascia a irmã de Thiago. O pai, por sua vez, sempre trabalhou em dois empregos, pela manhã em empresa, no setor financeiro, e à noite como professor de matemática na rede pública de ensino. A família nunca passou por dificuldades financeiras.

Sempre muito apegado à mãe, Thiago não tinha qualquer vontade de ir para escola, pois isso significava estar separado dela. Por mais que alguns de seus amigos mais velhos já frequentassem a escola e falassem bem de lá, ainda existia medo. O ingresso na escola se deu por volta dos 4 ou 5 anos, na Educação Infantil. No início, ele fazia a mãe prometer que iria buscá-lo ao fim das aulas, algumas vezes a diretora

precisou dizer que sua mãe estava esperando por ele na diretoria. Num primeiro momento, Thiago não gostava de ir à escola e com o tempo foi entendendo que a sua mãe não poderia estar com ele, ou esperar por ele, durante o período escolar, pois precisava cuidar de sua irmã mais nova. Segundo ele, o tempo que passava na escola era divertido, uma vez que tinha muitos amigos e gostava das atividades de colorir e do tempo para brincar. Não teve dificuldades em assimilar conteúdo, com as tarefas de casa, nem mesmo em relação ao comportamento. O único problema era a ausência de sua mãe.

O material utilizado no início eram alguns cadernos muito parecidos. A mãe, sempre presente, o ajudava no que precisasse em casa. Desde cedo aprendeu a ser responsável com suas coisas. Antes de dormir deixava tudo organizado e, se perdesse algum material, sabia que ficaria sem.

Até a 1ª série Thiago estudou em escola pública. Daí em diante, ingressou na Escola da Polícia Militar, em que precisou prestar um Vestibulinho. Para isso, estudou com sua mãe durante as férias e o fato de se dedicar para estar ali fez com que aquela escola tivesse mais prestígio que a anterior. A partir da 2ª série ele já não precisava mais insistir para mãe ir buscá-lo. Essa primeira mudança de escola não o afetou em relação à troca dos amigos, pois a maioria deles morava perto de sua casa. Porém, sentiu bastante diferença em relação ao tamanho da escola. O número de alunos por turma, que aumentou de 30 para 40 por sala, e o espaço de três pátios durante o intervalo foram bastante significativo, por exemplo. Lá, ele fazia outras atividades além da Educação Física, como, por exemplo, o futebol após as aulas de sexta-feira.

Durante o intervalo, os alunos ficavam à vontade, não existia um refeitório, apenas uma cantina. Alguns inspetores supervisionavam os alunos, mas eram poucos. Sempre muito comportado, Thiago não teve episódios de precisar frequentar a coordenação ou direção da escola. Quanto às pessoas, também não teve dificuldades em se relacionar. Até o Ensino Fundamental II, ele fez apenas um grande amigo com quem ainda mantém contato.

Em relação ao rendimento, ele não apresentava dificuldade em nenhuma matéria. Sempre teve notas boas, até por uma questão de organização, uma vez que os pais incentivavam bastante os estudos. Eles sempre falavam da importância de ir à escola e estipulavam um horário para lições de casa. O gosto pela matemática começou

desde cedo, era a disciplina que mais gostava quando pequeno, principalmente por não precisar decorar nada. Mas não se sabe se isso tem alguma relação com os pais, uma vez que o pai era professor de matemática e a mãe bancária. O que ele tem de lembranças é o fato de não precisar estudar para as provas de matemática, diferente das outras. Apesar de não gostar de comparações, isso sempre existiu em sua escola e Thiago, junto de alguns colegas, estavam sempre entre os primeiros da turma. Ele sempre fez as lições de casa, diferente de outros alunos que sequer tentavam. Isso fazia com que a professora tratasse os alunos de diferentes formas, apesar de não concordar com isso. As professoras incentivavam os alunos com adesivos e prêmios, mas isso nunca foi o motivo de sua dedicação. Sempre estudou bastante pela importância que os pais davam aos estudos. Com a irmã não foi diferente.

As professoras de Thiago sempre lhe marcaram de alguma maneira e ele disse lembrar de todas, citou seus nomes e fez comentários de duas: uma por causa dos adesivos e broncas; outra por persistir no aperfeiçoamento da sua caligrafia. Certa vez, depois de grande, encontrou com uma das suas professoras das séries iniciais e achou interessante ela se lembrar dele, já que um número muito grande de alunos tinha passado por ela.

A partir da 5ª série do Ensino Fundamental II começaram a surgir as primeiras dificuldades na vida escolar de Thiago, pois houve mudança do material que utilizava para um material apostilado. Além disso, também houve a fragmentação das disciplinas, que até então eram matemática, português, ciências e estudos sociais. O problema se deu porque Thiago sempre teve o costume de estudar e fazer as atividades de casa, porém, nesse novo método, as tarefas de casa ficavam a cargo do aluno. Ele sempre quis fazer tudo, o que era muito. Nessa época, seus pais mudaram ele e a irmã para uma escola menor, uma escola privada, onde poderiam ter um acompanhamento mais de perto. Lá, permaneceu por dois anos e trocou para outra escola privada, onde ficou até o fim do Ensino Médio. Dessa vez, o número de alunos por sala não chegava a dez e o material utilizado era livro didático, o que lhe facilitou bastante os estudos.

Da 5ª à 8ª série, houve a presença de uma professora marcante de matemática e uma de inglês que o incentivou bastante para fazer curso de idiomas em escola especializada. Naquela época, seus pais já não o ajudavam mais com as atividades, mas disse que eles tiveram papel fundamental no planejamento da sua

educação. Apesar do pai de Thiago ser professor, ele não foi tão influente quanto a mãe em sua vida escolar. Mesmo existindo biblioteca na escola de Thiago, ele não lia outros livros senão os solicitados pela escola. Já em relação aos passeios escolares, esses existiam, mas era uma prática que nunca o motivava a participar.

No âmbito escolar, a transição para o Ensino Médio não trouxe dificuldades para Thiago, sua postura continuava a mesma. Já não existia mais tanta pressão dos pais e essa escola não era tão forte, fazendo com que ele estudasse apenas quando necessário. Sua vida escolar foi bastante tranquila, tudo ocorreu sem qualquer contratempo. Porém, não se pode dizer o mesmo da sua vida pessoal. No 1º ano do Ensino Médio, Thiago passou por momentos de depressão, pois, segundo ele, os adolescentes exageram em seus pequenos problemas. Esses fatos não atrapalharam seus estudos, já que todos em sua casa tinham responsabilidade, e com ele não poderia ser diferente.

O ingresso no Ensino Superior era iminente. Sempre soube que faria faculdade, pois tinha isso como extensão da escola. Não sabia qual curso faria e, para isso, era necessário conhecer bem o que se passava na escola. Além disso, seu primo mais velho, quase que um irmão, estudava Direito e serviu de exemplo positivo em sua vida. No 1º ano do Ensino Médio, começa a surgir o desejo por ser professor, mas até então não sabia o que lecionaria.

Por mais que se destacasse em matemática, também gostava de geografia e história, por exemplo. No 3º ano do Ensino Médio, Thiago já estava saturado da escola, não pelos amigos, nem pelos professores, mas por suas diretoras. Ele optou por fazer um curso pré-vestibular nesse mesmo ano. Seus pais apoiaram sua iniciativa, mas não fizeram qualquer pressão. A escolha pela matemática se deu por causa de um professor do cursinho, que, diferente dos seus professores de geografia e história da escola, tinha uma postura mais séria. Aprendeu que para conseguir algo seria necessário ter dedicação. A diferença entre a escola e o cursinho foi bastante representativa na vida de Thiago. Se, por um lado, a qualidade de ensino do cursinho era superior a da sua escola, por outro lado, a escola não se limitava a conteúdos específicos de disciplinas. Lá, Thiago tinha aprendizados para sua vida, desde relações pessoais até relações políticas.

A dinâmica do cursinho era bastante diferente. Os professores faziam de tudo para que os alunos decorassem fórmulas, tudo era válido para passar no vestibular.

Isso tudo ele não percebeu na época da escola. No entanto, a vida escolar não foi apenas estudos. Existiam algumas festividades na escola de Thiago, que eram bastante esperadas por ele, por exemplo, festa junina, feira de ciências e feira cultural. Além disso, sempre que estava na escola, Thiago e seus amigos jogavam futebol. Alguns dos seus relacionamentos foram procedentes da escola. Mas, para ele, a escola se legitima pelos estudos.

Além de prestar a FUVEST, Thiago fez o ENEM e prestou uma universidade privada em 2006, onde ingressou no início do ano seguinte no curso de Licenciatura em Matemática. Logo no início de curso, foi oferecida uma bolsa de estudos. Entretanto, foi surpreendido com o resultado da 2ª chamada da FUVEST, onde ingressou no mesmo curso que começara duas semanas antes. Dessa vez, o ingresso na universidade não foi livre de dificuldades, a começar pelo hábito de estudar que já não existia mais. Se na escola Thiago não precisava de grandes esforços para conseguir uma nota nove, na graduação, com muita dedicação, era difícil conseguir um cinco. Apesar disso, novas pessoas e novos vínculos ajudaram-no a seguir na faculdade.

No momento da narrativa oral estava cursando o último semestre da graduação e se formaria no fim do ano se tudo desse certo. O ingresso de Thiago na graduação se deu com o intuito de ser professor e isso ainda permanece, apesar de, em um dado momento do curso, pensar em seguir como pesquisador. Existiram professores marcantes em aspectos positivos, aqueles que incentivavam os estudos e não se detiveram apenas nos conteúdos das suas matérias, e em aspectos negativos, que sequer queriam estar ali. Os laços de amizade construídos na universidade também foram bastante importantes para ele, talvez por ser um público mais velho e pela sorte de ter conhecido pessoas compatíveis.

Quanto ao campo profissional, Thiago tinha iniciado há dois anos como plantonista em uma escola privada, porém teve que sair para cursar algumas disciplinas do bacharelado, uma vez que cogitou a possibilidade de ser pesquisador. Mas, disse que provavelmente seguirá como professor e voltou para o mesmo colégio com a função de plantonista. Ele sabe que é um trabalho provisório, pois, por mais que lá incentivem seus estudos, não há previsão de saída dos professores de matemática desse colégio. Assim, ao final do ano buscaria por uma escola onde pudesse ser professor regular.

Em seus projetos, Thiago pretende continuar estudando, fazer algum mestrado voltado para o curso de Licenciatura em Matemática, até porque pretende atuar no Ensino Superior como professor. Para ele, os alunos são mais motivados a aprender matemática, pois ensinarão matemática ou aplicarão matemática, além de ser mais desafiante. Curso pré-vestibular também é uma opção que está em seu campo de possibilidades. Como professor, nos diferentes níveis de ensino, ele tem por objetivo não só ensinar matemática, mas servir de exemplo para seus alunos, pois também será formador de opinião.

2.3. Henrique: Uma grande mudança de percurso

Quando nasceu em 1982, Henrique e sua família foram morar com sua avó paterna, em São Paulo, próximo ao bairro do Jabaquara, na região de Americanópolis. Sua família era composta pela mãe, pelo pai e pelo irmão. Lá, permaneceram por volta de oito meses, depois disso, seus pais começaram a ter muitas brigas devido a problemas de alcoolismo do pai, inclusive violência física. Nessa época, a mãe de Henrique vai morar com a outra avó na Vila Clara, também próximo ao Jabaquara. A casa comportava a avó, seu pai, seu avô, sete tios e três primos. Sua avó também teve grandes problemas de alcoolismo envolvendo o avô, sobretudo porque ele não trabalhava. A condição deles não era nada boa, em primeiro lugar porque a casa era bastante pequena, de barro, e em segundo lugar porque o esgoto passava no meio do quintal da casa. Ficaram lá por volta de três a quatro anos e depois todos se mudaram para um conjunto habitacional no Grajaú, também em São Paulo. Era um apartamento com dois quartos para 14 pessoas. Seus avós por parte de mãe nunca entraram numa escola, enquanto que a avó por parte de pai cursou até a 2ª série e o avô por volta da 8ª série. O pai de Henrique fez até a 5ª série, depois parou de estudar. A mãe, que havia parado na 8ª série, recentemente retomou os estudos e terminou o Ensino Médio.

Em sua adolescência, a mãe de Henrique teve um filho além dele e do irmão, mas não foi uma situação planejada. Depois de um tempo, separou do pai e conheceu o padrasto, com quem a mãe estava até o momento da entrevista narrativa autobiográfica, e tiveram um filho. Seu primeiro irmão fez até a 5ª série e não deu continuidade aos estudos e aos 15 anos chegou a ficar na Fundação Casa, antiga

Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), durante um ano por causa de assalto a mão armada. Isso foi um sofrimento muito grande para a mãe e para todos em casa. Nesse período, as brigas se intensificaram em casa e na escola. O irmão por parte da mãe com o padrasto é mais tranquilo, nasceu em 1986, terminou a escola e tem nível Superior completo.

Em casa, sempre houve incentivo para Henrique estudar. Porém, esse vinha apenas por meio de palavras. Diziam que ele precisava estudar para ter uma condição de vida melhor. O mesmo acontecia com a leitura, Henrique nunca viu ninguém ler dentro de casa, mas tanto a mãe quanto o padrasto diziam que era importante ler. O padrasto foi quem acompanhou mais de perto a escolarização do enteado. Ele que frequentou o exército, se fazia bastante bruto em alguns aspectos, por exemplo, ao perceber algum erro de Henrique pedia para repetir a atividade por muitas vezes, até que não errasse mais. Para ter a garantia de que as crianças iam para escola, o padrasto pedia para a professora assinar o caderno das crianças todos os dias. Henrique e o irmão cresceram com resistência ao padrasto. Para Henrique, a escola sempre foi uma obrigação, nunca teve qualquer vontade de ir à escola. Algumas das razões para isso era a necessidade de acordar cedo e também porque, quando menor, precisava ficar o dia inteiro na creche, às vezes das sete da manhã até às dez da noite.

Além da creche, Henrique também frequentou a pré-escola, mas não foi diferente. Ele precisava permanecer na instituição os períodos da manhã e da tarde, quando na verdade queria ir para casa brincar. As suas primeiras lembranças da escola foram apagadas, sequer se lembra de seus professores, do tratamento, das afeições ou mesmo dos nomes. A mãe de Henrique sempre matriculou os filhos em escolas estaduais, porque essas escolas têm até o Ensino Médio, enquanto que a maioria das escolas municipais atende até o Ensino Fundamental II. Assim, ao chegarem na 8ª série eles não precisariam mudar de escola e não correriam o risco de não ter vagas e toda a Educação Básica dos filhos estava garantida. No entanto, estudar numa escola estadual não era bom para ele, pois achava a comida da escola municipal melhor. Sabia disso porque um primo estudava em escola municipal e sempre comentava da comida. Em casa, Henrique e o irmão jantavam apenas e comiam pão com manteiga. No almoço, comiam o que sobrava da noite anterior quando os tios não jogavam fora.

A escolarização de Henrique foi marcada por muitas brigas. Desde criança, ele tinha uma pequena gangue. Além disso, as dificuldades com os conteúdos escolares eram bastante frequentes, tanto que, certa vez, a mãe de Henrique contratou uma vizinha para ajudá-lo. No entanto, essa pessoa contratada não tinha qualquer formação ou orientação para isso. A aprendizagem da língua portuguesa foi muito difícil para Henrique, ele tinha muita dificuldade para ler e escrever, sobretudo em atividades de ditado. Ele consegue se lembrar de uma vez que a mãe tentou ajudá-lo com uma redação, mas isso se tornou agressões físicas e verbais, pois tinha dificuldades. Quanto à matemática, a situação não era tão desfavorável. O raciocínio algorítmico de Henrique era muito bom se comparado com a gramática. Na escola o rendimento de Henrique era bastante baixo, tanto que repetiu a 2ª série do Ensino Fundamental I. Essa foi uma grande decepção para sua mãe. No dia que soube o resultado, Henrique prometeu para sua mãe que nunca mais a decepcionaria em relação aos estudos. Entre os irmãos, Henrique foi o único que repetiu um ano da escola.

Depois de perder a 2ª série, em 1991, Henrique mudou de escola e passou um ano com sua avó paterna. Ela morava a cinco quarteirões de uma favela bastante grande. Essa mudança não foi fácil, sobretudo porque ele não conhecia ninguém. Porém, com o tempo foi se adaptando e se tornou o melhor da turma, talvez por já conhecer todo o conteúdo da série. Um dos fatores que ajudou a melhora do rendimento de Henrique foi a alimentação, que também melhorou. Em casa, a avó era sempre presente, isso ajudou bastante. A partir daí algumas lembranças escolares de Henrique são um pouco mais vivas. Ele consegue se lembrar da professora que conhecia sua avó e o elogiava bastante, e da quadra da escola.

No geral, as pessoas tinham Henrique como um bom aluno, bastante disciplinado, mas fora da situação da sala de aula ele era diferente. Sempre que tinha problema com outros alunos, era o próprio Henrique que resolvia. As vezes que foi para a coordenação da escola se deram por ter brigado com algum aluno. As coisas melhoraram bastante para Henrique, mas no ano seguinte ele precisou voltar a morar com a mãe e o padrasto, dessa vez na Vila Prudente. Por mais que ele não quisesse, mudou novamente de escola e precisou começar tudo de novo. Ele viveu a mesma situação. Era uma escola próxima a outra Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB), com muitos alunos da favela. O rendimento de Henrique voltava a cair e o

único destaque para ele vinha por meio da tabuada. A professora já não era mais carinhosa como a anterior e tinha uma postura muito agressiva com os alunos, inclusive chegando a xingá-los. Esse foi o pior momento da vida de Henrique. Diferente de quando estava com a avó, ele não tinha motivação para ir pra escola. Nesse momento, a escola passava a ser um lugar para encontrar os amigos e para brincar.

Henrique sempre foi organizado com o seu material escolar. Ele sempre tentava fazer uma letra bonita. Porém, por mais que fosse assim, ele não entendia o que tinha dentro do caderno. Na 4ª série, Henrique foi o único a obter um conceito A em uma prova de matemática. Isso, de certa forma, o motivou bastante. Ele colocou na cabeça que gostava de matemática. Nessa época, começa a estudar um pouco em casa, mas não entendia muito bem como se dava o processo de aprendizagem. Ele lia o caderno e o livro, decorava o que estava escrito, mas quando lhe faziam perguntas em prova, por exemplo, não conseguia associar o conteúdo às perguntas. A transição para a 5ª série também foi uma motivação, pois se sentia um pouco mais maduro, sobretudo por estar com as séries mais avançadas na hora do intervalo. No entanto, as brigas não diminuíram. Seus tios sempre diziam que Henrique não viveria muito, por causa do seu perfil.

Na 6ª série, Henrique mudou novamente de escola, onde permaneceu até o fim do Ensino Médio. Nessa época, Henrique começa a ser um pouco mais motivado em ir para escola, pois também começa a ter interesse em algumas garotas. A sua 8ª série foi um dos melhores momentos na escola, pois estava em uma série com muitos alunos bagunceiros. Ele consegue se lembrar de alguns professores por algumas das suas características físicas e de uma professora de matemática, talvez por ter tirado boas notas com ela. O seu rendimento escolar não melhorou. Suas relações dentro da escola não eram legitimadas pelo conhecimento, mas sim pelas amizades ou pelas brincadeiras. Em sua turma, tinha um aluno bastante inteligente e Henrique queria ser como ele. Sempre que os professores perguntavam esse menino sabia as respostas. Mais do que isso, esse menino conseguia argumentar e conversar com os professores sobre os conteúdos que lhes eram ensinados. Para Henrique, isso se dava porque a capacidade de decorar do menino era melhor do que a sua.

Apesar dessa vontade de se destacar pelo saber, Henrique sabia que não conseguia se destacar por sua inteligência, mas tinha essa necessidade de ser notado.

Como tinha consciência da sua agressividade, começou a desenvolver isso para ser reconhecido entre os alunos. A questão dos esportes também era muito forte na vida de Henrique, principalmente o futebol dentro da escola. Apesar das brigas e do seu comportamento, Henrique sempre teve boa postura dentro da sala de aula. Nunca desrespeitou os professores que eram, de certa forma, temidos por ele. O inglês também foi outra dificuldade na vida de Henrique. Química foi uma disciplina que despertou interesse em Henrique, sobretudo pelas experiências práticas.

Durante o Ensino Médio teve um período que Henrique precisou estudar de noite, pois começou a trabalhar. Henrique sempre buscou sua independência. Quando não estava trabalhando efetivado em algum emprego, ele encontrava alguma coisa para fazer. Já chegou a olhar carros e a lavar túmulos em cemitério para ganhar alguns trocados. Aos 14 anos, Henrique fazia um curso que o preparava para ser *office boy*, e aos 15 anos conseguiu seu primeiro emprego. Na época, ele ganhava um salário mínimo de R\$ 144,00, ajudava com R\$ 100,00 em casa e ficava com o restante para ele.

No Ensino Médio, Henrique começa a ver a escola como uma etapa importante da sua vida, pois o diploma que conseguiria lhe possibilitaria uma chance a mais no mercado de trabalho. Então, Henrique, que passa a estudar de noite por causa do trabalho, começa a gostar um pouco mais da escola. Depois de um tempo, Henrique começa a trabalhar numa loja de autopeças. Essa não incentiva em nada seus estudos. Pelo contrário, aos funcionários eram oferecidos cursos após o expediente de trabalho, ou seja, no mesmo horário que ele deveria estar na escola.

Sua adolescência foi marcada por bailes e pela bebida. Os professores não falavam sobre faculdade e Henrique não tinha nenhum conhecido com Ensino Superior. Logo, a graduação não era uma opção. Ele pensava em ser, no máximo, técnico em eletrônica, por causa de um tio. Esse tio era o inteligente da família. Na época do Ensino Médio, Henrique começou a treinar basquete num clube e precisou abandonar o emprego na loja de autopeças, voltando a estudar pela manhã. Por mais que Henrique se destacasse no basquete, isso não durou muito tempo em sua vida, pois se lesionou e os clubes não tinham mais interesse nele.

Ao terminar a escola em 1999, Henrique ficou por volta de cinco meses desempregado, fez um curso de programação oferecido pelo governo aos alunos que eram recém-concluintes da Educação Básica, até que conseguiu um emprego numa

empresa de *telemarketing*. A entrevista para esse emprego foi bastante difícil para ele, pois não tinha vocabulário e não sabia qual postura deveria adotar. A experiência de operador de *telemarketing* foi bastante importante para Henrique, pois isso fez com que ele ficasse desinibido. No trabalho, Henrique também era bagunceiro. Apesar disso, começou a se destacar entre os vendedores. Isso fez com que ele começasse a se dedicar mais, pois tinha o objetivo de crescer na empresa. Não era exigido nível superior para o cargo almejado. Depois desse emprego, Henrique começa a ter contato com um público diferente do que estava acostumado e a sua mentalidade também era diferente. Se, por um lado, na COHAB, as pessoas viviam envolvidas no crime, por outro lado, na empresa, as pessoas eram mais corretas. Seu esforço pessoal era levado em conta. Em determinada época, Henrique ficou proibido de se relacionar com alguns dos seus amigos do conjunto onde morava, foi quando se aproximou dos colegas da escola. Apesar de Henrique estar sempre rodeado de pessoas na escola, permaneceram cerca de duas amizades de lá. A falta que a escola fez na vida de Henrique se deu por isso.

No trabalho, um rapaz entra para equipe de Henrique e os seus interesses começam a mudar. Esse novo colega tinha feito um curso técnico em administração e o seu jeito de falar, a ambição por conseguir um cargo melhor dentro da empresa, chamaram sua atenção. Algumas amizades do Grajaú continuavam e algumas pessoas de lá também tinham a mentalidade diferenciada, sobretudo algumas amigas de uma namorada que pensavam em fazer faculdade. Foi quando Henrique viu a possibilidade de dar continuidade aos estudos e assim faria, mas não sabia que curso escolher. Ele prestou o vestibular em Economia numa faculdade privada. Essa escolha se deu porque na escola a Matemática era a única disciplina que, de certa forma, Henrique tinha facilidade, também por causa de um programa da televisão que assistia referente a isso. No entanto, depois do vestibular, frustrou-se, pois não tinha ideia do que lhe fora perguntado na prova. Mesmo assim, ele foi aprovado e começou o curso de Economia no ano de 2004.

Os problemas de Henrique começaram quando percebeu que o curso de Economia tinha disciplinas de filosofia e direito na grade, pois sempre tivera dificuldades com leitura. Durante os três primeiros meses da graduação, Henrique trabalhou na secretaria da faculdade. Nesse período, foi a primeira vez que Henrique foi à biblioteca, pois estava com uma dúvida em matemática, pegou um livro e conseguiu

entender que era possível aprender, não apenas decorar. Então, começou a se dedicar muito aos estudos, consequentemente a se destacar em matemática e se aproximou do seu professor, que lhe ajudou bastante. Foi esse professor que mais tarde pagou o vestibular de Henrique em outra universidade privada, para o curso de Matemática. O primeiro ano da faculdade Henrique fez sem pagar uma mensalidade sequer, chegou a ter o nome no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) por causa disso e precisou sair da faculdade onde estava. Seus interesses mudaram bastante, ele tinha parado de ir às baladas e estudava também aos finais de semana, a faculdade era um lugar onde ele frequentava para estudar e aprender.

No ano seguinte, Henrique foi para outra universidade. No vestibular não foi diferente, ele só conseguiu resolver as questões de matemática. No mês de abril, ele começou a trabalhar novamente com *telemarketing*, porém numa condição melhor do que antes. Nessa época, Henrique começou a estudar cada vez mais e já tinha em mente que queria ser professor, pois sempre ajudava os colegas da turma quando se tratava de matemática. Para ser supervisor, nessa empresa que estava, era necessário ter o Ensino Superior completo. Na faculdade, Henrique conseguiu uma bolsa de 50% e ele próprio pagava a mensalidade. Em sua casa, os problemas financeiros aumentavam, o irmão, estava desempregado. Na graduação, o rendimento de Henrique estava cada vez melhor, quando se tratava de matemática estava entre os primeiros. No 2º semestre desse ano, Henrique se tornou monitor de uma disciplina de matemática, conseguiu desconto na sua mensalidade e saiu da empresa onde estava trabalhando.

Nessa época, Henrique bebia bastante às sextas feiras, até que certo dia estava no bar e conheceu um rapaz que comentou sobre a prova de transferência para a USP. Henrique tinha receio de fazer essa prova, pois não sabia nada das outras disciplinas. No entanto, eram conteúdos específicos de matemática. Até que Henrique fez a prova e conseguiu a transferência para o curso de bacharelado em Matemática na USP, almejava ser professor em nível de Ensino Superior. Se ele continuasse na universidade em que estava, teria bolsa integral, mas não quis.

No ano seguinte, Henrique foi para o IME e se deparou com bastante dificuldade. Ele estudava muito mais do que antes, mas isso não era suficiente. Até que fez transferência interna para o curso de licenciatura em matemática. Se no bacharelado Henrique cursava de três a quatro disciplinas por semestre e tinha notas baixas,

chegando a ter reprovação, na licenciatura ele cursava de sete a nove disciplinas e seu rendimento era bom, o que foi um grande incentivo para continuar. A única coisa que Henrique sentiu falta da sua antiga graduação foram os amigos, pois não se adaptou ao público da USP. Quando fez sua transferência para a Licenciatura, chegou a ficar um semestre sem cursar nenhuma disciplina e pensou em desistir da graduação e voltar a trabalhar com *telemarketing*.

Ele já não pensava mais em ser professor universitário, pois para isso seria necessário o bacharelado e a pós graduação, assim não tinha interesse em continuar na vida acadêmica. Pensou em outras possibilidades profissionais como trabalhar em banco, no mercado financeiro, ser corretor, por exemplo. Enquanto não decidia o que seria, começou como plantonista em um curso pré-vestibular. No momento da entrevista narrativa autobiográfica, Henrique já tinha terminado todas as disciplinas do curso da sua graduação, mas ainda não tinha conseguido se formar por causa de outras exigências do curso. Ele continuava como plantonista de curso pré-vestibular e pretendia se tornar professor de matemática, preferencialmente, em cursos similares a esse. Porém, não excluiu a possibilidade de trabalhar em outra área, sobretudo porque conseguiria atingir um *status* que seria difícil alcançar como professor, tanto em relação à valorização financeira, quanto valorização pessoal.

2.4. Eduardo: Escola, a base para tudo

Eduardo nasceu em 1987 na cidade de São Paulo e sempre viveu na região da zona oeste. Seu pai nasceu na década de 1950 e sua mãe na década de 1960. Além de Eduardo, o caçula, seus pais tiveram dois filhos, um menino e uma menina, com diferença de oito e cinco anos, respectivamente. O irmão já mora sozinho e em casa são os pais, Eduardo e a irmã. Tanto o pai quanto a mãe foram bancários. O pai chegou a ter seu próprio negócio, mas no momento da entrevista narrativa autobiográfica já era aposentado. A mãe, japonesa e bastante conservadora, fez seu Ensino Superior em matemática numa universidade particular, enquanto que o pai tem apenas Ensino Médio.

As primeiras lembranças de Eduardo são acompanhadas da entrada na escola. Ele permanecia o dia inteiro na creche, pois seus pais trabalhavam e ele não

tinha com quem ficar. O período da manhã era marcado por brincadeiras e alimentação, enquanto que à tarde era o momento das aulas. A partir da 1ª série, Eduardo começou a frequentar a escola apenas em um período. Os três filhos sempre estudaram em escola particular, mas, no início, os pais de Eduardo preferiram colocá-lo em uma escola menor, onde lhe seria dada maior atenção. Posteriormente, ele foi transferido para a mesma escola em que os irmãos estudavam. Por mais que sua mãe estudara sempre na rede pública de ensino, ela acreditava que a rede privada traria maior segurança para seus filhos e que isso era o melhor a ser feito. Até a 2ª série do Ensino Fundamental, Eduardo só voltava para casa à noite, permanecia o dia inteiro na escola. Segundo ele, essa pode ser uma das razões para o distanciamento que existe entre ele e seus pais. Seu início na vida escolar foi um pouco difícil, mas não demorou a se adaptar. As professoras dessas séries iniciais sempre foram muito presentes e atenciosas com Eduardo. Nas séries posteriores, o carinho das professoras diminuía e o cuidar das professoras, a seu ver, era cada vez mais substituído pela relação entre professor e aluno, sustentada pelo conhecimento.

Apesar de ter amigos na escola, Eduardo, após a 1ª série, passou a ter uma postura de alguém bastante reservado. Na 2ª série, sua timidez e a vergonha começaram a se intensificar. Por mais que seus pais fossem estudados e tivessem a escolarização como uma etapa importante na formação dos filhos, sempre deixaram os estudos por conta da escola, tanto que foi lá onde começou a alfabetização de Eduardo. Em casa, os pais não acompanhavam de pertos seus estudos e a cobrança maior era por parte do irmão.

O seu lado reservado também se aplicava aos estudos, pois não gostava de estudar em grupo e quase nunca pedia ajuda para os outros. Nesse sentido, seu maior companheiro era o livro, fazendo com que se tornasse cada vez mais autodidata. Algumas vezes isso significou demorar mais tempo para aprender. Ele permanecia estudando quanto tempo fosse necessário. Além da timidez, Eduardo também apresentava dificuldades para se concentrar e chegou a ser diagnosticado, mais de uma vez, com *déficit* de atenção. No entanto, a escola nunca chegou a fazer qualquer tipo de apontamento dessa deficiência em Eduardo. Seus pais precisaram recorrer a especialistas, como neurologistas, psicólogos e psiquiatras.

Até a 8ª série, Eduardo apresentava dificuldades em relação aos estudos, principalmente quando se tratava de disciplinas que exigiam leitura. As dificuldades começaram cedo, na 3ª série. Foi quando começaram a aparecer notas baixas entre os frequentes nove e dez. Por mais que gostasse bastante de história, e ainda goste, também apresentava dificuldades. Além das aulas de Educação Física, sua escola propiciava competições e jogos coletivos no meio do ano letivo. Mas essas situações deixavam Eduardo encabulado. Os únicos momentos que se sentia mais à vontade com os outros era no futebol. Algumas das vezes que houve alteração de time ou de jogo houve certo constrangimento.

Na época, por mais que as aulas de Educação Física fossem bastante esperadas por ele, existia bastante pressão. Isso porque, segundo ele, na escola existe a necessidade de ter certo *status*. Ele disse que depois de adulto se sente muito mais à vontade em relação a tudo, uma vez que pode fazer suas próprias escolhas e decidir o que quer ou não fazer, diferente da época da escola em que os professores exigiam participação. Os intervalos, por sua vez, se faziam como sua zona de conforto, já que poderia escolher com quem estar ou do que brincar. Se, por um lado, Eduardo era bastante tímido e reservado, por outro lado, ele também se fazia bastante competitivo. Essa competição também existia dentro de casa com o irmão. Ele sempre quis ser bom no que fazia, fosse em relação aos estudos, ou em alguns dos esportes praticados.

Fora da escola Eduardo era bastante diferente. Morava em uma rua sem saída, onde tinha um grupo de amigos com quem jogava bola e soltava pipa. Nesse sentido, isso lhe propiciou bastante liberdade, pois permanecia boa parte do tempo na rua. Só depois de grande conseguiu perceber algumas diferenças entre seus amigos da vizinhança e os colegas da escola, sobretudo se considerar estilo e situação financeira. Durante a 7ª série, Eduardo mudou de casa, ficando um pouco mais distante dos seus amigos com quem passava as tardes. Foi quando começou a se aproximar dos colegas da escola, até porque ele tinha dificuldades para fazer novas amizades. Até certa parte da vida, era a escola que lhe propiciava alguns eventos diferentes, como por exemplo, feira do livro. Seus pais, aos finais de semana, permaneciam em casa para descansar. A diferença de idade entre ele e o irmão era grande, então sequer cogitava a possibilidade de saírem juntos. Além das festas, a escola também promovia passeios. Mas, devido seu perfil, Eduardo muitas vezes não se sentia à vontade para participar e, na maioria das

vezes, estava presente por causa dos amigos. Eduardo teve a oportunidade de fazer um curso de inglês em escola de idiomas na época da escola. Sua mãe e o irmão sempre o incentivaram, realçavam a importância de ter uma segunda língua. Na época, ele conseguia perceber a diferença entre o inglês da escola e o inglês que fazia fora, sendo o segundo com uma qualidade muito maior.

Quando pequeno, Eduardo pensava em ser veterinário e seu pai o incentivava bastante. Conforme foi envelhecendo, muitas profissões passaram por sua mente, como historiador, geógrafo e antropólogo, algumas influências da televisão. No entanto, a profissão que perseguiu durante bastante tempo foi engenharia, uma vez que seu irmão se formara engenheiro. O irmão sempre foi tido como um exemplo para ele. A escola trouxe algumas contribuições para esse tipo de escolha na vida de Eduardo, pois, devido seu bom desempenho em matemática, ele sabia que faria alguma coisa nessa área.

Entre as diferenças apontadas por Eduardo nas transições da vida escolar, está a fragmentação das disciplinas, conseqüentemente o número de professores, e a própria estrutura da escola. Os alunos do Ensino Fundamental I permaneciam em um andar, do Ensino Fundamental II em outro, por exemplo. Assim, a passagem para 5ª série lhe deu uma sensação de amadurecimento, pelas dificuldades e pelo interesse em algumas meninas, o que não existia antes. A entrada no Ensino Médio, de certa forma, foi uma frustração, pois ele esperava mudar para uma escola com curso pré-vestibular, o que não aconteceu. Isso implicou num pouco de falta de vontade em desenvolver as atividades da escola. O perfil dos professores era diferente, se faziam mais rigorosos. No 1º bimestre do 1º ano do Ensino Médio, ele chegou a ficar para recuperação em cerca de dez disciplinas. Já não era mais tão simples recuperar os conteúdos perdidos. Chegou a fazer recuperação no fim desse ano. É só na metade do 2º ano que sua postura começa a mudar, quando percebe que precisa se dedicar mais aos estudos. Nessa época, começaram alguns pequenos problemas. Porém, os grandes enfrentamentos vividos por Eduardo se davam na escola, sobretudo por causa de alguns professores que, segundo ele, não eram preparados para seus questionamentos. Eduardo nunca foi encaminhado à coordenação da escola.

Não precisar mais usar uniforme foi importante para Eduardo, pois isso lhe dava sensação de liberdade. Ele sempre se questionou sobre a obrigatoriedade do

uniforme e, mesmo nessa época, aconteceram alguns desentendimentos por implicarem com algumas das suas vestimentas. Com os materiais escolares não fora diferente, por exemplo, com os materiais da disciplina de artes. Quando a escola solicitava algum material diferente, ele não comunicava seus pais, pois não achava justo, uma vez que já pagava mensalidade. Até a 6ª série, era utilizado livro didático. A partir daí, passou a se utilizar apostilas. Essa mudança foi boa em dois aspectos: o primeiro por não precisar mais organizar o material e ser mais leve, até porque tinha um pequeno problema de coluna; e o segundo porque associava o sistema adotado à boa qualidade de ensino. O Ensino Médio de Eduardo foi voltado para o vestibular e uma das suas inquietações se dava por essa ser a justificativa da aprendizagem de muitos dos seus professores, o vestibular. Sempre pensou em fazer Engenharia na USP, não cogitava a possibilidade de cursar a graduação em qualquer outra universidade ou faculdade, por mais que fossem instituições bem conceituadas na área, mas desistiu da área no último ano da escola.

Concluiu o Ensino Médio em 2004. Nesse mesmo ano, Eduardo prestou FUVEST para o curso de Matemática. Chegou a passar para 2ª fase, mas seu ingresso não aconteceu. Isso não foi nenhum problema, pois já tinha consciência do vestibular ser um processo bastante seletivo. A alternativa encontrada foi o curso pré-vestibular. Para ele, nesses cursos, os professores deixam os alunos mais à vontade e as aulas são mais dinâmicas. Além desses fatores, ele gostava da liberdade e autonomia que tinha para entrar ou sair da aula. Isso ajudou Eduardo adquirir responsabilidade. No ano do cursinho, prestou para três universidades públicas, principalmente por causa da pressão exercida pelo irmão quanto ao curso escolhido por Eduardo.

O ingresso no Ensino Superior se deu no ano seguinte do curso pré-vestibular, em 2006. Esse ingresso foi acompanhado do pensamento de festas, viagens e muita curtidão. Porém, ele queria ser um bom aluno, pois sua formação em matemática na Universidade de São Paulo lhe traria *status*. A sensação que tinha era de recomeço. Para ele, a USP era o lugar onde são formados os gênios e onde ele encontraria os melhores professores, também onde conheceria pessoas intelectuais. Apesar da sua opinião, sabe que alguns dos professores da escola também foram muito importantes em sua vida. Seu jeito questionador, de não aceitar nada tão facilmente, se deu por um dos seus professores. Além desse, tiveram alguns outros, como um que, mesmo na timidez de Eduardo, conseguia reconhecer suas qualidades como aluno sem que precisasse se

expor entre os colegas de classe. Ou então, uma professora que, mesmo com uma formação sem nada de excepcional, conseguia, por meio da sua dedicação e criatividade, despertar o interesse dos alunos.

A universidade não lhe agregou quase nada para além da matemática. Ele percebia que o curso bacharelado em matemática era mais forte que a sua licenciatura. A vida profissional se iniciou concomitante à graduação. Foi monitor na escola em que estudou e no início fazia isso sem qualquer tipo de remuneração. Além disso, entrou num curso pré-vestibular para corrigir provas, onde precisou estudar bastante e aprendeu muito. Depois, trabalhou numa escola onde o ensino era bastante diferente. Ficou fora do país durante um ano fazendo intercâmbio e quando voltou deu aula de inglês durante um ano inteiro. Conhecendo o universo da Educação, foi para o mercado financeiro.

No momento da entrevista narrativa autobiográfica, Eduardo tinha acabado de concluir a graduação e estava trabalhando em banco, onde disse ter interesse de continuar. Por mais que seu foco não seja a Educação, ele dá palestras sobre o mercado financeiro para jovens e faz alguns trabalhos voluntários envolvendo questões educacionais. Assim como o irmão lhe serviu de exemplo, Eduardo também foi referência para algumas pessoas em seu trabalho e para um dos seus alunos que optou por seguir nos estudos e conseguiu ingressar numa boa faculdade.

Tendo concluído a graduação, ele disse que cursaria sua pós em Finanças Corporativas e Investimentos em *Banking* e se sobressairia no emprego fazendo tudo o que gosta, sempre da melhor maneira possível. Disse esperar conseguir algumas mudanças no ambiente de trabalho, pois o uniforme, por exemplo, ainda é algo que o incomoda. Um dos motivos dele não seguir na educação foram as diversas formas de desvalorização da profissão. Isso não quer dizer que a educação não faça mais parte da sua vida, mas não é sua primeira opção. Para ele, a educação é fundamental na vida das pessoas, pois é a base de tudo. No entanto, uma boa remuneração não é sua verdadeira meta, sim a satisfação pessoal.

2.5. Lucas: “Não existe o depois da escola”

Nascido em 1986 na cidade de São Paulo, onde sempre morou, Lucas é o filho mais novo de pais mineiros que estudaram até a 4ª série do Ensino Fundamental I. Além dele, seus pais tiveram quatro filhas e um filho, totalizando seis filhos. Residem, com ele, a mãe, duas irmãs e um sobrinho. A diferença de idade dele para a sua irmã mais nova é de dez anos e entre o mais velho cerca de vinte anos. Seus pais são separados, mas permaneceram juntos até sua adolescência. O pai era vendedor e a mãe trabalhou durante muito tempo em casas de família. No momento da entrevista narrativa autobiográfica, Lucas tinha pouco contato com o pai e sua mãe se tornara dona de casa. Todos seus irmãos têm formação superior. O irmão é biólogo, e, entre as irmãs, tem fisioterapeuta, fonoaudióloga, publicitária e turismóloga, sendo que dois deles fizeram a USP e os outros cursaram faculdades privadas. Além de fisioterapia, sua irmã fez outras três faculdades.

Antes de entrar na escola, Lucas tem muitas lembranças de amigos que moravam perto dele, de primos que moram em Belo Horizonte, mas não tem recordação de estarem na escola. Embora seus pais tenham estudado apenas até a 4ª série, sempre houve a valorização dos estudos. Seus pais e irmãos sempre incentivaram seus estudos. Os irmãos se juntaram para poder pagar escola particular e Lucas sempre fez provas de bolsa para desconto na mensalidade. A educação sempre foi muito valorizada dentro de casa e ele teve a oportunidade de cursar toda a Educação Básica na rede privada de ensino.

Apesar de não se lembrar com quantos anos se deu sua entrada na escola, sabe que não frequentou creche, mas disse ter feito Educação Infantil. Suas lembranças dos primeiros anos escolares ainda são muito vivas se considerar o espaço físico e os primeiros professores. Os estudos se deram sempre no período da manhã. No início, por imposição, e, posteriormente, no Ensino Fundamental II, ele próprio fez essa escolha. Assim, poderia aproveitar mais o dia. Ainda nesse momento, conseguiu lembrar-se de histórias marcantes e enfatizou a diversão no início da sua vida escolar. As atividades basicamente eram manuais e, depois de concluídas, os alunos ficavam livres para brincar. O início da alfabetização de Lucas começou em casa, pois sua mãe sempre lia para ele um pequeno livro. Ela tinha bastante cuidado em juntar as sílabas. Após um tempo, ele já estava lendo e relendo essa história, até porque já tinha tudo decorado.

Na escola, a relação com os professores sempre foi muito boa. Apesar de bastante levado, nunca desrespeitou ninguém. A professora do seu 1º ano foi uma de suas irmãs. Nessa fase, há lembranças de Lucas aprendendo a escrever em casa, escrevendo e reescrevendo num caderno, mas com certa dificuldade, pensando em desistir. Porém, foi advertido pelo pai, que na época morava com a família. A primeira transição para o Ensino Fundamental I vem acompanhada da mudança de escola. Já não era mais uma mesa grande para todos os alunos, eram mesas individuais. Mais marcante do que os conteúdos foram atividades externas. Em sua escola, sempre se utilizou material apostilado e para ele foi bom, pois era uma maneira de se organizar mais fácil. Ele tinha bastante cuidado com seu material escolar. As apostilas e os cadernos sempre eram encapados no início do ano por uma das irmãs. Quanto ao uniforme, mesmo depois de grande, quando não era mais necessário, Lucas optava por usá-lo.

Nunca houve dificuldade para Lucas com os conteúdos escolares, principalmente nas séries iniciais que envolviam contas básicas, letramento e, ainda, atividades manuais. Depois da 1ª série, Lucas mudou de escola, onde existia um sistema de premiação. Em todo início de bimestre, era feita uma cerimônia em que alunos e pais reuniam-se para cantar o hino nacional e os alunos com melhores notas recebiam um diploma que representava honra ao mérito. Em seu 7º ano, Lucas precisou mudar de escola e percebeu que, se antes ele não precisava se esforçar para estar entre os primeiros, nesse novo início ele precisaria se dedicar bastante para se acostumar com o novo ritmo.

Apesar de não ter grandes dificuldades em se adaptar ao conteúdo, Lucas não gostava dessa escola, principalmente por seu sistema, em que, por exemplo, na hora do intervalo, os alunos ficavam presos num pátio e um funcionário liberava de um em um aluno para ir ao banheiro. Essa época coincidiu com a separação dos seus pais e problemas financeiros implicaram em mais uma mudança de escola na vida de Lucas. Para ele, foi o melhor que podia acontecer. Nessa nova escola, Lucas fez amizades que permanecem até os dias de hoje. Até a 6ª série, o processo escolar não exigiu muito de Lucas. A mudança de escola na 7ª série também trouxe a alteração da apostila para uma muito mais forte. O que mais chamou atenção na escola para as irmãs de Lucas foi o sistema de ensino, enquanto que para ele as duas quadras, maiores que a anterior, foram o grande atrativo.

Ir para escola nunca foi um problema para Lucas. Desde pequeno, ele sempre permaneceu na escola para realização de outras atividades, como o treino de futebol, por exemplo. Por causa do bom papel de aluno de Lucas, sua mãe e as irmãs lhe deram autonomia para que pudesse faltar à escola quando bem quisesse. Porém, quase nunca ele se ausentava, apenas em alguns episódios. Quanto aos estudos, Lucas sempre fez as tarefas em casa, mesmo quando não era obrigatório. No início, sua irmã o ajudava. A mãe, por sua vez, não tinha muita instrução para fazê-lo. Porém, esse acompanhamento durou pouco tempo. Nunca houve necessidade de um acompanhamento mais rígido em relação aos seus estudos. O Ensino Fundamental II começa a marcar certa tendência pela área das exatas. Por mais que Lucas gostasse de ler, essa atividade era prazerosa quando *hobbie*. Já com a matemática, muitas vezes ele resolvia as tarefas antes de serem solicitadas pelo professor. Assim, com tudo feito, as aulas eram cenário para brincadeiras e conversas, mas nunca atrapalhando o professor.

Além da escola, Lucas fazia um curso de inglês, onde também chegou a fazer algumas amizades, nenhuma tão representativa. Porém, a parte pedagógica da escola de inglês foi bastante significativa, uma vez que, para ele, o inglês da escola regular era quase insignificante. Depois da sua entrada na escola específica de inglês, chegou a auxiliar sua professora na escola. Outro aspecto relevante eram as diferentes formas de interação com os alunos, pois as atividades propostas pela escola de idioma envolviam passeios, festas e shows, por exemplo. Enquanto isso, em sua escola regular, raras eram as vezes que se fazia alguma atividade diferenciada, como a feira do livro ou a feira de ciências.

Os amigos de infância, vizinhos de Lucas, em dado momento precisaram se mudar. Desde então, prevaleceu as amizades das escolas. Ele se lembra das reuniões e festas que faziam nas casas dos colegas da sua turma. Sua verdadeira intenção em ir pra escola sempre foi jogar bola. Apenas depois da sua entrada no Ensino Médio, começou a despertar o interesse em algumas garotas. A transição para o Ensino Médio veio acompanhada da mudança de escola. Dessa vez, era uma instituição apenas de Ensino Médio e Ensino Superior, bastante distante da sua residência. Se Lucas já tinha o costume de ir sozinho para escola, agora precisava se acostumar com a rotina de pegar ônibus e demorar horas para chegar à escola. Ele que sempre ficou na região do Taboão da Serra, precisava se deslocar até o centro de cidade de São Paulo.

As regras e o público da sua nova escola eram bastante diferenciados. Os alunos não precisavam utilizar uniforme e, apesar da existência dos horários de entrada e saída das aulas, os alunos tinham liberdade para sair das aulas quando quisessem. Foi a primeira vez que Lucas teve contato com pessoas de diferentes estilos e ideologias, as *tribos* como ele mesmo disse. A facilidade para se relacionar se mantinha e transitava entre os grupos, até que certa vez fora questionado sobre isso. Só então se deu conta da existência dessas separações. Permaneceu nessa escola durante seis meses, onde também fazia um curso técnico. Mas, percebeu que não estava aproveitando, principalmente pela baixa qualidade de ensino. Depois desse primeiro semestre, voltou para sua antiga escola e não manteve contato com nenhum dos seus colegas. Foram apenas seis meses em outra escola, mas o bastante para Lucas retomar alguns conteúdos importantes, os quais não aprendera na outra escola.

A época do Ensino Médio foi a melhor da vida de Lucas. Sempre teve a oportunidade de praticar esportes. Fez natação, futebol, judô, capoeira e musculação. Ele nunca precisou trabalhar. Por mais que fosse uma escola com sistema apostilado, voltada para o vestibular, inclusive com simulados grandes, Lucas não chegou a fazer planos para faculdade. Sempre foi um bom aluno, tinha notas boas, mas suas maiores preocupações eram o futebol. O último ano da Educação Básica foi marcado pelas festas que aconteciam com frequência aos finais de semana e por sua viagem de formatura.

No fim do ano, ele prestou a FUVEST, mas, apesar de gostar de esportes, não quis fazer Educação Física, pois isso implicaria em dar aulas e não pensava em ser professor. A opção encontrada foi ler todo o manual do candidato, onde conheceu todas as carreiras. Como gostava de Matemática, mas não queria ser professor, optou por Engenharia. Apesar do bom resultado, não conseguiu seu ingresso. No ano seguinte, fez um curso pré-vestibular em uma instituição que não condizia com a sua lógica de aprendizagem. Prestou para duas universidades públicas e uma privada, para engenharia e química, pois ainda não tinha certeza do que faria. Mas seu resultado foi inferior ao ano anterior. Foi nessa época que Lucas conheceu, por meio de amigos da escola, sua namorada, com quem ainda está junto. A opção foi fazer um ano de cursinho em outra instituição, onde se adaptou mais. Lá, ele teve contato com professores que foram bastante influentes em suas decisões. Foi quando percebeu que não queria Engenharia, gostava mesmo era de Matemática. Ainda não pretendia ser professor. Dessa vez,

prestou apenas FUVEST e optou por Matemática, pois isso lhe possibilitava trabalhar em banco e empresas. Na época, não sabia a diferença entre licenciatura e bacharelado, mas a maior facilidade de ingresso na licenciatura foi decisiva para sua escolha.

O primeiro ano da graduação de Lucas, em 2007, foi marcado por bastante curtidão. Não houve dedicação aos estudos. No fim daquele ano, ele começou a procurar emprego. Sua intenção era entrar em algum banco, mas um amigo da universidade o convidou para trabalhar como plantonista de uma escola privada. Isso se fez como mais uma forma de aprender. Nessa mesma época, o coordenador do seu curso pré-vestibular também o convidou para trabalhar em sua equipe.

Com o tempo, Lucas começou a gostar da área de ensino e desistiu da transferência para o bacharelado. O gosto pela matemática, na verdade, sempre existiu. Quando pequeno, tinha bastante facilidade com contas e ajudava os amigos. Já no Ensino Médio, foi de extrema importância a presença de dois professores de matemática, ambos muito bons. Uma professora que o incentivava, desde elogios até desafios, e um professor que, em suas aulas, fazia demonstrações matemáticas, o que chamava a atenção de Lucas. Além desses, outros professores da escola também foram marcantes, em especial um de gramática, tanto pela qualidade de aula quanto pela aproximação pessoal. Inclusive, posteriormente, esse professor de gramática se tornou colega de trabalho num curso pré-vestibular.

Quando a entrevista narrativa autobiográfica foi feita, faltavam apenas três disciplinas para Lucas finalizar a graduação, mas ele não chegou a estipular previsão para sua conclusão. A graduação lhe trouxe alguns pontos frustrantes, pois acreditava que seria um local onde aprenderia bastante de matemática. Mas, para ele, a verdadeira base da sua formação, sobretudo profissional, foi a escola, onde teve professores ótimos. O Ensino Superior lhe ajudou a aperfeiçoar seus conhecimentos e a aprender a fazer demonstrações, solidificando sua base. Em relação às novidades, a graduação não lhe agregou tanto, talvez por não conseguir se dedicar muitas horas estudando. Para ele, o grande problema se dava por muitas vezes os professores na graduação não explicarem determinados conteúdos. As aulas eram expositivas e se aproximavam bastante da escola, onde se limitavam a aplicação de fórmulas. Além dos seus trabalhos, Lucas teve a oportunidade de ser monitor de algumas disciplinas da Licenciatura em Matemática, o que lhe trouxe muitas contribuições.

Os projetos pessoais de Lucas estão voltados para o meio profissional, uma vez que trabalhará bastante, até para ter uma vida confortável. Pretende concluir logo a sua graduação, assim poderá dar continuidade aos estudos. Ele sabe da importância de ter o mestrado e o doutorado, pois isso lhe possibilitará atuar no Ensino Superior, ou ainda, migrar para alguma empresa. Além disso, quer constituir família e procura por imóvel, já que o casamento só virá depois de ter uma casa.

2.6. Leandro: Uma história de persistência, decepções e resultados

Leandro nasceu em 1988 no Alto da Mooca, onde viveu até os sete anos. Entre os primos, ele é o mais novo da sua geração. Depois disso, se mudou para zona oeste de São Paulo, na região da Lapa. Dois anos antes de Leandro nascer, seus pais tiveram uma filha. Todos em casa, o pai, filho de pernambucano, a mãe, nascida no Piauí, e a irmã, cursaram Ensino Superior. Porém, o pai não teve oportunidade de concluir os estudos e a mãe é analista de sistemas. O pai já fez de tudo: já trabalhou num mercadinho da família, já foi corretor de imóveis, já foi assistente parlamentar e hoje trabalha como motorista particular de uma senhora.

Seus pais, ambos do final da década de 1950, trabalhavam enquanto ele permanecia na escola, mas nem sempre foi assim. No início da sua infância, uma tia cuidava de Leandro durante o dia. Nessa época, sua irmã já frequentava pré-escola. Enquanto morou na Mooca, não tinha muitos amigos com quem pudesse brincar na rua. Sua família se mudou para um prédio, onde as coisas mudaram bastante. Lá, ele tinha muitos amigos, alguns já frequentavam a escola também. Leandro sabia que em algum momento da sua vida precisaria passar pela etapa escolar. Uma vez na escola, gostava muito mais do período de férias, do momento de voltar para casa, ou ainda, da hora do lanche, o intervalo. Os pais sempre investiram, da maneira que puderam, na educação dos filhos. Para eles, esse é um investimento importante na formação. A sua entrada na escola não foi muito fácil, pois estava acostumado a ficar em casa, sem muitas obrigações e regras. A adaptação com os horários para brincar e comer foi difícil. No entanto, a boa relação com a professora ajudou bastante nesse início.

Desde o Jardim, como eram chamadas as turmas de crianças de 3 a 4 anos, Leandro permanecia o dia inteiro na escola. Ele precisou fazer duas vezes o pré, por

causa da sua idade. A passagem para 1ª série foi diferente. Isso porque, apesar de sua nova professora nunca ter lhe feito nada de ruim, ele tinha bastante medo dela, sobretudo pelos conteúdos ensinados passaram a ser obrigatórios. Antes de conhecê-la, ele sempre a via com livros na mão e ela parecia ser brava. Com o tempo, ele não só se acostumou com ela, mas também se apegou a professora. Ela tinha muito carinho e respeito por seus alunos. No fim desse ano, sua professora precisou sair da escola e Leandro chorou bastante. As 1ª e 2ª série foram cursadas por Leandro em escola particular. As lembranças de Leandro em relação ao espaço físico dessa escola são bastante vivas. Ele também se lembra que as atividades desenvolvidas antes da 1ª série eram voltadas para sua alfabetização, em que aprendia a ler e a escrever. Em casa, sempre houve incentivo à leitura por parte dos pais. Sempre que podiam compravam gibis e livros para os filhos, por exemplo. Se, por um lado, os pais tinham essa iniciativa para que eles aprendessem a ler, por outro lado, Leandro se importava apenas com as figuras. Diferente da irmã, Leandro não desenvolveu gosto pela leitura. No entanto, Leandro não se lembra dos pais lendo dentro de casa. Após isso, se lembra bastante das aulas de português, pouco de matemática e menos ainda de ciências e estudos sociais. Seus livros eram bastante coloridos. Algo que incomodava Leandro na escola era a necessidade de fazer o cabeçalho todos os dias.

O que é muito forte para Leandro em suas séries iniciais são as brincadeiras, sobretudo o futebol. De modo geral, as brincadeiras aconteciam no intervalo. Em classe, os alunos eram muito comportados. Para ele, as coisas eram bem tradicionais. A professora tinha muito controle dos alunos, já que a turma era pequena, por volta de 15 alunos. Nessa escola, ele também fazia aulas de caratê e aula de música. À tarde, após o almoço, as atividades eram voltadas para recreação e ocupação dos alunos. Leandro não tinha desprazer em ir para escola, mas por ficar bastante tempo lá, gostava de ficar com os pais e os amigos do prédio.

Após sua 2ª série, a mãe de Leandro saiu do banco em que trabalhava e nessa época ele foi para escola pública, onde permaneceu até a 4ª série. Essa escola não tinha Ensino Fundamental II nem Ensino Médio. Essa mudança foi bastante marcante para Leandro, a começar pela professora que não era mais tão cuidadosa como antes. Além disso, sua turma era maior, com cerca de 30 ou 40 alunos. A professora precisava

se impor mais para conseguir ter controle. Além do número de alunos ter aumentado, também aumentou a quantidade de turmas da mesma série.

A escola era muito maior. O colorido já não existia mais, era tudo muito cinza. O sinal sonoro utilizado para demarcar a entrada, o intervalo e a saída, não era do conhecimento de Leandro e isso o assustava bastante no início. Tudo era novidade, inclusive os alunos reunidos para cantar o hino nacional. O público da escola também tinha um perfil bastante diferente do que estava acostumado. Segundo ele, os alunos já eram mais maduros. Tinham mais vivências do que ele que até então permanecera em escola particular. Isso só não foi um problema maior para Leandro devido sua altura, já que era bastante grande para sua idade. Ele se entrosou rápido no futebol, não sofreu qualquer diferença de tratamento, mas percebia esse acontecimento entre os alunos. Ele, talvez por não ter vivido isso na outra escola, defendia os alunos que sofriam disso. Quanto aos conteúdos aprendidos, Leandro não tem grandes lembranças. Nessa época, ele sempre estava brincando, não prestava atenção nas aulas. Porém, nunca atrapalhou a professora. Apesar de não ter essas lembranças, sabe que seu rendimento sempre era satisfatório.

A transição de Leandro para o Ensino Fundamental II, a entrada na 5ª série em uma das escolas que já tinha estudado veio acompanhada de uma dificuldade pessoal. Sua tia que sempre cuidou dele falecera. Isso fez com que Leandro ficasse mais desmotivado do que já era. Nesse ano, pela primeira vez, ele ficou de recuperação em matemática. Ele não tinha dificuldade para entender o que lhe era ensinado, apenas não estudava. Quem passou a cuidar dele e da irmã, após a perda da tia, foi uma avó. Em casa, os pais não acompanhavam de perto os estudos dos filhos, somente perguntavam como estavam as coisas. Isso acontecia devido ao cansaço do trabalho. Não existia tanta pressão por parte deles, principalmente depois do falecimento da tia, pois entenderam bem a dificuldade que Leandro passara.

Sua irmã, por sua vez, sempre foi mais dedicada em relação aos estudos. Esse quadro de Leandro começa a mudar a partir da 8ª série, quando passa a participar de um projeto com atividades científicas em um centro universitário de uma instituição de cunho religioso que sua família frequentava. Lá, ele realizava atividades relacionadas a aeromodelismo e física, por exemplo. Chegou a participar de alguns eventos científicos, inclusive na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e no Instituto

Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), onde ganhou prêmios pelo projeto. Na escola, as coisas começam a melhorar, Leandro que não tinha qualquer motivação para os estudos, começa a se dedicar mais e perceber que tem facilidade na área das exatas. Nessa época, ele jogava futebol profissionalmente num clube e, por mais que quisesse seguir carreira no futebol, os estudos começaram a se sobressair. Foi quando decidiu que queria fazer Engenharia Mecânica ao invés de continuar com o futebol, o que foi uma surpresa ruim para o pai.

Além do futebol e dos projetos científicos, Leandro não tinha interesse em outras atividades. Ele não fez curso de inglês, por mais que existisse incentivo dos pais para isso. Na escola, sempre teve bastantes amigos. Apesar de fazer parte da turma dos bagunceiros, os professores lhe tratavam bem, tendo em vista que não atrapalhava a aula. As lembranças dos professores até o término do Ensino Fundamental II não são tão fortes. As escolas que passou não promoviam eventos como feira do livro, feira cultural ou festa junina. Leandro tinha consciência da condição financeira da sua família, assim, quando tinha algum passeio ou excursão, optava por não ir. Entre os amigos do prédio e seus primos, Leandro era um dos poucos que estudava em escola particular.

O final da 8ª série de Leandro foi marcado por uma grande dificuldade financeira. Os pais já não conseguiam mais pagar o aluguel. Sua família precisou mudar de casa. Leandro foi morar com uma tia de consideração e a irmã foi morar com uma avó. Na casa onde foi morar, sempre houve investimento nos estudos dos seus filhos por parte dos tios, chegando a fazer dívidas para os filhos continuarem em escola particular. Depois da escola, seus tios não fizeram pressão para os primos de Leandro continuarem os estudos. Sabiam que a escolha do que fazer é bastante difícil. Seus tios e primos foram boas influências para Leandro, sobretudo em relação aos estudos. Nessa época, Leandro foi para uma escola particular com ótima qualidade de ensino, onde prestou uma prova para bolsa de estudos. Ficou nessa escola o primeiro semestre do 1º ano do Ensino Médio.

Sua irmã começou a fazer cursinho em lugar que também tinha Ensino Médio e, por indicação, Leandro conseguiu uma bolsa integral nessa outra escola. Mudando para essa escola, voltou a morar com os pais e a avó. No início, ele precisou se dedicar mais aos estudos para conseguir acompanhar a turma. Apesar da sua bolsa de

estudos, não existia qualquer pressão ou obrigação quanto suas notas. Mas ele se dedicou, pois sabia da boa oportunidade que estava tendo para atingir seu objetivo que, até então, era o curso de Engenharia. Seus primos de consideração o ajudaram bastante nessa época, foram eles que ensinaram Leandro a estudar, por exemplo. Com um pouco de disciplina, Leandro estava na média. A sua postura como aluno nunca foi ruim, nunca teve grandes problemas envolvendo a coordenação ou direção da escola.

A partir da 8ª série, começaram a aparecer alguns professores marcantes na vida de Leandro, alguns pela relação com o conhecimento, outros pelos valores pessoais. A fragmentação disciplinar dessa escola era muito vasta e Leandro chegou a ter três frentes de português e três de matemática, por exemplo. No entanto, até pela proposta da escola, que era voltada para o vestibular, todos seus professores eram muito bons.

A marca da escola no Ensino Médio foi a relação com a aprendizagem. Porém, Leandro sabia que não seria fácil ingressar no Ensino Superior. Se não conseguisse passar no vestibular no fim do Ensino Médio, ele estava confortável com a situação, pois ganhara uma bolsa de estudos num curso pré-vestibular devido aos eventos científicos que participara anteriormente. Assim, seus pais não precisariam arcar com todos os gastos. Por mais que sua escola fosse voltada para o vestibular, tinha fama de não ser muito boa. Dessa vez, a escola promovia alguns eventos científicos e Leandro sempre participava de todos que podia, menos os que exigiam língua estrangeira. O único momento em que Leandro foi trabalhar foi no final do 3º ano do Ensino Médio, não porque precisou, mas porque quis. Ele foi para uma editora de artigos religiosos por causa do centro universitário da instituição onde frequentava. Até então, eventualmente ajudava a mãe com alguns trabalhos em casa. Isso contribuiu para que ele valorizasse o dinheiro.

No fim da escola, seus pais conseguiram alugar um apartamento em frente ao prédio onde morou com seus tios. Era um apartamento pequeno. Leandro dividia quarto com a irmã. Em 2006, ele termina a escola, presta FUVEST, para Engenharia, mas não consegue ingressar na graduação. No ano seguinte, ele começa a fazer o curso pré-vestibular. No cursinho, ele também teve ótimos professores se considerar o conhecimento. Nessa etapa, já não é mais a formação pessoal do sujeito que é levada em conta. Ele percebe que, mesmo indiretamente, a escola ensina os alunos a viverem em

sociedade, enquanto que no cursinho o que é valorizado são os conteúdos, de maneira muito mais pragmática. Sua dedicação aos estudos foi aumentando gradativamente.

Mais uma vez, no fim do ano, ele prestou para a Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (POLI), mas não conseguiu. Durante esse ano, ele tinha conhecido sua namorada no curso pré-vestibular, com quem estava até o momento da entrevista narrativa autobiográfica. Tanto ele quanto a namorada começam outro curso vestibular em 2008. Leandro passa a estudar em um lugar em que a estrutura é muito menor. Se antes as salas comportavam cerca de 200 alunos, as novas turmas têm por volta de 30 ou 40 alunos e o ambiente é muito mais rústico, era a adaptação de uma casa. Dessa vez, além da FUVEST, ele também prestou para Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde a namorada cursava medicina, e para uma universidade privada em São Paulo. Leandro conseguiu passar no vestibular da UEL, onde foi estudar. Isso foi, de certa forma, uma decepção para ele, pois queria continuar em São Paulo.

As coisas já não eram mais como antes para Leandro, pois já estava bastante desgastado pela intensa dedicação aos estudos que tivera nos últimos anos. Em Londrina, permaneceu todo o ano de 2009 no curso de Engenharia. Por mais que fosse o curso desejado, ele tinha bastante dificuldade. Suas notas eram baixas e ele se sentia privado de viver. Para ele, a universidade cobrava uma autonomia que não se tem na escola. Morar sozinho foi bastante difícil também, por mais que fosse pequeno o lugar onde morava, ele precisava fazer faxina e cozinhar, o que lhe desgastava ainda mais. Seu primeiro semestre foi marcado pelas primeiras reprovações em disciplinas que eram pré-requisito para outras do segundo semestre. Num período do segundo semestre, sua mãe foi morar com Leandro e o ajudava com as tarefas de casa. Foi quando o rendimento dele começou a melhorar, mas ela precisou voltar para São Paulo e as dificuldades reapareceram.

No fim de 2009, Leandro desiste da sua graduação em Londrina e volta para São Paulo com o pensamento de estudar mais para entrar na POLI. Em 2010, ele estudou como nunca estudara antes. Fez mais um ano de cursinho, dessa vez não tinha bolsa integral e os pais precisavam pagar os estudos. No fim daquele ano, prestou para Engenharia na FUVEST e para Economia numa universidade particular. Novamente, ele não conseguiu a USP, mas conseguiu a particular, por causa da lista de espera. Ficou bastante orgulhoso de si mesmo, tendo em vista que era uma universidade bastante

concorrida. Porém, a mensalidade superava dois mil reais e nem ele nem sua família tinha condições de pagar por isso. Ele permaneceu no curso por duas semanas para conhecer a instituição. Quem ajudou a pagar foi seu sogro. Ele tinha uma empresa e deu um emprego a Leandro. Ele que já tinha desistido da UEL, agora desistia mais uma vez de um curso.

O pai não concordava com Leandro que, na medida do possível, contava com a compreensão da mãe. Naquele ano, Leandro seguiu trabalhando na empresa do sogro e conseguia pagar pelo cursinho que fazia de noite. No vestibular, mais uma vez, Leandro prestou para POLI, mesmo indo para segunda fase, não conseguiu. Dessa vez, um programa da FUVEST possibilitou que ele escolhesse outro curso. Foi quando, devido ao número de vagas, optou pela Licenciatura em Matemática no IME. Leandro, já cansado do vestibular, sabia que a partir dali precisava estar na faculdade e não faria mais curso pré-vestibular. Em 2012, ele ingressou na licenciatura em Matemática. Chegaram a lhe perguntar por que ele não seguiu na carreira de Física, uma vez que já tinha participado de projetos envolvendo física quando mais novo. Mas Leandro nunca soube responder essa questão, até porque poderia ter mais facilidade.

O primeiro ano inteiro da graduação de Leandro foi marcado por grande decepção, tendo em vista que ele tinha, desde sempre, o objetivo de cursar Engenharia. Essa decepção vem diminuindo em sua vida, mas ainda continua, pois, para ele, poderia ter tentado um pouco mais. Mesmo com desprazer no curso, sua reação foi diferente da esperada. Ao invés de desistir, Leandro passou a se dedicar ao curso. Frequentava as aulas, resolvia as listas de exercícios e tirava dúvidas. Como ele fez um ano do curso de Engenharia, e algumas disciplinas são semelhantes, Leandro consegue estabelecer algumas comparações. Se na Engenharia era tudo muito depressa, na licenciatura ele não só aprende o mecanismo ou determinados algoritmos, mas como se dão alguns processos. Isso faz bastante diferença pra ele.

Quanto aos amigos na graduação, Leandro não fez muitos, talvez pelo perfil dos alunos, que, segundo ele, são mais introvertidos que Leandro. Se, por um lado, a licenciatura em Matemática é marcada por decepção em sua vida, por outro, o curso lhe trouxe algumas oportunidades importantes. Algumas portas se abriram para Leandro. Ele já deu algumas aulas particulares de matemática e se sentiu bastante a vontade em ensinar. Outra coisa importante em sua vida foi o projeto da Olimpíadas Brasileira de

Matemática da Escola Pública (OBMEP). Nesse projeto, alguns alunos da escola pública são selecionados por seus professores e participam de encontros para discussão de questões de provas anteriores da OBMEP no IME. Porém, muitas vezes esse aluno não tem a base necessária. A função de Leandro, no projeto, é ajuda-los. O projeto visa à segunda fase da prova. Leandro percebe que às vezes não são apenas os alunos da rede que tem dificuldades para resolver a prova, mas também seus professores.

Essa oportunidade vivenciada no projeto da OBMEP tem sido muito importante para Leandro, pois ficar à frente de uma turma faz com que comece a pensar na carreira de professor. Até então, ser professor não era uma opção. Outras opções que tem para seguir após a graduação é dar continuidade aos estudos ou trabalhar em empresa, já que a licenciatura em Matemática possibilita a atuação em outras áreas de interesse como, por exemplo, estatística, mercado financeiro ou computação. Ele pretende se formar, até porque esse curso não lhe tem demandado tantos esforços quanto demandava na Engenharia.

Ele conseguiria estudar um período e trabalhar em outro, caso fosse necessário. Porém, para ele, o curso poderia ser um pouco mais forte, tal como o bacharelado. Outra opção na vida de Leandro são os concursos públicos, que lhe dariam estabilidade financeira, inclusive para continuar estudando de maneira mais tranquila. Assim poderá se casar, já que isso está em seus planos. Leandro estava na metade da sua graduação no momento da entrevista narrativa autobiográfica e seguindo sem qualquer decisão tomada.

2.7. Cristina: Uma trajetória de altos e baixos

No ano de 1991, Cristina nasceu em São Bernardo do Campo e foi morar em São Paulo perto do bairro do Ipiranga. Seus pais são do início da década de 1960. A mãe tem apenas o Ensino Médio completo, enquanto que o pai tem Ensino Superior completo. Ele se formou em Marketing e tem uma empresa de produtos alimentícios. Cristina é filha única. Em casa, moram ela, a mãe, o pai e um avô que, na década de 1950, veio da Itália para o Brasil. Quando Cristina nasceu, sua mãe e sua avó tinham uma loja de roupas e a mãe precisava trabalhar. Por volta dos sete anos, a mãe começou a cuidar e permanecer em casa. Seu pai sempre investiu em sua Educação. Para ele, a

Educação é um investimento para sempre, a base para qualquer coisa, tanto no âmbito pessoal quanto profissional, é o que possibilitará seguir em qualquer carreira.

Bastante pequena, Cristina foi para a escola, pois sua mãe trabalhava. Ela não se lembra dessa fase, pois ainda era bebê, tinha menos de um ano. Era uma escola perto da casa da sua avó. Ela praticamente nasceu na escola. Por volta dos três anos, Cristina não gostava da escola. Sua avó sempre desencorajou a mãe de Cristina a colocar a filha na escola, pois a menina era muito pequena. No entanto, Cristina fez de tudo: maternal, jardim e pré. Como Cristina estava seis meses adiantada, fez e passou num teste para ver se seria possível acompanhar a turma que estava. Com cinco anos já estava indo para 1ª série. Depois da pré-escola, na Educação Infantil, Cristina foi para uma escola particular, onde permaneceu até sua conclusão do Ensino Médio.

Sempre muito tímida, Cristina era uma menina de poucos amigos. Tanto que em uma época, por causa de alguns comentários de outras crianças, Cristina não queria permanecer na escola. Com o tempo, foi crescendo e se tornou amiga dessas crianças, até porque uma delas era sua vizinha. Então, mesmo nas férias elas brincavam juntas. Apesar disso, Cristina era uma criança difícil, pois, como já foi dito, não era com qualquer criança que ela se relacionava e, mais do que isso, não era com qualquer professor que ela se dava bem. Se essa era a postura de Cristina na escola, fora da escola era totalmente diferente. Sempre teve muitos amigos e primos fora de lá. Às vezes chegava a juntar alguns amigos da escola, os amigos da rua, os primos e os amigos da prima. Cristina não se sentia à vontade com pessoas que não conhecia, então preferia estar com amigos que não eram da escola.

A situação financeira da sua família sempre foi bastante estável. Por mais que a mãe trabalhasse até os sete anos de Cristina, eles não passaram por nenhuma dificuldade depois que ela parou. Seu pai sempre pagou escola particular para Cristina e, pelo que ela lembra, ele nunca atrasou a mensalidade. A sua transição para o Ensino Fundamental I é marcada por algumas mudanças, a começar pelo tamanho da escola. Se antes a escola tinha por volta de 15 alunos por sala, agora a turma era composta por volta de 25 alunos. Sua escola era bastante grande e tinha mais de uma unidade. Ela consegue se lembrar de que no início tinham algumas crianças perdidas com ela, mas, até pelo sistema da escola, não demorou a se acostumar. Nesse momento, já estava mais familiarizada com o ambiente escolar e fizera mais amigos. Era um pouco mais

extrovertida. A professora ajudou bastante por meio dos livros escolhidos, das lições e das brincadeiras promovidas, sobretudo porque sempre pedia trabalhos em grupo. Os alunos eram colocados para se sentarem em duplas escolhidas pela professora. Logo, Cristina socializava mais do que antes.

Sua escola sempre explorou uma perspectiva mais cultural. Não se limitava apenas aos conteúdos específicos das disciplinas que os alunos tinham. Lá, aconteciam festa junina em três dias seguidos, semana cultura, feira cultural, feira de livros, o dia da Independência, em que os alunos se reuniam e caminhavam até uma praça perto da escola e passeios. Ela sempre gostou, pois era bastante curiosa. Além disso, era uma escola que, de certa forma, dava liberdade aos alunos. Assim, tudo ajudou Cristina a se acostumar com a escola.

O período que Cristina estudava era à tarde. Sua mãe já tinha parado de trabalhar e em casa sempre era a mesma rotina: acordava de manhã, tomava café e fazia lição, pois sua mãe sempre a colocava no mesmo horário para fazer lição, almoçava e ia pra escola. Depois da escola, ela tomava banho, jantava e dormia, para no dia seguinte fazer as mesmas coisas. A mãe sempre acompanhou a vida escolar da filha por meio das informações contidas na agenda escolar. Por mais que Cristina fizesse sozinha as lições de casa, a mãe sempre conferia e ajudava com pequenas dúvidas quando necessário. Cristina já tinha em mente que quanto antes fizesse a lição, mais cedo estaria livre para poder brincar. As brincadeiras de Cristina, no geral, eram com bonecas e jogos eletrônicos, principalmente com a prima. Quando pequena, Cristina chegou a brincar de escolinha com suas bonecas, cuja lousa era o armário de sua mãe, onde ainda podem ser vistas as marcas da escrita.

A relação de Cristina com os professores sempre foi muito boa. Em sua escola, também eram desenvolvidas atividades extracurriculares que aconteciam aos sábados, geralmente gincanas de matemática ou português. Ainda pequena, na 1ª série, já tinha atividades desenvolvidas em laboratório. Ela não expressava qualquer tipo de dificuldade em relação à alfabetização, até porque entrara muito cedo na escola e, no início, permanecia o dia inteiro lá. Porém, a escola não era preparada para ficar com alunos em período integral, e Cristina acompanhava sua turma num período e no contra turno outra turma, assim revisava e reforçava os conteúdos aprendidos.

Sua avó sempre gostou que os netos lessem, então lhes dava de presente coleções de pequenos livros. Além disso, a mãe sempre comprava jornal e a filha ganhava revistinhas. No primeiro dia de aula, todo material comprado era levado para lá, onde permanecia numa prateleira. O uniforme era obrigatório, o tênis só podia ser branco ou preto. As atividades de Educação Física tinham outro nome: sinesiologia humana. Além das brincadeiras e dos jogos coletivos, os alunos faziam provas nessa disciplina. Essa era só mais uma aula para Cristina, como todas as outras.

Nessa época, o que Cristina mais gostava na escola eram as aulas de música. Eram suas notas mais altas, o que não quer dizer que ela tivesse dificuldades nas outras disciplinas. Segundo ela, não tinha o que complicar. Em sua escola, era tudo muito interdisciplinar, então tudo que era feito envolvia outros professores e suas disciplinas. As atividades de música aconteceram até a 8ª série do Ensino Fundamental II. As atividades de artes foram no 1º ano do Ensino Médio e continuaram após a escola, quando Cristina fez um curso rápido de desenho para determinado vestibular.

A transição para o Ensino Fundamental II não foi difícil, mas bastante diferente do que era vivido por Cristina. Isso porque agora ela mudara para uma unidade que, no período da manhã, tinha alunos do Ensino Médio e à tarde alunos do Ensino Fundamental II. Assim, quando Cristina chegava à escola, era o horário que os alunos da manhã estavam saindo. Esse momento que juntava alunos de 11 anos da 5ª série e alunos de 17 anos do 3º ano foi uma marca. Além disso, aumentou o número de professores e de matérias que Cristina tinha.

No início, uma mudança que fez Cristina se sentir perdida foi a substituição do livro didático pelo sistema apostilado. Entre os professores, a de língua portuguesa era uma das favoritas de Cristina, pois em suas aulas ela usava materiais diferentes, por exemplo, música e peças de teatros feitas pelos próprios alunos, a partir das leituras obrigatórias. Já em relação aos números, Cristina sempre apresentou facilidade. Isso não se dava por causa dos professores, até porque, nessa perspectiva, houve muitas mudanças. Num dado ano, ela chegou a ter três professores de matemática. Assim, o que ela sabia de matemática, muitas vezes, era o que aprendia por conta própria por meio de pesquisas, dos livros e das apostilas, até porque o jeito dos professores sempre mudava de um para outro. Desde cedo ela teve física. Em casa, as lições de matemática eram as primeiras a serem feitas.

A partir da 7ª série, Cristina começou a ajudar outras crianças com matemática em plantões mediante a participação em um projeto da escola. Já na 8ª série, ela começou a participar das Olimpíadas de Matemática que também tinha na escola. Sua escola também tinha curso preparatório para vestibular e seu interesse por essas olimpíadas se deu porque esses professores fizeram apresentação de diversos projetos. Cristina sempre se interessava por tudo que lhe era proposto, tanto que na 7ª série já fazia simulados do ENEM. De início, ela fazia essas outras atividades para ver se gostava, pois se não gostasse ela simplesmente pararia de fazer.

Em relação aos estudos, Cristina não fazia mais do que o necessário, ela prestava atenção nas aulas e fazia as tarefas da sua apostila. O horário de estudos deixou de existir, até porque ela mudara para o período da manhã. Agora, Cristina chegava em casa e fazia as lições quando quisesse. Sua mãe se preocupava com o boletim, se as suas notas fossem satisfatórias, estava tudo bem. Nessa época, os grandes atrativos da escola para Cristina eram as aulas, a estrutura da escola e também o teatro. Esse, por sua vez, não teve continuidade, pois o professor precisou sair da escola e ela não deu sequência com outro professor. As amizades também eram muitas e não se limitavam ao espaço da escola. Não existia nada na escola que não agradasse Cristina. A postura de Cristina como aluna era muito boa. Apenas uma vez ela foi mandada a coordenação por não concordar com algo que o professor estava ensinando. Ela nunca teve problemas de indisciplina.

Outra atividade desenvolvida por Cristina na época da escola foi um curso de inglês. Isso começou porque ela tinha muita dificuldade com a segunda língua. A diferença de qualidade do inglês da escola e do seu curso era bastante grande, pois praticamente todo o conteúdo de inglês que ela teve na escola em três anos foi visto em cerca de um mês. No início, houve algumas dificuldades, mas depois, isso ajudou a melhorar seu entendimento e rendimento. Segundo ela, enquanto o inglês da escola era muito técnico, no curso particular era bastante dinâmico. Quanto aos relacionamentos amorosos, Cristina nunca viu o ambiente da escola como um lugar para isso.

A transição de Cristina para o Ensino Médio foi acompanhada do início do seu baixo rendimento, as dificuldades em acompanhar entender alguns conteúdos. A fragmentação disciplinar era ainda maior do que vivida na 5ª série. Muitos professores novos, três professores de física e dois de química, por exemplo. Ela ficou, pela

primeira vez, de recuperação em física, uma das disciplinas que mais gostava. Por mais que ela gostasse do sistema apostilado, até porque lá tinha tudo que precisava e, por ser muito resumido, obrigava os professores a explicarem bem, para sanar suas dúvidas. Cristina, precisou fazer aula particular de matemática. Foi nessa época que ela começou a estudar mais, mas só foi se acostumar com todas essas novidades no último ano.

Sua escola no Ensino Médio passou a ser voltada para o vestibular, tanto que alguns professores também atuavam em cursos pré-vestibular. No 3º ano, ela tinha simulado toda semana. Alguns professores, o de física, por exemplo, faziam algumas experiências, o que ajudava bastante. Mas, Cristina não sabe se gostava das aulas por serem boas ou porque eles eram professores de cursinho e para ela isso bastava. Para além do conteúdo, alguns dos professores valorizavam bastante o respeito ao próximo e eram muito carinhosos, o mesmo vale para os funcionários da coordenação e direção da escola.

No fim do 3º ano, Cristina tinha decidido dar continuidade aos estudos no curso de Engenharia, mas a USP não era uma opção, tendo em vista o nível de dificuldade. Ela chegou a escolher as faculdades que prestaria, mas seu pai disse que não pagaria faculdade nenhuma, uma vez que ele já tinha investido em sua educação. A opção pela Engenharia se deu porque dois de seus professores eram engenheiros e por ser uma das carreiras mais atrativas entre as opções que tinha pesquisado. No entanto, ela conversou com um professor de matemática que a fez ficar em dúvida, tanto que no seu 3º ano do Ensino Médio só prestou FUVEST para bacharelado em Matemática.

Em 2008, Cristina concluiu o Ensino Médio e, no ano seguinte, após o vestibular, foi atrás de curso pré-vestibular. Prestou uma prova de bolsas e fez um ano de cursinho. Ela estava certa de que faria Matemática, porém, na metade do ano alterou sua opção para Moda. No entanto, o curso de Moda da USP é diferente do que ela gostaria, então foi para uma universidade privada. O pai percebeu o entusiasmo na filha e voltou atrás com o que tinha dito. Porém, ela fez apenas um mês de curso. Isso foi um problema para o pai, tendo em vista que era tudo muito caro. Mesmo assim, ela fez mais um ano de cursinho. Dessa vez, depois de conhecer e conversar com outros professores, ela estava decidida que prestaria para licenciatura em Matemática.

A ideia de ser professora parecia ser boa para ela, pois sempre teve muita paciência e gostava de ajudar os outros. A diferença entre o cursinho e a escola era

muito evidente para Cristina, a começar pela cobrança que se dava de maneira diferente. Ela não estudava por causa das provas, mas sim porque precisava daquilo. Além disso, o estilo e os conteúdos ensinados pelos professores eram diferentes. Cristina nunca precisou trabalhar, já que seu pai sempre priorizou os estudos. Sua postura também não era muito diferente dessa, pois ela só trabalharia depois de ter uma formação, e trabalharia naquilo que se formou. O cursinho foi um ambiente que não favoreceu apenas a entrada de Cristina na universidade, mas também a construção de importantes amizades. A maioria das amizades atuais de Cristina é do cursinho. Ela não mantém relação com os amigos da escola.

A graduação em licenciatura em Matemática começou no ano de 2011, sem qualquer semelhança com o que Cristina vivera anteriormente. No início, ela era bastante motivada a estudar, pois tinha conseguido sua vaga e sabia que aquilo era para poucos. Seu 1º semestre foi muito bom, diferente do 2º semestre, em que começaram a aparecer notas baixas. Ela fazia comparações entre os amigos que, no geral, iam bem. Com o tempo, passou a ter novas amizades e o ambiente da universidade que, a princípio seria o lugar onde se formaria, passou a ser lugar de socialização, pois começou a sair mais, frequentar festas, consequentemente, reprovou em algumas matérias. O grande problema de Cristina era não entender o que os professores falavam.

No momento da entrevista narrativa autobiográfica, ela estava no 5º semestre, mas cursando disciplinas do 3º e 4º semestres. Ela já chegou a pensar em desistir do curso, fez prova de transferência para Engenharia, mas não conseguiu. Houve momentos que pensou em prestar o vestibular novamente. Uma atividade desenvolvida na graduação que trouxe contribuições para Cristina foi a entrada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Em seu projeto, ela dá aula para crianças com problemas familiares, algumas portadoras de necessidades especiais. As dificuldades enfrentadas nas disciplinas de matemática são diferentes das enfrentadas na Faculdade de Educação. Se na matemática é tudo muito exato, na educação ela precisa ler e escrever, mas não está acostumada. Ela já está se acostumando com algumas coisas, caso siga como professora e passou a valorizar muito mais o trabalho dos professores. Antes ela dizia querer ser professora, mas sequer sabia do que se tratava.

Cristina, que está praticamente no meio da sua graduação, já não pensa mais em desistir do curso. Ela está gostando das disciplinas da educação, mas ainda não realizou nenhum estágio. Não sabe se após a graduação ela dará continuidade aos estudos, mas sabe que para ter uma família, primeiro precisa se estabilizar. Para isso, começará a trabalhar e só depois pensará em outras coisas.

2.8. Sete narrativas: aproximações e distanciamentos

Os seis colaboradores homens – Bruno, Thiago, Henrique, Lucas e Leandro - nasceram na década de 1980 e a colaboradora Cristina no início dos anos 1990. Sendo assim, no momento da entrevista narrativa autobiográfica tinham suas idades variando entre 21 e 30 anos. Todos cursaram a Educação Básica – Ensino Fundamental e Médio – na década de 1990 e nos anos 2000. O ingresso no curso de Licenciatura em Matemática no Instituto de IME se deu entre os anos de 2006 e 2011, consequentemente, os colaboradores estavam em diferentes momentos da graduação, os cinco primeiros do meio para o fim e os dois últimos do início para o meio. Todos nasceram em São Paulo, mas Bruno ainda pequeno precisou ir para o sertão do Piauí, onde a família morava, mas aos sete anos voltou para São Paulo.

O quadro a seguir reúne informações importantes sobre os colaboradores:

	Bruno	Thiago	Henrique	Eduardo	Lucas	Leandro	Cristina
Nascimento	1985	1989	1982	1987	1986	1988	1991
Condição financeira	Ruim	Boa	Ruim	Boa	Ruim	Ruim	Boa
Escolaridade dos pais	Fund. I	Superior	Fund. I	Superior	Fund. I	Médio/ Superior	Médio/ Superior
Escolaridade dos irmãos	Médio	Superior	Médio	Superior	Superior	Superior	-----
Cursou Educação Básica na(s)	Rede pública	Redes pública/ privada	Rede pública	Rede privada	Rede Privada	Redes pública/ privada	Rede privada
Conclusão da Educação	2003	2006	1999	2004	2004	2006	2008

Básica							
Ingresso na USP/Lic	2007	2007	2007/ 2010	2006	2007	2012	2011
Momento da graduação	Meio/ Final	Meio/ Final	Final	Final	Meio/ Final	Início/ Meio	Início/ Meio

Quadro 3 – Perfil dos colaboradores

O nível de escolaridade dos pais de três dos sujeitos - Bruno, Henrique e Lucas - é até a 4ª série, 5º ano hoje, e a família passou por diversos problemas, sobretudo dificuldades financeiras ao longo da infância e adolescência dos filhos, que sempre estudaram na rede estadual de ensino. Os pais de todos os outros têm Ensino Superior completo e seus quadros familiares eram bastante diferentes, de modo que os pais ou os irmãos mais velhos davam toda a assistência necessária em casa. Entre os colaboradores, apenas Bruno e Henrique cursaram toda a Educação Básica na rede pública de ensino, sendo que Henrique precisou mudar de escola diversas vezes. Thiago estudou apenas um ano na rede pública de ensino e Leandro fez a maior parte do Ensino Fundamental na rede pública e o Ensino Médio na rede privada, sobretudo por conta de bolsas de estudo e descontos que conseguiu. Todos os outros cursaram a Educação Básica na rede privada de ensino, sendo que Lucas só pôde viver isso por causa do esforço coletivo dos irmãos que se uniram e investiram em sua educação escolar; Concomitante a isso, ele sempre conseguiu descontos nessas escolas.

As histórias de vida dos colaboradores tiveram diversas discussões, sobretudo se considerar suas trajetórias escolares. Foram notados tanto aspectos comuns entre as histórias quanto singulares. Merecem destaque as séries iniciais e atividades desenvolvidas, o material didático, o intervalo, a transição para o Ensino Fundamental II, o futebol e o uniforme.

Segundo às narrativas, o início da vida escolar é uma grande marca para alguns. Thiago, por exemplo, era bastante próximo da mãe e a entrada na escola fez com que houvesse um distanciamento dela:

Meu 1º dia de aula foi bastante ruim porque eu ficava com medo da minha mãe sair. Então a lembrança que eu tenho da escola, logo no começo, foi da minha me deixando na sala de aula. Minha mãe me acompanhou até dentro da sala de aula, e a diretora disse que minha mãe ficaria na sala dela. Eu durante muito tempo achei que minha mãe

ficava lá. Então era complicado. Aí minha mãe foi me explicando aos poucos que, como minha irmã era mais nova também, ela tinha que voltar e ficar com minha irmã, tudo mais. Então eu tinha que tentar entender, mas era complicado pra mim. Eu não gostava no começo. Nunca gostei, bem no comecinho eu não gostava de ir pra escola. (Thiago)

Esses anos iniciais são marcados também pelo afeto, sendo que nessa fase a grande maioria eram professoras, como diz Eduardo:

Eu sempre, até, vai, a 1ª e 2ª série eu era meio que ficava bastante distante dos meus pais. Então foi uma coisa meio assim, acho que, talvez por isso eu não seja tão próximo deles quanto muitas crianças são. Começou, o ingresso já na escola mudou bastante coisa. Porque como eles ficavam o dia inteiro fora, já ficavam separados, distantes. Só que na época assim, não fazia falta, porque eu era pequeno, acho que me adaptei rápido, a professora. (Eduardo)

Nas primeiras séries escolares eram para desenvolver principalmente a alfabetização e coordenação motora, através de atividades para colorir, desenhar, leituras e brincadeiras, como diz Lucas:

Lembro. Quando pequeno, prézinho essas coisas, tinha aquelas liçõezinhas básicas de colar, de pintar, tal. Minha mãe tem guardado algumas coisas até hoje. Mas eu não lembro exatamente das atividades que eram. Eu lembro que tinha mais uma coisa ou outra que fazia rapidinho e ia brincar, qualquer coisa assim. (Lucas)

Também foi indicado que esse momento está associado à socialização, já que muitas das atividades eram feitas em grupos escolhidos pelas professoras.

Apesar da diferença de nível de escolaridade dos pais e das condições de acesso à educação básica, apenas o pai de Bruno tinha explícito em seu discurso que a escola não traria contribuições para sua vida, que o destino para os filhos era continuar como ajudante de pedreiro ou trabalhando em casas de família. Isso fica bastante claro em:

Meu pai e minha mãe eles são muito, eles sempre foram muito... Não tiveram estudo. Nunca valorizaram o estudo. Para eles não é estudando que você vai subir na vida. Nunca... Acho que meu pai nunca teve isso de subir na vida. Pra ele viver é o que importa. Subir na vida ou ter um curso superior, para ele não quer dizer muita coisa. Pelo menos ele nunca chegou em mim e disse: filho, você tem que estudar pra ser alguém. (Bruno)

No entanto, Bruno sempre percebeu alguma forma de incentivo por parte dos pais para que concluíssem a Educação Básica, pelo simples fato deles não deixarem

os filhos faltarem às aulas, por exemplo. A primeira lembrança que Bruno tem de seu pai valorizando a escola se deu por uma competição travada entre ele e o irmão para ganhar um caderno:

Tudo bem que era injusto, eu era 2-3 anos mais novo que meu irmão. Mas beleza, entrei na disputa. Não tinha nada a perder, mas o nome do meu pai – João Gonçalves Pereira² –, aí o João, tranquilo, dava pra escrever tranquilo mas não valia. Tinha que ser completo. E eu não conseguia passar pelo ç. Maldito ç, odeio ç até hoje. Não conseguia passar por aquela letra. Então escrevia, tá errado, volta, volta. Tá errado, faltava o ç. Aí meu irmão passou o ç primeiro que eu. Aí ele ganhou o caderno. Essa é uma das lembranças que eu tenho, que me marca muito porque, que nem eu digo, meu pai nunca valorizou a escola, a faculdade, mas dentro tinha alguma coisa que foi nos levando, foi a estudar, a procurar ser alguém na vida. (Bruno)

Todos os outros disseram que os pais tinham a escola como um fator muito importante para os filhos, pois os estudos lhes trariam boa qualidade de vida e um bom emprego no futuro:

Eu já quis ser piloto de Fórmula 1 quando eu era mais novo e meu pai falou: “precisa estudar pra ser piloto de Fórmula 1”. Aí eu tinha que estudar. Depois eu queria ser bombeiro e tinha que estudar pra ser bombeiro. Tinha que estudar. (Thiago)

Esses pais incentivaram os estudos da maneira que puderam, através do investimento em escolas e aulas particulares, o acompanhamento das lições de casa e até mesmo em seus discursos. Em relação aos estudos, a presença dos irmãos foi bastante importante para Eduardo e Lucas, e dos primos para Thiago e Leandro.

Nas escolas de alguns, existiam muitas atividades extracurriculares e culturais, sendo bastante aproveitadas por eles, sendo isso um ponto bastante positivo, como evidenciam ao falar sobre suas escolas:

Era muito voltada para a parte cultural. Acho que até hoje é. Eles valorizavam muito, eles faziam feiras culturais, de livros, passeios bem culturais. Levavam a gente pra biblioteca, não sei o que. Achava bem interessante, bem legal, porque eu sempre gostei disso. Gostava muito de olhar, sempre fui muito curiosa. Não era uma escola que pegava muito no pé, tinha uma certa liberdade. Então acho que foi por isso que me acostumei com o sistema. (Cristina)

Gostava muito de festa junina, gostava de feira de ciências, feira cultural. Você falava de um assunto que você mesmo ia pesquisar, não era tão livre assim, mas ainda assim não era um assunto que estava na apostila. Você tinha que pesquisar pela internet, outros livros. Achava legal isso. (Thiago)

Tinha. Tinha bastante. Minha escola fazia bastante. Quanto mais você fala, mais eu fico pensando o quanto eu era nerd. Porque vários passeios assim eu não gostava. Me sentia desconfortável também. Aquele passeio que sei lá, museu a gente ia, mas todo mundo ia por ir, vai a galera, pra mim era meio que “não sei se eu quero ir”, mas eu acaba indo para os passeios que a maioria ia. Eu ia muito com o pessoal. Eu ia pra exposição. (Eduardo)

As escolas voltadas para a Educação Básica, isto é, que oferecem Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, seguem um currículo nacional, estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC) e a maneira como estão estruturadas, geralmente, se dá pela divisão das áreas do conhecimento em disciplinas. Os materiais didáticos mais utilizados pelos alunos são apostilas e livros didáticos. Existem muitas discussões acerca do assunto. Veja os fragmentos a seguir referentes ao material apostilado:

Depois que eu me acostumei eu passei a gostar bastante da apostila. Porque ela tinha tudo que eu precisava ali. Mesmo que fosse um pouco mais mastigado os professores ajudavam mais. Porque no livro você tinha coisas do livro, você lia o livro e tinha a matéria ali. Apostila não, tinha o resumo e o professor era obrigado a explicar a matéria. Acho que até hoje eu prefiro apostila. Eu gosto, eu gostei do sistema. (Cristina)

Eduardo: Eu achava fácil. Porque eu lembro que com livro... Eu tive uma hérnia inguinal, sei lá como se chama, quando eu era pequeno o cara falou “você tá levando muito peso” e eu não gostava mesmo, incomodava levar muito peso. [...] Mas, quando você é criança é aquela coisa, criança de dez, onze anos fala “não, vou levar esse, esse”, quase todos, assim, tomava o máximo de cuidado pra não esquecer nada, porque se esquecia de era aquela retaliação total do professor “você esqueceu”. Então eu nunca queria estar nessa situação desconfortável. Então eu ia com os livros. Quando teve apostila eu lembro que foi muito bom, eu falei “é bom pra caramba porque é mais leve”. Essa parte foi a que eu mais gostei. E a gente tinha assim, como já impõem pra gente que o certo, vamos dizer assim, é o método O., o método do E.. Aí quando a gente recebe a apostila, depois com o livro, a gente sente meio que “ah, estou com o material bom”. Às vezes nem sei se era, não era. Hoje eu acho que nem era tanto, mas a gente sente que é melhor também. Pelo que mostram, isso é bom... (Eduardo)

Tinha muito professor e foi um momento complicado pra mim. Porque sempre tive esse negócio de estudar em casa a matéria que eu tinha tido lá no dia, mesmo que fosse besteirinha. Sentava, fazia minhas coisas, porque sempre tinha lição de casa, aí era um negócio mais independente. O professor chegava, passava umas coisas na lousa e não tinha lição. Você fazia se quisesse em casa. Tinha lição mínima. Aí eu era meio... vi que fiquei um tanto bitolado porque falava: não vou fazer só a lição mínima, tenho que fazer tudo. Só que era muita coisa. Então eu comecei a entrar em parafuso. (Thiago)

Então, pelo que eu me lembre sempre usei apostila. Né? Mesmo depois desse colégio, depois eu mudei e sempre fui usando apostila, nunca tive problemas. Na verdade eu acabei me acostumando com o sistema, mais pra frente assim, final do fundamental, médio, já pegava a apostila e já fazia na frente do professor pra poder conversar, bagunçar enquanto ele estava fazendo coisas que já sabia. Mas nunca tive problema com livros assim. (Lucas)

As narrativas dos colaboradores indicaram tanto aspectos positivos quanto negativos de ambos os materiais, mas o mais relevante foi o fato da adaptação e do direcionamento dos estudos. Isso se mostrou bastante relevante se considerar a autonomia, sendo o caso de Thiago o único em que a adaptação ao material apostilado não foi favorável. Além disso, como sugere Eduardo, as apostilas carregam nomes de grandes empresas que são voltadas para o vestibular, consequentemente, para parte da sociedade, como foi pra ele na época, a associação do nome do grupo do material se dava diretamente com sua qualidade.

Outro ponto que foi destacado pelos colaboradores se dá em relação ao intervalo escolar. Geralmente, nas escolas, se tem um intervalo por período, em que tanto os alunos quanto os professores podem aproveitar esse tempo como bem entendem. Seja para tomar um lanche, ir ao banheiro, conversar ou mesmo descansar. Por mais que esse tempo seja curto, pode ser um momento muito esperado, como assinalado por Eduardo:

Intervalo era um momento bastante aguardado assim. [...]. A gente ia, pegava bola, jogava. Assim, quando fui ficando mais velho não tinha mais essa chance, mas eu ia e ficava com meus amigos. Era um momento bom porque ali, como é que eu posso dizer? Ali está minha zona de conforto ao extremo mesmo. Eu saio e fico com quem eu quero, a hora que eu quero, eu converso, eu vou onde eu fico a vontade. Então eu gostava bastante. Acho que era até um pouco mais uma fuga. [...] Isso era gostoso. Eu gostava bastante assim do intervalo, do recreio. (Eduardo)

Os intervalos que muitas vezes acontecem no pátio das escolas são separados para que os funcionários possam dar conta de todos os alunos, por exemplo, na história de Lucas:

O que eu não gostava era das regras desse colégio. Por exemplo, essa história de a gente ficar trancado em um pátio, trancado mesmo, de ficar um Bedel com um monte de chave na porta e você ter que pedir pra ir ao banheiro, ele destranca, passa um aluno e vai, fica aquela fila, quando o aluno volta que o outro pode ir no banheiro. Isso eu achava meio, não sei, não gostava, não sentia bem com isso. (Lucas)

No entanto, isso não acontecia em uma das escolas de Thiago:

Na escola a gente tinha que levar lanche de casa e aí tinha um lugar pra você comer, mas era livre. Tinha mais de um pátio na escola, era muito grande. Ficava aberto uma quadra, três pátios, tinham umas mesas espalhadas lá pra gente comer. Mas em geral não tinha um lugar que eles forneciam uma refeição. [...] A gente era solto no intervalo. [...] Tinha inspetores, mas é muita criança. Hoje em dia eu entendo que eles não conseguiam dar conta do tanto de criança que era não. Na época eu não reparava nisso, mas hoje em dia, lembrando, eram poucos inspetores, um por pátio. Era complicado. (Thiago)

Essa separação no intervalo também acontece por ciclos, até a 4ª série, atual 5º ano, até a 8ª série, atual 9º ano e o Ensino Médio, podendo ser que aconteça junto. Para Henrique, isso foi bastante marcante:

Vamos lá, da 4ª pra 5ª série. Bom, tem aquela coisa de maturidade entende? De você estar na escola e falar “agora eu não sou mais criança”. Era uma motivação. Não deixava de ser uma motivação. Porque de fato você no intervalo, tinha diferença, o intervalo da 4ª série era diferente, da 5ª até 8ª, então a gente pensava que a gente era mais adultinho. Essa coisa é positiva pra gente. (Henrique)

Nesse sentido, é importante resgatar a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, um momento evidenciado por todos os colaboradores em suas trajetórias escolares.

A mudança da 3ª pra 4ª série parece normal, porque está no mesmo andar. Porque tem isso, 1ª a 4ª é uma coisa, 5ª a 8ª parece que a escola é dividida. Assim, é bem fracionada. Não parece que é da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, 1ª a 8ª vamos dizer assim, ou 9º agora. Parece que 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª. Então é como que se fosse um pré Ensino Médio. Então da 4ª pra 8ª já tinha uma coisa assim, “puta, vou entrar na 5ª agora”. Era diferente a sensação. [...] Ah, na escola acho que a partir desde a 4ª, 5ª assim já começa a olhar um pouco mais pra menina x ou y. (Eduardo)

Foi meio esquisito porque eu saía de uma unidade para ir pra outra, que era pra ir pra unidade do pessoal mais velho. Então tinha Ensino Médio de manhã e Ensino Fundamental II de tarde. Então o horário que eu entrava era o horário que o Ensino Médio tava saindo. Uma criança de onze anos da 5ª série junto com o pessoal de 17 do 3º ano. Era meio estranho. [...] A única coisa que mudou que era bem diferente foi a quantidade de matérias e professores. Porque era um professor pra matemática, um pra português, um pra história, um pra geografia, um pra ciências. Aí era complicado. Eu lembro que mudou o sistema. Antes era livro e aí entrou apostilado. Então entrou aquelas apostilas, eu ficava perdida. (Cristina)

Teve dificuldade sim. Da 4ª série pra 5ª, ainda na escola X, trocou para material apostilado, P., não sei nem se podia falar, já falei. Aí

seguinte, começou a dividir e eu tinha 10 professores que era geografia, história, português que era gramática, literatura... (Thiago)

Já tenho mais vontade de ir. Tem essa questão de você gostar das meninas [...]Então, na 5ª série foi legal porque lá tinha o campeonato interescolar, e tinha o time da 5ª série que era a seleção da escola, e eu estava nesse time. Então tinha essas motivações. Eu não lembro de me sentir motivado em ir pra escola aprender, é como eu disse, nunca a escola foi um negócio de eu ir lá pra aprender. É mais essa questão social, as vezes que dava vontade de ir. [...] Eu queria driblar todo mundo e fazer o gol. (Henrique)

Com exceção de Cristina, a única mulher que participou da pesquisa, todos os outros colaboradores comentaram da importância do futebol na época da escola, sendo que muitas vezes essa era a grande motivação para ali estar:

E no esporte eu era também muito agressivo. Eu sempre quis me destacar, sempre pedi a bola, sempre recebi o apelido de fominha, eu queria marcar o gol, não tinha essa. Eu queria driblar todo mundo e fazer o gol. (Henrique)

Jogava bola o dia inteiro quando eu estava no colégio. Tanto no EF quanto no colegial eu jogava o dia inteiro. É que eu relaciono mesmo a escola com essa parte de estudo. (Thiago)

Porque até então, nessa época eu jogava bola. Jogava bola profissional, queria ser jogador. Treinava... [...] Eu lembro que perto da 8ª série foi a época que eu tive de decidir o que eu ia fazer. Comecei a estudar e por mais que eu quisesse jogar bola, sei lá, é meio difícil dar certo. Mas eu tava encaminhado já pra federar no Nacional. Aí desisti, foi um choque pro meu pai, ele queria que eu jogasse bola. Até hoje quando fala de jogar bola ele fica meio bravo porque eu não quis ser jogador. (Leandro)

Minha intenção na escola era jogar bola. Então eu ficava a tarde inteira jogando bola, claro que na época do fundamental II tinha freira na escola, aí tinha treino na escola, aí tinha treino dos meninos e das meninas. Obviamente a gente ficava assistindo o treino das meninas, zoando e coisa do tipo. (Lucas)

Várias vezes a gente pulava lá o muro e ficava jogando bola na quadra e o professor ficava gritando da janela. Então assim, eu lembro do professor de inglês chamando a gente de volta pra sala. (Bruno)

Na minha escola tinha jogos no meio do ano. Tinha Educação Física. Tinha... Só que assim, alguns jogos assim eu já não gostava. Por ser reservado eu tinha vergonha de tudo e não quero fazer nada. Então qualquer competiçãozinha eu já ficava encabulado, não me sentia a vontade. Quando saía daquela zona de conforto com seus amigos pra ir pra um time diferente, ou brincava outras pessoas, eu já sentia desconfortável na época. Onde eu me sentia confortável era jogando futebol com os amigos da escola. (Eduardo)

Uma característica da escola é o uniforme. Algumas das razões para a utilização do uniforme pelos alunos são a segurança, a propaganda da escola e a minimização de algumas diferenças, sobretudo se considerar condições financeiras. No entanto, o uniforme pode ser visto pelo aluno como algo bom ou algo ruim:

Bom, quando eu era pivete é... minha mãe reforçava, básico, os joelhos. Porque estourava todas as calças me jogando no chão, arrastando pelo chão. [...] nunca me importei de usar uniforme não. Pelo contrário. Depois no Ensino Médio que podia usar roupa normal muitas vezes eu usava bermuda do uniforme que eu tinha da época do fundamental pra ir pra educação física, a camiseta. Continuei usando muito tempo, mesmo sem precisar. (Lucas)

Não gostava dessa coisa de “você tem que comprar o uniforme”. Eu sempre me questionei desde pequeno assim “por que eu tenho que comprar uniforme porra?”. Ah, dane-se que é bom pro colégio, eu não gostava, não gostava. Queria ir com qualquer roupa e gostei quando liberaram. Mas eu acho que eu estava numa fase tão de confronto. Eu lembro que fazia calor e eu ia de chinelo. E eles já falavam “não, mas chinelo não pode”. Eu falava “pô, que diferença faz eu vir de chinelo ou vir de tênis?”, eu falava “qual que é o problema, e se eu tô com o pé machucado?”, eu enchia o saco. Mas muito mais confrontando do que agregando na época. (Eduardo)

Os diversos pontos destacados das entrevistas narrativas autobiográficas dos colaboradores, como por exemplo, as séries iniciais, os materiais, o uniforme, o futebol, as atividades culturais, as atividades culturais e a relação da família com os estudos são importantes para se pensar fatores que são vividos por todos dentro da escola, muitos que nem sempre se tem consciência.

Nesse capítulo, foram retomadas suas lembranças, essas que contribuem para a construção dos seus perfis e também para o delineamento das suas trajetórias. No próximo capítulo serão estabelecidas discussões acerca das situações vividas por esses sete licenciandos que ajudam a responder às questões de interesse da pesquisa.

CAPÍTULO 3 – O QUE O SUJEITO FAZ COM AQUILO QUE A ESCOLA LHE FEZ: ANÁLISES DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS COLABORADORES

*Nove e nove? Eu: dezenove!
Eu só sabia rimar
Dava a mão a palmatória
Mas não dava o meu pensar
Matemática de poeta
Quem erra depois acerta
Quem acerta pode errar
E eu cá dentro da escola
Comigo falava só
De agora em diante
Eu quero um livro bem melhor
(FIDELIS, 2015)*

Todos os colaboradores narraram suas histórias de vida por meio de entrevistas narrativas autobiográficas. Esse capítulo é uma tentativa de responder às duas perguntas centrais da pesquisa a partir das histórias narradas. Ao responder uma pergunta, existe a objetividade de quem fala, já que esse constrói um discurso com base nas próprias referências, mas também no constructo que faz daquilo que o perguntador quer ouvir. Por isso, houve uma tentativa em buscar aspectos relevantes apontados pelos colaboradores ao longo das suas histórias, isto é, para além das respostas objetivas.

Conforme já assinalado, as questões que estruturam a pesquisa são O que a escola faz com os sujeitos? e O que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?. Da maneira como foram colocadas estão relacionadas com as dimensões do tempo presente da escola como aluno e o pós-escola. A aproximação das histórias com essas duas questões centrais será feita a partir das seguintes discussões: *os sentidos da escola, a relação com a matemática e os projetos pessoais*.

3.1. Sentidos da escola

Para ajudar a pensar a questão do sentido, vale recorrer ao pequeno texto que segue:

O sentido de nossas ações é instável, chega ou se vai a qualquer momento. Nunca o temos definitivamente, nem é tarde para encontrá-lo. Mantê-lo vivo exige delicadeza, atenção, sutileza. Localmente, é

possível ver sentido em cada ação imediata: ir ao trabalho, estudar, procurar parceiros para os projetos e cúmplices para a vida. De modo mais amplo, não é simples vislumbrar a racionalidade das ações pessoais, nem um sentido último para a vida. É possível viver sem se preocupar com isso; em geral o fazemos, até deparar com uma experiência crucial: a morte de uma pessoa próxima, um desencontro profissional ou amoroso, um episódio que mina nossa fé na justiça ou nas pessoas. Emboscada por sentimentos de desilusão ou de tristeza, a razão fraqueja e a vida perde o sentido. Entregar-se à armadilha é um luxo de minorias: para escapar, no entanto, não se pode negar o que se sente. A vida é sentimento e somente uma razão sensível pode subsistir. Decididamente, o que não é sentido, não faz sentido. (MACHADO, 2009, p.33)

A questão do sentido, como foi colocada, está tanto nas ações imediatas quanto no decorrer da vida. Vale destacar que existe grande aproximação entre sentidos e projetos, pois, como foi visto, se o sentido é bastante pessoal e não se pode sentir pelos outros, o mesmo acontece com os projetos, uma vez que não se pode ter projetos a não ser para si mesmo, ainda que existam projetos coletivos.

Sendo inviável esgotar a questão dos sentidos da escola, já que existe uma infinidade de alunos, foi feita uma seleção a partir das sete narrativas. Essa seleção se deu devido à intensidade e à frequência com que os apontamentos foram feitos pelos colaboradores. Mediante a análise das narrativas, foi possível perceber que os principais sentidos atribuídos à experiência escolar dos colaboradores foram *a relação com o saber, as relações sociais e a diversão*. Esses sentidos são todos interdependentes, principalmente se considerar quem os sente.

É impossível pensar em uma única escola para todos, tendo em vista que essa não se constitui apenas por sua estrutura física, mas também pelas condições históricas, políticas e por seu público, por exemplo. Nesse sentido, alguns cuidados também foram tomados com as narrativas, já que

Narrar-se é sistematizar os tempos vividos sem a precisão dos minutos do relógio, mas do tempo interior. A princípio, o processo de se narrar pode parecer uma mera disposição a pensar de forma retrospectiva [...]. Entretanto, esse processo de produção de uma narrativa cujo protagonista é o *EU* recupera aspectos que são fruto do tempo narrativo, tempo do passado permeado das impressões do presente, por isso pode-se afirmar que a narrativa final traz vários *EUS*. São realizados inúmeros desprendimentos, afastamentos e apoios em diferentes marcos (calendário escolar, familiar, grupo de amigos, religião etc.) [...] cabe considerar a articulação existente entre a vida do sujeito que narra e os tempos sociais uma vez que a vida em sociedade implica em que todos entrem em acordo no que concerne

aos tempos e às durações. [...]O tempo que é dividido da mesma forma para todos os membros da sociedade ganha singularidades segundo o gênero, a classe social, o espaço social em que se vive entre outras inserções do sujeito. (GALLEGO, 2010, p.31)

Dessa maneira, de acordo com a autora, ao recuperar as histórias de vida, sobretudo a dinâmica escola, é preciso considerar os aspectos da objetividade e da subjetividade, bem como aqueles da ordem social. Ao pensar a própria história, são acessadas marcas temporais, essas que muitas vezes coincidem com episódios assinalados pelo calendário social, como por exemplo, as férias e as festas escolares, que geralmente são comuns a todas as escolas, ou ainda, o horário de entrada e saída na escola. Entretanto, o uso e a interpretação que se tem disso são únicos, se considerar a trajetória e os valores de cada um.

Tanto as sete histórias, quanto o *Quadro 3 – Perfil dos colaboradores*, apresentado no capítulo anterior, ajudam a pensar aproximações entre as vidas dos colaboradores. Apesar de serem histórias bem específicas, essas não se limitam apenas aos sujeitos, conforme destacado por Ferrarotti:

A formulação de Sartre parece-nos aqui a única possível. O homem – acrescentaremos: o homem inventado pela revolução burguesa – é o **universal singular**. Pela sua práxis sintética, singulariza nos seus atos a universalidade de uma estrutura social. Pela sua atividade destotalizadora/retotalizadora, individualiza a generalidade de uma história social coletiva. Eis-no âmago do paradoxo epistemológico que nos propõe o método biográfico. Já não podemos confrontar o que um ato ou a história de uma vida têm em comum com os atos e as histórias de outros indivíduos – o geral que, só ele, seria conhecimento científico – a tudo o que esse ato ou história conserva de absolutamente específico – a unicidade que nunca seria ciência, e sim resíduo pré-científico inexplicado, acaso. Uma antropologia social que considera todo o homem como a síntese individualizada e ativa de uma sociedade, elimina a distinção do geral e do particular num indivíduo. Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação **singular** do **universo social** e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual. (FERRAROTTI, 2010, p.45)

A discussão travada por Ferrarotti é bastante importante uma vez que possibilita pensar as questões da escola não apenas para os sete colaboradores que participaram da pesquisa, mas também para o mundo além deles. Isso porque existem outras pessoas com características semelhantes as dos colaboradores, como por exemplo, traços da personalidade, as dificuldades enfrentadas para o ingresso e a

permanência no Ensino Superior, a opção pelo curso de Licenciatura e a influência dos professores, as lembranças que se tem da escola, os projetos pessoais, entre outros.

É fato que cada ser é único, consequentemente sua experiência também é. Entretanto, há muitas formas de aproximações por aí, para além do singular aqui apontado. Os colaboradores da pesquisa têm suas trajetórias de vida próximas se for considerado o período em que nasceram, a cidade de São Paulo – local onde todos residiram ao longo das suas vidas –, período que cursaram a etapa da Educação Básica, o ingresso e a permanência no Ensino Superior na USP, mais precisamente no IME, devido ao curso de Licenciatura em Matemática. Se, por um lado, existe essa aproximação das suas histórias, por outro lado, existe um distanciamento decorrente das suas situações biograficamente determinadas (SCHUTZ, 2012).

3.1.1. A relação com o saber

Seria a escola o lugar do saber? O termo *saber* pode conduzir a diversas vias do pensamento. Existem diversos tipos de saberes, por exemplo, os saberes inatos, saberes profissionais, o saber fazer, entre outros. No entanto, a fim de evitar a divergência do termo, para a discussão feita, serão considerados os seguintes aspectos por Bernard Charlot:

A relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como *conjunto de significados*, mas, também, como *espaço de atividades*, e se inscreve *no tempo*. [...] O mundo é dado ao homem somente através do que ele percebe, imagina, pensa desse mundo, através do que ele deseja, do que ele sente: o mundo se oferece a ele como conjunto de significados, partilhados com outros homens. O homem só tem um mundo porque tem acesso ao universo dos significados, ao “simbólico”; e nesse universo simbólico é que se estabelecem as relações entre o sujeito e os outros, entre o sujeito e ele mesmo. Assim, a relação com o saber, forma de relação com o mundo, é uma relação com sistemas simbólicos, notadamente, com a linguagem. [...] Analisar a relação com o saber é estudar o sujeito confrontado à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é *relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros*. (CHARLOT, 2000, p.79)

Referente à citação apresentada, vale destacar o que o autor entende como relação com o saber, sendo essa a relação com o mundo, a relação consigo mesmo e a relação com os outros. Muitas vezes, apesar de se tratar das mesmas questões e situações, os colaboradores tiveram interpretações e aprendizagens diferentes, sobretudo

do que é aprender, ou ainda, o que era estar na escola. Nessa perspectiva, para analisar a relação com o saber, é importante tê-la como uma relação que é, ao mesmo tempo, simbólica, ativa e temporal de um sujeito singular que se inscreve num espaço social.

De acordo com Bruner (2001), a construção do conhecimento, em qualquer área, se faz a partir de narrativas bem estruturadas. Desde pequenos, temos contato com fábulas, contos de fada ou histórias da família, até que começamos a contar nossas próprias histórias, falamos das nossas e das experiências dos outros. Somos todos contadores de histórias.

A escola contemporânea passou por diversas reformas para chegar à configuração dos dias de hoje, mas nem sempre foi assim. A instituição escola, tal como é conhecida nos dias de hoje, é carregada de algumas marcas e alguns símbolos, sobretudo se considerar aspectos físicos, temporais e sociais. É muito difícil pensar a escola sem um prédio, salas de aula, quadro negro, carteiras, caderno, apostila ou livro didático, equipe de direção e coordenação e muito menos sem um corpo docente e alunos. No entanto, além desses aspectos salientados, existem também currículos que norteiam as atividades escolares. Para o funcionamento de uma escola há tanto exigências externas, a partir das Leis de Diretrizes e Bases do MEC, e orientações, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quanto normas internas, por meio do Projeto Político Pedagógico da escola, muitas vezes o Projeto Pedagógico.

O trecho a seguir é bastante sugestivo para à discussão acerca dos saberes escolares, que também estão relacionados à cultura escolar e o currículo escolar:

A separação na educação escolar entre os processos da vida imediata e os processos educacionais leva facilmente a uma institucionalização da escola [...]. Essas duas tendências têm sido seguidas pelas duas vertentes do currículo escolar original: a da cerimônia religiosa e a das lendas tribais. Quando a escrita foi inventada, as lendas tribais podiam ser escritas. Essa invenção, somada ao crescimento do pensamento, levou ao crescente acúmulo do material literário. Consequentemente, o dever da escola tornou-se ainda maior, não apenas por ter que ensinar a ler e a escrever, mas, em especial, por ter que transmitir a cultura literária acumulada. (KILPATRICK, 2011, p.59)

Tendo como referência o apontamento por Kilpatrick, a escola se legitima por sua relação com o saber, alcançado por meio de diversas disciplinas escolares. Para Henrique, a escola foi um lugar muito difícil se considerar a relação com o conhecimento. Sempre apresentando dificuldades, principalmente quando se refere à

leitura e interpretação, até hoje esse quadro, para além da Matemática, não é muito diferente. Isso fica bastante evidente em sua fala:

Pra você ter uma ideia, tudo eu tinha dificuldade. Por exemplo, em decorar as coisas. Eu ia no mercado, por exemplo, se minha mãe não escrevesse as coisas que eu tinha pra comprar eu sempre voltava pra casa esquecendo de alguma coisa. Eu não estou falando de ir no mercado comprar 10 itens, 5 itens. Eu ia no mercado comprar 3 coisas e voltava com 2 coisas, ou só 1. Era pra comprar pão, tinha que comprar, sei lá, 12/13 pães. Chegava lá eu ficava pensando: “quantos pães eu tenho que comprar mesmo?” (Henrique)

Um fato que pesou bastante na vida escolar de Henrique foi uma retenção que teve na 2ª série do Ensino Fundamental.

Bom, enfim, eu repeti a 2ª série do ensino fundamental. Nunca ouvi ninguém dizer isso. Isso foi pra minha mãe uma decepção muito grande e eu tenho isso até hoje cara. Essa coisa de eu ter decepcionado ela demais. [...] Ela falou: “oh, sai da minha frente senão eu sou capaz de te matar”. Entrou pro quarto e não saiu mais de lá, só à noite. E isso foi muito forte. Eu tenho essa lembrança até hoje. Desde então eu falei pra ela, falei pra mim que não ia decepcioná-la em relação aos estudos. (Henrique)

Para ele, a escola sempre foi associada à obrigação, “Eu não tinha essa mentalidade de ir pra aprender. Sempre foi essa coisa de obrigação. Criança tem que ir pra escola então eu estou cumprindo com minha obrigação. Mas eu nunca associei a escola com um lugar que eu tenho que aprender”. Porém, se lá ele não conseguia se destacar por ter um ótimo rendimento escolar, a habilidade no futebol ou força eram suas maiores aliadas, e assim se envolvia em brigas com outros alunos. Isso tudo começou muito cedo,

Cara, pra ser bem sincero, o que eu lembrava, desde o prézinho, era que eu sempre tinha uma gangue. Tinha uma ganguezinha assim de amigos e eu era rival de um tal de C.*. E cara, era o tempo todo a gente combinando briga, brigas e brigas e brigas. (Henrique)

Nessa 5ª série foi bem interessante porque eu entrei numa sala de aula que tinha muito bagunceiro e era meio as pessoas que mandavam na escola. E eu estava no meio. Então assim, eu falei “beleza, me achei, agora eu estou num ambiente que gostaria, que sempre curti, de mandar, de querer ser o pá, o gostosão, de ser o mais forte”. Depois eu fiquei pensando sobre isso. Eu acho que eu meio que queria... Me falta vocabulário. Acho que a falta da leitura é tão evidente que eu não tenho vocabulário, as vezes quero me expressar e não sei me expressar. Como é que eu posso dizer? Acho que essa agressividade minha... Como é que é? Eu sou burro pra caramba, não consigo me destacar na escola, entende? Mas eu tenho que me destacar em alguma

coisa. E como eu tinha esse lado agressivo, era meu forte, as pessoas tinham medo de mim, eu cada vez mais... (Henrique)

Henrique disse ter grande admiração pelos colegas mais inteligentes, mas tinha muita dificuldade. Durante toda a Educação Básica nunca conseguiu entender como funcionava o processo de interpretação e para ele as pessoas tinham maior ou menor capacidade de memorização, o que lhe causou grande trauma.

Vamos supor, a gente vai ter prova de história. [...] A prova era o seguinte: “vai cair umas 10 questões daquele questionário”. Então em casa, quando eu falava que eu ia estudar, eu decorava todas as questões, eu não consegui associar nem a resposta com a pergunta. Pra você ter uma ideia eu chegava na prova e respondia uma questão bonitinha assim, mas só que essa resposta era de uma outra pergunta. (Henrique)

Eu lembro de algumas coisas, tipo, aula de história, vamos copiar. Eu tô copiando e tô pensando na minha vida, entende? [...] Eu lembro daquele silêncio na sala de aula o P. virava e falava “professora, eu não concordo muito com esse seu último parágrafo”, ela “qual?”, e ele lia o parágrafo pra ela e eles começavam a debater. Gente, pra mim aquilo era uma coisa absurda, eu falava “mew, como o cara consegue entender?”. [...] Eu queria ser um P. da vida. Mas não conseguia. (Henrique)

Eu pensava que ele tinha um poder de decorar maior do que eu. O capeta que tirava sempre A, eu pensava “o capeta é foda, ele decora muito. Como ele consegue decorar tanto?”. (Henrique)

Durante o Ensino Médio, Henrique precisou trabalhar para ajudar em casa e isso atrapalhou os estudos que se fazia importante pelo diploma da Educação Básica que estava associado à entrada no mercado de trabalho.

A escola era aquela coisa “tenho que pegar esse diploma do 3º colegial que eu vou ser o cara”, porque naquela época ainda era assim. As pessoas que tinham faculdade naquela época, pô, se o cara era engenheiro o cara ia trabalhar com engenharia, se você era economista você ia ser economista, isso era certo. Não é que nem hoje. Hoje tem muita gente formada no mercado. Então se você faz matemática isso não significa que você vai ser professor, engenharia não necessariamente você vai ser engenheiro. Então naquela época quem tinha um curso superior era top, mas quem tinha o 3º colegial já era o suficiente. Então eu não via a hora de pegar esse diploma. (Henrique)

Depois da conclusão do Ensino Médio, Henrique não tinha qualquer pretensão de voltar a estudar, até que, a partir de novas amizades, percebeu a necessidade de dar continuidade aos estudos e o critério para escolha do curso de nível superior – Licenciatura em Matemática – foi a facilidade que tinha em Matemática na

época da escola. Hoje, ao fim da sua graduação ele reconhece a importância dos saberes das disciplinas da Educação Básica e tem em seu projeto pessoal fazer cursinho para suplantando algumas lacunas culturais.

Eduardo, com perfil bastante reservado, tinha a escola como lugar de grandes desafios, fosse por questões de socialização ou pelos conteúdos disciplinares. Mesmo assim, essa experiência foi importante porque contribuiu para o seu desenvolvimento em vários aspectos, sobretudo a autonomia e por seu jeito de questionar as coisas e buscar o conhecimento,

Isso, no Ensino Fundamental. Eu sempre fui muito por conta. Eu sempre tentei aprender o máximo por conta. Eu não pedia muita ajuda. As dúvidas eram na escola mesmo, mas mesmo com os amigos eu não tirava as dúvidas quando estava no Ensino Fundamental. Eu era muito pelo que eu sabia e pelo que eu conseguia aprender. (Eduardo)

Com um pouco mais de idade, no Ensino Médio, Eduardo começa a associar a escola às aulas e aos conteúdos. Para ele, era importante que o professor tivesse domínio da matéria e conseguisse convencer seus alunos. No entanto, não era o que acontecia sempre:

Porque eu não gostava, tinha muito professor que eu achava fraco e quando você tá no 1º colegial você tem muito mais essa percepção. Você começa a questionar coisas. [...] Assim, você acha ruim seu professor falando coisa que você não gosta. Você começa a questionar. Os professores não estão preparados para questionamento, os que eu tive não estavam. Eles não sabiam responder. Era muito “não, é assim e pronto, o que você está falando é errado”. Eles não conseguiam argumentar comigo. (Eduardo)

O Ensino Médio na vida de Eduardo é marcado por muitos questionamentos, sobretudo por causa de alguns professores, tanto por reconhecer seu desempenho, quanto por incitar o desejo em aprender e até mesmo confrontar, isto é, não aceitar tão facilmente as coisas:

O professor tinha o argumento de “você precisa aprender por causa do vestibular”. Você não precisa aprender, não sei, não precisa aprender sobre a ditadura porque isso aqui vai acontecer de novo, pode acontecer de novo, não sei. Você não precisa aprender matemática por causa de sei lá, todos os modelos físicos e de previsões e de eventos naturais acaba tendo matemática. Não, é porque vai cair no vestibular. (Eduardo)

Eu podia ser aquela pessoa introvertida, mostrando trabalho que ele ia reconhecer. Eu não precisava ser o cara que... É que nem eu falo hoje no trabalho mesmo, você não precisa ser aquele palhaço pra ser

reconhecido, eu quero ser reconhecido pelo meu trabalho. Eu acho que esse professor reflete muito disso. Ele reconhecia o que eu fazia. (Eduardo)

Eu lembro de um professor que hoje, assim, minha cabeça não bate nada com a dele, totalmente, mas ele fazia a gente se posicionar. Ele fazia bastante que ele era de esquerda, professor de história, bem assim, tem aquele jeito mais de ser de esquerda, então ele confrontava muito que a realidade do mundo está um pouco mais de direita. [...] ele foi uma pessoa que me fez questionar muito. O jeito questionador que eu tenho é por causa dele. (Eduardo)

Leandro, a partir da 5ª série passou por alguns problemas familiares, perdeu uma tia bastante próxima e isso fez com que começasse a ter dificuldades de aprendizagem, pois sua estima estava bastante baixa. Na 8ª série, começou a participar de um Projeto de Física em uma instituição religiosa que frequentava e ao entrar no Ensino Médio, percebe uma mudança em relação à visão que tem da escola, para ele “Agora era pra aprender”, sendo que antes “Pra ir, porque tinha que ir. Não tinha interesses assim, naquele finalzinho da 8ª série que começou a ser pra aprender mesmo.” (Leandro). Se até então, um dos seus projetos era se tornar jogador de futebol, isso é substituído por dar continuidade aos estudos:

É, foi quando eu comecei a ver os resultados desse projeto. Primeiro que eu comecei a aprender e segundo que eu comecei a ver que eu estava fazendo coisas que não era todo mundo que entendia. Então eu comecei a ver que eu tinha uma facilidade. Apesar de não ter me ligado em estudar desde cedo eu conseguia ver coisa a mais do que o pessoal que estuda, que já estudou. Esse é o fato, “acho que eu tenho um futuro aí depois da escola”, porque até então se eu fosse jogar bola, eu teria até o ensino médio e olhe lá. Aí tive esse despertar com isso. (Leandro)

Por mais que Bruno fosse um garoto levado, ele sempre associou a escola como um lugar de realização, era onde podia se destacar e ser bem sucedido. Segundo ele, a escola que estudou em São Paulo sempre foi tida como uma das melhores da região e nunca não lhe apresentou grandes desafios. Junto dos dois irmãos, os três se destacavam e eram os melhores das suas turmas. Devido o bom desempenho dos três, fizeram uma prova de reclassificação e conseguiram adiantar uma série. Outros alunos também tentaram a reclassificação, mas não conseguiram.

Certa vez, durante as olimpíadas de 1996 em Atlanta os professores decidiram aproveitar o momento como uma oportunidade para ensinarem conteúdos de outras culturas fazendo uma *Olimpíada Escolar* para além dos esportes. Os três irmãos

foram os melhores das suas séries e cada um ganhou uma medalha de ouro. Aquele foi um momento de grande emoção porque foi um dos únicos que houve reconhecimento do seu pai:

Foi uma conquista. Tanto que quando a gente chegou em casa, me lembro até hoje, meu pai comprou, a comemoração das famílias pobres, meu pai comprou tubaína. Comprou a tubaína pra gente tomar e ficou muito feliz. Uma das raras vezes que meu pai ficou feliz com nosso desempenho. [...] aquele ato, aquela tubaína dividida fica na mente até hoje de algo que a gente deu orgulho para o nosso pai. Por isso foi muito bom pra gente aquele dia. (Bruno)

Esse não foi o único caso de reconhecimento, outro, talvez tão emocionante quanto, foi quando um professor o elogiou diretamente:

Pensa que você tem um professor que não conversa com a sala, é bravo, que fez o moleque correr a escola inteira sem roupa e não foi mandado embora, porque o cara era forte, ele era bravo mesmo. E ele chega do seu lado, senta... Meu amigo foi na lousa resolver um exercício, ele sentou no lugar do meu amigo, do meu lado, olhou pra mim e falou: passa cola pra mim também? Aí eu falei: como assim professor? Ele falou: eu sei que o que ele tá fazendo na lousa foi você que ensinou pra ele. Eu falei: não professor, não foi não. Ele falou: você é bom moleque. Levantou e foi embora. Um cara que nunca conversou com você. Então marca muito sabe? Você fala: poxa, será que é verdade? Então isso fica guardado. (Bruno)

Mais adiante, já no fim do Ensino Fundamental II, seu empenho também foi reconhecido por uma professora de Ciências:

Ela viu que o trabalho estava bom e viu que a gente podia compartilhar com outros adolescentes. Ela que começou a sugerir a outros colégios. Se eles quisessem ela tinha uma boa apresentação sobre aquele tema. Olha como você fica orgulhoso de você quando uma professora sua pega o seu trabalho e fala pra você que ela não te deu um 10. Ela está te dizendo que aquele trabalho serve pra ir apresentar em outra escola, claro, apresentamos na nossa escola também pra todo mundo e outras escolas. Eu me lembro de ter umas 2 ou 3 escolas, entendeu? Não fomos em mais porque começou a dar problema. Você tem que deslocar, levar... Uma escola pública e os alunos não tem condição de pagar fica difícil pra escola. Você fica muito orgulhoso. Você fala: fiz algo que minha professora gostou, não é um 10, ela gostou porque me deu 10. É algo que ela acha que tem que ser repassado. Então foi muito importante pra gente. (Bruno)

Esses e outros momentos fizeram da escola um lugar de desejo para Bruno, ficando evidente no seguinte trecho da sua fala:

Não, não estava sempre rodeado pelas meninas. Era um cara comum pra feio então não tava sempre rodeado pelas meninas. Porém a

escola, era como eu comentei, eu era bem sucedido. Era ali que, na minha opinião, eu me saía melhor, ou jogando bola, que eu também gostava. [...] na escola eu fazia amizade com algumas meninas que viam em mim aquela qualidade de ser inteligente, na minha opinião, humilde opinião, mas então eu me achava bem sucedido ali na escola. Me achava bem sucedido. Isso chamava atenção, chamava atenção de outras pessoas. [...] A maioria das minhas namoradas foram na escola, inclusive a minha esposa eu conheci na faculdade. Era ali que, talvez, eu tinha algo pra ser admirado a mais do que eu teria fora. [...] Por isso que a escola era um bom lugar de estar, porque era ali que eu me achava bem sucedido. (Bruno)

Depois de ter conhecido tanto a rede pública de ensino quanto a rede privada, ele reconheceu diferenças em relação à aprendizagem, já que “Na escola pública então eu vi que a escola não ensina. A escola não ensina. Eu vi professora falando coisa errada em sala. Fiquei até meio chateado” (Bruno).

Cristina sempre foi boa aluna e sempre participou de todas as atividades desenvolvidas na escola. Porém, a entrada no Ensino Médio veio acompanhada de muitas dificuldades, principalmente pela fragmentação disciplinar:

O Ensino Médio foi bem diferente do Fundamental. O Fundamental pelas minhas notas eu era uma boa aluna. Chegou no Ensino Médio e aquele monte de matéria. Tinha três professores de física, dois de química. Eu olhei e falei “o que é isso? Vários professores de várias coisas”. Foi muito diferente, tanto que eu fiquei de recuperação de matemática. Tinham dois professores de matemática e três de física. Física eu fiquei de recuperação, todas as matérias que eu tinha mais facilidade. Eu falei “não, agora calma aí, tenho que estudar mais isso daqui”. Foi isso. No 3º ano que eu fui me acostumar com o Ensino Médio que aí eu falei “tá, já estou acostumada, são os mesmos professores”. Já sabia que teria 500 professores de uma coisa, 500 de outra, comecei a me acostumar e falei “agora vai”. Mas só no 3º mesmo que eu fui me acostumar. 1º ano foi difícil, acho que o mais difícil deles. (Cristina)

Para sanar suas dúvidas e melhorar sua aprendizagem, Cristina precisou fazer aulas particulares. Disse que quando estava se adaptando ao novo sistema de ensino do Ensino Médio, terminou a escola.

Já Thiago, nunca teve grandes problemas em relação à aprendizagem enquanto estava na escola. Inclusive, para ele, a escola era um lugar associado à aprendizagem.

Gostava muito de festa junina, gostava de feira de ciências, feira cultural. Você falava de um assunto que você mesmo ia pesquisar, não era tão livre assim, mas ainda assim não era um assunto que estava na

apostila. Você tinha que pesquisar pela internet, outros livros. Achava legal isso. Jogava bola o dia inteiro quando eu estava no colégio. Tanto no Ensino Fundamental quanto no colegial eu jogava o dia inteiro. É que eu relaciono mesmo a escola com essa parte de estudo. (Thiago)

No entanto, aprender para ele transcende os conteúdos disciplinares

mas a diferença grande diferença do cursinho pra faculdade que eu tenho hoje comigo essa concepção é que.... do cursinho pra escola... é que na escola a gente não tem só conteúdo pra aprender. Na escola a gente tem que aprender coisas pra vida mesmo. Tanto em relações com seus amigos quanto nas relações que você tem com os professores, na direção. Até um pouco as relações políticas. Você dá importância com o que é seu, um exemplo: “Tem o grêmio da escola e você dá uma importância para votação”. Tem coisas que não te preparam só pra passar no vestibular. No cursinho o foco é esse, é você passar no vestibular. Os professores estão lá pra fazer você passar no vestibular. Não estão lá pra te dar um exemplo, por exemplo: “Que você não pode falar palavrão pro aí, ou que você tem que se comportar de determinada forma”. Não. No cursinho vale tudo pra você decorar uma fórmula, vale tudo pra você passar no vestibular. Na escola não é assim. O professor tem uma certa postura que ele tem que tomar. A direção cobra a postura do professor. Falo isso até por um caso que eu tinha um professor que era homossexual. No colégio ele não assumia pra gente porque era uma coisa que a direção não queria. Dava pra ver, tanto que anos mais tarde, depois que eu saí da escola, ele foi demitido inclusive por abrir isso pra sala de aula. (Thiago)

Já Lucas, nunca teve problemas em relação à escola, sobretudo em questões de aprendizagem. Inclusive, para ele, “Aprendi, mas curti demais. Hoje se eu pudesse voltar eu curtiria o dobro e aproveitaria o dobro né? Eu aprendi muita coisa. Muita coisa que eu sei hoje eu lembro das aulas que os professores do Ensino Médio me deram”. Ele teve a escola como fator determinante na sua vida:

Fundamental muita amizade, porque eu tenho os amigos que eu tenho hoje muitos foram formados ali, então no fundamental até a 8ª série amigos. Ensino médio, puta, ensino médio como eu já falei foi a melhor época da minha vida assim. Hoje minha vida eu olho é o ensino médio que eu penso. Tanto pra amigos que eu mantive do Ensino Fundamental, os novos que eu fiz, quando conteúdo, aprendi muito né, tudo que eu sei que eu ainda uso pra dar aula, material que eu tenho pra dar aula é dessa época do ensino médio. Então eu acho que ali é a base de tudo assim. Antes e depois do ensino médio. Então toda minha vida estruturada nesse ensino médio. (Lucas)

Para Lucas, a aprendizagem, independente de se tratar de um estudante com bom ou mau rendimento, o conhecimento se fazia como um lugar de desejo.

3.1.2. As relações sociais

Conforme notado na análise das narrativas, o ambiente escolar privilegia o contato com outras pessoas. Lá existem diversas relações: aluno/professor, aluno/funcionário e aluno/aluno, além da relação aluno/família que muitas vezes também é condicionada pela escola. O modo como o ensino está organizado hoje é um processo construído social e historicamente. Existiu um tempo em que o ensino era individual dentro das casas dos professores; existiu um tempo em que o ensino se dava de forma mútua para diferentes idades num mesmo local; e hoje se faz a partir da organização por seriação, seguindo uma hierarquia lógica. Dessa forma, jovens da mesma idade e com os mesmos interesses são colocados num mesmo lugar e crescem juntos, não só trocando conhecimentos, mas fazendo dessa uma experiência que irá contribuir para sua formação. Thiago fala sobre essas relações que acontecem na escola:

Relações de amor mesmo. Tenho amor pelos meus amigos que eu fiz no colégio, tenho uns 4 ou 5 deles ainda vejo. Não vejo assim numa reunião de colégio, vejo normalmente. São amigos mesmo. Tem a minha namorada mesmo que a conheci no colégio. Então forma vínculos no colégio. Você forma laços que funcionam para o resto da vida. É uma época que você está mudando e as pessoas estão mudando com você. É assim que funciona mesmo, acho que quem sai do colégio sem laços não viveu a escola como ela deveria ser vivida. (Thiago)

O homem se faz ser humano a partir das relações sociais, sobretudo se considerar a *alteridade*, isto é, a constituição da identidade a partir do outro. De acordo com Berger e Berger, a

linguagem é a instituição fundamental da sociedade, além de ser a primeira instituição inserida na biografia do indivíduo. É uma instituição fundamental, porque qualquer outra instituição, sejam quais forem suas características e finalidades, funda-se nos padrões de controle subjacentes da linguagem” (BERGER & BERGER, 1977, p.193).

Dessa forma, a linguagem se faz como um instrumento cultural, social, do homem e deve lhe servir de base para comunicação, seja entre seres da mesma época ou não. No meio social, ou ainda, nas camadas sociais, todos representam diversos papéis, o que não quer dizer que as pessoas se tornam outras. Nessa perspectiva, é importante se voltar para

[...] duas vertentes ou pontos de vista: o da unidade e o da diferenciação. Creio que através dessa dialética, desses deslocamentos e oscilações, podemos analisar, com proveito, características e experiências que, embora não exclusivas, estão fortemente associadas às metrópoles contemporâneas. O próprio Simmel, em diversas oportunidades, caracterizou a situação do indivíduo na sociedade moderna como ponto de interseção de vários mundos. Logo, sem ignorar a força de coerção de processos sociais abrangentes, volto-me para o nível que Firth denominou de *organização social*, onde, através da interação entre indivíduos e suas redes de relações, podemos ligar com o fenômeno da *negociação da realidade* em múltiplos planos. A própria ideia de *negociação* implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade. Como sabemos, não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes. (VELHO, 1999, p.21)

Sendo assim, para se pensar a escola como um lugar onde acontecem relações sociais, é importante considerar as ideias de *unidade* e *diferenciação*, como foram apresentadas. Além disso, a relação de aprendizagem se faz entre dois seres, se considerar o professor e o aluno, ou mesmo aluno e aluno, ou seja, a partir do outro.

A escola é tida como um lugar onde se estabelecem diversos tipos de relações, sobretudo relações de aprendizagem e relações sociais. No entanto, não se pode falar de uma escola em que todos compartilhem da mesma percepção, por mais que se trate do mesmo prédio escolar, período e sujeitos envolvidos nessa relação. Isso porque cada um, em sua singularidade e trajetória pessoal, incorpora e significa um fato da sua maneira. A existência de um currículo obrigatório nacional não garante, e não deve garantir, uma educação igual para todos, pois suas necessidades, interesses, competências e habilidades não são iguais, inclusive, muitas vezes são emergentes dessa diversidade da escola.

A diversidade na escola acontece em muitos âmbitos. A estrutura física da escola é um dos fatores que contribuem para o seu funcionamento, se pensar sua localidade e o seu entorno, acessibilidade e condições materiais para o desenvolvimento do trabalho dos sujeitos que compõe essa relação. Esses sujeitos são muitos e não devem se limitar a professores e alunos, mas todos os funcionários desse ambiente, mesmo aqueles que atuam na gestão.

Os apontamentos que foram feitos contribuem para constatação de que a escola não é considerada como única para todos. Ainda nessa perspectiva, as

experiências escolares dos sujeitos da escola também são bastante diferentes, o que não quer dizer que não exista semelhança. O objetivo aqui é dar visibilidade a algumas dessas diferenças por meio da ideia de diversão.

3.1.3. A diversão

A palavra escola, que deriva do grego *schole*, em sua origem, está associada ao ócio, ao lazer. A escola existe desde a antiguidade clássica e o tempo e espaço do ócio eram utilizados para a reflexão da vida. A escola era um lugar para poucos e só era possível porque existia alguém para garantir outras atividades que não cabiam lá, o trabalho e a política, por exemplo. Em meio a tantos conflitos e disputas de espaço, será que é possível pensar, em algum nível, a escola na sociedade contemporânea como a *schole* grega? Qual é o lugar da escola hoje? Não existe uma única resposta para tal questão, tampouco é possível esgotar a pergunta, já que cada sujeito faz sua própria escola, claro que dentro das suas limitações.

Se procurada em qualquer dicionário, a palavra diversão tem algumas concepções, como o de divertimento, ou, a mudança de rumo/ direção. Frequentemente, apenas o primeiro aspecto é levado em consideração e o papel da diversão fica pela alegria, brincadeira, distração, entretenimento, festa, lazer, passatempo, recreação e prazer. Talvez por isso, os anos iniciais na escola venham, de modo geral, mais acompanhados da diversão do que seus anos posteriores, que exigem um trabalho mais custoso se considerado o nível de exigência intelectual. A seguinte apresentação do termo é bastante sugestivo para a discussão que seguirá:

A palavra "di-versão" vem do verbo *vertere*, voltar ou voltar-se; A di-versão quer dizer em seu sentido primário apartar-se de algo e, portanto, voltar-se para outra coisa. O correlato da di-versão é a conversão: aparto-me de uma coisa e me converso ou me volto a outra. Em espanhol há outras palavras também interessantes: "entretenimento"; ou "recreio"; nos recreamos em algo, repristinamos as coisas, lhes damos frescor, as fazemos novas. De certo modo, a diversão é uma suspensão da vida real, que quase sempre é fatigante; Às vezes se está simplesmente cansado; outras vezes, e isto é mais grave, se está *cansado da vida*; ou sente-se-lhe o peso ou o pesar. A diversão é então a suspensão desse peso, um descanso ou alívio, e para isso um desvio: deixo de momento o peso da vida e me volto para outra coisa. [...]. Esta é uma função essencial da diversão. Tem porém outra mais positiva: a dilatação da vida. A diversão me enriquece, me

leva a outros lugares, presenças, paisagens, histórias; [...] Uma das dimensões mais interessantes da diversão é a sua *antecipação*, que tem relação com sua frequência. [...] Quando o prazer ou a diversão são imediatos, constantes, frequentes, esse gozo da antecipação diminuir ou desaparece. (MARIAS, 1989, p.206)

A questão da diversão será trabalhada em suas três dimensões, ou seja, considerar a suspensão da realidade, a dilatação da realidade e a antecipação. Ao final da discussão, espera-se mostrar que a escola, em sua essência, pode ser tida como divertida.

O primeiro aspecto relevante se fez nos casos de Bruno e Henrique, cujas condições econômicas não eram tão favoráveis. As perspectivas, sobretudo profissionais, conseqüentemente as condições materiais, dadas suas trajetórias, eram bastante limitadas. Ambos de famílias bastante humildes, estudantes da escola pública durante a vida inteira, a escola serviu-lhes, não exclusivamente, como suspensão da realidade. A escola servia como um lugar de destaque tanto para Bruno quanto para Henrique, por diferentes fatores.

No caso de Bruno, ele que sempre gostou de estudar, aprender novas coisas, tinha bastante facilidade e era o primeiro da sala se considerar o rendimento escolar. Era reconhecido pelos colegas e também pelos professores, fazendo com que tivesse atenção dos outros. Inclusive, esse lugar de destaque possibilitou relações de namoro, pois, segundo ele, por mais que não fosse dos mais bonitos, algumas meninas tinham-no como um rapaz responsável e que poderia dar certo na vida. Além disso, alguns episódios escolares envolvendo professores foram bastante marcantes na vida de Bruno.

Com Henrique a situação foi um pouco diferente, uma vez que não tinha facilidade em questões de aprendizagem, pelo contrário. Ele reconhecia nos colegas a facilidade com as disciplinas, sobretudo a capacidade de argumentação. Por mais que quisesse e tentasse ser igual, ele não conseguia. Sendo assim, para garantir seu lugar de destaque, recorria a outros recursos, como a força física. Para Henrique, a escola que se fazia como uma obrigação em sua vida. Ele sabia da sua força física, também da sua agressividade e reproduzia isso com os colegas, sobretudo pelas condições que vivia fora da escola. Todos o temiam.

Henrique chegou a perder um ano escolar e foi morar com sua avó, a fim de aproveitar mais a escola e melhorar seu rendimento. Segundo ele, foi uma das melhores

épocas da sua vida. As diferenças começavam pela alimentação, tanto na casa da sua avó, que tinha leite no café da manhã, por exemplo, quanto da merenda da escola, pois era uma escola municipal e, para ele, era muito melhor do que a da escola estadual onde estudava.

Durante muito tempo, principalmente no final do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, a escola era tida por Henrique como um espaço de socialização apenas. Na própria sala de aula, se reunia com os colegas para ficar conversando e brincando. No geral, disse ter bastante medo e respeito por seus professores, isso porque eram visto como autoridade. Então, de alguma maneira, a escola lhe ensinou valores, podendo servir como dilatação da realidade. Para além dos valores pessoais, também existiram situações de aprendizagem que foram valorizadas por Henrique. No Ensino Médio, Henrique gostava bastante das aulas de química, pois além de acompanhar um programa de televisão que tratava de assuntos que via em aula, o professor trabalhava com experiências, conforme explicitado no trecho abaixo:

Respeitava ele mesmo. Olha, você falou se eu me inspirava em algum professor, se eu me inspirei foi nele. É que algumas vezes ele falava algumas coisas reais. Aquilo me motivava. Algumas experiências, alguns trabalhos que a gente tinha que fazer em casa. [...] Eu respeitava ele. Eu mandava os outros calarem a boca, tá ligado? Porque era ele. Vez ou outra eram os outros professores. Mas quando era o C. eu queria ouvir o que ele tinha pra dizer. Eu queria ver as experiências. Naquela época passava um quadro na televisão, alguma coisa chamada incrível, e ele explicava tudo pra gente. (Henrique)

Para ele, aquilo era fantástico e, tanto em casa, quanto na sala de aula, participava e se dedicava às atividades. A suspensão da realidade decorrente da escola, como vinha sendo discutida, não aconteceu apenas durante a Educação Básica. Depois de concluir a escola, Henrique trabalhou durante bastante tempo em empresas de telemarketing, onde não tinha perspectiva alguma de crescer profissionalmente. Porém, acabou conhecendo pessoas que tinham um pouco mais de instrução do que ele. Essas pensavam e agiam diferente, principalmente por seu vocabulário bastante limitado. Sempre assimilou sua limitação à maneira como cursou a escola. Henrique associou as habilidades dessas pessoas ao investimento que tinham feito nos estudos, pois faziam faculdade. Foi quando, pela primeira vez, cogita a possibilidade de fazer um curso de nível superior e entra, num primeiro momento, numa faculdade privada e posteriormente consegue a transferência para USP.

Henrique sempre teve bastante dificuldade na escola e na faculdade não era diferente. Precisou se dedicar bastante aos estudos para começar a acompanhar as turmas. Até que, num dado momento, percebeu que aprender não era apenas uma habilidade em decorar, mas sim à capacidade de interpretar e estabelecer relações. Foi quando seus hábitos começaram a mudar, pois passara a dedicar boa parte do seu tempo aos estudos. Já não saía mais para curtir com os amigos com tanta frequência. Além disso, começava a perceber a existência da possibilidade de uma condição de vida melhor, que era sim possível progredir na sua carreira profissional. Consequentemente, se deu conta que existia uma lacuna cultural em sua vida, que ainda o limitava em algumas situações. Tudo isso, decorrente da sua trajetória escolar.

Nos outros cinco casos – Thiago, Eduardo, Lucas, Leandro e Cristina–, a questão da diversão aparece muito mais como dilatação ou antecipação da vida, do que suspensão da realidade. Um fato correlato a isso é o incentivo aos estudos por parte dos pais, sobretudo pelo nível de escolaridade dos seus familiares. Em todos esses cinco casos, pelo menos um membro da família tinha grau superior. No caso de Lucas, não eram os pais, mas todos os irmãos mais velhos. Leandro, que não tinha nenhum parente direto com formação superior, tinha alguns tios de consideração que incentivavam bastante os estudos dos filhos, o que foi grande influência para sua família. Todos tiveram alguma dificuldade na escola: relações pessoais, relações com a aprendizagem, dificuldades financeiras e até mesmo o acesso à escola.

Porém, em algum momento, a escola lhes propiciou a consciência da importância dos estudos e o desejo em continuar estudando após a conclusão da Educação Básica. Thiago, ao longo do Ensino Médio, já sabia que faria faculdade, pois tinha um primo que cursava Direito e esse sempre serviu como influência positiva na sua vida, queria seguir seus passos. Além disso, já sabia que seria professor. No início, tinha algumas dúvidas de qual disciplina lecionaria, pois também gostava da área das Ciências Humanas, apesar de ter mais facilidade com a área das Exatas.

Enquanto Thiago já se projetava ser professor, o mesmo não aconteceu com Eduardo, Leandro, Lucas e Cristina na época da escola. Se eles sabiam da continuidade nos estudos, a princípio, as áreas de interesse eram outras. Todos eles optaram, em algum momento das suas vidas, pelo curso de Engenharia. O irmão de Eduardo, também grande inspiração, tinha cursado Engenharia e era bem sucedido em questões

profissionais. Além da projeção que já acontecia na escola, percebia existir diferenças entre os amigos de onde morava e os amigos da escola, comparações que só foram feitas em festas escolares. Ele falou sobre os jeitos de se vestirem e se portarem, como sendo bastante diferente entre os grupos.

A escola também propiciou situações culturais em sua vida, por exemplo, as feiras do livro na escola. Isso porque, por mais que soubesse da existência de outras feiras do livro, não participaria se não fosse lá. Leandro, depois de passar por grandes dificuldades pessoais no início do Ensino Fundamental, essas que prejudicaram seu rendimento escolar, começou a participar de um projeto de Física numa instituição religiosa que frequentava com seus pais. Foi quando começou a despertar seu interesse nos estudos, já que estava bastante desmotivado. Isso aconteceu no último ano do Ensino Fundamental II, 8ª série da época. Ele percebeu a possibilidade de os estudos contribuírem em muitos aspectos, inclusive, nas formas de se relacionar com as pessoas. Chegou a participar de competições por causa desse projeto e ganhou prêmios por isso. O projeto de Física e os bons resultados lhe fizeram optar pelo curso de Engenharia, mas, frustrado, Leandro ingressa na Licenciatura em Matemática.

Com Cristina não foi muito diferente. Permaneceu toda a Educação Básica na mesma escola, essa que valorizava aspectos culturais na formação dos alunos, com muitas atividades para além da sala de aula, como música e teatro. Sempre bastante interessada, participava de tudo oferecido pela escola. Nunca teve dificuldades nas disciplinas escolares e nos últimos anos do Ensino Fundamental II foi convidada para um projeto de Matemática, em que ajudaria outros alunos através de plantões de dúvidas.

Apesar das dificuldades que acompanharam a transição para o Ensino Médio, Cristina pensava em prestar Engenharia por causa de dois de seus professores. A disciplina mais difícil para ela foi Física, sendo sua primeira recuperação. A estratégia de um de seus professores em fazer experiências científicas contribuiu bastante para seu entendimento.

Lucas, nunca pensou em sair da escola. Foi lá onde constituiu seus laços de amizade, aprendeu praticamente tudo que sabe e passou os melhores momentos da sua vida. Durante a escola, por causa do seu gosto pela matemática, chegou a prestar o vestibular para ser engenheiro, já que ele fazia a associação da área com a carreira na

Engenharia. Entretanto, por causa de alguns professores marcantes, sobretudo do seu curso pré-vestibular, optou por Matemática.

Todos os meninos, inclusive Eduardo que tinha dificuldade para se relacionar com as pessoas na escola, tiveram o futebol como uma marca muito forte na escola. Para eles, o futebol era tempo e espaço deles e para eles, onde não precisavam representar papéis. Em alguns casos, como no de Bruno, Henrique e Leandro, era uma situação de destaque. Leandro chegou a jogar futebol profissionalmente, mas, ainda na escola, optou por dar continuidade aos estudos e seguir outra carreira, que na época foi uma grande decepção para o pai.

A escola, como foi vivida pelos colaboradores, foi um local onde aconteceram diversos tipos de relações, sobretudo relações de aprendizagem, relações pessoais e momentos de diversão. Os momentos de diversão eram frequentes, se considerar a escola como um lugar que fugia a realidade dos colaboradores. Isso se deu por meio dos bons momentos propiciados pela experiência escolar (suspensão da vida real), situações de aprendizagem (dilatação da vida) e projeções em momentos que precisaram pensar sobre o futuro e tomar decisões (antecipação da vida).

Tudo isso foi possível a partir das disciplinas específicas, eventos culturais ou esportivos, que provavelmente não aconteceriam em suas rotinas fora do ambiente escolar. Todas essas situações envolveram outras pessoas, como amigos e professores marcantes. Por isso, alguns dos sentidos que a escola teve na vida desses colaboradores foram a aprendizagem, as relações sociais e a diversão, todos interdependentes.

3.2. A relação com a Matemática e os Projetos Pessoais

Os resultados a serem apresentados aqui discutirão as contribuições que a escola teve no delineamento de seus projetos pessoais, desde a escolha pelo curso de licenciatura, o ingresso e permanência na graduação, bem como as dificuldades enfrentadas, até seus interesses e próximos passos.

“Normalmente, dividimos o tempo em passado, presente e futuro, rememorando assim nossa condição humana definida pelas etapas sucessivas de nosso nascimento, de nossa existência, de nossa morte” (BOUTINET, 2002, p.64). Se, por um

lado, os sujeitos têm histórias de vida, por outro lado, eles têm projetos pessoais e projetos de vida.

A perspectiva para projeto utilizada é a de Gilberto Velho. Segundo ele, a consistência de um projeto está imbricada na memória que fornece os indicadores básicos de um passado produtor das circunstâncias do presente, carregado de emoções, preconceitos e valores. Implicando, assim no *projeto* e na *memória* como constituintes da *identidade* social do indivíduo, visões concomitantes do passado e do por vir que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações ao longo da sua trajetória. Nas palavras do autor:

o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes [...]. A própria condição de sua existência é a *possibilidade de comunicação* [...]. Sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem de “fazer sentido”, num processo de interação com os contemporâneos [...]. Outra idéia importante é a de que os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem-se transformar. O “mundo” dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas. (VELHO, 1987, p.27)

Apesar da impossibilidade de se ter projetos pelos outros, não se pode desconsiderar o fato de que todo ser que se projeta está inserido na sociedade, dentro de um campo de possibilidades, isto é, inscrito num repertório de situações que estão ao seu alcance. É por meio da relação com o outro, sobretudo a partir da negociação da realidade, que se pode transcender o que lhe é tido como possível.

A escola, direito de todo cidadão brasileiro, pode trazer contribuições para os que passam por essa etapa obrigatória. Por mais que se trate da mesma escola física, no mesmo tempo cronológico, dois alunos diferentes não teriam a mesma vivência. Isso porque existem outros aspectos envolvidos na dinâmica escolar. Há fatores significativos como valores, motivações, hábitos culturais, sobretudo a trajetória pessoal. Portanto, a escola, traz para cada aluno uma experiência única.

A escola, muitas vezes, é uma fase de segurança e acomodação para os jovens. Durante essa época, nem sempre existem grandes preocupações. No caso desses

sete estudantes, mesmo de origens diferentes, tanto a escola quanto a matemática, os levaram para o mesmo lugar. Mas o que acontece depois da escola?

Algumas responsabilidades e obrigações nem sempre fizeram parte da vida de alguns. Os únicos que chegaram a trabalhar cursando a Educação Básica foram Bruno e Henrique. Os pais de todos os outros concentraram esforços para que os filhos se dedicassem apenas aos estudos, tendo em vista que isso lhes garantiria boas oportunidades de emprego e uma condição mais estável no futuro.

No primeiro ano do Ensino Médio, a situação na casa de Bruno que já era difícil fica pior, pois seus pais se separam, a irmã fica grávida e tanto ela quanto o irmão estão desempregados. Nessa época, ele faz alguns bicos para tentar ajudar em casa e ao completar 16 anos, começa a trabalhar numa empresa como *office boy*, onde permanece sem perspectivas de evoluir na carreira profissional durante os próximos nove anos.

Ao concluir a escola, começa a sentir falta daquele ambiente, onde se sentia bem sucedido, e procura por algum curso. Começa um técnico em contabilidade, oferecido pela prefeitura de São Paulo. A escolha do curso se deu pelo gosto que tinha pelos números, para ele encontraria bastante contas.

Ainda pequeno, seu avó, professor, também de Matemática, incentivava Bruno com estudos, sobretudo com problemas matemáticos. Em sua adolescência, gostava de decorar números de telefone e na escola, apesar da facilidade em aprender, sempre se destacou na Matemática. Além disso, pelo menos dois professores foram marcantes no sentido de contribuir para que essa área do conhecimento tivesse mais relevância na vida de Bruno, o professor reservado que no Ensino Fundamental comentou da sua potencialidade, de ele realmente ser bom, e outro

o professor Francisco[...] me deu um livro de matemática que eu tenho até hoje e eu já fiz 4 vezes de fora a fora. [...]Por que eu fazia se não era lição de casa? [...]Não lembro porque que ele me deu. Um dia ele chegou: eu tenho um livro pra você. E me deu. [...] Eu fazia o livro e aquilo me dava um prazer de estar usando o livro, pra mim ele ia ficar feliz se ele soubesse que aquele livro tinha servido pra alguma coisa. Se um dia ele soubesse disso. O livro está lá em casa. Está guardado lá, fica lá, sempre olho pra ele com muito carinho. Então esse livro me marcou... (Bruno)

Já Henrique, que não gostava do ambiente escolar, não vê a hora de sair de lá. Na sua família, qualquer um que completa 14 anos, tem a obrigação de trabalhar. Ele

almejava uma vaga como *office boy*, igual o irmão mais velho. Porém, o que consegue um emprego numa empresa de autopeças, onde, mesmo odiando, precisa se manter para ajudar em casa. A única contribuição que a escola lhe traria seria o diploma, pois, segundo ele, bastava a escola para conseguir um emprego. Faculdade nunca foi uma opção. Depois da conclusão da Educação Básica, começa sua carreira na área de *telemarketing*, onde não tem perspectivas de evoluir, o que também nunca foi um seu objetivo.

Por causa da opinião de uma namorada e de um colega de trabalho, Henrique acaba ingressando num curso superior de economia, numa faculdade privada. Sabendo da grande dificuldade de aprendizagem que tinha na escola, acreditava que a Matemática era a área que podia sobressair, principalmente porque

na 4ª série eu lembro que eu fui o único aluno a tirar uma nota A numa prova de matemática. Nem a P. ou P., sei lá, a melhor aluna da sala ela tirou, ela tirou B. Isso meio que me motivou assim. E eu coloquei na cabeça que gostava de matemática. Essa prova, acho que ela teve uma grande influência. [...] Engraçado é que, pra você ver como eu tenho essa dificuldade com a leitura, quando eu falo que me dou bem em matemática é mais essas coisas do algoritmo. Sabe? Não é uma coisa que, pra mim, na minha cabeça, você não tem que pensar muito. É uma coisa mecânica que você vai fazendo e chega num resultado. (Henrique)

Ou seja, a estrutura lógica da Matemática, os algoritmos, foram fatores importantíssimos para a escolha do curso. Mas o contato com disciplinas leitura faz com que mudasse de Economia para o curso de Matemática. Durante a graduação, numa faculdade privada, começa a trabalhar na secretaria da faculdade, e por causa do seu bom rendimento, se torna monitor da sua professora de Cálculo, ganhando bolsa de estudos. Nessa época, devido algumas amizades, tem conhecimento da USP e da prova de transferência de curso. Por ser uma prova específica de conteúdos de matemática, consegue o ingresso no Bacharelado em Matemática na USP, mas enfrenta muitas dificuldades com a exigência do curso. Apesar do preconceito com a área de educação, a alternativa por ele para salvar sua graduação é a transferência para a licenciatura, curso que a carga matemática é menos densa.

O caso de Leandro é um pouco diferente dos dois anteriores, de Bruno e Henrique. Um dos prêmios que ganha em um projeto de física durante a época escola é

uma bolsa de estudos de curso pré-vestibular. Na época da escola, a partir principalmente da 8ª série,

quando o professor passava exercícios de equação de 2º grau. Isso eu lembro bem. Eram 50 exercícios. Aí o pessoal com muita dificuldade. Eu não sabia também fazer. Fui ver como fazia. Bháskara, achava as raízes tranquilo, quando tinha e não tinha, sabia já. Lembro até que no começo meio que cobrava, eu botava um preço de 15 reais pra fazer a lista pro pessoal. Acabei nem cobrando, mas ajudei eles fazendo isso. Lembro que peguei, consegui fazer, vi que era fácil, que era só prestar atenção na aula ou ver no livro depois como fazia que eu consegui. (Leandro)

Ele inicia um projeto de física em uma instituição religiosa e tantos os resultados do projeto, como a percepção de que os estudos podem trazer contribuições na sua vida, ajudam a pensar em dar continuidade aos estudos após a conclusão da Educação Básica. Um dos únicos professores marcantes que Leandro comentou foi um de Matemática, não tanto pela relação com o conteúdo, mas por reconhecer e valorizar qualidades dos alunos.

Ao concluir a escola, Leandro já tinha definido como seu objetivo o curso de Engenharia. Fez um ano de cursinho e presta para Engenharia na USP, porém, não consegue o ingresso. Depois de mais um ano de curso pré-vestibular, ingressa na UEL num curso de Engenharia. No final do primeiro ano da graduação, Leandro desiste de ficar longe da família e volta para São Paulo, pois está convicto de que estudando mais um ano conseguirá a tão desejada USP. A família não gosta muito da ideia, mas apoia o filho.

Dessa vez, Leandro começa a trabalhar para pagar o curso pré-vestibular. Ele vive essa rotina durante um ano e mais uma vez não consegue ser aprovado para Engenharia. Nesse ano, a FUVEST tem a novidade de os candidatos escolherem outro curso para tentar aproveitar a nota. Por ser um curso um pouco próximo de Engenharia e exigir nota relativamente baixa Leandro opta pela Licenciatura em Matemática, pela aproximação de conteúdos que acredita que o cursinho tinha com Engenharia.

Eduardo, por sua vez, queria muito seguir os passos do irmão que fazia Engenharia e disse que conseguia se sobressair na escola por causa da Matemática.

Eu sabia que eu ia ter que ir pra esse lado da matemática. Tanto que sempre tive notas boas. Em física eu não tinha tanto. [...]. A matemática acho que meio que complementou a coisa de ser

engenheiro. Como eu era bom em matemática, a profissão comum, comum assim de matemática, eu acho que é uma profissão comum né, engenharia, e meu irmão fazia e meu irmão estava se dando bem, acho que meio que complementou sabe? Tipo “sou bom em matemática e engenharia é uma profissão legal, vou fazer engenharia”. (Eduardo)

Outros fatores positivos para essa aproximação com a Matemática foram os professores marcantes, como aparece em

eu tinha um professor que eu me identificava muito de matemática mesmo. Por eu ir bem e ele ser um cara muito sério, desses que quer a classe em silêncio absoluto, não quer que ninguém respire, não quer nada, eu gostava porque a aula dele era silenciosa. (Eduardo)

Além dos professores marcantes, a escola também teve papel fundamental na opção de Eduardo pelo curso de Matemática e no seu jeito de ser.

pra mim a escola foi muito importante. Acho que [...] Direcionou a pessoa que eu sou hoje. Muita coisa foi por lá, seja por eu rejeitar alguma coisa, aceitar outra. Acho que ficar distante da família, esse senso de independência que eu tenho muito mais, esse jeito que eu falei dos professores me incentivarem, essas coisas que eu gosto, a matéria que eu gosto foi matemática, também tinha essa coisa dos professores mais sérios serem de matemática, de manterem a sala mais em ordem, então eu gostava mais. Então era uma aula que eu sentia prazer. [...]. A escola direcionou assim a minha formação, a minha vida. (Eduardo)

Como Eduardo, Lucas que gostava de matemática e sempre se deu bem na área também optou por Engenharia. Segundo ele, essa percepção do gosto pela Matemática se deu quando foi se inscrever para FUVEST:

Eu li o manual inteiro pra conhecer as carreiras, as profissões que eu não conhecia, não fui atrás de perguntar pra ninguém. Simplesmente li. Eu falei “ah, sei lá, o que eu gosto na escola?”, erro comum da galera “ah, eu gosto de matemática e de educação física”, beleza, educação física é o que eu gosto mais, sempre fiz muito esporte [...] Só que eu não queria ser professor “Eu gosto de educação física, mas eu não quero dar aula. [...] Aí eu comecei a olhar e “matemática então. Que que tem aí de carreira que usa matemática? Engenharia” [...] Aí comecei a ver matemática, ainda não queria ser professores, acabei optando Matemática e não Educação Física por poder trabalhar em banco, empresa, essas coisas. E acabei prestando matemática. (Lucas)

A escolha de Lucas pela licenciatura se deu porque sua namorada tinha lhe falado que esse curso possibilitava também dar aula, diferente do bacharelado. Além de ser um curso com menor concorrência e existir a possibilidade de transferência interna uma vez que tivesse conseguido o ingresso.

Além disso, Lucas retomou professores marcantes de matemática, ao dizer “muito de eu ter escolhido matemática e hoje dou aula de matemática eu devo muito a esses dois professores que foram sensacionais”. Em 2007, fez o primeiro ano de Licenciatura em Matemática, mas ao final deste já estava indo atrás da transferência para o bacharelado, mas desistiu por ter começado a trabalhar na área da Educação.

Ainda na escola, Cristina que era uma excelente aluna, tinha muita facilidade e foi convidada a participar de um projeto onde dava plantão de dúvidas para outros alunos. Essa vocação para a Matemática também era percebida dentro de casa:

eu tinha bastante facilidade com matemática, física. Eu comecei a ter física muito cedo. Aí já dava pra ver, minha mãe falava “A., porque de tanta matéria você vai fazer primeiro as coisas de Matemática?”. Tanto que eu participei de olimpíadas de matemática, participava, ajudava, dava plantão pras outras crianças de matemática. Era mais fácil pra mim. (Cristina)

Ao sair da escola, Cristina prestou para Bacharelado em Matemática, mas não conseguiu o ingresso. Ela fez um ano de cursinho, certa que prestaria para Matemática e optou pelo curso de Moda, que cursou apenas 1 (um) semestre e acabou desistindo. Passado mais um ano, depois da influência de novos professores num curso pré-vestibular decidiu pela Licenciatura em Matemática, sobretudo porque tinha paciência para ensinar.

Desde a época da escola Thiago já sabia que seria professor. Teve dúvidas em relação a qual disciplina lecionaria, mas

Já um outro professor, falando de matemática, falou: “Matemática é difícil, mas dá pra fazer. Tem que ter disciplina mas tem que estudar”. Achei que eu tinha mais a cara de fazer Matemática, de ter que ralar pra alguma coisa, sabe? Porque pelo panorama que meus professores de geografia e história passaram foi um pouco diferente, falaram só de festa na faculdade. [...] No cursinho mesmo era a matéria que eu tinha mais facilidade era matemática, é a única que eu gostava de estudar pra falar a verdade. Era a única que eu não estudava por obrigação. Estudava matemática e acho desafiante você pegar um problema e ficar pensando, ir atrás, tentar soluções diferentes. As vezes você não conseguir mesmo e ver o que uma outra pessoa fez. Acho legal essa parte. Por isso acho que eu optei por Matemática. (Thiago)

O curso pré-vestibular que Thiago fez foi no mesmo ano que o último ano da escola, em 2006. Nesse mesmo ano, prestou FUVEST, mas só conseguiu o ingresso

no resultado da segunda chamada. Até então, tinha se matriculado num curso de Licenciatura em Matemática numa universidade privada.

Uma vez conhecendo os caminhos percorridos para o ingresso na Licenciatura em Matemática, é importante entender também os primeiros passos dos colaboradores dentro da graduação, bem como a iniciação profissional. Além disso, também será apresentado o que os sete licenciandos pretendem fazer após a conclusão do curso de Ensino Superior.

3.2.1. Depois do ingresso dos colaboradores no Ensino Superior

Apesar de desanimado com a graduação, Lucas está ansioso por concluir essa etapa da vida. Ele começou a trabalhar como plantonista na mesma escola que Thiago, mas deixou o cargo para assumir uma vaga com mesma função num curso pré-vestibular. Há propostas, nessa mesma instituição, para logo assumir turmas regulares de Ensino Médio. Um dos seus objetivos após a Licenciatura em Matemática é a Pós-Graduação, o Mestrado e possivelmente o Doutorado, já que lhe trará a oportunidade de atuar no Ensino Superior.

Além disso, mesmo que não continue na área da Educação, terá conhecimento suficiente para transitar em outras áreas, sobretudo o setor empresarial. Lucas deseja se casar com sua namorada, que conheceu por causa de uma festa escolar. Para isso, precisa antes se formar e comprar uma casa, o que será possível, somente, dando aula. As contribuições que a escola teve em sua vida foram muitas:

O professor de matemática, o M., tudo que ele fez né? É... A L. que é de literatura, todos esses professores que eu comentei fazem parte. Eu lembro da aula deles. Acabei roubando um pouquinho de cada um. Né? Pra tentar chegar perto do que eles foram pra mim assim. Então o Ensino Médio realmente serviu pra consolidar amigos do Fundamental, novos amigos dali. Pra conteúdo pra hoje eu poder tá fazendo uma USP, pra eu decidir o que eu quero da minha vida, pra minhas aulas eu lembro muito do Ensino Médio, eu uso o material que eu tenho guardado até hoje do Ensino Médio. Eu acho que o Ensino Médio foi a estrutura da minha vida mesmo. E depois do colégio, bom, aí é uma vida diferente né? Muito trabalho, é... Por mais que eu não queira e tente fugir é levar a sério, tem que ser sério agora, fazer as coisas com mais responsabilidades, mas sempre que eu posso eu fujo, fujo dessa responsabilidade, fujo de crescer e muita saudade do Ensino Médio. (Lucas)

A escola foi a fase mais feliz e mais importante da vida de Lucas e segundo ele não existe o após a escola, já que escolheu ser professor para não precisar sair de dentro dela, como disse em “Acho que eu dou aula por gostar tanto, querer estar ali ainda né? Então como eu quero tá ali é o único meio de eu estar ali é essa”. Mesmo o que sabe sobre matemática não associa à licenciatura, pois disse que nada do que se aprende nesse curso é voltado para a carreira de professor.

Para conseguir acompanhar o ritmo da graduação, Bruno precisou sair do emprego onde estava há nove anos. Mas, logo aparece a oportunidade de dar aulas particulares de Física e Matemática, além de começar a trabalhar em plantões de dúvida de cursos pré-vestibular. Mesmo sem estar formado, começa a atuar como professor numa escola privada muito boa, onde consegue um salário que provavelmente não conseguiria em outros empregos.

Uma das diferenças vivenciadas por Bruno na escola e na universidade se dá em relação aos professores, que durante a escola também apresentavam uma preocupação com sua formação pessoal. Já na faculdade, todos os professores que teve contato foram muito bons, mas o foco é a formação específica. Diferente dos outros, as maiores dificuldades enfrentadas por ele estavam na FEUSP.

Bruno percebe a necessidade de continuar estudando para evoluir profissionalmente e culturalmente. Disse que fará pós-graduação, pois assim poderá lecionar não apenas na Educação Básica, mas também no nível superior. Durante a graduação, pensou em trocar de curso, mas nunca em desistir da faculdade. Ele leciona na rede privada e apesar de baixa a perspectiva de atuar na rede pública, depois de formado cogita essa possibilidade, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A principal razão que alega é o baixo salário, pois precisaria trabalhar em mais empregos. Profissionalmente, disse que não vê outras opções além de ser professor. Sempre se mostra motivado com seus alunos e conhecidos, demonstrando acreditar e gostar daquilo que faz.

No segundo mês da graduação Bruno começa a namorar com uma colega de turma, que se torna sua esposa e mãe das suas duas filhas. Dentro de casa, acreditam na importância da Educação e colocaram a filha mais velha numa boa escola. Um dos desejos de Bruno é que a escola seja tão boa para suas filhas quanto foi para ele. Ele é o

primeiro da família a fazer um curso de nível superior. O olhar dos seus pais e irmãos em relação à Educação começa a mudar positivamente.

Hoje, hoje eu acho aquele tem um orgulho especial de mim porque eu sou professor e o salário que eu ganho é um salário que eu acho que ele jamais imaginou que eu poderia ganhar, entendeu? Então quando eu falo: pai, eu ganho tanto como professor. Tudo bem, rede privada, tudo, mas: pai eu ganho tanto por mês. Ele olha e fala: pô filho, você ganha tudo isso? - Pai eu ganho e eu trabalho três manhãs pra ganhar isso. Então, se eu trabalhar mais duas manhãs, mais três tardes por exemplo e guardar a noite pra continuar estudando, que é o que eu quero pra minha vida inteira, eu vou ganhar tanto pai. Ele fala: nossa, dá pra ganhar tudo isso? A gente que veio do Piauí, eu falo: pai dá pra ganhar mais ainda, só que eu tinha que ter começado mais cedo. Então assim, ele começou a perceber que valeu a pena estudar, mas acredito que agora. Agora ele começou a perceber. Acredito que ele vai perceber cada vez mais, dependendo do que eu continuar estudando, porque eu não quero parar nunca. (Bruno)

O caráter de Bruno, segundo ele, só foi possível ser construído por causa da escola. Sua vida, seu trabalho, sua carreira e seu salário, só foram possíveis por causa da universidade e pelos bons professores que lhe acolheram na escola. Para ele, em sua vida não existe lugar para o depois da escola.

Thiago enxerga o IME como um lugar onde tem muitos professores, cada um com sua filosofia própria. Logo, são diversos tipos de aprendizagem. Mesmo assim, no geral, o que conseguiu aprender é que a matemática é uma ciência que depende muito de dedicação pessoal, dado que sem estudo é impossível entender e nada fará sentido. Ele teve professores que lhe mostraram que conteúdo não é tudo, que existe a necessidade de ler também para adquirir cultura.

Além disso, muitas das amizades de Thiago são decorrentes da graduação. Amigos que muitas vezes apresentam os mesmos valores e trazem novas experiências, por serem mais velhos. Por causa de alguns amigos, ele começa a trabalhar com plantão de dúvidas numa escola muito boa, onde permaneceu por um ano. Isso porque durante a graduação cogitou a possibilidade de seguir carreira acadêmica como pesquisador, exclusivamente na área de matemática. Nessa época, se ausentou do trabalho e cursou disciplinas do bacharelado em matemática. Depois dessa experiência, teve certeza que sua carreira seria construída como professor na Educação.

Nessa fase, Thiago também trabalhou em uma editora de livros didáticos de matemática. Depois de um ano volta para o mesmo emprego de plantonista, mas diz

que, apesar de ser uma escola muito boa para trabalhar, começa a buscar por outras escolas para atuar como professor regular, já que o sistema de onde está é bastante tradicional e os professores, bastante antigos na instituição, não sairão de lá tão cedo.

A atuação no Ensino Superior já foi seu único foco, hoje é uma opção, principalmente pelo público e pelos conteúdos. Não descarta a opção de dar aula em cursos pré-vestibular. Após a conclusão da graduação, pretende fazer Mestrado, em algo mais voltado para a especialização da Licenciatura em Matemática. Uma opção é um curso novo do IME, o Mestrado Profissional. Essa busca de Thiago se dará pela evolução profissional que almeja. Espera encontrar respostas para questões que tem no âmbito da docência.

Em seu ciclo de amizades, Thiago disse que existe bastante desvalorização em relação à profissão de professor, mas que o fato de trabalhar com a Matemática anula todos os aspectos ruins considerados pelas pessoas, o que para ele não é verdade. Ele gostaria de trabalhar na rede pública de ensino, mas há uma possibilidade baixa de isso acontecer, principalmente por causa da desvalorização enfrentada na carreira.

Em relação aos projetos pessoais, Thiago está junto de sua namorada que era colega de turma na escola. Futuramente, pretende ser pai e se preocupa bastante com a Educação que seus filhos terão, pois disse que é muito difícil atuar nessa área e não pensar desse jeito.

eu imagino que a importância que a escola tenha para o meu filho uma importância tão grande quanto teve na minha formação. Que a escola seja relacionada ao estudo, que seja relacionada a responsabilidade, que ele tenha isso mas também não deixe de se divertir, de ter os amigos dele, de ter suas relações dentro da escola, de formar vínculos, sabe? É um tanto complicado. Dá medo de você priorizar só a Educação e fazer seu filho uma pessoa bitolada, dá medo de você dar liberdade demais e ele também não estudar nada. Pra mim é uma coisa muito difícil pensar em educar uma criança, mas é um desafio que eu quero. (Thiago)

Thiago espera que a escola tenha para seus filhos uma importância tão grande quanto à teve na sua vida, sobretudo pelos vínculos que construiu e que permanecem, por ter sido uma fase onde as pessoas que se relacionavam tinham os mesmos interesses e estavam vivendo a mesma fase das suas vidas, conhecendo e aprendendo juntos.

Depois do ingresso no Bacharelado em Matemática na USP, Henrique passou por diversas dificuldades quanto ao seu rendimento. Mesmo se dedicando mais do que na faculdade onde estava não conseguia acompanhar o ritmo da turma. Durante um semestre não cursou nenhuma disciplina e pensou em desistir do curso, foi quando, apesar do preconceito que tinha, não viu alternativa senão fazer a transferência para a Licenciatura em Matemática. Essa, por sua vez, lhe possibilitou um excelente rendimento e adiantar bastante o curso, já que conseguia cursar mais disciplinas em um mesmo semestre.

Novas oportunidades de emprego apareceram e ele começou a trabalhar em plantão de dúvidas de cursos pré-vestibulares, fazendo com que precisasse estudar ainda mais, já que os alunos que lhe procuravam traziam questões de matemática cada vez mais difíceis e ele precisava saber lhes responder. Com a sua entrada no cursinho, mesmo como plantonista, percebeu que a escola lhe deixou uma lacuna muito vasta, a formação cultural, sobretudo a partir das matérias, como geografia, que se tem na Educação Básica.

O ingresso na Licenciatura em Matemática de Cristina veio acompanhado de muitas dificuldades. Ela cogitou fortemente a possibilidade de desistir dessa graduação, tentando a transferência para o curso de Engenharia. Entretanto, não conseguiu. Com muitas reprovações, desanimada do curso, ela entra num projeto de iniciação à docência, o PIBID, servindo de estímulo para continuar com os estudos. Nesse projeto, ela dá aula para crianças da rede pública que apresentam problemas familiares. Já em relação à escola,

Acho que é um lugar muito importante. Acho que lá é onde tudo começou. Onde eu aprendi, não só aprendi o que sou hoje, porque muitos valores vieram de casa. Mas muita coisa veio da escola, muita coisa eu aprendi lá. A lidar mais com as pessoas, a ter mais paciência e acho que isso é bom. Porque todo mundo que passa, pelo menos quem eu conheço que foi pela mesma escola, acho que saiu com os mesmos valores. Se ela continuar assim, o papel da escola, não é só formar as pessoas, tem que formar pra sociedade, cidadão sabe? Mostrar respeito, esses negócios. Acho que tem que continuar assim, mostrando valores. (Cristina)

O único projeto pessoal de Cristina é concluir a graduação. Já não pensa mais em desistir. Ela disse que só começará entrar para o mercado de trabalho após ter concluído a graduação. Porém, não sabe se atuará como professora, pois se sente

bastante atraída por outros empregos, no setor financeiro ou de editoração. Isso por causa de alguns amigos que atuam nesses segmentos. Sendo assim, pretende estagiar nessas outras áreas para viver essas experiências.

Eduardo, que tinha a Engenharia como opção, acabou optando pela Licenciatura em Matemática, pois, além de gostar da área, acreditava que dar aula poderia ser uma opção a mais para ele. A Matemática na USP lhe rendeu diversos tipos de aprendizagem, além do *status* positivo provocado nas outras pessoas. Apesar do clima de festa, ele tinha para si que lá ele teria contato e aprenderia com os melhores, os verdadeiros gênios. Logo que entrou na faculdade, Eduardo tinha obsessão por ser bem sucedido e sabia que precisava adquirir experiência, então foi até a escola onde estudou e conseguiu uma vaga com plantão de dúvidas aos alunos. Além do colégio, começou com a mesma função em cursos pré-vestibulares. O curso de licenciatura não lhe agregou muito para além dos conhecimentos específicos, ainda que percebe inferioridade no curso de licenciatura se comparado ao bacharelado.

Em 2011 Eduardo começa a atuar como estagiário num banco, no mercado financeiro, acaba se efetivando e é onde pretende fazer carreira. Seu principal objetivo é se destacar, gosta e acredita no que faz e não é por dinheiro. Apesar de não atuar diretamente na Educação, tem projetos pessoais vinculados a essa, dando palestras sobre mercado financeiro para jovens, por exemplo. Pretende fazer pós graduação na área de finanças. Para ele, a escola se faz como preocupação e esperança para um lugar melhor. No final da entrevista narrativa autobiográfica, ele recupera os sentidos da escola segundo os eixos da pesquisa, isto é, antes, durante e depois da escola:

Antes eu acho que assim, não teve né muita, não teve nada. Não me recordo de escola antes. Durante a escola era um ambiente de desafio, de tudo, desde os desafios de encarar com a sociedade, lidar com as coisas, as pessoas, até o desafio das aulas, das disciplinas. Eu acho que eu tive assim, parece até um pouco dramático, sei lá, meio chorão, mas eu acho que eu tive um, foi bastante desafiador pra mim encarar as coisas, alguém reservado, ter que toda vez confrontar assim tudo que você não se sente confortável, é difícil, eu tive que aprender a lidar. E depois acho que é aprendizado mesmo, é o que ficou. Tanto aprendizado pra vida, pra lidar com as coisas melhor, com tudo que encarava como ruim, acho que a escola foi me desenvolvendo mesmo, querendo ou não eu fui uma criança tímida, um adolescente tímido. Aí perto de me graduar eu já estava um pouco menos. Acho que a escola é a formação de que eu... acho que se resgatar o meu período escolar dá pra explicar minha personalidade. (Eduardo)

Apesar de não atuar diretamente na Educação, para ele,

a escola é um lugar que eu me importo, que eu olho muito ainda, olho também pro meu futuro quando eu tiver um filho, uma família[...] O pai também tem que ajudar isso. Tanto, seja questionando a escola, seja indo falar com o professor, conhecendo o professor, acho que é essa proximidade família e escola tem que ter também. Então acho que é isso né? A escola é grande preocupação minha, é grande esperança também. (Eduardo)

Como disse, Eduardo pretende construir uma família e investirá na educação dos seus filhos, sabendo da necessidade de uma aproximação entre família e escola.

O caso de Leandro é acompanhado de grande desmotivação, já que desde o início não queria licenciatura, mas sim a Engenharia. Apesar de não ser a carreira desejada, tem uma postura inversa da esperada. Não abre mão do curso, mas se dedica bastante. Disse que não precisa de muita dedicação para conseguir acompanhar o curso. A opção pela Engenharia era da grande diversidade de atuação e, segundo ele, a licenciatura limita a carreira docente, o que não é uma opção bem definida, sobretudo pela desvalorização financeira. Já pensou em desistir do curso, para tentar a Engenharia novamente, mas, quase na metade do curso, fará de tudo para concluir essa etapa.

Ele começou em um projeto educacional com alunos da escola pública convocados para a OBMEP. Leandro tenta aproveitar ao máximo o projeto, tendo em vista a possibilidade de algum dia atuar como professor. Almeja estabilidade financeira e pretende seguir na carreira de funcionário público, sem área pré estabelecida. Só depois disso poderá dar sequência aos seus projetos que envolve se casar com sua namorada, que conheceu no cursinho, e construir uma casa. Depois de uma vida estável, talvez dará continuidade aos estudos em outra graduação ou pós graduação. Quando questionado sobre contribuições da escola para sua vida, Leandro disse que

Por mais que no fundo eu ache que poderia ter tido mais, eu consigo dizer que foi a base pra eu poder entender tudo isso que eu estudo hoje. Sem contar o fator social da escola, tipo, conhecer pessoas diferentes, pessoas de idades diferentes, tipo, entrar em escolas de contextos diferentes, foi difícil sabe. Eu estava na 4ª série e quando fui pra 5ª eu estava na classe mais velha, então de repente eu era, a turma toda 4ª série, os primeiros anos admiram o pessoal da 4ª série, vai pra 5ª série e tinha a galera da 8ª, “eu entrei e tô no começo agora”. Você aprende a lidar com situação e é meio como um microcosmo da vida mesmo. Tudo que você passou na escola, tudo que você passa na vida dá pra puxar alguma coisa da escola. Então acho que alguma base assim de conhecimento, fundamental nem tanto, Médio sim. Mas eu

acredito que em questão de conviver em sociedade a escola tem o seu papel. (Leandro)

Após concluir a graduação, Henrique disse que fará um ano de cursinho para preencher esses vazios da época da escola. O ingresso na Matemática, sobretudo a USP, lhe trouxe uma posição dentro da sua rede de relações que jamais imaginou alcançar antes. Atualmente, ele é tido por sua família e amigos como gênio, o que muitas vezes é bastante incômodo. Ele foi o primeiro da família a começar um curso de nível superior e depois disso, um dos irmãos e um primo também entraram em faculdades. Seu projeto profissional oscila entre ser professor ou trabalhar em banco, no setor financeiro, também como corretor. No início do bacharelado, pensava em ser professor de faculdade, mas desistiu dessa carreira por causa do excesso de dedicação, já que gosta de aprender e fazer as coisas no seu ritmo. Entretanto, pensa em dar aula em nível de Educação Básica, em cursos pré-vestibular ou na rede privada, pois, mesmo tendo estudado na rede pública, essa não é uma opção.

Para Henrique, a questão do *status* pessoal, estar bem vestido e o salário são aspectos muito importantes em sua vida. Então, considera, muito fortemente, a possibilidade de trabalhar em banco e até estudar para entrar no Banco Central. Se for para a área da Educação, pode ser que faça o novo curso de Mestrado Profissional oferecido pelo IME, caso ingresse no setor financeiro, por ser matemático de formação, acredita que um Mestrado em Administração de Negócios (MBA), uma especialização, será indispensável para progressão na carreira. Em relação aos estudos, considera fazer outra graduação na área das Humanas, como o curso de Filosofia ou Psicologia, principalmente se seguir como professor. Para ele, isso ajudará bastante em sua carreira, com questões enfrentadas pelos estudantes como os traumas criados pela matemática.

Henrique tem a opinião de que a Licenciatura em Matemática é uma hipocrisia por dois motivos: primeiro que ela não prepara o licenciando para ser professor, uma vez que disse ser um curso semelhante ao bacharelado, porém mais fraco; e segundo que, apesar dos estágios obrigatórios realizados em escolas públicas, praticamente ninguém atua nesse segmento. A escola aparece como um fator muito forte na vida de Henrique associado à posição que se encontra atualmente

Se eu tivesse isso na minha cabeça desde sempre cara. Eu eliminaria várias depressões, vários problemas internos que eu tive. [...] se eu tivesse esse pensamento de onde eu vim, de onde eu vim e chegar

aonde eu cheguei, já é algo muito maravilhoso, já é algo muito bom. [...] Eu com 12 anos, não sei se te contei, eu vivi uma situação em que um colega meu do andar de cima mostrou uma arma pra mim e um bolo de dinheiro. Eu fiquei louco, meu olho brilhava cara. [...] Eu fiquei fissurado, eu queria pegar na arma, queria fazer o que ele fez pra conseguir aquilo, queria dar tiro. Ele falou “não, espera que sua hora vai chegar”, eu falei “quando?” e ele “daqui uns 2 anos sua hora vai chegar”. Sabe? É nesse ambiente, foi daí que eu saí sabe[...]Então é um ambiente muito favorável ao crime mesmo. Você dizer não a toda essa coisa que você nasceu é muito forte cara. Se eu tivesse essa consciência desde o início, nossa, acho que minha vida seria outra aqui. (Henrique)

O principal triunfo criado pela escola em sua vida é a posição que a escola lhe trouxe, já que, revivendo sua vida, por meio das lembranças, não sabe se estaria vivo caso tivesse seguido por outro rumo que não o dos estudos, se levar em consideração amigos com quem cresceu e perdeu para o mundo do crime e das drogas.

Com exceção de Henrique que sempre apresentou muitas dificuldades de aprendizagem, todos os outros que se mostraram com bom desempenho escolar, precisaram fazer curso pré-vestibular para conseguir o ingresso na Licenciatura em matemática, sendo que Lucas e Leandro fizeram mais de um ano. A escolha desse curso se deu, na maioria dos casos, exceto Henrique e Leandro, por influência de professores marcantes que tiveram. Henrique fazia Matemática numa universidade privada e conseguiu o ingresso no curso de Bacharelado em Matemática do IME por causa de uma prova de transferência que fez, mas por causa da grande exigência do curso, fez a transferência interna do bacharelado para a Licenciatura em Matemática. Leandro, desde a época da escola, desejava ser engenheiro. Porém, depois de anos de frustração tentando a tão sonhada POLI, teve seu ingresso na Licenciatura em Matemática por causa de mudanças no vestibular que possibilitava os candidatos utilizarem suas notas para algumas vagas especiais em outros cursos.

A partir dos apontamentos de Velho percebe-se que a escola contribuiu para o delineamento das trajetórias dos colaboradores:

É essa soma, conjunto de experiências no decorrer de uma trajetória individual, que confirma e solidifica a idéia de que, em princípio, os indivíduos são capazes de compreender uns aos outros, apesar das diferenças e eventuais conflitos. É esta a base de todos os processos de definição de situação e negociação da realidade, dos mais elementares aos mais complexos. Por outro lado, é uma maneira efetiva de compreender a própria vida social a partir das diferenças. Ou seja,

estas constituem o próprio processo social, gerando as interações sociais em múltiplos planos. (VELHO, 1999, p.117)

Assim, é possível contrastar os pares sujeito/projeto e sociedade/destino, identificando quais foram as contribuições da escola para a constituição dos projetos pessoais dos sujeitos. Ao se voltar para conceito de *organização social*, em que por meio da interação entre indivíduos e suas redes de relações é possível lidar com o fenômeno da *negociação da realidade* que implica no reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da realidade. As diferentes camadas sociais configuram o que o autor usou como *campo de possibilidades*, isto é, alternativas construídas social e historicamente com o potencial interpretativo da cultura.

Ao longo desse capítulo, houve a tentativa de explicitar os diversos tipos de relações que acontecem dentro e fora da escola. Além disso, buscou-se mostrar como as pessoas também são importantes para contribuir tanto no aproveitamento escolar quanto nas decisões de escolha. Essas pessoas configuram diferentes tipos de relações sociais, como por exemplo, a família, os amigos, os professores e as namoradas.

De acordo com o que os colaboradores disseram, ter bom rendimento na escola não implica estar preparado para o depois da escola, já que todos tiveram algum tipo de dificuldade para o ingresso no Ensino Superior e com os primeiros momentos da graduação.

A própria escola se faz como diversão (MARIAS, 1989), no sentido de fazer com que os alunos se voltem para outras realidades que não as suas cotidianas a partir das suas três dimensões como foram apresentadas, isto é, a suspensão da realidade, a dilatação da vida e a antecipação.

Uma consequência disso é a imersão na Matemática, que possivelmente não seria explorada se não fosse a estrutura lógica abordada na dinâmica escolar. Percebeu-se que de alguma maneira o contato com a Matemática na vida dos colaboradores teve início na escola e que a escolha pelo curso de Licenciatura em Matemática, na maioria dos casos, se deu por grande influência de professores marcantes que tiveram.

Apesar de trajetórias bastante diferentes, os sete colaboradores ingressam no curso de Licenciatura em Matemática do IME, no campus Cidade Universitária. Todos indicaram que a continuação dos estudos está em seus projetos pessoais após a conclusão da Licenciatura, principalmente por ampliar suas oportunidades profissionais,

de modo que essas não se limitam a carreira docente, mas tangenciam o setor financeiro, editorial e computacional, por exemplo.

O FIM DA ESCOLA!: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*Menino eu te asseguro
Do outro lado do muro
A escola é bem maior
E o tempo foi passando
Levei pau pra entender
Minha escola é o mundo
E o meu mundo é você
Já não sou analfabeto
Porque hoje eu assoleiro
Teu olhar meu bem querer*
(FIDELIS, 2015)

A maneira como se estruturou esta dissertação, em nenhum momento, procurou esgotar as questões que se propôs discutir. Inicialmente, foi apresentada a história do pesquisador, que se aproximava bastante das trajetórias dos colaboradores. Ainda no primeiro capítulo foram discutidos aspectos teóricos e metodológicos que serviram de estrutura para a pesquisa e foi criado um breve panorama para situar tanto a pesquisa quanto a abordagem biográfica no contexto da Educação no Brasil.

O segundo capítulo reúne as histórias dos sete colaboradores da pesquisa, sendo seis homens e uma mulher e, ao final deste, são sintetizadas as principais informações apresentadas, bem como algumas das lembranças da escola.

No terceiro e último capítulo são feitas as principais análises decorrentes das experiências escolares aqui recuperadas, sobretudo se considerar a escola como um lugar onde são construídas relações pessoais, de aprendizagem e situações de diversão, bem como o ingresso no curso de Licenciatura em Matemática, os primeiros passos na profissão e os projetos pessoais dos participantes.

O tema escola, em qualquer instância, além de ser muito abrangente é muito polêmico. É muito comum a falta de motivação e o desprazer em ir pra escola nos jovens que a frequentam. No entanto, as lembranças que se tem da trajetória escolar são tidas como boas, sobretudo ao se considerar os amigos, situações de diversão e aprendizagem.

Se considerar a etapa do Ensino Fundamental como obrigatória por lei, nos deparamos com um problema: a escola como parada obrigatória no percurso de todo cidadão brasileiro. Se, por um lado, a escola é norteada por parâmetros e currículos

oficiais, por outro lado seus efeitos são bastante particulares em seus alunos. A partir disso, a pesquisa teve como base duas questões: o que a escola faz com o sujeito? e o que o sujeito faz com aquilo que a escola lhe fez?. A primeira considerando os sentidos atribuídos à experiência escolar e a segunda avaliando as potencialidades e as contribuições da escola tanto na trajetória de vida quanto na constituição de projetos pessoais. Nessa perspectiva, serão retomadas as principais considerações acerca do objeto de estudo: os sentidos e as contribuições da escola.

Diante da divisão da trajetória de vida dos colaboradores em suas entrevistas narrativas autobiográficas – antes, durante e depois da educação básica – não ter, ou ter poucas lembranças antes da entrada na escola pode sugerir essa como um marco em suas vidas, talvez o início da consciência de si. Em quatro dos casos analisados essa entrada foi um momento bastante difícil: por associá-la ao afastamento da família, mais precisamente da mãe (Thiago); por não ter incentivo por parte da família e não ter a idade mínima exigida na época, precisando ser afastado na metade do ano letivo (Bruno); por ser bastante reservado (Eduardo e Cristina).

No geral, as primeiras lembranças escolares são associadas aos primeiros amigos e aos professores, pelas relações positivas e negativas. Segundo os colaboradores, as atividades desenvolvidas na escola eram brincadeiras com os colegas e professores, geralmente mulheres e muito carinhosas e preocupadas com os alunos. Além disso, existiam momentos para desenhar, colorir, aprender a ler e escrever. Alguns chegaram a mencionar o uso do caderno de caligrafia em casa, mas que, sem muita segurança, isso não pareceu ter lhes trazido muitos resultados.

Cinco dos colaboradores (Bruno, Thiago, Henrique, Lucas e Leandro) durante o Ensino Fundamental I mudaram pelo menos uma vez de escola. Ainda crianças tiveram de se readaptar às novas regras e criar laços, o que para alguns foi bom e para outros, ruim. Nessa fase, a escola se destacou como um lugar de diversão. Para alguns, o gosto pela matemática começava a surgir e a se intensificar a partir da presença de professores marcantes, aqueles que, ainda na infância, se mostraram mais atenciosos ou mais rigorosos.

No geral, a realidade da escola é legitimada por suas ciências e seus respectivos professores, os quais exercem o ofício de ensinar. Porém, os alunos muitas vezes se encontram numa lógica diferente dessa e, encontrando uma brecha,

extravassam. Sendo uma vida sofrida em alguns casos pelas difíceis condições financeiras, dificuldades de aprendizagem e em se relacionar ou a excessiva cobrança do ambiente de estudo (Bruno, Henrique, Eduardo, Leandro e Cristina), a escola também se fez um momento de alegria e de destaque, de diversão, se considerar a ideia de suspensão da vida na perspectiva de Marias (1989). Essas mesmas situações convergiam em alguma instância para momentos de aprendizagem, enriquecimento e engrandecimento da vida, ou seja, de dilatação da vida, ainda segundo o autor.

Os apontamentos, como foram feitos, contribuem para pensar que, em sua origem, em sua essência, a escola já é um lugar de diversão e, talvez, não precise disputar lugar com outras instituições, instrumentos e meios, uma vez que ela pode, em alguma instância, possibilitar melhores condições de vida.

A escola parece se situar em um eixo com polos na obrigação e no prazer. Além de ser um estágio obrigatório por lei, as matérias, os conteúdos, as atividades e o modo como essas se dão, acabam sendo impostas pelos professores e os alunos não tem opção de não participar, precisam fazer, caso contrário isso pode custar o ano letivo, independente do seu perfil, personalidade ou ainda familiaridade ou não com determinados assuntos. Portanto, pode ser considerada como uma das únicas responsabilidades da criança e do jovem. Entretanto, aprender coisas novas, se relacionar e muitas situações provenientes do sistema escolar também podem ser prazerosas.

A aprendizagem também pode estar relacionada ao material escolar, livros ou apostilas. Como foi visto, em alguns casos (Eduardo, Lucas e Cristina), o material apostilado serviu de motivação, ou ainda, para desenvolver a autonomia nos estudos. Além disso, o uso ou não do uniforme escolar (Eduardo e Lucas) também podem contribuir para a constituição da personalidade dos alunos e o reconhecimento do outro como diferente.

Foi possível perceber que a escola não é apenas um lugar onde se constroem relações com o saber (CHARLOT, 2000) a partir dos conhecimentos específicos na fragmentação disciplinar, mas propicia a constituição de laços pessoais, que vão desde relações de amizade ao amor, mesmo a admiração e tomadas como exemplo, que contribuem para a construção da identidade dos envolvidos.

Os professores, pelo menos nas séries iniciais, são associados como aqueles que sabem tudo, quase nunca são contestados e estão sempre certos, quase que se aproximam da figura do super-herói. Porém, após a transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, talvez a mais impactante, há uma fragmentação disciplinar, acompanhada de uma maior densidade de professores. Nesse momento, se dão efetivamente as primeiras dificuldades de conteúdo e as comparações entre os professores, tanto em questões de metodologia quanto de perfil e personalidade.

Sendo assim, começam também as primeiras identificações, essas que podem contribuir para a formação de caráter, desenvolver gostos e aptidões por algumas áreas e até mesmo contribuir para escolhas futuras. Os professores de matemática da escola, ou mesmo nos cursos pré-vestibulares, foram de grande relevância para a escolha do curso de Licenciatura em Matemática nos casos de todos os colaboradores.

Apenas Bruno mencionou gostar de números antes da escola, por causa do seu avô professor ou por memorizar números de telefone. Leandro, por sua vez, foi perceber a importância dos estudos a partir de um projeto de física que participou em uma instituição religiosa que frequentava na adolescência. Uma grande influência na vida de Eduardo, sobretudo se considerar o gosto pela matemática, foi seu irmão, que tinha ótimos resultados na escola e bem sucedido na carreira como engenheiro. Apesar de existir certa aproximação nos três casos citados para além da escola, essa se mostrou como fundamental para desenvolver o gosto e a escolha pela matemática como carreira e formação pelos colaboradores.

Todos tiveram um contato mais próximo com essa área do conhecimento, que é a Matemática, dentro da escola e de alguma maneira, pelos professores, pela facilidade, ou ainda por sua estrutura lógica. Esse contato foi fundamental para a escolha do curso de nível superior e o delineamento das suas trajetórias, principalmente se considerar o repertório e as possibilidades do mercado de trabalho que se enquadraram. Se aqui foram discutidos casos em que a Matemática se fez como cerne da discussão, o mesmo acontece para outras áreas, já que a escola concentra, dentro das suas limitações, as mais diferentes áreas do conhecimento e insere seus alunos num legado histórico e cultural.

A escola se faz como palco para constituição de diversos tipos de relações pessoais, entre elas relações de amizade, de amor e até mesmo tomar alguém como

exemplo. É um lugar que reúne pessoas da mesma idade, crianças, jovens e adolescentes que podem compartilhar das mesmas experiências decorrentes das fases da vida, além de possibilitar um lugar de trocas e do reconhecimento do outro e construção de si mesmo a partir do olhar do outro.

Em todos os casos a entrada no Ensino Superior foi uma grande frustração tanto pela etapa de seleção quanto pelas dificuldades enfrentadas no início e ao longo do curso, uma justificativa para isso é a necessidade do curso pré-vestibular para garantir o acesso nessa nova etapa da Educação, pois a escola deixou algumas lacunas. Isso porque se na Educação Básica não tinham dificuldades com os conteúdos disciplinares, o início da graduação, para alguns o curso como um todo, se fizeram exatamente como o oposto, bastante árduos.

Os estudantes aqui considerados, apesar de apresentarem trajetórias diferentes, em algum momento das suas vidas ingressaram na Licenciatura em Matemática da USP, uma das melhores universidades da América do Sul. Por mais que alguns apresentassem bastante facilidade na escola, o ingresso e o início na graduação não se deram da mesma maneira. Dos sete colaboradores, apenas um não fez curso pré-vestibular, mas começou a licenciatura por meio de uma prova de transferência. Todos eles perceberam a necessidade de mudar a dinâmica dos estudos. A dedicação aos estudos na graduação precisa ser maior do que na escola. A estratégia de estudar antes das provas já não funciona mais.

Predominou a opinião de que o curso de Licenciatura em Matemática é fraco e que não prepara efetivamente o professor para a carreira docente. A iniciação à docência desses futuros professores de matemática, sendo alguns dos casos o primeiro emprego, se deu através de plantão de dúvidas de matemática em escolas ou cursos pré-vestibulares. Leandro e Cristina, desmotivados com a graduação, tiveram os projetos especiais, onde têm contato com alunos da rede pública, bastante importantes para definir a permanência e provável conclusão no curso de licenciatura, sobretudo a possibilidade de atuação como professor.

Na maioria dos casos o primeiro contato com a docência e a inserção no mercado de trabalho se deu por meio de projetos especiais decorrentes da própria graduação e de plantões de dúvidas em escolas e cursos pré-vestibulares.

Os projetos pessoais e profissionais construídos por esses licenciandos são bastante próximos. Após concluírem a licenciatura, pretendem fazer pós-graduação, uma vez que isso possibilitará ser professor em cursos de nível superior. Até lá, a carreira como professor de Educação Básica é bastante válida. Porém, todos percebem a desvalorização profissional, financeira e pessoal da carreira docente, principal motivo de não cogitarem a rede pública de ensino como uma das opções de atuação. Isso faz com que outras áreas também sejam alternativas de atuação, com destaque para o setor financeiro. Tanto a USP, quanto o curso de Matemática, trouxeram aspectos positivos para alguns dos colaboradores, se considerar o *status* que passaram a ter em suas rede de relações, algumas vezes sendo considerados gênios pelos outros.

Em quase todos os casos há pretensões de constituir família e ter filhos, sendo que a educação será fator importante na formação desses. A escola, por sua vez, teve papel importantíssimo na vida de cada um deles, desde a formação de caráter até a opção de atuação no mercado de trabalho.

Ainda que se tenha observado o valor da escola, é possível perceber nos casos de Thiago, Eduardo, Lucas, Leandro e Cristina que a família deu mais condições desde a entrada na escola até a conclusão do Ensino Médio. Isso aconteceu mesmo existindo dificuldades financeiras, como nos casos de Lucas e Leandro. Já o caso de Bruno foi diferente, uma vez que teve que vencer a família, sobretudo o pai, para permanecer na escola, ou ainda Henrique, que precisou vencer a si próprio para concluir o Ensino Médio, tendo em vista as dificuldades enfrentadas em aprender e de se ver forçado a participar do processo escolar.

Se considerar situação social dos pais, nos casos de Bruno, Henrique, Lucas e Leandro, a escola se faz como propulsora das mudanças atuais, isto é, lhes oferece melhores condições e oportunidades. Isso ajuda a pensar os fenômenos de campos de possibilidades e negociação da realidade (VELHO, 1999) que foram apresentados.

Apesar de não ser objeto da pesquisa, o procedimento da narrativa autobiográfica propiciou um processo de pesquisa-formação-ação (PASSEGGI, 2010) servindo, essencialmente, aos narradores, isto é, os colaboradores. Para além de narrar o que já sabiam, as narrativas se fizeram verdadeiros processos de descoberta. Para alguns foi revelador fazer uma construção linear de toda sua trajetória e o exercício possibilitou desvelar o porquê da escolha pela profissão e traçar novos objetivos para

suas vidas, sendo que na maioria dos casos a relação com o conhecimento esteve presente para essa decisão. Foi possível constatar que a escola tem contribuições para além dos conteúdos das disciplinas específicas na vida dos sujeitos e em seus projetos pessoais. Mesmo aqueles com dificuldades, os saberes escolares se fizeram marcantes em diversos âmbitos.

Longe de esgotar o tema que circunda os sentidos e as contribuições da escola na vida dos sujeitos, a pesquisa mostrou-se significativa para se pensar questões acerca da escola que transcendem os saberes específicos e disciplinares. O trabalho com as histórias de vida foi bastante fértil se considerar os resultados obtidos a partir das entrevistas narrativas autobiográficas com colaboradores da pesquisa, sobretudo em se tratando da lacuna existente no campo educacional que o levantamento aqui construído apontou, o trabalho com estudantes de cursos de licenciatura, professores em formações.

Pessoalmente, o texto a seguir me ajuda a estabelecer uma relação entre a Educação e os projetos:

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?. Os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem: – Para que não comece a destruição. – E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: – Não só a cidade. Se, insatisfeito com as respostas, alguém espia através dos cercados, vê guindastes que erguem outros guindastes, armações que revestem outras armações, traves que escoram outras traves. – Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta. – Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto? – Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos respondem. O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada. – Eis o projeto – dizem. (Calvino, 1990, p. 117)

Acredito que a Educação, sobretudo a educação escolar, deve ser como Tecla, a cidade visitada por Marco Polo, pois, se por um lado, a escola produz resultados, por outro, esses estão em constante processo de transformação, isto é, transcendem o período escolar e tem repercussões no agora e no por vir dos sujeitos, principalmente se esses são ou se tornarão professores. Viver é essencialmente projetar-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, P. L.; BERGER, B.. O que é uma instituição social?. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S.. (Orgs.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro/São Paulo: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.

BOUTINET, Jean Pierre. **Antropologia do Projeto**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUENO, B. O.; CHAMLIAN, H. C.; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B.. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, V.32, n.2, p. 385-410, maio/ago. 2006

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATANI, D. B. et al. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n.1/2, p.299-318, 1993.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FERNANDES, Maria Esther. **História de vida: dos desafios de sua utilização**. Revista Hospitalidade, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 15-31.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Natal, 2010. p. 31-57.

FIDELIS, Luiz. **Meu Bê-a-Bá**. Disponível em: [http://www.santannacantador.com.br/letras.php?id=69](http://www.santannacantador.com.br/let-ras/letras.php?id=69). Acesso em: 11 março 2015.

GALLEGO, Rita de Cassia. Tempo social e tempos vividos: as narrativas autobiográficas e seus marcadores temporais. In: SOUZA, E. C. de; GALLEGOS, R. de C. (Orgs.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 19-33.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**. Faculdade de Educação, Cempem. Campinas, São Paulo, V. 11, n. 19, jan/jun. 2003. p. 9-55.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Notas sobre narrativa e educação matemática. LOPES, Celi Espasandin e NACARATO, Adair Mendes (Orgs.). **Educação Matemática, leitura e escrita: armadilhas, utopias e realidade**. Campinas: Mercado das letras, 2009, p. 79-100

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

- JOSSO, Marie-Christine. **Cherminer vers soi**. Suisse: L'Age D'Homme, 1991.
- KILPATRICK, William Heard. **Educação para uma sociedade em transformação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. (Coleção Textos Fundantes de Educação)
- MACHADO, Nílson José. **Educação: microensaaios em mil toques**. São Paulo: Escrituras, 2009.
- _____. **Educação: projetos e valores**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MARÍAS, Julián. **A Felicidade Humana**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- MARINA, José Antonio. **Teoria da inteligência criadora**. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva, 2009.
- MAGALHAES, M. N.; SANTOS, R. M. B. dos. Uso de estatística na opinião de egressos de licenciatura em matemática de uma universidade pública. In: SALCEDO, Audy (Org.). **Educación Estadística em América Latina: Tendencias y Perspectivas**. Universidad Central de Venezuela, 2013. p. 283-298. Acesso em 17 Jan 2015. <http://saber.ucv.ve/jspui/handle/123456789/4666>
- MARQUES, M. O. **Escrever é Preciso**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997
- MICHELAT, G.. **Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia**. In: THIOLLET, M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo: Pólis, 1987. p.191-211.
- MOMBERGER, Christine Delory. Formação e Socialização: Os Ateliês Biográficos de Projeto. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, maio/ago. 2006. p. 359-371.
- MOMBERGER, Christine Delory. Histórias de vida, teoria da formação e construção de aprendizados. In: TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 247-255.
- NACARATO, A. M.; PASSEGGI, M. da C. Olhar para si e superar marcas deixadas pela matemática escolar: reflexões de uma futura professora sobre seu percurso de formação. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Artes de sentir: trajetórias de vida e formação**. Fortaleza: Edições EFC, 2012. p. 208-225.
- NOVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.
- PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre. (Org.). **Tratado das ciências e das técnicas da formação**. Tradução Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NOVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p.97-118.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **On histoires de vie**. Paris: PUF, 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

POSTMAN, Neil. **O Fim da Educação**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. 2000. 386 p. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, R. M. B. ; MAGALHAES, M. N. ; SILVA, L. O. . **Avaliação do conhecimento de Estatística dos formados em Licenciatura do IME-USP**. In: Simpósio de Iniciação Científica do IME-USP, 2010, São Paulo. Anais do Simpósio de Iniciação Científica do IME-USP, 2010.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e Organização: Wagner, H. T. R. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, W.; Pfaff, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

SOUZA, Elizeu Clementino de. ‘A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação’. **Revista Educação em Questão**, do PPGE/CCSO/UFRN, v. 25, n 11, jan./abr. 2006, pp. 22/39.

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa, (Auto)biografias e História Oral: ensino, pesquisa e formação em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em revista**, v. 32, p. 1-14, 2010.

SOUZA, E. C. de; UZÊDA, L. C. de O.. Histórias de vida, narrativas (auto)biográficas e docência na educação infantil. In: TAKEUTI, N. M.; NIEWIADOMSKI, C. (Orgs.). **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 256-268.

SOUZA, E. C. da; PASSEGGI, M. da C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica e práticas de formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino. O que fica por dizer: memórias cruzadas em histórias de formação. In: Fischer, Beatriz T. Daudt. (Org.). **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011. p. 165-178.

TEIXEIRA, I. A. C.; PAULA, M. J.; GOMES, M. L. M.; AUAREK, W. A. (Orgs.). Viver e contar: experiências e práticas de professores de matemática. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2012.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Apêndices

Apêndice A – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Bruno

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Oi, meu nome é Renan Marcel Barros dos Santos. Esse é um trabalho para minha pesquisa de pós graduação a nível de mestrado que estou realizando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Eu vou explicar um pouco da minha pesquisa para você saber do que se trata e estar um pouco inteirado. Tudo bem? Depois vou fazer algumas perguntas, vou perguntar seu nome, profissão, todos esses dados.

R: Essa pesquisa se trata do seguinte: eu quero ver a partir da sua história de vida, então, desde a sua infância, juventude e hoje, considerando que você é praticamente um adulto já que você concluiu a escola básica, como que a escola foi importante para constituir quem você é hoje. Então serão esses três períodos que a gente vai trabalhar: a sua infância que eu considere como antes de você entrar na escola, sua juventude que também pega uma parte da sua infância que seria esse período que você passou dentro da escola e após a escola que seria até hoje quando você entra na universidade e visando, tudo isso visando o seu futuro. Então tudo isso visando suas pretensões profissionais, pretensões acadêmicas. Então será esse o trajeto que a gente vai fazer nessa entrevista. Eu queria dizer que se tiver alguma coisa que você não quiser responder tudo bem, fique a vontade para de qualquer forma dar a entender que você não quer responder e tem a liberdade também de perguntar qualquer coisa ao longo da entrevista, tudo bem? Então agora você pode me falar um pouco de você. Me fala seu nome, que ano você nasceu, conta um pouco de quem você é hoje.

E: Meu nome é Dalton Felix da Silva. Vou fazer 27 anos agora em outubro, sou de 1985. Sou professor de matemática de um colégio na região do Morumbi em São Paulo.

R: Então acredito que a gente já pode começar. Então partindo que você tem 27 anos, vamos viajar um pouquinho no tempo e vamos voltar quando você tinha por volta dos seus 2-3 anos. Me conta como que era a situação financeira na sua casa, quantos irmãos você tinha, escolarização dos seus pais. Se alguma dessas perguntas você acabar esquecendo eu vou conduzindo a nossa conversa. Tenha em mente que isso é uma conversa para você não precisar ser tão formal. Tudo bem?

(3:24) D: Ok. A minha família é do Nordeste, do estado do Piauí. Então a nossa infância foi passada lá e sempre fomos muito... eu nasci aqui e fui pra lá muito pequeno. O que eu sei da minha infância é que é uma infância muito sofrida né? O pessoal do sertão do Piauí realmente tem poucos pertences, pouca... a situação financeira é bastante difícil e a gente era bem pobre. Então não frequentei pré-zinho, nem a pré-escola, nem meus irmãos. Meus pais estudaram até a quarta série, que é o que eles têm lá né, o tal do ensino básico deles são quatro anos de estudo, bem básico. Apenas coisas básicas de matemática e português.

R: Você sabe me dizer o ano em que seus pais nasceram?

E: A minha mãe é de 1964 e o meu pai de 61, três anos antes.

R: Certo. Quantos irmãos você tem?

E: Tenho dois irmãos. Um irmão mais velho que eu, de 83, dois anos mais velho, e uma irmã, a primogênita de 82. Somos em três lá em casa.

R: Certo. Até que idade vocês ficaram no Piauí?

E: Até uns seis, sete anos mais ou menos.

R: Você começou a estudar lá ou você começou a estudar aqui?

E: Eu comecei a estudar lá. Entrei na 1ª série. Tinha seis, sete anos. Porém fui expulso da escola. A professora não aceitava a minha presença devido a minha pouca idade e os problemas que eu dava. Porque eu não conseguia, com a idade que eu tinha, me enturmar, participar das atividades e acabava atrapalhando o andamento da escola. O chamado grupo escolar lá. Ela pediu para, me convidou para eu não frequentar a escola, ainda naquele ano.

R: Antes desse acontecido, seus pais achavam importante, seus irmão que são mais velho que você eles já frequentavam a escola? Como que você enxergava a escola antes de pisar de fato na escola. Antes desse episódio que você viveu. Você tinha vontade de ir para escola? Você brincava... não sei. Você brincava de dar aula. Você tinha vontade de ler? Pegava as revista, os quadrinhos? Conta um pouquinho antes de você entrar na escola. Como que a sua família encarava a escola, se seus irmãos já frequentavam e a sua vontade.

E: O que eu lembro disso seria muito vago. Vontade eu não vou conseguir ser claro contigo. O que eu posso responder é que meus irmãos já frequentavam, os dois, a minha irmã e meu irmão, por serem mais velho. Eles já frequentavam, tanto que quando a gente veio, a minha irmã já estava terminando a segunda série e meu irmão terminando a primeira série. Por isso que eu não tinha idade para entrar, pois ele era mais velho do que eu. Porém, revistas, quadrinhos, essas coisas eu não tenho lembrança de nada, até por causa da nossa pobreza extrema, pode se dizer a isso, a gente não tinha acesso a isso, meus pais também não tinham estudo, então nem dava pra comprar nada. Então eu não tenho muita lembrança dessa época não.

R: Quais eram as profissões dos seus pais?

E: Então, lá como é sertão não dá nem pra falar numa profissão. Minha mãe ficava em casa cuidando da gente, fazendo a comida. Meu pai cuidava da roça. Ele cuidava da plantação e do gado. Então era assim que a gente vivia.

R: Você consegue lembrar se foi influência deles você ir para escola. Se eles achavam isso importante isso para vocês ou lá não tinha tanta importância assim a escola. Você sabe me dizer se a perspectiva deles é que você e seus irmãos trabalhariam na roça também? Já tinham ideia de vir aqui para São Paulo?

E: Não. A perspectiva era de trabalhar na roça mesmo. O fato de irmos a escola era algo inato, estava dentro deles que a criança tem que ir a escola. Não era para ter um futuro, porque vamos para São Paulo, eles precisam estudar. Não era por isso. Era porque precisa ir pra escola, tem uma escola lá, então precisa. E também pela influência do meu avô, meu avô era professor, mas professor em casa. Então antes de existir a escola, o meu pai e a minha mãe tiveram aula com o meu avô. Meu avô era o professor da região. Então as crianças da região iam para casa do meu avô para aprender

matemática, aprender português, tudo básico. Não vamos pensar que era algo, era tudo muito básico. Então meu avô era o professor, a pessoa mais admirada da região. Eu te falo que é vago, mas olha, a gente começa a voltar e daí talvez a gente consiga buscar de onde vem. Meu avô é meu ídolo até hoje. Ele diz que tem uma conta de matemática pra mim, quando eu voltar lá para o Piauí, pra mim resolver que ele acha que eu não vou conseguir resolver. E ele sabe como resolve, ele quer me ensinar antes que...

R: O seu avô está com quantos anos?

E: Ele está com 72 anos.

R: Ele é novo.

E: É que lá é muito sofrido, então as pessoas acabam morrendo mais cedo. Então ele já está bem sofrido já, então ele fala direto: “meu filho vem, porque o seu avô vai morrer e eu tenho que te ensinar essa conta”. É uma conta bem interessante, eu lembro que numa das minhas viagens para lá, em 98, eu tinha apenas 12-13 anos, e eu lembro que ele fazia a conta no chão, na areia, na terra, porque lá é terra, não tem asfalto. Ele fazia na terra a conta e aquilo era fantástico pras crianças, como é que dava certo. Nenhum adulto conseguia explicar como que ele fazia aquela conta.

R: Aproveitando isso que você falou do seu avô, dele ser professor. Você lembra se antes de você ir para escola ele, de alguma forma, já te ensinava a ler, a contar e escrever? Porque esse era o papel dele. Na sua casa ele tinha esse papel também com vocês?

E: Não. Por mais que a gente morasse próximos, bem próximos. O que acontece é o seguinte. Ele era professor antes do grupo escolar. Quando chega o grupo escolar, a escola em si, contrata-se professores. Ele que trabalhou 30-40 anos como professor, o governo foi escolhido para ser governo do grupo escolar. Então ele não era o professor do grupo escolar. Não vou conseguir lembrar se isso o chateou, se isso o deixou desanimado da profissão. Mas o que me lembro dessa infância é dele não mais tratar no assunto de, sabe, ensinar, de sentar e poder ensinar alguma coisa. O que me lembro, em 98, dessas contas já é quando a gente vai pra escola. Então chega de São Paulo ele dá uma animada, que os meninos, eu e meus irmãos, estamos vindo de São Paulo e eles já sabem alguma coisa. Agora essa empolgação dele de me ligar, falar para eu ir, talvez é um fato de ele ficar feliz por saber que eu me tornei professor. Porque, acho que a gente ainda vai falar sobre isso, minha mãe tem muito orgulho de eu ser professor e acredito que ele também tenha. Então ele volta a falar sobre isso comigo, talvez por causa disso. Por saber que eu me tornei professor. Tanto que com meus irmãos ele não chega a falar da conta, dessas coisas.

R: Pelo que você está falando lá no Piauí é bastante admirado o professor.

E: Sim, muito, muito respeitado e ganha bem. Ganha bem. É uma das profissões lá hoje em dia, que já tem profissões, está mais organizado, tem o grupo escolar, tem a prefeitura, tem tudo mais organizado. É uma das, não vou dizer que é a que ganha mais, mas ganha muito bem. Quem vive lá como professor não reclama. Pelo menos do salário não tem reclamado.

R: Já está um pouco contextualizada sua infância. Vamos passar para dentro da escola. Você consegue lembrar do primeiro dia na escola, um pouco antes desse episódio da professora?

(12:20)E: Não consigo lembrar. Isso são coisas que a minha mãe me conta. É porque a professora era minha tia, quando eu falo que lá não se reclama do salário eu sei porque a minha tia é professora no grupo até hoje. Ela era minha tia, então eu estava com 6-7 anos, naquela metade daquele ano a gente veio embora pra São Paulo. Então eu tenho pouca lembrança das brigas na escola, dela brava e pedindo para eu não ir mais para escola. Aí meu pai decidiu, a gente veio pra São Paulo. A gente veio pra São Paulo.

R: Você tinha família aqui em São Paulo também? Como foi essa vinda para cá?

E: Não tinha ninguém. Meu pai veio sozinho primeiro, na primeira metade do ano ele vem. Ele conheceu um rapaz num dos trabalhos dele que decidiram comprar um terreno e construir uma casinha. Aí no fim do ano ele trouxe a gente. Morar num cômodinho aqui em São Paulo. Mas a única pessoa que a gente tinha era esse amigo dele, um senhor, um amigo dele que ele conheceu num trabalho. Mas não tinha ninguém.

R: Vieram os 5?

E: Viemos. Primeiro veio meu pai. Depois nós 3, as crianças, e minha mãe

R: Você chegou em 92-93?

E: Por ali.

R: Você lembra a região que ficou aqui em São Paulo, na Grande São Paulo?

E: Taboão da Serra. Taboão da Serra. Numa casa lá mais para o fundo de Taboão, depois a gente muda mais pra cá de Taboão, mas sempre no Taboão até hoje. Taboão da Serra.

R: E agora, talvez um pouco mais recente já, você, em 93 quando..., na virada do ano você começou a estudar? Como que foi essa adaptação? Essa entrada na escola aqui em São Paulo?

E: Eu entrei na 1ª série em 93, já estava com 7 anos para fazer 8 anos. Sou de 85. Pra fazer 8 anos já. A minha irmã entrou na 3ª série da mesma escola e meu irmão entrou na 2ª série numa outra escola. Então, eu tenho pouca lembrança de eu indo pra escola com minha irmã. Poucas lembranças que ela que me levava. Ela era irmã mais velha, estava na 3ª série com 10-11 anos e eu na 1ª. Eu tenho lembrança subindo a rua, indo pra escola. Da escola, nessa época, eu não tenho lembrança. O que eu tenho lembrança da escola vai ser mais adiante, já que eu estudei todos os anos na mesma escola. Até essa época.

R: Você sabe me dizer se a escola era, eu imagino que seja pública, mas você sabe me dizer se era do Estado de São Paulo, se era da prefeitura, uma escola municipal, estadual?

E: Estadual. Escola estadual 1º e 2º grau. Uma escola estadual muito boa na época. Uma escola muito bem conceituada na região.

R: É mais uma curiosidade. Talvez a gente vai falar disso, mas, depois de grande você já voltou nessa escola? Já passou na frente?

E: Eu passo na frente todos os dias. Ela fica no caminho da minha casa pra vir pra grande São Paulo. Então eu passo na frente todos os dias e voltei em 2007

quando eu entrei na USP eu voltei no projeto, no INCLUSP, que é um projeto que foi muito bom pra mim, por poder voltar, vi. Até hoje fico muito arrepiado porque eu fui muito bem recebido, a escola, os mesmos funcionários estavam ali. Então eu tinha saído da escola em 2004, talvez, não vou lembrar. Entrei em 93, teria que fazer algumas contas, tirar 1 ano porque, como eu vou te contar daqui a pouco, eu passei 1 ano a mais na ... um ano a menos na escola. Porque eu passei 2 anos num ano só. Depois eu te explico melhor essa... no durante a escola.

R: Então com certeza a gente vai voltar em 2007, quando você faz essa volta para a escola. Então você ía para escola com a sua irmã. Seu pai, não tinha mais roça aqui em São Paulo. Então, como que ele trabalhava? Sua mãe continuava em casa?

E: Minha mãe continuava em casa. Minha mãe sempre foi do lar, até hoje. Ela nunca trabalhou. Trabalhou um pouquinho fora, depois a gente volta nisso. Meu pai era pedreiro, meu pai trabalhava como pedreiro com esse rapaz, com esse senhor, na época tinha uns 50 anos mais ou menos. Esse senhor que ele conheceu, os dois eram pedreiros juntos. Então ele trabalhava de bico, obra, uma obra aqui...

R: Questão de material escolar. Por você ter tido uma infância difícil, uma situação financeira difícil. A questão do material escolar, como que era?

E: Um caderninho e um lápis. Um caderninho, um lápis e a borrachinha. As vezes aquela borrachinha que vem grudada em cima do lápis, que você colocava a ponta do lápis dentro dela. Era aquilo. Caderninho pequenininho e o lápis com aquela borracha em cima. Caderno pequeno, não sei como que era o nome dele, mas tinha o caderno grande pequeno e o caderno grande, cada um tinha um nome. Tinha um nome os dois. Eu lembro que uma vez numa disputa meu irmão ganhou o caderno grande. Entre eu e ele um dos dois ia ganhar o grande e o outro o pequeno. Eu perdi a disputa, meu irmão ganhou o grande e eu o pequeno.

R: Mas isso eram seus pais que compravam?

E: Meus pais, meus pais compravam. Só que o dinheiro só dava pra comprar coisinha bem simples. Aí numa dessa ele comprou esse caderno maior, do grande, e eu lembro até hoje. Meu pai e minha mãe eles são muito, eles sempre foram muito... Não tiveram estudo. Nunca valorizaram o estudo. Para eles não é estudando que você vai subir na vida. Nunca... acho que meu pai nunca teve isso de subir na vida. Pra ele viver é o que importa. Subir na vida ou ter um curso superior, para ele não quer dizer muita coisa. Pelo menos ele nunca chegou em mim e disse: filho, você tem que estudar pra ser alguém.

R: Pra ele precisa estudar porque a escola está aí e todo mundo vai.

E: Tá dentro dele isso. Tá dentro dele isso. Aí de repente, do nada num dia, ele chega com um caderno grande, um caderno pequeno e fala que o primeiro que conseguisse escrever o nome dele completo ganhava o caderno grande. Tudo bem que era injusto, eu era 2-3 anos mais novo que meu irmão. Mas beleza entrei na disputa. Não tinha nada a perder, mas o nome do meu pai – Felix Gonçalo da Silva – aí o Felix, tranquilo, dava pra escrever tranquilo mas não valia. Tinha que ser completo. E eu não conseguia passar pelo “ç”. Maldito “ç”, odeio “ç” até hoje. Não conseguia passar por aquela letra. Então escrevia, tá errado, volta volta. Tá errado, faltava o ç. Aí meu irmão voltou o ç primeiro que eu. Aí ele ganhou o caderno. Essa é uma das lembranças que eu tenho, que me marca muito porque, que nem eu digo, meu pai nunca valorizou a escola,

a faculdade, mas dentro tinha alguma coisa que foi nos levando, foi a estudar, a procurar ser alguém na vida.

R: Então desde pequeno, por mais que pra ele não era estudando que você sobe na vida, mas ele fazia de tudo para vocês irem pra escola?

E: Exatamente.

R: Seu pai quanto sua mãe.

E: Principalmente minha mãe.

R: Sua mãe...

E: É, porque ela ficava em casa. Então ela que não deixava faltar, que avisava a hora de tomar banho pra ir pra escola. Essas coisas assim. Meu pai trabalhava, mas tinha essas coisinhas dele. Então hoje, olhando pra trás, eu sei que se eu tivesse tentado não ir pra escola ele não teria deixado eu ficar em casa, entendeu? Me obrigaria a estudar.

R: Na escola você lembra se a sala de aula era grande, quantas pessoas eram? Meninos e meninas?

E: Normal. Uma escola pública, uma escola pública boa, mas não muitos alunos por sala de aula. Uns 30 mais ou menos, um número bom para uma escola pública. Uma estrutura boa, bem pobre, bem simples a escola também. Escola de bairro pobre. Porém, era muito bom estar ali. Você tinha alimentação, tudo certinho. Então era uma boa escola.

R: Você lembra se você tinha muitos amigos na escola?

E: Sim, sim, mas eu tive problema com os amigos porque, eu tinha muitos amigos. Só que como eu era brigão, sempre fui brigão, você vai perdendo alguns. Perdendo alguns amigos. Mas o grande problema foi quando eu mudei de série, quando eu mudo de série eu perco todos. Perco todos os amigos. No meio do ano eu mudo, mudo de série. Isso aconteceu da 5ª pra 6ª. Eu saio da 5ª série em julho/agosto e vou pra 6ª.

R: Na mesma escola?

E: Na mesma escola. O que foi? Foi uma reclassificação. Que pra aqueles dados que eu tinha te falado eu entrei na escola com 8 anos. Eu já estava atrasado. Então teve uma prova de reclassificação porque eles achavam que eu poderia estar uma série a frente pela idade e pela facilidade que eu tinha por ser um pouquinho mais velho que os outros. Então, vê-se que eu já era bom desde lá. Brincadeira. Mas, me passaram. Fizeram a prova e eu passei para a série seguinte.

R: Foi sozinho, mais ninguém da sua turma foi junto com você?

E: Da minha turma ninguém. Embora até outras pessoas fossem mais velhas do que eu e tivessem feito a prova também. Mas não foi constatado que dava para passar para o próximo ano. O meu irmão já estava nesse colégio também.

R: Agora estava os 3 na mesma escola.

E: Já na mesma escola. Meu irmão eu falei que entrou na 2ª em outro colégio, ele terminou, fez o 2º ano nesse outro colégio. No 3º minha mãe trouxe ele para a mesma escola. Porém meu irmão também fez a prova, porque se eu estava atrasado ele

também estava. Ele é 2-3 anos mais velho do que eu. Ele também conseguiu passar para série seguinte. E a minha irmã também fez a prova e também passou. Então foi algo interessante porque eu fui da 5ª pra 6ª, meu irmão da 6ª pra 7ª e minha irmã da 7ª pra 8ª. Então continuou igual. E o mais legal...

R: Mas a diferença de vocês, da sua irmã é de 85 pra 82. Do seu irmão é...

E: De 83. Ele é de 83, eu sou de 85, 2 anos.

R: Então alguém está atrasado um ano.

E: Minha irmã por causa do Piauí. Lá entrava com 7 anos.

R: Entendi.

E: Então meus irmãos vieram 1 ano atrasado, eu também 1 ano. Aí eles recuperaram. Recuperaram assim, acho que ainda continuaram 1 atrasado né. Não entendo muito bem essa estrutura de idade mas acho que eles continuaram atrasado. Importante é que a gente ficou aquela diferença de escadinha continuou. Eu passei a usar o caderno do meu irmão. O mesmo caderno que meu irmão usava eu continuei usando. Eu lembro em história, o meu irmão parou uma palavra no meio. Ele parou a palavra fazia, ele parou o f o a o z estava pela metade. Aí pra termina a questão que ele estava respondendo eu terminei o z e a palavra fazia eu que completei e continuei a questão. O meu irmão pegou o material da minha irmã. E só a minha irmã ganhou ou material novo. Ganhou material tudo novo porque não tinha ninguém a frente dela. Foi legal, foi bem interessante.

R: Essa fase, como você disse que muitos amigos ficaram para trás, essas novas amizades, você tem algum grande amigo da escola que você fez nessa época, ou alguma lembrança de alguém que era muito querido?

E: Eu tenho lembranças de amigos muito queridos.

R: Na escola?

E: Na escola de antes de eu ser reclassificado e perdi o contato completamente. Perdi o contato completamente. Era uma época diferente da de hoje. Eu era muito pobre, então não tinha telefone. Não tinha nada que depois dessa separação pudesse se encontrar. Falar: olha me liga. Então foi cortando aquelas brincadeiras na quadra, de ir na casa um do outro, então esses amigos foram se perdendo. Foram se perdendo, se perdendo. E na nova sala que entrei fiz amizades, obviamente, mas nenhuma amizade tão forte. Pra que se diga ficou. Então da escola não sobrou nenhum amigo que eu diga hoje que é meu amigo. Posso encontrar, as vezes encontro lá perto na rua. É que eu fico muito pouco lá no Taboão, mas quando eu encontro, converso, mas nada de continuar indo na casa do outro.

R: Vou voltar nos seus amigos, mas agora eu quero saber como era o seu rendimento. Quais eram as disciplinas que você mais gostava. Porque a gente ainda não entrou no Ensino Médio. Antes mesmo de entrar no colegial, no Ensino Médio. Se você gostava de ler, se você já gostava de matemática. O que você gostava, o que você detestava.

E: Eu não detestava nada.

R: Ir pra escola você gostava?

E: Gostava.

R: Sempre gostou de ir pra escola. Porque hoje a gente escuta: é muito chato ir pra escola.

E: Meu irmão. Meu irmão não gostava de ir pra escola e as vezes ele ia pra escola sem o caderno. Aí é claro que ele apanhava quando votava pra escola. Ele esquecia o caderno...

R: Propositalmente.

E: É porque ele não estava indo pra escola, ele não queria ir pra escola. Ele queria brincar. Eu também queria brincar. Queria ficar na rua. Mas a escola era um lugar que eu brincava também, por ser uma escola pública, boa, mas não cobrava muito. Então não tinha lição de casa, não tinha muitos trabalhos, assim absurdos como hoje em dia a gente vê em escolas particulares. Então não era uma coisa que eu tinha que estudar continuamente. Entendeu? A escola para mim era um lugar de diversão também. De ver os amigos, de jogar bola, que eu sempre gostei muito.

R: Você fugia da escola para jogar bola?

E: Sim, pra jogar bola sim. Várias vezes a gente pulava lá o muro e ficava jogando bola na quadra e o professor ficava gritando da janela. Então assim, eu lembro do professor de inglês chamando a gente de volta pra sala. Então assim, não é que eu amava a escola, a estrutura, vou lá sentar e ficar estudando, não era isso. Gostava do ambiente escolar. Um ambiente muito bom, diga-se de passagem, o ambiente que eu estudei. O que eu queria entrar na verdade é que eu me achava bem sucedido na escola. Sabe quando você se acha bem sucedido num local? Então eu me achava bem sucedido ali.

R: No geral?

E: No geral.

R: Em questão de nota? Porque pelo que você estava falando era um pouco levado.

E: Sim, completamente. Brincava. Fui para diretoria algumas vezes, mas... Briguei com um grande amigo, que é uma coisa que eu me lembro muito. De ter ido pra diretoria. A gente brigou feio, mas eu me achava bem sucedido. Eu, meu irmão e a minha irmã. A gente era, das nossas turmas, a gente era bem sucedido. Eram as melhores notas. Eram também os que mais ajudavam os outros colegas e eu tenho uma lembrança, por exemplo, lá pela 7ª série mais ou menos, dá pra gente fazer a conta. Foi nas olimpíadas de 96 em Atlanta nos EUA. Então nem é tão longe. Quando eu estava lá pela 3ª-4ª série, meu irmão pela 4ª-5ª e minha irmã uma na frente, no colégio teve olimpíadas. Mas não olimpíadas como a gente vê hoje.

R: Mas olimpíadas de esportes ou olimpíadas escolar?

E: Escolar?

R: Olimpíada de matemática? Porque a gente escuta muito.

E: Olimpíada escolar, então tinha que fazer um desenho por exemplo na matéria de artes, educação artística, que hoje se chama artes. E tinha que fazer algumas contas de matemática. Mas não como a gente vê olimpíadas hoje. Aquela coisa brutal, essa competição, esse desafio, essa preparação para a olimpíada. Não. Num dia qualquer chegou-se e olha, está tendo olimpíada. Vamos fazer uma olimpíada aqui dentro

também. Então 15 questões de matemática bem simples, para os alunos responderem. Aqueles que responderem certo vão ganhando pontos, um desenho, faz um desenho sobre o vôlei de praia por exemplo. Os melhores desenhos, os professores vão dar ponto. Então você entende? Nada muito rebuscado, preparado, era uma olimpíada só para aproveitar, aproveitar a olimpíada para fazer a gente aproveitar um pouco mais. Então eu lembro que tinha medalha de ouro, prata e bronze. E nós 3 ganhamos as medalhas de ouro. Eu ganhei medalha de ouro da minha série, a minha irmã da série dela e meu irmão da série dele. Talvez até os professores pensassem assim: não vamos dar prata pra um deles. Imagina quando chegar em casa. Mas o importante é que os 3 ganharam uma medalha de ouro. Por série hein? Existia medalha de bronze, prata e ouro. Por série.

R: Não era uma única 4ª série...

E: Não, eram várias. Foi uma conquista. Tanto que quando a gente chegou em casa, me lembro até hoje, meu pai comprou, a comemoração das famílias pobres, meu pai comprou tubaína. Comprou a tubaína pra gente tomar e ficou muito feliz. Uma das raras vezes que meu pai ficou feliz com nosso desempenho. Lembra que eu falei que a gente foi reclassificado? Ele nem ligou, não comprou nada.

R: Mesmo sabendo que bastante gente tentou a reclassificação e ninguém conseguiu.

E: Ele não ligou em nada. Se tivesse alguma lição de casa, caso tivesse, que não tinha, não me lembro de lição de casa nessa época. Mas caso tivesse ele não ia ajudar, pois trabalhava muito. Mas nesse dia especial, quando a gente chegou com as medalhas em casa, dissemos pra ele de onde tinha saído aquelas medalhas, acho que bateu, assim, um orgulho nele. Aí ele foi e comprou a tubaína. Comprou 3 tubaínas pra gente tomar a família inteira, pra gente dividir as 3 tubaínas. Mas aquele ato, aquela tubaína dividida fica na mente até hoje de algo que a gente deu orgulho para o nosso pai, Por isso foi muito bom pra gente aquele dia.

R: Aproveitando isso de olimpíadas, de medalhas, esses professores que não queriam criar divergência entre vocês. Tinha divergência entre vocês? Talvez você querer superar sua irmã, ou um deles. Essa competição dentro de casa.

E: Não. Nunca teve nem dentro de casa. E nesse momento da escola eu acho que também não tinha muita competição, por ser uma escola pública. Nem na nota. Nosso desempenho era bom. Mas não tinha aquilo que hoje em dia tem, sabe? Diversas provas, diversas notas, quem tira mais. Era bem tranqüilinho e entre a gente não, não tinha competição nenhuma.

R: Na escola, competição com os amigos...

E: Não me lembro. Dessa época ainda não. Ela vai existir mais a frente. Dessa época ainda não.

R: Você falou que gostava bastante de se sentir satisfeito com seu rendimento, mas você não chegou a comentar se você tinha alguma queda pela matemática, alguma tendência ou tinha, talvez história, biologia, alguma que você não gostasse. Não detestasse. Porque você gostava da escola, claro, mais pela diversão, dessa época, mas se você já tinha alguma tendência em gostar mais da área de humanas, gostar mais de ler, tinha biblioteca na sua escola, tinha livros em casa?

E: Livros em casa não. Não tinha. Meu pai não lia. Minha mãe não lia. Não havia a leitura dentro de casa. Biblioteca na escola, minha irmã gostava de pegar livros e lê. Até hoje ela lê muitos livros. Eu e meu irmão a gente jogava bola, não ficava lendo nada. A matemática, de onde eu gosto da matemática? Vai ser mais tarde. Daí, dessa época eu me lembro de telefone. Sempre gostei muito de decorar telefone. Então você já pode dizer que eu tinha uma facilidade para números. Então alguém falava um telefone aí daqui a pouco alguém perguntava qual o nome, eu falava, atropelava todo mundo pra mostrar que eu tinha conseguido decorar e ainda lembrava aquele número. Na época eram 7 números, 4913095, o número lá de casa, então eram 7 números. Hoje em dia já estamos com 9, já está mais difícil de decorar. Mas eu gostava de decorar coisas e números, já gostava, mas não matemática. Matemática ainda não nessa época. Vai demorar um pouquinho ainda. Matemática acho que vai ser lá só pela 7ª série.

R: Certo. Até agora você não fez nenhum comentário de professor. Teve algum professor, que não seja sua tia, que te impediu de continuar na escola. Teve algum outro professor que você lembra, talvez alguma professora que você tinha algum encanto por ser muito bonita, te dava bastante atenção, ou alguma professora que foi muito brava com você, algum professor que te incentivou bastante por esse destaque que você tinha nos estudos. Me conta um pouco dos seus professores até esse momento da sua vida.

(35:30) E: Vale lembrar que a minha tia é professora lá no nordeste. Naquela época era professora de tudo, que nem meu avô. Então ela ficava com a gente o tempo inteiro. Então ela era a única professora do grupo escolar. Aqui, já na primeira série... Aqui em São Paulo na 1ª série nessa escola pública também era uma única professora, a professora Tereza, que era muito carinhosa, muito didática, mas não me lembro muito da influência dela, lembro que eu gostava muito dela. Era uma pessoa muito doce, lembro da fisionomia dela até hoje, por incrível que pareça.

R: Você tinha admiração?

E: Eu tinha admiração pela professora Tereza. A partir da 3ª série é que a gente começa a ter a divisão de matérias, só a partir da 3ª, a 1ª e a 2ª a professora Tereza. A partir da 3ª série a gente passa ter matemática, português, essas coisas. Biologia, química, física, essas coisas, eu só vou ter no colegial. Sei lá, acho que na 7ª ou 8ª talvez eu já tenha essas matérias. Não tô conseguindo me lembrar onde foi. Mas demorou muito para que eu tivesse mesmo física, biologia, química, filosofia, essas coisas.

R: Isso seria no 1º colegial ou talvez na 8ª série, hoje 9º ano.

E: Por aí, mas eu lembro que demorou bastante. Agora, a professora...

R: Tinham professores homens também?

E: Tinha, a professora de matemática da 3ª série era um terror, era muito boa, ensinava muito bem, lembro até hoje, a professora Valéria, porém, era muito brava. Me tomou vários brinquedos e nunca devolveu, eu dizia que ela ia levar para os filhos dela e deve ter levado mesmo. Colocava no bolso do avental branco dela e eu não gostava dela. A professora de matemática era boa ensinando, mas era uma pessoa, na minha opinião, naquele momento pra mim ruim.

R: Mas ela fazia isso só com você...

E: Não, com todos os alunos. Ela era extremamente brava. É que eu dava mais motivos. Professor homem eu lembro do professor de matemática que eu poderia dizer que me inspirou um pouquinho a ser professor, que é o professor André. Muito bravo também...

R: Em que série...

E: Já na 7ª série. Já na 7ª série eu tive o professor André. Foi quando eu passei de ano, passei de ano, quando eu passei, fui reclassificado, da 5ª pra 6ª, nessa nova turma eu não consegui fazer amigos muito forte como eu já te falei. Mas nessa nova turma os professores me influenciaram muito mais. Então é nessa nova turma, acho que os professores perceberam, falavam: ah, ele conseguiu a reclassificação, então ele deve ser bom. Aí começaram a prestar mais atenção em mim ainda, já prestavam, mas começaram a prestar mais atenção. Eram outros professores, não eram os mesmos.

R: Nenhum era o mesmo?

E: Não. Era diferente. Estranho né? Era diferente. O professor da 7ª, 6ª, na época, era diferente da 5ª que eu estava tendo.

R: É estranho, tudo bem se fosse no ensino fundamental...

(fim primeiro arquivo)E: Continuou uma professora só, que eu nem me lembro dela.

R: Então você trocou de série após a reclassificação e continuou apenas uma professora.

E: É, mudaram praticamente todos. Não eram muitos, proque ainda não tinham muitas matérias, mas os outros continuaram. Os novos, lembro muito do professor Pacheco, professor André e o professor Francisco, que me ajudaram muito. Esses professores, eles sempre me influenciaram muito.

R: Você lembra quais eram as disciplinas que eles lecionavam?

E: Lembro. O André era geografia, o Francisco de letras e o ...

R: Pacheco...

E: Pacheco de matemática. O Pacheco era muito bom. Minha mãe gostava muito dele, porque ele falava muito bem da gente pra ela.

R: Nas reuniões só?

E: Reuniões Minha mãe sempre foi nas reuniões. Ela ia em todas. Meu pai nunca foi. Dessa época eu lembro que uma vez o professor André de geografia ele me deu um computador, um 486 na época. Me deu um computador. Ele viu que eu era muito pobre e falou assim: tomara que te ajude em alguma coisa. Ele me deu um computador. Mas não tinha nem como eu levar um computador pra casa. Imagina o sofrimento eu levar um 486 pra casa, eu morava consideravelmente longe da escola.

R: Você ia a pé?

E: Uns 20-30 minutos, com subida. Até falei da subida, era grande.

R: Você estudava de manhã, de tarde ou de noite?

E: A tarde.

R: Sempre foi a tarde?

E: Não, depois vai mudar pra noite.

R: Tudo bem.

E: A princípio a tarde. Daí pra levar o computador em casa o professor de inglês colocou no fiat UNO dele e levou o computador pra nossa casa. Minha mãe ficou toda feliz, toda orgulhosa também do computador, então já ajudou a fazer algumas coisinhas nessa computador. Minha irmã gostava de ficar digitando os textos no Word, então foi bem legal. Não dava pra colocar internet, essas coisas nem sei se já existia, mas não rolava. Um computador bem devagarzinho mas ajudou muito, e o ato né? O ato eu nunca vou me esquecer e esse professor eu lembro o dia que ele foi embora. O dia que ele mudou de escola ele me chamou pra conversar e me agradeceu. Falou que tinha aprendido muito comigo. Primeiro ele perguntou se eu tinha aprendido alguma coisa com ele. Eu falei: você só pode estar brincando né?

R: O professor de geografia?

E: De geografia. O senhor só pode estar brincando, eu aprendi muito com você, não só de geografia, eu aprendi de mundo, de vida. Aí ele falou: eu quero te dizer que eu aprendi muito mais com você. Então hoje eu penso que ele devia estar dizendo aquilo, talvez pela dificuldade que a nossa família sempre teve e mesmo assim a gente era os 3 melhores da escola. Eu falo assim porque, não é convencimento, como eu comecei na entrevista eu falei: eu sempre me achei bem sucedido na escola. Então na escola eu sempre vou ter esse, esse tom de superioridade. Não sei porque, eu sempre acho que eu sou o melhor. Talvez esteja errado, mas a escola sempre me trouxe lembranças muito boas.

R: É bastante emocionante isso que você contou, porque muitas vezes é difícil essa proximidade entre professor e aluno. Com quantos, em qual série ele foi sair da escola?

E: 7a, 8a por aí.

R: 6a, 7a, ele ficou 2 anos.

E: Por aí. Eu dei trabalho pra ele viu? Também. Não pensa que eu não dei problema. Na 7a série por exemplo foi a primeira vez que o circo pegou fogo pra mim porque os professores falaram que eu estava conversando demais, sempre falei muito, estou falando muito de novo, mas aí falei muito e começou a reclamação que eu estava falando muito em sala de aula. Então dei problema sim. Não estou falando que eu era o santinho.

R: Mas como você está falando, isso nunca prejudicou o seu rendimento?

E: Não.

R: E brigas... você tinha algum rival? Alguma briga dentro da escola que você lembra?

E: Não. Rival nenhum. A briga que eu me lembro foi aquela que eu falei. Brigava, sempre brigava. Mas a única briga que eu me lembro de ser grave foi aquela que eu falei com um dos meus melhores amigos e uma briga que...

R: Você chegou a contar por que vocês brigaram?

E: Sim. A gente queria ser o primeiro da fila pra ir pra sala. Pra ficar perto de uma das professoras. Então eu cheguei primeiro, ele passou na minha frente, eu

tentei passar na frente dele. Aí ele colocou os 2 braços, abriu os 2 braços pra que eu não conseguisse passar na frente dele. Aí eu mordi o braço dele. Fui levado pra diretoria, contei tudo que tinha acontecido como estou contando agora. Não foi culpa minha, mordi mas não foi culpa minha. Aí a diretora olhou pra mim e perguntou: você agora é cachorro, é isso? Aí eu falei: não sei se eu sou cachorro, mas ele entrou na minha frente e colocou o braço aí... Foi essa briga que me marcou porque ele era muito meu amigo. Continuamos amigos, porque amigo é assim. Mas perdi, os anos foi passando, perdi o contato. Não por causa dessa briga, mas essa briga me marcou. Daí não sei porque, marcou bastante.

R: Falando em você ter ido pra diretoria, você lembra dos funcionários da escola. Você tinha medo da direção, coordenação? Distanciamento ou, talvez, proximidade por você ser bastante levado?

E: Não, com os funcionários uma relação sempre muito boa. A tia da cantina que dava comida pra gente lá, os da limpeza, os que tinham. Tudo muito bom. Só o diretor que todo mundo tinha medo dele. O diretor, tinha medo dele. E a diretora. Na época talvez um deveria ser coordenador. Pra mim era o diretor e a diretora. O diretor e a direção, muito bravos. E a gente tinha muito medo deles sim, mas os outros funcionários já, sempre muito tranquilo.

R: Então voltando na 7ª série o professor de geografia saiu da escola, você começa a ficar um pouco mais maduro, até a 8ª série, transição para o ensino médio. Como foi essa transição? Porque primeiro você vê a transição do fundamental para o... da 4ª série para a 5ª série. Você lembra se você teve alguma dificuldade? Porque... aquela densidade de professores, muitos professores, muita novidade. A gente passou por isso, não veio no momento que você contou, mas rapidinho. Você lembra se teve alguma dificuldade? De ir pra 4ª, pra 5ª?

E: A gente teve recuperação né. A gente ficou de recuperação. Então você tem todos os alunos que ficaram de recuperação tendo que ir lá estudar uma hora a mais por dia antes das aulas. Eu e meus dois irmãos tivemos que participar da recuperação mesmo sem precisar da recuperação.

R: Na reclassificação ou...

E: Isso, na reclassificação. Então a gente tem que ir na recuperação, as notas da série que a gente tava, estava tranquilo, não estava de recuperação em nenhuma matéria. Porém a gente começa a entrar numa nova série. Então pra não arriscar, recuperação pra gente também.

R: Não só pros 3, tinha mais gente nessa recuperação?

E: Sim, a gente se juntou com a recuperação normal. Entendeu? Quem estava de recuperação estava revendo a matéria daquela época. Porque ficou de recuperação... eles falaram opa! Vamos pegar os reclassificados e colocar na recuperação.

R: Isso te ajudou? Você acha que te ajudou? Porque bastante coisa do primeiro semestre talvez você tinha perdido.

E: É vago o que eu lembro. Posso estar sendo injusto agora. Mas se eu tivesse que falar se ajudou ou não, eu diria que não. Até porque não tinha o que estudar, era muito pouco o que se aprendia no colégio.

R: Nesse momento você chegou a falar que quando era mais jovem não se lembra de lição de casa. Nesse período alguma...

E: Pouca coisa. A professora de ciências. Lembro que... essa continuou. Olha que legal, a gente vai voltando e vai lembrando. Essa foi que continuou igual. Eu tinha um trabalho pronto dela pra entregar. Fui reclassificado, não precisou mais entregar o trabalho, tive que fazer outro. Essa continuou. Essa me marcou muito nesse sentido. Olha que legal, cada professor marca num sentido né? A de ciências me marcou porque ela cobrava trabalho escrito e muito bem escrito, tinha que ter uma letra bonita, tinha que ter figuras coladas com cola, tudo.bonitinho...

R: Na folha de almoço...

E: Folha de almoço e capa, tudo certinho, o grupo. Não era nada também sozinho. O grupo se reunia e tinha que apresentar. Tinha que apresentar o seminário. Hoje eu vejo a importância do seminário. Tanto que como professor eu cobro seminário. Então ela me marcou muito. Os seminários dela eram sensacionais. Lembro até hoje que um dos nossos seminários sobre doenças sexualmente transmissíveis...

R: Com quantos anos?

E: 7a série, 8a, por ali. Mais ou menos 13-14 anos. A gente fez sobre a sífilis. A gente foi apresentar em outros colégios. Pensa você ir apresentar um seminário em outros colégios

R: Mas isso era pra escola inteira ou talvez pro seu grupo por se destacarem?

E: Então... foi o meu grupo, acho que mais um grupo deu mas meninas que tinha ficado muito bom, que era sobre anticoncepcionais, e mais um grupo. 3 grupos. A gente foi apresentar pra outras escolas. Eu lembro que a escola fazia uma estrutura, colocava os alunos no pátio e a gente apresentava pra escola inteira. Então assim, foi bem legal esse trabalho que ela passou. Foi bem marcante.

R: Bastante legal. Essa iniciativa foi dela de levar pra outra escola?

E: Foi dela. Ela viu que o trabalho estava bom e viu que a gente podia compartilhar com outros adolescente. Ela que começou a sugerir a outros colégios. Se eles quisessem ela tinha uma boa apresentação sobre aquele tema. Olha como você fica orgulhoso de você quando uma professora sua pega o seu trabalho e fala pra você que ela não te deu um 10. Ela está te dizendo que aquele trabalho serve pra ir apresentar em outra escola, claro, apresentamos na nossa escola também pra todo mundo e outras escolas. Eu me lembro de ter umas 2 ou 3 escolas, entendeu? Não fomos em mais porque começou a dar problema. Você tem que deslocar, levar... Uma escola pública e os alunos não tem condição de pagar fica difícil pra escola. Você fica muito orgulhoso. Você fala: fiz algo que minha professora gostou, não é um 10, ela gostou porque me deu 10. É algo que ela acha que tem que ser repassado. Então foi muito importante pra gente.

R: Esse reconhecimento dela foi importante pra você e também, de certa forma, as outras pessoas reconheceram isso. Dentro de casa, você lembra se seu pai... porque você contou das medalhas, quando você teve...

E: Lembra que eu falei que as medalhas foi raro? Ele nem ligou, acho que nem ficou sabendo. Talvez nem saiba disso aí. Talvez ele nem saiba. Nem o

computador ele ficou feliz, ele nem ligava. Meu pai sempre foi muito apático nesse sentido.

R: Nessa época ainda estava bastante difícil a situação ou começou a melhorar? Depois que vocês vieram pra São Paulo melhorou de alguma forma?

E: Foi melhorando devagarzinho, devagarzinho. Eu costumo colocar a gente acho que naquele patamar que talvez seja um dos piores patamares. Você não tem muitas posses mas você também não é miserável. Você é pobre. Então ninguém te ajuda, no sentido de, por exemplo, os vizinhos não vão chegar em você. Que nem, a gente tinha um vizinho que era muito pobre, então quem podia ajudava eles entendeu? A gente não, a gente não tinha essa ajuda. Porque a gente não era muito pobre. Mas também não tinha condições. Mas foi melhorando. Melhorando bem aos poucos.

R: Na escola era mais ou menos todo mundo igual? Ou tinha...

E: Mais ou menos igual. Tinha gente mais pobre que eu, tinha gente bem mais rica. Desculpa, bem mais rica não, um pouco mais rica. Mas era uma escola de nível todo mundo mais ou menos. Nível bastante humilde.

R: Voltando então na transição. Quando você vai da 8ª pro ensino médio tem uma outra transição. Você começa a ficar mais velho, talvez se interessar por outras coisas...

E: Então, aí a gente passa pela fase mais difícil da nossa vida. Meu pai e minha mãe se separam. Então eles vão se separar ali pelos meus 15 anos. Eu devo estar o que, no 1º ou 2º...

R: 15 anos é entre 1º e 2º colegial.

E: Por ali. Então o meu ensino médio foi muito fraco. Porque eu tenho que trabalhar né. É a hora que minha mãe sai de casa com a gente. Meu pai não ajuda. A gente vai morar de aluguel. A única coisa que ele fazia era pagar o nosso aluguel. Ele pagava o nosso aluguel com uma de nossas casas. Então você vê, o meu pai foi subindo na escala social e a gente não. Então no ensino médio, meu pai já estava numa escola boa. Olha que engraçado isso que estou te falando, Meu pai já tinha a casa onde a gente morava e uma casa de aluguel embaixo. conseguiu alugar a casinha debaixo, que foi a primeira casinha.

R: Aquela casinha que ele construiu junto com o amigo.

E: Que a gente morava naquele cômodo? Lembra? aquele cômodo cresceu e virou uma casinha. Aquela casinha cresceu e virou um sobrado, só que separado. Então a entrada da casa de cima era separado da debaixo. Então de repente a gente mudou pra casa de cima e alugou a debaixo. Por um valor muito pequeno porque a casa era muito simples, mas alugada. Aí ele comprou uma Brasília, um carrinho velho e caindo aos pedaços. Mas a gente não ganhava roupa dela, não ganhava brinquedo. Esse tipo de coisa a gente ganhava normalmente porque minha mãe ia atrás. Eu lembro de um lugar que dava, a gente ia buscar, entendeu? A gente ia buscar. Nesse lugar dava roupa e brinquedo e aquilo tinha que dar pra ir vivendo. Ele não comprava. O único brinquedo que eu ganhei dele foi ele que fez. Foi de lata. Ele que construiu. Ele não comprava. Mas ele tinha sim dinheiro, não era muito, mas tinha. Aí a gente foi morar de aluguel, ele pegou o aluguel dessa casinha e pagava o nosso aluguel. Só isso. Então comida...

R: Foram os 3 irmãos morar com a sua mãe?

E: Sim. Foi eu, meu irmão, minha irmã e minha mãe. Numa casinha pequeninha que a gente foi morar. Aí é a única época que minha mãe trabalha. Minha mãe trabalha 2 vezes por dia na semana numa casa pra poder cuidar da casa. Nisso começa faltar as coisas e a gente chega a passar fome. Passar fome e olha que engraçado, meu pai, ele tinha condições, mas a gente chegou a passar meio que um pouco de fome. Pouco não. A gente chegou a ficar 3 dias sem ter o que comer dentro de casa. Aí eu falei, não, isso não vai ficar assim. Aí eu fui trabalhar.

R: Seus irmãos já trabalhavam?

E: A minha irmã, nessa época, ela ficou grávida. Mas ainda estava na escola. Eu estava no 1o, quando eu tava no 1o minha irmã tava no 3o, ela fica grávida e pára a escola. Ela não terminou o 3o nessa época. Ela vai terminar o 3o só depois que a minha sobrinha cresce. Então depois de mim. Bem depois de mim ela termina o 3o. A minha irmã pára no 3o e eu tô no 1o nessa época. Agora estou conseguindo me lembrar que eu estava no 1o, minha irmã estava grávida e pára o 3o. Ela perdeu o 3o colegial. Aí eu vou trabalhar...

R: Seu irmão?

E: Meu irmão também trabalhou. Trabalhou uma época, mas ele cuidou da casa, eu lembro até hoje, uns 7 meses sozinho. Só que ele ficou desempregado. Também ficou desempregado um bom tempo e aí foi a época que eu trabalhei sozinho. Então era assim, sabe? Uma hora trabalhava um, nunca conseguiu os 2 trabalhar ou os 3. Cada hora um. Uma época eu, uma época minha mãe e uma época meu irmão.

R: Chegou algum momento que você parou, pensou: bom, está difícil a situação, vou parar de estudar e vou ficar só trabalhando pra ajudar em casa.

E: Vários momentos. Eu só não parei, com 14 anos eu começo a cuidar de carro pra ajudar em casa porque estava faltando. Só que eu não podia trabalhar registrado. Porque a lei só permite a partir dos 16. Então eu não consigo arrumar emprego. Eu fico naquela correria procurando um bico aqui, um bico ali. Então isso vai atrapalhando a escola já. Com 15 eu começo a trabalhar numa creche como Office boy, também não registrado porque não podia. A escola vai ficando. Aí eu pedi pra minha mãe...

R: O rendimento...

E: Vai caindo. Mas aí é escola pública, então eu pedi pra minha mãe pra parar e ela não deixou. Olha que interessante, ela não deixou eu sair da escola. Aí eu fui estudar a noite. Estava estudando a noite pra poder durante o dia correr atrás dessas coisas. Eu ia um dia por semana, chegava na segunda aula. Chegava sempre atrasado e não me lembro de não ter problema com nota. Porque a escola, nesse sentido, nessa época, já me lembro que a escola começou a se deteriorar. Hoje é uma das piores escolas do bairro no sentido de rendimento, de conteúdo. Então eu ia um dia na semana e consegui terminar o colégio. Consegui fechar o 1o e 2o...

R: Foi assim até o 3o?

E: Até o 3o. Porque quando chega 2001 eu tô com 15 anos pra fazer 16. Então em março eu deixo currículo numa agência, a mulher guardou meu currículo até outubro. Então lá pelo dia 15 de outubro, quando eu estava já com 16, tinha acabado de fazer 16 ela me liga: agora você já fez 16 você pode trabalhar registrado. Vem aqui que apareceu um negócio pra você, semana passada eu peguei seu currículo de volta e

hoje apareceu um Office Boy então vem dar uma olhada. Eu fui, os caras olharam pra mim e falaram: você é muito pequeno. Tive problema de crescimento na época. Então eu tinha, estava com 15-16 anos, com 1,50m mais ou menos. Muito baixo, hoje tenho 1,75m. Sou baixo, claro, sou baixo, mas nem se compara. Eu lembro que em um ano eu cresci uns 20 cm, mas aí porque por começar a trabalhar eu fui no... tinha convênio nesse lugar que vou trabalhar e aí eu consegui, fui no médico e o médico passou uma alimentação mais adequada e do nada a minha mãe fala que eu cresci. Do nada. Ainda bem né?

R: É a idade também. Essa idade muita gente cresce.

E: 15-16 anos, ainda bem que eu cresci. Mas quando ele me olhou com 16 anos, com 1,50 mais ou menos ele falou: eu tenho medo de te colocar da rua como office boy, vou te colocar pra trabalhar lá dentro da fábrica. Aí que minha vida começa a mudar. São 7 anos, de 2001 até 2007, 6 anos trabalhando nessa empresa.

R: Na mesma empresa?

E: Mesma empresa. Dentro lá da indústria, ganhando pouco olhando de hoje, ganhando absurdamente muito, olhando de lá, você entende?

R: Porque na época vocês não tinham muito.

E: Não tinha nada. Eu entrei ganhando R\$352,00. Pensa o que é ganhar R\$352,00 pra quem não ganha nada. Pra quem cuida de carro e ganha R\$ 2,00 - R\$ 5,00 por dia. Era muito. E é difícil, todo mês eu vou receber tudo isso. Então era muito. Aí eu consigo arrumar minha vida. Mas não consegui ir pra escola direito, porque eu trabalho o dia inteiro, acordo muito cedo. A indústria, eu entrava 7:30 até 17-18h. A escola começa a ficar em segundo plano. Então do ensino médio, tá ficando cansativa a entrevista, mas eu não tenho muito pra te contar. Do ensino médio eu tenho uma história no máximo pra te contar de que me deixou muito feliz de estar na escola e só.

R: Então por favor...

E: Aparecia um dia ou outro na escola de chinelo. As vezes não dava nem tempo de trocar de roupa. Eu tirava, vinha do trabalho e tinha que voltar pra escola rápido. Me lembro de um projeto, projeto Nestlé, de uns livros da Nestlé. Aí eles escolheram 20 alunos do colégio inteiro. Vamos colocar quantos, 700 mais ou menos? Uns 20 alunos, isso no ensino médio, pra escreverem uma história pra Nestlé e ia concorrer um prêmio. Então todas as escolas do país mandaram pra Nestlé. E eu fui escolhido, então isso me deixou muito orgulhoso. Vou uma época que eu voltei, falei: não, eu vou pro colégio. Eu tinha que ir, pois estava no projeto.

R: Mas você escreveu uma redação e selecionaram sua redação...

E: Não. O colégio escolheu 20 alunos. Vamos pensar em alunos que a gente acha que tem, que vá ajudar nessa história. Tinha que ser os alunos para escrever. Nosso colégio usou de honestidade. Quem escreveu a história foi a gente. Os professores apenas deram dicas, falaram: arruma ali. A de professor, claro, arrumou os erros ortográficos. Mas quem escreveu a história, a criatividade veio da gente.

R: Era tema livre?

E: Não. Tinha tema. Não vou me lembrar. Lembro que um dos livros que eu ganhei, ganhei um livro por ter participado, foi a Majestade do Xingu do ... acho que já morreu ano passado. Eu tenho esse livro até hoje, a majestade do Xingu. Livro que

quero ler pra minha filha, livro bonito. Assim, lembro desse projeto como algo que me deixou muito feliz, empolgado de ir pra escola. Mas o projeto passou, a gente não ganhou claro.

R: No...

E: 1o. Tinha começado a trabalhar, 2001, então foi no 1o. O ensino médio foi passando e nada mais aconteceu.

R: Os amigos...

E: Começo a me distanciar dos amigos. Nunca fui em excursão da escola, porque nunca tinha dinheiro pra pagar. Mas me lembro de uma excursão no ensino médio que eu fui pra ver se eu aproximava um pouco dos amigos, essas coisas que eu já estava perdendo. Mas eu fui por um motivo muito interessante, talvez também tenha a ver com meu processo de formação. Era para o Memorial da América Latina, que o planetário eu não consegui ir. O planetário tive que conhecer adulto. Eu não tinha o dinheiro pra ir, claro, óbvio, era R\$4,50 pra ir e eu não tinha o dinheiro pra ir. Aí a professora de história pagou a minha passagem, R\$4,50.

R: Com quantos anos?

E: Devia estar no 1o. 1o ou 2o, na tentativa de recuperar. Ainda muito pobre, porque... quer dizer, até hoje. Minha mãe ainda, ainda muita dificuldade. Mas quando eu falei pra minha mãe você acreditar que ela tinha arrumado o dinheiro? Ela sabia muito que eu queria ir na...

R: No memorial...

E: No memorial, só que ela falou que não tinha como arrumar o dinheiro e eu falei pra professora e ela: não, eu pago. Eu falei: então tudo bem, eu vou. Chego em casa e minha mãe está com o dinheiro. Eu falei: então eu vou levar o dinheiro pra professora que ela vai ficar super feliz, a gente arrumou o dinheiro e pagamos a nossa passagem. Pobre é uma desgraça mesmo, olha a ideia que eu tive. Já estava pago, eu vou lá e levo o dinheiro no outro dia pra professora. Chego lá, entrego R\$5,00 pra professora de história, ela olha assim e fala que obviamente ela não quer o dinheiro, ela já pagou a minha entrada. Ela já fez aquilo: eu fiz com todo gosto, eu não quero o dinheiro. Eu insisti, eu lembro: não professora, pega o dinheiro. Uma nota de R\$5,00, eu lembro até hoje daquela nota de R\$5,00: pega, pega, pega. Ela não aceitou. Isso me marca até hoje, a forma como ela queria ajudar, queria que eu fosse mesmo. Só que eu perdi o dinheiro pra volta pra casa. Coloquei o dinheiro no bolso e quando eu estava voltando pra casa esse dinheiro caiu de alguma forma do bolso da jaqueta. Eu devo ter corrido e sabe, me marca muito o fato dela ter pagado e o fato de eu ter perdido o dinheiro. Era muito dinheiro. Era muito dinheiro R\$5,00. Pra nós era o mês que estava ali, entendeu? Me lembro disso até hoje. Então o ensino médio teve uma ou outra história que dá pra falar que dá pra dizer que influenciou também, sei lá, querer ser professor. Eu lembro que os professores que eu cruzei pela vida, parece que sempre foram professores de uma índole muito boa. Desculpa voltar um pouquinho...

R: Fica a vontade...

E: Eu tive um professor na 7a série, o professor Edmilson, ele tinha 2 filhas.

R: Esse professor você não falou...

E: Então, tinha 2 filhas. Estou o tempo inteiro pensando nele. Trabalhava no IAG. Não esqueço nada desse professor, talvez o melhor que eu tive. Ele tinha 2 filhas. E ele falava dessas filhas com um carinho, de uma forma tão bonita que hoje, hoje eu tenho 2 filhas e eu falo das minhas filhas na sala de aula da mesma forma. Falo: hoje eu vou pra casa ver minhas filhas entendeu? Estou com saudade delas, vou andar de bicicleta. Então as coisas que ele falava sobre as filhas dele, que eu achava muito bonito a forma como ele tinha a família dele, eu meio que copio hoje como professor. Eu também gosto de ser um professor família. A coincidência das duas meninas. Ele tinha duas meninas e eu tive duas meninas.

R: Qual era a disciplina?

E: Matemática. Professor Edmilson. Não lembro a série, mas ainda não é colegial. Por isso falei que ia voltar. É ali no ensino médio em algum momento. Porque o Pacheco, eu falei, ele ficou um ou dois anos comigo. É engraçado escola pública né? Você nunca vai guardar um professor, nunca vai ter um professor a vida inteira parece. Não sei se nos colégios... os colégios por aí deve ser assim. Na minha escola não ficava, era 1-2 anos e ficavam trocando. Mas os que passaram marcaram absurdamente.

R: Muitos professores importantes.

E: Muitos, muitos...

R: No trabalho, mudando completamente, desculpa, mas puxando para o trabalho. Eles te incentivavam a estudar? Você via alguma progressão ali dentro? Eles falavam que se você fizesse algum curso fora da escola... Você chegou a fazer algum curso? Talvez algum curso de inglês?

E: O trabalho é interessante no meu processo de formação porque eles não queriam deixar eu fazer hora extra pra não atrapalhar a escola. Mas eu queria fazer hora extra porque eu precisava de dinheiro. Então direto eu fazia hora extra sem poder e eles brigando, reclamando: você tem que ir embora. Eu falava: eu tô precisando. Na época falei que só eu trabalhava em casa, minha irmã tinha acabado de ganhar bebê. Eu me lembro muito disso, meu chefe: não, vai pra escola, você tem que ir pra escola, não faz hora extra. Meu chefe, o gerente e a minha chefe. Todos os amigos do trabalho falavam: você tem que ir pra escola. O motivo que eu tinha que ir pra escola eles nunca falaram. Naquela época, pra mim, eu tinha que ir pra escola porque eu tenho que terminar. Eu nem sabia que tinha USP. Nem sabia o que era a USP. Por isso que eu voltei da USP em 2007, porque eu não sabia, então nada mais justo eu fazer pessoas que estão lá saberem.

R: Mas em nenhum momento você fica com perspectiva de fazer faculdade?

E: Nenhum momento. A empresa também chegava pra gente e falava: se você fizer faculdade você vai subir. No máximo uma vez ou outra eu via gente brigando pra pagar meia faculdade ou pagar faculdade pra eles, mas eles não falavam que ia subir. Terminando a escola, 2003 mais ou menos, 2003. A gente tem que passar 11 anos na escola? Eu passei 10, porque eu ganhei 1. Então eu acho que terminei em 2003. Eu vou pro técnico em contabilidade. Fui pro técnico em contabilidade.

R: Que técnico? Você sabe a instituição? É pago?

E: Pública. Foi o técnico numa escola municipal. Muito boa também, de muitos bons professores.

R: Como que você chegou até esse curso técnico? Alguém te falou? Foi iniciativa sua?

E: Olha... não lembro. Que coisa, me deu um branco absurdo. Não lembro como cheguei. Mas chegou eu e mais 4 amigos, desculpa, eu e mais 3. Eramos 4.

R: Da escola?

E: Da escola. Olha que interessante, eu falei que não guardo nenhum. Agora estou lembrando do Giovani. O Giovani é meu amigo até hoje. Falo com ele no facebook essa semana. A gente vai lembrando... O Cícero também de vez em quando eu encontro, a Raquel eu não vejo mais. Olha só, há um branco na minha mente da escola, acabou a escola. Da escola para o técnico. Fechou a escola, não teve formatura, não teve nada. De repente eu me vejo dentro do técnico, na melhor fase da minha vida. Essa foi a melhor fase da minha vida. O curso técnico no Rui Barbosa.

R: Com quantos anos?

E: 2003, 17-18 por ali. Eu lembro que eu cheguei com 20... Um dezoito e meio mais ou menos. Porque eu continuo atrasado, aquele ano que eu recuperei. Porque eu sou do fim do ano né, por eu ser de outubro eu nunca vou conseguir estar certinho. Aí o técnico foi a melhor, eu não faltava. Mesmo trabalhando durante o dia, eu parei de fazer horas extras.

R: Já vou deixar você falar do ensino técnico que você parece ter gostado muito. Você fez a escola, terminou a escola porque você precisava terminar. Simplesmente por causa disso. Não via que isso ia de alguma forma te ajudar no seu trabalho ou conseguir um trabalho melhor talvez.

E: Não, até porque eu não queria trocar de trabalho. Eu era muito feliz com o que eu fazia. Montando as coisinhas de plástico na indústria. Então pra mim aquilo já era... eu não olhava pro gerente e pensava: como se chega lá? Não olhava pro dono, pro vendedor: como é que se chega lá? Não. Eu lembro de um teste de ambição com meu chefe essa época que de 10 me deu 3. Nota 3 de ambição e ele me criticou muito por causa dessa nota. Nunca tive ambição nenhuma de crescer.

R: Então assim, a escola você, na sua perspectiva, pelo menos nesse momento, talvez um momento difícil, não te ajudaria em nada?

E: Eu acho que não. Não tinha esse pensamento. Por que que eu fiz o técnico? Olha, vai chegando. Eu vou lembrando. Eu entrei no técnico porque era técnico em, técnico em contabilidade. Opa! Contabilidade tem conta. Aí eu já gostava de matemática pelo professor de matemática que me falava das filhas, pelo professor de matemática que eu gostava, o Pacheco, pelo professor de matemática que fazia a gente cantar o hino nacional, que era bravo pra caramba mas um dia sentou do meu lado e falou: moleque, você é bom. Pensa que você tem um professor que não conversa com a sala, é bravo, que fez o moleque correr a escola inteira sem roupa e não foi mandado embora, porque o cara era forte, ele era bravo mesmo. E ele chega do seu lado, senta... meu amigo foi na lousa resolver um exercício, ele sentou no lugar do meu amigo, do meu lado, olhou pra mim e falou: passa cola pra mim também? Aí eu falei: como assim professor? Ele falou: eu sei que o que ele tá fazendo na lousa foi você que ensinou pra ele. Eu falei: não professor, não foi não. Ele falou: você é bom moleque. Levantou e foi embora. Um cara que nunca conversou com você. Então marca muito sabe? Você fala: poxa, será que é verdade? Então isso fica guardado. O de inglês, o professor Francisco,

que levou o computador em casa no fiat UNO, me deu um livro de matemática que eu tenho até hoje e eu já fiz 4 vezes de fora a fora. Eu resolvo ele de fora a fora. Ele me deu, era da mulher dele. Tá lá o nome dela e do 2o colegial esse livro de matemática e eu faço esse livro de fora a fora, eu já fiz 4 vezes. Eu lembro que todas as vezes tem um exercício de probabilidade e eu erro o exercício. Tem uma pegadinha e eu caio na pegadinha e eu lembro dele. Esse professor me marcou demais por causa desse presente, esse livro de matemática. E calma aí? Por que que eu fazia o livro de matemática? Fiz uma vez, fiz 2, fiz 3, fiz 4. Hoje em dia já não faço. Ele é grosso. Ele é bem grossinho. Tem mais de 200 páginas. Tudo em preto e branco. Tenho ele até hoje. Por que eu fazia se não era lição de casa?

R: Por que ele te deu esse livro? Ele sabia que você gostava de matemática?

E: Talvez sim, está vago agora. Não lembro porque que ele me deu. Um dia ele chegou: eu tenho um livro pra você. E me deu. Eu fiz o livro de fora, comecei a fazer os exercícios, tem teoria, livro ótimo. Comecei a fazer, aprender a matemática em cima desse livro, achei que aprendi, porque quando entrei na FUVEST percebi que não tinha aprendido muita coisa. Eu fazia o livro e aquilo me dava um prazer de estar usando o livro, pra mim ele ia ficar feliz se ele soubesse que aquele livro tinha servido pra alguma coisa. Se um dia ele souber disso. O livro está lá em casa. Está guardado lá, fica lá, sempre olho pra ele com muito carinho. Então esse livro me marcou... Então entrei no técnico em contabilidade como disse, um curso que vai ter conta. Vai ter muita conta. Não faltava. Não faltava um dia. Foi a melhor época da minha vida.

R: A escola então, você já tinha perdido o encanto quando você estava no ensino médio você...

E: Eu perdi totalmente o encanto.

R: Esse encanto volta?

E: Volta. Volta porque é o que eu gosto, contabilidade, tinha contas, tinha o que eu queria. O ensino era conta, tinha muita continha. Parece que está dentro da gente quando você gosta de alguma coisa, matemática. Ali também os professores me marcaram muito.

R: Você também se destacava nesse curso?

E: Posso dizer que sim. Eu fui o primeiro a terminar um trabalho, que foi o trabalho do curso inteiro, famoso TCC. Durante o curso inteiro a gente tinha que ir preparando um trabalho pro final de um ano e meio o curso. Eu fui o primeiro a terminar e olha como a vida é engraçada: eu deixei esse trabalho, eu fiquei tão orgulhoso desse trabalho. Ele tinha essa grossura. Era muito grosso, tinha muitas páginas. Aí encadernei ele. Levei para o trabalho para mostrar pra um cara que muito me ajudava no almoxarifado, o almoxarife. Lembro até hoje, não tinha estudo mas ele me falava muito: tem que estudar, tem que ir atrás, não sei o que. Ele era uma das pessoas que eu falei que influenciaram. Aí ele olhou assim e ele achou o máximo eu ter feito aquilo durante um ano da minha vida, que eu terminei bem antes do prazo o TCC. Ele falou: deixa aí que eu vou dar uma olhada melhor depois. Que nada. Ele deixou lá porque o contador vinha direto na sala. Ele deixou em cima da mesa lá, o contador veio, olhou: de quem é isso daqui? - é do menino da fábrica. - como assim do menino da fábrica? De 100 meninos da fábrica eu era o único que estudava. -tem um menino na fábrica que estuda. Aí o cara: quem? - Aquele que você falou que tinha medo de colocar

na rua, lembra que você colocou ele aqui dentro? Então, ele estuda. O mesmo cara que fez a entrevista comigo era o contador da empresa. Aí ele foi lá, me chamou, nisso ele me leva pro almoxarifado. Aí fica tudo mais fácil. Porque aí eu já tenho um computador pra trabalhar. Trabalhava com estoque no computador. Tinha internet pra pesquisar. Então toda a fase seguinte fica fácil, terminar o técnico, entrar na USP. O estudo na USP fica fácil porque eu já estou trabalhando com computador, então eu consegui estudar nas horas vagas, no site da Barufi lá de cálculo, o e-cálculo. Eu fiz aquele *site* da fora a fora.

R: Mas esse pulo pra universidade você ainda não me contou. Porque você fez o curso, ganhou uma promoção podemos dizer assim...

E: Foi promoção. Aumento de salário e mudança na carteira.

R: Você ganha essa promoção mas até agora em nenhum momento você tocou na faculdade. Quando você interessou a ir pra faculdade? Você também teve outra transição aí. Você acaba o curso técnico mas quando que você começa a pensar em fazer realmente uma faculdade e quando que você começou a pensar nessa carreira de professor?

E: A faculdade ela vem da seguinte forma. Eu termino o técnico agora com formatura, com foto que eu tenho á em casa, minha família, meu pai nem aí pra nada mas foi. Entendeu? Ele não sabia o que estava fazendo ali, porque eu continuava estudando.

R: Seus irmãos...

E: Pararam.

R: Sua irmã teve a filha e parou, seu irmão...

E: Concluiu o 3o pra nunca mais voltar. Até hoje ele não quer nem sabe dar escola, não tem nem como forçar. Minha irmã voltou. Terminou o 3o pra nunca mais também.

R: Eles não pensam em fazer uma faculdade?

E: Não. Minha irmã tem filha, tudo, meu irmão é bem sossegado. Então do jeito que tá, tá bom. O meu pai também do jeito que tá, tá bom. Então foi a criação que a gente teve em casa, não foi uma criação pra fazer faculdade. Nem a minha, você concorda? Eu fui me empolgando com esses professores mas eles também tiveram esse apoio. O que vai ser decisivo é o curso técnico que eu faço que eles não fizeram e o trabalho. Esse trabalho mudou completamente essa fase da minha vida. O apoio que eu tenho no trabalho. e o curso técnico eu vou conhecer os professores que são a base. Porque aí agora eu conheço professores que estão ligados com essas coisas. Professor que vai falar de ética, de moral. Que vai falar muita coisa sobre isso, sobre honestidade, sobre mentira. Ele conversava com a gente de uma forma muito franca. Ele falava... Eu lembro que na época eu estava tirando minha carta de moto, de carro e moto. Eu falei pra ele: olha, não vai dar pra passar e vou ter que pagar o quebra. Aí ele falou: mas isso é ilegal. Eu falei: é ilegal porque eu não tenho como pagar. Ele falou assim: não, é ilegal porque o governo não aceita. É errado comprar carta. Eu falei: se eu tivesse os R\$250,00 eu comprava. Ele falava: você vai tirar na raça, você tem que tirar na raça. Não sei se por ele ou se não ter como pagar eu tirei na raça. É uma das coisas mais tenho orgulho. Mas aquilo ficou: tem um cara honesto aqui, tem um professor honesto, de direito. Não é pra menos ser honesto, mas um cara honesto. Então ele me ensinou

muito. Lembro-me também de um dia de estar falando de um homossexual da tv, falando de uma forma pejorativa e que tinha um professor homossexual, me chamou num canto e conversou muito comigo. Me explicou que não era dessa forma, tolerância, porque eu tenho berço evangélico, então era muito intolerante com sexualidade. O professor chegou lá no curso técnico e falou: olha eu ouvi você falando assim, assim e assim. Ele ficou um tempão conversando comigo. Falou: olha, sou homossexual, não acho legal o que você falou. Explicou.

R: Seu professor de direito.

E: Não outro, do curso técnico. Coisas que meus pais, minha mãe não fazia. Os professores fizeram. Sei que a escola não está aí pra educar. Posso estar aí levantando uma cosia que eu não vou educar ninguém, Mas o exemplo, uma conversa fica pra sempre. Aí eu comecei a olhar pra aquele professor e falei: pô, não é só o que ele me falou naquela conversa, é o exemplo. A forma como ele, sendo homossexual, respeita as outras pessoas. Respeita por exemplo que não é homossexual. Então comecei a olhar e, cara, você acredita que eu pensei: ele vai me odiar pro resto da vida. Pelo contrário, ele começou a me tratar melhor ainda. Acho que ele pensou: agora eu tenho que ser uma pessoa pra mostrar que o que eu falei não é só balela, não é só discurso. E o cara era...

R: Talvez pra realmente quebrar essa visão que você tinha.

E: Exatamente, e quebrou. Hoje, graças a Deus, porque eu sou professor. Imagina um professor preconceituoso. Graças a Deus ele me ensinou que não, tem que haver o respeito. Tem que entender. Então a partir dali eu mudei bastante.

R: Esse professor, ele... Desculpa. Teve algum outro professor que te influenciou com essa postura mesmo. Qual mais foi do técnico?

E: Isso. Ali no técnico me lembro desses dois que foram muito marcantes pra mim. Os outros pela aula mesmo. Pela forma de dar aula que era muito boa já ali no técnico. Aí veio a formatura, tudo. E aí eu me vi: pô, estudei mais do que deveria. Concorde? Mas eu gostava do ambiente. Gostava de ir pro curso. Sei lá, por amigos, tem meninas também. Você fala: pô, namorei bastante no técnico. Então você arruma, socialmente você é bem visto estando ali. Falei: quero continuar nesse ambiente... faculdade, faculdade. Do nada assim, o ambiente da faculdade.

R: Ninguém te falou?

E: Não. Aí eu marquei o vestibular da UNIBAN. Cheguei atrasado. Marquei...

R: Com quantos anos? Desculpa.

E: 20. Já super atrasado. Porque assim, eu estava no meio do ano. Porque eu comecei o técnico quando eu saí do colégio em 2003, fiz um ano e meio, então eu passei meio ano ocioso. Nesse meio ano deu tempo de se inscrever na FUVEST, não sei como. Até hoje não me lembro. Acho que nessas buscas, vou fazer alguma coisa, me inscrevi na FUVEST.

R: Você já conhecia a USP?

E: Não conhecia.

R: Como você chegou então?

E: Como que eu cheguei... talvez a própria escola tenha falado alguma coisa. Não me lembro como que eu cheguei na USP, na FUVEST. A USP eu nem conhecia. Já tinha entrado algumas vezes perdido, me perdi algumas vezes aqui dentro quando era Office Boy, mas não me lembrava. Até a isenção eu consegui. Até a isenção da taxa eu fui atrás. Mas aí é pesquisa, fui pesquisando e fui atrás. Naquela época eram bem poucas isenções mas consegui naquele ano já. O semestre passou, chegou o fim do ano. Eu fiz a prova do ENEM, fui bem sucedido na prova do ENEM, me lembro até hoje. Não me lembro como fui mas me lembro que fui bem. No fim do ano eu vou fazer o vestibular da USP, da UNIBAN, da UNIP fiz também, e falei: agora vai. Na USP, eu passei na primeira fase. Escola pública, direto do nada.

R: Mas você tinha noção o que era a USP?

E: Não. Não sabia nem do que se tratava. E por que eu escolhi... Prestei matemática, do nada. Cara eu não sabia o que estava fazendo.

R: Licenciatura?

E: Licenciatura. Te juro. Eu não sabia o que eu estava fazendo. Eu me inscrevi em licenciatura em matemática lá.

R: Contou pra alguém?

E: Minha família sabia que eu estava prestando.

R: Te apoiavam?

E: Não, nem ligavam. Não sabiam o que era também. Cara, olha que vago o que estou lembrando agora: por que eu fui pra USP? Por que fui pra licenciatura? E consegui passar na primeira fase, claro, aquela nota de corte. Fiz 33.

R: Deve ser 28...

E: Bem baixinho. Acho que era 30, naquela época. Passei na primeira fase, saiu o resultado, passei na primeira fase. No que? Em nada. Olha como é engraçado. Aí a gente tem que parar pra pensar que a USP deveria ser mais divulgada. Deveria ter comemorado, você concorda? Nem liguei. Nem liguei. Minha mãe, meu pai, nem ligaram. Sabe o que aconteceu na segunda fase? Cheguei atrasado. Eu saí de casa lá do Taboão era acho que 11:40h, a prova começava a 13h, os portões fecham 5 pras 13h. Eu cheguei no P3 acho que uma hora. Uma mulher me deu carona. Não deu tempo. Cheguei atrasado. Fui fazer o vestibular da UNIBAN. Mas o que eu queria até aí Renan? Eu queria social. Eu queria estar no pátio.

R: Na UNIBAN você também escolheu matemática?

E: Análise de Sistema, que tem a ver. Concorde? Porque era baratinho: R\$ 289,00. Aí eu fiz o vestibular da UNIBAN, quer dizer, marquei. Cheguei atrasado?

R: Também?

*E: Cheguei atrasado. Nisso meu pai brigava comigo pelo atraso, não era pelo que eu estava tentando. Aí marquei o vestibular da UNIBAN agendado. Ainda deu. Fui lá, sentei num computador. Fiz o vestibular. Ninguém fica olhando nada. Não sabia nada. Comecei a chutar tudo, Mas se eu quisesse pesquisar na internet podia, porque não tinha ninguém cuidando de mim. A internet ali do meu lado. Fiquei pensando: será que eu vou conseguir entrar? Claro né. No outro dia me ligam para ir fazer a matrícula. Só que eu fiquei desanimado. Como que eu vou entrar numa faculdade que eu

não sabia nenhuma questão do que estava lá e... Você vê que engraçado? Eu era bem sucedido no colégio, no técnico, mas não sabia nada do vestibular. Não conseguia resolver as questões do vestibular, não tinha um pensamento crítico pra resolver nenhuma questão de matemática. Porque a questão do vestibular é mais elaborada. Eu falei: não quero isso, não quero. Concorde. Como que eu entrei? Ninguém cuidou de mim na prova. No vestibular da FUVEST eu vi como que foi. Eu fiquei lá na primeira fase. Eu vi uma tiazinha lá do lado vendo se eu estava colando. Não quis. Passou a matrícula eu quis. Falei: não pô, eu quero sim. Entrei um dia na faculdade e achei legal. Me imaginei sentado ali conversando com os amigos, era isso que eu queria. Então eu queria sim. Fui lá. Não dava mais. Cara como eu chorei. Você não tem ideia. Eu voltei pra casa chorando. Eu perdi a UNIBAN. Tudo bem, teve todo esse processo. Mas eu perdi a UNIBAN. Perdi o ano. O que que eu vou fazer esse ano? Acabou. Não sobrou nada pra mim. Eu quero estudar.

R: E o trabalho...

E: Sim, no trabalho, mas eu quero estudar. Não posso parar de estudar. Entendeu? Eu engatei o técnico depois da escola e passei meio ano ocioso, mas procurando, pesquisando onde eu ia estudar. Mais um ano sem estudar? Você vê que estava dentro de mim? Por quê? Um motivo não tinha. Mas eu queria estudar, queria estar na escola, no ambiente. Aí falei: não, alguma coisa eu vou fazer. Aí eu descobri o cursinho. O objetivo. Fui pro cursinho, fiz um ano de cursinho, não tenho nenhum modelo no cursinho. É uma instituição falida. Cursinho é uma instituição...

R: Então você perdeu o vestibular da UNIBAN, não quer ficar parado porque você quer aquele ambiente social. Quer continuar estudando. Na sua mente você perdeu o ano. Mas você não quer isso. Qual a estratégia que você tem?

E: Aí eu fui pro cursinho. Vou fazer o cursinho.

R: Mas alguém te falou do cursinho? Você nas suas pesquisas?

E: Isso, nas minhas pesquisas eu descobri que tinha cursinho. Tinha pouco acesso ao ensino então não sabia nem como funcionava direito. Falei: vou fazer esse cursinho pra aprender as matérias que eu não aprendi no ensino médico e deveria ter aprendido. Aí eu fui, primeira vez que comecei a ter biologia, física, aí é a hora que eu começo a gostar ou não de alguma matéria. Aí a única matéria que eu posso dizer que eu não gosto, ou não gostava, era biologia. Agora, as outras todas eu gostava muito. Por que que eu escolhi matemática, acho que porque eu já gostava bastante, já tinha feito vestibular pra licenciatura e continuei em licenciatura. Não tinha ninguém pra me orientar: não, faz engenharia, faz medicina, faz outra coisa. Acabei indo pra matemática mesmo...

R: Mas nunca pensando no bacharelado?

E: Sempre pensando só na licenciatura. Na verdade acho que estava pensando em estar na faculdade. que era? Não fazia nem ideia. O cursinho passou sem me marcar muito.

R: Não fez nenhuma grande amizade no cursinho?

E: Fiz uma grande amizade. A gente manteve contato por um bom tempo, mas como ele morava muito longe a gente acabou não mantendo esse contato, mas era um grande amigo que eu fiz no cursinho.

R: Antes de fazer o cursinho você já pensava na FUVEST, já pensava que você ia pensar na USP? Você já tinha se aproximado mais dessa realidade?

E: Sim. Já sabia que eu ia passar, pelo falo que eu já tinha passado na primeira fase sem saber nada, então... e pela nota de corte ter caído mais ainda, candidato vaga ter caído mais ainda. Dado isso eu fui atrás de outra faculdade também, que foi a UFSCAR. Eu prestei a UFSCAR também onde o candidato vaga era também um pouquinho maior, pelo desafio, acabei prestando a USP e a UFSCAR.

R: Licenciatura?

E: Não, na UFSCAR era matemática. O curso de bacharelado. Curso diurno na UFSCAR.

R: Em nenhum momento você pensou em administração? Por causa do almoxarifado que você estava trabalhando ou mesmo contabilidade, pelo técnico que você fez?

*E: Eu não tinha conhecimento de nenhuma dessas faculdades. Quando eu vi ciências contábeis na FEA, que o candidato vaga era maior, o candidato vaga me chamava atenção, eu queria que você maior, já era tarde. Já tinha feito a inscrição pra matemática. Acabei falando: mas eu quero matemática também então vou ficar em matemática. Sempre gostei muito de administração, contabilidade. Ainda penso em fazer algo desse tipo. Mas pra dar aula dessas coisas. Hoje em dia sei que o que eu quero é dar aula, seja dar aula dessas coisas...

R: Passou esse ano, você continuou no trabalho e entra na faculdade. Qual é a primeira imagem que você tem? Assim, na faculdade. Assim que você pisa, você enxerga um mundo diferente, você fica assustado, você está em casa? Você se sente bem no lugar que você está?

E: Eu me sinto assustado. É um mundo totalmente diferente. Agora, primeiro dia de aula, tenho ele na mente até hoje. Um dia chuvoso, frio. Cheguei atrasado. Me lembro daquele lugar assustador. Pra mim a universidade era assustadora. Primeiro que eu não sabia chegar onde eu ia, não sabia onde era o prédio que eu tinha que ir. Era muito grande a universidade que eu tinha entrado. Pra mim era outro mundo. Confesso que eu esperava bem mais do que eu encontrei, mas realmente era outro mundo. A competição era maior. As pessoas, aquela bagunça, aquele número de pessoas chegando e saindo, então me assustou bastante.

R: Em relação as contas, porque você sempre se destacou bastante. Gostava de estudar, gostava de ser bem sucedido, gostava de ser reconhecido, mas você teve uma base, cá entre nós, um pouco fraca por ser escola pública. Você fez o cursinho, conseguiu entrar, claro, te deu uma base melhor esse cursinho, mas por ser a USP, uma universidade de excelência, como que foi? Você tinha dificuldades ou conseguiu levar numa boa?

E: Não. Eu estudava muito. Quando eu entrei, teve o trote. O trote que foi aquela prova. Uma prova de matemática que pra mim era verdadeira. Aí eu não consegui fazer nada, tirei zero naquela prova trote. Eu vi que outras pessoas, por mais que a prova fosse difícil, tiraram nota e eu tirei zero. Mas era zueira, mas mesmo se fosse fácil eu não ia saber. Então falei: no vestibular da FUVEST eu também entrei, mas não fui tão bem em matemática, eu fui melhor ainda em português do que em matemática. Física então eu fui péssimo. Então assim, mas eu falei: não, agora que eu já

estou aqui dentro, eu vou ser o melhor, naquilo que eu fizer eu vou ser o melhor. Então vou tirar nota máxima nas matérias, vou tirar o máximo que eu puder naquilo que eu gostar. Então nas matérias lá na matemática eu estudava muito. Sempre estudei muito. Via muita gente com orgulho de dizer: tirei 6, 7 e 8 sem estudar, sem pegar no livro. Eu sempre tive muito orgulho de dizer que eu estudava dia e noite, chegava em casa: livro.

R: Porque você trabalhava ainda...

E: Trabalhava. Entrava 7:30h no trabalho.

R: Continuava ajudando em casa?

E: Saía 17:18h no trabalho. Ficava no trabalho, até umas 18h e pouquinho estudando na internet como eu te falei, no site da Barufi, depois eu ia para a faculdade, tinha que estar lá as 19:20h, praticamente nem comia direito. Era lanche quase todo dia, então o começo foi muito sofrido. Chegava em casa muito tarde e ia estudar. Estudar, fim de semana era estudar, estudar, até o momento que não dava mais. Eu tive que sair do trabalho. Saí desse trabalho e comecei a procurar trabalhos mais tranquilos, e na área.

R: E o pessoal do trabalho? O pessoal te apoiou essa decisão?

E: Não. O pessoal não queria que eu saísse. Tanto que eu queria a UFSCAR. A UFSCAR por causa da concorrência. Lá eu passei em 18o, tinha só 30 vagas, chorei muito. A USP eu não comemorei a minha entrada. Na UFSCAR comemorei muito ter entrado lá. Pra mim foi uma grande vitória. Pra mim a USP eu não acho que tenha sido. No caso a dificuldade pra me entrar. Não é entrar na USP, você me entende?

R: A concorrência.

E: Claro. Fui pra UFSCAR, conheci, mas a família falou do lado. Ficar longe da família...

R: E a família ficou feliz, te apoiou em fazer a faculdade?

E: Não. Nenhuma noção. Minha mãe colocou o adesivinho "meu bebê passou na USP na geladeira" e pra ela passou na USP. O que queé USP? Talvez ela não saiba até hoje, mas talvez ela colocar o adesivo "meu bebê passou na USP na geladeira", porque era um adesivinho de geladeira, não é pela frase, senão ela não teria colocado. Só que direto vai gente lá em casa e pergunta: quem passou lá em casa? - meu filhos. - tá brincando. -sério. Então as pessoas, elas tem uma imagem da USP que é impossível entrar na USP, é só pra gente rica. Será que é tão difícil assim? Será que meu filho conseguiu algo muito difícil? E ela começou a ficar orgulhosa disso. Então ela começou a ficar mais feliz com isso. Mal sabe ela que não foi difícil pra mim entrar. Porque era uma carreira mais tranquila pra entrar. Por isso que eu fiquei mais empolgado com a UFSCAR, pra mim a UFSCAR foi um desafio. Então foi bem lutado pra entrar. Só que aí meu chefe falou, de novo entra as pessoas, chega em mim, dá conselho, eu cruzei com muita gente desse tipo na minha vida: não vai, você vai ficar longe da sua família, você vai ter que largar seu emprego aqui. Continua trabalhando aqui com a gente, continua fazendo a USP aqui em São Paulo já que é noturno. E eu acatei, mesmo querendo ir pra UFSCAR eu acatei o conselho dele e fiquei aqui em São Paulo pra fazer a USP. Não digo que eu me arrependi. Em julho eu saí do emprego, foi um sofrimento pra conseguir convencer ele que eu tinha que sair, pra trabalhar na área, tudo, mas eu acho que eu fiz a escolha certa. Valeu a pena seguir o conselho dele, pelo que eu sou hoje. Pelo que a USP me ensinou acho que valeu a pena.

R: Seu pai em algum momento manifestou alguma surpresa, felicidade?

E: Não, nenhuma. Meu pai começou a ficar feliz quando eu falo pra ele os benefícios que a USP já me trouxe. Bolsa, a bolsa FUVES, aquele dinheiro que eu já ganhei sem fazer nada, que a mulher falou pra mim: não é que você não fez nada, você já fez, você veio de escola pública e entrou aqui. Aí ele falou: você ganhou uma bolsa pelo seu desempenho no vestibular. Eu falei: foi. Ele: nossa, que legal, parece que vale a pena estudar. Então foi esse o pensamento dele. O CRUSP. Ele olhou e falou assim: nossa, pode morar aqui de graça na USP? Eu falei: é pai, posso morar de graça, posso comer de graça, eu pago R\$ 1,90 porque eu acho que não preciso da bolsa alimentação, mas se eu quiser eu posso comer de graça também. Ele falou: nossa que legal. Ele começou a ver que eu tenho umas regalias, a USP dá uns benefícios interessantes. Mas mesmo assim pra ele ainda não era muito importante. Hoje, hoje eu acho aquele tem um orgulho especial de mim porque eu sou professor e o salário que eu ganho é um salário que eu acho que ele jamais imaginou que eu poderia ganhar, entendeu? Então quando eu falo: pai, eu ganho tanto como professor. Tudo bem, rede privada, tudo, mas: pai eu ganho tanto por mês. Ele olha e fala: pô filho, você ganha tudo isso? - Pai eu ganho e eu trabalho 3 manhãs pra ganhar isso. Então, se eu trabalhar mais duas manhãs, mais 3 tardes por exemplo e guardar a noite pra continuar estudando, que é o que eu quero pra minha vida inteira, eu vou ganhar tanto pai. Ele fala: nossa, dá pra ganhar tudo isso? A gente que veio do Piauí, eu falo: pai dá pra ganhar mais ainda, só que eu tinha que ter começado mais cedo. Então assim, ele começou a perceber que valeu a pena estudar, mas acredito que agora. Agora ele começou a perceber. Acredito que ele vai perceber cada vez mais, dependendo do que eu continuar estudando, porque eu não quero parar nunca.

R: De certa forma você acaba sendo referência dentro da sua casa.

E: Acredito que sim. Acredito que sim. Para os meus irmãos, a minha irmã olha pra mim e fala: eu tinha que fazer uma faculdade. Eu falo: tem, você tem. E ela: mas eu não tenho forças pra ir buscar o que eu perdi, pra poder entrar na USP por exemplo. Eu falo: então sabe o que você faz? Aposto na sua filha, coloca suas fichas todas na sua filha, entendeu? Coloca ela numa escola boa, faz ela fazer lição de casa, faz ela estudar a mais do que os coleguinhas da escola, entendeu? Coloca na cabeça dela que ela tem que entrar na USP. Então a minha sobrinha já quer ser médica, não sei se está alçando um voo muito alto, entendeu? Então eu falo pra ela. Você entende, a pessoa olha e fala: estudar, estudar vale a pena que vai me levar a um lugar que eu quero estar. Então acho que é sirvo sim como exemplo.

R: É gostoso ouvir isso, é gostoso saber disso. Que você, de certa forma, está mudando a vida das pessoas pra melhor pelo seu esforço. Pelo que você se tornou.

E: Sim, é muito bom, muito bom. Eu espero que realmente a minha sobrinha, minha prima, quem me vê estudando e vê onde estou chegando e vou chegar também trilhem por esse caminho.

R: Ainda dentro da faculdade. Por mais que fosse difícil, acabou saindo do emprego, precisava estudar bastante porque começou a ficar mais complicado, eu acredito, mas você conseguiu ainda continuar sendo essa pessoa que se destacava, que ia bem? Teve alguma disciplina que você não gostou na faculdade? Quando você pisou pensou: é realmente aqui que eu quero estar, é isso que eu quero fazer. Algum professor marcante dentro da faculdade?

E: É. Quando eu entrei me destaquei, acredito que eu me destaquei sim, estudei como eu falei, estudei muito. Porém, aquele lado humano do professor eu não consegui mais encontrar. Então se eu puder te falar que... no cursinho nenhum professor me marcou porque do cursinho eu vou lembrar de professores que eram bons pra dar aula. Mas nenhum deles se aproxima do aluno, talvez pelo tamanho da turma no cursinho. Na faculdade eu não tenho um professor nesse sentido, mas eu vou ter os professores que são bons, os considerados professores bons. Lá na matemática, onde eu fiz a matemática, e na educação. Só que na educação eu sempre tive muita dificuldade. Tive muito problema e eu não tinha a vontade de estudar que eu tinha na matemática. Na matemática eu corria atrás e me destacava e tirava notas boas e tatata. Na educação não. Na educação eu não consegui manter essas notas. Não consegui estudar bastante. Então assim, são poucos os professores que eu vou lembrar pro resto da vida da universidade.

R: Talvez por essa preocupação que eles tivessem de formar um professor talvez, de formar agora profissionalmente. Eles estavam focando, na verdade, nos conhecimentos específicos de cada uma das disciplinas. Então o tom que eles davam era diferente, o próprio distanciamento.

E: É verdade. Já não tem mais aquela aproximação pra formar um caráter. caráter já vem formado.

R: A própria visão que você também. Seus interesses quando você estava na faculdade, a princípio, era o social. Continuou isso até o final ou você já começa ter outras perspectivas, por exemplo: você falou que conversa com seu pai sobre seu trabalho, sobre querer ainda crescer, continuar crescendo. Você entrou por um motivo, ao longo do seu curso, da sua graduação, você já está praticamente formado. Você se forma quando?

E: No meio do ano que vem. Vai faltar uma matéria. Agora no fim desse ano já fico praticamente formado. No meio do ano que vem já estarei formado.

R: Nesse percurso que você fez, continua essa imagem, dentro de você, que você estava ali por causa do social ou algo mudou?

*E: Ah mudou né. É que nem eu te falei, já dá pra ver no próprio discurso. Agora eu quero, eu te falei quase agora da ambição. Agora eu quero estudar porque eu já percebi que estudar vale a pena e que estudar você vai subindo, não só na escala social mas também culturalmente. Então quero continuar estudando, fazer pós graduação pra poder dar aula em faculdade, não só em colégio.

R: Então você pretende a começar dar aula em faculdade, mas a gente esqueceu de voltar naquele programa dos embaixadores da USP, que você disse que em 2007 voltou pra sua escola. Como que foi essa experiência? Voltar pra dentro de um lugar que você passou praticamente a sua vida inteira, sendo que você ainda é jovem, mais da metade da sua vida e estar lá não como aluno, mas como alguém que já passou por aquilo. Como que foi entrar de novo, passar pelo portão da escola, rever os funcionários, talvez alguns professores, como esses professores te receberam? Os próprios alunos...

E: Foi bom. A experiência foi boa. Reencontrei os funcionários. Os professores praticamente já não tinha mais nenhum daquela época, eu já tinha comentado que muda muito, mas encontrei os funcionários que trabalhavam lá na

época. A tia da cozinha, da limpeza. Eles ficaram muito felizes ao saber que eu tinha entrado na USP. Passei na USP. A diretora, que eu já tinha falado sobre ela. Então eles me deram todo o respaldo, pude entrar nas salas, falar o tempo que eu quisesse da USP. Falar que não era mentira, muito legal porque a diretora falou assim: fala pra eles que não é mentira, porque eu já alguns disserem que a USP é mentira, que pra entrar lá tem que pagar. Então ela falou assim: fala pra eles que dá pra entrar, que você saiu daqui, que você estudou aqui a vida inteira.

R: Você sabe me dizer se foi o primeiro de toda a história a passar na USP?

E: Não sei dizer seu eu fui o primeiro.

R: Mas pode ter acontecido.

E: Pode ter acontecido. Não sei se eu fui o primeiro, porque essa escola como eu te falei ela era uma boa escola. A partir de quando eu cheguei no ensino médio e nos dias de hoje ela deu uma mudada, mas ela era uma boa escola.

R: Os alunos se interessaram?

E: Sim, bastante. Muitos alunos ficaram bem atentos nas salas, fizeram perguntas. Foi muito interessante. Lembro de alguns em especial que ficaram olhando assim com os olhos: eu vou conseguir, eu vou... Admiração: ele conseguiu, eu também vou conseguir, agora eu acho que vai dar. Aí uma menina falou: eu já tinha até desistido, não estava pensando em prestar. Eu falei: presta sim, quantas vezes for preciso, tem isenção pra entrar da escola pública, como você estuda em escola pública você vai ter todo o apoio da USP não só pra entrar, mas quando você entrar lá dentro você vai ter todo o apoio da universidade.

R: Você pisou da escola como um visitante e falou que já é professor. Por mais que ainda não seja formado você já dá aula. Você dá aula só particular ou você dá aula também dá aula em alguma instituição mesmo?

E: Eu dou aula só na rede privada. Rede pública eu teria que fazer o concurso. Ainda não tenho certeza se eu já poderia lecionar na rede pública.

R: Mas tem vontade?

E: Não. Não tenho uma vontade absurda de lecionar, mas confesso que...

R: Na rede pública?

E: Mas confesso que ultimamente ouvindo alguns relatos de pessoas que dão aula na rede pública, eu me interessei.

R: Amigos?

E: Amigos. Professores que trabalham comigo na escola que eu trabalho, que dão aula em rede pública e me falaram que é possível, é possível. Tem umas horas de apoio ao docente, não precisa só dar aula. Tem umas horas de apoio, de estudo, de recuperação. Isso me interessou bastante. Eu achei uma iniciativa legal. Então eu tenho sim vontade de talvez um dia, essa vontade foi surgindo. Mas não é absurda. Vou correr atrás disso. Talvez formado.

R: Algum motivo em especial?

E: Talvez pra mostrar pra eles que é possível...

R: Algum motivo em especial, desculpa, formulei mal a pergunta. Algum motivo especial pra você não querer trabalhar na rede pública.

E: O salário. Nós que somos professores, o tempo é escasso, eu estava trabalhando em várias escolas e trabalhar em escola pública tem que ser por idealismo. Comparado com a escola privada o salário está muito diferente. Está muito... absurdamente diferente, querendo ou não. Então você estaria perdendo algumas horas da sua semana por um salário que não... você teria que ter outro trabalho além desse, talvez você já não conseguisse render tanto. Por isso eu digo que tem que ser por idealismo, você diz: não, estudei em escola pública, então vou voltar e ajudar alguém lá. Hoje eu falo: hoje a minha perspectiva sobre isso é bem pequena, tem que formular uma perspectiva melhor.

R: Você falou da pós graduação, dar aula em faculdade e assim que você começar a dar aula em faculdade você larga a educação básica?

E: Não. Eu queria conciliar os dois. Tenho vontade de dar aula em uma universidade, pelo interesse dos alunos. Por exemplo, acabei de falar que não tenho vontade de dar aula em escola pública, não tenho essa vontade absurda mas tenho vontade de dar aula no EJA, que é pública. Tenho vontade de dar aula no EJA. Na vontade o que eu tenho é vontade de dar aula é pra gente interessada, acho que como todo professor. Isso deve ser extremamente gratificante você dar aula pra um cara que ele quer muito aprender aquilo que você está ensinando, não importa se ele consegue ou não. Conseguir ou não é o de menos, mas ele quer. Se você vê a vontade nele, o prazer, pra ver quando ele consegue, acho que isso é interessante. Então veja, não tenho vontade de dar aula em escola pública não é só pelo salário, a gente começa a ter ideia de que é a dificuldade. A gente vê o que o professor passa com a sala de aula. Isso complica um pouquinho. Já o EJA, já fui várias vezes no EJA e já percebi assim relatos e histórias emocionantes de pessoas que querem muito estar ali, querem muito aprender. Isso me chama muito atenção. Na faculdade acho que tem isso, na universidade. O cara está ali pra aprender, se ele não quer ter aula ele vai embora, ele pode sair e entrar a hora que ele quiser. Então me chamou atenção dar aula em universidade e no EJA por causa disso.

R: Como foi essa experiência de entrar numa escola como professor? Você já tinha voltado como aluno, voltado como visitante e agora entra como professor. Sua função ali dentro é outra. Qual foi... você tinha alguma expectativa? Quando você começou a dar aula, a primeira vez que você pisou na sala de aula, antes de estar ali na frente dos 30, 40, 20 alunos, não sei quantos alunos são na escola que você trabalha. Mas quais eram suas perspectivas e o que você de fato viveu no primeiro dia de aula como professor?

E: Tenso. Fiquei a noite inteira sem dormir, sem saber por onde começar, o que fazer na primeira aula pra quebrar o gelo pra conhecê-los. Fiquei super cansado porque não tinha dormido a noite inteira. Então assim, muito tenso. Você olhar pra 40 carinhas ali que você não conhece, nunca viu na sua vida e estão esperando algo de você, estão esperando algo diferente falando: tomara que esse não seja igual aos outros. Porque o que você vê hoje é que o aluno se faz inimigo do professor. O professor do colégio é inimigo dele, vai reprova-lo, vai ferrar ele na prova. Então a vontade de ser diferente, falar: não, estou aqui pra ajudar, pra ensinar, não só pra ganhar o dinheiro ou pra reprovar vocês, estou aqui também pra ensinar algo, passar o que eu aprendi, passar algo que eu sei. Nem sempre a gente consegue, mas numa turma de 40 alunos sempre

tem alguns que aprendem e te deixam muito orgulhoso. Então vai ser gratificante sempre. Muito bom.

R: Algo que eu não perguntei, mas estou curioso desde o início da entrevista: se a primeira namorada você conheceu na escola ou como foram as namoradas ao longo da sua trajetória escola. Se você era aquele garoto que estava sempre rodeado pelas meninas...

E: Não, não estava sempre rodeado pelas meninas. Era um cara comum pra feio então não tava sempre rodeado pelas meninas. Porém a escola, era como eu comentei, eu era bem sucedido. Era ali que, na minha opinião, eu me saía melhor, ou jogando bola, que eu também gostava. Mas a escola, jogando bola não tem meninas então normalmente estava com os moleques e não adiantava muito. Então na escola eu fazia amizade com algumas meninas que viam em mim aquela qualidade de ser inteligente, na minha opinião, humilde opinião, mas então eu me achava bem sucedido ali na escola. Me achava bem sucedido. Isso chamava atenção, chamava atenção de outras pessoas. Então de vez em quando alguma menina talvez se interessava. A maioria das minhas namoradas foram na escola, inclusive a minha esposa eu conheci na faculdade. Era ali que, talvez, eu tinha algo pra ser admirado a mais do que eu teria fora.

R: Você tinha consciência na época ou tem consciência hoje?

E: Não, tinha consciência. Tinha consciência. Por exemplo, quando você termina o trabalho, você é o primeiro da turma a terminar. A menina olha pra você e fala: po, ele é feio mas é inteligente, talvez de pra formar uma família. Eu achava que dá pra suprir algumas qualidades com outras. Você não pode, sei lá, ficar triste por não ter umas qualidades, então aproveita elas, as que você tem. Por isso que a escola era um bom lugar de estar, porque era ali que eu me achava bem sucedido.

R: Você falou da sua esposa. Você conheceu ela na faculdade? Era do mesmo curso? Era de algum outro curso?

E: Na faculdade. No início da faculdade, 2007, do mesmo curso, da mesma sala, a gente entrou junto e começamos a namorar no segundo mês de faculdade.

R: Vocês estão juntos até hoje. Vocês têm filhos?

E: Temos 2 meninas. Estamos juntos graças a Deus e estamos aí cuidando delas.

R: Quantos anos elas têm?

E: 4 a mais velha e 1 a mais nova.

R: A mais velha já vai pra escolinha?

E: Já, já vai pra escolinha.

R: Qual a expectativa que você tem pra elas dentro da escola? Você acha importante os estudos pra elas? Estar dentro de uma boa escola? Você acha que isso vai ser decisivo pra vida delas? Não digo nem só pensando no social, mas como que isso pode contribuir pra vida delas, das suas filhas?

E: Com certeza. Foi o que eu falei que acho importante ela ir pra escola, pra uma boa escola, o que eu falei sobre minha sobrinha anteriormente. Ela, graças a Deus, está numa boa escola, gosta de ir pra escola, gosta bastante de atividade, de mostrar o que ela fez na escola. Então é uma menina bem ativa, bem brincalhona, então ela adora

o ambiente escolar, os amiguinhos da escola. Ela quer ir na casa dos amiguinhos, quer estar com os amiguinhos, então eu consigo ver, me ver dentro dela. Eu vejo: ela vai gostar de ir pra escola, talvez pelo social, pelos amiguinhos, pelas atividades. Mas não importa, ela está na escola. Aí, por ela estar na escola, quando começar as séries normais ela vai gostar de ir pra escola. Se gosta de ir pra escola, estuda, presta atenção, aprende, começa a gostar mais e mais, cada vez mais, porque vai ser bem sucedida dentro da escola. Se você não é bem sucedido, por isso que a gente discute muito o bullying: se o cara não tem muito prazer de ir pra escola, porque ele é alvo de bullying pelos colegas, ele não vai aprender matemática, português. Há um reflexo absurdo no aprendizado mesmo. Tem que ser combatido por causa disso.

R: Sempre tem um incentivo de você dentro de casa? De você e da sua esposa?

E: Sim, bastante. Ela vê a gente estudando juntos. Porque eu e a minha esposa fazemos o mesmo curso na faculdade, matemática, então tudo que é de matemática a gente está fazendo junto. Eu ajudando ela, ela me ajudando, se ela vê nós dois estudando juntos ela quer está perto também fazendo alguma coisa. Então ela quer estar no meio olhando o livro, mesmo não entendendo nada, ela quer está ali, aí se ela percebe que ali não um lugar pra ela, ela pega o livro dela: não, calma aí, aqui eu não vou conseguir falar nada que seja interessante. Então ela pega o dela e começa a atrapalhar e falar as coisinhas dela: olha aqui o que eu desenhei, pinta aqui de verde. Ela quer participar. A gente acaba não conseguindo estudar, a gente senta pra estudar, ela pega o livro dela e vem junto. Aí a gente acaba não conseguindo estudar junto, dificilmente, mas pelo menos a gente consegue influenciá-la a já estudar, pegar o caderninho da escola dela. Porque enquanto é desenho, mas daqui alguns anos. Por exemplo, eu estou lendo um livro ela vai querer ler um livro também, pra me imitar. Porque tudo que o pai faz, tudo que eu faço ela quer imitar. Então vou aproveitar pra fazer tudo que eu acho que ela faça, eu faço pra que ela me imite.

R: Você aí conseguir separar o papel de pai e o papel de professor?

E: Sim. Eu não serei professor dela. Não serei professor. Quando eu sentar-me pra estudar com ela é como pai. Como pai. Já tentei essa experiência com a minha sobrinha e não dá certo. Não fui bem sucedido. Falta paciência, absurdo. Eu sou um professor extremamente paciente, o aluno pode perguntar 15 vezes que eu respondo a mesma pergunta. A minha sobrinha perguntou 2 eu já fico bravo. Então, com a minha filha, quando eu sentar com ela, eu vou sentar como pai. O que eu fiz com a minha sobrinha, quando eu comecei a sentar como tio dela: vamos fazer juntos, o que está acontecendo? Aí o processo foi melhor, não posso ser o professor da minha filha, querer cobrar dela muita coisa além do que ela pode. Cobrar sempre pra ela ser a melhor, mas não cobrar a mais do que ela possa porque sou professor.

R: Acredito que a gente já está conduzindo para o fim, mas chegou algum momento durante a sua graduação que você pensou em ou desistir ou pensou que tinha errado a carreira, pensou em mudar de curso? Alguma decepção aí no meio do caminho?

*E: Não. Desistir jamais. A decepção com o curso é normal. Acredito, falo pra muitas pessoas que a decepção com o curso é normal. Acredito que praticamente em todas as carreiras você acaba se decepcionando. As vezes porque você acha que deveria ser de uma forma, que nem tá certa, e não é da forma que você quer. Ou as vezes porque

você acha que tem uma carreira melhor pra você. Quando você entrar você conhece outras. Mas desistir nunca. Já pensei em trocar de curso, fazer alguma coisa na área de matemática, mas nesse curso que eu tivesse, pra dar aula disso. Então eu quero ser professor. Então nada melhor do que terminar a licenciatura. Então desistir jamais. Já pensei, já desanimei com o curso, já pensei até em trocar de curso. Mas quando você pensa em ter uma licenciatura em ter uma pós graduação em uma área específica será muito bom, já que eu pretendo ser professor. Exclusivamente professor. Mesmo que eu faça administração, economia, alguma outra carreira, é pra dar aula disso. Então eu quero ser professor.

R: Você teve amigos da escola, amigos do bairro, teve as pessoas que passaram pelo cursinho, as pessoas do trabalho. Quando você encontra na rua ou conversa por telefone, o que eles enxergam hoje quando eles olham pra você?

*E: Eu sempre tento passar essa imagem que eu estou tentando passar agora. Que eu gosto do que eu faço, que eu amo o que eu faço e que eu recebo bem pelo que eu faço. Porque não adianta eu falar pra eles: olha, amo o que eu faço, gosto do que eu faço, mas minhas duas filhas estão lá em casa sem o brinquedo que elas gostariam de ter. Sei lá, eu tenho que priorizá-las também, e a minha também. Se eu não estiver feliz eu não vou conseguir dar uma boa aula. Então eu sempre tento estar feliz. O dia que eu por algum motivo estou tristeza eu seguro a tristeza e falo: não, na sala de aula eu preciso estar feliz pra empolgar o aluno. Agora se todo dia eu estiver triste eu não vou conseguir fingir. Um dia ou outro você consegue, não é fingir. Você consegue falar: hoje eu não vou transparecer que tem algo me machucando, senão eu desanimo meus alunos. Eu tenho que empolga-los, tenho que mostrar pra eles que eu gosto e acredito no que eu faço. Agora se você sai de casa um dia e não quer ir pra aquele lugar, se você sai no outro e também não quer ir, no outro. Todo dia você sai pra escola e não quer ir, uma hora vai transparecer para os seus alunos que você não quer estar ali, não tem como, ninguém consegue. Então eu tento passar para os meus colegas, pras pessoas que passou pela minha vida quando eu encontro isso: o que eu vivo: eu gosto do que eu faço, eu gosto do que eu ganho, eu gosto da carreira que escolhi e quero continuar nela. Só que ela tem momentos difíceis e esses momentos difíceis eu não preciso ficar compartilhando, enchendo eles de problema: não, porque tem aluno que faz isso. Eu prefiro falar dos que fazem aquilo. Se tem um aluno que me desrespeitou hoje eu prefiro falar do aluno que chegou em mim e agradeceu pela aula: professor muito obrigado, aprendi muito hoje. Então entre falar dos dois prefiro falar do que me agradeceu, porque se eu falar do que me desrespeitou ele vai me desrespeitar de novo para ser o famoso da turma. Então eu tento valorizar os momentos bons, os momentos que você pensa que existem na vida de qualquer pessoa.

R: Importante isso que você está falando. Talvez a minha última questão. Você falou dos amigos que passou pela sua vida. E os amigos que você conquistou na faculdade? Fez bastantes amizades?

*E: Sim. Na faculdade fiz bastantes amizades. Tenho contato com muitos deles ainda, até por ainda estar na universidade, mesmo não fazendo muitas matérias com muitos deles. Mas fiz bastantes amigos. É outra realidade, as pessoas já são adultas então você já consegue ter uma amizade mais sólida. Já sabe que ela vai durar, diferente de quando eu era moleque, fazia grandes amigos mas minha mãe mudava de casa direto, então era muito difícil quando eu mudava de bairro, de cidade, você continuar com o mesmo amigo. Não dava pra ficar voltando na casa do cara, na casa do cara pra jogar

bola com ele. Então você vai perdendo. Na faculdade não, na faculdade é diferente. Fiz vários amigos, bons amigos, grandes amigos. A faculdade foi pra mim um bom lugar, novamente. Um bom lugar. Um lugar pra fazer muitos amigos, conhecer minha esposa, ter minhas filhas, construir minha vida. Hoje eu posso dizer que eu devo um primeiro momento do meu caráter aquele trabalho que a gente já comentou e num segundo momento hoje, sei lá, a minha carreira, o meu salário, a USP ela proporcionou. Ela que proporcionou. Eu tenho uma vida hoje que ela foi montada ali dentro da universidade. Então a universidade será sempre lembrada na minha vida.

R: Você só pode entrar na universidade por causa da escola? Talvez as pessoas que passaram e te deram a base?

E: Sim. As pessoas que me acolheram, os humanos que eu conheci. Principalmente os professores que a gente citou lá da escola.

R: Bom, eu acredito que seja isso mesmo. Eu só queria perguntar qual era sua perspectiva antes de começar esse exercício de rememoração do que você viveu. O que você tinha em mente sobre a escola, algo bem breve. O que você tinha da escola antes, o que você tinha da escola durante e o que você tem da escola depois, digo: antes de você entrar da escola, durante o período que você passou pela escola e depois que você passou pela escola, hoje. Qual essa visão que você tem hoje?

*E: Antes eu queria estar dentro da escola, pela diversão, pela brincadeira, pelos amigos. Durante eu gostava de estar dentro da escola, era um lugar muito bom pra mim, embora por um bom período eu não pude estar ali e depois da escola eu acho que não existe na minha vida. O depois da escola, talvez da escola básica. Foi a universidade. Mas, como eu não quero parar de estudar nunca eu vou estar sempre dentro da escola. Mas a educação básica, depois, teria que parar um pouquinho pra pensar, como que eu olho para trás. Eu diria que a escola pra mim, ela foi muito mais um lar, eu sei que não é isso, sei que estou confundindo as coisas. Mas ela foi muito mais pra mim um lar, um lugar de aprendizado, de formação de caráter, novamente volto a repetir: não é isso que a escola tem que ser. Mas pra mim foi. Por incrível que pareça, pra mim foi do que de aprendizado de conhecimentos. Eu aprendi muito mais a ser um humano dentro da escola do que a matemática, que teoricamente seria o que eu mais aprendi. Ou pelo menos o que me marcou foi o lado humano dentro da escola, os exemplos de ajuda, de caráter, de ensinamentos de vida. É isso que me marcou demais. Por isso que eu digo que sou um caso atípico. Quando você falou: vou fazer uma entrevista com você pra ver algo. Eu pensei: será que ele quer saber por que que eu virei professor? Eu pensei: Será que ele aí quer buscar na minha história por que que eu virei professor – mas não tem motivo porque eu virei professor. Aí eu comecei a lembrar, a gente voltou lá longe e eu fui construindo. Aqui conversando eu fui lembrando de coisas durante a minha fala, aí eu fui construindo e agora olhando pra trás eu acho que eu consigo entender perfeitamente porque que eu sou professor e consigo entender que eu tinha que ser professor. Não só pelo meu avô lá no começo, que eu já admirava muito e admiro até hoje, não só por ele que era admirado na região. Mas pelos professores que cruzaram comigo, professores de matemática, bons, que é difícil achar. Então você acha um professor: po, professor de matemática. Então com essa rememoração eu entendi: não, há um motivo sim, eu achava que não havia. Eu achava que era aleatória ter escolhido licenciatura em matemática lá na FUVEST. Agora eu percebo que foi sendo trilhado em meu caminho pra fazer essas escolhas.

R: Você nunca tinha feito esse exercício?

*E: Não, não tinha feito. Acho que a partir de hoje se alguém perguntar: por que você é professor? Antes eu dizia, eu já tinha um porque eu sou professor, eu dizia porque, mas isso era depois da universidade, quando eu entrei na universidade. Minha mãe falou que estava doente e falava: eu não posso morrer enquanto eu não ver meu filho professor – eu preciso ver ele dando aula pra uma sala de aula. Eu falava: não, agora eu tenho que ser professor, porque pelo jeito minha mãe também quer que eu seja professor. Então dentro dela havia alguma vontade. Mas ela nunca chegou em mim e falou: filho eu quero que você seja feliz ou eu ficaria feliz se você fosse professor. Mas nesse dia ela falou isso, que ela queria ver o filho dela professor. Talvez porque eu já tinha escolhido a carreira de professor, já estava na universidade. Então eu colocava isso como um motivo pra eu ser professor. Mas na verdade não era o motivo né? Porque eu já tinha entrado na universidade pra ser professor.

R: De certa forma isso ajudou.

E: Ajuda. Ajuda. Isso me dá um ânimo absurdo. Não só pra ser professor, mas pra ser um bom professor. Um dia em algum momento se ela ouvir: seu filho ele é um bom professor, ele me ensinou muita coisa. Tenho certeza que ela vai ficar muito orgulhosa de mim.

R: Eu sei que talvez depois de uma longa entrevista eu esteja te cansando, mas talvez eu não sido muito transparente que eu fiz, como eu elaborei a pergunta. Mas quando eu perguntei como você vê a escola depois de ter saído dela, era mais se você acha importante a escola, se encara ela apenas como um trabalho, a importância dela na sociedade, na sua vida hoje. Não o que passou, não da sua história, mas o que ela representa pra você hoje, talvez como professor.

E: Perfeito. Não tinha entendido mesmo. Importantíssima a escola. Importantíssima. Só que eu tenho uma visão que as vezes parece muito errada da escola. Parece muito errada. Ou pelo menos eu não encontro muito respaldo nessa minha visão. A visão de formar o caráter de uma pessoa. Eu quero muito que a escola forme o caráter de uma pessoa e não é isso. Eu vejo, eu olho pra ela hoje daqui e acho ela importante demais. Acho que o cara tem que estar na escola sim. Importantíssimo. Mas não só pra aprender, não só pra aprender as matérias básicas. E eu não encontro respaldo nisso. Mas esses professores que eu converso, o professor sempre é categórico ao afirmar: a escola está aqui para ensinar matemática, ela está aqui para ensinar português, eu sou professor da minha matéria, eu não vou educar. O cara fala assim: eu não vou educar, quem educa é o pai e a mãe. Acredito. Acredito nisso, porque eu vou educar a minha filha, mas eu não abro mão da escola. Se a escola puder me ajudar na educação das minhas filhas, desde que seja uma boa educação, por exemplo: se eu perceber que os professores da escola da minha filha são parecidos com os meus eu vou ter todo prazer de deixar ela imitá-los, porque eu imitei os meus. Concorde? Não me arrependo. Eles tinham um caráter muito íntegro. Você entende essa minha visão? Que a escola virou uma fábrica de conhecimentos. Eu vou repassar conhecimentos. Eu já falei isso da universidade, eu percebi que você não gostou, porque você falou que o professor da universidade também está ali para ensinar o conhecimento. Aí eu até falei: não, tudo bem, já chegou com o caráter formado.

R: É claro que muita gente vai passar pela sua vida...

E: O exemplo é absurdo. O exemplo, eu posso até te falar um exemplo da universidade, agora me estendendo um pouco, de um professor que não declarava o

imposto de renda e enchia a boca pra falar que não declarava. Na minha opinião, por mais que o imposto de renda seja algo não que muito alto, mas um absurdo. O professor não pode passar para o aluno essa desonestidade. Por que como é que a gente vai reclamar do político corrupto se o professor... Por isso que na hora eu falei do advogado, o que se espera do advogado é integridade, honestidade. Isso não é qualidade, é obrigação. Então num professor nem se fala, entendeu? Mas quando o professor, e por isso que eu falei que o cursinho não é base. No cursinho você só pega professor, eu falaria: a maioria tranqueira. Eu sei que a maioria das pessoas que pode ouvir não vai concordar. Mas a maioria é tranqueira, é vida louca, é o cara que quer ser o bãbã. E tipo, um péssimo exemplo. Na minha opinião um péssimo exemplo. Aí o cara se defende dessa forma: não, o aluno não tem que copiar meu modo de vida, ele tem que copiar o que eu coloco na lousa pra ele, tem que aprender o conhecimento e passar no vestibular, estou aqui pra passar ele no vestibular. É esse mundo que a gente está criando, esse mundo que a gente tá formando, de pessoas que tão ali pra entrar no vestibular. Não de pessoas que estão ali para serem humanas, para na hora que precisar ajudar alguém, sei lá, dar um computador porque não usa mais e pode ajudar alguém, levar o computador na casa da pessoa. Eu estou dando exemplos aqui que me marcaram demais, que formaram meu caráter. Então eu acredito que uma pequena coisa que um professor faz forma o caráter para o bem e para o mal. Então a partir do momento que você chega numa sala de aula e dá um mal exemplo, não importa se você está ali pra educar ou não. Você acabou de educar. Se você dá um bom exemplo talvez ele não seja seguido, mas um mal exemplo sempre é. Então acho que, eu tenho quase certeza que está errado meu pensamento, mas eu acho que a escola tem que buscar mais esse papel. Por mais que vai ficar cansativo pro professor. Mas ela tem que buscar esse papel não só de ensinar as matérias básicas, mas também tentar educar um pouquinho. O erro foi que o pai e a mãe dentro de casa achou que esse trabalho era da escola e aí depositou toda essa responsabilidade nas mãos da escola. Também tá errado. Certo? Também tá errado. Minha filha me copia em tudo. Também tá errado. Agora o problema é quando a escola tira, lava as mãos. Se a escola lava a mão, o pai e a mãe lava a mão, porque o cara vai pra escola, é obrigatório. E aí meu amigo, é o mundo que a gente está construindo. E é nele que nós e nossos filhos vão viver.

R: Seria a educação para o futuro?

E: Exatamente.

R: O que a gente está querendo?

E: Com certeza.

R: Algum último comentário?

E: Queria agradecer. Estou muito feliz de relembrar minha vida. De encontrar hoje, juro, encontrei hoje o motivo que me move, de onde veio cada concepção minha pra fazer eu chegar até aqui e agora eu guardo tudo isso, construo mais um pedaço e aí fecho, né? Fecho esse ciclo, espero que com grandiosidade.

R: Isso pode ter te ajudado?

E: Muito, muito mesmo. Que nem eu te falei: não só um trabalho só para ser feito comigo, mas com outros professores ou com outros profissionais seria muito interessante.

R: Bom, obrigado. Queria saber se eu precisar te procurar mais uma vez eu possa ir atrás de você, talvez possa ter faltado alguma informação importante?

E: Sempre. Pode ficar a vontade.

R: Muito obrigado então. A gente vai ficando por aqui

Apêndice B – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Thiago

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Meu nome é Renan Marcel Barros dos Santos. Eu vou realizar uma entrevista no eixo de Histórias de Vida para a minha pesquisa de pós graduação em nível de Mestrado que estou realizando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A pesquisa se desdobra em 3 momentos: antes da escola, durante a escola e após a escola. Eu pretendo estudar como que a escola ajudou para constituição do projeto pessoal, tudo bem?

E: Sim, podemos começar.

R: Me conta o ano que você nasceu, conta um pouco da sua família, de onde seus pais são, a escolaridade deles, a situação financeira de antes de você entrar na escola.

E: Eu nasci em 1989, meu pai e minha mãe são da década de 60, nasceram na década de 60. Meu pai tem até Ensino Superior completo e minha mãe hoje em dia tem até Ensino Superior completo, mas na época que eu nasci minha mãe teve que parar a faculdade e o trabalho pra se dedicar a cuidar de mim e assim também foi com a minha irmã, no futuro. Meu pai já trabalhava na época, a gente nunca teve nenhuma dificuldade. Meu pai sempre conseguiu criar a gente, mas meu pai sempre trabalhou em 2 empregos. Meu pai também é professor de matemática, dava aula de noite e trabalhava numa empresa de manhã, no setor financeiro. A gente nunca teve dificuldades, a gente a partir da minha 1ª série eu já estudei em escola particular, estudava em escola pública antes. É isso.

R: Antes de a gente entrar nessa questão de escola pública e escola particular, quantos anos tem sua irmã?

E: Minha irmã é 3 anos mais nova do que eu, eu tenho 23 e minha irmã tem 20 anos hoje. Minha irmã é de 92.

R: Certo. Antes de você entrar na escola, você lembra se tinha vontade de ir pra escola, se seus pais achavam importante, se você brincava com seus amigos de escolinha...

E: Então, eu sempre fui muito apegado a minha mãe. Eu não queria ir para escola pelo fato que eu não poderia ficar com a minha mãe. Entrei na escola no Jardim II quando eu tinha por volta de 4 ou 5 anos, entrei um tanto tarde na escola. Mas eu não queria ir, lembro que Jardim II e Pré eu não queria ir para a escola. Minha mãe até no começo tinha que ficar, a diretora da escolinha mentia falando que minha mãe estava na sala dela esperando e tudo mais, e eu não queria. Tanto que foi complicado. Na 1ª série quando eu era um pouco maior eu não queria ir pra escola, tinha que fazer minha mãe prometer umas 1000 vezes que ela ia me buscar, tinha medo de ficar. Era isso, nunca tive vontade de ir pra escola quando eu era menor.

R: Você não tinha vontade por ser apegado a sua mãe ou alguém já tinha falado mal da escola e você tinha uma visão assim?

E: Não, era medo mesmo. Medo de não ficar perto da minha mãe. Sempre fui muito apegado a minha mãe. Minha mãe acho que no começo da gravidez passou muito medo, acho que isso passa para o filho. Então eu era muito apegado e não queria ficar longe da minha mãe. Então era por isso, não era porque ninguém tinha falado não. Muito pelo contrário, meus amigos da rua, que já freqüentavam a escola, porque eu era mais novo, gostavam e tudo mais. Eu que queria ficar com ela em casa.

R: Seus amigos tinham a mesma idade que você, você era mais novo?

E: Não, sempre fui mais novo da rua. O pessoal assim que a gente tinha amizade eu sou uns 2 anos mais novo.

R: Lá na escola, você lembra do seu 1º dia de aula? Imagino que tenha sido traumático.

E: Meu 1º dia de aula foi bastante ruim que eu ficava com medo da minha mãe sair. Então a lembrança que eu tenho da escola, logo no começo, foi da minha mãe deixando na sala de aula, minha mãe me acompanhou até dentro da sala de aula, e a diretora disse que minha mãe ficaria na sala dela. Eu durante muito tempo achei que minha mãe ficava lá. Então era complicado. Aí minha mãe foi me explicando aos poucos que, como minha irmã era mais nova também, ela tinha que voltar e ficar com minha irmã, tudo mais. Então eu tinha que tentar entender, mas era complicado pra mim. Eu não gostava no começo. Nunca gostei, bem no comecinho eu não gostava de ir pra escola.

R: Lá nas escolas você lembra das atividades que fazia? Tinha muitos amiguinhos? A professora, a relação que vocês tinham?

E: A professora, eu gostava sim das pessoas. Não tinha nenhum problema com meus amigos. Era legal até o tempo que eu passava na escola. Mas o problema é que minha mãe não estava lá, era todo esse problema quando eu era menor. Mas eram atividades de colorir, tinha até tempo de brincar. Tinha um barquinho dentro da escola mesmo na hora do intervalo. Foi uma coisa natural a escola. A única questão que pegava pra mim, eu não tinha dificuldades em assimilar conteúdo, de lição de casa, de lição na sala, de se comportar, tudo tranquilo. O único problema pra mim é que minha mãe não estava lá.

R: Você falou de lição de casa... Uma questão que me veio a mente agora é sua relação com material escolar. Se você lembra como que você... se você cuidava bem do seu material, se gostava do seu material escolar.

E: No comecinho eu lembro que o material que a gente tinha era sempre uns cadernos, inclusive todos parecidos, mas minha mãe sempre me ajudava a organizar o material de casa, essas coisas assim. Antes de dormir por exemplo eu tinha que deixar o material organizado pro outro dias. Cuidava, tentava não perder, mas criança sempre perde. Esse tipo de coisa é normal. Mas sempre fui educado assim, dependendo assim, se eu não tomasse cuidado, se eu perdesse mais de uma vez eu ficaria sim. Minha mãe sempre foi nesse sentido de fazer eu ter responsabilidade pelas minhas coisas.

R: Você comentou que a partir da 1ª série você começou em escola privada.

E: Na 1ª série ainda estudei numa escola pública e daí da 1ª para a 2ª série eu fui para uma escola particular.

R: Essa transição, deixar seus amiguinhos, foi difícil?

E: Na verdade não foi muito difícil porque eu, assim... Meus amigos da 1ª série moravam perto da minha casa. Minha mãe optou por trocar para a escola particular até pela questão de eu não querer ficar no colégio, e tudo mais. Minha mãe foi conversando, tal. Era no colégio da Polícia Militar que eu ia entrar, e lá tem um vestibulinho. Minha mãe fez com que eu estudasse nas férias, foi conversando. Eu até queria também entrar, meio acho que minha mãe pôs na minha cabeça que eu devia estudar lá e eu simplesmente aceitei. Aí estudei bastante nas férias, consegui passar no vestibulinho. Não era nada demais. Era uma provinha que você ia fazer e talvez por isso, por ter que me esforçar pra alguma coisa eu queria estar lá. Então a partir da 2ª série eu não precisava mais insistir pra minha mãe pra ela ir me buscar. Eu sabia que ela ia me buscar, eu gostava do colégio. De sexta feira a gente tinha futebol depois da aula, então não tinha só a Educação Física, tinha uma coisa mais, assim, a parte. Então por mais que fosse um colégio grande, eu senti essa mudança porque antes eu estudava com uns 30 alunos na sala e o Colégio da Polícia Militar tem 40 pelo menos em cada sala. Mas foi tranqüilo. Minha 1ª professora do colégio eu gostava muito, embora ela fosse muito brava, mas eu me identificava muito com ela. Foi bem tranqüilo da 1ª pra 2ª série. Foi bem fácil.

R: Nas primeiras séries, nas séries básicas, geralmente a gente só tem uma professora. Você lembra se tinha mais de uma professora?

E: Até a 4ª série foi uma professora só, 2ª e 3ª foi uma professora e na 4ª série eram 2. Pras 4 matérias que eram ciências, estudos sociais, português e matemática. Então era uma professora pra isso, um professor pra Educação Física, um professor pra Artes e pra aula de música que a gente tinha.

R: Você lembra se tinha refeitório nessa escola? Você levava lanche de casa?

E: Não. Na escola da Polícia Militar a gente tinha que levar lanche de casa e aí tinha um lugar pra você comer, mas era livre. Tinha mais de um pátio na escola, era muito grande. Ficava aberto uma quadra, 3 pátios, tinham umas mesas espalhadas lá pra gente comer. Mas em geral não tinha um lugar que eles forneciam uma refeição. Era sempre aquele esquema de cantinha, era lanche mesmo. Não tinha um refeitório, um lugar, uma ordem certa pra seguir. A gente era solto no intervalo.

R: Mas sempre com um funcionários observando vocês?

E: Tinha inspetores, mas é muita criança. Hoje em dia eu entendo que eles não conseguiam dar conta do tanto de criança que era não. Na época eu não reparava nisso, mas hoje em dia, lembrando, eram poucos inspetores, um por pátio. Era complicado.

R: Você falou que ficavam soltos, mas a sua relação dentro da escola com os outros alunos, você acha que era uma boa relação, no âmbito de você ser um garoto levado ou você era comportado?

E: Era comportado no que precisava. Tinha meus amigos na escola. Nunca tive dificuldade de relacionamento. Sempre tive meus amigos. Era comportado sim. Em sala de aula era comportado, não fazia muita peraltise, mas na hora de intervalo é

normal de criança: correr, brincar, o de sempre. Falavam pra gente não correr, mas muita criança junta não precisa de motivo pra correr.

R: Teve algum episódio, até a 4ª série, de você precisar ir pra diretoria por causa de alguma briga?

E: Não, por causa de briga não. Mas já aconteceu de a gente ir pra diretoria por desacatar alguma coisa que inspetor mandava a gente fazer. Ou porque uma vez a gente estava brincando de polícia e ladrão e um dos meninos tentou subir uma grade, caiu de lá de cima e machucou o rosto no chão. Foi uma coisa que marcou porque foi feia e todo mundo foi pra diretoria pra saber o que tinha acontecido. Assim, não foi nada de mais. Eu ir pra diretoria não aconteceu quando eu era mais novo. Não lembro bem se isso foi na 4ª série que aconteceu uma vez que a gente não gostava de uma menina e era estava brincando de amarelinha e teve um determinado momento que ela abriu bem as pernas pra chegar nas casas e a gente passou correndo e derrubou ela. Aí ela falou que ia mandar a gente pra diretoria e tudo mais, a gente tomou uma bronca, mas não foi nada demais. Normal.

R: Em relação às disciplinas escolares. Você tinha alguma dificuldade com alguma disciplina? Já tinha alguma tendência por gostar de matemática?

E: Dificuldade eu nunca tive em nenhuma matéria. Nenhuma matéria mesmo. Assim, esse comecinho pra mim foi tudo sossegado. Sempre tive notas boas. Até por uma questão de em casa, mesmo antes de entrar no colégio, minha mãe forçava a estudar. Forçava não, falava que era importante e eu tinha meus horários de estudo. Algumas coisas tinha até visto antes de entrar no colégio. Agora pro gostar de matemática: meu pai fazia matemática, minha mãe quando interrompeu a faculdade ela fazia faculdade pra ser contadora. Então, em questão de números eu não se foi muito por influência dos meus pais ou se eu já tinha alguma preferência, mas era a matéria que eu gostava. Porque assim, eu lembro que no colégio, estudos sociais, ciências e português antes da prova eu precisava estudar pra decorar algumas coisas. Tinha questionário, tal, eu não gostava dessa parte de decorar. Mas era o que eu precisava estudar. Matemática eu não precisava estudar tanto porque na lição de casa eu já tentava fazer direitinho. Então eu só precisava dar uma olhadinha, uma lida, relembrar algumas coisas. Eu gostava mais de estudar matemática por causa disso. Eu não precisava me matar, porque um dia antes da prova eu tinha que decorar, sei lá, 30 questões. Eu tinha que ficar decorando, só que isso levava um tempo. Acho que talvez por isso eu goste mais de matemática hoje e gostava também na época.

R: Você lembra... Bom, você disse que nunca teve dificuldades. Você lembra se e o seu rendimento era melhor que dos outros alunos da classe?

E: É, tinha alguns alunos que tinham dificuldade sim. Eu lembro que tinha amigos meus que na época não gostava nem de matemática, nem de nada. Não estava aí pra estudar. Mas sim, eu tinha um rendimento bom. Eu não gosto de comparação, eu não gosto, tanto que acho que isso é errado, mas no colégio tinha um pouco disso. Nas comparações era eu e mais alguns alunos como melhores da sala. Tinha muito disso aí sim.

R: Consegue, olhando lá pra trás, consegue perceber alguma diferença de tratamento das professoras em relação até 4ª série?

E: Então, tinha. Dá pra perceber sim, porque muitos alunos às vezes não esse lance de fazer a lição de casa por não conseguir. Alguns falavam que não conseguiam, mas na verdade não tentavam. E assim, eu sempre tentei fazer, quando não conhecia realmente era porque eu não tinha conseguido fazer. Eu nunca fui, no caso, questionado. A professora nunca chegou a levantar a hipótese de eu não ter tentado fazer. Então era assim também com outros alunos que iam bem. Agora com alunos que não iam tão bem, eu sinto um pouco, olhando, percebo que havia essa diferença sim de tratamento.

R: Os professores te incentivavam com elogios?

E: Sim, sim. Lá no colégio, na Polícia Militar, as professoras faziam o seguinte: quando o aluno se comportava bem, quando fazia todas as lições de casa ganhavam um adesivo no final do caderno. Aí no final do ano quem tivesse mais adesivo ganhava um prêmio surpresa elas falavam. Aí deu pra perceber que no final era quase impossível todos alunos terem a mesma quantidade de adesivos. Mas ela deu um prêmio pra 3 alunos da sala, isso na 2ª série. Na 3ª série o tipo de incentivo era outro. Era uma espécie de ponto positivo que a professora colocava e no final ela arredondava as notas de acordo com esse ponto positivo. Então sei lá, um 9,5 virava 10, um 8,5 virava 9, dependendo de como fosse. Na 4ª série também era assim.

R: Na 2ª série você foi um dos alunos que ganhou o prêmio?

E: Eu ganhei o livro da professora e as outras meninas também. Outras 2 meninas ganharam o mesmo livro e acho que era alguma coisa com bala e doce. Não lembro direito, mas era por aí.

R: Você via isso como incentivo mesmo ou nunca estudou por causa disso?

E: Não, nunca foi por causa disso. Sempre tive um compromisso em casa. Meu pai e minha mãe sempre quiseram que eu fosse bem, então eu tinha um compromisso. Eu lembro que na época a média era 6 na Polícia Militar ou 7, não lembro, mas meus pais queriam que eu tirasse mais que 8. Então sempre estudei muito pela importância que meus pais davam pro estudo. Acho que na época eu acreditava que era pela nota. Mas a ideia mesmo, acho que dos meus pais, era com o estudo, pra criar esse hábito de estudar. Agora, óbvio que eu gostei do prêmio. Me esforcei também pra ganhar o prêmio, mas nunca foi só por isso.

R: Existia competição entre você e os outros alunos?

E: Não, entre eu especificamente acho que não. Mas assim, sabe, não sei se tinha aluno que queria tirar mais que eu ou eu tirar mais que as meninas que também eram boas alunas, isso eu não lembro. A gente só queria tirar boa nota e brincar, essa era toda nossa preocupação. Pelo menos a minha era essa.

R: Sua irmã estudou na mesma escola que você?

E: Minha irmã estudou na polícia militar também. Minha irmã sempre foi me seguindo pelas escolas, com exceção do começo mesmo que eu estudei num colégio público. Minha mãe nunca foi muito fã da educação do colégio público. Hoje em dia a gente vê como está, mas na época acho que era um pouco diferente. Eu estudava em escola da prefeitura e acabei saindo de lá porque minha mãe realmente achou que estava fraco. Minha irmã quando começou, começou já em escola particular. Minha irmã nunca estudou em colégio público. Então, com exceção daí, todo o resto foi igual. Eu sempre estudei nos mesmo colégios que a minha irmã.

R: A importância que seus pais davam para os estudos com sua irmã era a mesma?

E: Era a mesma. Minha irmã também tinha que ir bem. Havia um pouco de cobrança. Mas minha irmã também sempre foi de estudar, esforçada, até mais que eu. Sempre foi um tratamento igual.

R: Entre vocês, vocês se comparavam ou competiam entre si?

E: Não, nunca teve uma competição entre a gente. Eu sempre procurei ajudar minha irmã do que eu já tinha passado. Não no começo, no começo minha mãe sempre ajudou porque já tinha visto o conteúdo comigo. Precisei de muita ajuda até a 4ª série, minha mãe sentava comigo, fazia as lições, ajudava. Cobrava que eu tentasse antes, mas minha mãe sempre me ajudou. E quando foi pra ajudar minha irmã ela também ajudou bastante. Da 4ª série pra frente eu já era mais independente em relação ao estudo, minha irmã não. Então as vezes eu ajudava, minha mãe ajudava. Não tinha competição, mas tinha uma preocupação em fazer minha irmã também tirar boas notas.

R: Sempre pensando em ajudar, legal isso. Lembro de algum professor marcante até esse momento? Seja por ser carinhosa ou por ser muito brava, algo que te marcou?

E: Olha, do começo até ... No começo todas as professoras que eu tive foram professoras mulher, então todas elas me marcaram sim. Posso te citar todas, desde o jardim de infância. Tinha uma professora que chamava Elaine, que é o nome da minha mãe inclusive. No pré eu tive a professora Maria Lúcia. No 1º colegial eu tive a professora Márcia, no 2º colégio a professora Elisabeth, 3º a professora Norma, 3º colegial, estou falando besteira. 3ª série a professora Norma. Na 4ª série tive a professora Lúcia e a professora Sônia, que eram 2. Então todas elas me marcaram. A Elisabeth pelos adesivos e broncas. A professora Norma porque era mais carinhosa, mas ainda assim tinha uma certa cobrança. As professoras da 4ª série já tinham uma reação mais distante com a gente, porque eram duas. Mas ainda assim sabiam nome da gente, então é bem diferente. Tanto que no começo eu lembro de ter que estudar. Então a professora sentava, fazia você fazer a letra direitinho. Essas foram as preocupações que a Maria Lúcia e a professora Elaine no começo comigo tiveram, de fazer uma letra boa, caligrafia legal. Então eu lembro sim delas até hoje com maior carinho. Lembro de todas elas.

R: Já encontrou com alguma depois de grande?

E: Já encontrei uma vez na fila do Mc Donalds eu encontrei com minha professora Maria Lúcia. Mas foi bem legal sim, reconheci ela. Achava até que ela não ia lembrar, porque muita criança na hora de passar pela mão dela. Por ano ela deve ter o que, 40 alunos diferentes? Isso levando-se em conta que ela só tem uma série. Sei lá, depois de 10 anos são 400 alunos. Pra lembrar ainda depois de grande? Ela lembrou, foi bem legal sim. A gente conversou bastante. Foi interessante.

R: Isso foi depois da escola ou já na graduação?

E: Não não, estava na escola. Eu devia ter uns 15 anos, 16, por aí.

R: Algum grande amigo até esse momento da sua vida que você fez, que você conheceu na escola?

E: Que eu conheci na escola eu tenho um amigo até hoje, o William. Estudei com ele desde o Jardim II. A gente estudou junto até a 1ª série, depois a gente trocou, mas ainda assim ele mora perto de casa, então a gente tem contato. Do colégio da Polícia Militar perdi contato com todos meus amigos, porque cada um morava num canto. Eu tinha até um amigo que mudou pra Sorocaba, faz muito tempo que não faço com ele. Tinha um que morava em Interlagos, também não sei que fim que deu. Mesmo com rede social que é tudo hoje que é fácil de buscar, eu não lembro nem o sobrenome dele. Então não tenho nem como ir atrás.

R: Passando para o Fundamental II, 5ª série, 6º ano hoje, começa a ter mais professores, mais disciplinas, uma nova transição. Começa a aparecer alguma dificuldade, algum receio?

*E: Teve. Teve dificuldade sim. Da 4ª série pra 5ª, ainda na Polícia Militar, trocou para material apostilado, Positivo, não sei nem se podia falar, já falei. Aí seguinte, começou a dividir e eu tinha 10 professores que era geografia, história, português que era gramática, literatura...

R: Na 5ª série?

E: 5ª série.

R: Literatura?

*E: É. A gente tinha alguns livrinhos. Mas não era nada pesado. Literatura no sentido de aula de leitura, sabe? Mas se chamava literatura. Tinha muito professor e foi um momento complicado pra mim. Porque sempre tive esse negócio de estudar em casa a matéria que eu tinha tido lá no dia, mesmo que fosse besteirinha., Sentava, fazia minhas coisas, porque sempre tinha lição de casa, aí era um negócio mais independente. O professor chegava, passava umas coisas na lousa e não tinha lição. Você fazia se quisesse em casa. Tinha lição mínima. Aí eu era meio... vi que fiquei um tanto bitolado porque falava: não vou fazer só a lição mínima, tenho que fazer tudo. Só que era muita coisa. Então eu comecei a entrar em parafuso. Na época calhou de ter um problema, problema social. Tinha um cara aí que tentou... pedofilia. Tentou ficar comigo de um jeito que não está certo...

R: Mas isso dentro da escola?

E: Não, fora da escola. Aí a partir de todo esse problema que a gente sofreu com pedofilia, por sorte não aconteceu nada, falei por comunicação com a minha mãe, tudo, mas falando com o investigador da polícia ele falou: por mais que eu estivesse numa escola de militar era muito grande e o controle era muito difícil de fazer. Então mudei para uma escola menor, uma escola mais perto da minha casa, bem pequena, tinha 7 alunos na minha sala. Pra mim foi uma mudança absurda de 40 alunos pra 7 alunos dentro da sala de aula. Calhou disso aí resolver meu problema porque era um colégio com livros, a gente tinha uma atenção melhor. Melhorou meu rendimento porque na Polícia Militar eu estudava à tarde, então eu só tinha a noite pra fazer a lição e de manhã não conseguia acordar tão cedo assim pra estudar. Então melhorou meu rendimento porque eu passei a estudar de manhã e tinha a tarde inteira pra fazer a lição, não ficava desesperado porque eu tinha um horário pra fazer a lição, fazia tranquilamente. Era muito diferente. Não foi só um negócio que resolveu meu problema na vida pessoal, mas também evitou um problema que eu teria na vida escola com certeza.

R: Essa mudança de escola foi no meio do ano letivo ou de um ano para o outro?

E: Não chegou a ser no meio do ano, foi bem no comecinho. Eu estudei duas semanas na 5ª série na Polícia Militar. Foram 2 semanas complicadas. Eu tinha apostila e depois dessas 2 semanas eu já troquei de colégio. Então peguei a escola bem no comecinho. Então não senti tanto assim a mudança. Muito pelo contrário, só me ajudou.

R: Já no fundamental II começa uma nova escola também. Começa a surgir novos amigos e novos professores. Algum professor marcante, amigo marcante desse momento do fundamental II até a 8ª série, hoje então no 9º?

E: Até no fundamental II eu mudei pra um colégio que tinha 7 alunos na sala e 2 desses alunos da sala eu conhecia. Um era o William Mesmo do colégio, do ensino básico, que a gente tinha estudado junto. O outro era um menino que também tinha estudado uns 6 meses com ele. Não lembro bem onde foi, mas já conhecia. Não foi nada difícil a adaptação. Os outros já eram amigos, tinha 6 alunos na sala, eu fui o 7º a entrar, você só tem aquelas pessoas pra conviver. Então tem que ser um relacionamento bom, foi bem sossegado. Professor marcante, eu tive uma professora de matemática também, a professora Vera, que sempre me incentivava assim. Tive uma professora de inglês, tanto que ela falava toda reunião que eu tinha que fazer inglês, que eu tinha facilidade. Só fui fazer inglês mais pra frente, não queria quando era mais novo. Foi sossegado, não tive nenhum problema nesse colégio. Estudei durante 2 anos nesse colégio, troquei pra um outro, mantive amizade com o William, mas eu já tinha a muito tempo. Troquei para outro colégio, nesse outro colégio foi tranquilo, mas eu mudei de 7 alunos pra 20. Também não tinha problema, já tinha estudado com 40. Pra mim não foi nenhum problema, foi super tranquilo. Nesse novo colégio fiz as amizades que tenho até hoje. Tenho alguns amigos que vêm desde essa época da 7ª série.

R: Quando você passou pro fundamental II, a gente foi um pouco depressa, mas eu queria saber se sua mãe continuava te ajudando a estudar ou se você já criou certa autonomia.

E: No ensino fundamental, quando eu entrei no fundamental II, que era 5ª série, minha irmã estava entrando na 2ª série e mudou de colégio também. Minha irmã estudava na P.M. e mudou por causa dessa questão que a gente teve na vida pessoal e teve que mudar. Minha irmã foi junto. Minha irmã teve um pouco de dificuldade no começo, então minha mãe teve que ajudar bastante ela. Aí acabou que naturalmente eu fui estudando sozinho. Tinha minha mãe do lado se eu precisasse, mas já não precisava tanto. Tanto que quando eu mudei de colégio de novo, da 6ª pra 7ª série, eu já não precisava mais da minha mãe pra ela me ajudar. Algumas coisas minha mãe nem conseguia tanto, sabe? Mudar pra ciências, pra história minha mãe já não conseguia ajudar tanto. Tinha boa vontade, sentava comigo, liga, mas tinha coisa que era só eu ler, estava lá. Minha mãe ia ler e ia falar pra mim. Então não fazia tanta diferença.

R: Você tem falado bastante da sua mãe, mas o seu pai, nessa relação...

E: Meu pai no começo ele, como eu falei trabalhava em 2 empregos, eu via antes de ir pro colégio e depois antes de dormir e nos fins de semana. Nos fins de semana eu não estudava, uma coisa que eu levei até hoje, nos fins de semana eu nunca estudo. Fazia minhas coisas, adiantava, fazia tudo pra chegar no fim de semana e não precisar estudar. Então fim de semana é da família. Meu pai tem um papel importante

porque junto com a minha mãe ele planejou a educação. Mas ele não estava presente nos momentos que tinha a ver com lição de casa, com o estudo mesmo. Então na vida escolar minha mãe teve um papel mais importante, se você for ver pra uma criança que não tá bem, se o pai dá participando ou não do planejamento escolar, minha mãe que estava do lado quando eu precisava. Então minha mãe teve um papel fundamental. Meu pai obviamente me ajudava quando eu precisava de uma coisa ou outra que minha mãe não sabia de matemática, porque meu pai era professor de matemática. Mas não foi tão influente como minha mãe na vida escolar.

R: Seu pai já exerceu o papel de professor com você?

E: Pra falar a verdade não, pra falar a verdade sempre que meu pai chegava em casa eu já tinha acabado minhas coisas. Então papel de professor propriamente dito de sentar e me ensinar alguma coisa relacionada ao conteúdo não. Isso eu não lembro, não sei se teve, mas não lembro. No máximo meu pai me passava umas tabuadas para fazer quando eu tava lá na 1ª série e minha mãe achava que o ensino era fraco no colégio da prefeitura. Aí meu pai me passava umas coisas. Mas nunca foi de sentar e me ensinar algumas coisa.

R: Sua relação com a leitura nesse momento, talvez por gostar um pouco mais de matemática... você lembra se tinha biblioteca na escola?

E: Tinha biblioteca na escola. A gente gostava de ir pra ficar olhando Guiness Book, mas a gente não tinha nenhum livro assim, eu pelo menos não lembro de ler nenhum livro pro conta própria, de querer ler. Lia porque tinha que ler pra escola, aí eu lia. Não tinha jeito. Tirando o livro que minha professora Elisabeth me deu, eu não li nenhum livro porque eu quis até a 8ª série. Li só livros que eu tinha que ler pra escola, em relação de estudos. Não odiava ler, muito pelo contrário, até gostava. Mas a minha relação com a leitura era pra escola. Não tinha lazer na leitura.

R: Alguma história marcante até a 8ª série?

E: Na verdade não. Não tenho muita coisa de lembrar, sempre foi tudo muito normal pra mim. Tudo pra mim sempre foi uma coisa muito natural. Então eu não me lembro... Talvez de uma professora que perdeu a compostura com a gente na sala de aula, foi um tanto complicado. De mim eu não tenho história marcante, mas de alguns professores eu tenho. A questão foi que a minha escola, a partir do 7º ano que eu estudei, tenho 7º ano... do 7º ano até o 3º colegial ela nunca acertou professor de geografia. Passou inúmeros professores de geografia pela gente e uma dessas professoras não tinha uma relação boa com a sala, meio que parecia que ela não queria estar lá pra dar aula e rolava umas piadas com ela. Ela até tinha um jeito um pouco masculino, o pessoal brincava só que tudo entre a gente. Uma vez ela viu 2 alunas, uma passando o bilhete pra outra e queria pegar e ver do que se tratava. Aí a menina não quis, só faltou a menina pegar e comer o bilhete pra ela não ler, porque a professora fez de tudo pra isso acontecer. Ela rasgou e não pode ler o bilhete. Obviamente as meninas foram mandadas pra diretoria. Mas antes disso ela fez questão de andar lá na frente da sala e ela começou a gritar umas coisa do tipo: “eu venho pra escola suja, eu venho pra cá toda desleixada”? Daí pra baixo, complicado. Houve umas palavras que nem rola falar numa entrevista, quando mais numa sala de aula por um professor, mas aconteceu. Ela foi demitida, claro. A gente meio que fez bullying com a professora, então não deu muito certo. Essa é a história mais marcante de uma professora que eu lembro que foi para um lado que não deu muito certo.

R: Você lembra de passeios escolares?

E: Eu lembro de passeios escolares, mas eu só comecei a ir em passeios escolares da 5ª série pra frente sozinho, porque antes eu não ia se minha mãe não fosse no passeio. Eu tinha esse problema. Mesmo na PM, eles não tinham tantos passeios. Era um negócio mais dentro do colégio que acontecia, ou no máximo em algum museu, alguma coisa do tipo. Mas na PM eu não tinha tantos passeios, então o que acontecia? Até a 1ª série tinha passeios e eu só ia quando minha mãe ia, na PM não tinha tantos passeios e depois voltou a ter passeio e aí eu comecei a ir sozinho. Lembro que tinha passeios, mas era normal, nada demais. Lembro que eram passeios pra parques de diversão, Hopi Hari, e museus, eu ia em quase todos. E no zoológico, isso quando eu era mais novo.

R: Bom, já passamos pelo Ensino Fundamental II. Entrando no Ensino Médio, você continua na mesma escola?

E: Continuei na mesma escola até o final, me formei nessa escola.

R: Mais uma vez outra transição, do fundamental II para o Médio. Novos professores, novas disciplinas eu acredito, talvez Ciências se desdobre pelo menos em Biologia, Física e Química. A cobrança começa a ficar maior. Os seus próprios interesses eu imagino que tenham mudado. Agora adolescente, uma fase difícil, os interesses mudam. Como que foi essa sua fase da adolescência dentro da escola?

E: No âmbito escolar, de matéria, disciplina, no âmbito de estudo, não foi diferente do resto. Sempre tive que estudar. Assim, foi um pouco mais... eu pude ser um pouco mais relaxado porque não tinha tanta pressão da minha mãe, dos meus pais. Pude ser mais tranquilo, até um pouco desleixado, deixar para estudar só quando eu estava precisando, se fosse mal em alguma matéria. Mas o colégio não era forte, era um colégio muito fácil de se seguir, inclusive o que caía na prova era o que eu fazia na minha lição de casa. Então eu não tinha muito o que estudar. Nesse sentido foi muito sossegado. Não estudei muito e sempre tive boas notas no colégio. Mas assim, porque realmente eu sentia que não era difícil, era muito tranquilo. Agora, no sentido de vida pessoal, ixi... Passei por alguns momentos esquisitos. Até um pouco de depressão no 1º colegial por conta de adolescente extrapolar, de exagerar no problemas, sabe? O fato de você conseguir ficar com a menina da escola que você queria vira um problemão. O fato de você discutir com um amigo vira um problemão. Mas isso nunca alterou minha vida escolar no sentido de estudo. Aquela era uma obrigação que eu tinha que fazer e era a única obrigação que eu tinha. Então eu não podia falhar naquilo. Aquilo ali não estava em discussão, se alguma coisa ia me atrapalhar naquilo ou não, não ia, ponto. Se eu visse que tinha algum problema eu sentava e estudava. Como aconteceu. Foram poucas as vezes que eu tive que estudar mesmo, de verdade, quando eu tava do 1º ao 3º colegial.

R: Você sempre foi disciplinado, já em casa estudava e fazia lição de casa.

E: No que tinha necessidade eu estudei. Lição de casa eu sempre fazia. Isso era o mínimo que eu tinha que fazer. Não trabalhava. Não precisei trabalhar no Ensino Médio. Isso são coisas que meus pais sempre falaram. Meu pai acho que precisou trabalhar um tempo, então ele falava: “se você tem a oportunidade de estudar, você tem que estudar”. Então isso era minha obrigação. Eu via que meu pai tinha responsabilidade, minha mãe tinha responsabilidade, minha irmã que era mais nova

tinha responsabilidade, então eu tinha que ter responsabilidade. Era o mínimo que eu tinha que fazer.

R: Mas você já via que estudar, estudar alguma coisa? Ou você via que tinha que estar ali dentro ou porque seus pais ficavam falando e falando e falando, ou em algum momento eles falaram: “você precisa estudar por causa disso”, ou dentro de você tinha algo como “eu preciso estudar por causa disso ou daquilo”.

E: É mais por uma questão pessoal de fazer bem feito, acho que desde o começo. Mas sim, já tinha planos de fazer faculdade, não sabia o que eu ia fazer da vida, mas eu já tinha planos de fazer faculdade. Eu pensava o seguinte: “faculdade eu via como extensão do meu ensino até então, o que de fato é”. Mas eu via como, sei lá, um exemplo: “como eu não sei o que fazer, preciso saber o que está rolando aqui pelo menos, porque chegar pra chegar lá eu preciso ter essa base”. Então eu fazia porque eu acreditava que estava me deixando em dia com o conteúdo. A partir do momento que eu decidi matemática eu dei mais foco pra matemática, física, as matérias que inclusive eu ia precisar mais no vestibular. Mas só fui ter esse foco no 3º colegial. No 1º e no 2º eu fazia o mínimo pra passar nas matérias, também achava que isso estava bom, que aquele era o ensino normal. Achava até que eu era bom demais, mas depois vi que não era. Sempre tive isso de estudar, fazer bem feito, porque eu ia precisar no futuro e porque fui acostumado. Questão de costume.

R: Essa noção de faculdade apareceu com quantos anos? Você lembra se foi só no EM ou antes mesmo você já sabia o que que era?

E: Não, cada hora eu queria fazer uma coisa. Eu já quis ser piloto de Fórmula 1 quando eu era mais novo e meu pai falou: “precisa estudar pra ser piloto de Fórmula 1”. Ai eu tinha que estudar. Depois eu queria ser bombeiro e tinha que estudar pra ser bombeiro. Tinha que estudar. Depois comecei a ter mais noção, meu primo que é como se fosse um irmão mais velho pra mim foi fazer faculdade de direito, então eu queria fazer faculdade de direito. Não sabia o que que era, mas queria fazer faculdade de direito. Pra fazer faculdade de direito eu via que meu primo estudava bastante, então tinha que estudar. Fui pensar no que eu queria mesmo lá pelo 1º colegial, comecei a ter uma idéia, queria lecionar já. Desde o 1º colegial era uma coisa que eu queria fazer, achava legal pra caramba ficar lá na frente falando umas coisas que você sabia para os alunos. Achava bem legal. Tanto que quando eu tinha que estudar a gente sempre se reunia em grupos de estudo eu ajudava bastante, aceitava que os outros me ajudassem, porque eu não era bom em tudo. Mas sempre quis lecionar, só não sabia o que. Tanto que quando eu prestei vestibular eu não sabia se eu ia prestar pra matemática, geografia, história. Já gostava dessas coisas.

R: Quando você estava pra se decidir algumas pessoas marcantes, não dentro da escola, talvez algum professor marcante tenha te influenciado em pensar pela matemática ou pela geografia. Alguma relação fez você optar por isso talvez. Mas pessoas de fora da escola que te incentivaram: “olha, faculdade é importante”, ou seus pais mesmo. Além do seu primo que você comentou agora.

E: “Faculdade é importante” eu meio que já tinha essa noção na cabeça, eu já achava importante. Até muito pela importância que meus pais dão para o estudo. Então eu já sabia na escola que eu queria estudar alguma coisa, porque eu também só me via fazendo alguma coisa depois de ter estudado alguma coisa. Ai quando eu fui fazer cursinho, aí eu acho que as influências pra decidir que curso eu fui fazer foi meio

dentro do cursinho, não foi tão dentro da escola. Na escola eu já estava no 3º colegial, já estava um pouco de saco cheio da escola. Não pelos menos amigos, gostava dos meus amigos, gostava dos professores, mas as diretoras da escola, minha relação sempre foi muito boa com ela. Dizer que não é muito boa é um pouco injusto. Porque a questão é: “sempre fui tratado bem, sempre tratei bem, mas não concordava com algumas coisas que aconteciam dentro da escola”. Então estava meio de saco cheio disso. Ai eu foquei mais meus estudos pro cursinho mesmo, que eu fiz o cursinho junto com o 3º colegial. Ai conversando com os professores mesmo que veio assim, conversando, perguntando como que era. Eu perguntava para o professor de geografia com que era a faculdade. Ele me deu um panorama geral que me pareceu um tanto que o pessoal era relaxado demais na faculdade. Já um outro professor, falando de matemática, falou: “Matemática é difícil, mas dá pra fazer. Tem que ter disciplina mas tem que estudar”. Achei que eu tinha mais a cara de fazer Matemática, de ter que ralar pra alguma coisa, sabe? Porque pelo panorama que meus professores de geografia e história passaram foi um pouco diferente, falaram só de festa na faculdade. Já meus professores de matemática falaram com o que era a cara. Tinha o laboratório de física, coisa que nunca tive no colégio. Então coisas que fez eu decidir mesmo. No cursinho mesmo era a matéria que eu tinha mais facilidade era matemática, é a única que eu gostava de estudar pra falar a verdade. Era a única que eu não estudava por obrigação. Estudava matemática e acho desafiante você pegar um problema e ficar pensando, ir atrás, tentar soluções diferentes. As vezes você não conseguir mesmo e ver o que uma outra pessoa fez. Acho legal essa parte. Por isso acho que eu optei por matemática.

R: Você mesmo foi a trás do cursinho ou você achava fraco o ensino da escola e precisava de uma base melhor?

E: Eu achava que com o que eu tinha na escola eu não ia passar no vestibular. Fazendo algumas questões que alguns professores colocavam, um exemplo: “Se a gente tinha 10 questões na prova, 2 questões eram da FUVEST ou uma era da FUVEST e outra da UNICAMP”, uma coisa do tipo. Essas questões eu via dificuldade, isso quando estava no 2º colegial. Vi que era uma coisa que eu não sabia. Eu falei pro meu pai: “pai, você acha que dá pra fazer cursinho no 3º ano?”. Meu pai falou: “Tenta, vai sem obrigação, faz o cursinho, vê como que fica. Se você conseguir passar muito que bem, senão você tem um ano pra fazer”. Eu acho que até esse fato de eu não ter a pressão de ter que estudar me ajudou muito porque eu fiz o cursinho junto com o colégio, estava no lucro sabe: “O que der deu”. Eu nem achava que eu ia passar mesmo, eu fiz o cursinho por fazer, pra conhecer, pra ver se era isso mesmo e acabou dando certo. Tanto que eu passei no vestibular de 2ª chamada, não fui tão bem assim na prova. Mas eu fiz meio sem obrigação, estudava o cursinho, estudava no colégio, mas não estava com essa pressão de passar. Acho que foi isso que me ajudou.

R: Consegue perceber grande diferença da escola pro cursinho? Porque são 2 instituições de ensino, mas na sua concepção, do que você viveu, consegue perceber alguma diferença? Não em qualidade de ensino.

E: Percebo sim, além da qualidade de ensino que a gente já falou, mas a diferença grande diferença do cursinho pra faculdade que eu tenho hoje comigo essa concepção é que.... do cursinho pra escola... é que na escola a gente não tem só conteúdo pra aprender. Na escola a gente tem que aprender coisas pra vida mesmo. Tanto em relações com seus amigos quanto nas relações que você tem com os professores, na direção. Até um pouco as relações políticas. Você dá importância com o

que é seu, um exemplo: “Tem o grêmio da escola e você dá uma importância para votação”. Tem coisas que não te preparam só pra passar no vestibular. No cursinho o foco é esse, é você passar no vestibular. Os professores estão lá pra fazer você passar no vestibular. Não estão lá pra te dar um exemplo, por exemplo: “Que você não pode falar palavrão pro aí, ou que você tem que se comportar de determinada forma”. Não. No cursinho vale tudo pra você decorar uma fórmula, vale tudo pra você passar no vestibular. Na escola não é assim. O professor tem uma certa postura que ele tem que tomar. A direção cobra a postura do professor. Falo isso até por um caso que eu tinha um professor que era homossexual. No colégio ele não assumia pra gente porque era uma coisa que a direção não queria. Dava pra ver, tanto que anos mais tarde, depois que eu saí da escola, ele foi demitido inclusive por abrir isso pra sala de aula. Então é um tanto complicado. Enquanto que no cursinho se o professor falasse qualquer coisa a ver com a sexualidade dele não teria problema algum, porque o foco no cursinho é outro. Obviamente não percebi isso na época. Na época o cursinho era pra mim um lugar em que uns caras falavam umas coisas engraçadas e a matéria entrava na minha cabeça. Mas hoje eu percebo essa diferença de um cursinho pra uma escola.

R: Na época você acredita que o cursinho te ajudou em questão de rendimento?

E: Me ajudou. Porque eu via muita matéria no cursinho antes de ver na escola. Então antes de ver na escola eu já tinha visto uma vez, já tinha feito exercício sobre aquilo. Então pra mim foi... realmente ver uma pessoa te falando... É como eu te falei: “No cursinho eu não tinha tanto compromisso, então eu acho que ajuda a aprender quando você está, porque você está vendo no que vai dar”. Então às vezes eu chegava na aula, um exemplo: “Geometria ou Biologia”. O professor já tinha falado sobre aquilo, quando eu prestava atenção eu aprendia novas coisas, algumas coisas eu já sabia. Era legal ver seu professor da escola falando alguma coisa que você já sabe. É uma coisa nova, porque pra mim foi uma coisa nova. Porque geralmente eu não sabia nada do que o professor da escola estava falando. Era tudo novo pra mim. Pra mim foi uma experiência boa. Eu estudei menos na escola, mas estudei mais no cursinho. Foi legal sim, me ajudou bastante.

R: Mas sempre continuava um dos melhores dentro da escola?

E: Mais ou menos. A sala era um tanto quanto fraca, digamos assim. O pessoal não era muito de estudar, eu mesmo não era tanto de estudar no 3º colegial pra escola eu não dava tanta importância quanto deveria dar, afinal estava na escola. Embora tivesse um outro lugar também pra aprender as coisas. Mas era por aí, em matemática sempre fui muito bem, física sempre fui muito bem. Nessas matérias sempre fui um dos melhores. Mas português eu fazia ali pra tirar na média. Geografia, História eu continuava indo bem. Biologia eu já ficava muito em cima da média, química. Mas não deixava ficar vermelha não. Estudava e tentava tirar uma nota boa quando precisava. Mas era só quando precisava.

R: Você comentou bastante dos estudos. Falou também de alguns amigos, mas poucas brincadeiras. Porque menino gosta bastante de futebol. Você chegou a comentar que tinha futebol na academia da PM, mas, alguns exemplos talvez: “Feira de Ciências, Festa junina”. Algum momento que você esperava, gostava, detestava?

E: Tinha bastante. Gostava muito de festa junina, gostava de feira de ciências, feira cultural. Você falava de um assunto que você mesmo ia pesquisar, não

era tão livre assim, mas ainda assim não era um assunto que estava na apostila. Você tinha que pesquisar pela internet, outros livros. Achava legal isso. Jogava bola o dia inteiro quando eu estava no colégio. Tanto no EF quanto no colegial eu jogava o dia inteiro. É que eu relaciono mesmo a escola com essa parte de estudo. Mas obviamente já fui pra diretoria quando estava no colegial. O fato de namorar quando estava no colégio era um problema, porque no colegial você não podia ficar, você tinha que ficar fora da escola. Então houveram, tiveram problemas. Nessa época tiveram brincadeiras que obviamente me renderam advertências. Mas quando eu falo de escola eu lembro dessa parte de estudo. Pra mim é a parte mais importante.

R: Você falou que namorava durante essa fase da escola. Sua namorada era da escola?

E: Sim. Minha namorada atual eu namoro desde o 2º colegial. Obviamente não é só com ela que eu tive problemas com a direção, antes disso também. Lá no colégio você não podia ficar junto com alguém, não podia beijar. Era uma coisa da política da escola: “beijou, advertência”. Eu tomei algumas por conta disso. Depois quando eu namorava também, a namorada atual é desde aquela época.

R: Então, de certa forma também, a escola foi um lugar onde você conheceu pessoas pra constituir esse tipo de relação, não só relações de amizade, mas relações de amor... Não necessariamente amor propriamente dito.

*E: Sim, eu acredito que sim. Relações de amor mesmo. Tenho amor pelos meus amigos que eu fiz no colégio, tenho uns 4 ou 5 deles ainda vejo. Não vejo assim numa reunião de colégio, vejo normalmente. São amigos mesmo. Tem a minha namorada mesmo que a conheci no colégio. Então forma vínculos no colégio. Você forma laços que funcionam para o resto da vida. É uma época que você está mudando e as pessoas estão mudando com você. É assim que funciona mesmo, acho que quem sai do colégio sem laços não viveu a escola como ela deveria ser vivida.

R: Certo. Então, você já contou um pouco do cursinho como que foi. Teve algum amigo no cursinho?

E: Sim. Tenho dois amigos do cursinho. Até hoje a gente conversa. Se vê bem menos porque um estuda numa federal de Ribeirão Preto e outro estuda, por mais que seja por aqui, trabalha muito. É complicado de ver, mas a gente ainda conversa por mais que seja por redes sociais.

R: Por mais que seus pais não falaram que você tinha que entrar na faculdade no 3º colegial, falaram que se não desse certo você teria um ano inteiro pra estudar, fazer com mais calma, você se sentiu sob pressão?

*E: Não. Não me senti sob pressão. Na verdade eu fui fazer a prova pra conhecer. Eu não achava que eu ia passar. A verdade era essa. Só fui fazer o ENEM e a prova da FUVEST por fazer. Na verdade eu fiz a prova da PUC também que eu não tinha planos de fazer, aí eu não passei na FUVEST na 1ª chamada e decidi que eu ia fazer PUC no começo, porque fui conversar lá, vi que eu tinha passado a PUC, fui conversar lá na faculdade pra ver como que era. A mulher apresetnou um programa de bolsas e de estudos que eu poderia pegar depois dos 6 primeiros meses. Então ia ter que ser um pouco sacrificado, mas depois eu tinha chance de fazer uma faculdade particular sem pagar. Eram só 3 anos. Então foi uma coisa que na época pesou também, eu entrei com 17 e me formaria com 20 anos. Um negócio que eu queria também. Sair cedo da

faculdade, procurar uma especialização me animou pra fazer. Eu fui fazer a PUC. Mas não fui pressionado, não é uma coisa que eu tinha em mente fazer. Acabou, deu certo de eu passar na 2ª fase da FUVEST. Eu fui pra USP, todo mundo fala. Eu gostava da PUC, mas fui pra USP, um era de graça e outra que o ensino era forte, a falam da USP.

R: Você só foi conhecer a USP dentro do cursinho ou você já conhecia antes?

E: Sabia que existia lá, queria estudar lá também. Seria uma vitória, sem estudo, passar na USP. Por mais que seja num curso que a nota de corte é baixa, você está lá dentro, é diferente. Eu queria estudar, não é que eu não queria passar no vestibular, queria, só não estava com essa obrigação. Fui prestar pra conhecer mesmo. Aí acabou acontecendo as coisas. Fui estudar na PUC, descobri que passei na USP. Mas conhecer de ir, de visitar, foi só depois que eu entrei mesmo na faculdade.

R: Já na graduação, você saiu da escola e no ano seguinte já estava dentro de uma universidade enorme. Uma universidade de excelência e essa é uma nova transição da sua vida. Você sempre teve em mente que seria professor?

E: Eu queria ser professor sim. Entrei já querendo ser professor. Durante a faculdade, um tempo eu não quis mais, depois voltei a querer. Atualmente eu quero, acho muito legal. Gosto da profissão. Essas coisas, você vai conhecendo um pouquinho, você conhece um lado ruim e fala: “será que é isso que eu vou querer mesmo?”. Você conhece um lado bom e fala: “É isso!”. Aí você vai pesando, colocando na balança. Mas sim, eu entrei querendo ser professor e ainda continuo com essa idéia.

R: Quando você entrou... Vou ficar um pouquinho em cima da sua graduação, você já é formado?

E: Vou me formar esse semestre se tudo der certo.

R: Você entrou em que ano?

E: Entrei em 2007.

R: Quando você entrou, você percebeu alguma dificuldade? Ao longo do curso você pensou que tinha escolhido a carreira errada? Era aquilo mesmo que você queria?

E: Dificuldade eu percebi muitas. Primeiro que lá eu tinha que estudar, começou daí. Eu não tinha esse hábito de estudar. Eu tinha hábito de estudar um dia antes da prova. Isso não ia funcionar, aliás, não funcionou durante um tempo. A primeira matéria que eu reprovei na minha vida foi no meu 1º semestre da faculdade. Assim, tirei 2 numa prova, foi horrível, de ótica. Larguei mão, falei: “vamos reprovar nisso mesmo”. Não sabia que podia trancar, pra você ver como eu não estava preparado pra entrar numa faculdade. Eu não sabia q eu podia tomar uma decisão de não fazer uma matéria. Eu falei: “deixa isso reprovar e depois eu me viro pra tirar isso aí”. Eu não estava empolgado pra essa matéria em si, as outras eu gostava. Tanto que passei raspando em Cálculo, mas estudei, passei, até consideravelmente bem numa outra matéria, Laboratório de Matemática, que é importante pra resgatar algumas coisas que ficaram defasadas também. Mas então, passei nessa matéria. Também tive que estudar bastante pra passar. Você vai aprendendo a faculdade. São as grandes dificuldades que eu tive, eu já não era mais o melhor aluno da sala, muito longe disso. Já tive que estudar muito mais pra conseguir um 5, sendo que eu estudava bem pouco pra conseguir um 9. Bom, essas foram as grandes mudanças que pegaram. Foram as grandes dificuldades

que eu tive na faculdade. Mas lá você também conhece novas pessoas, pessoas que te ajudam, você ajuda pessoas, forma novos laços, novos vínculos e assim você vai caminhando na faculdade. Pra mim foi assim essa experiência, está sendo assim ainda.

R: Durante a graduação, teve algum professor marcante?

E: Tiveram alguns. Tem uma professora até hoje que eu tenho... a maioria dos professores eu tenho contato até hoje, ainda estou lá dentro. Mas a professora Cristina, que foi minha professora de Cálculo, ficava no pé pra gente estudar, pra gente ir a aula, pra gente fazer todos os exercícios da lista não só os que você tinha que entregar, pra gente levar a sério mesmo, pra não estudar um dia antes. Essa foi uma professora que eu queria ir bem na prova dela não só pra passar, pra não decepcionar ela, porque ela tinha fé em mim. A professora Iole também queria que eu estudasse, que eu fosse bem, acreditava que dava pra eu ir bem, que sei lá, eu não era um caso perdido. Porque no começo foi tanto complicado, mas também tem os professores marcantes, professor ruim. Não tem só professor bom marcante. Eu tive um professor de ótica, o cara não dava aula, era complicado. Ele não queria estar lá, isso é uma baita energia negativa. Você chega lá e o cara não quer te dar aula, ele não está nem aí se você vai aprender, você fala: “também não quero”. É complicado. Mas tive mais professores marcantes, muitos professores que quiseram, investiram um tempo em ensinar, não só vir, mas a sala de aula. Esses professores eu marco bem, gosto bastante.

R: Você havia comentado da diferença entre o ensino da escola e ensino do cursinho. No cursinho eles querem que você passe no vestibular. Na escola você aprendeu algumas coisas pra vida mesmo. E no ensino superior, como que você enxerga isso?

E: No Ensino Superior, pelo menos no IME, é muito complicado explicar o que o IME quer, a filosofia do IME. Porque são muitos professores diferentes, cada um com a sua filosofia própria e por ser uma faculdade pública eu acho que não tem a questão de você ter que agradar uma pessoa especificamente. Você seguir a linha de pensamento de uma pessoa especificamente. Então são vários aprendizados conforme os professores. Entre aspas eu acho que a filosofia do IME é: “Se você não estudar você não vai sair”. Acho que é praticamente isso. Agora, tem professores que, como o caso da Cristina, da Iole e de outros professores, que tentaram passar o seguinte: “Matemática é uma ciência que depende de você, você precisa estudar, precisa fazer sentido pra você mesmo, as coisas que você faz tem que fazer sentido, você tem que aprender, não adianta decorar, não adianta fazer qualquer coisa na prova pra passar, porque isso vai ser cobrado futuramente, precisa entender de onde vem as coisas”. Tiveram professores também que quiseram ensinar que conteúdo não é tudo, você tem que ler também, você tem que adquirir cultura, você tem que ter uma filosofia sua. Que é um caso de um professor de geometria, eu fiz as 3 geometrias com ele e de conteúdo eu sei bem pouco, mas, assim, algumas coisas ficaram sabe? Agora também tem professor que não está nem aí, tem professor que a filosofia é: “Eu preciso dar essa aula, então está aí o conteúdo, se vira”. A gente teve alguns assim, durante a graduação eu tive mais que um. Foi minoria, mas eu tive mais que um.

R: Em relação aos amigos, você fez grandes amizades? Pois na escola você construiu laços que você tem até hoje: sua namorada, um grupo de amigos, pelo que você falou. Não é só aquela reunião pra manter aquele laço, mas é uma coisa que você faz porque é o seu ciclo de amizade mesmo.

E: Tem. Na faculdade fiz novos amigos, grandes amigos, inclusive que moram perto de mim, acho que isso ajuda. Esses amigos inclusive conhecem meus outros amigos da escola, acho que é um novo ciclo de amizade que não interfere no outro. Muito pelo contrário, só complementa. Aliás, eu tenho grandes amigos da faculdade, mais de um, é estranho falar porque na escola eu passei muito tempo, passei... Quantos anos a gente fica na escola? 12 ou 13 anos? Não sei, mas esse tempo que eu fiquei na escola eu construí 5 amizades que duram até hoje. A impressão que eu tenho, talvez por a gente ser mais velho, por a gente poder ter uma independência maior, eu tenho impressão que as amizades que eu fiz, são mais inclusive que as do colégio, vão durar. São pelo menos 6 ou 7 amigos que eu faço questão de que estejam perto de mim. Enquanto que no colégio eu tive aqueles 5, mas eu estudei só 6 anos na faculdade. Só né? Só... Eu já estudei muito. Mas foram só 6 anos comparados ao do colégio. Então acho que na faculdade você forma vínculos inclusive mais rápido, por você ser mais independente, poder tomar mais decisões do que no colégio e, além de mais rápido, acho que vai um pouquinho de sorte você conhecer pessoas compatíveis, pessoas que tenham as mesmas idéias que você, pessoas com os mesmos valores. E eu dei muita sorte. Se é uma questão de sorte, eu dei muita sorte.

R: Você já trabalha?

E: Eu já trabalho. Trabalho eternamente como plantonista de um colégio. Não, estou brincando. Sou plantonista, fui plantonista a 2 anos, saí pra fazer matéria a tarde na faculdade. Me dediquei um pouco aos estudos, até pra conhecer, porque foi uma época que eu estava imaginando se o que eu queria era pesquisar ou dar aula e eu decidi que quero dar aula, é infinitamente mais legal. Gostei mais. Mas tive que passar por esse período de ter aula na faculdade a tarde. As matérias que eu queria fazer só tinham no período da tarde e meu trabalho no colégio era no período da tarde como plantonista. Tive que sair um ano, fiquei fora do colégio, voltei agora. É como eu disse, é um trabalho provisório. Você não pode ficar o resto da vida. Então eu pretendo, no final desse ano, já começar a procurar algum colégio porque eu quero dar aula mesmo.

R: Nesse colégio que você trabalhava existia incentivo pra você continuar estudando, se formar?

E: É, existe um incentivo do tipo: são pessoas que trabalham com educação e é óbvio que elas priorizam o estudo. Por exemplo, quando eu tenho que faltar por causa de alguma prova, por causa de alguma coisa, eu não sou descontado e as pessoas não me perguntam o motivo pelo qual eu tenho que faltar. Claro que eu também não falto toda hora. Mas você tem esse incentivo, que é da pessoa confiar em você, que você está faltando pra estudar, do motivo do estudo ser um motivo, assim, um motivo plausível. Você não precisa inventar que está doente. Você fala: “eu quero faltar pra estudar”. Eles respeitam isso. Mas não tem aquele incentivo do tipo: “você vai se formar e você vai ser promovido, você vai ser professor”. É um colégio particular e os professores que estão lá já estão a uns 15-20 anos, todos os professores de matemática. Então você não tem uma aspiração de virar um professor de lá, embora eu gostaria muito. Mas você não vê. Provavelmente elas só vão se aposentar daqui a muito tempo, já tem um tempo de casa, tudo. Então é complicado. Eu posso me formar, mas lá eu não tenho um futuro. Teria que ir pra outros colégios.

R: Ao longo da graduação você pisa na escola como plantonista. Você já pisou também como professor, pra muitos alunos?

E: Já tive que dar aula no colégio. Já tive que dar algumas aulas de reforço. Tive que ter uma sala cheia, que é diferente de um trabalho de plantonista. Foram poucas vezes. Eu não tive nenhum problema, mas também vem a questão de eles já me conhecerem de fora da sala de aula. Eu não fui apresentado pra um grupo novo de alunos, eu conheci individualmente cada um dos alunos com atendimento individual. Então eu acho que ainda não é a experiência que eu preciso pra dar aula. São classes com que eu não tenho problema nenhum quando estou lá na frente, mas muito porque eu conheço cada um individualmente. São 20 alunos, poucos. Mas sabe, cumprimentar no corredor quando você passa. Não foi um grupo que eu conheci de uma vez os 20. Eu conheci cada um individualmente e depois fui dar aula. Então acho que isso muda. Isso com certeza muda.

R: Isso facilita você acredita?

1:04:00 - E: Facilita. Facilita. Eu acho que quando eu tiver minha primeira sala de aula, que eu entrar e conhecer todos eles de uma vez vai ser complicado. Não vai ser tão fácil quanto é com esse pessoal que você já conhece.

R: Você tem medo desse primeiro contato?

E: Tenho. Tenho um pouco de medo sim. É óbvio que acho que no começo quando você vai dar aula você tem que ensaiar, não é até que tudo der certo, você tem que ensaiar aquilo lá até que seja impossível dar errado. Você tem que fazer seu máximo pra chegar e estar seguro. E vai dar errado. Essa é a questão: você não pode prever tudo que vai acontecer dentro da sala de aula. Você vai fazer o seu máximo, você vai estar com o conteúdo em casa, você vai estar com cada cm da lousa planejado e vai acontecer alguma coisa que você não está esperando. Então claro que eu tenho medo, mas é isso que também gosto no trabalho.

R: Essa questão do desafio pelo que eu percebi.

E: É, vai ser um desafio novo. Vai ser complicado. Toda situação nova que te complica, te desequilibra dá pra você tentar se equilibrar e resolver a situação.

R: Você pretende ser professor só da educação básica ou pretende continuar estudando? Talvez fazer uma pós graduação pra trabalhar como professor de ensino superior também?

E: Meu foco já foi mais trabalhar com Ensino Superior. Eu gosto ainda. É algo que eu persigo. Eu quero dar aula numa faculdade, pelo tipo de público, pelo conteúdo que eu acho mais legal. Mais desafiante. Pela motivação dos alunos que eu acredito que seja entender matemática para um dia poder ensinar, ou pra um dia poder aplicar. Não precisa ser num curso de licenciatura pra ensinar matemática, mas é um público que eu quero trabalhar. Isso aí eu quero trabalhar um dia. Já não quis trabalhar em colégio, mas hoje, assim, com a experiência que eu tenho em colégio eu gosto também, gostaria de dar aula em colégio, então assim: eu vou experimentar. Atualmente estou procurando um colégio, também não descarto a possibilidade de dar aula num cursinho, é um lugar diferente, uma dinâmica totalmente diferente, mas isso também é interessante. Eu também quero experimentar e ver o que eu escolho da vida.

R: Você pretende fazer algum curso superior? Superior não, de pós graduação.

E: Eu pretendo entrar no mestrado voltado para licenciatura em matemática, que é uma coisa mais específica. Já quis fazer em matemática pura, mas acabei vendo

que eu não tenho esse perfil de sentar, estudar e fazer aquilo sozinho. Eu quero trabalhar com mais gente. Então preciso, se eu quero ir pra área de Educação, preciso me especializar em alguma coisa na área de Educação. Eu, assim... Vai abrir um mestrado novo na faculdade, já tem uma turma inclusive, eu vou prestar. Tem uma prova pra fazer e vou tentar passar. Sim, quero fazer.

R: Pra melhorar a questão profissional ou é realização pessoal também?

E: Tem alguns fatores que são importantes pra você fazer o mestrado. A questão é: eu acho que o mestrado vai me ajudar evoluir profissionalmente. Vai ajudar a melhorar não só em conteúdo, mas como lidar em sala de aula. São discussões que espero que aconteça no mestrado. Mas não tem só isso. Além do desafio, tem uma questão de que se no meu futuro eu quero dar aula numa faculdade, eu quero lecionar para universidade, eu preciso de uma titulação também. Infelizmente no Brasil a gente não tem só pessoas pra dar aula numa faculdade não pode fazer só graduação. Talvez até esteja certo, a gente está com uma mão de obra alta, em abundância, tá na hora de exigir especialização. Acho que a situação também pesa muito, não só pelo que eu acho que eu vou crescer, também por ter um título.

R: A questão dos estágios. Você fez licenciatura, você precisou fazer alguns estágios.

E: É, precisei fazer alguns, outros a gente dá um jeito no colégio. Então os estágios que eu fiz acho que não serviu de muito pra eu tomar essas decisões, é mais com a experiência de trabalho mesmo. Porque a gente faz muito estágio de observação e não as vezes ligado a matemática. Tem algumas matérias da faculdade de educação que você tem que observar, sei lá, o comportamento do aluno com o professor. Isso pode ser em qualquer aula. As vezes você tem que ir pra observar como é o regimento da escola, como que é a política que está por trás da escola, sabe? Então tem aí pelo menos umas 100 horas de estágio que não é dentro da sala de aula, que é o que é importante é o que está a volta da sala de aula. Alguns eu já fiz, alguns eu dei umas enroladas, mas deu pra conhecer. Foi legal. Eu estou fazendo agora metodologia II que precisa dessa vivência na sala de aula, fiz metodologia I também. Mas é algo que eu falei: “A gente não faz estágio 100% certo”.

R: É uma opção sua, você acha que isso não vai te ajudar?

E: A questão não é de fazer ou não. Observar um professor dando aula, eu já observei 12 anos. Não com esse olhar. Tudo bem, eu concordo. Mas eu acho que observar um professor dar aula não vai fazer com que eu sinta a dificuldade que ele tem lá. Muito pelo contrário, eu vou achar inclusive que é fácil, porque ele já faz isso a algum tempo. Então ele já tem domínio normalmente porque ele tem uma relação já estabelecida. Os alunos já veem o professor de uma forma, o professor já veem os alunos de uma forma. Tudo já foi decidido antes de eu estar lá. Observar isso, tudo bem, é meio randômico, sabe? Eu poderia observar um professor que tem boa relação, um professor que tem má relação. Mas eu não sei como isso foi formado. O que vai ser importante pra mim na hora que eu estiver dando aula é como eu vou formar essas relações. Então acho que a experiência vai ser a melhor forma de aprender.

R: Quando você estiver dando aula, você como professor de matemática, claro que vai visar a matemática. Mas você acha importante alguma outra característica importante? Como professor você se vê de alguma forma?

E: Acho que o professor tem que ter a seguinte noção na cabeça dele: ele é um exemplo. Ele está lá na frente não só pra ensinar a matéria. Claro que ele precisa ensinar a matéria, precisa ter domínio disso daí. Mas ele é exemplo, ele é visto pelos alunos como exemplo. Então se você tem determinados combinados com a sala de aula: cumpra esses combinados. Isso é importante. Você tem que mostrar que isso que você tá falando é verdade, tudo precisa ser verdadeiro. Precisa ter legitimidade na relação. É o que eu imagino, ser professor. Sabe, você tem que ser honesto com seus alunos. Honesto não só na palavra, no sentido de honestidade, mas honesto quando ao que você está fazendo. Se você acredita que eles estão aprendendo, se o que você está colocando na prova é aquilo que você acredita que vai ser importante pra ele. Se você está medindo, se você está sendo justo quando você está medindo, se ele está sabendo ou não. Porque infelizmente a gente tem que ter avaliação, não é só uma forma de medir quanto o aluno sabe. É claro que isso não está 100% certo, mas precisa ter. Então eu acho que as principais características são ser honesto e justo com seus alunos. O pessoal precisa saber que tem uma transparência, eles podem falar qualquer problema pra você no sentido da sua aula ou no sentido do colégio, até se eles extrapolarem e falar qualquer coisa da vida você está lá pra escutar. Você não está lá só pra orientar o estudo matemático deles.

R: Isso na escola?

E: Na escola, no cursinho, na faculdade, qualquer lugar que você fica em visibilidade você não pode... Você está falando pra muita gente, você está formando uma opinião. Queira ou não você não é o único que está formando, mas você é uma parte daquilo. Então a partir do momento que você está exposto, você tem que mostrar o que você prioriza. Os valores que você prioriza. Aliás, você está formando. As pessoas que estão lá te ouvindo no futuro vão decidir coisas importantes, não só pra vida delas, mas pra vida das outras pessoas. Então determinados valores eu acho que você tem que passar e a postura que você tem em frente as pessoas tem que ser uma coisa verdadeira. Você não pode estar fingindo, mas você também não pode exagerar e ser aquela pessoa que você é com seus amigos. Você não pode tratar essa relação boa como uma relação de amizade.

R: Acredito que a gente já está caminhando para o final dessa entrevista. Você já voltou pra alguma das escolas que estudou, não como aluno, mas talvez como alguém que passou por aqueles processos.

E: Já voltei. Já voltei pra última escola que estudei e assim: pra falar a verdade eu tenho um pouco de dó dos alunos que estão lá. Por questão das diretoras. Como eu disse: muitas coisas eu não concordava com as diretoras já na época que eu estudava. Uma das coisas é: uma das filhas da diretoras estudava lá, um ano mais velha do que eu, e ela era favorecida em tudo. Enquanto ela estava lá, queira ou não, o ensino tinha que ser melhor. Isso refletia na escola inteira. A partir do momento que ela saiu e a minha turma, logo em seguida, saiu também, eu acho que ficou um pouco abandonado. Tem professor lá que está atualmente só enrola. Acontece. Já vi, assisti estágio lá dentro. As diretoras, são 3 diretoras na escola, que é um problema, porque é uma guerra de poder entre as 3. Olhando por um lado de quem já estudou alguma coisa, de quem já teve um pouquinho de experiência, já não é mais aluno, dá pra ver que a escola já não é mais o que era e eu já não gostava do que era. Então já vejo sérios problemas que eu não via antes.

R: Você disse que não gostava dessa escola em particular, a escola que você estudou, ou você não gostava da escola, de ter que frequentar a escola, da importância que a escola na sua vida.

E: Em particular da escola que eu frequentei via problemas específicos da escola. Tanto que assim, a escola no sentido que você vai, vivencia, as relações sociais que você vai fazer, os laços de amizade, tudo isso eu gostei. É importante, gostava de frequentar. Não concordava com algumas coisas que aconteciam dentro da escola. Achava isso errado, disso eu não gostava em particular. Isso eu achei que foi se agravando depois que eu saí inclusive. É nesse sentido que eu acho. A escola em particular, que é a única que eu voltei, essa escola em particular eu acho que foi piorando.

R: A sua relação com as pessoas talvez da escola mesmo, amigos que estão fora da escola, familiares. Por você ter seguido, ter escolhido essa carreira, ter entrado na Universidade de São Paulo, você acha que eles te enxergam, digamos, de uma outra maneira?

E: Acho que enxergam sim. Porque o fato de eu ter entrado na USP mudou algumas coisas, inclusive na vida dos meus familiares. Minha irmã por exemplo entrou na USP depois também. Acho que ela nunca tinha pensado em entrar. Ela viu que é possível, que a gente tem condições. Eu não digo que eu seja uma inspiração, eu digo que eu seja algo que fez com que ela não descreditasse que pudesse entrar. Que se ela tentasse ela conseguiria, tanto que ela conseguiu. No ramo da Educação minha família é bem ligada com Educação. Hoje minha mãe é formada em matemática e é professora, meu pai já foi professor e não exerce mais. Meu primo mesmo que fez direito é professor. Amigos da família são professores. Esse lance de Educação é um negócio muito comum, inclusive em discussões de jantar, almoço. Então está sempre ligado.

R: Em relação aos amigos da escola?

E: Meus amigos da escola nenhum foi pra esse ramo da Educação, até porque tem histórias diferentes, tem habilidades diferentes. Sim, eles me veem de uma forma diferente sim. Perguntam, acham curioso trabalhar com criança, entre aspas, com adolescente. Eles tem essa ideia de que com adolescente é mais difícil e criança não. Não conhecem tanto, é mais pela experiência deles, mas não conhecem esse lado de ser professor. Sim, me veem de forma diferente, alguém que tem que educar.

R: Essa visão tem de você, alguma outra pessoa, já teve algum caso, talvez pela desvalorização da Educação, que de fato a gente está passando, já sofreu alguma forma de preconceito, qualquer que seja essa?

E: É que quando eu falo o que eu estudo ou qual é a minha profissão ou a faculdade que eu falo. Geralmente vem: professor de matemática. A palavra matemática acaba com tudo que vem antes. Quando você fala que estudou matemática, todos tem na cabeça que você é louco, que você é um gênio. Tudo isso é mentira, é diferente. É um estereótipo que tem, então geralmente o preconceito que vem é um preconceito que as pessoas tem um conceito a mais de mim. Uma coisa que eu não sou. Não sou genial, nada disso. Só estudei. Mas sim, quanto ao fato de ser professor, tem até amigos da família que são professores e não gostam dessa profissão pela desvalorização, não ganhar muito dinheiro. Você não fica milionário sendo professor. Você vai sustentar, não está tão mal assim como as pessoas pensam também. Já aconteceu no colégio de alunos chegar e falar: “o que você faz da vida?”- “Cara, eu to trabalhando, não estou por

aqui por causa de você, gosto também, mas não é por isso”. Então eles veem muito, pelo menos no colégio, esse fato de você ensinar as vezes como uma coisa que está lá pra se fazer, mas você não está ganhando pra isso. Ou que você precise de alguma coisa pra complementar. Embora a gente passe por uma crise, embora eu não seja valorizado no sentido de ganhar dinheiro, o professor também ganha dinheiro, também trabalha, também tem um salário, também tem uma vida. Fora isso, o lance da desvalorização do aluno com professor, da falta de respeito que a mídia prega ou que a gente vê por aí, essa fala da escola particular ou que você trabalha com aula particular, todo esse preconceito some. O particular parece que os professores te respeitam, é mais fácil. Pela experiência que eu tenho é um tanto mais fácil. Parece que isso que está acontecendo sobre desrespeito ao professor, desvalorização da classe, tem muito da escola pública. Então acho que grande parte do preconceito que as pessoas têm vai no fato, de que se você dá aula numa escola estadual, da prefeitura, você vai ouvir isso. Porque grande parte das coisas acontecem lá. Não são todas que são assim, tem escolas boas. Tem escolas que a cultura da escola ajuda, faz com que os alunos deem valor pro professor. Mas a grande parte das escolas não estão assim.

R: Eu posso supor então que você não pretende dar aula em escola pública?

E: Eu até gostaria pela experiência e também por poder ser a mudança que eu quero ver no mundo. Mas eu também não posso deixar de lado que eu preciso fazer minha vida. Eu tenho 23 anos, não tenho uma casa pra morar ainda. Tenho a casa dos meus pais, não tenho uma casa minha, não tenho um carro, não tenho as coisas necessárias para eu fazer uma família. Eu não posso ignorar isso. Numa escola pública se ganha muito menos que nas escolas particulares. Então, por mais que eu tenha amor a Educação, que eu queira ensinar, que eu queira mudar alguma coisa, eu também não posso me deixar de lado, senão não vou mudar nada. Um dia quem sabe, mas não é meu plano atual.

R: Você começou a falar de planos. Como você se enxerga daqui alguns anos?

E: Daqui alguns anos eu me enxergo frente a uma sala de universitários, supondo que tudo dê certo. Uma sala de universitários que estão preocupados em fazer alguma coisa com Educação. Gostaria de ensinar para pessoas de curso de licenciatura. Gostaria de passar essa experiência, gostaria de passar essa minha preocupação para que alguns deles fossem para esse caminho de mudar alguma coisa, procurar uma escola pública ou mesmo passar um pouco desses meus valores do que eu acho que é Educação pra eles.

R: Você falou de constituir uma família. Você pretende se casar, ter filhos?

E: Pretendo. É uma pretensão que eu tenho pra um futuro até um tanto distante. Mas pretendo sim ter filhos, pretendo educá-los. Quando você está ligado a Educação, tudo que você vê você imagina o que falaria para o seu filho se ele fizesse isso. É um tanto complicado você pensar no seu filho sem pensar nesse lado profissional, sem pensar no que ele vai responder para o professor dele quando ele estiver lá. Porque é um tanto difícil você ver que tem uma outra pessoa ensinando o seu filho. Você não sabe o que a pessoa vai passar pra ele. Você não sabe o que a pessoa vai levar de casa. Eu acho tudo muito difícil você imaginar a família. Mas eu quero sim, tenho esses planos.

R: Como você acha que vai ser a escola na formação dos seus filhos e como que você vai encarar isso?

E: A gente tem esse problema de pensar nos filhos como a extensão de si mesmo. Isso é um problema inclusive. Tem que parar com isso. Mas tenho isso também. Então eu imagino que a importância que a escola tenha para o meu filho uma importância tão grande quanto teve na minha formação. Que a escola seja relacionada ao estudo, que seja relacionada a responsabilidade, que ele tenha isso mas também não deixe de se divertir, de ter os amigos dele, de ter suas relações dentro da escola, de formar vínculos, sabe? É um tanto complicado. Dá medo de você priorizar só a Educação e fazer seu filho uma pessoa bitolada, dá medo de você dar liberdade demais e ele também não estudar nada. Pra mim é uma coisa muito difícil pensar em educar uma criança, mas é um desafio que eu quero.

R: Caminhando já para o final da entrevista. Depois desse exercício que a gente fez de rememoração, você já tinha parado pra pensar na sua trajetória escolar alguma vez?

E: Talvez em algumas partes em conversas com amigos, mas nada de pensar nela inteira. Algumas partes a gente acaba voltando. Nunca tinha parado pra pensar assim de uma vez, tudo.

R: Acredita que, de alguma forma, isso te ajudou?

E: Sim. É importante, você sempre tem que lembrar de onde você veio. Tudo bem, não é que você precisa sempre estar pensando tudo de uma vez, mas é legal fazer uma recapitulação. Ver o que te influenciou, o que você é hoje e o que realmente veio de fora, as coisas que vieram de fora, muito do que é você mesmo. Então é importante você recapitular. Você saber de onde você veio. É legal.

R: Para terminar, em poucas palavras, tendo feito esse exercício contínuo de pegar a escola pela sua vida, essa trajetória por completa até o momento de hoje, claro, pensando que ela vai continuar mesmo que seja como professor, ou pensar na escola até para seus filhos ou conhecidos. Mas eu queria que você me falasse em poucas palavras como que você enxergava a escola antes de entrar de fato na escola, o que era a escola quando você estava durante esse período escolar e como você enxergou a escola depois que saiu da escola, talvez como um lugar importante para constituição da sociedade, ou talvez mesmo como um terreno profissional. Então queria que você tivesse, brevemente claro, essa questão de como foi antes, durante e depois da escola.

E: Quando eu estava na escola eu via como responsabilidade e diversão. Antes da escola eu via a escola como um lugar que eu não estaria com a minha mãe. Depois eu vejo a escola como um lugar eu vou formar um ser humano. Então ele precisa de responsabilidade, ele precisa de diversão, ele precisa de um exemplo, ele precisa sofrer também, porque todo mundo sofre. Ele precisa enfrentar problemas. Esse é o lugar onde vai formar uma pessoa, quando ela sair da vida dela, tudo aquilo que aconteceu na escola vai refletir no que ela vai ser. Então hoje em dia um olhar profissional eu acho que é isso aí.

R: Algum último comentário?

E: Não.

R:Gostaria de agradecer a sua participação. Com certeza a sua história de vida vai me render bons frutos pra minha pesquisa e eu queria saber se talvez ficar faltando alguma questão se eu poderia te procurar?

E: Sim, pode me procurar. Foi um exercício legal. Agradeço você ter me escolhido. Porque sei lá, é legal você escolher a minha história pra falar. Espero que contribua e qualquer questão que fique pode perguntar. Pode me procurar de novo, tenho o maior prazer em ajudar.

R: Então muito obrigado. Vou finalizar.

Apêndice C – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Henrique

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Meu nome é Renan Marcel Barros dos Santos. Eu vou realizar uma entrevista com um aluno da graduação em Licenciatura em Matemática. Essa é uma entrevista pra minha pesquisa de mestrado que estou realizando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É uma entrevista no eixo de história de vida e eu vou te perguntar algumas coisas em relação a sua vivência na escola. Então só pra você saber eu vou perguntar sobre seus professores marcantes, a sua relação com a disciplina, vou perguntar também um pouco do seu contexto familiar e como foi a sua transição da escola para a universidade. Então serão questões mais pessoais. Se você não se sentir a vontade para responder qualquer uma dessas perguntas, não precisa também. Tudo bem?

E: Tudo bem.

R: Então me fala um pouquinho do seu contexto familiar, me conta onde, que ano você nasceu. Quantas pessoas tinham na sua casa. A relação do seus pais com o conhecimento, até que série eles estudaram, se eles estudaram. Como era a situação financeira? Conta um pouco da sua infância.

E: Bom, por onde começar? Nasci em 82, 1982. Nos meus primeiros meses a gente foi morar na casa da minha avó. Foi eu, minha mãe... Minha mãe já tinha um filho com outro rapaz, não conheço esse rapaz, enfim... Aí fomos morar eu, minha mãe, esse meu irmão, meu pai, juntos na casa da minha avó mãe do meu pai. A gente morou lá cerca de uns 8 meses e minha mãe começou a ter muitas brigas com meu pai devido ao alcoolismo.

R: Alcoolismo dele?

E: Dele.

R: Desculpa, você não falou onde, a cidade.

E: Como é que chama? Ali no Jabaquara... Americanópolis...

R: Aqui em São Paulo?

E: Americanópolis. Tá. Aí a gente ficou lá uns 8 meses. Aí teve várias brigas, inclusive violência física com o meu pai. Aí a gente voltou, a gente não. Minha mãe voltou pra casa da mãe dela que é na Vila Clara ali próximo do Jabaquara também. E lá era o seguinte, lá moravam, deixa eu ver: minha vó, meu pai, meu vô, mais os meus 7 tios, mais uns 3 primos mais ou menos, e era uma casinha muito, muito, mas muito pequena cara. Era uma situação assim bem. Puta, eu não sei falar se miséria seria uma palavra muito forte. Mas era muito pobre, era favela mesmo. Pra você ter uma ideia o esgoto ficava no meio do quintal. Era um morro, pra você subir até em casa, tinha sei lá, mais uns 50 m até em casa, tudo barro. Que mais?

R: Vocês ficaram quanto tempo lá?

pai, já foi um negócio, eles já estavam muito brigado, entende? Enfim, nasceu ele. Depois minha mãe conheceu o C. que é meu padrasto hoje. Isso já no Graja, a gente morava no Grajaú. Teve um filho com ele, o W.. Ele teve escolaridade, ele terminou...

R: Voltando em você e seu irmão. Seu irmão entrou na escola, o A.?

E: Então, ele, digamos assim, puxou meu pai em todos os aspectos possíveis. Em questão de personalidade, inclusive a aparência. Eu não pareço nada com o meu pai, ele é a cada do meu pai. Eu pareço com a minha mãe, a personalidade da minha mãe está mais próxima de mim. Ele terminou, terminou não. Foi até a 5ª série... Foi até a 5ª série. Ele chegou a ficar na FEBEM quando ele tinha 15 anos, foi 157, assalto a mão armada. Na época eles roubavam toca CD, toca fita, não sei, alguma coisa assim do tipo. Ficou 1 ano lá. E isso foi... como posso dizer? Meio que acabou com minha mãe cara. Foi um período muito ruim, de sofrimento, de humilhação. Pô, por exemplo, o sentido da humilhação é o seguinte: é o fato de você ir lá visitar alguém na FEBEM, na cadeia, que enfim, você tem que tirar a roupa, como ela é mulher ela tem que fazer agachamento pra ver se não tem droga nas partes íntimas, e isso me deixava revoltado, deixava ele revoltado, meus irmãos revoltados, e a gente cometia várias, como é que eu posso dizer... Isso teve uma influência muito negativa, a gente era muito explosivo, a gente brigava muito na escola nesse período, de pancada mesmo. Minha mãe é intolerante com tudo cara.

R: Seu segundo irmão com o seu padrasto...

E: Então, esse aí é bem tranquilo. Terminou o Ensino Médio. Se formou...

R: Ele é de que ano? Sabe me dizer?

E: 86.

R: E o outro?

E: 83. O que mais?

R: Vamos falar um pouco da sua entrada na escola. Como que foi? Assim, deu pra perceber que os estudos não era uma atividade muito frequente no seu quadro familiar. Seus pais achavam, você consegue lembrar se eles achavam importante vocês irem pra escola. Eles falavam alguma coisa: “Olha, é importante ir pra escola”. Ou vocês acabaram indo, vocês tinham contato com a leitura em casa? Alguma influência...

E: Cara, como eu posso dizer? É aquele incentivo: “Estuda...”. Como eram as palavras?

R: Estuda pra ser alguém na vida?

E: ” Estuda pra ser alguém na vida, porque você vai ter um futuro bom se você estudar. Obviamente você vai ter um futuro ruim se você não quer estudar.”

R: Mas isso no senso comum? Ou você acha que eles se baseavam na experiência deles?

E: Eles poderiam se basear na experiência deles no seguinte sentido: como eles não tiveram estudo, não fizeram faculdade, e obviamente na época eles não tinham uma renda boa. Eles não sabiam se expressar, eles simplesmente falavam isso. Você é criança, você não quer saber do futuro. Você nunca imagina que você vai trabalhar, você quer brincar, você quer fazer outras coisas, você não quer estudar. O incentivo da leitura era o seguinte: “vai ler”. Ou seja, “leia, eu não vou ler, mas eu quero que você

leia”. Eu nunca cheguei em casa e nunca vi meu pai, meu padrasto na casa, desde que ele ficou com a minha mãe, alias, a gente mora junto desde, sei lá, 87. Eu não tenho uma imagem do meu pai dentro de casa. Desde que eu me conheço por gente eu tenho a imagem dele como sendo o pai, digamos assim. Calma aí, me perdi.

R: Você estava falando da imagem da leitura. Eles mandavam ler, mas nunca leram.

E: Eles nunca leram cara. O meu padrasto ele era meio... Ele, como é que posso dizer? Ele teve uma certa influência assim na, ele já incentivava de uma outra maneira. Ele serviu o exército, ele era meio grossão. Ele perdeu a mãe cedo, quando tinha 13 anos de idade ele perdeu a mãe dele. Ele ficou muito bruto desde então. Aí o que acontecia, era um negócio meio de exército assim. Ele tinha receio que a gente cabulasse aula. Então ele mandava a gente, ele mandava a gente pedir pra professora assinar nosso caderno todo dia, porque era uma maneira de ele ver que de fato a gente estava indo pra escola. Só o diário da professora não era o suficiente. Sei lá, na cabeça dele alguém poderia responder a chamada pra mim. Enfim. Se eu for todo dia, levar o caderno pra professora, ela colocar a data e fazer a assinatura, pra ele ele tinha certeza de que a gente estava lá. E ele olhava nosso caderno. Ele corrigia as palavras erradas. Ele mandava a gente fazer 200 vezes cada erro, cada palavra a gente fazia 200 vezes. Enfim, que nem eu disse, era um negócio meio exército. Uma pressão entende? Algum muito negativo assim. Tinha aquela coisa de ele não ser meu pai: “que que esse cara quer? Esse desgraçado”. Ficava conversando com meus irmãos: “eu tenho que ir pra escola, assinar a porra do meu caderno, eu tenho que trazer pra ele, eu tenho que fazer lição, quem é esse cara? E minha mãe que é minha mãe não falava nada”. Então a gente cresceu com essa coisa.

R: Vocês faziam? Por mais que não gostassem?

E: Tinha que fazer cara, senão tinha castigo. Os castigos dele eram engraçados. Você tinha que ficar segurando o cabo de vassoura. Você estica o braço, segura a vassoura e fica lá enquanto ele ficava corrigindo o caderno. Aliás, você ficava segurando lá o cabo de vassoura porque você não fez a lição do dia anterior: “ah, você não fez a lição do dia anterior, então você fica aí enquanto eu vejo a lição de hoje. Aí no dia seguinte já tinha o dobro de coisa pra você fazer”. E pra juntar tudo isso daí, dar uma espécie de revolta...

R: A gente vai voltar nisso com certeza. Mas como que se deu a entrada na escola? Era uma escola perto de casa? Era uma escola pública, estadual, municipal?

E: Cara eu estudei em várias escolas, todas estaduais.

R: Você lembra se era uma escola perto de casa? Se eles ofereciam condições, davam/como que era sua relação com o material escolar? Vocês compravam? A escola oferecia? Como que foi essa entrada? Foi uma entrada difícil? De resistência? Você queria ir pra escola por algum motivo? Você tem essa imagem de você querendo ir pra escola ou não querendo ir pra escola? Algum amigo talvez que você já conhecia que frequentasse a escola, que você via alguma coisa na televisão? Ou alguma coisa, se você queria ou não queria ir... A princípio isso.

E: Não cara. Totalmente eu não queria ir. Pra gente era uma coisa obrigatória entende? A gente, eu pelo menos não tinha vontade alguma de ir pra escola. Por vários fatores, por ter que acordar cedo também. Mas só que a gente sempre, desde

pequeno, sempre ficou enfiado em algum... nesses tipos de ambiente. Por exemplo, na creche a gente ficava o dia inteiro lá. Minha mãe deixava a gente lá cerca de 7 e pouco da manhã e ia buscar a gente as vezes 9, 10 horas da noite.

R: Com quantos anos? Você sabe me dizer? Bebês ainda?

E: Bebês, no máximo até uns 3 anos. Não sei. Depois teve a experiência do prézinho que era a mesma coisa. E o prézinho cara acho que foi um período que a gente menos gostou da escola porque tinham três... você poderia... como é que era lá? Ou você ficava a manhã, ou a tarde ou ficar o dia inteiro. E a gente tinha que ficar o dia inteiro. Isso deixava a gente muito chateado. Sei lá. A gente queria ir pra casa, brincar em casa. Mas não, a gente tinha que ficar o dia inteiro na creche. Aí você sai do prézinho e vai pra escola.

R: Independente dos amiguinhos? Como que era a relação com a professora? Ela era carinhosa? Não era carinhosa?

E: hmm... Eu não tenho lembrança da...

R: do tratamento...?

E: Não tenho imagem nenhuma dos professores, não lembro de nomes. Cara, eu não lembro. É claro que a escola, que nem você falou: brincadeira, amiguinhos... Sempre tem um lado legal de você ir pra lá. Na maioria das vezes não, eu não queria ir pra escola. Queria estar em casa, estar brincando ali na rua, queria estar soltando pipa, enfim... Aquela coisa de liberdade. Não quero estar fechado num lugar. Lá você tinha uma espécie de terreno pra você brincar ali, nada mais. Aí você falou a questão do material. Não me recordo também se a escola dava. Uma coisa curiosa que tinha na escola: quando a gente passou, foi pro primeiro ano...

R: do médio?

E: do fundamental. Aí tinham duas escolas: a estadual e a municipal. Uma do lado da outra. Aí eu fui pra estadual porque minha mãe já estava pensando no futuro. Porque quando você tá numa escola estadual é muito mais fácil você já entrar no colegial. 1º, 2º e 3º colegial, isso. E se você está numa municipal, como é uma escola até 8ª série, aí depois como você tem que entrar no colegial, é muito mais difícil. Aí minha mãe colocou no estado e pra ela já estava tudo bem.

R: Seu futuro já estava determinado?

E: Determinado e garantido. Mas isso deixava a gente emputecido porque a comida no estado era muito ruim cara. Era muito ruim, as vezes tinha laranja. Aí depois tinha um tal de pudim lá. Era pudim, laranja, bolacha de água e sal. pudim, laranja, bolacha de água e sal. Aí você ia pra municipal tinha arroz, feijão, carne, frango. E meu primo estudava lá. Todo dia ele fazia inveja pra gente. A gente ficava puto da vida, pedia pra minha mãe trocar a gente de escola. Porque a gente não tomava café. Enfim, quando dava tinha pão pra comer. O que a gente comia era no jantar. Que minha mãe chegava, fazia o jantar, beleza. Aí era garantido que a gente ia comer. Mas até então, o almoço, essas coisas, talvez a gente comia. O que sempre geralmente tinha em casa era pão. Pão e manteiga tinha. Isso aí era fato. Bom, arroz e feijão obviamente acredito que deveria ter. Não me lembro, só que a gente não sabia fazer. E meus tios eram, nossa cara, a relação com meus tios era terrível. Eles meio que eram brigados com minha mãe e eles descontavam tudo na gente. Então, por exemplo, como eu disse: a gente tinha o jantar, aí no dia seguinte no almoço a gente comia o que sobrou do jantar. Mas sempre

eles comiam e deixavam a gente sem comer. Ou se eles viam que sobrou alguma coisa, eles jogavam fora. Sabe? Só pra gente não comer. E deixar minha mãe puta da vida.

R: Entendi. Voltando pra escola. Você não tem muitas lembranças da pré escola, mas quando você entra no ensino fundamental, numa escola estadual, já começa a ter mais forte essas lembranças. Você falou, por exemplo, da comida. Agora, nesse momento, você consegue lembrar dos professores, dos amigos, das brincadeiras que vocês faziam? Bom, você falou que não queria estar na escola, mas começa a ter mais essas lembranças do que era a escola nesse momento?

E: Cara, pra ser bem sincero, o que eu lembrava, desde o prézinho, era que eu sempre tinha uma gangue. Tinha uma ganguezinha assim de amigos e eu era rival de um tal de C.*. E cara, era o tempo todo a gente combinando briga, brigas e brigas e brigas. Eu não me recordo, é impressionante. Eu não me recordo das professoras. Ah não cara, eu lembro que eu era burro demais. Era muito burro. Minha mãe teve que contratar... Agora estou lembrando. Minha mãe teve que contratar a vizinha lá pra dar aula particular pra mim. Porque eu não conseguia acompanhar.

R: Isso em relação à alfabetização, matemática? Na educação infantil a gente tem mais essas disciplinas, né? Então assim, aprende a ler, aprende as contas, as operações básicas: adição, subtração, multiplicação e divisão. Mas o que é valorizado é a questão da leitura né? Leitura e escrita. Quer dizer...

E: Porque a matemática eu sempre consegui me dar bem com os algoritmos. Assim, aquelas coisas de somar das chaves. Não sei o que vai 1. A questão da adição, subtração. Enfim... Eu conseguia, de uma certa maneira, decorar esses algoritmos e conseguia aplicar. Mas essa parte da leitura, ditado, eu nunca conseguia decorar palavra. Todos os ditados eu era super mal. Uma recordação que eu lembro cara, uma coisa que eu lembro, foi minha mãe tentando me ajudar a fazer uma redação. Foi à base de pancada. Me chamava de burro, não prestava pra nada: “como pode uma pessoa ser burra?”. E tome tapa na cabeça. E ela ditava. Aí eu apanhava de novo porque eu errava de novo as palavras que ela ditava. Entende? Aí foi quando ela contratou a vizinha pra me dar aula particular. E mesmo assim não adiantou nada cara.

R: Você tinha 7-8 anos?

E: Eu estava na 2ª série. Estava com 8 anos.

R: Mas isso foi diagnosticado pelos professores? Você lembra alguma coisa assim? Ou sua mãe mesmo percebia que você não acompanhava? Foi uma iniciativa dela?

E: Possivelmente ela foi na escola e viu que meu rendimento estava abaixo assim e tomou essa iniciativa.

R: Tinha as reuniões de pais e mestres. Você lembra se ela acompanhava? Ia esporadicamente por vontade própria?

E: Não me recordo. Mas ela deve ter ido, porque... como posso dizer... Não tem como ela saber que eu estava indo ruim na escola só por eu estar em casa. Entende? Eu não tenho recordação de ela ficar pegando meus cadernos e ver como é que eu tava indo, tal. Bom, enfim, eu repeti a 2ª série do ensino fundamental. Nunca ouvi ninguém dizer isso. Isso foi pra minha mãe uma decepção muito grande e eu tenho isso até hoje cara. Essa coisa de eu ter decepcionado ela demais. Porque tinha muitas crianças lá no prédio que tinha a minha idade e estava na 2ª série. Inclusive muitos na mesma sala. E

todos passaram pra 3ª série. Tinha aquela coisa, minha mãe conversando com as amigas: “meu filho passo, minha filha passou e o seu?”, “ah, o meu não passou”. Lembro que nesse dia, ela ficou sabendo da notícia, ela foi trabalhar e voltou mais cedo porque ela estava com uma enxaqueca terrível. Quando ela me viu eu tava sentado no sofá, ela abriu a porta, na hora que ela me viu, eu falei: “ô mãe, a senhora chegou mais cedo?”. Ela quase avançou em mim, querendo me arrebentar. Ela falou: “oh, sai da minha frente senão eu sou capaz de te matar”. Entrou pro quarto e não saiu mais de lá, só à noite. E isso foi muito forte. Eu tenho essa lembrança até hoje. Desde então eu falei pra ela, falei pra mim que não ia decepcioná-la em relação aos estudos.

R: Mas nisso ela já tinha contratado a vizinha pra te ajudar? Ou foi depois da sua repetência que ela foi atrás?

E: Não, foi antes cara. Eu tava exatamente na 2ª série quando ela contratou e não adiantou nada. Uma tal de E.*. E hoje eu conheço a E., Jesus, não sabe nada. Sabe? Eu a vejo como uma ignorante, assim... Não adiantou ela ter contratado por dois motivos, sei lá: uma que eu era fraco mesmo e outra que ela não tinha capacidade nenhuma de ensinar alguém. É nítido. Pra mim é nítido que ela é uma ignorante, assim... Eu não faria isso com meu filho hoje, jamais, de contratar ela pra dar aula. Inclusive eu tenho que falar isso pra minha mãe.

R: Mas assim, pensa no lado da sua mãe. Ela preocupada com você ela teve uma iniciativa positiva. Não são todos os pais que tem uma iniciativa assim, de estar preocupado com o filho, de ir atrás. De certa forma acabou sendo um investimento, talvez não um bom investimento. Mas nas condições: sua mãe trabalhava, talvez não conhecesse muita gente. Então ela estava pensando no seu bem. Talvez não foi a melhor forma que ela encontrou, mas ela estava fazendo isso pensando no seu bem.

E: Entendi. De fato. Não vou chegar pra ela e falar: “ô mãe, a senhora também é burra”. Não. Diversas coisas eu já bati de frente com a sua mãe quando eu entrei na universidade.

R: A gente ainda vai chegar lá, vou querer saber todas essas coisas. Mas só pra gente, de uma maneira cronológica, pra você organizar melhor também a sua fala, resgatando... Mas a gente vai voltar no seu padrasto, inclusive se você quiser voltar nele, nesse momento quando você repetiu ele, com aquela postura de exército, qual que foi...

E: Ah, então, vamos lá. É que tinha sido uma coisa mais pensada. Como estão vindo as coisas tudo ao mesmo tempo eu não estou conseguindo organizar.

R: Acho que vai ser melhor então eu não te interromper e deixar você falar.

E: Não, é até bom porque...

R: Eu acabei quebrando eu acho...

E: Não, porque a gente morou no Grajaú até 1991, quer dizer, minha mãe até 1992. Eu até 1991. Em 91 eu fui morar com a minha avó por parte de pai. Então quando eu repeti a 2ª série, aí eu fui morar com a minha avó, só 1 ano. Aí em 92 a gente foi pra Vila Prudente. Todo mundo. Meu padrasto conseguiu... Aí já era COHAB né? Ele trabalhava na T. e conseguiu um financiamento e a gente foi morar na COHAB. Ele começou a ter essa atitude, essa postura aí de exército quando a gente foi pra lá. Porque até então a gente morava lá na casa da minha avó, no Grajaú, no mesmo quarto. Era um quartinho que ficava meu pai, meu padrasto e os 4 irmãos.

R: Seu pai junto com seu padrasto?

E: Confundi. Meu paidrasto. Cara, lá ele não fazia absolutamente nada. Minha mãe... Eu fui o que menos apanhou da minha mãe. A gente tinha algumas coisas pra fazer em casa, se tinha que limpar a casa, se tinha que limpar o quarto, eu limpava com medo de apanhar. Meus irmãos tinham um certo medo, mas eles eram mais corajosos. Sei lá, eles não estavam nem aí. Eles apanhavam muito. E meu padrasto não fazia absolutamente nada. Ele era apenas mais um lá no apartamento. Então, por exemplo, quando você perguntou, quando eu repeti, eu nem lembro dele. O que ele falou, o que ele deixou de falar, eu só lembro da minha mãe cara. Que nesse dia ela espancou meus irmãos. É obviamente que ela estava querendo descontar a raiva em alguém e eles não limpavam a casa, não faziam os negócios e tomaram um cacete.

R: Eles não eram repetentes? Eles não tinham essas mesmas dificuldades que você tinha?

E: Então, nenhum repetiu cara. O meu irmão, o que foi parar na FEBEM, ele é esperto, ele é inteligente. Mas só que ele não usa isso. Sei lá. Dos outros ninguém repetiu também. Acho que mais eu que fui o burro mesmo. Não tem... Pra você ter uma ideia, tudo eu tinha dificuldade. Por exemplo, em decorar as coisas. Eu ia no mercado, por exemplo, se minha mãe não escrevesse as coisas que eu tinha pra comprar eu sempre voltava pra casa esquecendo de alguma coisa. Eu não estou falando de ir no mercado comprar 10 itens, 5 itens. Eu ia no mercado comprar 3 coisas e voltava com 2 coisas, ou só 1. Era pra comprar pão, tinha que comprar, sei lá, 12/13 pães. Chegava lá eu ficava pensando: “quantos pães eu tenho que comprar mesmo?”.

R: Você falou que teve um ano que você morou com a sua avó. Você teve que mudar de escola?

E: Sim.

R: Como foi essa mudança? Você já tinha seus amigos, tinha sua gangue. Ficou um ano nessa outra escola?

E: Foi.

R: Consegue lembrar dessas mudanças?

E: Cara, eu acho que lembro um pouco mais. Foi meio difícil porque tem esse fato de eu não conhecer ninguém lá na escola e era uma escola que ficava, por exemplo, minha avó morava a uns 5 quarteirões de uma favela. Favelona mesmo, barraco. E a escola ficava bem ali. E pra você ter uma ideia dessa escola, isso em 92, não, em 91. A gente só tinha educação física quando os moradores lá, a molecada lá, deixava a gente ter educação física. Porque imagina assim, a gente saiu do pátio do colégio, desce umas escadas, e tem a quadra. Essa quadra era rodeada por um muro. Um muro baixo. Deveria ter, sei lá, 1,50m mais ou menos e eles pulavam lá. Então quando a gente apontava, saía do pátio e olhava pra quadra, aí eles olhavam pra gente e decidiam se a gente ia ter educação física ou não lá na quadra?

R: Isso mesmo com a presença do professor?

E: Eles falavam, eu não lembro o nome da professora. Supõe que Cidinha. Eles lá, jogando futebol, a gente apontava assim, eles gritavam acenando com a mão: “hoje não Cidinha”. Aí ela, tinha dias que ela questionava: “po, mas ontem vocês não deixaram, não sei o que, hoje de novo?”. Eles “hoje não, hoje não vai dar”. Aí

simplesmente era isso. A gente voltava pro pátio, ficava lá brincando de pega pega, inventava uma brincadeira. Nesse ano, eu me dei muito bem na questão acadêmica. Eu era sempre considerado o melhor da escola.

R: Depois de ter repetido.

E: Depois de ter repetido. Estava fazendo a 2ª série de novo. Eu não sei quais foram os fatores. Aliás, acredito que sim. Uma que era a 2ª vez que eu estava vendo a matéria, a outra coisa é que minha avó estava mais presente. Sabe, era uma coisa muito mais gostosa. Assim, porque, cara, tinha alimentação, entende? Era uma coisa, era meio que uma revolução cara. Eu tinha dinheiro pra ir pra escola. Sabe, comprava lanche. Isso não acontecia com minha mãe nem a pau.

R: Sua avó, só pra retomar, ela era empregada doméstica? É que você falou...

E: É, o contexto está só na minha cabeça. Eu fui pra avó só por parte de pai. Ainda vou falar mais dessa avó. Ela que foi a minha representante por parte de pai. Da família do meu pai assim, o que eu visito até hoje é ela. Meu pai mora com ela, mas eu não vou visitar ele. Eu vou visitar minha avó. Se ele está em casa, se ele não está em casa. Cara, não me importo em nada assim. Não tenho sentimento algum por ele. Não tenho, não vou falar que não gosto dele. Ele simplesmente... Sabe uma pessoa que eu não... Tanto faz como tanto fez. Essa é a questão. Eu vou ver a minha avó.

R: Seus irmãos foram com você ou foi só você?

E: Só eu. Ela gostava muito de mim, ela gosta de mim até hoje. Todo mundo fala que eu sou o queridinho dela. Isso é unânime. Assim, meus irmãos, minha avó, meus tios que não tem nada a ver, sabe? Meus tios... quando falo meus tios, estou falando a família da minha mãe. Eles não têm relação alguma com a família do meu pai, com a minha avó. Mas mesmo eles brincavam muito que eu era o queridinho da minha avó, por tabela, por ouvir. Voltando lá no meu rendimento. Então tinha essa questão da alimentação. Eu acordava, tinha o café da manhã, fantástico. Café com leite. Leite era sensacional. Leite era demais, cara. E em casa as vezes quando a gente comia cedo tinha pão, manteiga e café. Porque minha mãe é viciada em café. Eu nunca gostei de café e porém não gosto de comer pão puro. Então ficava aquela coisa, eu comia o pão forçado. Comia porque estava com fome. Agora lá não. Lá tinha fruta pra você comer. Eu não era fã de fruta, mas tinha. Pelo menos tinha. Tinha pão, as vezes tinha frios. Tinha café com leite. Puta, café com leite era sensacional. E pra ir pra escola, eu estudava a tarde, eu entrava 1 da tarde e saía as 6.

R: Já não precisava mais acordar de manhã. Porque até então você sempre estudou de manhã, pelo que eu entendi. Sempre estudou de manhã.

E: Exato. Inclusive foi engraçado. Porque eu nunca gostei de estudar de manhã e a minha avó disse: “você vai estudar de tarde”. Eu fiquei puto da vida: “não, eu sempre estudei de manhã, eu quero estudar de manhã”. É meio contraditório, mas tudo bem. Aí... E antes de ir pra escola tinha um almoço sensacional, adoro a comida da minha avó, arroz, feijão, sempre tinha uma mistura. Era demais. Acho que isso teve uma influência. E teve aquela coisa de ela estar sempre em casa, entende? Essa minha avó, ela... Acho que ela... Não sei se já falei até o começo. Ela estudou até a 2ª série.

R: Mas é melhor que fica contextualizado agora, pra não retomar lá. Então não tem problema se você repetir qualquer coisa.

E: Ah, legal. Ela estudou até a segunda série e ela é bem diferente da minha outra avó. Ela já tem uma visão politizada entende? Ela tem uma visão diferente de escola, da importância da escola. Ela nunca precisou trabalhar. O meu avô que trabalhava. Ele faleceu né? Ele era frentista. Ele jogava muito no bicho cara e ganhava bastante. Ele tinha muita sorte. Ou minha avó mentia, porque ,por exemplo, minha mãe ficava cobrando. Minha mãe sempre falava assim oh, mandava eu pedir roupa pra ela, pra ela, por exemplo, fazer o papel do meu pai: “só eu que te sustento, eu que te dou tudo, te dou casa, você tem que ir pedir pra ela também”. A gente, eu meu irmão, o A.*, que teve o filho com o mesmo pai, a gente tinha que ir lá pedir essas coisas. A minha avó sempre dizia: “olha, estou te dando esse dinheiro porque seu avô ganhou no bicho”. Agora é que eu estou refletindo sobre isso. Eu tô achando que isso aí era conversa, entende? Agora. É mais pra eu falar isso pra minha mãe, meio que pra minha mãe não ficar pedindo o tempo todo. Pra ela não achar que ela tem sempre grana. Entende? É mesmo né cara? Não tinha parado pra pensar nisso. Porque eu vejo que ninguém ganha no bicho assim. Era toda vez que chegava lá: “vó, tem como comprar um tênis?”. Aí minha vó comprava: “oh, só estou comprando porque seu avô ganhou no jogo do bicho”. Cara, não faz sentido, ganhar sempre assim. Mas enfim, ele sempre sustentou a casa, assim, com o dinheiro de frentista, tal. E com o dinheiro do bicho.

R: Aí você entrou na escola, não conhecia ninguém, tinha esses impasses dos meninos que não deixavam vocês ir pra educação física, você estava na 2ª série novamente então já tinha tido contado com aquele conteúdo. Mas seu rendimento começou a melhorar por todos esses fatores que você listou. Mas, e aí, a sua relação... já começa a lembrar um pouco mais do professor? O ambiente?

E: Lembro cara. Quando eu falei em Cidinha. Lembra que eu falei “suponha que a professora seja Cidinha”. Cidinha foi a minha professora, não a professora de educação física. Professora mesmo, do fundamental. Eu lembro. Ela gostava muito de mim, ela gostava da minha avó. Porque assim, pra ela ir pra escola ela tinha que passar na rua da minha avó e minha avó, tanto minha avó quanto eu, a gente gostava de ficar sentado em frente o portão e ficar conversando ali. As vezes a professora ia mais cedo pra escola, ela passava por ali, ou ela buzina pra gente ou ela parava e conversava com a minha avó. Então foi uma relação próxima assim, da professora tanto comigo quanto com a minha avó. Ela sempre me elogiava, falava que eu era bonzinho, essas coisas todas aí. Mas ela não sabia o que eu fazia no pátio né? Nos intervalos.

R: Até porque o intervalo é um espaço da criança.

E: É muito engraçado. Assim, porque eu tinha essa coisa de não levar os problemas pra dentro da sala nem pra dentro de casa. Eu era visto como o anjinho mas ninguém sabia de fato o que eu fazia.

R: Isso agora com a sua avó? Antes não tinha essa separação, ou tinha?

E: Então, não. Com a minha mãe, lá no prézinho, eu era terrível.

R: Mesmo dentro da sala de aula. Em casa. Lá você não era esse anjinho?

E: Então, dentro de casa eu era. Entendeu? Mas na rua eu era terrível. Eu era briguento demais. No prézinho eu ficava de castigo o tempo todo porque eu batia nos amiguinhos lá. Nos amiguinhos não, nos inimigos. Na gangue rival. Cara, e até hoje a gente comenta sobre isso. Eu chamo os caras de bunda mole. Até hoje “eu te batia, você

era mó bundão”. Aí o outro vinha cantando banca, eu falo “não, não vem falar alto não. Você era da minha gangue, eu que mandava em você. Seu bunda mole”. Aí o que mais?

R: Você era anjinho. Você não levava os problemas... Mas você sabe porque acontecia esses problemas?

E: Eu não sei cara, desde pequeno.

R: Como que era. Você veio de outra escola, não conhecia ninguém. Como que foi com esses novos amigos? Eles te receberam bem? Você chegou intimidando eles?

E: Como é que foi? Eu cheguei meio com medo porque, como é que eu posso dizer? No Grajaú também tinha favela. Mas só que eu já morava lá. Já estava na sua. Já conhecia. Já sabia com quem eu poderia mexer, com quem eu não poderia. Então lá eu já tinha...

R: Segurança.

E: Exatamente. Mas lá não, eu não sabia: “se eu bater nesse cara, lá fora vão me pegar. Vai vir um monte de gente. Eu não tenho gangue aqui”. Então eu entrei muito com receio. Eu lembro que no primeiro dia eu chorei horrores cara. Minha avó me deixou lá na escola. Fui correndo pra diretoria, fiquei lá chorando, querendo voltar pra casa. Aí localizaram minha avó, minha avó teve que ir lá. Fui meio que bunda mole lá. Mas eu lembro que a gente teve uma amizade. Oh, as pessoas que eu lembro: do D., do J., do E.*. Eles moravam na favela mesmo. Eu lembro desse D.* cara. Ele era muito humilde, muito, muito. Eu lembro que ele não almoçava pra ir pra escola e não comia nada na escola.

R: Nessa escola eles não ofereciam nada igual na outra? Porque você falou da fruta e do pão.

E: As vezes não davam. A gente não tinha merenda. Tinham vários debates por causa disso. Os professores toda vez iam se reunir porque todas as escolas tinham, não sei o quê. Aí eu lembro que as vezes ele passava em casa antes de ir pra escola pra almoçar. Esse cara ficava super feliz, me agradecia. Enfim. O que mais? Eu lembro que eu briguei com um cara que tinha uma influência muito grande com os amigos. Então eu briguei com ele e todo mundo parou de falar comigo. Eu lembro que a gente só voltou a se falar porque eu torci o tornozelo e fiquei engessado. Na escola, eu lembro de alguns flashes, a gente limpava as carteiras. Acho que no início da aula.

R: É verdade... Como é que era esse ambiente, esse espaço físico? Era um espaço físico... Assim, as carteiras? Tinham bastantes carteiras? Tinha janela? Vidro na janela? Eram sujas? Porque você tava falando de limpar e veio essa curiosidade. Era um ambiente agradável a escola ou era um lugar que você não se sentia bem?

E: Só lembro do pátio, alguns flashes de eu correndo, da quadra. Da quadra eu lembro perfeitamente. Da escadinha. Dos caras que ficavam acenando, fumando lá. Agora da escola, alias, da classe, eu tenho uma imagem que está vindo agora, da professora virada pra lousa, eu copiando, janela... A escola está clara, a sala de aula. Cara eu não lembro.

R: Mas voltando. Vocês tinham que limpar.

E: Tinha que limpar. Por exemplo. Tinham grupos e cada dia um grupo limpava as carteiras. Tinha que limpar a carteira de todo mundo. E a professora sabia

que eu já tinha brigado com todos. Quando ela ficou sabendo, nesse dia especial, ela falou: “oh, quem vai limpar a carteira é o grupo do E.*”. O E. que era o influente. Eu lembro que ele discutiu com a professora: “eu não vou limpar porque hoje não é meu dia”. Ela falou “você vai limpar sim porque eu resolvi mudar, dadada”. Aí ele foi limpar. Nesse momento que outras pessoas iam limpar minha carteira a professora falou “não, é o E. que vai limpar a carteira do V.”. Aí ele veio emputecido da vida, eu nem olhei pra cara dele, ficou aquela coisa assim de um olhar pro outro, um olhar de querer brigar, de enfim. Aí não sei o que aconteceu lá, ah, caiu uma borracha, ele pegou, eu agradei, ele esticou a mão, tipo “e aí?”, me cumprimentou, eu cumprimentei ele, voltamos a nos falar, tal. Cara, curioso, essa parte do rendimento eu não sei porque eu era considerado o melhor. Eu não tenho imagens de eu estudando na casa da minha avó.

R: Sua avó acompanhava você? Ela pegava seu caderno?

E: Eu não lembro. Acho que só o fato de ela estar o tempo todo ali em casa, eu acho que já era uma coisa grandiosa. Sei lá.

R: As dificuldades com a leitura, com o ditado, foram sanando?

E: Então. Eu nunca tive o hábito de ler. Como eu disse, eu não lembro porque eu era considerado um dos melhores alunos. Não lembro das minhas notas. Não lembro o que eu ia bem. Mas até hoje eu tenho dificuldade com leitura. Nunca li livro algum. Nunca. Eu tenho até uma história de que quando eu já estava na Vila Prudente, isso era na 6ª ou 5ª série, não me recordo. Aí eu mudei de escola. E nessa escola a gente tinha que ler um livro de literatura pra fazer a prova, não lembro nem o nome do livro. Lembro que era um livro de capa amarela que minha mãe comprou. Lembro que eu não conseguia ler. Lembro que minha mãe me jogou dentro do quarto, fechou a porta e mandou eu ler. Ela entrava no quarto e perguntava que página que eu tava. Eu falava que estava em tal página, mas era mentira. Vamos supor, eu comecei a ler o livro agora e falava que estava na 5ª página. Ela entrava de novo “onde você tá?” – “eu to na página 10” – “onde você tá?” – “eu to na página 15”. Só que eu estava num ritmo muito rápido. Aí ela falou “então me conta a história, o que que está acontecendo?”. Eu lembro que ela pegou o livro e viu um pássaro lá e pediu pra eu falar o nome do pássaro. Eu não fazia a menor ideia de quem era o pássaro, porque eu não estava lendo. Eu tive que falar que era mentira. Aí ela me arrebitou, aí ela me deu um monte de cintada, cintada e cintada. Ela saiu, voltou, eu não li bosta nenhuma, ela voltou e deu mais cintada. Eu fiquei no quarto apanhando e apanhando, lembro que dormi, eu não li o livro. A professora dividia a nota em duas partes: 6 pontos era gramática e 4 pontos era literatura. Eu tirei 0 na literatura e 5 na gramática e passei. Mas nunca li cara.

R: Então assim. Bom, esse ano foi muito bom pra você. Você só ficou um ano. Você foi morar na Vila Prudente. Tinha todo aquele pessoal. Seu padrasto conseguiu aquele financiamento. Você voltou pra escola que estava antes? Foi uma nova escola? Me conta como foi sair da vida da sua vó e voltar pra vida da sua mãe em face da escola.

E: Como eu posso começar? Bom, foi muito ruim. Sabe? Eu queria ter ficado com a minha avó lá. Estava muito bom. Mas ao mesmo tempo eu tinha saudade da minha mãe, horrores. Aí a gente... tá. Fui morar lá. Tudo de novo. Escola nova, amigos novos, também a favela do lado. A COHAB lá era rodeada de COHAB e tinha muitos moradores da favela estudando lá. De novo aquele negócio de com quem eu vou

mexer, com quem eu não vou mexer? Em relação a vida acadêmica lá eu não me lembro de me destacar. Não tenho mais essa recordação. A única coisa que eu era bom era em tabuada. Tinha ditado. Ditado valendo nota. E o ditado era assim: a professora parava lá e chamava seu nome, não tinha uma ordem, fulano, e perguntava “quanto que é tanto vezes tanto?”. Eu lembro que era um clima assim, cara, de terror. Era terror. A galera gelava. Geral. Todo mundo ficava com medo assim. A professora era meia louca. Eu não lembro o nome dela.

R: Isso foi 3ª série né?

E: 3ª série. A única coisa que eu lembro era disso. Não lembro de mais ditado. Não lembro de mais leitura. Tenho pouca recordação.

R: Lembra se a relação era próxima? Se a professora era carinhosa?

E: Não, como eu disse, ela era meio tantan. Ela era meio maluca. Ela era um pouco agressiva, ela xingava os alunos.

R: Com você só?

E: Não, comigo nem tanto porque eu não dava tanto trabalho na sala de aula. Mas eu lembro que a T. que era uma baixinha lá, era terrível essa menina. E a professora xingava ela de anã. Chamava ela de louca, que ela era um tormento na vida dela, que se ela não tivesse na sala de aula ia ser muito bom pra ela. Eu lembro de uma cena que ela tentou colocar ela dentro do armário, tinha um armário dentro da sala de aula que não se usava pra nada. A parte de cima, a porta da parte de cima não tinha. Eu lembro da imagem da professora tentando colocar a aluna e colocar ela lá dentro do armário. Aí o V. que era o aluno mais velho lá, o V., sei lá, ele deveria ter uns 17 anos, a diferença era muito grande entre ele e a gente. Aí ele foi lá, tirou a aluna da mão da professora. Enfim. Mas não tenho boas lembranças. Não tenho, não gostei, não gosto do lugar onde a gente foi morar. Acho que foi o pior momento da minha vida, foi quando a gente foi lá. Acho não. Tenho certeza que foi o pior, em tudo.

R: Que que a escola representava pra você nesse momento? Que que a escola representava pra você no momento que você estava com a sua avó e o que ela passou a representar nesse momento agora?

E: Difícil responder isso aí. O que que ela representava? Eu me sentia motivado em ir pra escola quando estava na casa da minha avó.

R: Pra aprender? Porque você se destacava?

E: Eu não tinha essa mentalidade de ir pra aprender. Sempre foi essa coisa de obrigação. Criança tem que ir pra escola então eu estou cumprindo com minha obrigação. Mas eu nunca associei a escola com um lugar que eu tenho que aprender.

R: Tudo bem, era uma obrigação. Mas era um lugar que você brincava? Se divertia?

E: Estava bem mais pra esse lado de brincadeira, de ver os amigos?

R: Tinha bastante amigos? Seus amigos eram da escola mesmo? Porque assim, todo mundo morava perto. Então era um lugar que vocês se encontravam?

E: Quando eu morei na minha avó não. Os amigos da escola eram diferentes dos amigos... Todos eles moravam lá na favela, e os que moravam perto da casa da minha avó ali estudavam em escolas particulares, tal. Enfim. Agora já na Vila Prudente.

Lá não, eu tinha amigos tanto na escola quanto no bairrozinho lá, no prédio. Ah cara, eu não tinha motivação alguma de ir pra escola. É uma coisa obrigado mesmo, eu ia pra lá obrigado. Essa coisa da obrigação e eu acho que o lugar asism, entende? Eu não curtia o lugar. E foi uma época que no Grajaú estava bombando a questão de eu conhecer mais pessoas. Porque eu estava morando com a minha vó, morei 1 ano com a minha avó, mas quase todo final de semana, ou praticamente todo final de semana, eu ia para o Grajaú. E as amizades começaram a ficar mais fortes entre a gente. Entre eu e os amigos de lá. Porque tinha essa coisa de ver só no final de semana. Então eu comecei a querer voltar pra lá. Tinha essa questão de eu estar com a minha avó, estar motivado em ir pra escola, mas as amizades do Grajaú começaram a ficar muito mais fortes e eu queria voltar pra lá. Aí a gente foi parar lá na Vila Prudente, eu não gostava dos amigos de lá. Aí depois, isso aí eu já tinha uns 13, não, 92, uns 10, 12 anos... Aí, começou as excursões escolares, os passeios.

R: Nesse momento, te interrompendo mais uma vez. Até me interessa essa questão dos passeios escolares. Mas a sua relação a com o material nesse momento você consegue lembrar alguma coisa? Você cuidava do material que você tinha?

E: O que a escola dava eram os livros. Eu lembro de ir lá receber o livro de matemática, tal. Mas caderno minha mãe que comprava. Eu lembro que ela comprava, ela encadernava, aqueles plásticos quadriculados. A minha relação com o material, eu era bem organizado, eu procurava ter uma letra bonita, um caderno organizado. Mas era tudo copiado. Eu meio que não entendi o que estava dentro do caderno. Para mim eu tinha que ter um caderno bonito, então eu fazia isso. Nada mais. Gostava de ter um material bonito. Enchia o saco da minha mãe pra ela comprar um caderno pra mim mais bonito que dos meus irmãos, sempre quis ter as coisas melhores que as dos meus irmãos. Não sei por qual razão, mas sempre quis.

R: Agora já com 11, 12, 13 anos começaram as excursões. Você ainda está no fundamental 1 ou já está na 5ª série? É porque ainda não apareceu essa transição. Se você já quiser entrar inclusive. Porque até a 4ª série é um professor só. Quando você passa pra 5ª série começa a aparecer uma gama de professores né? Essa diversas disciplinas mesmo, fragmentação, tem essa fragmentação. Só que também tem a questão das excursões que eu te interrompi.

E: Antes das excursões, aí eu cheguei lá na 3ª série não lembro de ter me destacado em nada, como eu tinha dito, aí eu lembro que na 4ª série eu lembro que eu fui o único aluno a tirar uma nota A numa prova de matemática. Nem a P. ou P., sei lá, a melhor aluna da sala ela tirou, ela tirou B. Isso meio que me motivou assim. E eu coloquei na cabeça que gostava de matemática. Essa prova, acho que ela teve uma grande influência.

R: Mas você já tinha parado pra pensar nisso ou está pensando agora?

E: Eu já tinha parado pra pensar nisso, só que agora veio mais forte ainda. Veio muito mais forte. Engraçado é que, pra você ver como eu tenho essa dificuldade com a leitura, quando eu falo que me dou bem em matemática é mais essas coisas do algoritmo. Sabe? Não é uma coisa que, pra mim, na minha cabeça, você não tem que pensar muito. É uma coisa mecânica que você vai fazendo e chega num resultado. Por exemplo, as equações, eu me dava super bem com bháskara eu não tinha dificuldade alguma. Era um processinho que você tinha que seguir e cabou. Não tinha que ficar pensando. Agora aqueles problemas que você tinha que interpretar, esquece. As minhas

provas eram sempre assim. Eu errava todos os problemas, errava não, não fazia os problemas e fazia toda essa parte mecânica. Efetue, calcule. Se ela desse uma prova só disso era 10, na certa, ou esporadicamente podia cometer algum erro, mas eu não conseguia interpretar, não, impossível. Não sabia quando era pra somar, aí tinha aquelas regrinhas: “quando aparece a palavra soma no exercício, no problema, você soma, aí quando tira, você subtrai”. Não sabia quando tinha que dividir. Até hoje tenho esse problema. (rs). Sô rapidinho. Hoje sou plantonista de cursinho, quando aluno vem com problema do ENEM, nossa cara, é uma desgraça pra mim. Na hora que eu vejo aquela pergunta enorme, me cansa de ler até a metade. Quando eu tô na metade eu já estou cansado. Aí o aluno fala: “e aí professor?”. Eu falo “pera aí irmão”. Eu tenho que ler umas 500 vezes pra tentar entender e depois, mais uma quantidade de tempo pra resolver, mas sei lá, pode ser que a gente volte nisso.

R: A gente vai, inclusive, deixa eu ver que horas são, porque eu sei que você tem horário e a gente continua depois. Agora é 10h35

E: Vamos embora até umas 11h, meio dia.

R: Então. Você teve essa nota diferenciada...

E: Então, eu lembro que não tinha motivação alguma. Mas eu lembro que quando eu estava na 4ª série, eu lembro que eu tinha uma relação muito próxima com a professora, não lembro o nome dela. Minha mãe chamava ela de manteiga derretida, ela sempre chorava nas reuniões. A professora. Então acho que minha mãe já era mais presente nessa parte, porque ela ia nas reuniões, porque até por ter apelidado a professora, ela foi mais de uma vez. E ela gostava de mim, me elogiava bastante. Agora eu tenho umas imagens de eu estudar em casa...

R: Voltou a estudar de manhã?

E: Voltei para o inferno da manhã (rs). Mas então, o engraçado, é que era assim. Vamos supor, a gente vai ter prova de história. O que que a professora fazia? Ela uma ou duas aulas antes da prova ela dava um questionário com resposta. Sei lá, umas 15 questões, a aula inteira, ou ela ditava ou ela simplesmente escrevia. A maioria das vezes ela escrevia porque com o ditado era mais devagar. E ela falava. A prova era o seguinte: “vai cair umas 10 questões daquele questionário”. Então em casa, quando eu falava que eu ia estudar, eu decorava todas as questões, eu não consegui associar nem a resposta com a pergunta. Pra você ter uma ideia eu chegava na prova e respondia uma questão bonitinha assim, mas só que essa resposta era de uma outra pergunta.

R: Isso você já maior?

E: Isso já na 5ª série.

R: Primeiro, como foi essa transição? Você não tem mais essa professora que você tinha uma relação próxima. Agora são diversos professores. Você lembra de ter alguma disciplina, por exemplo inglês, alguma... que seria mais extracurricular até esse momento, teve?

E: Vamos lá, da 4ª pra 5ª série. Bom, tem aquela coisa de maturidade entende? De você estar na escola e falar “agora eu não sou mais criança”. Era uma motivação. Não deixava de ser uma motivação. Porque de fato você no intervalo, tinha diferença, o intervalo da 4ª série era diferente, da 5ª até 8ª, então a gente pensava que a gente era mais adultinho. Essa coisa é positiva pra gente. Aí o que mais?

R: As brigas você deu uma acalmada?

E: Não. As minhas brigas veio comigo até uns 4 ou 5 anos. Eu já estou com 30 anos. Sempre fui violento, não sei por qual razão. Sempre. Sempre. Voltando lá na infância meus tios diziam que eu não ia durar muito tempo. Porque eu era muito... queria sempre bater nos outros.

R: Os seus irmão também eram assim?

E: Não. O que foi pra FEBEM, o A., ele, como é que eu posso definir ele?

R: Você disse que ele era inteligente.

E: Mas essa parte da violência ele também é agressivo. Sempre foi. Dizem até que ele era mais agressivo do que eu. Mas assim, ele é um pouco mais corajoso. Ele fala mais. Ele não guarda nada pra ele. Ele é mais escandaloso. Ele não esta nem aí. Pra mim você tinha que ir me irritando entende? Se eu não gostava de você eu ficava disfarçando uma amizade até que chegasse num limite. Ele não. Bastava uma pequena falsidade, uma coisinha, ele já soltava os capeta. Mas tinha a questão de eu defender ele também. Ele já tinha, meio que assim, ele já tinha minha segurança. E mais essa agressividade, então ele se tornava muito bruto. Enfim. Era mais nós 2. O caçula é muito calmo. Ele é meio que diferente de nós, entende? A gente fala até que ele não é maloqueiro. É o único. As vezes as pessoas perguntam: “e o seu irmão?” eu falo “ah, tem o W., esse ai não é maloqueiro não, ele é mais tranquilão”. Acho que ele nunca brigou na vida dele. Ele nunca me contou uma história que brigou, que ele não sei o que. Enfim. Mas continuaram as brigas lá. Eu era considerado folgado. Enfim. Tá. Divisão das disciplinas. Professor, cada disciplina um professor. Não lembro. Lembro da professora de história que me chamava de 36 porque eu não gostava do meu nome. Ah, tem esse lance do nome também, nunca gostei do meu nome. E na escola eles me chamavam pelo nome. Pra você ter uma ideia que eu não gosto do meu nome, ninguém na minha família me chama pelo nome, ninguém. Meu pai também é V.. Então na família por parte de pai eles me chamam de Junior, mas V., ninguém, me chama de V. Minha mãe quando está nervosa me chama de Junior. Mas todos me conhecem por apelido, me chamam de J., eu tenho esse apelido desde os 2 anos de idade. O meu primo, que era próximo da gente só foi saber que o meu nome era V. quando eu já tinha 16 anos, ou 15 anos. Porque eu fazia um campo metropolitano, já vou voltar pra lá, só pra você ver essa coisa, eu sofri bastante com essa coisa do nome. Eu fazia um campo metropolitano, acho que eu já tinha uns 15 anos de idade.

R: O que seria isso?

E: Era um curso que eles te preparavam pra você ser office boy. Você saía de lá já com emprego garantido. Você ficava lá um semestre e eles já te encaminhavam pra uma empresa. Uma entrevista. Se você não conseguisse eles te encaminhavam pra outra até você conseguir. Eles que faziam o seu contrato. Eles sempre ganhavam. Você fazia o curso de graça, você tinha o contrato com a empresa que você ia trabalhar e eles mandavam uma parte para o campo metropolitano e uma miséria para você. Era bem isso. Eu conheci uma menina lá e a gente foi fazer um trabalho junto, e ela ligou pra minha avó, no Grajaú. Eu já morava na Vila Prudente, mas dei o telefone do Grajaú porque fim de semana sempre estava lá. Vou até hoje, inclusive final de semana estava lá. Então, essa menininha me ligou, meu primo atendeu, ela: “por favor o V.?” meu primo falou “V.?” e ela: “é”. Ele “vixi mano, não tem ninguém com esse nome, V.?” ela “desculpa, é engano”. Ele foi saindo pela sala e minha tia “quem era?”, ele “sei lá mãe,

uma menina querendo falar com um V. aí”, aí ele saiu fora, foi pra rua. Depois minha tia chamou ele e falou “porque você não chamou seu primo?” e ele “que primo?” e ela “o J.”, ele “por que falar com o J.?” e ela “porque ele é o V.”. Nossa, mas esse cara me zuou tanto, me aloprou tanto, esse cara começou a me zuar. Era V. pra cá, V. pra lá. Eu tenho amigos de infância, de eu conhecer com 3-4 anos de idade, que só ficaram sabendo que o meu nome era V. agora, um ano atrás, que eu entrei naquela rede social e coloquei lá V. R., e várias pessoas hoje lá no Grajaú me chamam de V., R., V.R., só por brincar.

R: E na escola?

E: As professoras me chamavam, mas eu sempre pedia pra elas me chamarem de J.. Aí sugeri isso pra professora de história e ela falou “não posso, não sei o que”, ficou falando um monte de coisa lá que não podia. Aí não sei o que aconteceu que ela me chamou de 36, que era meu número de chamada. Aí eu curti aquilo. Eu falei “professora, tem como você me chamar de 36?”, ela ficou pensando, eu falei “não chega ser um apelido, é chamada, tá no diário, não tem problema a senhora me chamar de 36”. Aí pegou.

R: E seus amigos?

E: Alguns chamavam de 36, não pegou. Eu queria que pegasse essa moda, mas não pegou. Aí no ano seguinte ela me chamava de 38 porque mudou o número da chamada, e foi assim até a 7ª série.

R: As dificuldades continuavam? Você lia os questionários... Você acha que a aprendizagem começou a melhorar? Pelo menos em história?

E: Não, não melhorou em nada. Minto. Não foi na 5ª série, foi na 6ª série que eu mudei de escola. Eu fiz da 3ª a 5ª série em uma escola depois eu fui pra outra. Lá sim, como eu lembro que ela me chamou de 36, 38 e 38, não poderia ser no A., porque eu saí de lá mais cedo. Então foi lá. Então, eu não tenho muitas.... Ah, então. Na 5ª série a única coisa que eu lembro, assim... Minhas relações na escola estão sempre ligadas aos amigos, ao meu comportamento, as amizades do que provavelmente aprender algo. Só alguns destaques que eu tive esporádicos nessa coisa da matemática. Desde então eu sempre achei que eu era bom na matemática. Claro, naquelas partes de algoritmos que a gente já conversou. Nessa 5ª série foi bem interessante porque eu entrei numa sala de aula que tinha muito bagunceiro e era meio as pessoas que mandavam na escola. E eu estava no meio. Então assim, eu falei “beleza, me achei, agora eu estou num ambiente que gostaria, que sempre curti, de mandar, de querer ser o pá, o gostosão, de ser o mais forte”. Depois eu fiquei pensando sobre isso. Eu acho que eu meio que queria... Me falta vocabulário. Acho que a falta da leitura é tão evidente que eu não tenho vocabulário, as vezes quero me expressar e não sei me expressar. Como é que eu posso dizer? Acho que essa agressividade minha... Como é que é? Eu sou burro pra caramba, não consigo me destacar na escola, entende? Mas eu tenho que me destacar em alguma coisa. E como eu tinha esse lado agressivo, era meu forte, as pessoas tinham medo de mim, eu cada vez mais...

R: Usava disso a seu favor.

E: Usava disso a meu favor, entende? Como posso dizer? Ai caramba... Quando você treina isso, deixava isso mais forte. Não sei. Eu treinava lutinha nos intervalos. Reunia uns caras que fazia... Tinha uns colegas meus que iam pra essas

academiazinhas e lutavam caratê, então eu colava neles pra aprender essas coisas. Um ator que eu adorava na minha infância era o J.C.V., achava os filmes deles sensacionais. Aplicar os golpes dele nos caras, dar voadora, sair correndo e dar voadora nos caras, achava sensacional. Tentava abrir espacate, ficava abrindo espacate no meio do pátio assim no intervalo, tipo “oh, o cara é foda”, mas no colégio eu era meio burro. Eu acho que era meio que isso, tentar...

R: Compensar...

E: Compensar, exatamente. Essa palavra que eu estava tentando buscar. (rs) Então foi isso, a 5ª série foi um momento legal, porque foi o momento que eu me senti mais...

R: Num lugar de destaque...

E: Num lugar de destaque. “É agora... se alguém mexer comigo...”, não é que” se alguém mexer comigo alguém vai bater em você”, só de conhecer as pessoas eu já me sentia mais forte pra brigar com qualquer pessoa. Eu nunca tive na minha cabeça assim “eu vou brigar com esse cara porque se eu apanhar eu vou chamar uma galera pra bater nele”, não, era mais o receio de “se eu brigar com ele, quantas pessoas ele vai chamar?”, então eu ficava pensando nisso. Então como eu conhecia a galera dos bagunceiros, quem ele ia chamar pra me bater? Então era eu e ele, adorava essa coisa individual. Até hoje.

R: Nesse momento então você não se destacava pelo conhecimento, mas você via como a escola de destaque? Fora da escola também era assim ou só dentro da escola? Como que a escola passa a ser? Passa a ser um lugar de destaque pra você? Por mais que seja por essas qualidades físicas.

E: Não entendi cara...

R: Porque assim, vc disse que gostava de ser o forte, de ser temido pelos outros, então a escola já começa a ser um lugar que vc quer ir ou ainda é um lugar que vc não quer ir? Porque até então vc não queria ir lá pra aprender, vc ia porque era obrigado. Mas agora, vc já está falando da escola como um lugar de destaque.

E: Sim, sim. Legal...

R: Por mais que não seja um destaque de saber, porque ela se legitima pelo saber, tem tudo isso, as relações sociais, tudo isso que a gente está falando... Eu ainda não vi vc falando do esporte.

E: Ah, a gente vai chegar lá.

R: É porque geralmente o esporte aparece. Vc está falando mais essa questão das brigas. Mas vc começou a falar que vc é referência na escola. Vc quer ir pra escola nesse momento?

E: Já tenho mais vontade de ir. Tem essa questão de vc gostar das meninas, já querer ter um relacionamento, inclusive tinha uma menina lá que eu gostava bastante, a E.*, queria saber onde que a E. está hoje em dia. Ela desapareceu. Mas enfim...Essa questão do esporte cara, é uma outra coisa que eu sempre quis me destacar, em qualquer lugar, futebol... Puts cara... Então, na 5ª série foi legal porque lá tinha o campeonato interescolar, e tinha o time da 5ª série que era a seleção da escola, e eu estava nesse time. Então tinha essas motivações. Eu não lembro de me sentir motivado em ir pra escola aprender, é como eu disse, nunca a escola foi um negócio de

eu ir lá pra aprender. É mais essa questão social, as vezes que dava vontade de ir. E no esporte eu era também muito agressivo. Eu sempre quis me destacar, sempre pedi a bola, sempre recebi o apelido de fominha, eu queria marcar o gol, não tinha essa. Eu queria driblar todo mundo e fazer o gol.

R: Sempre quem é lembrando é quem faz o gol...

E: Exatamente. Não tem essas de falar “o cara é mó bom zagueiro”, que mané bom zagueiro, o esquema é ser bom atacante. E sempre arrumando briga, sempre. Quando eu fui lá pra 6ª série na outra escola, lá também tinha um interclasse, que era um campeonato que até hoje é muito forte lá. As vezes quando eu vou pra lá conversar com uns amigos, até hoje é muito forte esse tipo de campeonato. E eu tava envolvido, minha sala estava envolvida, tava na 6ª série e era com todo mundo, não tinha diferença, vc joga contra o pessoal do 3º colegial. As finais era sempre com os colegiais, o máximo que tinha era um cara da 8ª série.

R: Mas os times eram da sala mesmo? Ou juntava todo mundo?

E: Era da sala, não tinha essa de amiguinho. Caiu na sala acabou. Po, e nosso time chegou na final cara. Esse semestre, esse ano foi sensacional. Acho que foi um dos melhores anos assim. Porque teve aquele reconhecimento da escola, porque no dia dos jogos não tinha aula, então todas as classes iam ver o jogo. Então tinha o contato com todas as menininhas, todos os caras, todos os colegas iam lá, iam me ver, meu nome começou a sair: “tem o V., o moleque joga bola pra carai, da 6ª C, não sei o que”. E quando a gente foi começando a ganhar, ganhamos da 7ª, da 8ª, os caras “carai, ganharam da 8ª mano?”, porque 6ª série vc é muito pequeno, não tem como vc competir com os caras. O único diferencial que a gente tinha no time, acho que era, sei lá o nome do cara, acho que era R., ele era aqueles super repetentes assim, ele tava, sei lá, uns 4 ou 5 anos mais velho do que todo mundo. Eu lembro dele, eu lembro do D. que era muito bom. Eramos eu e o D. os craques do time, eu, o D. e o B., o cara que pegava no gol, ele fechava o gol. Ele eram ó gordão, mas no gol ele era mó agilidade, a agilidade era muito grande, impressionante. Esse campeonato foi sensacional cara, sensacional. E a gente perdeu na final. A gente até acha que rolou uma mão do juiz ali. Sabe? Foi o comentário. Se vc voltar hoje na escola e comentar desse campeonato eles vão falar que acha que a gente deveria ter sido campeão, que rolou umas discussões nada a vê, entende? E o juiz era do 3º colegial, não era da mesma sala, mas era do 3º colegial e eram todos amigos ali. Enfim, na minha cabeça a gente ganhou aquele campeonato, foi uma diferença muito pouco, foi 4 a 3 o jogo. Enfim. Então é meio que essa coisa, eu sempre busquei o destaque, meio que... Sempre busquei o destaque. Se ele não viesse na bola, ele vinha na pancada também. Se eu tomasse um rolinho, tomasse um chapéu e não conseguisse dar um chapéu ou um rolinho nesse cara, ele estava na merda porque eu ia pegar ele de qualquer jeito, eu ia arrebentar ele. Não ia ter como. Ai voltando. Um dos meus amigos até hoje, eu só tenho um amigo nessa escola aí, que é o R.*. Como eu tinha falado que eu era muito folgado, tal, ele sempre conversou “mew, a minha vontade e de todo mundo lá da M.”, porque lá do lado da escola tinha uma empresa chamada M. lá, então todo o bairrozinho lá ficou conhecido como a M., ele falou “mano, não tinha um cara da M. que queria te bater, os caras só não batia em vc porque vc era lá do morro do P.”, que era lá na COHAB onde eu moro, “esse moleque era todo folgado, maloqueiro do caralho, vai que ele mora na favela, vai dar bosta”, mas ele falou que a vontade dele era de me arrebentar, de todos lá, eu falei “porque vc não me arrebentou?

Seu bunda mole” (rs). Enfim. Então basicamente foi isso, meu destaque na escola foi sempre o briguento, o cara que vai pra cima e o futebol.

R: Ai vc gostava já?

E: Gostava já.

R: Não queria mais ficar em casa como vc queria na sua infância?

(1h:27min) E: Olha Renan, eu não tenho essa lembrança de “opa, eu vou pra escola”. Acho que começou a existir nessa mesma escola na 8ª série, acho que foi melhor ano. Eu tinha comentado que na 5ª série estavam os bagunceiros da escola. Mas não eram todos. Mas só que na 5ª série, como é que eu posso dizer? Tinham alguns bagunceiros da minha sala e através deles eu comecei a conhecer todos os bagunceiros de todas as séries. Mas agora nessa escola que eu fui da 6ª série em diante, eu fui da 6ª até o 3º colegial...

R: Não vai mais ter mudança? Já passou por umas 4 ou 5 escolas pelo que eu contei.

E: Então, na 8ª série eu já conhecia geral lá. Eu conhecia esse cara que queria me bater, mas ele era meu amigo, R., conhecia desde a 6ª série, sempre queria me bater, mas como era um bunda mole, não me bateu nem na 6ª, nem na 7ª e foi fazer amizade comigo na 8ª. Bundão, o cara é bunda mole demais. Pensa no intervalo, todo aquele inferno, todos os capetas estavam na minha sala, foi uma sala sensacional.

R: Você lembra se tinha 8ª A, B, C e assim por diante?

E: Tinha, a gente era a 8ª, acho que a 8ª C a gente.

R: Lembra quantas que tinha?

E: Tinha até a 8ª D... D ou E? Eu lembro que em algum ano tinha alguma coisa de E. Mas o que está na minha cabeça é sempre D, D, D, D. D com certeza, E talvez. A gente era, acho que da C, 8ª C.

R: Todos os alunos problemas estavam concentrados...

E: Todos. Tinham bagunceiros nas outras, mas eram bacuneirinhos intermediários. Não era pancadão. Os violentos estavam tudo na mesma sala cara. Esse ano foi sensacional, a gente colocou dois professores pra correr. O de português abandonou a gente, que era literatura, aquela maldita lá, nem gostava dela. A mulher é louca. E a M., a M. era gente boa, de matemática. A gente ficou sem trigonometria. A gente ficou 2 bimestres sem matemática, sem professore de matemática.

R: Por causa da sala?

E: Por causa da sala, eu acho não, é certeza. Porque a gente via a M. nos corredores, engraçado que eu lembro o nome dela. Não lembro o nome de mais nenhum professor. Acho que também pelo fato de ser matemática, possivelmente eu devo ter tido boas notas, um bom aproveitamento com ela, tudo bem que ela era meio gostosa, bonitona, e ela simplesmente abandonou a gente. Eu lembro que no dia que ela abandonou a gente os alunos estavam imitando uns animais dentro da sala de aula: macaco, cachorro. A galera era boa nisso. Tinha um cara lá que era sensacional, o cara imitava um cachorro que ele latindo você temia mais ele latindo do que um cachorro. O cara era muito bom. Ele latia no corredor, cara, você ouvia da sua sala, parecia que ele estava na porta querendo entrar. Era muito demais. O cara era sensacional. E era um

monte de cara velho, sabe? Tudo repetente e tava tudo lá na minha sala. Eu era bagunceiro, mas é como eu disse: eu não levava os problemas nem pra sala de aula nem pra diretora. Resolvia ali, se eu tivesse que brigar com aluno eu brigava lá fora. Não era aquele cara que batida de frente com a professora, eu sempre tive medo da autoridade. Sempre, sempre. Seja minha mãe, seja fora, seja de pessoas na rua. Eu sempre tive esse medo, entende? Mas com as pessoas da minha idade não, eu não tava nem aí. Tanto é que na época eu fazia o balanço “em quem eu bato da minha idade e quem eu não bato?”. A minha infância inteira a única pessoa que eu não batia era o B., aquele corno lá do Grajaú. Era o único. Mas só que a gente está empatado, porque um dia a gente resolveu brigar, eu arrebentei ele, teve a revanche ele bateu em mim e não teve a terceira. A neguinha. Hoje eu encontro ele e falo “a gente tá precisando fazer a neguinha”. Foi o único cara que eu não bati da minha idade. Se o cara era mais velho que eu a probabilidade de bater nele era muito pequena. Eu sempre tinha medo. Até que eu colhesse alguma informação do tipo “alguém da minha idade bateu nele”, aí eu ia e arrebentava ele, sem medo algum. Mas enfim... Todos esses bagunceiros estavam na minha sala. Ai eles começaram a imitar, não sei o que... A professora virou e falava “para!”, deu aqueles berros de professor, “não aguento mais, darara darara”, pegou o giz, jogou na lata do lixo, sentou na cadeira do tipo “não vou fazer mais nada agora, vocês me irritaram agora, bando de filho da puta”, não falou nada disso, tudo na minha cabeça. Ficou aquele clima, todo mundo olhando pro outro, aí a gente olhava tipo querendo rir, com a cabeça baixa “vc é foda cara, chegou no limite”. Ela “bom, vou começar. Mais uma vez não sei o que, vou mandar pra diretoria”, aí no que ela falou, aí o cara que imita o cachorro deu só um latido “au!”, (rs), ela começou a chorar e saiu da sala de aula: “eu não volto mais aqui, bando de delinquente, indisciplinado, não sei o que, mal educados, não volto mais pra sala”, todo mundo “ahhh, que não volta o que”. Ai na hora que ela fechou a porta parecia um zoológico, todo mundo imitou um bicho que soubesse fazer, macaco, cachorro... Vários animais a galera começou a imitar. Ela não voltou mais. A gente ficou 2 bimestre. Se você pegar meu boletim, eu tenho o boletim... É boletim o nome que dá né? Eu tenho lá: B, C e 2 traços. Porque a gente não teve nota. Mas eu passei de ano. É engraçado né cara? Eu não tenho nota e passei de ano. Aí lá na... Bom, nada a ve. Fiz uma relação nada a ve, nem vou terminar.

R: Uma coisa que vc falou que eu não tinha comentado mas está aqui no roteirinho. Foi a primeira vez que vc falou da diretora. Das outras escolas vc não comentou se vc ia, por mais que vc fosse levado vc resolvia todos os problemas, mas não chegava de o coordenador, inspetor, não chegou nunca nesse nível?

E: Nunca cara.

R: Você temia muito eles?

E: Eu temia professor. Eu temia demais. Eu não respondia pra professor. Mais pra adolescência que eu fiquei um pouco mais bocudo. Eu já batia um pouco mais de frente. Já fazia mais umas bagunças na sala de aula. Eu já ia mais pra diretoria, tanto é que o único diretor, inspetor, essas coisas que eu conheço é do C.Q., que eu fui ficando mais adolescentes. Eu fui ficando mais tempo na direção né? Porque eu tinha que ir lá, eles já me pegavam nos corredores, tal. T. era a inspetora e o diretor era o R.. O R. era gay. Imagina, a gente era muito preconceituoso, tinha muitas piadinhas. Ele era muito nervoso. Ele era muito estressado esse diretor. Mas só que quando ele ficava estressado ele gesticulava muito e ficava muito gayzão, entende? Ao mesmo tempo que

ele ficava nervoso ele ficava gay entende? A gente caía matando, não perdoava. Não perdoava. Nem lembro quem era o diretor antigo, anterior a ele. Não lembro mesmo.

R: Foi uma marca então? A sexualidade dele.

E: Foi. Além disso, quando eu disse pra vc que eu tava na 8ª série, um dos alunos que já era muito velho, nossa, eu lembro que ele era barbudão, ele era muito diferente, ele era tipo homem já. Ele ia brigar de porrada mesmo, ele ia sair na mão com o diretor. Lembro que o diretor entrou, nossa, a merda é que eu não me recordo qual era o motivo. Eu lembro da imagem dele aparecer e o... era H. o nome do rapaz, e o H. mandar ele tomar banho, ele “vai tomar o que?”, ele “vai tomar no cu, é isso mesmo, não sei o que”, sabe, era como se fosse eu com moleque, xingar mesmo, “vem pra cima, que eu não tenho medo de vc. Demoro”. Ah, então. Foi esse motivo que ele foi expulso.

R: Esse H.?

E: Esse H.. Teve esse episódio, mas ele era muito engraçado. A gente ria demais com ele.

R: Era uma relação de certa forma boa?

E: A gente gostava demais porque ele tirava várias risadas da turma. Ele mandava pro professor. Eu até me inspirava nele. Porque eu sempre queria me destacar, como eu disse. Então se eu via que alguém gostava de alguém, eu queria ter essa atitude também.

R: Já teve algum professor que vc se inspirou, se espelhou até esse momento? Porque vc está falando do diretor que ele fazia algumas coisas engraçadas. Mas teve algum valor que vc pegou de algum professor?

E: Calma aí, diretor? Algumas coisas engraçadas?

R: É, você falou que vcs davam risada.

E: Não, não. O H..

R: Desculpa, eu achei que vc estava falando do diretor. Sua relação com o diretor?

E: Sei lá, não vejo como uma coisa importante. Sei lá, nunca parei pra pensar nisso.

R: Mas teve algum professor que vc se inspirou? Pegou algum traço? Porque vc falou dessa professora que expulsaram e da professora de história que te chamava pelo número. É porque ficou um pouco distante, achei que ficou um pouco vazio em relação aos professores nesse momento.

E: Vamos falar então de todos os professores. Eu me lembro um pouco do C.Q. que é da 6ª série em diante. Na parte de português eu me lembro que era uma loira, não lembro o nome dela. Ela dizia que eu era bom aluno, mas eu sempre sentei no fundão. Mas é como eu disse, pelo meu comportamento de respeitar o professor, de temer o professor e ter esse certo respeito...

R: Vc acha que isso foi uma coisa que eles conquistaram ou talvez sua mãe impôs?

E: Não consigo... Eu acho que era mais uma coisa minha mesmo, não sei por qual razão. De repente eu tive alguma experiência, que eu não me recordo qual.

R: Mas tinha alguma admiração pela profissão de professor?

E: Não não, era mais pela autoridade. Não sei dizer. Não tinha admiração alguma. Não admirava nada em professor. Nunca pensei em ser professor.

R: Tinha essa loira...

E: Então, pelo fato de eu me comportar, sempre sentei no fundo e sempre estava com os maloqueiros, mas só que eu não era bocudo quanto eles e tinha uma nota... Sempre tirava um C, um B. Estava ali. Eu me destacava entre eles. Entende? É impossível me comprar com aluno bom da sala. Vc pode fazer a pergunta “bom, se vc tinha interesse de sempre ser uma pessoa que se destaca, por que vc nunca pensou em ser um bom estudante?”. Porque sempre o estudante, por mais que ele seja nerd ou não, ele sempre é bem visto em sala de aula. Posso falar por mim mesmo, sempre fui o bagunceiro, o burrão da sala. Sempre achei a P. super inteligente, sempre quis ser ela. Lembro do P., o P. era bagunceiro, mas até hoje eu lembro algumas coisa eu lembro do P., aquele moleque era genial, ele era super bagunceiro, mas não era maloqueiro. Sei lá, ele era um bagunceiro de uma família, como é que eu posso dizer? Em termos financeiros...

R: Bem estruturados...

E: É! Ele era bagunceiro por ser mesmo. Eu lembro de algumas coisas, tipo, aula de história, vamos copiar. Eu tô copiando e tô pensando na minha vida, entende? Nunca fiquei centrado, nunca copieei prestando atenção do que estava ali. Eu simplesmente olhava pra lousa, olhava o caderno e copiava no caderno, era o ctrl c e ctrl v, não passava disso. Eu lembro daquele silêncio na sala de aula o P. virava e falava “professora, eu não concordo muito com esse seu último parágrafo”, ela “qual?”, e ele lia o parágrafo pra ela e eles começavam a debater. Gente, pra mim aquilo era uma coisa absurda, eu falava “mew, como o cara consegue entender?”. Pra mim eu só copio, eu não tô prestando atenção em nada. Ele sempre discutia com a professora essas questões. Ele sempre debatia, ele sempre tinha opinião. Eu falava “carai mano” e alguém falava “o P. é foda, o P. é foda”. Eu queria ser um P. da vida. Mas não conseguia.

R: Vc almejava isso?

E: Almejava. Eu queria ser o inteligente. Eu queria ser o jogador de futebol. Eu queria ser tudo o melhor. Tudo que a galera gostava eu queria ser. Quero me destacar. Mas só que eu não conseguia cara. Enfim. Ai a professora, essa loira, ela falava que eu era um aluno bom. Ela sempre queria me mudar de lugar. Ela falava que eu só não era melhor porque eu andava com os mals elementos. E ela me mudava de lugar, me colocava lá na frente. Mas mesmo assim cara, não lembro de ler nada, de entender nada. A professora de geografia era a mesma coisa. A professora de geografia era assim, eram 20 questões, 1 dia, 2 dias antes da prova, era um questionário com resposta e caíam 10 questões. Toda prova dela foi assim. Inclusive ela me pegou colando, essa maldita. A primeira vez que eu coleí ela me pegou e eu peguei trauma disso, ai eu nunca mais coleí. E ainda ela tirou um barato da minha cara, depois que ela pegou a colinha ela falou que ia me ensinar a colar. Essa me tirou. Maldita. Ai...

R: Tinha inglês? Espanhol?

E: Tinha inglês. Olha, inglês era o seguinte. Não sabia nada. Absolutamente nada. Depois, hoje na adolescência... Adolescência oh. Recentemente não, uns 5 anos atrás o pessoal falava “que no ensino médio era só o verbo to be”, eu nem lembro de ter

visto o verbo “to be”. Não tenho lembrança alguma. Não tenho lembrança alguma do inglês. A única coisa que eu lembro do inglês foi um teatro, que até hoje eu lembro desse teatrinho, que a gente tinha que falar em inglês. Era uma situação de um restaurante.

R: Fundamental ou Médio?

E: 6ª, 7ª ou 8ª, alguma coisa assim. Eu era o garçom. Eu falava, oh, eu chegava e falava exatamente assim “do you thent*** to drink?”, não sabia o que era, era alguma coisa de bebida. Ai um falava beer, o outro “beer?”, o outro falou “beer?” e o outro falou “bring me beer”, alguma coisa assim. Ai o outro falava “beer?”, o outro “i prefer lemonade” e eu falava “ok”, acabava e estava terminado o teatro. Esse dia eu entrei bêbado. Porque meus amigos estavam com muita vergonha.

R: Vcs novinhos?

E: Novíssimos cara.

R: Mas vcs já bebiam?

E: Não. Foi uma coisa de moleque, de sapeca. Me deu uma dor de cabeça terrível. Minha mãe não ficou sabendo disso. Foi um negócio muito ruim. Uma dor mesmo insuportável. Comentei com os amigos, um amigo também teve. A gente tomou, porque um desses meus amigos já era um pouquinho mais velho. Ele já tinha costume de beber. Ele falou “mano, se a gente beber a gente não vai ficar com vergonha nenhuma” e foi ele que trouxe a bebida pra gente. Era uma coisa muito ruim, não lembro o que era, se era pinga, que porra que era. Mas foi pouca coisa. Mas sabe aquela coisa assim de vc tomar um gole e falar que já está bêbado? Não foi nada de entrar mamado. E quem fazia todos os trabalhos era o tal de M.*. O M. fazia uma escola a parte de inglês. Então ele era o cara. A professora dava um questionário “faz em grupo e me entrega”, mas só que esse grupo, ele fazia pra sala inteira. Com exceção dos nerds que ficava lá na frente, ele fazia no grupo dele que ia passando de grupo em grupo. Eu não me dava nem o trabalho de copiar. Quem copiava eram os outros, só colocava o nome. Inglês foi uma negação. Geografia foi isso que eu te falei, história também. Matemática...

R: Os algoritmos...

E: Os algoritmos...

R: Mas os professores te elogiavam? Te incentivavam?

E: Não tenho recordação. Eu lembro que muita gente pegava, ficava retido em matemática. Eu não ficava retido. Um tal de S. era um professor casca grossa. Ele era conhecido como o terrível lá. Ele era o único professor que repetia as pessoas. Mas, sempre passei, com C, não era bom aluno, mas sempre estava garantido. O professor de Ciências eu gostava bastante dele, mas eu não me destacava, era uma das matérias que eu tinha mais dificuldades.

R: Vc gostava porque era uma curiosidade?

E: Era uma curiosidade e eu respeitava ele. Respeitava ele mesmo. Olha, vc falou se eu me inspirava em algum professor, se eu me inspirei foi nele. É que algumas vezes ele falava algumas coisas reais. Aquilo me motivava. Algumas experiências, alguns trabalhos que a gente tinha que fazer em casa.

R: Mas não pessoal? Ele não falava da vida dele?

E: Não, não falava. Mas ele botava um respeito. Eu respeitava ele. Eu mandava os outros calarem a boca, tá ligado? Porque era ele. Vez ou outra eram os outros professores. Mas quando era o C. eu queria ouvir o que ele tinha pra dizer. Eu queria ver as experiências. Naquela época passava um quadro na televisão, alguma coisa chamada incrível, e ele explicava tudo pra gente. Sei lá, uma besteira aí, um cara que bebia refrigerante de cabeça ao contrário. Ele falava que não tinha nada a ver, ele falava “a partir do momento que o líquido passou da guela, da garganta, acabou, o corpo humano que vai fazer o processo”, e a gente achava dentro de casa que era uma coisa impossível. Que só aquele cara conseguia fazer aquilo. Ai o C. falava “não, qualquer pessoa consegue fazer isso”. Experiência, eu adorava fazer os trabalhos dele. Tinha trabalho que só eu na classe fazia. Eu lembro de um trabalho que só eu fiz. Você pegava um disco, colocava umas tiras coloridas e na hora que vc girava isso ficava branco. Foi um negócio muito engenhoso cara, eu peguei o negócio de fazer suco lá de casa... Não, de suco não. Era uma coisa mecânica que você girava. Eu não sei se ele triturava salada. Algum negócio assim. Quando, sei lá. Não tem como te explicar. Mas enfim, eu fui o único. Tanto é que ele não esperava que alguém fosse fazer, ele falou “quem fizer vai ganhar um ponto”, todo mundo falou “ah, um ponto”. Eu fiz mais pela experiência, mais pra mostrar pro professor que eu estou empenhado, entende? Olha cara, acho que foi o único. Eu não lembro.

R: De certa forma vc se destacava também.

E: Não, mas as notas...

R: Mas o professor sabia quem era vc, sabia que eu estava empenhado.

E: Mas nota é a mesma coisa. Decorar questão e ficar respondendo coisa nada a ver. A professora não acreditava. Ela virava pra mim “é impressionante como vc responde bonitinho uma pergunta que não caiu nem na prova”. Eu pensava que todo mundo estudava daquele jeito, entende? Ai hoje eu já vejo que o P. não. Na minha cabeça o P. entendia.

R: Na época vc não tinha?

E: Eu pensava que ele tinha um poder de decorar maior do que eu (rs). O capeta que tirava sempre A, eu pensava “o capeta é foda, ele decora muito. Como ele consegue decorar tanto?”. Uma outra coisa, tinha uma professora de história, uma outra, que a prova dela era diferente, era um resumo do capítulo. Cara, essa era a pior nota que eu tinha. Porque antes eu tinha pelo menos a possibilidade de decorar. Tinha uma chance de tirar azul. Nessa não tinha como tirar, tinha que fazer o resumo do capítulo inteiro. Ai eu comecei a colar mesmo, copiava. Abria o livro e copiava. Na minha cabeça o que era resumo? Era vc copiar fragmentos. Então eu copiava fragmentos, que não tinha ligação alguma com nada. Ah, e nessa prova daquele livro que eu te falei que minha mãe me bateu, coisa e tal, tinha uma questão lá que era pra eu fazer o resumo. Eu abri o livro aleatoriamente, aonde caia eu copiava um parágrafo. Abria o livro mais pra frente e copiava outro. Essa professora, não foi a primeira vez que ela fez isso, ela fez isso uma outra vez. Uma atitude assim, filha da puta. Ela falou pra turma inteira que ficou decepcionada comigo porque eu coleí. Do nada ela falou “oh pessoal, quero contar uma coisa sobre um aluno que me deixou decepcionada, eu não esperava isso. É sobre o V.”, eu falei “o que?”, ela falou, na sala de aula, “vc colou, descaradamente!” eu falei “como assim? Descaradamente?”, ela falou “vc colou! Vc pegou as partes”, eu fiquei

pensando, olha como eu era burro, “como ela sabe que eu peguei aqueles fragmentos? Essa professora é muito inteligente”. Não precisa ser inteligente pra saber que eu coleí. Como é que eu pego uns trechos, uns parágrafos, copio e ninguém vai descobrir? Mas a minha ideia de resumo era essa. Não era colocar uma coisa que eu entendia. Pra mim não existia entender. Enfim. Outra coisa que ela fez que eu não gostei foi aqueles provão.

R: SARESP?

E: Isso. Nossa escola ficou muito bem classificada. No meio da sala de aula ela falou “as únicas duas pessoas que me decepcionaram foram o fulano e a A.”, que era minha amiga, ele eu não conhecia. Como a A. era da nossa sala, ela falou na cara dela, na nossa frente, que ela foi muito mal. Ela falou “vc me decepcionou demais”. Eu falei “nossa, que professora filha da puta”. Ai rolou um debate. O P. comprou a briga, ele era um cara de opinião. Ele tinha como argumentar. Eu ficava nervoso, mas eu não tinha como argumentar. Sempre me expressava através da pancadaria, não tinha como bater nela. Então eu ficava quieto, remoendo. Você ia falar o que?

R: É porque já vai dando 11 e meia. A gente praticamente finalizou as questões do Ensino Fundamental. Faltaria o Ensino Médio e Ensino Superior. Gostaria de saber, como você tem horário, se a gente podia continuar semana que vem ou quando vc puder, só pra não atrapalhar a sua vida, porque a gente tem outras coisas pra fazer. Acredito assim, como está dando tudo certo, está vindo bastante coisa, a gente finaliza por agora e continua depois.

E: Vamos continuar até onde der, vamos falar do Ensino Médio que eu estou meio enrolado mais pra frente.

R: Então a gente pode tentar sintetizar o máximo, algumas coisas. Mas assim, poderia ser bem mais pra frente também. Não precisa ser amanhã ou final de semana. É que eu não sei como que você vai estar depois. Ou se você preferir a gente sintetiza bem as coisas. Era mais pra te deixar a vontade, você falou bastante, acho que vc se sentiu bastante a vontade. Eu gostei dessa dinâmica, eu gostaria que fosse assim.

E: Vamos embora, vamos continuar.

R: É só porque eu acho que a gente vai ficar impossibilitado.

E: Você quer mais pra frente?

R: Eu gostaria pelo jeito que foi. Mais uma manhã a gente já mata. Porque falta médio e superior. Com certeza em uma manhã a gente consegue terminar. Eu achei que ia ser mais rápido, mas eu achei muito bom. Vc falou coisas que eu nem esperava e ficou muito bom. Se a gente fosse fazer um negócio mais corrido acho que a gente ia perder um pouco, sabe?

E: Entendi. Então a gente continua.

(1h57min)R: Vou finalizar por agora e depois a gente continua. Obrigado. A gente volta a se falar.

R: Estamos retomando a entrevista. A gente contextualizou a infância dele e fomos até o Ensino Fundamental II. Agora falaremos da transição da 8ª série, 9º ano de hoje, para o Ensino Médio, ainda na escola básica. Vc continuava estudando de manhã? Vc lembra como que foi essa transição?

E: Continuei na mesma escola. Eu lembro que eu estudei um período a noite. Não me recordo qual. Não sei se foi a 1ª, 2ª ou 3ª série do médio, mas alguma coisa eu estudei a noite porque eu comecei a trabalhar. Acho que foi isso. Foi o primeiro colegial e o segundo colegial eu estudei a noite. Foi. Depois eu abandonei o trabalho, comecei a jogar basquete, comecei a jogar no H., no clube H. do lado de Pinheiros e o treino lá era só a noite. Então tinha que, obviamente, mudar a escola pra manhã e eu comecei a treinar a noite. Foi uma das besteiras que eu fiz. Mas enfim.

R: Vc passou a estudar de noite porque vc começou a trabalhar. Vc lembra porque vc começou a trabalhar? Pra ajudar em casa? Porque vc precisava? Queria ter sua independência? Com o que você trabalhou? Tinha alguma relação com a escola esse trabalho?

E: Eu sempre quis essa independência de ter minhas coisas, sempre arrumei alguma coisa pra ganhar dinheiro. Olhava carro, não sei se falei na outra parte. Eu cuidava de carro, lavava túmulo de cemitério na época da data dos finados, porque a visita é muito grande nos cemitérios, então a gente ia lá. Aproveitava esse gancho, lavava algumas campas, acho que era campas que eles falavam, lavava, ganhava um dinheiro. Mas tem várias questões. É que naquela época, assim, vc completou 14 anos, vc tem que trabalhar e ponto. Isso é uma coisa que acontecia com a família da minha mãe, do meu padrasto e eles simplesmente passaram isso pra frente “com os meus filhos também tem que ser assim”. Foi assim com o meu irmão mais velho. Ele com 14 anos conseguiu um emprego de office boy, eu achei que fosse conseguir também, acabei numa empresa de autopeças que eu odiei, enfim. Foi meu primeiro trampo. A questão de ajudar em casa, muito ajudar em casa, porque meu padrasto, na época ele subiu de cargo e com isso ele tinha autonomia de fazer várias horas extras. Ele arrebentava nessas horas extras e isso, como ele começou a ganhar uma grana considerável, ele comprou um carro zero na época, em 98, mas na minha opinião ele não teve culhão pra bandar tudo. Porque eu lembro que eu ganhava 144 reais, salário mínimo na época e eu dava 100 reais em casa. Então olha que louco cara. Vc ganhar 144 reais e dar 100 reais em casa. Eu ficava puto na época e fico puto até hoje, as vezes eu cobro minha mãe desse rolê. As vezes eu batia de frente com meu padrasto, ele falava na frente da família que o carro era dele eu falava “não é bem assim não. você não teve peito pra pagar o carro. Eu tive que dar 100 conto do meu salário, eu ganhava 144 e ficava com 44 reais pra vc pagar com seu carrão bonito aí. Então não é assim bater no peito não. Vc sabe que homem pra bater no peito homem tem que pagar em casa e o carro”, enfim, foi uma discussão, um desabafo. Enfim. Eu lembro, não sei se vc vai perguntar, mas a diferença do horário do noturno pra manhã era absurda. Eu iniciei a primeira série do 1º colegial de manhã, porque ainda não tinha conseguido um emprego. Depois de uns 2 meses mais ou menos eu me transferi pra noite. Nossa, a noite era uma zona. Uma zona. A inspetora não tinha credibilidade alguma. Por exemplo, de manhã, tá, bateu o intervalo, todo mundo tem que entrar pra sala de aula. Ficava aquele tumulto no corredor, normal, acho que todo lugar tem isso, mas na hora que aparecia no final do corredor a T. que era a inspetora não ficava uma alma no corredor. Chegou a noite, quando acontecia a mesma coisa voltando do intervalo, ou mesmo no início das aulas, ou no intervalo de cada disciplina. A T. aparecia no fim do corredor era motivo de piada. Ninguém entrava, ninguém fazia nada. Professor dava aula, uma zona dentro da sala de aula. Ele dava aula literalmente para as pessoas que estavam na frente. Porque no fundo era normal a galera fazer mó zona.

R: Vc dentro da sala de aula ficava no fundo ou na frente?

E: Eu era um rapper né? Não podia ficar lá na frente. Tinha que ficar lá no fundo com a rapaziada.

R: Você percebe que seu rendimento caiu quando vc foi pra noite ou continuou a mesma coisa?

E: Continuou. Eu me destaquei um pouquinho a mais do que a galera porque a quantidade de pessoas, digamos assim, mais ignorante a noite era maior. Eu mudei pra noite, tudo bem, mas eu continuei na mesma pegada. Eu não conseguia entender nada na sala de aula. Mas eu decorava as coisas pra prova. Coisa que nem isso eles faziam. Então como eu conseguia tirar meu C os caras falavam que eu era inteligente.

R: E no seu trabalho? Lá eles te incentivavam a estudar? Tinha alguma coisa assim?

E: Não cara, então. Olha como que é. Eu meio que fiquei um pouco mais responsável. Eu fiquei mais interessado em estudar no ensino médio, no colegial no caso. Mas não era aquele, como é que eu posso dizer. Eu assim, eu não gostava nada de manhã dessa parte acadêmica, não gostava absolutamente nada. A noite eu passei a gostar um pouco mais, porque por algum motivo, não me lembro qual, eu achava que isso era importante. Porque eu lembro que do meu chefe ele queria que eu ficasse trabalhando mais horas e queria que eu faltasse nas aulas. As vezes ele falava pra mim que era isso mesmo, que ele teve que faltar e que não sei quem faltou e que eu ia faltar e o mundo ia ser assim, tá ligado? Que a gente tem que se dedicar ao trabalho, tal, e eu negava. Não fazia isso. Porque o que acontece, nessa empresa de autopeças que eu trabalhava era muito grande. Imagina um baita supermercado e é no lugar dos mantimentos tinha várias peças. Não é aquele balcão típico que vc chega e pede. Era um hipermercado de peças, digamos. Então vc tinha que saber muita coisa. Como a loja lotava, vc não tinha condições de o tempo todo ficar perguntando pra funcionário. Vc tinha que se virar nos 30. Vc tinha que saber se serve determinada peça pra determinado carro. Ele queria dar algumas espécies de minicurso depois do expediente. Depois das 18 horas, sendo que eu entrava as 7. Ele pedia o tempo todo pra eu ficar. Se dependesse deles lá eu ia faltar horrores na escola.

R: Pode ser que vc nem tivesse terminado de estudar.

E: Pode ser que não. Porque supõe que eles dessem, sei lá, um pequeno aumento ou um incentivo financeiro pra eu ficar com eles, acho que com certeza eu aceitaria. Porque eles não falavam em dinheiro né? Aí eu não me incentivava.

R: E a escola, quando vc mudou as amizades mudaram também. Vc fez novos amigos? Gostava do pessoal da noite também? Sentia falta do pessoal que era do diurno?

E: Não muito porque foi muita gente, muita gente mudou comigo que era da manhã. Mas muita gente mesmo. Eu me sentia... É como se vc pegasse a classe de manhã e colocasse noutro horário. Tamanha era a quantidade de pessoas. Então eu não tive muita dificuldade com amizades, sociabilizar com a galera.

R: A questão com a matemática?

E: Não me recordo de nada, de um destaque, de uma prova. Eu estou tentando lembrar aqui e não vem nem os professores na minha mente. Não vem a imagem deles. Não sei o que aconteceu nesse período que eu não lembro de nada.

Lembro que foi um período muito marcado por balada entende? Foi quando eu comecei a beber, foi quando eu comecei a ir pro baile. Então meu foco era o baile. Dançar, tal. É meio que assim, eu tenho que ir pro baile, eu tenho que ter dinheiro, eu tenho que trabalhar. Eu quero comprar cd. Então ficava nessa coisa. A escola era aquela coisa “tenho que pegar esse diploma do 3º colegial que eu vou ser o cara”, porque naquela época ainda era assim. As pessoas que tinham faculdade naquela época, po, se o cara era engenheiro o cara ia trabalhar com engenharia, se vc era economista vc ia ser economista, isso era certo. Não é que nem hoje. Hoje tem muita gente formada no mercado. Então se vc faz matemática isso não significa que vc vai ser professor, engenharia não necessariamente vc vai ser engenheiro. Então naquela época quem tinha um curso superior era top, mas quem tinha o 3º colegial já era o suficiente. Então eu não via a hora de pegar esse diploma.

R: Nesse momento a escola era pra isso? Ela chegava a contribuir pra alguma coisa na sua formação?

E: Não tenho essa lembrança. Eu acho que a importância que eu vi na escola foi esse motivo de eu estar próximo desse diploma, entende? Eu entrei no mercado e falei “esse diploma é necessário”. Então eu não via a hora de terminar aquilo. Acho que era isso que não fazia eu entrar na onda do meu chefe. Porque se eu entro na onda dele eu tinha que prorrogar isso e eu não ia pegar esse maldito diploma. Porque eu não lembro. Por mais que eu não gostasse da escola no ensino fundamental, eu lembro da professora, lembro de alguma prova, algum momento na sala de aula. Agora lá era só bagunça. Eu lembro só bagunça.

R: Vc tinha comentado também das garotas, das namoradas. Então fala um pouco, porque vc está mais velho, começou a sair bastante.

E: Então a gente começou a ter um outro tipo de relacionamento. Por exemplo, a gente era os bagunceiros do colégio, isso de alguma forma icita várias meninas, que vc é o pá, vc é o briguento, vc joga bola, vc é o descolado. Então as meninhas quer esses caras, pelo menos a maioria. Então começou um beijinho aqui, um beijinho ali. Começou a sair várias fofquinhas de que fulano pegou ciclana. A gente levava pra sala de aula porque, sei lá, se fulano pegou ciclana já era motivo de conversar, que não sei o que, que blablabla e ficava o intervalo inteiro. Ou quando vc tava afim de alguma menina, vc falava com o camarada, o camarada agitava pra vc. Isso a gente falava o dia inteiro, durante a aula inteira. Mas eu não tive nenhum amor. Eu não cheguei a namorar com alguém. Eu acho que sei lá, se acontecesse isso ia ser algo bem diferente, minha história acho que seria bem diferente, pelo que eu vejo dos meus amigos. Pelo que eu vejo hoje, o pessoal que namora nessa idade. Mas o meu lance era mais ficar e mais pegar menina no baile. O importante era pegar as meninhas lá e de lá ficar conversando na escola. Era o top assim vc pegar menininha no baile e ficar “pq eu peguei fulana...”.

R: Mas as meninas da escola mesmo?

E: Não, menina do baile. Da escola eu cheguei a ficar com algumas meninas, mas eram poucas. Eu era super tímido nessa questão. Não chegava nas meninas nem a pau. O baile foi mais um escape porque... Aliás, o baile era o auge porque eu bebia, logo ficava desinibido. Ai chegava nas meninhas, ficava... Mesmo assim não era tão fácil. Eu tinha que beber uma quantidade considerável a ponto de ficar bem bêbado, de não lembrar de algumas coisas, ai sim “agora se eu tomar fora eu não

estou nem aí”, aí chegava nas menininhas. A gente comentava muito de um camarada nosso que sempre se dava bem. A gente ficava puto as vezes, mas ele sempre se dava bem. Não tinha um baile que aquele arrombado não pegava ninguém. Ele tomava uma par de fora, mas sempre descolava o seu. Eu ficava naquela coisa, eu tinha que dar um tiro certo entendeu? Não podia errar. Se eu errasse eu não lidava muito bem com a rejeição. Rejeição era demais, acho que até hoje. Se eu olhar pra mina no baile e não rolar uma troca de olhares no mínimo acho que eu não chego, a não ser que eu estiver embriagadíssimo. Se a mina estiver de costas e for feia, eu pego, não estou nem aí. Eu tenho essa coisa de não lidar com a rejeição. Isso é prejudicial demais.

R: Vc temia de certa forma esse baixo desempenho? Vc considerava baixo? Vc via isso como um baixo desempenho, via como de certa forma uma rejeição?

E: Uma rejeição.

R: É, uma coisa que você não conseguiu. Ou vc nem queria tirar notas boas?

E: Eu acredito que nessa parte eu me conformei que eu não era capaz, entende? Eu falei “a escola não é pra mim”. Bom, eu acredito que eu tentava até no ensino fundamental. Porque eu tenho algumas lembranças de eu estudando, sabe? De eu em casa com o livro. Tentando sacar alguma coisa. Mas no ensino médio cara...

R: Os professores comentavam alguma coisa de faculdade? Pensavam em introduzir essa ideia de vc precisar continuar estudando? Tinha algum incentivo?

E: Cara, penso que não porque eu lembro que na minha época não tinha essa coisa de vc terminar e prestar o vestibular. Acho que nem existia essa palavra meio que pra gente, saca? Ou eu não sei cara. Sinceramente eu não lembro. Eu não sei nem se eu conhecia a USP na época na verdade. Não me recordo. Foram 3 anos que passaram muito batido. Eu estava muito mais preocupado com o que eu ia fazer, com o que eu ia trabalhar do que com essa questão de estudar.

R: Vc já sabia com o que, pelo menos, queria trabalhar?

E: Eu tinha na minha cabeça que eu queria ser técnico. Técnico em eletrônica por causa do meu tio. Todo mundo fala que ele é mó inteligente, tal, que ele fez técnico em eletrônica. Eu queria também fazer isso aí. Queria ser o inteligente, tal. Mas era o máximo, era o máximo que eu iria fazer. Eu lembro que eu cheguei a perguntar pra minha avó quando eu terminei o ensino médio “vó, o máximo que eu vou fazer é um curso técnico que é um ano”.

R: Vc não queria mais saber de estudar?

E: Faculdade pra mim era impossível, fora de cogitação, ninguém falava nada.

R: Tinha alguma referência, algum conhecido?

E: Nada, nada, nada. Não conhecia um infeliz que tinha entrado na faculdade.

R: Do seu grupo de amigos alguém tinha interesse em fazer uma faculdade?

E: Jamais. Ficava eu e o C., C. é outro vagabundo. Não. Hoje o C. está fazendo pós, fazendo pós pós.

R: Pós doc?

(20min40)E: Não, ele tá fazendo uma segunda pós graduação. Eram os 2 bagunceiros da turma hein? Os mais bagunceiros. Vc pega hoje em dia os nerдинhos, o V. que era o top de linha está encostado numa banca de jornal, não fez porra nenhuma e ele é super inteligente. Porque ele sempre teve muito próxima essa questão da leitura. Venho ele que eu falava “caralho, a leitura é foda”. Depois de um tempo que eu parei pra pensar o porque ele era tão inteligente, porque ele se destacava, porque ele era tão rápido em ler um texto? Eu lembro que a gente juntava em 2 ou 3, pra ler alguma bosta de um texto e comentar ou responder alguma pergunta e ele era super rápido. Ele lia uma vez e blablabla. Ai depois eu fui saber que a vida inteira dele ele ficou numa banca de jornal, que o pai dele tinha uma banca de jornal. Então o tempo todo ele ficava sentado lá lendo livro. Porque não tinha o que fazer. As vezes quando eu vou lá pra casa da minha mãe eu vou lá visitar ele. É uma banca de jornal muito pequenininha, bem zuadinha. E ele falava que lia o dia inteiro, não tinha o que fazer, porque o pai dele enchia a cara e na hora que ele chegava lá ele abandonava a banca de jornal, deixava o filho dele, falava “ô filho, vou ali e já volto”, mas o vou ali e já volto, vixi. Ele ficava no boteco. Eu falava “agora entendi porque esse cara é foda”, tá ligado? Depois quando eu saquei isso, por mais que eu soube que a leitura era muito importante eu não conseguia ler cara. Algumas poucas vezes eu tentava ler, mas eu falava “não, não”. Eu até brincava “isso é só pro B.”, que era o carinha lá, ele é gordão, por isso que é B.*.

R: No 2º colegial vc saiu do emprego, da empresa de autopeças, arrumou outro emprego ainda no médio?

E: Não. Aliás, deixa eu lembrar. Eu saí pra jogar basquete.

R: Como que apareceu isso do basquete?

E: Hmm... É verdade. Vamos lá...

R: Como era a Educação Física na escola? Ainda tinha Educação Física?

E: Puts, como é que foi esse papo mesmo? Deixa eu ver... Não me recordo. Lembro que eu comecei a jogar basquete do nada. Foi num natal, estava muito bêbado jogando com os moleques lá. Eles também estavam todos bêbados e eles começaram a falar que eu jogava bem.

R: Mas vc já tinha jogado?

E: Não. Foi a primeira vez que eu cheguei na quadra e comecei a jogar aquela merda. E os caras falando, porque eu sempre tive habilidade com esporte. Não sei porque eu não fui jogador, enfim. Mas sempre tive habilidade, qualquer esporte que me jogassem lá eu estava participando da panela, do primeiro time. Isso era qualquer. Vôlei, queimada, futebol então nem se fala. Ai quando foi com basquete também. Eu lembro como se fosse hoje, os caras não acreditavam que eu jogava daquele jeito “isso não pode ser, não sei o que, blablabla”. Eu lembro que alguns meses antes eu comecei a assistir alguns jogos da NBA por causa do C.B.*. Ele apareceu do nada e eu falei “esse cara joga da hora”. Eu só observando o que ele fazia, os movimentos eu tentava reproduzir o que ele fazia lá na quadra e rolou. Aí por eles falarem aquelas coisas eu comecei a levar mais a sério. Essa coisa de eu ter terminado pra ir jogar basquete foi bem no finalzinho do terceiro colegial. Faltava, eu acredito que...

R: Vc jogava em algum clube?

E: Então, primeiro eu comecei a jogar basquete de rua. Isso. Comecei a jogar mais basquete de rua, tal, aos domingos. Aos domingos eu começava a jogar,

jogava o dia inteiro. Até que o pessoal falou “vc já pensou em fazer testes no clube?” eu falava “não”, os caras “vai fazer”, até que eu fiz um teste no clube do P., não, minto. Como é que chama? M.L. é um clube que tem, ali pelo Ibirapuera acho. M.L. tal, o técnico falou “vc não tem nossas características, vai jogar com o V. lá no H., vc tem mais o perfil dele. Ele está precisando de um ala armador”. Eu fui e passei no teste. Ele falou “o treino aqui é só de noite, vc vai ter que mudar sua escola”. Aí mudei a escola, larguei o emprego, não aguentava, estava de saco cheio do emprego. Isso foi uma desculpinha, eu já queria sair. Só que eu já tinha juntado uma graninha, minha mãe não ia deixar eu ficar sem dinheiro jogando. Comecei a jogar basquete, tal, deu merda porque depois de uns 3 meses o que aconteceu? O time do C., que era outro clube faliu. Não o clube, acho que essa frente do basquetebol eles cortaram. O que aconteceu? Nesse ano o time do C. que era da minha categoria foi campeão. Agora imagina. O time é campeão e os moleques estão sem trampo. Os outros clubes cresceram o zóio. Como o H. era um clube bacana, eles davam lancha, tênis, era o melhorzinho que tinha na época. Então o pessoal do C. foi todo mundo fazer teste lá. Conclusão, o H. pegou quase o time inteiro e me mandaram embora. Mandaram eu ir pro P. “vai fazer o teste no P.”, eu “beleza”. Isso era numa segunda, que eu tinha que fazer o teste. Eles sempre falavam, desde que eu entrei lá, “não é pra jogar basquete de rua, porque se vocês se machucarem vcs vão se foder, é pra vcs jogarem basquete aqui dentro, profissional”. Mas eu não dava a mínima, eu jogo basquete de rua. Qual foi a merda que deu? No domingo um dia antes do teste eu jogando basquete lá na perifa, tal, foi que eu torci o tornozelo. Primeira vez, já jogava a 2 anos o basquete. Justo naquele dia que eu torci a porra do tornozelo. Ai sem chances. Por mais que eu cheguei lá na 2ª feira com o pé parecendo uma bola de basquete de inchado o cara falou que não, que eu não tinha perfil de profissional, que eu era irresponsável. Até que eu xinguei ele também e resolvi abandonar essa merda de basquete pelo momento e voltei a procurar emprego. Mas nisso eu já tinha me formado. Foi uma coisa muito rápida.

(0 min 3º arquivo) R: O basquete teve alguma ligação com a escola? Algum incentivo?

E: Na minha categoria não, porque já era um pessoal mais velho, com 18 anos, já tinha saído da escola.

R: Vc largou o basquete, o emprego, terminou a escola. Saindo da escola vc fez colação de grau? Formatura?

E: Não rolou nada disso. Não teve formação não. Até meu diploma me deram numa folha sulfite cara. Porque no dia que eu fui buscar lá, não sei que merda que deu, que eles não achavam, a mulher foi e imprimiu uma folha de sulfite lá e me deu. Eu aceitei “deve ser isso”. Minha mãe quase me matou em casa. Depois ela tentou. Enfim. Eu sei que eu não tenho a porra do diploma num papelzinho bonito. Tenho uma folha de sulfite lá em casa que pra mim tanto faz como tanto fez.

R: Em que ano vc terminou o ensino médio?

E: Acho que foi 99.

R: Terminou a escola e foi procurar emprego?

E: Fiquei um bom tempo desempregado. Fiquei, sei lá, uns 4-5 meses sem trampo. Quem me descolou trampo foi uma amiga da minha mãe que me indicou pra fazer uma entrevista, eu fui fazer a entrevista, era uma dinâmica de grupo, obviamente

eu não falava nada, super tímido, suava igual um porco, eu derreti praticamente na sala. Eu lembro que eu tinha um sapato social, mas era marrom, de repente quando eu olhei, eu já tava suando horrores cara, debaixo do braço, barriga, eu sentia sabe? A camiseta colando, mas na hora que eu olhei meu sapato, o sapato estava encharcado cara, nossa meu irmão. Aí eu entrei em desespero, suava minha orelha, meu nariz, a boca, o olho. Tudo que ela perguntava era sim e não “sim, não, gosto, não gosto”. Depois de 2 meses a mulher falou que eu passei, não passei porra nenhuma. Na verdade eu passei porque era uma empresa que prestava serviço pra T. e quem me indicou foi a funcionária da T.*, então imagine a situação, vc acha que a empresa que trabalha pra T., a T. pede pra eles contratarem alguém, eles não vão contratar? Como eles vão dizer não pra cliente deles? Então é por isso que eu entrei. Não teve outra justificativa. Você vai perguntar outra coisa? Porque cara, eu não lembro de muita coisa no Ensino Médio. Eu lembro que eu cheguei a gostar de uma menina e essa menina namorava e ela tinha uma influência muito grande na sala de aula porque ela tirava muito a minha atenção cara. Então o tempo todo a gente ficava trocando olhares, mas todo dia na hora da saída o namorado dela estava lá, eu não entendia nada, eu falava “que mina filha da puta, ela fica me olhando, eu olhando pra ela, não presto atenção em nada”, tudo bem que se eu prestasse não ia entender, “não converso com mais ninguém”, as vezes eu conversava com os caras e mirava ela. No final das contas o namorado dela vinha buscar ela. Eu ficava puto mano, vontade de arrebentar ela. Mas um dia eu fui muito cuzão e ela foi muito top. Porque ela morava próximo da minha casa. Mas só que a distância da minha casa até a escola era muito grande. A gente tinha que ir de ônibus, mas eu ia a pé pra economizar dinheiro. Porque como eu dava 100 reais pro bonitão andar de carro, me sobrava só 44 reais, naquela época vc vendia os passes. Então falava na empresa que eu usava duas conduções, duas condução, mas era mentira, usava uma só e o que mais? E mesmo assim cara eu economizava porque dava pra eu... Eu falava que pegava 2 conduções sendo que dava pra eu ir a pé trabalhar. Engraçado, mas tá limpo. Eu fazia o máximo possível pra não gastar condução. Eu ia a pé até a escola. Antes eu já fazia isso pensando na economia pra minha mãe, porque ela ficava reclamando que não tinha dinheiro, no fim das contas eu não gastava os passes dela. Já estava acostumado. E ela sabia que eu ia andando pra casa e ela não ia andando, o bonitão lá ia buscar ela de carro. Até que um dia a gente começou a conversar, não lembro qual era o contexto e ela se ofereceu pra ir de a pé comigo. Ela falou “posso ir com vc?” eu falei “vc sabe que eu vou a pé?” e ela “não tem problema, eu vou a pé com vc”. Eu falei “mas e seu namorado?”, eu era muito burro, foda-se se se ela quer ir a pé comigo. Acredita que em nenhum momento eu saquei que era a deixa pra eu ficar com ela? E até hoje eu não falei nada pra essa menina, ao invés de ficar com ela no caminho.

R: Foi uma vez só?

E: Uma vez. Acho que ela falou “que cara lerdo da porra”. Eu perdi a boa. Foi uma frustração forte. Foi uma coisa assim que eu lembrava desse momento e me impedia de outros contatos com o mulherio. Entende? O que mais? Cara eu não lembro da cara dos professores.

R: Não se preocupa. A vida continua. Por mais que você não lembre, fora da escola vc sentia alguma falta da escola?

E: Fora da escola?

R: É. Vc sentia vontade de ir pra escola por qualquer motivo?

E: Ah, das amizades cara. Era legal. Pelo menos na hora do intervalo a gente se encontrava lá no nosso fundão e a gente trocava umas ideias e tal. E era um horário que eu ficava olhando pra essa menina. Eu fui muito bunda mole, porque ela vinha até onde eu estava. Ela podia ficar em qualquer posição do pátio, mas ela vinha até um ponto que era possível me ver e vice versa. Mas enfim. Rolava essa ideia, rolava marcar uma balada, rolava marcar um samba. Rolava marcar um futebol.

R: Com os amigos da escola?

E: Com os amigos da escola.

R: Foram grandes amigos? Depois da escola continuou essa amizade?

E: Não. Não chegaram a ser grandes amigos. Só tenho um amigo lá que é o C. e esse B. aí que é o cara da banca de jornal, mas não. Não chegaram a ser grandes amigos. Mas só que o que acontece. Por mais que eu ia pra balada, eu ia só com esse C. e mais um amigo nosso que era o K.*. Os outros a gente ficava contando que a gente se dava bem, a gente meio que chegava lá como se fosse os caras, porque “não, a gente bebeu tantas cachaças, que eu não sei o que, a gente arrumou briga no baile, a gente bateu”, a gente meio que cantava vantagem. Sabe? Meio que os fodão. É legal você falar que é o fodão pros outros, aliás, falar que vc acha que é fodão pros outros. Era mais isso, porque... Ah cara, teve um fato muito importante aí no meio desse caminho. Porque lá no bairro onde a gente morava a gente ficou, minha mãe discutiu com um dos moleques lá e esse moleque era meio que o líder de todo mundo. Tanto é que lá no prédio que eu moro todo mundo fala “vou lá no prédio do F.”. Ele morava lá. Só que tinha várias pessoas lá no prédio que fazia parte dessa COHAB. Imagina assim. Uma COHAB que umas 50 crianças se conhecem, essas 50 crianças 15 tão no meu prédio, mas só que o meu prédio é conhecido como prédio do F.*. E minha mãe discutiu com esse moleque.

R: Ele era da sua idade?

E: Ele tinha 3 anos a mais do que eu. Tinha a idade do meu irmão mais velho. Conclusão. Minha mãe proibiu de falar com todo mundo. As minhas amizades era só do pessoal da escola. Foi por isso que eu fui parar nessa escola aí. Acho que eu não contei isso.

R: Acho que você não contou.

E: Isso foi foda. Porque a gente não saía pra rua, pra nada. A gente não brincava mais com os moleques aí. Não rolava. Se minha mãe descolasse que a gente tava saindo com eles a pancada ia comer solta. Foi muito marcante porque no prédio que o irmão desse F. que é o F., ele era o meu único amigo ali de todo mundo. Era parceirão mesmo cara. Eu lembro que eu tinha um puta medo de pegar rabeira e era assim, se a gente fosse na puta que pariu, a gente estava voltando pra casa e os moleques inventavam de pegar rabeira. Esse camarada era o único que não me deixava falando. Meu irmão pegava rabeira e ia embora, foda-se, ia com todo mundo. Eu ficava pra trás. Quando o S. não estava eu chegava sozinho depois de uma hora, que eu pegava ônibus. Esse moleque ficava comigo, ele falava “vc não vai pegar rabeira?” eu falava “não”, e ele falava “eu vou com vc”. Enfim. Minha mãe falou que eu não podia falar com eles. Esse fato de eu não falar com esse parceiro foi forte na época. Porque era meu único parceiro. Tanto é que eu cobreí ela uns tempos atrás, falei uma par “olha, a próxima briga que a senhora arrumar a senhora segura o seu rojão. A senhora não vai

me envolver“. Falei desse jeito, eu chorei, o caralho. Eu falei “minhas treta na rua a senhora não fica nem sabendo mãe, agora as suas tretas, além de eu saber a senhora me envolve. Acabou. Com quem a senhora arrumar treta eu não quero saber. Eu vou ficar do seu lado se a senhora estiver certa, e certa pra caralho”. E ponto. E resumimos essa história. Então, o lance é que faltou assim, quando eu terminei, vc falou se eu senti alguma falta na escola, era falta disso, porque com quem eu falava? Só com essa galera lá da casa do chapéu. Eu não tinha contato algum com os moleques daqui. E o foda é que as vezes eu chegava em casa, eles se reuniam em frente do meu prédio. Eu chegava, aquela molecada, 30 moleques jogando bola, eu ficava louco. Querendo jogar bola, mas ao mesmo tempo tretado com os malucos, querendo matar eles. Matar assim, querendo brigar tal. Aí tinha essa situação de toda hora de eles estarem no portão, você passar, tá ligado? Essa... As vezes eu evitava essa inconveniência. As vezes eu tinha que ir na padaria, eu olhava na janela, eles reunidos, eu não ia só pra evitar trombar com eles. Não com medo de eles fazerem alguma coisa. Era mais essa porra de ver eles, entende? Eu já ficava puto o dia inteiro. Mas enfim. Rolou essa ideia que foi forte viu cara?

R: Então seus amigos era lá da escola...

E: E o mais forte é com o C., troco ideia com ele até hoje.

R: Tem quanto tempo que você saiu da escola?

E: 12-13 anos.

R: Bom, vc tem o emprego lá da T., vc ficou trabalhando lá até que ano? O que vc fazia nesse emprego?

(16min) E: Era operador de telemarketing. Nossa, tristeza da minha vida. Mais foi, de uma certa forma, foi interessante. Porque eu tinha que falar né? Eu tinha um impedimento muito grande de falar. Ele foi muito bom porque o que a gente fazia lá? A gente vendia uma segunda linha telefônica. Olha que louco. Eu ligava na sua cara e falava “amigão, beleza? Vou vender mais uma linha pra vc”. Pra que você quer mais uma linha na sua casa? Fala pra mim? Porra, então. A gente tinha que convencer o cara. Bom, na época dava pra vc argumentar pra ele disponibilizar essa linha pra internet, porque o S. era muito caro e o marketing do S. era pra que usava muito a internet. Então a gente falava “o senhor usa muito a internet?”, “não uso esporadicamente”, “então coloca outra linha”, enfim, tinha que vender. Por uma sorte lá eu estourei de venda num mês. Pra mim não tinha estourado, era muito bagunceiro, ficava lá no fundão, só conversando, dando risada, tal. Era da turma do bolinha lá. Ai até que chegou um belo dia lá a T. pra dar premiação pros vendedores do mês, pros vendedores dos últimos 2 meses, eu nem tchum. Falaram que a gente tinha que ir lá, a gente foi rachando o bico, fazendo palhaçada. Minha supervisora ficou puta da vida. Enfim. Até que falou, era N. o nome da minha supervisora, “e da N. a gente tem um único ganhador”, lembro que o cara brincou “po N., o que aconteceu? Vc sempre traz uns 4 vendedor, o que aconteceu?” ela “é, hoje é só um”. Ela crente que era um viado lá, uma bicha lá. O cara vai e falar meu nome. Puta que pariu, você acredita que essa mulher tomou um susto tão grande? Ela falou “o V.?!”, sabe quando todo mundo para e essa cretina fala isso? Eu fui super sem graça lá receber. Ai passei por ela e falei “vc viu que aqui é foda? Eu bagunço mas eu sou responsa no trampo”, ela “eu gostei de ver”, eu pensei “falsa pra caralho”. Depois desse dia ela queria me colocar lá na frente. Eu falei “não professora”, ops, “não N., eu vendi porque sou lá da turma do fundão. Vou ficar com esses merdas aqui na frente? Não gosto não”. Foi interessante que desse dia em diante eu coloquei na

minha cabeça que eu tinha potencial, tá ligado? E eu comecei. Comecei a arrebentar em vendas. Comecei a me dedicar mais. Comecei a pensar mais no trabalho. O trabalho ficava na minha cabeça.

R: Mas você tinha em mente continuar nessa empresa?

E: Queria subir lá. Depois de vc ser telemarketing vc era o backoffice, depois do backoffice vc era supervisor, depois coordenador aí acabou. Pelo menos pra mim. Não pensava em ser diretor. Aí comecei a arrebentar em vendas, tal, não sei o que, bababa...

R: Você lembra se pra subir de um cargo pro outro precisava de Ensino Superior?

E: Não, não, não. Ah, tá, você quer chegar no Ensino... Ah é, a vida continua né? Vc quer chegar no Ensino Superior? Beleza. Bem lembrado. Não, não exigia. Eu também não pensava em fazer ainda uma faculdade nessa época.

R: Mas agora vc já começava a ter um vínculo com um pessoal que estudava na faculdade? Ou continuava...

E: Não, ainda não cara, porque eu conheci o D.*, conheci uma negrada lá, então, eu só me envolvo com panelinha, tá ligado? Isso um supervisor lá me falou que eu só vivia em panela. Enfim. Mas era uma galera mais diferente do Grajaú, entende? Mais diferente da COHAB lá onde eu morava. Já pensava diferente, queria subir, e lá a pessoa queria roubar ainda, estava com essa mentalidadezinha. Sabe?

R: Teve algum desses valores que a escola mostrou que não valia a pena? Alguma coisa assim? Algum valor, alguma coisa ética? De moral? Algum evento, algum professor, alguma história?

E: Não lembro.

R: Tranquilo.

E: (rs) Não lembro mesmo. Aí beleza. Comecei a arrebentar de venda, queria o backoffice. Aí eu conheci esses camaradas aí, mas só que eles trabalhavam a tarde. Como é telemarketing são 6 horas. Eu conheci eles porque eu tive que trabalhar a tarde umas 2 vezes pra compensar, não sei o que aconteceu, se eu fui pro médico, alguma merda lá que aconteceu. Eu conheci os caras. E foi muito forte essa amizade. Tanto que é que eu mudei pra noite. Você vai das 3 até as 9. Só pra ficar na equipe dos caras ,conversar com eles. A gente começou a ir pro samba. Comecei a frequentar a casa deles. São meus amigos até hoje. Aí as nossas ideias já começou a mudar nessa questão, que a gente conheceu o I., que é outro neguetinho. Esse I. já era malandro, porque ele já havia feito um curso técnico de administração. Ele era inteligente.

R: Você conheceu esse I. por causa do trabalho?

E: Isso. Ele apareceu do nada na nossa equipe. Não, minto. Ele apareceu, a gente já tinha filmado ele, a gente só ficava entre a negrada lá, entende? A gente era meio que se autoexcluía. Até que ele apareceu lá, a gente ficou filmando e falou “mano, esse negrinho é do gueto também”, a gente prestava atenção nele mas não chegava pra trocar ideia. Até que um belo dia a gente tava na praia, praia grande, andando lá e a gente viu o Negretinho lá no samba. Aí firmou. Aí começou as ideias. Ele já pensava mais pra frente. Ele já vinha, ele explicava como que funcionava. Ele vinha com um vocabulário diferenciado. Aprendi... sei lá, qualquer coisa assim. Eu lembro que ele

vinha com uns produtos sazonais, que são de época. Ele que explicava tudo essas coisas e eu comecei a me interessar. Aí a gente começou a falar de faculdade, o que seria interessante fazer, qual faculdade seria interessante fazer.

R: Isso em que ano?

(24min)E: 2003 já. Saí em 99. Não, isso 2002. E eu comecei a namorar. Ai tinha esses caras que eu só saía durante a semana, fim de semana ficava com ela. Eu vou te contar o que realmente aconteceu pra eu parar na faculdade. A galera ainda não sabe disso. Acho que nem minha mãe sabe disso. Não, ninguém sabe disso. A gente começou a namorar. E eu estava nesse trampo. Tá ligado? Aí tinha essa coletividade com os parceiros. De sexta-feira ia pro samba, sábado meu compromisso era com ela porque ela morava no Grajaú e eu morava na Vila Prudente. A gente só se via de final de semana. Ai tá. Começou a rolar essa coisa de faculdade, tal. Algumas pessoas do Grajaú já tinham uma mentalidade um pouquinho mais pra frente, que eram as amigas dessa minha ex-namorada, já pensavam em fazer faculdade. Elas pensavam. Os pais delas incentivavam. Eu ficava pensando, puta, o que eu iria fazer? O que eu sou bom? O pessoal falava “o que vc gostava? O q vc se destacava?” e eu pensava que era em matemática. Aí nesse intervalo eu também conheci um rapaz da informática, comecei a me interessar pela informática. Lia algumas coisas da informática. Eu lia e entendia algumas coisas. Falava “puta, será que é essa faculdade que eu tenho que fazer?”.

R: Mas nesse momento vc já sabia que ia fazer faculdade?

E: Já comecei a pensar.

R: Começou a despertar o interesse?

E: Não, mintos. Essa coisa da informática teve início lá em 99 porque o governo lançou um projeto aí que assim, quando você se forma eles lançaram uns cursos curtos, não era técnico. Eram cursos profissionalizantes. E tinham vários cursos. Tinha uma porrada. Eu escolhi um de programação, Visual Basic. Eu fiz. Consegui entender. Me destaquei lá na turma.

R: Mas o curso isso já formado?

E: Já.

R: A escola que te propiciou isso?

E: Foi o governo. Porque saiu isso na... Não foi assim, eu terminei, não foi na escola que eles falaram “o governo vai vir com um curso aí, se prepara”. Não. Foi uma coisa muito assim “quem se formou no ano passado pode fazer esse curso”. Eu lembro que minha mãe junto comigo, a gente correu atrás, e deu certo. Eu me destaquei. Engraçado que a turma, a minha turma nessa coisa de programação, era lá da escola. Que eles também ficaram sabendo. Tinha assim, pelo menos umas 15 pessoas dentro da minha sala. Inclusive o B., o inteligentinho lá. Eu me destaquei mais do que ele ainda. Ia muito melhor. Eu lembro que eu fiz um programa, lembro que tinha um exercício lá que era pra fazer um programa, que eu tenho o programa até hoje aqui. E só eu e um cara fez. Mas o cara tinha uma lógica mais avançada. Era mais avançada que a minha lógica dele. Porque ele conseguia trabalhar com o conectivo E e o conectivo OU, e eu não conhecia trabalhar com eles. Eu tinha que ter tudo separado. Então eu fazia uma estrutura gigante usando vários IF, aquele SE ENTÃO, e ele tinha o dom de juntar numa sequência, uma estrutura que eu fazia, que hoje eu faço com tranquilidade, eu faria, naquele programa lá. Enfim. Aí com esse moleque no trabalho eu lembrei desse curso e

pensei “acho que eu tenho o dom pra isso hein cara?” e ele começou a me ensinar algumas coisas, eu comecei a ir atrás, e isso namorando. E isso conversando com os negretinhos. Falando em crescer como backoffice ainda. Falando em ser supervisor. Enfim. Só ficava em conversas. Mas eu não cheguei a levar pra casa, falar “ó mãe, vamos se preparar que eu vou fazer faculdade”. Era só conversa. Só especulações. Mas pelo menos eu falava nisso. Antes pra mim era coisa impossível. Aí eu namorando, tal, 2003 a gente separou. No meio de 2003. Aí foi um choque violento pra mim cara. Eu lembro que eu já tinha saído dessa empresa. Isso. Estava numa outra empresa de telemarketing. Aí eu fiquei arrasado cara, arrasado. Passou 1 mês, 2 meses. Quando chegou 2004 a minha ex namorada, junto com as amigas dela, porque uma das amigas dela eu falo que é minha tia, mas ela assim, é irmã do meu padrasto, e outra, ela é super nova. Hoje ela tem, eu to com 30, ela tem 26 no máximo. Ela adora que eu falo que ela é minha tia e eu dou esse gosto pra ela que eu gosto dela. Ela é meio que minha psicóloga assim. Imagina aquela menina com 20 anos com mentalidade de 30. Ela sempre teve uma mentalidade muito avançada. Tanto é que eu cobrava muito minha ex namorada, na época ela tinha 16 anos eu tinha 20. Eu cobrava muito dela porque eu via que Essa M., a minha tia, digamos assim, ela tinha uma cabeça muito avançada. Eu falava “por que minha ex namorada não tinha a cabeça dela?”. Eu cobrava demais, eu era muito chato. Enfim. O meu ambiente nessa época, como eu ia pro Grajaú pra ficar com ela, então ficava eu/ela, minha tia e um ex colega meu, o meu primo e essa outra menina. Porque eram 3 meninas, elas sempre andavam juntas. Aí o que que aconteceu? As 3 foram pra faculdade. E eu fiquei “vou fazer o que velho?”. Aí aquilo, na hora que “as 3 vão fazer faculdade” eu falei “vou fazer o que?” e pensei “vou fazer faculdade”. Aí não sei quem me contou que no primeiro ano, na escola particular, que no 1º ano na faculdade particular, o que acontecia na época que eu fiquei sabendo?

R: Bolsa?

E: Não. Ah... Não. Não era nem questão de 1º ano. Que em escola particular se vc ficar 1 ano sem pagar eles não sujam o seu nome. Eu falei. Eu vou ficar lá e foda-se. Vou entrar na faculdade, fico o primeiro ano sem pagar, no 2º ano eu arrumo um estágio e vou pagando. Mas aí deu tudo errado cara. Desse dia em diante que eu percebi que boatos são boatos, que eu tenho que ir atrás mesmo. Tenho que ler edital. Tenho que ver o que está acontecendo. Só adiantando um pouco. Conclusão, entrei na faculdade, fiquei o 1º inteiro sem pagar uma mensalidade, eu paguei a matrícula que foi 800 pau, isso foi na F.**. Chegou fim de ano eu recebi uma carta tipo “amigão, e aí? Você não chegou com nada? Tá devendo pra escola?”, eu cheguei lá e “não vou pagar”, eles “seu nome vai ser encaminhado para o serviço de proteção ao crédito”, alguma coisa assim, e eu falei “mas vcs não podem fazer isso” e eles “podem sim”. Eu falei “não, a faculdade não pode”. Ele falou “pode, no primeiro ano pode”. Eu falei “me conta melhor”. É meio que assim. A lei entende que se vc não pagar o primeiro ano vc está agindo de má fé, entende? E do 2º ano em diante a lei entende que você passou por algum momento difícil, saca? Tem um pouco de sentido né cara? Enfim, me lasquei, meu nome foi parar na SPC, isso teve uma conclusão violenta.

R: Era qual curso?

E: Eu vou entrar. Tem uma consequência absurda até hoje. Não tenho cartão de crédito, uso o da minha mãe. Enfim. Tá. Nessa época turbulenta, tal, eu ainda gostava dela, tal. Falei “mano, não posso ficar por baixo né? Eles fazendo tudo faculdade e eu não vou fazer faculdade?”. Aí eu fui e entrei na faculdade. Aí foi aquela

coisa “Vou fazer faculdade de quê?”. Eu lembro que me dava bem em matemática e eu curti umas questões de economia tá ligado? Eu me interessava por esses assuntos de economia, mas não entendia porra nenhuma. O mais engraçado é que eu ficava assistindo aquele G.P., já assistiu? Cara, é um canal que só fala de economia o dia inteiro, passa a bolsa, passa o nome das empresas, cotação de tudo. Fica o dia inteiro e eu ficava que nem um idiota assistindo aquilo e não entendia nada. Enfim. Ah, “economia tem matemática?”, “tem”, então é minha cara “vou fazer economia”. Prestei o vestibular, tal. Eu lembro que eu cheguei super mal em casa porque além de ser uma faculdade particular.

R: Nesse momento vc já conhecia a USP?

E: Já. Mas era uma coisa inalcançável. Pra mim era alienígena. Não lembro o momento exato que eu fiquei sabendo da USP. Mas nesse momento eu tinha... Eu já sabia que pra entrar na USP era nerd, só nerd.

R: Vc prestou um vestibular pra entrar lá e vc lembra se a escola te ajudou de alguma maneira?

E: Ajudou a ficar frustrado. Chorei pra caralho em casa tomando banho. Porque eu não soube fazer nada. Nem as questões de matemática. Nada. Eu vi que eu não sabia nada cara.

R: Você é o terceiro, porque os outros entrevistados falaram a mesma coisa.

E: Ah tá. Cheguei em casa e falei “cara, eu não sei nada. Puta vou fazer o vestibular da S.J.**” que é perto da minha casa. Mas lá foi a mesma coisa, eu já estava conformado, cheguei chutando tudo. Estou em casa tranquilo e me chega um telegrama da S.J. “parabéns, vc passou”. Eu olho na internet “parabéns, vc passou na F.”. Eu fiquei pensando “mano, eu não passei porra nenhuma cara”. Eu não sabia nada, como eu passei? Não é aquela coisa assim... Não entenda que eu estou querendo me julgar ou querendo ser humilde. Eu não sabia, eu chutei todas. Sabe o que é você chutar todas, pegar o gabarito e ver uma harmonia em tudo? AAAAA,BBBBB, CCCCCC, DDDDDDD. Era tudo assim. Enfim. Começou o curso...

R: Você foi pra qual?

E: Fui pra F..

R: As duas economia?

E: Isso. Eu fui pra F. porque ela tinha conceito A em todos os cursos e não sei o que. A S.J. tinha vários cursos que tinha conceito C e economia era B ou C, não lembro na época. Mas na F. todos os conceitos eram A. Porque era faculdade né, voltada só pro comércio. Vc tem essa distinção de universidade e faculdade?

R: Sim.

E: Tá. Enfim. Só sei que tinha filosofia também. Eu não entendia. Aí voltou tudo de novo. Voltou o problema da escola. Eu não entendia nada do que tinha que ler. Eles davam um texto da filosofia. Eles davam um texto da Chauí aqui, era um livro sobre razão, alguma coisa assim. Cara, eu não entendia nada. Já comecei a ficar puto. Falei “de novo cara?”. A gente tinha matérias de direito também. A merda era fazer resenha. Eu falei “pronto, fodeu, economia não é pra mim cara”. Mas eu comecei a me dar bem em matemática. Me dar bem mesmo. Eu falei “puta, quer saber? Eu tenho que fazer matemática pura”. Comecei a trocar ideia com meu professor de matemática,

porque ele fez matemática aqui, morou aqui no bloco, enfim. Ele falou “vc qr fazer matemática?” eu falei “quero, ou vc vai pro M. ou pra P. ou pra USP”, eu falei “pra USP esquece”. Depois eu fiquei sabendo... depois eu fui saber... Olha como tamanha era a minha ignorância em relação ao vestibular da USP. Só na F., no 2º semestre que o cara me falou que pra vc passar aqui vc tinha que ler alguns livros de literatura, tal. Depois que eu fiquei sabendo disso eu falei “agora que eu não vou pra lá mano. Nem fudendo”. Eu já pensava que só ia nerd pra lá. Agora mais com isso do livro. Eu falei “não”, ele falou que tinha todo ano, saia uma quantidade, não sei se era 5,7, mais, não lembro. Enfim. Tá. Aí eu comecei a conversar com meu professor. Já estava decidido, meu professor “não faça isso porque o curso de matemática é meio limitado pro mercado, o curso de economia é muito mais amplo, vc tem o mercado maior, vc pode prestar concurso, matemático o único curso q vc vai prestar é pra dar aula, não sei o que, eu sou matemático, eu passei por isso, não faça o que eu fiz”. Eu falei “professor, a única coisa que eu entendo é matemática, eu vou fazer matemática. Eu não entendo as outras matérias. Eu não sei aplicar matemática”. Enfim. Ele foi, ele pagou o vestibular pra mim do M., que era 100 reais na época.

R: Vc trabalhava na época?

E: Não. Eu lembro que, tá. Eu lembro que eu consegui um emprego na F.S.C.*, trabalhava na secretaria deles. Trabalhei os 3 primeiros meses do semestre letivo. Aí pedi pra sair. Pedi pra sair não. Tem um período de 3 meses de experiência. Aí eu fiz de tudo pra que eles não me aceitassem. Dei várias mancadas, eu faltava, eles perguntavam por que que eu faltei e eu falava “motivos acadêmicos”. Você falar isso pro seu chefe, seco assim “motivos acadêmicos”. Acho que ele ficou um pouco bravo.

R: Vc já estava na F.?

(40min) E: Já tava na F.. E tava me dedicando pra ficar. Comecei a me dedicar pra caralho assim, eu ia dormir 3 horas da manhã, chegava na S.C. eu estava morto, dormia no balcão. As vezes vinha um aluno pra ser atendido ele me chamava, me cutucava. Tamanho era meu sono. Eu comecei a estudar muito. Eu lembro que o meu primeiro contato com o livro, que eu falei “é possível ler e entender” porque pra mim isso era impossível e isso é em 2004, eu já estava com 22 anos. Exatamente. 20 anos. Ih cara, acho que eu fiz as contas erradas. Ah não, perdão. 2004 é isso mesmo. Já estava com 22 anos. Só foi nesse dia que eu lembro até hoje, eu peguei um livro, eu estava com uma dúvida de matemática lá do Ensino Médio. Porque a matemática eles começam do ensino médio nessas faculdades por aí. Eles dão radiciação, eles dão tudo do início cara. Enfim. Eu tava com uma dúvida lá. Eu peguei um livro do ensino médio. Puta. Tanto é que eu vou pegar esse livro, eu vou comprar esse livro e vou por ele na minha casa num lugar de destaque. Porque foi o livro assim, foi o primeiro... sabe aquele?

R: Editora M.?

E: Cara, eu sei qual é o livro. Eu já vi ele na nossa biblioteca, eu já vi ele em sebo, mas eu não lembro o nome. Eu lembro que é um volume único. Capa verde. Eu vou achar esse livro um dia. Enfim. Ele demonstrava várias coisas. Apesar de ser volume único tinham várias demonstrações. Eu não lembro o tema. Essa que é a merda, queria lembra. Eu lembro que eu lia, eu tremia cara na biblioteca. Eu falava “isso é mentira”, não é possível. E quanto mais eu lia mais eu entendia, ai fodeu. Desse dia em diante eu comecei a varar as madrugadas já cara.

R: Aí você criou gosto?

E: Foi aí que eu vi. Não foi ninguém cara. Eu cheguei, estava com duvida, fui pra biblioteca, comecei a olhar os livros. Engraçado que na biblioteca a parte de matemática não ocupava duas prateleiras assim. Era muito ridículo. Então esse livro estava lá eu falei “olha esse livro aqui”. Eu lembro que ele era muito colorido. Eu acho que eu coloquei na minha cabeça “bom, por ele ser muito colorido ele deve ser bem explicativo”. X. Adotei isso. Peguei e me dei bem. Desse dia em diante cara. Aí fodeu mesmo. Comecei a ler, queria ler tudo. Mas nunca me interessei a ler uma história. Uma literatura, sabe?

R: Romance...

E: Romance. Nunca tive esse interesse. Mas por exemplo, o que era de... O que fosse do assunto da disciplina, porque a gente tinha contabilidade, essas coisas, eu me interessava, eu falava “eu não entendi na sala de aula”, o que eu não entendia mesmo eu pegava os livros e ficava lá treinando.

R: Essa experiência de ir pra biblioteca você não chegou a ter na escola?

E: Pra falar a verdade eu nem sei se a minha escola tinha biblioteca. Se teve. Se algum momento eu fui pra lá por algum motivo eu não me recordo. Cara, tá aí, eu não lembro se tinha biblioteca aquela merda. Não lembro mesmo. Boa pergunta. Desse dia em diante se vc queria me encontrar vc ia pra biblioteca. Depois que eu fiquei desempregado eu ia pra faculdade.

R: Vc estudava que horas?

E: De noite. Eu não via a hora de chegar o almoço pra eu almoçar e ir almoçado pra escola. Eu lembro que eu tinha algum dinheirinho ainda, mas eu não tinha essa coisa de ficar comendo fora. Eu tinha que almoçar, sair almoçado pra não ter que gastar dinheiro na rua e a noite eu comia um salgado. Nossa cara, eu ficava a tarde inteira dentro da biblioteca.

R: Então assim, na faculdade vc ia pra estudar? Vc não ia por causa dos amigos?

E: Cara, cortei tudo isso. É outra coisa. Outra relação. Eu era muito dedicado demais, comecei a perder já os sábados, os domingos, as madrugadas. Já parei de ir em baladas. É... que mais? Já montava outros programas. Já chamava a galera pra estudar em casa. Que mais que a gente fazia?

R: Nesse momento que você entrou na faculdade como que as pessoas a sua volta reagiram? Seus amigos, familiares? Eles olharam... eles tinham uma imagem de vc, eles passaram a olhar diferente pra vc?

E: A minha família sempre achou que eu era inteligente, não sei por qual razão. Não sei mesmo. Não estou sendo modesto ou algo parecido. Eles colocaram na cabeça que de alguma maneira eu era o inteligente ali. O fato de eu ter ido pra faculdade foi uma confirmação. Uma comprovação disso.

R: Já era esperado por eles?

E: Não era esperado. Foi meio que uma... Aí fodeu, essa palavra agora.

R: Não era esperado...

E: Mas era...

R: Não era esperado porque ninguém ia, mas se vc fosse...

E: Exato. Um negócio mais ou menos assim. Ficaram contentes porque eu fui o primeiro né? De todas as gerações, digamos assim. Não teve um, nem por parte de pai, nem por parte de mãe algum infeliz que tenha pisado numa universidade.

R: Mas depois você já teve alguém?

E: Meu irmão, inclusive ele já se formou.

R: Mas ele foi por causa de você?

E: Não. Teve um incentivo aí. Teve uma inspiração. Tanto é que depois já foi outro primo que também já se formou. Os caras entraram tudo depois de mim e já se formaram (rs).

R: Mas vc acredita que eles foram por causa de vc?

E: Teve uma influência muito grande. Os dois que foram eram muito próximos de mim.

R: Eles conversavam? Perguntavam como que era?

E: Então, esse meu primo eu via que ele queria ser eu, entende? Porque ele ouvia minhas tias falando de mim. Ele via o pessoal me elogiando que eu era assim, que eu era assado. Ele via que eles depositavam uma confiança em mim. Eu acho que ele queria isso também. Entende? Ele só andava comigo. A nossa diferença de idade era de 5 anos. Você fala “se um cara tem 30 e o outro tem 25 não tem diferença muito grande”. Mas quando vc tem 19 e o moleque tem 14 a diferença é absurda, de ideias. Desde sempre, desde de os 7 anos ele queria andar comigo. Sei lá, de uns 5 pros 10 ele queria andar comigo. E eu ajudei muito nessa questão do amadurecimento dele. Enfim. Ele me viu na faculdade. Viu que isso era uma coisa positiva. Eu tenho quase que certeza que ele foi nesse bonde aí. Hoje a gente não se fala. A gente brigou, teve uma briga familiar recentemente a uns 2 anos atrás e a gente não se fala. Mas eu tenho certeza cara que rolou isso. Não tenho dúvidas. E quanto ao meu irmão, meu irmão também já buscava em mim, eu estava dentro de casa, ele via entusiasmos na minha mãe. Teve incentivo. Minha mãe já estava com outra cabeça. Minha mãe já queria que ele fosse pra faculdade que ela ia se virar de alguma maneira pra ele não precisar trabalhar. Mudou muita coisa de quando eu era pequeno, dos meus 14 anos pros 14 anos dele a diferença foi brusca. Minha mãe mudou a cabeça demais.

R: Por causa disso que vc viveu?

E: Exato. Disso que eu e meu irmão mais velho viveu. Na época do meu irmão ainda foi muito mais forte né cara. Se vc tivesse que largar o emprego ou largar a escola pra trabalhar, tanto faz, o importante é trabalhar. Comigo já era um pouquinho diferente, eu não podia largar o colegial. Mas também não podia ficar sem trabalhar. Aí foi mudando aos poucos né?

R: Foram muitas noites perdidas, finais de semana perdidos. Você estudando, indo pra faculdade na hora do almoço, ficava lá o dia inteiro estudando.

E: Até chegar as aulas.

R: Vc sabia que queria fazer matemática pura.

E: Já estava decidido. Tanto é que...

R: Seu professor pagou o vestibular do M..

E: Mas a decisão mesmo foi no dia das provas, no final de semestre. Porque lá eles tem assim, a semana das provas. Na semana das provas eu simplesmente não fiz nenhuma prova, só fiz a prova de matemática. Eu fiquei com 9,8, eu ensinava o pessoal. Mas era aquela coisa ainda. Hoje como matemático, eu via, voltando no passado, que eu conseguia decorar os algoritmos. Eu lembro que eu fazia gráficos. Isso é mais um papo entre eu e você. Eu já sabia fazer vários gráficos, mas eu não tinha entendimento da tangente. Eu não sabia porque vc derivar e igualar a zero, aí vc estuda a variação do sinal. Vc vê aquele ponto de máximo, de mínimo. Eu não associava nada. Eu sabia derivar qualquer função que vc desse pra mim eu derivava tudo. Podia ser a tangente, da tangente, da tangente de teta. Eu derivava toda essa composta brincando. Pra mim era muito tranquilo. Mas eu não entendia absolutamente nada do que eu tava fazendo. “Ah, vai fazer o limite disso daqui quando está indo pro infinito”. “Então quando está indo para o infinito eu isolo em cima e em baixo, o de maior grau, o que ganhar vai pra lá”. Só hoje eu fui saber o que tinha pra fazer. Eu era um bom algoritmista. Sei lá se existe essa palavra. Mas eu conversei com meu professor, fim de semestre, ele pagou o vestibular, cheguei no M., nenhuma novidade eu não sabia geografia, não sabia nada, matemática eu acertei. Fiz umas 5 ou 6 questões de matemática, fiz mesmo, acertei. “Vc passou”. Mas aquela coisa, eu não passei. Sobraram vagas, 50 vagas, 39 prestaram e 37 passaram. Esses 2 eu tenho certeza que eles não foram fazer prova, porque enfim. Não passaram... Não acredito nisso. Aí mudei. Fui pra lá. Não, minto. Minto. Minto. Lembro que eu fiquei um ano na F., eu não assistia filosofia, não assistia contabilidade. Eu só ia pra assistir aula de matemática. Sem trabalhar e sempre aquela coisa “não mãe, eu vou conseguir emprego”, ela “vc tem que conseguir mesmo porque eu não tenho dinheiro pra te bancar”, mas eu ainda tinha minhas economias. Até que foi levando, foi levando, porque eu entrei no meio do ano no M.. Eu prestei o vestibular lá pra junho, não lembro. Lá pra abril eu consegui um emprego na N.*, de telemarketing. Mas só que era melhor. Porque era receptivo, não tinha que vender nada, o salário é melhor, tinha ticket, tinha a porra toda, não tenho o que reclamar da N., é uma empresa muito boa mesmo pra se trabalhar. Entrei, comecei a conciliar os 2. Foi quando eu comecei a estudar mais e mais ainda. Eu já tinha na cabeça que queria ser professor.

R: Mas na N. eles incentivavam? Ou era uma coisa sua?

E: Na N. com certeza. Pra vc ser supervisor vc tinha que ter ensino superior. Qual? Não importa. N. é outro nível. É outro tipo de funcionário. Outra pegada. Não tinha muita pessoa ignorante lá dentro saca? Era uma coisinha mais corridinha, enfim. Entrei na N., tal, eram 6 horas, eu lembro que eu estudava de manhã e trabalhava a tarde. Era das 4 as 10 se não me engano. E estudava de manhã. Eu pagava minha faculdade, tinha 50% de bolsa. Foi uma época muito foda cara. Teve vários problemas em casa financeiro, meu irmão tretou com a mulher, voltou pra casa desempregado. Essa época a gente não tinha sofá. Puta, tava muito zuada a minha casa cara. Enfim, a gente tava na merda assim. Tanto é que quando eu entrei lá no M. e pedi bolsa e coloquei minha situação, renda per capita, os bens da minha família e tal, eles não acreditaram e foram lá em casa confirmar. Meio que assim “não é possível que esse cara está na merda e tá aqui no M., vamos ver isso aí”. Bateram na minha casa e estava lá meus 3 irmãos, tudo desempregado, meu sobrinho, minha casa, a menina não tinha onde sentar, aí meu irmão pegou um balde pra ela sentar, não tinha nada. Porque, tinha assim, tinha um colchão que era o nosso colchão. A gente pegava o nosso colchão lá do quarto, colocava na sala e assistia televisão. Não iam colocar o colchão pra menina sentar.

Pegar um balde lá. Mas é um balde também muito louco, é da hora. É alto, é da hora. É tipo um banquinho. O balde não foi a toa. A menina começou a anotar “os caras estão na merda mesmo”, inclusive colocou esse meu sobrinho que não estava na época que eu mandei a carta, porque nem ele nem meu irmão estavam em casa. Ou seja, aumentou a quantidade de pessoa, mas a renda é a mesma, então a renda per capita diminui ainda mais. Aí a mulher mandou e falou “dá mais bolsa pra ele”. Mas já não era mais possível, porque eles já tinham dado. Isso foi 2 meses depois. Tá. Entrei lá. Foi onde eu me destaquei mesmo. Já tinha visto muito coisa com meu professor, muito conteúdo e foi aonde que eu era o John Nash, que aí veio, saca, eu comecei a ser referência. “Quem são os caras da sala?” e os caras falavam “o V.” e depois falavam um ou outro lá. Mas aí era o meu nome. Foi o único momento, eu já curtia esse momento na F. em matemática. Tinha o T. que era um japonês extraordinário, hoje está fazendo medicina na USP. É outro contexto né? Ele fazia lá economia, ao mesmo tempo fazia cursinho pra entrar na medicina. Se não me engano no 4º ano de F., lá de economia, ele entrou na medicina e começou a levar os 2, se formou lá e hoje tá terminando aqui a medicina. Mas ele não está aqui no Butantã, ele está em alguma USP próxima, não tão distante não. Enfim. Bom, ele já era um gênio desde o início, ele não aprendeu ali, entende? Ele já tinha bagagem. Eu, digamos, era assim, o fodido. O fodido no sentido mesmo de fodido. Não vem outra palavra. O cara que tá na merda e é um puta esforçado, sabe? Digamos assim. Lá “vamos falar de matemática? Vamos”. Primeiramente era o T., indiscutivelmente, depois já poderiam falar meu nome. Tinha outro moleque que era bom lá. Já poderia me colocar ali. Mas aí meu irmão, no M. foi onde foi o estouro. Foi um momento sensacional. Aí eu virei monitor de Cálculo I, coisa que não era possível.

R: Era remunerado?

E: Não, eles te davam um desconto de 107 reais na sua mensalidade. Então eu pagava 343 e comecei a pagar 200 e pouco, 230 e alguma coisa. Isso num primeiro semestre. Acabou o primeiro semestre. Porque eu fui falar com a coordenadora “quero ser monitor”, ela “do que?”, eu falei “Cálculo I”, ela falou “vc é aluno do que?” eu falei “de matemática” ela “não lembro de vc, que ano que vc entrou aqui?”. Eu falei “entrei agora”. Ela falou “já quer ser monitor?” e ela meio que riu. Essa mulher é aqui do IME, essa maldita. É a D., D. não. Não me recordo o nome dela, ela é aqui do IME, já encontrei ela várias vezes aqui. Ela meio que riu, falou meio que “como que esse moleque chegou hoje e já quer ser monitor?”. Ai eu fui falar com minha professora que me deu Cálculo I “oh professora, fui falar com a coordenadora e ela não deixou eu ser seu monitor não”, e ela falou “não, vc vai ser meu monitor sim. Gostei de vc, se deu bem”, fiquei com 9,8 lá, e “não, vc vai ser meu monitor sim”, eu falei “ah, tudo bem”. Aí começou o próximo ano, aí ela virou pra mim e falou assim “oh, pode ir lá que está tudo certo, eu falei com a coordenadora e vc é meu monitor, não sei o que, vem aqui”, como que é? É porque eu estava passando no corredor e ela me chamou, foi assim, ela me chamou e falou “oh pessoal, esse aqui é o monitor de vcs” e eu não sabia nada. Eu olhei pra ela e ela falou “já falei, tá tudo certo. Pessoal, vamos marcar o horário”, eu falei “beleza”, marquei o horário e tal. Enfim, virei monitor dela, porque a coordenadora falou “quem é monitor aqui é quem tem certa experiência, geralmente pessoal do 2º ano e meio, que já tem 2 anos aqui”. Eu quebrei tudo irmão. Aqui é bandido, ela não sabia que eu era bandido né? (rs) Se ela visse que eu era bandido desde o começo ela ia me colocar. Aí rolou essa negação que foi mais um baguio loco pra mim. Eu falei “puts, estou no caminho mesmo”, foi aonde que eu vi que não queria mais N., eu falei “mano eu não quero isso, eu quero ser professor”. Quanto mais ia uma galera lá tirar dúvida,

que falavam que entendia comigo aí que eu ficava mais louco mesmo, que eu queria sair da N. mesmo e eu comecei a dar mancada na N. porque eles não queriam me mandar embora. Porque eu fazia tudo bonitinho na época. Eu falei “vou fazer tudo legal, eu estou sendo legal com eles e quando eu pedir alguma coisa eles vão ser legal comigo”, mas não é assim que funciona, quando eu cheguei lá pra minha supervisora “supervisora, preciso que a senhora me mande embora”, ela “por que?” e eu falei “não quero isso, estou fazendo matemática, quero ser professor. Não é isso que eu quero, isso aqui não é pra mim”.

R: Vc tinha alguma ideia de Ensino Superior ou educação básica?

E: Ensino Superior, Faculdade sempre. Ela virou pra mim e falou “então pede as contas”, “mas eu não posso pedir as contas” e ela “por que?” e eu “porque eu estou no começo e não vou conseguir arrumar um trampo de professor. Se vc me mandar embora eu vou ter a rescisão e fico um tempo ainda né?”. Mas ela falou “eu não posso fazer isso”, eu falei “é só me mandar embora” e ela “tá, vou te mandar embora por qual motivo? Porque vc é um bom funcionário? Vc bate meta, vc não chega atrasado, vc não dá problema, muito mais que isso, vc incentiva os outros, vc vem na reunião, dá palpite. Eu vou te mandar embora como? Eles vão falar que eu estou louca. É capaz de eles me mandarem embora”, eu falei “supervisora, inventa alguma coisa, eu preciso disso”, porque ela era minha parceira. Mew, ela mudou comigo de uma hora pra outra. Sabe, ela vestiu a camisa da empresa, ela meio que... Sabe uma coisa assim “que cara louco, eu tô na empresa, vcs que se fodam. Vc não quer mais correr comigo, então só lamentos”. Nesse dia irmão, no dia seguinte eu já estava com atestado de tendinite. 7 dias. Acabou. Eu chegava lá com atestado de 7 dias, ficava mais 3 dias, pegava outro de tendinite, pegava outro de dor de cabeça, comecei a dar mancada, esses caras me seguraram 5 meses cara. Eles não mandaram embora. Eu lembro que no M. o fato de eu estudar bastante, não comparado com USP, lá eu pensava que eu estudava bastante, mas não se compara aqui, porque eu trabalhava. E outra, eu tinha um domingo por mês de folga e tinha um sábado de folga, então eu trabalhava todos os dias trabalhava muito tempo, eles falavam “é só 6 horas”, não é só 6 horas, vc tem que ir até o emprego, vc tem que sair de lá, vc tem que pensar no emprego. Então não são só 6 horas, é quase o dia inteiro. Ainda mais quando chegou a época que eu não gostava naquela merda. Ficava na minha cabeça “se eu não estivesse trabalhando nessa porra minha vida seria assim, assado”, enfim. Por mais que eu vivia tudo isso sexta feira é dia de ir pro bar. Nossa, mas eu bebia hein cara? Nessa época do M. eu enchia a cara. Eu chegava no bar meio dia e saía de lá só pra pegar o atestado. Voltava e saía de lá 11:30 da noite e ia parar no Grajaú, ia dormir quase 4:30h da manhã quase todas as sextas feiras. Só se tivesse caído um temporal eu não ia pro bar. O que mais aconteceu? Aí beleza. Foi lá que eu tive o contato da USP. No 2º semestre que eu tava no M. me falaram da USP que tinha uma tal de prova de transferência. Eu falei “mas USP não é pra mim”, os caras “mano, a USP é pra vc, vc só tira dez”. Eu tirava dez, mas nunca fechei com dez. 9,7, 9,8, eu ficava puto. “Sua cara é USP, sai daqui”. E eu “mano, USP não dá velho, porque assim, tem que ler livro pra fazer os banguio”. Falei desse jeito na época. “Não mano, tem prova de transferência”, “mesmo assim cara, não sei geografia, não sei história. Mano não cai geografia, não cai história”, eu falei “opa, o que vc está dizendo aí?”, nisso chegou outro cara que tinha prestado já e não tinha passado e ele “é mano, entra lá no site e digita transferência pra USP, matemática, porque tem umas provas anteriores”. Eu fiquei com aquilo na cabeça, uns 2 meses eu tava em casa a toa na internet e joguei. Falei “mano, vou ver essas provas aí”, mas eu com um puta cagaço, medo. Não sei que

ano que eu peguei. Ah meu irmão, eu sei que eu fiz a 1ª questão, depois a 2ª, fiz a 3ª, fiz a 4ª, sei que das 22 questões eu fiz umas 14, e vc precisava de 9 pra passar pra 2ª fase. Eu tremia cara, cada questão que eu fazia eu tremia, tremia mesmo de não acreditar. “Caraca, é USP maluco? Não é possível”. Mas tinha física, português e inglês. Falei, tá vendo? Não vou passar. Aí eu voltei e falei pros caras “Então, vcs falaram que não tinha nada, que era só matemática. Só matemática nada. Tinha física, matemática, inglês e português”. Os caras “mas eles só cobram matemática, vc só não pode zerar nos outros”. Eu falei “então se eu chutar”, os caras “já era”. Eu falei “mano”, eles falaram “vc tem que acertar tantos por cento”, que era a tal das nove, eles “e outra, se vc passa pra segunda fase é uma prova só de matemática” eu “não é possível, vc não tá falando a matemática”. Eu fiquei louco, comecei a fazer as provas anteriores, comecei a estudar mais ainda do que eu estudava e falei, vou prestar essa porra então, mó boi. Era um monte de questão idiota, derive. A segunda fase não fica na internet, a segunda fase quem faz, quem faz a 1ª fase é a fuvest, a 2ª fase quem fazer é o IME e o IME não divulga. Eles que fazem, eles que corrigem. É tudo dissertativo. Ah meu irmão, só sei que eu falei com meu professor lá da F., porque eu sempre mantenho o contato com ele até hoje, aí já era. Porque a prova de transferência ela é feita em agosto. Então eu me preparei nas férias, mais ainda. Peguei o livro do Guidorizzi e li inteirinho. Não entendia porra nenhuma, mas eu li. Foda-se. Li ele. Eu lembro que faltava 2 dias pra prova eu peguei o caderno de Cálculo I da minha professora do M. e li ele inteiro. Cálculo I e Cálculo II e se eu não tivesse lido eles eu não passava cara. Porque como eles falavam USP, USP, USP, teoria, os caras são foda, comecei a ler teoria. Por isso que eu peguei o Guidorizzi. Mas no M. é só calcule. Derivava até a minha mãe. Aí foi isso parceiro. Pra segunda fase a mesma coisa. Caíram umas questões teóricas, eu lembro que caiu uma questão que era mostrar que a derivada de seno era cosseno e quem me ensinou isso foi o cara lá da F..

R: Por limite?

E: Aquele limite fundamental. Mas pra vc desenvolver aquilo vc tinha que...

R: Somar e subtrair alguma coisa.

E: Então, eu não sabia dessa prova. Mas tinha a prova do P., como vc tem a soma de 2 senos, te, o seno, mais o seno de não sei o quê e vc tem o P. que transforma isso num produto, depois vc cancela. Eu arrebentei nessa prova, porque eu meti um lembrete, demonstrei o P. inteirinho, eu não sabia o que estava acontecendo, porque eu tinha decorado tudo. Eu tinha esse dom de decorar, aquilo que a gente já comentou, o algoritmo. Papapa. Qualquer um que visse aquilo ia pensar que eu era foda né cara? Foi o que os caras da USP pensou. O cara é bom. Eu era bom de fazer cálculo, teoria ainda não. Aí foi onde eu vim pra cá cara. Mas aí o problema era que o seguinte. Aliás, antes disso, aí quando vc fica um ano no M. vc tem que renovar a sua bolsa e quando eu renovei eles viram, eu apresentei minhas notas, que eu fui monitor de Cálculo I, já estava com nome pra ser monitor de Cálculo II e já tinha aqueles problemas que a mulher tinha colocado, que é a questão financeira e que que o M. fez? Me deu 100% de bolsa, mas eu já tinha a resposta aqui da USP. Eu falei “ah irmão, lamento né? USP é outro nível”. Aí um problema que eu vivia no M. é que lá, como eu já estava querendo dar aula pra faculdade lá tinha o curso de licenciatura e o bacharelado. Porém, o curso lá era, como é que eu posso dizer. Tá muito grande essa história? Quer que...

R: Não, à vontade.

E: Tá. Porque lá assim: se você fosse fazer o bacharelado lá você tinha que fazer a licenciatura, 3 anos, aí vc cursava mais 1 ano e vc tirava o título de bacharel. Então as disciplinas eram as mesmas. Até o 3º ano, digamos assim. Pra ser bacharel vc fazia o cálculo I e II junto com o cara da licenciatura, no cálculo V o cara da licenciatura não tá mais na jogada. Na USP é tudo diferenciado. Quando eu vi que o curso aqui de bacharelado era tudo separadinho eu falei “puts, é minha vida. Tudo certo, vou fazer bacharelado”. Mas aí chegando aqui é um inferno cara. Porque a diferença é absurda. E eu pensava que era que nem lá, a gente ia fazer as mesmas coisas. Pelo menos o nível eu pensei que ia ser o mesmo, só iam ser turmas diferentes. Mas aí chegando aqui o nível era muito diferente. O curso de bacharelado foi uma frustração tremenda. Eu pensava que eu estudava muito no M., eu pensava que estudava bastante lá na F., mas aquilo lá era apenas diversão comparado com aqui cara. Uma que aqui eu não trabalhava e eu ficava o dia inteiro estudando. O dia inteiro, madrugadas e madrugadas. Eu comecei a tomar café aqui porque até então eu não gostava de café, porque café é uma coisa barata que te deixa acordado. De fato isso funciona comigo. Se é psicológico ou não eu não sei. Mas agora, nesse momento da entrevista, que deve ser umas 8:30, se eu tomar café agora eu não vou dormir meia noite, que eu estou acostumado a dormir. Eu vou dormir uma e pouco da manhã. Enfim. Você quer que vai até onde?

R: Bom, você mudou para a licenciatura. Viu que não era pra vc o bacharelado.

E: Fui pra licenciatura. Peguei várias equivalências e como eu já tinha, por mais que era muito difícil no bacharelado, eu não peguei nenhuma DP, mas também me dediquei 100%. Então eu já tinha essa pegada de teoria, de estudar bastante. Aí quando eu entrei na licenciatura eu já entrei com a cabeça do tipo assim “aqui é mais fácil”. Então eu comecei a pegar várias matérias, pegava 7 matérias, 9 matérias. Não que era fácil. A quantidade de tempo que eu estudava no bacharelado é a mesma que eu estudei na licenciatura. Mas só que na licenciatura eu fazia umas 7 matérias ao invés de fazer 3 ou 4 no bacharelado. Além de fazer essas 7 matérias eu tinha boas notas. Que era meio que um incentivo.

R: Na USP era só os estudos ou veio alguma coisa com a USP? Vem amizade? Te propiciou algum emprego depois que começou a fazer a faculdade?

E: Não, as amizades muito pelo contrário. Eu curtia o ambiente do M., nessa coisa da questão social. O M. pra mim foi o melhor ambiente do planeta. Eu curtia as pessoas lá demais e curto até hoje, aqui na USP não. Aqui já não gostei da galera aqui, é diferente, não me enturmei. Enfim, não curti.

R: Mas te propiciou alguma coisa esse ambiente da USP? Consegue pensar em um emprego?

E: Digamos que... O emprego sim, porque essas 3 letrinhas tem uma influência muito grande pelo menos na minha área de matemática. Aliás, na minha área de matemática vinculada ao ensino. Apesar de que se tratando na matemática influencia, tem uma influência muito grande em banco. Eu tenho muitos amigos aí. E já teve uma situação que eu liguei pra uma pessoa, foi no colégio E., eu liguei pro coordenador, eu queria fazer uma prova pra ser plantonista e ele falou que não tinha vaga, pra eu deixar um currículo lá, minto, ele não falou que não tinha vaga, ele falou que o esquema era assim: tinha que deixar o currículo lá. Mas eu não tinha mencionado que era daqui, que

eu queria fazer a prova e era estudante de matemática. No desenrolar da conversa eu falei que eu era daqui. Nessa que eu falei que eu era daqui ele meio que arrumou um tempo pra eu fazer a prova. Então facilitou algumas coisas. Mas na questão de amizades.

R: Não, não só amizade. Alguma coisa.

E: Aí o que posso dizer? Eu me tornei o gênio da turma, da minha família, dos meus amigos. Aí foi o fim. Assim, é o gênio. Isso começou a me irritar porque, vamos supor, eu estou numa festa de um amigo meu do Grajaú que eu já conheço a muitos anos, chega um amigo dele, não sei da onde, do trabalho, enfim, aí ele vai, me apresenta pro cara e já logo solta “esse aqui é o J. e faz matemática na USP”, ou seja, no começo era interessante, entende? Eu queria essa coisa, eu queria esse status, não é a toa que eu larguei o M. e vim pra cá, um dos grandes motivos. O fato de eu poder morar aqui também, no CRUSP. Mas chegou uma hora que começou a irritar entende? Porque vc meio que parece que é aquele cara legal porque vc tá aqui sabe? Não é porque vc é vc. É porque vc tá na USP. Inclusive até recentemente eu falei com eles “ó gente, se quiserem me apresentar, me apresenta pelo nome. Se rolar na conversa, se perguntarem o que eu faço, deixo de fazer, beleza. Não estou pedindo pra vcs mentirem, mas não sai falando, esse cara é foda, é legal, porque estuda na porra da USP”. Eu não falo que eu estudo na USP por aí. Primeira coisa que os caras perguntam em relação ao que eu faço eu falo “sou estudante de matemática”, “Mas onde vc faz matemática?”, eu falo “no IME”, acabou, se rolar mais uma pergunta onde fica o IME aí eu lanço que é USP. Porque é muito doido assim. Vc fala que faz USP, em qualquer ambiente, parece que vc é um alienígena, a galera já muda o tom de voz com vc. Eles já querem mostrar que são inteligente, ou querem falar sério, querem colocar um papo meio cabeça num ambiente que não rola. Eu tô num boteco enchendo a cara, o cara fica sabendo que eu sou da USP ele quer falar de política comigo. Eu quero que se lasque política naquele momento, entende? Mas essas letrinhas ajudam e ao mesmo tempo atrapalham algumas coisas. Mas enfim.

R: Bom. Hoje você está em qual momento da faculdade?

E: Bom, já terminei todas as matérias. Só falta entregar umas malditas horas AACCs que não prestam pra nada, diga-se de passagem, mas enfim, eles acham que é importante pra segurar o aluno. Enfim. Só falta entregar essas horas, tal.

R: Você tem alguma associação do que vc faz na escola com a universidade? Vc vê como uma continuação? Algo pra vc é uma coisa a escola, outra a universidade? Não tem vínculo nenhum? Como é isso?

E: Não. Não consigo correlacionar. Porque hoje eu sei a importância da escola. Quero ser professor, quer dizer, é uma das pretensões minha, não é única. Sei da importância. Sei da base que você tem que ter pra fazer um bom curso. Mas o momento que eu vivi com o ensino no colégio e aqui são duas coisas nada a vê, porque lá eu tinha uma outra cabeça, lá pra mim eu não... Apesar de que todo mundo fala isso “ah, no colégio eu tinha outra cabeça”. O que eu estou me referindo é o seguinte, pra mim a escola não era um lugar de se aprender, eu não ia lá pra aprender, eu não tinha essa vontade. A primeira coisa que tinha na minha cabeça de colégio era obrigação. Tão somente. Quando eu entrei na faculdade ainda tinha esse pensamento de obrigação pra eu me dar bem no mercado de trabalho. Eu entrei com uns pensamentos, era esse. Depois, lá dentro que eu percebi que foi aquela coisa que eu contei do livro, que eu

conseguia entender, aí falei “puta, eu quero aprender”. Aí foi quando eu comecei a viver meu outro momento que foi a universidade.

R: Você arrumou algum emprego? Você trabalha hoje? Você falou que é plantonista. Eu queria saber também, porque uma das suas pretensões é ser professor, mas você pretende dar aula em escola? Então conta um pouquinho assim. Já está terminando a faculdade e o que vai ser depois que acabar faculdade? Foi uma etapa que você já está passando. Vai ter uma nova transição na sua vida.

E: Tá, vamos lá. No início a minha vontade era ser professor universitário. Quando eu vim pra cá, e pra vc ser universitário o interesse maior deles é que você faça um bacharelado na sequência o mestrado. Eles não tem muita preferência por vc fazer licenciatura. Se vc tiver bem, mas enfim. Aí como eu disse, eu vim pra cá fazer o bacharelado com esse pensamento, mas eu fui pra licenciatura. Aí mudou tudo. Nessa que eu fui pra licenciatura eu falei “bom, agora eu vou fazer o que? Eu não quero mais essa vida acadêmica, essa loucura. Não quero fazer mestrado, não quero essa coisa muito puxada, eu quero aprender, mas no meu ritmo. Foi quando eu fui pra licenciatura, ainda tinha aquela vontade de ser professor, mas dar aula pro colégio ou pro cursinho”. Mais pro cursinho. Em nenhum momento eu pensei em dar aula pro estado, pra prefeitura. Isso nunca passou pela minha cabeça e não passa até agora. Tudo bem. Fazendo esse curso, só que nesse caminho, nesse intervalo vieram várias oportunidades, várias oportunidades não, vários pensamentos. Bom, será que eu quero dar aula mesmo? Tem o Banco Central, já pensei várias vezes em estudar pro Banco Central, trabalhar em banco, instituição financeira, ser corretor e também professor. Eu vivi isso durante os últimos 2 anos. Eu vivi isso, quase todo dia, sempre que eu pensava no futuro vinha todos esse pensamento na minha cabeça, constante.

R: Você pensou em algum momento em desistir da faculdade?

E: Quando eu saí do bacharelado eu pensei nisso. Tanto é que eu fiquei 1 semestre sem fazer nada. O semestre seguinte eu fiz uma matéria nas cochás. Já queria, já estava quase que decidido que ia largar tudo e voltar minha vida de telemarketing, sem preocupar, sem previsão, sem nada. Aí foi onde eu comecei a fazer as contas “pô, se eu for pra licenciatura quanto tempo eu vou terminar?”, comecei a fazer as contas e pensei “dá pra terminar num tempo razoável”. Isso foi um incentivo. Foi uma motivação. Aí daí em diante na hora que eu decidi eu falei “vou fazer isso, agora eu só saio daqui quando eu terminar” e foi. Vim trazendo, sofrendo pra caramba, vários problemas no intervalo. Mas aí rolou. Hoje ainda eu não sei dizer pra você que eu não te falo com segurança eu quero ser professor do cursinho ou do colégio particular. Eu ainda tenho uma pequena vontade de trabalhar no banco. Que eu ainda não consegui largar essa coisa do status. Tem essa coisa dentro de mim, do status, de se vestir bem.

R: Vc acha que o banco te traria um status que ser professor não te traria?

E: Certeza. Certeza. Eu acho que é um senso, qualquer pessoa percebe isso. Não precisa ser uma pessoa estudada pra vc sacar que um bancário tem um status muito maior do que ser professor.

R: Quando vc fala status não é envolvendo a questão financeira? É mais a valorização mesmo?

E: Olha, se vc for analisar, hoje eu tenho informações de salário de professores, tal, numa escola particular comparado com um bancário o professor ainda

ganha razoavelmente bem. Mas só que um bancário, vc tem uma pequena possibilidade de destruir financeiramente. Sei lá. Se vc entra no mercado financeiro em que receba bônus vc pode ganhar um dinheiro violento aí. Sei lá, vc recebe 3-4 mil reais por mês, mas chega no final do ano e cai 150 mil na sua conta. Isso não é muito difícil de vc encontrar. Conheço pessoas assim, nem são geniais, rola muito disso. Aí eu fico, sem contar os benefícios do banco, que são fantásticos. Agora vc não consegue esperar isso de um professor. Vc nunca vai estourar. O professor ganha muito bem hoje, muito bem sei lá, ele recebe 7 mil reais, 8 mil, mas ele tem que estar no auge. Pra vc estar no auge desse bancário vc vai ganhar muito mais, vc não vai ganhar só 7 mil. Se vc pegar os bônus e dividir por mês, vc vai ganhar certa de 15-20 mil reais. Então é isso. Tem essa questão financeira, de grana que fica me chamando pra ir pro banco.

R: Então, hoje você é plantonista.

E: Tá, vamos lá. Mas o que acontece? Enquanto eu fico pensando o que que eu vou fazer eu fico dando plantão que é uma coisa que eu penso que vai, uma coisa que eu não estou perdendo. Se algum dia eu for pro banco o plantão vai me ajudar de alguma maneira. Por que? Porque eu estou resolvendo problemas o tempo todo. Eu estou sentado vem um problema de um tema, o aluno vai embora e vem outro tema. Eu estou com pressão o tempo todo. O tempo todo o aluno está ali fazendo caras e bocas porque vc não está ajudando ele logo e isso o banco exige. Essa pressão. Então não estou perdendo. Estou ganhando experiência. Ainda não decidi. Mas ainda eu sinto que falta alguma coisa. Algum conhecimento dentro de mim e eu pra tapar isso vou fazer o cursinho no ano que vem. Ai depois que eu fizer essa cursinho eu vou ter que tomar uma decisão. Ou eu vou pro banco ou eu vou ser professor e ponto final. Acabou o plantão, acabou tudo. E é isso.

R: Então assim. Você tem alguma expectativa de fazer uma pós graduação? Continuar estudando depois que vc se formar mesmo?

E: Supondo que eu vá pra Educação, que eu vá dar aula, eu tenho pretensão de fazer a pós graduação no IME no novo curso do mestrado profissionalizante que eles inventaram aí. Do contrário, se não tivesse esse curso eu não iria fazer o mestrado na matemática, não tenho essa vontade de ficar estudando aquelas coisas. Esse curso pelo que eu dei uma olhada na ementa tem tudo a ver com o professor do ensino médio. Parece que ser algo bizarro porque o IME e o ensino médio são coisas distintas. Esse curso de licenciatura no meu ver não é um curso que prepara professores, isso aí é ilusão. É um curso de matemática menos difícil do que o do bacharelado. Não prepara pra ser professor. É um hipocrisia tão grande que as vezes quando você vai pra Faculdade de Educação eles mandam vc fazer estágio numa escola pública, sendo que a maioria dos alunos aqui não vão pra escola pública e a maioria dos professores nem sequer pisaram numa escola pública e ficam falando de teoria o tempo todo. Bom, enfim. É o meu ponto de vista. Há pessoas que discordam disso, enfim, são opiniões.

R: A gente já está finalizando, mas se vc for pro banco, não pensa em fazer uma pós graduação em economia? Talvez na FEA?

E: No banco cara. Aí seria o caso dos MBAs da vida que dispensam esse tipo de... Eu acredito que pra um banco, uma instituição, é mais interessante que o seu funcionário tenha uma pós graduação do que um MBA. Mas na minha situação, por eu já ser formado em matemática acho que um MBA já...

R: E por satisfação pessoal? Você gosta de estudar? Vc não gosta mais de estudar? Vc tem curiosidade de ir, conhecer alguma outra área? Acha que chegou no seu limite?

E: Não, eu tenho, eu ainda acho que vou estudar alguma coisa. Pode ser que eu mude tudo. Eu tenho uma vontade que eu não mencionei ainda, que é de fazer um curso na área de humanas. Pode ser que se de fato eu vá pra educação eu não faça o mestrado em matemática, mas um curso na área de humanas, psicologia ou filosofia. Porque eu vou dar aula numa escola, num colégio, num cursinho, que seja, mas eu não vou viver só disso. Eu tenho uma pretensão de dar aula particular. Eu acredito que o curso de filosofia tanto quanto psicologia vai fazer com que eu me dê melhor com os alunos nessa questão de aula particular. Eu ia fazer uma abordagem diferenciada com o aluno. Não ia ficar preso ao conteúdo. Eu ia ver, sei lá, traumas. Tem alunos que as vezes eu vou dar aula e a primeira coisa que me fala é “tenho trauma com matemática. Matemática não é pra mim”. Acho que a psicologia de alguma maneira vai fazer com que eu ajude esse aluno a não ter medo mais de matemática, enfrentar matemática. Hoje não faço ideia de como fazer isso. Até tenho. Vou apelar para o conteúdo e para a minha didática. Mas eu acredito que vou atingir alguma quantidade de alunos, mas acho que se eu fizesse psicologia eu atenderia a maioria dos alunos, senão todos.

R: Eu vejo que praticamente acabou a entrevista. Pra contextualizar como eu tinha te falado no início da entrevista que eu queria percorrer toda essa sua trajetória escolar, antes de vc entrar na escola, depois que vc entrou na escola, até onde que vc chegou. Então depois de a gente fazer todo esse percurso ao longo da sua vida vc consegue ter alguma, não sei se vc já tinha parado pra pensar em todas essas etapas linearmente, que vc passou, a escola, o ensino fundamental I, o fundamental II, o médio, a faculdade, pra onde vc quer ir, vc já tinha parado pra pensar em toda essa trajetória?

E: Sim. Várias vezes. Principalmente no dia que eu fiquei sabendo que eu fechei a última matéria aqui. Eu penso mais essa questão de onde eu vim, assim, entende?

R: Então, de onde vc veio e onde vc conseguiu chegar. Porque a partir da sua trajetória mesmo vc vem da periferia e chegou na USP, se formou na USP que é a melhor universidade do país.

E: Certo. Então. Se eu tivesse isso na minha cabeça desde sempre cara. Eu eliminaria várias depressões, vários problemas internos que eu tive. Porque quando eu entrei aqui é inevitável vc não se comparar com os seus colegas. Até do ponto de vista financeiro, mas mais acadêmico. Mais questão de conhecimento mesmo. É como eu disse, se eu tivesse esse pensamento de onde eu vim, de onde eu vim e chegar aonde eu cheguei, já é algo muito maravilhoso, já é algo muito bom. Porque muitas pessoas que estão aqui já teve uma condição social que foi favorável, que era previsível o cara estar aqui hoje. “Ah, o cara está lá”, tudo bem, parabéns, você é bom, mas é previsível. Eu não tinha previsão alguma de estar aqui. Eu nem sabia o que era a USP, eu com 20, 22 anos eu fui saber que vc tinha que ler livro pra estar aqui dentro. A ignorância era tremenda e eu vou me formar com um cara que teve uma condição toda favorável, lê livro. Eu com 12 anos, não sei se te contei, eu vivi uma situação em que um colega meu do andar de cima mostrou uma arma pra mim e um bolo de dinheiro. Eu fiquei louco, meu olho brilhava cara. Ele tirou 2 notas, me deu pra comprar bala, nem lembro. Eu lembro que era cruzeiro, cruzado, uma dessas moedas, não era nem real. Acho que era isso mesmo, 12 ou 11 anos. Eu fiquei fissurado, eu queria pegar na arma, queria fazer o

que ele fez pra conseguir aquilo, queria dar tiro. Ele falou “não, espera que sua hora vai chegar”, eu falei “quando?” e ele “daqui uns 2 anos sua hora vai chegar”. Sabe? É nesse ambiente, foi daí que eu saí sabe? Nessa mesma época eu perdi um colega meu com vários tiros. O moleque morreu com 12 anos com uma porrada de tiros porque ele vendia cocaína, cheirava cocaína. Enfim. Já me ofereceram cocaína nessa época. Já me ofereceram maconha nessa época. Cigarro eu traguei acho que com 13-14 anos. Então é um ambiente muito favorável ao crime mesmo. Vc dizer não a toda essa coisa que vc nasceu é muito forte cara. Se eu tivesse essa consciência desde o início, nossa, acho que minha vida seria outra aqui. Viveria muito mais tranquilo, não ficaria pagando sapo pra esses caras.

R: Vc acha que pra vc sair da onde vc saiu, todo esse contexto, a escola teve alguma participação? Te ajudou de alguma maneira? Teve alguma contribuição pra sua vida hoje? Seja ela qual for, contribuiu pra alguma coisa?

E: Puta cara, eu tenho que falar que sim porque eu passei sei lá, quantos anos a gente passa?

R: uns 14 anos.

E: Alguma contribuição eu tive, não é possível que não. Mas eu não consigo pontuar, dizer “foi assim, foi assado, tive essa experiência, tive aquela”. Porque O meu lance de falar “eu gosto de estudar, eu gosto de aprender, é possível aprender” foi na faculdade. Eu peguei o maldito livro que eu vou comprar ainda e vou bordar ele a ouro.

R: Um livro de ensino médio.

E: Um livro de ensino médio.

R: Agora uma pergunta chave que na verdade é o cerne dessa pesquisa que estou fazendo. Queria que em poucas palavras, independente de ter ou não contribuições pontuais, o sentido que a escola teve na sua vida antes de vc entrar na escola, se ela teve algum sentido, o que ela significava, depois quando vc estava lá dentro e depois q vc saiu, hoje. Qual é o sentido da escola? É um lugar que vc vai voltar? Vc vai constituir uma família, vc acha importante? Então qual é o sentido antes de vc entrar na escola, o sentido durante, com a cabeça q vc tem hoje, ou então o que viveu mesmo, e depois? Então seria o antes, o durante e o depois da escola.

E: Antes da escola cara, com 5 anos...

R: Antes de vc entrar.

E: Antes de eu entrar na escola... Calma aí, deixa eu ver se eu entendi a questão. Vc tá perguntando o que eu senti lá quando eu tinha 5 anos de idade, não como que eu vejo hoje a escola.

R: Vc pode falar os 2.

E: (rs) Tá. Vou tentar lembrar cara. Eu lembro, deixa eu ver,

R: Não precisa ser tão grande, é só o que vem na sua cabeça. Se não vier nada também...

E: Bom, eu acho que... Puts cara. Pode ser que o prézinho foi algo interessante porque era brincadeira mesmo. Era encontrar os amiguinhos. Mas só que o colégio, olha sinceramente sempre teve essa coisa obrigada. Eu teimo nessa palavra. É uma obrigação de estar lá.

R: E depois que você saiu?

E: E depois é um arrependimento. Quer dizer, não é um arrependimento. Mas é aquela coisa “se eu voltasse no tempo eu ia levar mais a sério a escola”.

R: E hoje? O que é a escola hoje pra vc?

E: O que a escola é hoje pra mim? Ela é fundamental pra vc viver depressões na faculdade. Não cara, ela tem sua importância. Pergunta difícil pra caralho. Qual é a importância hoje do colégio?

R: Pra você. Não estou falando o que ela representa pra sociedade. Estou falando pra você.

E: Uma coisa interessante é autonomia, de leitura. Como é que eu posso dizer? Suponha que eu tivesse uma boa bagagem, se eu levasse a sério história, geografia, química, português, física, escrevesse. Hoje eu teria uma visão muito maior do mundo, saca? Hoje eu iria assistir e teria um entendimento muito maior dela. Hoje eu ia ler um jornal, por exemplo, e eia ter um entendimento muito maior. Eu sinto falta disso, tanto é que eu vou fazer cursinho. Eu acredito que quanto mais coisas você saber, quanto mais livros pro teu conhecimento você vai entender muito mais qualquer outra coisa. Sei lá, você vai ter mais ponto de vista, opinião. Hoje eu sou uma pessoa sem opinião. Não sei se vc reparou, mas em toda a entrevista que vc fez uma pergunta que solicitasse a minha opinião eu tinha que pensar muito e muitas vezes não saía nada. Eu acredito que toda essa falta de estudo que a escola dá. Dá assim, aspas né.

R: Talvez eu que formulei mal a pergunta, ou vc não entendeu. Hoje, vc com 30 anos, vc passa na frente da escola, vc olha pra escola e o que ela representa pra vc hoje? Vc tendo seus 30 anos. Tendo se formado. O que a escola representa, não o que ela poderia ter contribuído. Se é que ela tem algum sentido. Ficou mais clara a questão?

E: Ficou, mas mesmo assim eu não sei cara. Eu passo hoje na escola. Não sei.

R: É um vazio? É uma lacuna?

E: Sei lá. Eu acho mó barato. Acho “puta, que legal”, “puta, já passei por aqui”. Eu fico pensando “acho que as pessoas não querem nada com nada. As crianças querem que se lasque, igual eu pensava na época”. Não sei, não me vem muita coisa assim. Sei lá. Não sei te dizer.

R: Tudo bem. Teve alguma contribuição pra você essa entrevista? Você lembrar alguns fatos?

E: Foi legal cara. Tem coisas que eu contei que eu não contei pra ninguém. Foi legal desabafar algumas coisas.

R: Porque como ela é pra uma pesquisa eu posso te dar e se você quiser omitir alguma coisa. Porque assim, como você não contou pra ninguém eu vou transcrever toda a entrevista. Se você se sentir mais a vontade eu posso te devolver, depois de transcrita, você apagar o que você quiser, como se fosse alguma formação.

E: Ah, legal. Eu gostaria da transcrição.

R: Inclusive, pra você excluir o que você quiser.

E: Não, tudo bem. Até então eu não quero que exclua nada. Eu não pensei em uma possível consequência. Pode ser que quando eu for ler a sua transcrição, pode ser que eu fale, não isso aqui...

R: Olha, todos os nomes serão alterados para garantir sigilo, mas alguma coisa que você não quiser, a gente combina assim, eu te devolvo o material transcrito e você pode excluir o que você quiser.

E: Fechado.

R: Bom, foi legal. Foi importante, não só pra pesquisa, mas contribuiu também pra eu refletir sobre esse caso particular. Toda sua história, eu tenho certeza que também vai contribuir pra pesquisa e pra todos que tiverem contato com isso. Eu acredito que talvez não agora, mas talvez depois de você, tendo feito todo esse exercício de trajetória, vai contribuir também pra vc. Isso eu não tenho duvida. Talvez agora não porque está muito recente, mas futuramente vai te trazer algumas contribuições. Tá bom? Obrigado. Se eu precisar também, se faltar alguma coisa eu posso entrar contigo novamente?

E: Fechado.

R: Brigadão então. A gente está terminando.

Apêndice D – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Eduardo

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Bom, eu sou o Renan Marcel Barros dos Santos e eu vou realizar uma entrevista pra minha pesquisa de Mestrado que eu estou realizando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Essa entrevista ela consiste em trabalhar a partir de biografias que são histórias de vida, ver como que a escola contribuiu para sua vida em diferentes fases dela. Então antes de você entrar na escola eu vou querer saber o que você pensava da escola, se você tinha vontade, qual foi a escolarização dos seus pais, por exemplo. Aí durante a escola questões de amizade, a relação com o conhecimento, os professores marcantes e outras questões também. E depois que você saiu da escola, como que ela te ajudou a entrar numa universidade, no mercado de trabalho e questões assim. Durante a nossa conversa eu vou guiando, mas vai ser mais ou menos isso então. Tudo bem?

E: Tudo tranquilo, tudo bem.

R: Então, não precisa me falar o seu nome porque como os dados serão divulgados então a gente vai mandar o sigilo mesmo. Mas me conta assim, conta quando você nasceu, onde você nasceu, fala um pouco da sua família, seus pais, de que década eles são, a escolaridade deles.

E: Eu sou de 1987, daqui de São Paulo mesmo, nasci na Vila Mariana, mas sempre morei na zona oeste. Minha mãe é da década de 50, meu pai da década de 40, ou não? É isso. Não. Meu pai é da década de 50 e minha mãe da década de 60. Eu tenho uma irmã mais velha, um irmão mais velho. Meu irmão é 8 anos mais velho do que eu, minha irmã é 5 mais velha do que eu. Ela mora ainda com meus pais, meu irmão não mora, ele se mudou quando tinha 28 anos mais ou menos e eu me mudei recentemente de casa, também. Aí só minha irmã mora com meus pais.

R: Certo. Você sabe me falar qual é a escolarização dos seus pais? Até que grau eles têm?

E: Minha mãe fez o ensino superior numa universidade púb... Particular aliás. Ela fez matemática. Meu pai foi até o 3º colegial só, ele não chegou a fazer ensino médio, é... ensino superior. Só isso.

R: A profissão dos seus pais?

E: Os dois estão aposentado agora. Minha mãe foi bancária, meu pai foi bancário uma época e chegou a ter o próprio negócio.

R: Certo. Então, assim... Você é o caçula certo... Quando você era pequeno lembra de alguma relação com a escola? Porque seus irmãos provavelmente já iam pra escola. Você lembra se tinha alguma vontade de ir pra escola, se você brincava de escolinha com seus irmãos, com os amigos?

E: Olha, a escola antes de eu entrar mesmo eu não lembro muito bem. Porque eu sempre fui, eu sempre fui assim né? Desde que eu me conheço por gente eu

ia pra escola. Desde o jardim, pré. Então desde que eu me lembro pequenininho eu sempre ia pra escola. Eu ficava o dia inteiro né? Porque meus pais trabalhavam. Então até que tinha uma relação boa. Ficava bastante tempo na escola, na creche né? Sei lá se era uma escola ou creche. Ficava de manhã, brincava, comia, almoçava lá, tirava um cochilo e lembro que a tarde tinha aula. Isso quando eu era pequenininho. Aí voltava pra casa só a noite. Aí quando eu entrei lá pra 1ª série eu comecei a estudar só num período mesmo e o resto do tempo eu passava em casa. Eu sempre me lembro da escola assim na minha vida, desde pequenininho.

R: Então você se conhece por gente a partir da escola. Antes disso você não tem grandes lembranças?

E: Não lembro mesmo (rs). Lembro desde que eu entrei na escola. Até lembro assim, vai, de momento quando eu era pequeno na rua, mas eu já estudava na época, pelo que eu me lembre assim eu só saía de final de semana ou fim de tarde quando eu já tinha uma certa idade mais ou menos.

R: Então a gente já começa ver que a escola foi um marco na sua vida né? Você lembra com quantos anos você ingressou? Por mais que tenha sido na creche.

E: Deve ter sido coisa de quatro anos, talvez menos, assim, não tenho certeza. Mas assim, coisa que eu começo a lembrar alguma coisinha, amiguinho, são quatro ou cinco anos. Que eu lembro de ter visto foto é por aí mesmo, tinha um quatro ou cinco anos. Aí é onde eu me lembro de amigos, na escola, tinha os coleguinhas, tem umas fotos. Antes disso eu não me recordo.

R: Tudo bem, tranquilo. Assim. Seus irmãos, tanto sua irmã quanto seu irmão, eles já estudavam. Quando você entrou na escola você entrou na mesma escola que eles? Eles estudavam numa escola pública, particular? E você, como que foi isso?

E: Eu não estudava com eles. Eles estudavam, porque eu entrei e era novinho né? Mas eles já estudavam numa escola que tinha as séries deles. Eu acho que eu devia ter, sei lá, quatro anos e meu irmão mais velho tinha doze, estava na 6ª série, minha irmã tinha nove e estava na 3ª. Eles estavam na escola que eu fui estudar depois, porque acho que nessa fase, que eu era muito novinho, não tinha. Mas depois minha mãe quis me colocar nessa escola. Porque também acho que era um pouco mais cada né? Os três estudaram em particular, mas acho que nessa época minha mãe preferiu deixar numa escolinha que tivesse mais cuidado com criança e depois só eu fui ingressar na mesma escola que eles.

R: É... você sabe me dizer porque sua mãe, seus pais, preferiram colocar vocês em uma escola particular?

E: A minha mãe, acho que ela sempre, apesar de ela ter estudado em escola pública, mas no interior, então acho que ela tinha aquela visão, que talvez não seja tão errada, talvez, depende muito da escola, mas que era mais seguro né? Então ela sempre preferiu colocar a gente numa escola particular. Nunca passou por colocar em escola pública. Mesmo quando eu fiquei um pouco mais velho, eu lembro de amigos que foram estudar em escola pública, mas, eu cheguei a perguntar pra minha mãe, pra ela assim era uma coisa que passava longe. Ela queria mesmo em particular, não sei. Acreditava que era melhor, acreditava que talvez fosse mais seguro. Minha mãe é japonesa, é bem conservadora assim. Então ela ficava em o que é melhor pra gente, uma particular.

R: Entendi. Bom, vamos falar agora do ingresso. Você assim, é... o que representou esse ingresso? Se era um distanciamento da família, ou se era de certa forma uma liberdade que você tinha, você gostava no começo de ir pra escola? Nas séries iniciais mesmo. Como que era a relação com as professoras? Era uma relação mais de afeto? De cuidado?

E: Ah, eu acho que desde pequeno, eu não sei, pensando assim eu gostava até. Eu sempre, até, vai, a 1ª e 2ª série eu era meio que ficava bastante distante dos meus pais. Então foi uma coisa meio assim, acho que, talvez por isso eu não seja tão próximo deles quanto muitas crianças são. Começou o ingresso já na escola mudou bastante coisa. Porque como eles ficavam o dia inteiro fora já ficavam separados, distantes. Só que na época assim, não fazia falta, porque eu era pequeno, acho que me adaptei rápido, a professora tinha uma relação bem carinhosa, eu era pequenininho, tratavam bem. Lembro que no pré eu dancei como uma professora na festa junina. Uma coisa bem tosca assim. Até a 1ª, 2ª série eu tinha uma relação assim. Na 2ª, 3ª começou a quebrar um pouco isso. Acaba assim um pouquinho mais, mais aluno mesmo e não tão próximo, aquela coisa de tia com a criança. Mas quando eu era novinho eu lembro que era bem, tinha um certo afeto assim, vamos dizer. E eu era, foi, mudou bastante coisa. Porque eu passei ser uma... muito mais distante com meus pais. Acho que isso, não sei, olhando para o meu passado, agora que você comentou eu posso ver assim em todo estágio eu fui um pouco separado. Como eles trabalhavam o dia inteiro já ficavam distante. Como teve muito essa fase desde de pequeno foi uma coisa que eu cresci desse jeito e, não sei, nunca senti falta no começo. Quando, assim, eu percebi que eu era muito, talvez menos afetuoso com meus pais do que as outras crianças.

R: Bom, isso, pelo que você tá falando, ainda não tinha se dado conta? Ou já tinha...

E: Não. Agora que eu parei pra pensar que... Eu sempre notei que eu tinha essa distância, mas retornando assim você vê que... Eu nunca olhei assim para o meu pré, foi uma época que passou rápido e a gente não fica muito pensando, mesmo quando vê foto, essas coisas. Mas retornando assim pra contar eu acho que eu enxergo que desde pequeno eu fiquei distante. Então talvez isso seja algo que tenha feito eu crescer um pouco diferente nessa parte em relação com os pais.

R: Certo. Bom, ainda quando criança você tinha bastante amigos? Fora da escola, dentro da escola?

E: Eu acho que eu sempre fui bastante reservado, mas sempre tive uns amiguinhos assim. Mas eu quando era pequeno sempre fui bastante brincalhão, vai, até 1ª série. Da 2ª até em diante eu acho que comecei a ficar mais tímido. Porque criança, sei lá, não sei, as coisas acontecem naturalmente. Talvez eu nem reconheça que eu era tímido ou não. Eu já tinha muita vergonha de algumas coisas, eu já não tomava, não gostava de outras. Sei lá, nessa dança que eu fui com a professora é porque eu não queria dançar com uma menina que eu não gostava. Então eu acho que talvez eu já fosse meio separado, mas não me dava conta. Da 2ª série em diante eu vejo que eu era muito mais reservado. Assim, eu tinha uns amiguinhos, mas coisa assim mais próximo, coisa de aqueles três ou quatro que eu me dou muito bem, aqueles quatro que eu converso um pouco e o resto neutro, não falo quase nunca. Acho que eu sempre fui um pouco na minha nessa época.

R: Certo. Bom, por ter... por vir de uma família com nível de escolarização, de certa forma, alta, você já tinha tido antes de entrar na escola, ou mesmo ainda pequeno, alguma relação com a leitura? Com a escrita? A alfabetização começou em casa ou você lembra de ter começado na escola mesmo?

E: A alfabetização eu lembro na escola mesmo. Eu acho que até na parte de estudos meus pais sempre meio que deixaram a cargo da escola. Eles nunca foram muito de ensinar isso, e aquilo. Até porque os estudos não foram, vamos dizer que não foi a praia deles. Não usam nada da parte da faculdade nisso, meu pai não usava nada. Meu pai quando trabalhava no banco era em gerência, então ele não tinha... não precisava de um conhecimento, sei lá, que se obtivesse num curso de administração, de economia. Era muito na prática, vendo as coisas. Foi caixa, foi tudo assim, mas aquelas profissões que dava pra fazer. Então de escolaridade nunca foi algo que... a educação era o foco deles pra mim e pros meus irmãos, mas nunca foi pra eles, assim, eles nunca foram pessoas que... intelectuais, que estudam, essas coisas. Meu irmão tinha uma cobrança um pouco maior comigo até. Mas a escolarização sempre foi na escola. Sempre deixavam a cargo da escola.

R: Certo. Você tocou no assunto que seu irmão cobrava de você, mas alguma vez seus irmãos chegaram a te ajudar? Isso ainda no ensino fundamental né, quando vocês eram pequenos. Talvez com alguma dúvida tanto relativa a parte mais de língua portuguesa ou com matemática. Então assim, seus pais, pelo que você falou eles não te ajudavam, mas seus irmãos eles tinham esse papel de ajudar?

E: Não. No ensino fundamental, no ensino básico assim não muito. Meu irmão foi começar a tirar as dúvidas minhas mesmo quando eu tava no colegial que eu comecei a ficar com muita dificuldade. Aí ele ajudava com física, essas coisas. Porque ele fez engenharia e sempre foi bom aluno. Eu já não era tanto. Mas desde pequeno, eu sempre fui, até na parte de estudos, eu acho que era mais reservado. Eu não gostava tipo, de pedir ajuda, de estudar em grupo. Eu preferia sentar com meu livro. Era até estranho, porque eu já fui estudar com amigos quando era mais novo e “ah, minha mãe me ajuda nisso” ou “ah, meu irmão ajuda aquilo”. Tipo, em casa eu preferia ficar na minha, abria o livro e ficava lá estudando. Podia demorar, podia ser rápido, ficava lá o tempo que fosse pra aprender.

R: Mas isso ainda no Ensino Fundamental?

E: Isso, no ensino fundamental. Eu sempre fui muito por conta. Eu sempre tentei aprender o máximo por conta. Eu não pedia muita ajuda. As dúvidas eram na escola mesmo, mas mesmo com os amigos eu não tirava as dúvidas quando estava no ensino fundamental. Eu era muito pelo que eu sabia e pelo que eu conseguia aprender.

R: É um caso atípico né? Porque, geralmente, a gente vê que nessa fase a gente depende muito ainda dos outros né? Então parece que você adquiriu a sua autonomia logo cedo.

E: É, eu acho que sim. Eu acho que talvez eu volto naquela história de eu ficar sempre meio que, não vou dizer jogado soa até ofensivo para os meus pais, porque eles, lógico, tinham todo cuidado. Mas digamos assim que eu ficava bastante afastado. Então foi sempre muita coisa por conta. Então eu tinha que estudar por conta. Eu já era tímido também. Então eu preferia. Eu acho que sempre tive um pouco de problema de concentração, então estudar em grupo pra mim não era muito bom mesmo. Eu já fui algumas vezes diagnosticado com déficit de atenção. Mais de uma vez em neuro,

psiquiatra, psicólogo. Eu cheguei a tratar um pouco, um tempo atrás, coisa de dois anos atrás, eu já estava velho mas... Então acho que isso contribuiu pra que eu preferisse ficar sozinho. Eu não queria ficar distraído muito com o pessoal. Então eu preferia ficar na minha quando eu estudava. Ou também voltava pra casa. Não gostava de ficar indo no colégio estudando. Então até a 8ª série eu não me lembro muito assim de ter estudado em grupo. Lembro bastante de ficar, estudar sozinho em casa, assim, eu ficava de frente com o livro. Coisa do hábito.

R: Essa questão dos diagnósticos de você ter um pouco de déficit de atenção, você lembra de algum desses diagnóstico ter sido apontado pela escola mesmo?

E: Não, não. A escola sequer notava assim. Acho que não é muito comum, até porque, vai, ainda na minha época já era sinalizado um pouco disso, mas era pouco né? Então tipo, se hoje é fácil ser sinalizado e mesmo assim muitos não dão atenção acho que naquela época era muito raro. Não prestava atenção acho que é porque era mal aluno mesmo, ou “ah é um pouco lerdo”. Eu tive um amigo que era muito mau aluno na questão de nota e ele era muito quieto. Talvez ele tivesse também algum problema de atenção. Mas eu lembro que nunca foi apontando nem por ele assim, pelos professores pra ele assim que ele tivesse. Ninguém estranhava o fato de ele ser mau aluno. Também só agora pensando que eu pensei nisso, que realmente ele ficava muito quieto e tinha notas baixas. Eu tinha notas medianas, só que eu era muito dedicado também. Então assim, eu nunca estranhei muito, porque eu acabei passando num psicólogo por outros problemas, por eu ser um pouco estourado e tal. E no meio de uma dessas sessões ela diagnosticou, falou com meus pais, falou que eu tinha esse problema. Deu um tempo eu fui num neurologista, também não era isso e ele falou a mesma coisa, falou “tem um pouco de déficit de atenção, tem algum problema com isso porque dá pra notar nitidamente” e aí futuramente quando eu fui tratar com um psicólogo, questões mais gerais mesmo ele diagnosticou a mesma coisa. Foi uma coisa que realmente eu tinha esse problema.

R: Você disse que passou num psicólogo por outros motivos, mas você lembra se foi na sua infância, adolescência? Em qual período da sua vida que foi?

E: Eu já era adolescente. Foi uma fase até esquisita, assim, que lembro que eu era meio rebelde mesmo. Tanto que eu era bom aluno até a 8ª série, eu capengava um pouco em algumas matérias, principalmente matéria que exigia muita leitura. Pegava um livro de história tinha que focar mesmo, porque eu distraía. Não adianta. Talvez pelo déficit de atenção e também um pouco por ser jovem, é difícil focar nas coisas né? Então eu tinha bastante problema, mas ainda levava umas notas razoáveis. Aí no 1º colegial, como já é adolescente, muda tudo, queria mudar de escola, meus pais não mudavam, aí tinha várias coisas assim que na época foi, acabaram perpetuando assim. Acabou atrapalhando um monte de coisa e no fim meus pais falaram “você não quer ver um psicólogo? Não sei o que...”. Na verdade eu comecei indo porque eu era bem compulsivo assim de roer unha, essas coisas, até hoje na verdade. Aí eu fui. No fim ele acabou encontrando esse outro problema.

R: Bom, você ao longo dessa última fala sua desencadeou bastante questões que acredito que a gente possa voltar ainda na educação básica pra gente construir um pensamento, de certa forma, linear. Aí a gente tenta explorar todo o ensino fundamental I, que seria até a 4ª série, depois a sua transição para o ensino fundamental II que vai até a 8ª série, hoje 9º ano, depois vem o Ensino Médio. Mas foi bom você ter falado isso

que você que começa a ter algumas dificuldades. No início você lembra de ter alguma dificuldade com a escrita, com a leitura já?

E: Eu já tinha um pouco... assim, minhas notas de matemática, não sei quais matérias mais, já sobressaía.

R: Geralmente tem ciências, estudos sociais, língua portuguesa.

E: Eu lembro que português eu já ia muito bem, matemática eu ia muito bem. Aí eu lembro que a parte de Ciências, porque na verdade na minha escola era Estudos Sociais que tinha um pouco de Ciências mesmo, animais, blablabla. E tinha um pouco de Geografia, essas coisas. A parte de Ciências que seria parte que levasse mais a fundo biologia, essas coisas, eu já tinha bastante dificuldade. História, mesmo gostando muito, eu tinha bastante dificuldade. Eu gostava bastante. Até hoje eu gosto pra caramba de História, mas já apanhava naquela época e Ciências Sociais também, estudos sociais também. Que era mais a parte de Biologia, coisas parecidas com isso. Então eu lembro que eu tive um seis acho que na 3ª série e era algo muito raro, eu só tinha nove e dez. Foi nessa matéria, minha 1ª dificuldade.

R: Bom, você era bastante dedicado aos estudos pelo que você tem falado. Mas, e reservado também. Bom, mas a gente ainda é criança nessa fase. E a questão das brincadeiras? Brincadeiras, a questão da diversão, como que a escola te propiciava algum momento assim?

E: Ah, eu tinha assim, brincava bastante com, bastante com meus amiguinhos uma época. A escola fazia, tinha todos os jogos. Na minha escola tinha jogos no meio do ano. Tinha Educação Física. Tinha... Só que assim, alguns jogos assim eu já não gostava. Por ser reservado eu tinha vergonha de tudo e não quero fazer nada. Então qualquer competiçãozinha eu já ficava encabulado, não me sentia a vontade. Quando saía daquela zona de conforto com seus amigos pra ir pra um time diferente, ou brincava outras pessoas, eu já sentia desconfortável na época. Onde eu me sentia confortável era jogando futebol com os amigos da escola.

R: Desculpa, você se sentia confortável ou desconfortável?

E: Nesse futebol com meus amigos próximos confortável. Saía um pouco dessa zona assim segura, mudou de esporte, é... mudou o meu time, se saía um pouco daquele que você fala “meus amigos, o esporte que eu gosto”, um espaço um pouco diferente que a escola simulava, acho que é natural, já me sentia desconfortável. Era um momento que eu já ficava meio encabulado. Não me sentia tão bem. Ficava com um pouco de receio com as brincadeiras. Pelo que eu me lembro né? Eu era pequeno, mas acho que voltando na cabeça, momentos um pouquinho de constrangimento até.

R: Assim, esses momentos aconteciam mais na Educação Física. Assim, porque a Educação Física pra nós meninos geralmente é um momento esperado né? É o momento que você vai correr, você vai jogar bola, você vai brincar. Mas você tinha essa ansiedade? Você esperava ansioso por esse momento? Porque agora você falou do constrangimento.

E: Não, eu esperava. Esperava bastante. Mas quando eu esperava e não saía que nem o ocorrido, mudava de esporte, eu já não gostava muito. Na verdade me perseguiu até um pouco mais velho. Eu odiava quando o professor ia e “hoje vai ser handball”, puts, eu não sei jogar handball cara. Até hoje eu não sei. Então até hoje é um momento que você fica encabulado. Escola tem toda aquela coisa de você querer ter seu

status. Não adianta. Chama em inglês “play pressure?” (21min50*), aquela pressão social já tem um pouco. Então eu não me sentia a vontade. Tanto que, eu não sei, hoje eu já sou adulto e é um alívio. Porque hoje eu falo “eu não vou jogar isso, não quero isso”. Mas naquela época, pô, tinha que ir. A minha escola não era nem daquelas que você podia falar que não ia participar nem nada. O professor fazia participar, fazia jogar, a não ser que você estivesse doente, provasse. E também quando você é criança você não contraria um adulto. O professor fala que você tem que jogar e você vai, criança é obediente. Era um momento assim que eu gostava até certo ponto. Na hora que eu via que não era aquilo, que ia mudar um pouco o rumo eu já não me sentia confortável.

R: Certo. Você era uma pessoa competitiva?

E: Isso sim. Acho que eu sempre fui um pouco. Acho que também eu carreguei comigo a vida inteira. De, assim, até competição dentro de casa. Querer ser bom aluno, que meu irmão era bom aluno. Quando eu fui pra escola eu queria ser bom em alguma coisa, aquele esporte que você é ruim até atormenta um pouco, martela um pouco “puxa, queria ser bom nisso”, aquela coisa de criança mesmo. Então acho que eu sempre fui bastante. Queria tirar umas notas boas. Depois acho que quando eu passei a tirar notas baixas ainda era meio que uma competição, porque a gente está em outra fase da vida. As notas não importam. Eu queria ser bom em outras coisas. A gente quer meio que, a gente quer relaxar como todo mundo. A gente quer causar como todo mundo. Então acho que no fundo essa competitividade sempre teve.

R: Bom, acredito que assim, conforme a gente vai crescendo também vai aparecendo essa necessidade que você do status. Porque quando é todo mundo pequeno é todo mundo igual né? Então acredito que no Ensino Fundamental você já falou bastante coisa. Aí tem a transição pro Ensino Fundamental II, que é 5ª série. Que assim, eu não sei como era na sua escola, mas geralmente tem um intervalo que é de 1ª a 4ª série e um outro intervalo. Ah, inclusive você não comentou como eram os intervalos. Os intervalos que pra criança é recreio né?

E: Ah sim. Intervalo era um momento bastante aguardado assim. Mas, é, a gente ia. Lembro que desde pequeno meu intervalo era basicamente aquela zona de conforto ainda. A gente ia, pegava bola, jogava. Assim, quando fui ficando mais velho não tinha mais essa chance, mas eu ia e ficava com meus amigos. Era um momento bom porque ali, como é que eu posso dizer? Ali está minha zona de conforto ao extremo mesmo. Eu saio e fico com quem eu quero, a hora que eu quero, eu converso, eu vou onde eu fico a vontade. Então eu gostava bastante. Acho que era até um pouco mais uma fuga. Você está lá com os amigos, saindo do intervalo você vai ficar com quem você gosta, vai brincar, as vezes quando era mais novo a gente tinha mais brincadeiras, sabe? Qualquer tipo de coisa. Desde correr até quem vai chegar na lanchonete, até o futebol. As brincadeiras reunidas, de um falando pro outro, chamar de algum nome, qualquer coisa. Isso era gostoso. Eu gostava bastante assim do intervalo, do recreio.

R: Fora da sua escola como que era? Você morava em casa? Prédio? Porque a gente está bastante na escola. Mas vamos tentar observar alguns fatores externos na escola pra gente situar melhor.

E: Ah, fora da escola eu morava em casa numa rua sem saída, o que era gostoso. Porque assim, eu chegava lá, eu podia sair na rua à vontade, o dia inteiro, meu pai era muito sossegado, ele deixava desde pequenininho. Ia também, ficava brincando

e lá tinha um monte de coisa. Soltava pipa, jogar taco, tinha um grupo de amigos lá, um monte de meninos da minha idade, assim, a gente devia ser em cinco, seis. Uns dois um ano mais novo que eu, tinha um que era três anos mais novo. Acho que um que era dois anos mais novo. Alguma coisa assim. Aí era legal, eu saía, eram personalidades diferentes da escola que eu estudava. Era uma escola de classe média. Até na época talvez classe média alta e os meus amigos eram de classe média baixa, até classe baixa, vamos dizer assim. Então era um público, um pessoal diferente. Mas era gostoso assim, eu gostava. Era onde eu fazia coisas que hoje, conversando com meus amigos assim que tiveram a mesma vida que eu, não faziam. Ah, sei lá, raspar o dedão no chão, correr atrás de pipa, essas coisas. Era até coisas de moleques diferentes do que eu ando hoje. Tanto que eles mudaram muito. Eu acho que eu acabei juntando mais a minha personalidade ao do pessoal da escola do que o deles. Até pelo convívio que tem e tudo mais e por eles, não sei, acho que ficar com a cabeça até assim da minha família né? Então acho que você acaba juntando escola, família e a rua. Se dois são de um jeito você vai nesses dois. Então... Mas era um pessoal diferente. Era gostoso. Era uma época assim que eu ficava na rua o dia inteiro. Eu lembro que qualquer coisinha, tipo “ah, vamos lá comprar doce na doceria” era muito legal quando meu pai deixava. Tinha que andar, sei lá, vinte metros, mas achava mó barato. Pegava um real e ia lá comprar. Tanto que quando eu me mudei pra uma casa, perto de onde eu morava, porque eu morei em três lugares, na 2ª casa eu lembro que eu achava mó legal porque lá também tinha uma doceria perto. Eu mantinha os mesmos hábitos de pegar um real com meu pai e ir lá comprar doce. Comprava esses doces de vinte centavos. Era mó barato. Eu gostava.

R: Uhum. Você dessa diferença da classe média alta pra classe média baixa. Você conseguia perceber essa diferença naquela época? Ou só percebe hoje?

E: Eu acho que eu só vejo hoje. Hoje mesmo, assim, olhando pra trás. Porque na época era todo mundo igual. Tanto que eu, assim, olhando hoje, eu levava os meus amigos da rua lá pra escola era um pouco diferente assim, eu não consigo imaginar como os adultos viam. Mas eu acho que, olhando pra aqueles moleques no meio do pessoal, assim, mais classe média alta, acho que... é porque eles eram bem diferentes. Roupas, tudo, assim... É... o estilo, o jeito de falar e na época eu não notava. Andava com eles, tanto que eu chamava pra ir viajar, pra ir pra minha escola com eles, como se fosse assim os meus amigos do colégio.

R: Desculpa, mas quando você fala que chamava eles pra ir pra escola, você chamava em eventos específicos ou pra aproximar os amigos?

E: Não, eu chamava pra assim, por exemplo, tinha a festa junina e eu vou ter que ir pra escola, no fundo eu gostava mais dos meus amigos da rua, que eu passava mais tempo. Não sei, me sentia mais a vontade assim. Então eu acabava chamando eles sempre pra ir. Eu não tinha um relacionamento muito profundo com os amigos da escola até a 8ª, 7ª série eu acho. Aí a partir desse momento, quando eu me mudei pra longe, não era longe, hoje é perto, mas quando era pequeno era longe. Eu passei a me aproximar mais de uns amigos que moravam lá perto. Mas eu era tão próximo que quando eu me mudei pra essa nova casa eu lembro que eu nem saía na rua direito. Eu não tinha amigo lá e era até difícil fazer amigos pra mim. Eu não estava acostumado com essa situação. Eu tinha aquela minha zona de conforto mesmo na rua que eu morava, com meus amigos. Então tinha festa junina no colégio, tinha alguma coisa, eu chamava eles pra ir, porque eu gostava assim.

R: Você lembra de outras festas que tinha além da festa junina?

E: A gente tinha uma festa que chamava expo-fora, tinha feira do livro. Qualquer coisinha que a escola falava e por eu ser pequeno eu pensava “ah, eu tenho que ir”, eu chamava eles. Porque eu gostava que eles fossem comigo.

R: Essas festas você gostava de ir mesmo? Ou como você tem falado bastante você “tinha que ir”?

E: Eu acho que eu mais tinha que ir. Ou não sei. No fundo, por ser um evento diferente, quando você é pequeno você quer ir, você quer ver mesmo “ah, tem uma festa, ah eu quero ir”, tipo, porque lembrando assim eu até lembro de algumas festas que eu não fui que os meus amigos não iam. Mas todas festas eu pensava em ir já. Porque eu tinha vontade de ir, tinha vontade de ver como que era. Porque toda festa era um evento, um eventozinho, tinha um enfeite diferente. Então eu gostava de ir pra escola ver esses eventos.

R: Lembra de assim, serem eventos que provavelmente... você acha que poderia ser propiciado por algum, assim, talvez seus pais te levarem, seus amigos, alguns familiares? De algum modo você poderia propiciado isso que não fosse a escola?

E: Como assim? Desculpa, não entendi.

R: Por exemplo, uma feira do livro. Tem a bienal do livro que acontece, por exemplo, no Anhembi. Tem alguns outros eventos, festa junina de igreja. Você acredita que assim, você poderia ter ido também, ou você ia também em algum desse?

E: Não, aí eu já não ia em festas que não fossem de escola e eu nem pensava na época. Meus pais por serem, trabalhavam o dia inteiro, chegava final de semana ficava mais em casa, eles também não cogitavam, não falava muito. Meu irmão, a diferença de idade era grande. Quando ele saía ele saía com os amigos dele. Minha irmã também é uma diferença razoável e colocando que ela é mulher já dá uma diferença maior ainda. Então assim, eu não saía muito assim fora eventos de colégio, da escola, e sei lá, pra ir na rua pra brincar. Eu lembro que, não sei, nunca passou pela minha cabeça outras feiras do livro, um outro evento assim.

R: Certo. Bom, voltando agora pra escola. Saindo do Ensino Fundamental I e entrando no Ensino Fundamental II. Você consegue lembrar assim, alguma diferença impactante que teve?

E: Ah, eu acho que quando você entra pra 5ª série, por exemplo, é até uma sensação engraçada, porque na minha escola era diferente. Da 1ª a 4ª série ficava num andar, num espaço, e 5ª a 8ª ficava num outro. Então você sente como se tivesse ficando velho, sente como adolescente, já chamam você de pré-adolescente. Então tem alguma coisa assim do ego, parecia que você estava ficando mais velho. “Nossa, tá virando homem”, sabe? Então já mudava bastante coisa, acho que a sensação é diferente. Não dá nem pra explicar direito, mas você se sente mais velho.

R: Você tinha essa ansiedade pra chegar na 5ª série por exemplo?

E: Ah tinha. Porque a mudança da 3ª pra 4ª série parece normal, porque está no mesmo andar. Porque tem isso, 1ª a 4ª é uma coisa, 5ª a 8ª parece que a escola é dividida. Assim, é bem fracionada. Não parece que é da 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, 1ª a 8ª vamos dizer assim, ou 9º agora. Parece que 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª. Então é como que se fosse um pré Ensino Médio. Então da 4ª pra 8ª já tinha uma coisa assim, “puta, vou entrar na 5ª agora”. Era diferente a sensação.

R: Uhum. Essa diferença é realmente gritante né? Mas em relação assim a fragmentação das disciplinas, a relação de organização, dificuldades que começaram a aparecer. Agora mais com relação ao meio acadêmico mesmo.

E: Acho que já mudou bastante coisa. Porque até a 4ª eu tinha dois professores, ou três talvez. Aí na 5ª tinha vários. A primeira vista até é legal “nossa, tem vários professores aqui”. Era tudo novo, era tudo legal. Mas começa a ficar mais difícil também. Eu lembro que a 5ª série, não lembro das minhas notas. Mas já comecei a estudar muito mais, talvez na 6ª, não sei se na 5ª. Mas em casa, já tive que ficar lendo um livro por uma hora assim, tipo ler várias páginas seguidas. Então dá um senso de responsabilidade maior. Fica um pouco mais difícil assim. E muda. É difícil explicar também, mas assim, dá um impacto. Você parece ser mais adulto, mais responsável. Sempre mais um medinho assim. É, acho que a dificuldade vem de igual. Vem de igual não, vem numa proporção mais parecida. Fica mais velho e vem mais. Acho que a 5ª série é, talvez, não sei assim, eu tenha capengado um pouco nas notas. Eu lembro de ter uma sensação de dificuldade lá.

R: Certo. Desculpa, mas eu acabei não perguntando, não sei se você já falou também. Você estudava de manhã ou de tarde?

E: Eu sempre estudei de manhã, só que na 3ª série a escola só abriu turma a tarde. Até o 3º colegial foi de manhã.

R: Você percebeu alguma diferença de ter estudado de tarde?

E: Eu não sei. Eu acho que parecia que o dia encurtava um pouco mais, porque a gente acorda um pouco mais tarde. A gente fica um pouco... Não sei, parecia que era um ano mais. Não sei, talvez de manhã dê uma coisa de parecer que está estudando mais, parece que você está com mais coisa, mais responsabilidade. Porque fica a tarde inteira também pra você. Eu acho que quando eu estudei de tarde, eu, assim, não tive nota baixa porque era 3ª série. Mas não acho que era muito bom pra mim. Eu me sentia melhor de manhã. Eu sentia que eu não ficava cansado, então o dia era mais longo, eu acho que eu estudava mais, porque eu voltava pra casa, parecia que tinha de meio dia e pouco até tarde que era pra você estudar. Você tinha, sei lá, da uma, meio dia e pouco até a noite. E quando você está a tarde não, porque você já acorda um pouquinho mais tarde, dá onze e pouco você está pensando em ir pra escola, pensando em se trocar, em ir comer. É diferente de quando você estuda de manhã. Você acorda faltando vinte minutos, corre pra se arrumar, come qualquer coisa e vai. Acho que quando é a tarde você acorda, você demora, você enrola. Então não sei. Acho que foi um... as vezes eu sinto que, eu sentia que era menos produtivo.

R: Você falou isso de comer antes de ir pra escola. Mas lá na escola, no intervalo tinha refeitório? Tinha uma cantina? Como é que era? Você se alimentava lá?

E: Ah sim. Tinha refeitório. Tinha a cantina deles. Tinha mesa, tudo pra gente sentar. A escola depois de um tempo eu lembro que ficava um pouco mais a tarde quando tinha recuperação tinha até almoço, essas coisas, mas quando era novo não né? Então eu comia, eu sempre comia assim, eu saía de casa, comia, comia um pão e um chá, era tradicional, minha mãe fazia. E levava lanche de casa. Aquelas coisas assim, Ana Maria, bolacha. Levava também um sanduíche. Levava alguma coisa assim, alguma porcariazinha e comia no intervalo.

R: Bom, voltando em relação a escola mesmo, as coisas que propiciam a escola... Bom, agora na 6ª série você falou algumas palavras, algumas fases, sobre a infância, falou da pré adolescência, adolescência e que começa a ser adulto. Nessa etapa da vida geralmente começa a aparecer as atrações, os relacionamentos né? Você lembra quando começou a aparecer? Se apareceu na escola? Porque as vezes também é mais tardiamente, as vezes é foda da escola só. Mas você tinha alguma paixão? Algum amor assim dentro da escola?

E: Ah, na escola acho que a partir desde a 4ª, 5ª assim já começa a olhar um pouco mais pra menina x ou y. Mas assim, a gente não fica muito em cima e a gente nem fala muito. Mas lembro que a partir da 5ª assim já tinha um menino que falava “não, tal pessoa é da hora”, ele nem ligava, ele falava. Ainda tinha aquela coisa um pouco de zoar, mas ele começou a soltar a boca, a soltar o verbo. Eu lembro que na 6ª série aí começou mesmo “aquela menina é dahora, aquela menina é bonita”. Tinha uma menina ou outra que eu gostava né entre aspas, que a gente fala “ah, eu gostava, eu gosto daquela menina”. Lá pra 6ª assim eu lembro que eu comecei assim com aquela paixãozinha de colégio. De ficar meio bobo, ficar pensando na menina, de falar “eu gosto dela”, essas coisas. Eu lembro que namoros assim, na minha época, dos meus amigos, que eu era mais reservado, eu era mais nerd mesmo. Eu não era assim igual é em filme americano, parece que é oito ou oitenta, você é aquele malandrão ou você é aquele cara excluído. Eu era, pô, acho que esses filmes não dividem. Eu ficava um pouco nessa parte do nerd, mas um pouco pra cima do que esses filmes mostram. Mas assim, demorou um pouco pra eu começar a chegar nas meninas, a ter namorada. Acho que a 1ª vez que eu fiquei com uma menina foi ou no começo da 7ª ou no começo da 8ª, foi numa festa de um amigo meu, tinha um buffet lá x, mas não era nem do colégio assim. Do colégio eu fui ficar com menina tipo no 2º colegial acho, no 3º. Mas que no colégio não era muito assim. Tinha aquela menina ou outra que eu gostava e todo ano tem. Não adianta. As vezes você fica na mesma, as vezes você muda porque aparece outra mais bonita. As vezes nem aparece outra mais bonita, mas você já desencanou da outra e começa “eu gosto daquela menina”. Mas acho que foi isso, lá pra 6ª eu comecei a olhar mais e lá pra 7ª foi mais assim... Fixo mesmo. Você falava, falava daquela menina, você não ligava, contava pra um amigo, pra outro.

R: E assim, de certa forma que você falou né, que você de certa forma ficava bobo. Isso chegou a te atrapalhar em algum momento?

E: Ah eu acho que atrapalhar atrapalhar muito não. Assim, atrapalha um pouquinho. Querendo ou não você distrai mais, você quer... Dos cinquenta minutos na sala de aula, você é adolescente, vinte você vai ficar distraído por natureza, então assim, vamos dizer que vinte é mais pensando na menina, vinte e cinco porque aumentava um pouquinho mais, aumentava a conversa, você tem mais assunto pra falar, você falava de futebol, de luta, de qualquer coisa, de jogo e começa a falar de menina. Você começa a querer impressionar, você a querer conversar, então acho que atrapalha um pouquinho sim. Você começa a se distrair um pouco mais, começa a querer, você foca mais naquilo. Lembro até de um amigo meu que a gente estava falando que as notas nossas caíram muito no colegial. Aí ele falou “mas nessa época eu não queria ficar com alguém, queria namorar com alguém”. Porque realmente, nosso foco muda. A gente quer ficar com a menina, a gente quer namorar. Então a gente começa a distrair um pouco mais mesmo.

R: Uhum. A questão de passeios na escola. Porque tem escolas que assim, as vezes vai pra um passeio num parque de diversões, tem escola que leva pra museu, tem escola que faz viagem pra acampamento mesmo. Você lembra se tinha algum passeio?

E: Tinha. Tinha bastante. Minha escola fazia bastante. Quanto mais você fala, mais eu fico pensando o quanto eu era nerd. Porque vários passeios assim eu não gostava. Me sentia desconfortável também. Aquele passeio que sei lá, museu a gente ia, mas todo mundo ia por ir, vai a galera, pra mim era meio que “não sei se eu quero ir”, mas eu acaba indo para os passeios que a maioria ia. Eu ia muito com o pessoal. Eu ia pra exposição. A gente foi pra algum parque, alguma coisa, uma época que eu não lembro. Tinha as excursões, tinha viagem mesmo. Eu lembro que teve na 7^a, na 6^a um hotel que eu gostava pra caramba. Cheio de piscina com os meus amigos. Lembro que no 1º e 2º colegial também. Tinha passeio pro Hopi Hari* uma época. Eu ia, mas alguns passeios era mais “você vai? Se você vai então firmeza, vamos”, perguntava pra galera. Nem todos eu tinha essa sensação de ir. E a maioria acho que nem importava tanto o conteúdo. Porque eu era moleque. Eu sempre fui um moleque muito distraído. Muito não focado. Então não me importava muito nessas coisas.

(43 min) *R: Bom, nessa época você já tinha assim alguma ideia de qual profissão você almejava seguir? Quando pequeno tinha em mente fazer alguma coisa? Porque sempre tem né? Tem gente que quer ser veterinário, tem gente que quer ser médico. Quando pequeno você queria ser alguma coisa e depois já nessa 2ª fase?

E: Acho que quando eu era pequeno eu lembro bastante de falar que eu queria ser veterinário “ah, eu quero ser veterinário”, mas aquela coisa de gostar de animais. O meu pai tinha uma chacará. Se eu É uma coisa que se eu fizesse meu pai iria gostar porque ele é do interiorzão mesmo, de Minas, assim, um buraco, tem três ruas. Então pra ele era “nossa, legal”. Porque ele tinha o sonho de comprar um sítio grande, ele falava “oh, você cria animal lá, eu compro um sítio pra você, bababa”. Aí eu ficava até um pouco empolgado assim, parecia que eu tinha um suporte dele. Então no começo eu queria ser veterinário. Passado um tempo qualquer coisa eu pensava em descobrir o que que era, começava a me interessar “poxa, isso pode ser legal, isso não pode”. Mas aí variou várias profissões que passaram pela minha mente: historiador, geógrafo acho que eu já quis ser, antropólogo. Eu já vi várias profissões que apareciam na TV e eu pensava “pô, essa profissão deve ser legal”. Mas o foco da minha vida mesmo foi por um bom tempo engenharia. Porque meu irmão tinha feito, então a gente tinha aquele espelho e meu irmão sempre foi aquele aluno nota dez, sempre foi bom, sempre foi o garoto certinho lá de casa. Ele nunca deu problema, eu e minha irmã já demos bastante. Então acabei querendo ser engenheiro por muito tempo. Quando eu era adolescente até meio que adulto. Mas quando era pequenininho era veterinário mesmo, mais por gostar de animais, essas coisas.

R: Você falou de historiador, geógrafo e antropólogo. Mas falou de ter contato com essas profissões por causa da televisão. Não teve nenhuma profissão, talvez, que tenha despertado seu interesse por causa da escola?

E: Deixa eu lembrar. Na escola eu lembro que foi onde eu meio que a matemática sobressaía. Eu sabia que eu ia ter que ir pra esse lado da matemática. Tanto que sempre tive notas boas. Em física eu não tinha tanto. Sempre fui bom em matemática, de faltar em aula e recuperar rápido. A matemática acho que meio que complementou a coisa de ser engenheiro. Como eu era bom em matemática, a profissão

comum, comum assim de matemática, eu acho que é uma profissão comum né, engenharia, e meu irmão fazia e meu irmão estava se dando bem, acho que meio que complementou sabe? Tipo “sou bom em matemática e engenharia é uma profissão legal, vou fazer engenharia”. Legal assim, parecia ser legal, porque eu nem sei, não sabia o que fazer e não fazia nada. Mas acho que meio que a escola agregou assim como eu via que era, talvez não um outlier, porque o outlier* é muito, mas eu era acima da média em matemática, ficava querendo fazer, queria estudar, era uma matéria que eu gostava. Você quer sobressair o que é bom em você, então era uma matéria que eu me dava bem.

R: E assim, você tinha consciência na época? Que você se sobressaía?

E: Sim. Isso sim, sempre tive muito noção. Tanto que tinha matérias que eu comparava nota com alguns amigos e eu sempre falei “na matemática, em matemática eu vou gabaritar essa prova ou vou gabaritar aquele trabalho”. Algumas vezes eu não gabaritava, mas tirava bastante Dez. Então eu era um bom aluno mesmo e eu fazia questão de ser... Eu acho que tinha um aluno que fazia melhor que fazia Kumon. Eu lembro que eu ficava querendo manjar assim rápido, fazer conta rápido. Então eu praticava também um pouco, mas eu sempre gostei. Eu sempre vi que eu tava indo bem, que eu era melhor assim que muita gente em matemática.

R: Mas isso era só com a matemática? Ou apareceu esse seu destaque em qualquer outro âmbito. Assim, de alguma forma que você pudesse se destacar.

E: Eu acho que não. Ficou por conta da matemática mesmo. Não era bom nas outras matérias. Assim, não era bom assim naquelas. Eu estudava, mas eu não me dedicava muito. História eu gostava, mas por ser aquela coisa trabalhosa, sentar, ler muitas páginas, então eu acabava não gostando tanto. Mas assim, senti assisti muito filme de história. Eu lembro que eu era, eu era novo assim, assisti o... aquele do Mel Gibson, lá da Escócia, Coração valente. Gostava pra caramba, já sabia um pouquinho. Começava a aprender nome de capitais, o que aconteceu nos lugares, então assim, já tinha interesse. Não tive tanta gana de pegar um livro, ficar lendo várias páginas. Era cansativo, eu era moleque, eu não... Duas horas num livro era perda de tempo né? Eu não... não valia tanto a pena e ainda mais que não era uma matéria que eu me sobressaía mesmo, ainda, pelo menos na época. Então o meu foco sempre acabou se distorcendo assim pra matemática. O resto eu fazia o que tinha que fazer, mas não me dedicava tanto.

R: Certo. Bom. Você comentou de física por exemplo, que também é uma disciplina da área de exatas, mas que você não se sobressaía tanto. Então já no Ensino Médio, mais outra transição, é... percebe alguma diferença?

E: Ah, acho que o Ensino Médio foi um divisor de águas pra mim. Primeiro que, como tinha essa coisa de “ensino médio, vou pra outra escola”, porque, não sei, parecia essa coisa que nem eu falei, de quebrar... quebra meio que um elo, 1ª a 4ª, 5ª a 8ª, 1º ao 3º, e como é primeiro sempre aquela coisa, eu estudei num colégio de bairro né? Sempre fica aquela coisa, o colegial tem aquele status que é bom você fazer numa escola que tem cursinho. Uma escola que prepara pra vestibular, um COC, um ETAPA, um ANGLO, qualquer uma. Então acho que quando eu cheguei no 1º eu já tinha aquela cabeça de que “eu vou sair daqui no 1º colegial, dessa escola, e vou pra uma escola boa que vai me preparar para o vestibular”. E aí quando eu entrei, não troquei, já começou mal, vamos dizer assim, já comecei com a perna esquerda porque eu não troquei de colégio.

R: Mas você tinha vontade?

E: Sim, tinha vontade. Porque também acho que por eu ser tímido, ser aquele cara meio nerd assim, ia ser meio que uma vida nova, vamos dizer assim “quebro mais um elo, vou pra outra escola, ter novos amigos, vou criar toda uma coisa nova, um ambiente novo”. Aí tinha um pouquinho de vontade disso. Só que assim, acabei, a prova que eu consegui, fiz pra ter bolsa, não foi uma bolsa alta, meu pai queria me deixar numa escola que era perto, aí eu já comecei meio que com má vontade. Aí aumentou que antes eu entrava, sei lá, sete e meia, não, oito horas eu acho e passei a entrar as sete e ficava até a uma. Porque a carga da minha escola era um pouco pesada assim. Na época era um pouco mais do que as outras escolas tradicionais eu lembro. Lembro que eu comparei com Objetivo que minha irmã estudava, estudou, e com o COC também. Eu lembro que a gente tinha mais horas que eles.

R: Você lembra se entrava alguma disciplina extra? Entrava.

E: Acho que a gente tinha uma disciplina a mais, só que acho que era... e as vezes tinha uma ou outra que tinha uma aula a mais ainda num dia da semana. Não lembro. Acho que eles fizeram um horário que estendia as aulas talvez. Eu não lembro direito como que era. Mas lembro que passamos a ter vai, mais de uma hora a mais por dia. Então acabou sendo muito pesado. A matéria já era difícil. Os professores mudaram. Os professores eram muito mais maduros assim mesmo. Eles não tavam te mimando nem nada. Na 8ª a gente tinha dois, três professores linha dura e o resto era mais linha leve. No colegial, mesmo os que eram leve tentavam passar uma imagenzinha dura. Então, aí... e descia matéria na gente. E eu não colava muito na época. Então eu tomava pau, não fazia e tomava pau. Nem conseguia me salvar em algumas. Porque...

R: Quando você diz tomar pau é recuperação?

E: Isso, isso, é. Cheguei a pegar tipo dez matérias de recuperação no 1º bimestre, porque já entrei com má vontade, os professores davam lição eu não fazia, tinha uns que pegavam mais pesado na nota. Não era mais tão simples ir pra prova e recuperar um atraso, porque tipo “eu tenho dez num trabalhinho besta”, não “eu já não fiz lição de casa, fui pra prova, a matéria é mais difícil”, aí tirava cinco, seis, e não conseguia a média. Eram dez pontos de trabalho e depois dez pontos de prova. Então acho que fiquei muito despreparado. Não estava pronto pra aquilo ainda. Não tinha cabeça suficiente pra aquilo. Então eu entrei... Puta, entrei tomando pau no 1º colegial inteiro. Fiquei de recuperação final no último bimestre. Aí no 2º eu ainda me recuperar mais ou menos e lembro que no 3º foi capengando assim, que eu estava acordando um pouco mais pra vida. Mas demorou assim, foi no meio do 2º que eu falei “puta, eu tenho que estudar, eu tenho que ir melhor do que isso”.

R: Mas assim, nesse momento você não tinha vontade de ir pra escola?

E: Não. Eu lembro que era uma época que eu não tinha muito prazer de ir pra escola. Até porque também foi uma série assim ruim. Comecei... a classe ficou um pouco maior. Adolescente já é um pouco mais ruim do que... é um pouco pior, mais ruim digo de mais malvado, assim, vamos dizer assim. Então um pouco mais chato, as brincadeiras começam a incomodar algumas. Acho que tem aquele bullying, o pessoal tira sarro, mas... eu acho que eu nem sofri tanto quanto muito moleque, mas já incomoda. Você não quer ir pra um lugar em que você não tem prazer. Então foi uma

época assim ruim, assim, eu digo. Não gostava tanto, ia pra escola sem muita vontade, tinha altos e baixo “hoje tá bom, hoje não tá bom, hoje tá legal, hoje não tá legal”.

R: Essa situação você já tinha vivido algum momento antes?

E: Não, acho que até a 8ª série pra ser sincero a vida era boa mesmo. Aí no 1º colegial começou a acontecer algumas coisas que eram desagradáveis que eu não gostava.

R: Mas isso na escola ou teve algum fator exterior a escola que agregou também?

E: Não, acho que muito mais na escola. Mas fora teve esse probleminha, mas não era muito grande. Eu acho que lá pro 2º colegial eu já tinha problema fora também. Eu queria fazer piercing, queria fazer tatuagem, cheguei a colocar um piercing e meu pai odiava essas coisas. E assim, e aí eu comecei a brigar em casa também. Mas o problema maior foi muito a escola. Porque eu não gostava, tinha muito professor que eu achava fraco e quando você tá no 1º colegial você tem muito mais essa percepção. Você começa a questionar coisas. É que nem você trabalhar pra alguém que é muito fraco. Você começa a não gostar daquilo. Assim, você acha ruim seu professor falando coisa que você não gosta. Você começa a questionar. Os professores não estão preparados para questionamento, os que eu tive não estavam. Eles não sabiam responder. Era muito “não, é assim e pronto, o que você está falando é errado”. Eles não conseguiam argumentar comigo. Então muitas vezes, porque apesar de novo alguma coisa eu estava certo, as vezes eu volto pra trás e vejo que algumas coisas eu mantenho opinião até hoje. Mas tinha coisas que eu falava errado e eles não sabiam persuadir. Eu acho que o poder de persuasão é muito forte pra tudo, tudo que é profissão. E acho que o professor não tem isso hoje em dia, então acho que isso também incomodava muito. Não estava pronto pra sentar de frente e aguentar alguém que eu achava fraco dando aula. Até porque eu era um pouquinho estudioso por fora e, assim, razoavelmente, vamos dizer assim, eu tinha um certo conhecimento a mais de saber um pouquinho a mais das coisas. Não só engolir o que eles falavam. Eu assistia muita política, muito debate, então gostava de debate, até hoje eu gosto. Acho que eu sou uma pessoa que gosta de confrontos, entre aspas. Confronto eu acho saudável se as duas pessoas souberem encarar. Então, só que na época não sabiam né? E eu também não estava preparado para aquilo. Eu era novo, nem todos os argumentos eu tinha. Só que a partir do momento que eu não via resposta sensata, que me convencesse, passava a não gostar de alguns professores. A partir do momento que eu via um adolescente um pouco mais chato incomodando que eu também não gostava, eu tinha muito mais raiva, era incômodo.

R: Uhum. É... e assim, essa raiva ela se manifestava de certa forma no comportamento? Porque assim, você falou que era bem estudioso, mas eu não cheguei a questionar se você era um aluno comportado ou um aluno bagunceiro, tinha problemas assim de ir pra direção, de ir pra coordenação, como é que era essa relação? Como que era essa aproximação com a coordenação?

E: Eu não tinha muito problema. Até o colegial eu não tinha muitos assim. É... Eu não causava muitos problemas, eu tinha aquela brincadeira ou outra uma vez, sei lá, a cada seis meses, um ano, eu ia pra sala da coordenadora, porque sei lá, aprontava alguma. Mas era raro, muito muito raro. Eu mal lembro de uma vez que eu fui no Ensino Médio, no Ensino Fundamental pra falar com a coordenadora. No Ensino Médio a gente quer mais se enturmar, já está todo mundo zoando tudo. Acho que eu já

fui algumas vezes mais. Mas eu não era tão problemático. Só que assim, acho que a raiva caía muito nisso. Eu confrontava muito. Eu batia de frente com muitas coisas. Eu reclamava de alguns professores, reclamava de colegas. Já teve jogos, assim, internos que ia ter que eu fui conversar com a coordenadora porque o moleque lá estava enchendo o saco que ia jogar o time dele e outra pessoa e outra pessoa e eu falei “não, vai jogar eu, tal pessoal e tal pessoal” e ele falou “não” e eu falei “então vai ser meio tempo cada” e ele “não, vai entrar cinco, aí fica tal de reserva”, aí eu falei “não, não é você que manda no time”. Cheguei na sala do coordenadora, eu lembro que a coordenadora até falou, ela falou “ah, o importante é competir, mas ganhar também é importante, né?”, eu falei “ah, vai se foder então”. Eu saí, tava revoltado, achei um absurdo o que ela falou. Até hoje eu acho. Sei lá, você faz um esporte no colégio. Tudo bem que a vida é competitiva mesmo, você tem que preparar as pessoas pra competição e não pra perder, só que eu acho que você querer não dar o direito de um ou outro participar é muito chato. Então faz um jogo, chamava até JOGOS DA AMIZADE, então faz times livres, você faz e entra. Mas fazer times de classe e tal pessoa vai dizer quem vai entrar e tal pessoa não, então não gostava. Então acho que tinha muito confronto nesse tipo. Ia de chinelo pra escola as vezes. Porque não tinha que usar uniforme uma época. No 1º e no 2º colegial não precisei. Depois que voltaram porque estava dando problema.

R: Mas não precisava usar nada de uniforme?

E: Não, nada, nada.

R: E você sentia falta? Percebeu alguma diferença?

E: Não. Eu gostava. Eu me sentia a vontade. Eu sentia que era meio que um direito. Não gostava dessa coisa de “você tem que comprar o uniforme”. Eu sempre me questionei desde pequeno assim “por que eu tenho que comprar uniforme porra?”. Ah, dane-se que é bom pro colégio, eu não gostava, não gostava. Queria ir com qualquer roupa e gostei quando liberaram. Mas eu acho que eu estava numa fase tão de confronto. Eu lembro que fazia calor e eu ia de chinelo. E eles já falavam “não, mas chinelo não pode”. Eu falava “pô, que diferença faz eu vir de chinelo ou vir de tênis?”, eu falava “qual que é o problema, e se eu tô com o pé machucado?”, eu enchia o saco. Mas muito mais confrontando do que agregando na época. Hoje eu penso que algumas coisas eu questionaria, mas eu faço diferente, faria diferente. Mas acho que eu sentia mais nisso, nos confrontos com professores, coordenadores, com amigos um pouco menos, acho que eu evitava um pouco, mas acho que acontecia muito disso.

R: Essa questão de imposição né, do uniforme. Provavelmente teve uma imposição do material que vocês utilizavam. Você lembra se era... a sua relação com o material, desde criança você tinha alguma organização? Ou você se importava? Deixava de se importar com seu material? Comparava com o material dos colegas?

E: Então, eu não me importava nada assim. Minha mãe comprava, eu ia com aquilo que ela comprava. Assim, tinha umas coisas “esse caderno é feio pra caramba, podia ter comprado um melhor”, eu nunca tive aqueles cadernos que tinha adesivo na primeira folha, essas coisas. Eu lembrava “pô, esses cadernos são mó legais”, mas eu não ligava muito. Eu não dava muita bola, o que minha mãe comprasse eu levava, nunca questionei isso. Acho que... eu não sei, também não sentia muita vontade. As poucas vezes que eu questionei foi “podia ter comprado um caderno legal, tal”. Mas era uma coisinha que dava um peso na consciência, eu já tinha noção que era um pouco mais

caro na época. E eu não sei, acho que a gente nem era tão assim humilde, mas por a gente viver num estilo de vida mais simples, assim, minha mãe sempre foi muito humilde, meu pai é muito simples. Meu pai até hoje eu nunca vi ele com nada de marca a não ser o que sobra meu e do meu irmão. Então você acabava pensando “não, eu tenho que ir com qualquer coisa”...

R: Isso já na época?

E: Isso, eu nunca me importei. Até não gostava de ter que levar o material de artes. Teve anos que minha mãe falou “tem que trazer, aí eu compro”. Eu lembro que da 6ª em diante eu nunca levei o material pra ela comprar, não comprava, ia sem. Se a escola mandasse bilhete eu não mostrava. Porque a escola acabava mostrando, assim, não era uma escola muito organizada. Porque eu nunca levei o material de artes, não gostava que a escola cobrasse. Acho que também por esse negócio de gasto assim, eu ficava pensando “eu não tenho que gastar com isso, sabe? Já estou pagando a mensalidade”. Me sentia meio que ferido.

R: Você lembra se era livro ou material apostilado?

E: Era... eu usei até a 8ª livro, não, até a 6ª livro. Depois foi tudo apostilado.

R: Percebeu alguma diferença?

E: Eu achava fácil. Porque eu lembro que com livro... Eu tive uma érnica ignal, sei lá como se chama, quando eu era pequeno o cara falou “você tá levando muito peso” e eu não gostava mesmo, incomodava levar muito peso. As vezes eu pesava a mochila me divertindo, pra ver que pesava bastante. Mas eu lembro que eu não gostava “caramba, quanto peso”, eu lembro que eu parava em casa, ficava olhando para os livros “será que eu posso deixar esse?”. Mas quando você é criança é aquela coisa, criança de dez, onze anos fala “não, vou levar esse, esse”, quase todos, assim, tomava o máximo de cuidado pra não esquecer nada, porque se esquecia era aquela retaliação total do professor “você esqueceu”. Então eu nunca queria estar nessa situação desconfortável. Então eu ia com os livros. Quanto teve apostila eu lembro que foi muito bom, eu falei “é bom pra caramba porque é mais leve”. Essa parte foi a que eu mais gostei. E a gente tinha assim, como já impõem pra gente que o certo, vamos dizer assim, é o método Objetivo, o método do Etapa. Aí quando a gente recebe a apostila, depois com o livro, a gente sente meio que “ah, estou com o material bom”. As vezes nem sei se era, não era. Hoje eu acho que nem era tanto, mas a gente sente que é melhor também. Pelo que mostram, isso é bom...

R: Mas quando você diz que mostram, assim, pela escola, pela família, pela sociedade?

E: Não, todo mundo. A sociedade em si mesmo fala. Os pais falam. Tanto que que nem eu falei, eu achei que eu fosse mudar de colégio quando eu chegasse no 1º colegial.

R: Por causa dos seus pais mesmo ou uma iniciativa sua?

E: Não, por causa deles. Porque assim, eles sempre transmitiam, assim, meu irmão também falava aquela coisa de que Objetivo é que é bom. Anglo que é bom. Então quando chega no 1º, 2º e 3º colegial você... eu pensava assim que queria estar numa dessas escolas. Porque era melhor. E falava a mesma coisa, como todo mundo falava, amigo, irmão mais velho de amigo, pai um e de outro fala, você fala... pô, chega

apostila igual a de que todo mundo falava dessas escolas “pô, que legal, minha escola está no nível delas. Você se sente melhor”. Que é o que todo mundo fala pra gente.

R: Então a sua escola preparava para o vestibular mesmo? Pelo menos nesse momento?

E: Sim. Nesse momento sim. Eu... a gente acabava... nesse momento sim. É, não... A cabeça dela a partir do 1º colegial era vestibular, vestibular, vestibular. O professor tinha o argumento de “você precisa aprender por causa do vestibular”. Você não precisa aprender, não sei, não precisa aprender sobre a ditadura porque isso aqui vai acontecer de novo, pode acontecer de novo, não sei. Você não precisa aprender matemática por causa de sei lá, todos os modelos físicos e de previsões e de eventos naturais acaba tendo matemática. Não, é porque vai cair no vestibular. Então eu lembro que eu até discuti com uns amigos a muito tempo quando a gente fazia trabalho, ainda faz né, trabalho voluntário, a gente pensava em inventar, bolar alguma coisa do tipo “porque você precisa aprender”, porque a gente precisa aprender história, matemática. Pra dar um pouco de sentido. Porque todo mundo é criado assim. Todo mundo né, eu acho que a maioria das pessoas são criadas assim, pra passar no vestibular. Eu lembrando, meu professor falando, era vestibular, vestibular. Tanto que meu foco foi vestibular. Eu vou passar e vou entrar na USP.

R: Era em engenharia como você tinha comentado?

E: Sim. Meu foco era engenharia, sempre pensava em entrar na POLI, sabia a dificuldade. Mas era uma superação assim que eu até queria. É que eu acabei desistindo no 3º colegial, mas eu lembro que eu sempre quis. Eu nunca pensei em vou fazer uma FEI ou uma MAUÁ, era POLI. Não pensava em outras faculdades sem ser USP.

R: Você conheceu a USP por causa do seu irmão? Ou como você conheceu a USP?

E: Por causa do meu irmão. Meu irmão ele não fez USP. Ele passou, chegou a passar na UNESP, só que ele preferiu ficar na FEI né? Pra ficar em São Paulo. Mas eu lembro que ele falava muito de USP, USP, entrar na USP. Todo mundo fala na verdade né? Você chega no 2º, 3º colegial e é USP a toda hora. Nem sei se isso é errado. Porque eu também falo muito da USP. Mas eu lembro que a minha cabeça já estava lá na USP, mais por causa dele e vai, os professores.

R: Certo. Aí você já saiu do 3º colegial e já... Ah, só mais uma questão ainda durante a época da escola, porque a gente já vai sair da escola. É, você fazia algum curso extra? Qualquer curso. Talvez um curso de línguas, um curso de computação.

E: Eu fazia um curso de inglês. Sempre estudei. Porque assim, minha mãe falava que era preciso, então eu estudava também. Eu também gostava. Inglês, como assim, é uma aula mais leve, é totalmente diferente da escola. É cinco, dez pessoas na sala. É muito mais sadio assim. É gostoso. É divertido. Você está aprendendo. Foi então, ir pro inglês era uma coisa muito legal. Eu gostava. Cheguei a ter a época de enjoar um pouco, mais pelo trabalho de ir pro inglês, voltar, perder um pouco de tempo. Então cheguei a ficar parado um ano mais ou menos. Mas eu sempre gostei de inglês. Foi a única coisa que eu fiz.

R: Você quer água?

E: Não, eu tô de boa. Eu cheguei em pensar em fazer computação, mas não tinha nada muito assim, não tinha muito foco mesmo. Eu pensava, sei lá, poderia ser legal, alguns amigos sabiam mexer nisso, naquilo. Então até tinha um pouco de interesse, hoje eu queria ter feito um pouco mais, saber umas coisas de programação. Acho sensacional quando eu vejo esses moleques dos Estados Unidos que aprende a programar desde cedo. Acho um absurdo eu não ter tido essa chance. Eu talvez tive, mas também não procurei. Eu talvez era novo, acho que a gente vacila muito. Acho que eu só fiz inglês e tive vontade de fazer essas coisas.

R: Isso foi um incentivo por causa da sua família mesmo? Acha que te agregou alguma coisa na escola? Fazer o inglês fora da escola te ajudou na escola? Teve alguma iniciativa de você ir atrás do inglês por causa da escola?

E: Eu fui atrás por causa do incentivo dos meus pais mesmo, do meu irmão, porque ele não fez inglês, mas como ele sabia da importância porque ele era mais velho, ele sempre empurrou pra mim. Aí eu acabei fazendo. Com relação a escola ajuda um pouco. Acho que você ganha um pouco de confiança no inglês. Porque vai, eu era bom aluno em matemática, médio aluno em outras e ruim em algumas. Você vai pro inglês você é bom. Você é obrigado um pouco a conversar e conversava qualquer assunto com pessoas que você vai ver pouco. Você mais a vontade. É uma coisa que você se sente um pouco mais livre.(1:07:57*) A escola acho que te prende um pouco. Nenhum professor coloca dois alunos pra conversa e conversa realmente na escola sobre algum assunto. É só zoeira, ou ignora. Porque tem aquela coisa estátua, ninguém vai falar sério, ninguém vai ser o nerd. No inglês não, no inglês você vai fazer aquela atividade que nem é tão nerd “ah, vai falar sobre, sei lá, o que você gosta de fazer, essas coisas”. Então é gostoso, você se sente mais confortável. Quando a gente é novo a gente conhece todas as pessoas da escola mesmo, vai numa festa de família, eu não era baladeiro de matine essas coisas. Então pessoas novas pra mim era ir no inglês, uma aula nova. Dificilmente eu comecei a sair pra festa e conhecer gente tipo x quando tinha quinze, dezesseis pra mais. Eu comecei o inglês com treze, então era um ambiente todo novo. Era legal pra mim. EU gostava.

R: Bom, da escola mesmo por ora eu não consigo ver algo que a gente não tenha explorado da escola mesmo. Mas, bom... A sua cabeça está lá no vestibular no Ensino Médio. Você saiu da escola e prestou vestibular?

E: Saí, prestei USP.

R: Em que ano que você saiu? Desculpa.

E: 2004 eu me formei, prestei USP, prestei Matemática mesmo, faltando algumas semanas. Eu fui me inscrever pra engenharia e fui ver qual que era a 2ª opção. Aí tinha outras matérias nada a vê e eu falei “Querida minha 2ª opção matemática então”. Aí eu pensei “pô, por que eu não faço matemática direto? Eu gosto de matemática. Deve ser legal”. Aí eu vi lá Licenciatura em Matemática. Só que pra mim era uma coisa meio matemática e Licenciatura em Matemática dava uma chance de aula, então parecia um PLUS pra mim. Eu não imaginava que a gente perdesse algumas coisas do Bacharelado, que nem agora eu vejo um pouco. Aí eu vim fazer licenciatura. Eu gostava, eu pensava que dar aula poderia ser legal também.

R: Já tinha pensado na escola alguma vez?

E: A escola já estava meio que no meu radar. Eu pensava que sempre tinha a opção de trabalhar em banco, uma empresa grande “eu tenho essas oportunidades”, até hoje, pra ser bem sincero, meu leque está sempre aberto. Eu não me fecho muito, não sou tão assim. Acho até que sou determinado com o que eu faço, mas não deixo muito fechado, totalmente focado nisso. Então na época eu pensava “ah, dar aula deve ser legal, mas eu poderia trabalhar numa empresa, então eu ainda tenho essas opções. EU sou novo, eu posso ver o que eu quero”. Quando eu entrei na faculdade que eu comecei a dar aula.

R: Então você saiu da escola e já entrou direto na USP?

E: Eu prestei vestibular, passei da 1ª fase em matemática. Fui pra 2ª, fiz a prova de matemática e tive a prova de português no 1º dia, matemática no 2º. Só que assim, matemática foi uma matéria que eu fui tão mal que eu nem fui pra de física, eu falei “eu vou zerar a de física”, a minha base de física era zero, eu não sabia nada, nada, nada. Eu quase zerei a 1ª fase, acertei por sorte que chutei uma, chutei várias e acertei uma. Então assim, eu lembro que parei pra pensar no dia anterior “caramba, eu vou lá fazer o que?”. Eu não tinha o mínimo de conceito, assim, de aceleração, coisa básica eu não tinha.

R: Mas você não tinha por que não teve na escola ou talvez porque você não se dedicou, porque o nível era mais baixo?

E: Eu tive na escola só que a professora era muito várzea assim, tipo, não tomava conta na escola. Então em nenhum momento eu fui forçado a aprender mesmo. Então eu não me forcei a aprender né, porque naquela época a gente só quer passar de ano. Até no IME um monte de gente só quer passar de ano. Então assim, naquela época mais ainda. Então eu não tinha, não era forçado a isso e não estudava. Eu fui levando nas coxas, passava com cola, essas coisas. Então assim, saí zerado, zerado do 3º colegial. Aí nem vim fazer a prova de física, falei “não, não vou. Vou ficar duas, três horas que tinha que ficar na sala sem fazer nada”. Meus pais ficaram bravos, eu sabia que ia ter gente censurando. Hoje eu nem conto mais que eu não fui. Quando o pessoal fala eu só digo que passei pela 1ª fase, mas não passei da 2ª, não tinha física né, não tinha noção. Eu não conto “não fui”, porque também todo mundo vai censurar. Pode passar dez anos é muito chato, vão ficar pegando no pé. Então na época eu nem fui, depois fiz cursinho, aí passei. Eu lembro que eu estudei pra caramba.

R: Teve alguma frustração? Você achava que ia conseguir de primeira ou você já tinha esse pé meio atrás de que era difícil passar numa universidade pública?

E: Eu acho que eu sempre fui mais precavido que todo mundo nessa parte. Eu sabia que era muito difícil. Tanto que quando a gente saiu do 3º colegial, o pessoal falava “tal tal tal pessoa”, falavam umas três, quatro pessoas, “elas vão passar na USP, certeza absoluta”, e eu sempre tinha assim, eu não falava pra não ser aquele cara mara, mas na minha cabeça estava “não vai passar ninguém daí, não vai de jeito nenhum e é certeza”. Não falei depois também “viu, eu sabia”. Mas eu me sentia assim, não nego por dentro eu falei “eu sabia que não ia passar”, não por orgulho, mas o pessoal achava que era a coisa mais simples do mundo. E eu tinha certeza que era difícil, sei lá, eu via meu irmão não passando e meu irmão sempre foi aluno dez na faculdade, nota dez mesmo. Ele era muito bom aluno, tanto que ele foi pra FEI e ele se formou como melhor do curso. Então sempre tive mó respeito, sempre respeitei nessa parte de estudo porque sempre soube que ele é estudioso. E ele não passou. Ele passou da 1ª fase na

POLI e não passou. Eu sabia que era muito difícil pra mim. Como é que vão passar? Então eu já tinha um pouco de receio mesmo. Então quando eu fui pra segunda eu já estava ganhando assim pra mim, já estava bom. Quando eu vi que não ia dar não teve problema. Assim, dá um pouco de remorso “puta, eu perdi assim um tempo”. Porque eu lembro que no 3º colegial eu falei que ia fazer cursinho junto com o 3º e acabei não fazendo. Então dá um pouco de remorso porque você pensa, se eu tivesse feito cursinho eu acertava uma ou duas perguntas lá e estava dentro, não perdia um ano. Mas não é um remorso tão grande a ponto de eu ficar mal.

R: Nessa fase do cursinho você consegue perceber alguma semelhança ou diferenças entre a escola e o cursinho?

E: Eu acho que o cursinho ele é bem mais dinâmico. Os professores tentam prender sua atenção, eles tentam ser mais engraçados, menos sérios do que na escola. Tentam deixar uma coisa mais adulta, sabe? “Ah, você pode sair a hora que você quiser”. Eu acho que é bacana porque te dá responsabilidade um pouco de ficar. Mas é difícil. Eu lembro que eu entrei com umas dez pessoas e só eu estou numa pública hoje. Sempre que “não é porque é matemática”, eu lembro que outras pessoas prestaram química que na época nem era tanto a mais que matemática, uns cinco pontos e as pessoas não passaram. Então é uma pegadinha aí. Dá uma certa liberdade, mas é perigoso também. Eu gostava, porque eu tinha um certo... Eu era responsável. Eu tive minhas más fases, mas foi muito antes. A partir acho que do cursinho eu comecei a ficar mais responsável. Ia nas aulas, faltei pouquíssimas aulas.

R: É... Bom, aí depois você prestou de novo pra matemática? Só prestou aqui na USP mesmo?

E: Não, aí prestei USP, UNESP, UFSCAR, porque tem sempre aquele medo de não passar. E precisa ser na pública. Eu pensei “vai que eu não passo numa pública”, aí era minha última opção. Eu lembro que eu ficava até ansioso, porque como matemática a nota de corte era muito baixo meu irmão pressionava muito “vai fazer matemática numa faculdade lixo ainda? Eu quero ver, não sei o que”. Ficava aquela pressão, mas aí eu passei.

R: Bom, você passou, aí mais um momento de transição né? Aí caminhando também pro final assim, que é a última... não, não é a última etapa né? Mas vamos falar um pouquinho da sua formação. A primeira visão que você tem da universidade? É... conta um pouco desse momento.

E: Ah, como sempre era assim tudo diferente. Bem diferente, você entra já num clima de zoeira, porque você já ouviu muito (1:1606*) de festas, viagens. Então você entra num clima de zoeira porque o pessoal te raspa o cabelo, pinta e tudo mais. Você tem a sensação de que a universidade é legal um pouco. Só que aí, vai ser legal em vários sentidos, porque a zoeira parece muito maior e o status de aprendizado é muito maior. É diferente, “nossa, me formei em matemática na USP”. Dá um status de certa relevância assim, então eu sentia “nossa, aqui eu vou aprender” e eu queria ser o bom aluno daqui da USP. Era meio que novamente mais um recomeço. Quebrou aquela coisa de 3º colegial que é um começo prévio praticamente. Então tinha aquela sensação de que aqui é tudo novo, aqui eu vou ser um bom aluno. Aqui eu vou ter professores fora de série, caras que é formado em faculdade de primeira, lá fora. Vou conhecer pessoas super intelectuais. Assim nesse nível, assim, por ser uma nota de corte mais baixa e bababa, mas vai ter uns alunos fracos. Eu não esperava encontrar tanto crânio como eu

encontrei aqui, foi até legal. Mas assim, a minha impressão era que seria um curso de nível mais baixo, assim, as pessoas, mas um curso que exigisse bastante, que os professores fossem bons. Tinha a impressão que a USP fosse animal, só tinha crânio dando aula. E assim, um lugar que eu ia aprender pra caramba.

R: Então assim, o seu... Você via a universidade mesmo como um lugar no conhecimento. Por mais que você falou das festas... ou não? O que te propiciava assim?

E: Não, não. Eu acho que assim, apesar das festas, saber que tinha bastante festa, tinha muito aquela coisa de festa da USP que todo mundo fala, eu sempre me vi, via a USP como “ali é o lugar onde os gênios vão sair, ali onde eu vou aprender com os melhores, ali onde eu vou conhecer algumas pessoas muito boas”. Porque mesmo imaginando que fosse fraca no geral que nem eu pensavam, eu sabia que iriam ter vários crânios ali no meio, eu não tinha a menor duvida. Então pra mim sempre foi o lugar, assim, de gênios, onde eu ia aprender muito, onde eu poderia aprender muito e onde eu seria mais um gênio saindo.

R: Você teve facilidade? Teve dificuldade? Como que foi a sua relação com os professores? Ah, desculpa, voltando um pouco na escola, teve algum professor marcante?

E: Tive alguns professores assim que foram bem legais assim. Eu lembro que eu tinha um professor... por eu ter vindo de uma família de japonês, de um japonês com uma brasileira assim mais séria em parte, apesar de a minha família brasileira ser muito relaxada de festa, lá em casa não era tanto, né? Então eu tinha um professor que eu me identificava muito de matemática mesmo. Por eu ir bem e ele ser um cara muito sério, desses que quer a classe em silêncio absoluto, não quer que ninguém respire, não quer nada, eu gostava porque a aula dele era silenciosa. Hoje olhando pra trás eu nem acho que ele era um bom professor. Um bom professor não. Talvez ele não ensinava tão bem, mas ele era bom pra turma porque ele fazia a classe ficar em silêncio, eu aprendia e ele reconhecia. Eu lembro que, meu, eu não levantava pra fazer nada na lousa de lição que ele passava e o pessoal levantava pra resolver qualquer coisinha besta, qualquer coisa. As vezes quando chegava num exercício muito difícil que eu via que ninguém conhecia e ele perguntava as vezes, aí eu levantava “não, eu fiz”, quando ele começava a engrossar a voz “ninguém fez?” eu falava “não não, eu fiz professor”. Eu lembro que ele reconhecia, porque eu lembro que ele foi dar participação e valia tipo dois pontos acho. Aí ele falou “aqui é zero, zero, zero, ele é um, zero, zero” aí eu lembro que ele chegou na minha e ele deu zero pra um monte de gente que levantava pra fazer exercício, chegou na minha vez ele falou “ele é dois, ele é um”. Então foi bacana isso. Eu podia ser aquela pessoa introvertida, mostrando trabalho que ele ia reconhecer. Eu não precisava ser o cara que... É que nem eu falo hoje no trabalho mesmo, você não precisa ser aquele palhaço pra ser reconhecido, eu quero ser reconhecido pelo meu trabalho. Eu acho que esse professor reflete muito disso. Ele reconhecia o que eu fazia. Eu não precisava levantar toda vez pra fazer exercício besta. Eu não precisava fazer pergunta besta. Ele via que eu tava fazendo as coisas, mas foi muito legal. Eu lembro de um professor que hoje, assim, minha cabeça não bate nada com a dele, totalmente, mas ele fazia a gente se posicionar. Ele fazia bastante que ele era de esquerda, professor de história, bem assim, tem aquele jeito mais de ser de esquerda, então ele confrontava muito que a realidade do mundo está um pouco mais de direita. Eu lembro que foi uma época que eu pensava muito nessas coisas. Pensava muito no modelo de poder que ele tinha, não é aquele socialismo, buscava conhecimento, lia na internet já. Então ele foi

uma pessoa que me fez questionar muito. O jeito questionador que eu tenho é por causa dele. Hoje eu não tenho nada nada da opinião dele. Se colocar eu e ele numa sala sai briga. Ele não vai bater com a minha cabeça e eu vou ouvir a opinião dele, vou pensar “que besta, que anta”, mas ele fez eu ser assim questionador a ponto de cavar até encontrar os motivos das coisas. Isso eu acho bacana. Ele foi uma pessoa que influenciou bastante em mim.

R: A questão de valores da escola?

E: Ah, eu acho que alguns jeitos meu, como eu falei de questionador, ser um pouco mais sério, valorizar essa parte. Eu acho que uma profissão muito importante, eu sempre fui muito arrogante nessa parte de faculdade, mesmo quando eu não tava na USP eu lembro que pra mim era assim, a USP era boa. Eu não aguentava alguém falando assim, tipo, pessoal mais velho, assim, “ah, mas USP nem é tão boa por causa de greve, essas coisas” ou, até hoje eu não aguento na verdade, mas, ou as vezes “uma particular é tão boa quanto na USP”, na minha cabeça até hoje USP é melhor, mas, assim, eu sei reconhecer mais os profissionais saindo da particular porque essa professora é um bom exemplo disso, achei muito legal. Porque ela teve uma infância humilde. Você vê o jeito, você conversa com ela e tal, só que ela fez uma particular e mais ainda ela fez uma particular fraca, bem fraquinha. Só que ela era uma excelente professora, pessoa que viajava assim, fazia uns trabalhos diferentes.

R: Ela era do que?

E: De português. Eu lembro que ela fazia a gente fazer aqueles, aquelas revistas fanzine, sei lá como que é o nome daquela revista. Fez a gente escrever um livro. Fez a gente escrever um livro, deu dois meses, três, sei lá e aí a gente escreveu um livrinho assim. Então ela fazia despertar a criatividade na gente. Então eu achava muito legal isso. E ela fez uma faculdade muito fraca e eu achava ela uma das melhores professoras que eu tive. Muito legal. Então acho que ela fez eu dar mais valor pra algumas coisas assim. Eu ainda tenho muito desse confronto de pública com particular, tanto que eu não gosto de algumas coisas, mas eu valorizo bastante que assim, que eu vejo que é boa, ou quem entrou lá não por que era vagabundo ou porque não teve condições, é até trabalhadora né, porque conseguiu um dinheirinho pra pagar a faculdade assim, teve que pagar uma mais barata, mas ela é dedicada. Então acho legal isso.

R: Você precisou em algum momento trabalhar quando você estava na escola?

E: Não, na escola eu não trabalhei. Já ajudava meu pai, assim, no... em qualquer servicinho, mas nunca fui muito de trabalhar mesmo. Tinha, eu nem tinha muita vontade, assim, eu lembro que naquela época muita gente trabalhava em buffet, essas coisas. Eu nunca fui animado pra isso, tanto que muita gente falava “não vejo a hora de eu trabalhar”. Eu até falo que é engraçado porque os meus amigos não viam a hora de trabalhar, não viam a hora de fazer dezoito, mas quando eu fui virando pra dezoito eu fui o 1º a trabalhar, o 1º a fazer as coisas. Porque quando eu fui pra faculdade eu não via sentido em não trabalhar. Mas naquela época assim colegial eu não via não.

R: Então junto com a faculdade você já entrou num trabalho?

E: Sim . Assim que eu entrei na faculdade eu queria ganhar experiência, sempre tive muita obsessão, vontade de ser bem sucedido, sabia a diferença que faz

então “não vou perder tempo, já perdi tanto tempo na minha vida com várias besteiras, vou aproveitar”. Entrei na faculdade, fui no colégio que eu estudava, pedi pra ser monitor lá, eles nem me pagavam no começo, mas eu fui. Porque eu sabia que eu precisava de experiência, precisava aprender.

R: Você era um plantonista de duvida mais ou menos?

E: Isso. Acompanhava o professor de manhã né, nas aulas, e a tarde, umas duas vezes por semana, eu tirava duvidas da molecada.

R: Você... Bom, enfim. E... aí na universidade teve alguma outra coisa que te agregou além do conhecimento?

E: Hum, deixa eu ver. Olha, pra ser bem sincero assim eu acho que não muito. Eu acho que principalmente USP, ou talvez o IME, não posso falar das outras faculdades é muito mais conhecimento. Eu acho que o conhecimento assim, mais na disciplina mesmo, só assim. Eu não acho que a faculdade seja, o IME pelo menos, ou a USP, enfim, mesmo sendo a grande universidade do Brasil, acho que não agrega muita coisa assim, muitos valores. Quem entra aqui playboy sai playboy, quem entra aqui rebeldezinho, maconheiro sai assim e quem... algumas pessoas, vai, entram e acabam agregando o que tem na faculdade. Uma amiga minha da FFLCH, ela é totalmente assim classe média, perfeitamente classe média, entrou pra cá na FFLCH onde o pensamento era totalmente oposto, só que não foi uma coisa assim que agregou a ela e ela fez uma mescla e nossa, enfim, uma coisa melhor. Ela simplesmente se juntou numa multidão, ela é mais uma que fuma maconha e sai apedrejando tudo. Então acabou. Eu sou um pouco crítico na faculdade nessa parte, acho que falta muita coisa nas universidades do Brasil.

R: Assim, por você ter feito um curso de licenciatura tem as disciplinas de matemática e as disciplinas de educação né? Por ser... você falou que teve algumas diferenças entre o bachado, bacharelado e a licenciatura. Então quais são essas diferenças assim? Você pode falar um pouco?

E: Ah, eu acho que eles vão muito a fundo nas matérias, vai, pegar um exemplo besta, que é a gente tem até cálculo 4 e eles tem até cálculo 6, eu acho. Eles falam que análise real lá é muito mais difícil do que na licenciatura. Eu acho que as matérias deles eles aprofundam um pouco mais, talvez por tempo, óbvio, e por a gente ter que fazer matéria de educação eles acabam tendo uma chance de acabar agregando mais o conhecimento da matemática em si. E as matérias da educação, eu até acho bacana assim, algumas, mas é bacana quando você pega um professor muito bom. Tem diferença você pegar um Nilson Machado pra qualquer mané ali. Não tem nem como comparar. Tem professor que você vai, fala “muito legal”, mas tem professor que você ... não faz diferença, não vou assimilar o professor. Pensar que você vai ser meio forçado que você não vê agregando valor. Tem aula que é totalmente distorcido. Como tem muita gente da licenciatura e a gente tende assim a ser um pouquinho mais, vamos dizer assim, que a gente é mais, não vou dizer, não dá pra gente dizer que é de esquerda se a gente não é. Mas a gente tende a pensar, vamos pensar “ah, pensar um pouco mais nas pessoas”, não fica aquela coisa muito concreta. Então você vai pra uma discussão dessas, é muito esse pensamento humanista, mas não pensa muito na... vamos dizer que não pensa muito nas coisas como um todo. É uma opinião muito distorcida e muito enviesada. Então tinham algumas discussões que eu ia e não gostava. Não sentia que agregava nada, não sentia que um agregava no outro. Então tem... há matérias e

matérias. Então tinha matéria da educação que eu não gostava e tinham matérias que eu achava sensacional.

R: Uhum. E aí teve algum outro emprego que você passou durante os anos da universidade?

E: Ah sim. Eu comecei a trabalhar numa escola pequena de bairro onde eu tinha estudado, fui pra uma escola um pouco maior que era já... já de vestibular, com material ETAPA, era... era bacana o emprego, você corrigia prova, era um nível mais alto de matemática, tive que estudar pra caramba lá enquanto trabalhava. Eu tinha que aprender muito, depois eu fui pra outra escola que era totalmente diferente, que era um ensino totalmente diferente. A classe assim, era diferente. Era bem classe A mesmo. Aí depois disso eu fui fazer um intercâmbio, voltei, aí dei aula em inglês, saí e fui pro mercado financeiro. Mas eu passei três anos dando aula, dando plantão de matemática, plantão, uma época só corrigindo prova e um ano dando aula de inglês.

R: Então assim, esses empregos que, por você fazer um curso de licenciatura, por mais que te abra um leque como você falou, teve... o foco dele mesmo é o ensino né? Então já deu pra perceber que você estava explorando esse lado. Hoje você está em qual momento do curso, da sua graduação?

E: Hoje eu encerrei a graduação na licenciatura. Já mudei assim o meu foco de ensino, que eu mudei o meu foco profissional também. Eu gosto ainda. Tenho uma coisa de dar aula. Eu dou palestra hoje em relação ao mercado financeiro com jovens mesmo, eu gosto de trabalhar com ensino médio. Eu fiz trabalho voluntário quando eu tava no 3º ano de faculdade, era dando aula também. Porque eu sinto que é uma coisa que eu gosto, que eu me dou bem, mas assim, só não é mais o meu foco de interesse, não é algo que me brilha os olhos, por vários motivos também. As vezes as escolas eram desanimadoras, os professores, o salário, tudo é... o cenário não te ajuda. Não sei se fosse num outro mundo eu poderia ter mudado também, mas dá pra dizer que uma das coisas é essa, apesar de ainda eu gostar bastante. Eu acabei a graduação, vou seguir em uma pós de finanças e mudar assim um pouco o rumo mesmo.

R: Então você se formou quando?

E: Eu formei no ano passado 2012.

R: Agora no último semestre ou no 1º semestre?

E: No último mesmo.

R: Então você é recém formado.

E: Isso, recém formado. Peguei meu... É que assim, eu sempre me senti meio formado, porque eu entrei nesse último semestre com uma disciplina. Então já estava com os dias contados, mas eu só fui pegar o certificado mesmo agora em dezembro.

R: Certo. E quando o você entrou, o ano que você entrou no mercado financeiro?

E: Eu entrei em 2011. Trabalhei até aqui na faculdade até 2006, fiquei 2006, 2007 e 2008 trabalhando em escola. 2009 eu fiz o intercâmbio, 2010 eu dei aula de inglês e aí 2011 foi o ano que eu queria mudar. Eu lembro que eu parei de dar aula de inglês e falei “vou esperar aparecer uma chance no mercado”. Eu não tinha nenhum sufoco, morava com meus pais, eu sempre fui muito econômico, pra não dizer mão de vaca, porque eu guardava mesmo. Aí eu falei “não, tô seguro, vou ficar pelo menos seis

meses até pintar”, porque senão eu não focava. Eu “ah, vou tentar um emprego no mercado, mas apareceu aquela chance de dar aula então vou dar aula pra ganhar dinheiro”. Então eu passei a me focar mais.

R: Uhum. E, bom, praticamente já está caminhando para o fim, mas em relação ao, bom, você se formou, só porque agora fugiu, só um minutinho... Era uma coisa até que importante. Ah claro, claro. Lembrei. Você consegue perceber alguma diferença de tratamento depois que você entrou na universidade de São Paulo? Talvez na sua família, seus amigos da escola, seus amigos da sua vizinhança, não sei, mudou alguma coisa?

E: Acho que sim, acho que você ainda carrega um nome muito grande. Então fica aquela coisa “nossa, matemática na USP”. Tem os dois lados, o lado bom e o lado ruim. O lado bom “você é mó inteligente” e o lado ruim “ele deve ser mó nerd”. Essa coisa. O cara é estranho. Mas assim, tem bastante diferença. “nossa, ele entrou na USP”, primeiro ano é só “ele entrou na USP, ele entrou na USP”. O 2º ano é, “ah, pergunta onde ele estuda”, ou você fala “faço matemática na USP” e “ah, desculpa hein”, não sei o quê. As vezes acho que as pessoas já tem até um pouco de preconceito. Tipo, ele deve ser meio arrogante, meio mala, se acha inteligente. Que é mentira óbvio né, obviamente. Mas tem uma visão bastante diferente. Eu acho que prevalece muito essa coisa de “ele é mó inteligente”, assim, eu penso, mas ao mesmo tempo tem um pouquinho ainda do lado ruim, de “ah, faculdade não é tudo”, não sei o que, você entra num bolo que só tem gente de faculdade particular, as vezes parece até que tem gente que quer te alfinetar, quer falar, ah, toca no assunto assim atoa, da faculdade, outro fala que a USP só tem nome, quando teve as brigas aqui na FFLCH, puts, o que você tem que ouvir por aí é um absurdo. Não ouvindo diretamente em relação a você, mas ouvir um monte de gente falar besteira, que “não, só querem isso, querem aquilo, só querem fumar”, as fases e fases né. Tem as fases boas e tem as fases ruins.

R: Parece, ao longo de toda a sua fala que uma das razões de você ter passado, uma das principais razões, foi o seu irmão. É... parece que teve grande parcela. Você acha que você teve alguma parcela pra algum conhecido? Algum familiar despertou algum interesse em seguir nessa trajetória que você seguiu?

E: Olha, eu acho que... eu lembro que quando eu não fui, eu completei um ano, meu gerente não queria me efetivar. Eu tive uma briga, uma discussão com uma pessoa x lá que ele não achava que não era adequado, questionou algumas coisas, chegou até mentir, distorcer a história, poder se argumentar, mas eu lembro que até quando ele falou “ó, os estagiários já te veem como líder, eles vão te perguntar porque você não foi efetivado, você vai ter que fazer uma manobra com isso”, pra não atíçar, meio que assim, as pessoas. Então acho que quando eu entrei no trabalho eu acho que eu consegui influenciar bastante colega assim, porque eu já era um pouco mais velho. Eu era um ano mais velho que um, tinha mais a idade do outro, tinha mais uns cinco ou seis que eram dois ou três anos mais novo que eu. E nessa fase eu acho que eles estavam em uma fase que não tinham tanta responsabilidade, acho que ajudei nessa parte, não sei se foi bom ou se foi ruim. Eu lembro que um já trocou de área, lembro que um dia eu cheguei sete da manhã e ele estava lá, já online, tipo, num MSN do trabalho. Ele tava, eu fui falar com ele e ele falou que estava estudando, que ele queria ser acima da média, que ele queria ser bom. Ele reconhece bastante. Acho que quando eu fui pra tentar vaga de Trainee, todo mundo falava “você vai passar tranquilamente”, era a mesma coisa da USP, eu falava “não, não boto na cabeça que é muito difícil” e tanto que eu não passei

né? Eu sempre falei “é muito difícil”, chegar nas entrevistas finais foi assim algo que, nossa, o fim da linha já era ali e estava ótimo. Eu achava que eu ia cair bem antes. Eu ficava aquela coisa... eu via que botavam muita fé em mim, eu vi que alguns já teve mudança de comportamento, passaram a estudar mais, trabalhar mais. Esse mesmo moleque que entrou cedo, está trabalhando já fazendo seis horas lá, ele é uma vaga efetivada já só que meio que estágio, ele já faz faculdade que é longe do trabalho e ainda vai fazer iniciação científica. Ele falou “não, quero completar meu currículo pra poder ser trainee”, porque assim, eu acho que eu falava as coisas e meio que foi entrando na cabeça de alguns. É muito bacana você ver isso, uns procurando algumas coisas. Esse pessoal que veio fazer trabalho voluntário comigo. É bem legal isso daí, acho que no trabalho atual eu já tive muito, relativamente grande, com eles. (1:36:49*) Em outras áreas talvez nem tanto porque eu era muito mais novo eu não tentava muito isso, eu tentava mais pegar coisa do que dar. Com alguns alunos acho que eu até tinha uma influência legal. Eu tenho um amigo que ele é sete anos mais novo do que eu, sei lá, só que ele foi meu aluno e ele pedia aula particular. E ele foi um aluno, ele era assim bem meia boca, tanto que ele pedia aula particular no final do ano porque ele estava precisando de muita nota. Eu dava aula e ele era muito bom, era muito tranquilo pra ele, ele se sente... levava a sério. E assim, eu fazia “levava mais a sério, você é bom, você manja”. Aí foi bacana porque no 3º colegial ele não ficou de recuperação final que é uma série que teoricamente é mais difícil, 2º ele não tava ou tava? Não tava. E ele passou numa faculdade boa, passou na BELAS ARTES que é legal, tá fazendo faculdade lá, já tá trabalhando, já começou trabalhando muito cedo, aí ele parou, só que ele começou a tentar um negócio próprio. Então assim, ele está muito motivado, é muito bacana. Talvez eu nem tenha tido tanta influência. Mas acho que uma pequena parcela deve ter tido, então é legal ver isso.

R: Bom, então assim. Você já completou toda a sua Educação Básica, já é formado, tá com um emprego, agora você conseguiu sua efetivação, você é efetivado no seu trabalho?

E: Sim, sim. Eu fui efetivado. Foi bacana assim. Foi bacana e não foi, porque na verdade era uma coisa assim, meio quase que certa. Então eu acho ruim isso, sempre falei pro meu chefe que não pode colocar, num pode deixar a coisa assim, colocar a almofadinha pra gente ser lá e esperar. Acho que tem que motivar e ir atrás. Quando a gente entrou no emprego eu lembro que todo mundo tava muito acomodado porque era passado a imagem de que “o que é bom daqui? O bom é que vocês vão ser efetivado”. Eu falo “po, esse daí não deve ser o que é bom, o bom daqui deve ser você pode subir, você vai ser reconhecido se você trabalhar, sei lá, pode ganhar mais, qualquer coisa”, mas não essa segurança. Isso aí acomoda as pessoas. E quem é bom assim, quem está trabalhando muito, ser efetivado no mesmo prazo que alguém que não está fazendo nada é um pouco chato. Então, assi, a efetivação foi legal, mas não foi algo muito comemorado por mim, pra ser bem sincero.

R: Certo, então assim, tendo um desses impasses né e já tendo se formado que é uma etapa importante da vida né? Tanto acadêmica, quanto profissional, quando pessoal também, é... qual que é o seu projeto daqui pra frente? Assim, você já tem um trabalho e tem uma formação, o que que daqui pra frente, qual é o seu projeto?

E: Acho que é me sobressair no emprego, sobressair com o que eu tenho, eu sei, que nem eu falei, não quero sobressair por ser engraçado, por ser enturmado, eu não faço questão de passar essas imagens, não quero, eu não faço questão assim nem de,

“puta, tenho tatuagem no pulso, tenho tatuagem aqui atrás”, eu não faço questão nem de esconder cara. Acho que assim, você só tem que me valorizar pelo que eu sou, pelo meu trabalho, odeio quando alguém passa e aponta pra minha tatuagem e fala alguma coisa. Eu tô trabalhando lá. Odeio se reclamam se, sei lá, ou querem que eu fique... não sei, “ah, eu não fui no happy hour”, eu falo, eu parti agora, escrevi minha carreira desse jeito. Eu vou ser bom, vou fazer as coisas bem feitas, vou estudar, fazer essa pós, vou mostrar meu valor, mas no trabalho e quebrar esse paradigma. Eu sempre falo que vou ser o 1º diretor tatuado em um banco e vou abrir, falo, fico falando “na minha área vou trabalhar de jeans porque ninguém precisa ficar de terno e gravata pra mexer num computador, ficar 24 horas”, isso é pura burocracia, pura idiotice, meus grandes ídolos, e eles assim que eu olho muito, Bill Gates e Marx (facebook), eles são tudo da tecnologia, tudo bem, eles são gênios, até os caras da NASA eles não tão nem aí, eles não usam terno e gravata. Eles são gênios porque eles são. Lógico, eu não sou gênio, mas eu vou provar meu valor pelo que eu sou. Eu vou fazer minhas coisas bem feitas e acho que eu espero isso, sobressair com o que eu tenho, fazer as coisas que eu gosto, não ficar em emprego por causa de dinheiro, assim, eu acho que as vezes precisa, é óbvio, eu sinto, todo mundo tem uma fase assim, eu tô numa fase mais ou menos assim né? Falo um pouco disso, mas assim, eu quero muito fazer o que eu gosto, ganhar dinheiro. Eu lembro que estava vendo um vídeo “o que te motiva” e o cara falava “fazer o impossível”, eu penso muito isso, fazer o impossível. Eu quero ser bom do jeito que eu gosto, eu quero fazer, sei lá, trabalhar assim. Esse lance de quebrar alguns paradigmas, sabe? Trabalhar distante da equipe, poder ter home office em cidades que tem trânsito, não sei. Eu dou uma viajada assim. Tento pensar assim num mundo ideal pra mim. Eu tento que ter uma equipe que “puta, tenha piercing, tatuagem”, se vai encontrar com presidente que não gosta tudo bem, pô, fecha. Mas eu penso muito assim, de frente com o computador eu vou estar fazendo meu trabalho e ninguém vai me julgar pela aparência.

R: Essa pós você já tem alguma previsão? Já está indo atrás? Tem algum lugar?

E: Então, a pós eu já fui atrás, já escolhi o curso que é Finanças Corporativas e Investimos em Banking, é a área que eu quero, talvez até algumas pessoas no trabalho se questionem que é próximo do trabalho, mas não é muito focado. Porque tem uma pós que é Produtos Bancários. Então se alguém vê isso e Gestão de Risco, que eu trabalho com isso, se alguém vê isso e vê eu fazendo essa pós “pô, por que que está fazendo aquela?”, mas é o que eu falei pra muita gente “isso aqui é o que eu quero, quer ficar bravo, quer me despedir, demitir? Faz isso, o que eu quero é isso. Esse é o meu foco, isso é o que eu gosto. É isso que me motiva. É isso que eu quero fazer pra vida”. Eu já fui atrás, já paguei uma parte, vai ficar apertado, né? Porque vou tá morando sozinho e pagando a pós vai ser osso, mas acho que é tudo, são sonhos a realizar. Com o tempo você fica, é muito gratificante depois. Eu acho.

R: Agora só tentando fazer um fechamento pra resgatar agora o meu objeto mesmo que é a escola né? A escola nessa etapa da sua vida, o que que ela representa assim pra você? Porque você se formou licenciado né? Mas você já trabalhou também na área da Educação, mas hoje assim você pensa em constituir uma família? O que que você vê de importante na escola tanto na sociedade como mais pra você mesmo? O que a escola representa?

E: Olha, pra mim a escola foi muito importante. Acho que descrevendo, meio que fez a minha... Direcionou a pessoa que eu sou hoje. Muita coisa foi por lá, seja por eu rejeitar alguma coisa, aceitar outra. Acho que ficar distante da família, esse senso de independência que eu tenho muito mais, esse jeito que eu falei dos professores me incentivarem, essas coisas que eu gosto, a matéria que eu gosto foi matemática, também tinha essa coisa dos professores mais sérios serem de matemática, de manterem a sala mais em ordem, então eu gostava mais. Então era uma aula que eu sentia prazer. Então acho que teve tudo isso. A escola direcionou assim a minha formação, a minha vida. Eu acho que talvez por eu ser disperso eu nem deveria fazer matemática, deveria ter feito publicidade, alguma coisa que eu viajasse, ciências da computação, qualquer coisa. Mas acho que matemática a escola direcionou, pensando agora no jeito dos professores, no meu jeito e daqui pra frente a escola ainda é um objeto de preocupação pra mim, ainda penso muito nisso, eu gosto de estar perto da escola porque eu acho que o poder que o adulto tem com um adolescente é muito grande assim, seja também novamente o aluno rejeitar a sua ideia ou assimilar. Então acho muito importante a gente poder passar uma mensagem pra eles e poder influenciar. Acho que todo mundo acredita que o que se faz é certo, eu não sou diferente. Eu acredito muito nessas coisas, não é a toa que eu quero manter essa proximidade, quero fazer essas palestras, que eu quero ajudar o adolescente. Eu acho que o ensino no Brasil é o ensino Brasil, está muito falho, a gente tem que melhorar e eu acho que toda mudança boa eu quero fazer parte, eu quero aprender, eu leio muito coisa assim de sustentabilidade porque eu acho importante, eu gosto. Eu acho que a gente tem que trabalhar pra um lugar melhor, então a escola é um lugar que eu me importo, que eu olho muito ainda, olho também pro meu futuro quando eu tiver um filho, uma família. A escola vai ser uma coisa, ainda mais eu ter passado por dentro, saber como é uma sala de professores, tanto uma sala boa, uma sala ruim, é um lugar que eu vou ter que escolher a dedo. Que talvez eu, vai, vou ficar muito encucado com uma e outras, então eu sempre penso assim “eu tenho que juntar bastante dinheiro”, porque assim, não é que eu vou pagar a escola mais cara, mas eu quero ter esse direito de escolher pro meu filho. Então, tanto que eu penso assim, eu vou ter um filho quando eu estiver bem estruturado porque eu vou poder me dedicar bastante a ele. Eu acho que é importante também né? O pai também tem que ajudar isso. Tanto, seja questionando a escola, seja indo falar com o professor, conhecendo o professor, acho que é essa proximidade família e escola tem que ter também. Então acho que é isso né? A escola é grande preocupação minha, é grande esperança também, é tudo assim né?

R: Bom, então mais dois questionamentos mesmo, prometo que é bem rápido. Se bem que está no final mesmo. Mas assim, você já tinha feito algum exercício de você voltar até sua infância e vir de forma linear? Talvez por outro viés, mas assim, você já tinha feito um exercício de contar toda sua vida?

E: Eu já fiz assim partes. Eu já tive que, como eu falei eu vou no psicólogo, eu já tive que contar partes da minha vida. E já pensei muito assim, acho que hoje foi mais fundo ainda porque tive que voltar numa fase que eu não lembro de nada, tipo, de quatro a oito anos é uma fase meio que intocada. Agora eu fui resgatando, lembrando um pouco da cara de alguns amigos, o ambiente. Então é bacana sim. Nunca tinha feito, mas foi a 1ª vez mesmo.

R: Você acredita que trouxe alguma contribuição pra sua vida esse exercício?

E: Acho que a gente passa a entender as coisas melhores, alguma coisa, esse senso de independência que eu tive com meus pais, essa relação com a matemática, talvez eu pare pra pensar agora nos professores, acho que é meio que assim, você vai definindo mesmo o que você vai ser. Acho que é interessante, é legal isso.

R: Bom, e agora realmente é o fechamento mesmo né? Como eu te falei a pesquisa ela é dividida em três etapas como você viu, que foi antes de você entrar na escola, que meio que não existiu, porque o seu marco inicial foi a escola, durante toda a escola e depois da escola. E aí eu vou pedir pra você resumir ou numa palavra ou numa frase o que foi, qual o sentido da escola, que a escola teve pra você antes de você entrar na escola, aí o sentido da escola durante esse período e o sentido da escola após você sair da escola que seria no projeto mesmo. Aí pode ser uma palavra ou numa frase, como você se sentir mais a vontade. Aí a gente já finaliza.

E: É... Antes eu acho que assim, não teve né muita, não teve nada. Não me recordo de escola antes. Durante a escola era um ambiente de desafio, de tudo, desde os desafios de encarar com a sociedade, lidar com as coisas, as pessoas, até o desafio das aulas, das disciplinas. Eu acho que eu tive assim, parece até um pouco dramático, sei lá, meio chorão, mas eu acho que eu tive um, foi bastante desafiador pra mim encarar as coisas, alguém reservado, ter que toda vez confrontar assim tudo que você não se sente confortável, é difícil, eu tive que aprender a lidar. E depois acho que é aprendizado mesmo, é o que ficou. Tanto aprendizado pra vida, pra lidar com as coisas melhor, com tudo que encarava como ruim, acho que a escola foi me desenvolvendo mesmo, querendo ou não eu fui uma criança tímida, um adolescente tímido. Aí perto de me graduar eu já estava um pouco menos. Acho que a escola é a formação de que eu... acho que se resgatar o meu período escolar dá pra explicar minha personalidade. Acredito.

R: Bom, obrigado então. Agradeço muito. Tenho certeza que a sua fala trouxe contribuições pertinentes tanto pra minha pesquisa, mas também pra mim como pessoa também e eu não tenho dúvidas que vai trazer também contribuições pra qualquer um que tenha contato com esse material. A única coisa assim que eu vou perguntar é se faltar alguma informação ou algum dado se eu posso entrar em contato com você.

E: Claro, não, sem problemas. Pode, qualquer coisa que você precisar eu tô aí.

R: Certo. Bom, foi um prazer mesmo. Obrigado e assim, se você tiver interesse, depois de transcrita a entrevista eu posso te devolver pra você ver se tem alguma coisa que você quer excluir, alguma coisa que você não se sinta a vontade pra falar.

E: Eu acho que dificilmente eu vou querer excluir, mas se você puder me mandar pra eu ver acho que será interessante.

R: Claro. E quando tiver os resultados também eu vou entrar em contato com você também, vou te devolver pra você ter também um feedback né?

E: Sim, bacana, eu aguardo.

R: Bom, muito obrigado então e a gente vai finalizando por aqui.

Apêndice E – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Lucas

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Meu nome é Renan Marcel Barros dos Santos e eu vou realizar uma entrevista pra minha pesquisa de mestrado que eu tô realizando na Faculdade de Educação e essa pesquisa consiste em a partir de histórias de vida ver as contribuições que a escola teve pra vida de alguns sujeitos. Então é... Eu vou te explicar como que vai funcionar. Então assim, você vai contar a sua história de vida, mas você não vai contar ela inteira porque por um lado é impossível a gente lembrar de tudo que aconteceu e é impossível também narrar tudo. Então eu vou direcionando conforme os interesses da minha pesquisa pra onde eu quero chegar. Mas só pra você ter uma ideia eu vou querer saber a importância da escola antes de você entrar na escola, durante o período que você estava na escola e depois que você saiu. Mas aí em cada uma dessas etapas eu vou direcionando melhor, tudo bem?

E: Tudo bem.

R: Bom, então pra preservar os seus dados, o sigilo, então não precisa falar o nome. Mas vou querer que você me fala um pouco da sua família, onde você nasceu, quando você nasceu, quantas pessoas são na sua casa, a escolaridade dos seus pais, quando que eles nasceram, pra você situar um pouco quem você é e de onde que você veio. Tá bom?

E: É... eu nasci vinte e um de dezembro de oitenta e seis em São Paulo. Moro no mesmo lugar desde sempre. Meus pais são de Minas Gerais, estudaram até a 4ª série. Tenho quatro irmãs, um irmão, sobrinhos, moram comigo hoje duas irmãs e minha mãe. Na verdade eu que moro com elas. Hmm...

R: Bom, você é o mais novo? Você é o mais velho? Qual é a idade das suas irmãs e do seu irmão? Você sabe me dizer?

E: Exato acho que não. Mas eu sou mais novo, minha irmã mais nova é dez anos mais velha do que eu. Minha mãe tem chegando nos sessenta, acho que cinquenta e oito, por aí. Meu irmão uns quarenta, quarenta e poucos. Aí minhas irmãs é uma escadinha, a mais nova tem trinta e seis e eu tenho vinte e seis.

R: Certo. Qual que é a profissão dos seus pais?

E: Meu pai ele... Eu não sei direito na verdade porque eu perdi um pouco de contato com meu pai, mas ele era vendedor. Ele revendia algumas coisas, meio xing ling, sei lá. E minha mãe é dona de casa. Trabalhou muito tempo em casa de família. É... Bom, minhas irmãs cada uma formada em uma coisa, meu irmão é biólogo, minhas irmãs eu tenho uma que é fisioterapeuta, uma fonoaudióloga, uma é publicitária e a outra é turismóloga.

R: Você sabe me dizer se eles fizeram universidade pública ou universidade privada?

E: O biólogo e a publicitária fizeram USP. A fonoaudióloga fez UNIBAN, a turismóloga fez Anhembi Morumbi e a fisioterapeuta fez num monte de faculdade, mas ela fez umas três, quatro.

R: Entendi. Bom, então vamos voltar um pouco pra sua infância e vamos tentar contextualizar. Porque assim, você é dez anos mais novo e provavelmente quando você nasceu seus irmãos já tinham entrado na escola, alguns talvez já tivessem saído da escola. É... você consegue lembrar o que que você... se você tinha vontade de ir pra escola, se... qual que era a importância da escola dada para os seus pais. Se você brincava de escolinha. Então assim, tenta, se você conseguir, me falar um pouco de como era sua vida antes de você entrar na escola.

E: Antes de entrar na escola eu não lembro muita coisa. Eu sei de eles contarem assim que eu brincava de escola com o pessoal da rua. Mas pouco. Agora antes de entrar na escola eu tenho mais entrar mesmo a parte do 1º ano, né? Da 1ª série. Questão prézinho, antes disso eu não lembro. Prézinho eu lembro de umas coisas engraçadas lá que aconteceram.

R: Antes de você entrar na escola você consegue lembrar se você tinha amigos, primos, parentes que eram da mesma idade que você, por mais que não seja em relação a escola, você tem algumas lembranças de antes de entrar na escola?

E: Primos eu tenho da mesma idade, só que eles moram em Belo Horizonte, cidade do interior de Minas, então era difícil encontrar. Só nas férias. Agora assim, tinha, tem um amigo da minha rua que nascemos, quase a mesma idade, e a gente desde pequenininho sempre brincou juntos ou na casa dele ou na minha casa, fora também uma amiga da minha mãe que tinha filhos, outras amigas da minha mãe que tinham filhos e iam lá em casa também. Então sempre tive contato e outros amigos mesmo antes da escola.

R: Aí você tem algumas lembranças desses momentos?

E: Tenho. Lembro, lembro. Lembro de assim, antes da escola, de quatro deles, a M. a S. o G. e o R. que são o pessoal que eu brincava antes.

R: Você lembra se eles já iam pra escola? Porque assim, talvez tivesse diferença de idade. Não sei se você frequentou creche, ensino infantil.

E: Creche acho que não, infantil sim. Numa escolinha de bairro, assim, perto de casa. Agora eles, a idade era muito próxima. Diferença de um ano, coisa do tipo. Então não lembro assim deles na escola e eu não.

R: Certo. Você tinha alguma vontade de ir pra escola?

E: Não lembro de nada marcante assim. Não lembro mesmo. Hoje minha sobrinha queria muito ir pra escola, coisa desse tipo, porque viu o irmão indo e ela não. Mas eu não lembro de nada disso.

R: E a importância que seus pais davam pros estudos, seus irmãos que eram mais velho, eles davam alguma importância pra você entrar na escola de fato?

E: Sim, isso sempre. Minhas irmãs todas. Meus pais só estudaram até a 4ª série né? Mal sabem escrever. Meus irmãos todos formados, etc, então isso sim sempre foi incentivado. Sempre estudei em escola particular também. Com os meus irmãos

pagando, eu fazendo prova pra desconto, porque também não tinha dinheiro pra pagar a escola inteira. Sempre muito valorizada a escola.

R: Bom, então acredito que a gente já pode entrar nessa 1ª etapa da escola que é a Educação Infantil. Você lembra com quantos anos você entrou?

E: Não.

R: Bom. É... E assim, essa entrada, o que simbolizou pra você? Você lembra o período que você entrou na escola? Você lembra se assim, se você fez novos amigos, tinha brincadeiras, o teu espaço? Quais são as primeiras lembranças que vem na sua memória quando a gente fala da entrada na escola?

E: Eu lembro. Eu lembro da escola, do espaço físico da escola, de algumas professoras, até porque a dona da escola era amiga da minha mãe, então lembro até hoje de algumas professoras, porque também a escola ainda existe lá, então meu sobrinho estudou, minha sobrinha estudou. As vezes eu passava lá pra dar um “oi”. Ahn... Lembro muito da minha mãe me levando, me buscando na escola, assim. Agora atividades dentro da escola mesmo, pelo menos prézinho, essa parte, eu não lembro muito. Eu lembro mais dos professores, colegas eu tinha, amigos que eu tinha lá, tenho alguns até hoje que eu lembro que eu tenho contato. Lembro da minha mãe, de a gente ir, por exemplo, na casa de amigo buscar coleguinha pra ir em casa brincar. Coisa desse tipo. Mais a diversão do que propriamente dentro da escola. Eu lembro também educação física que era no pátio, o pátio era pequeno, tinha uma caixa de areia, a gente ficava brincando no escorregador, coisa do tipo. E uma das coisas que eu mais lembro que eu falei que era engraçado que é quando eu fiquei com medo na escola. Que a gente tava na Educação Física e todo mundo deitou, não lembro o que tava fazendo, mas todo mundo deitou no pátio e a gente ficou olhando as nuvens mexerem assim. Eu nunca tinha reparado, nunca tinha me ligado o que que era e comecei achar estranho assim, aí um colega, não lembro quem era, nome nem nada, ficou zoando que a escola estava andando. Eu fiquei desesperado que estava mesmo e não sabia se minha mãe ia conseguir me buscar, coisa do tipo. Aí quando a gente voltou pra sala a primeira coisa que eu fiz foi ir pra janela correndo olhar, porque a escola ficava no 2º andar, eu fui ver se a escola tava na mesma rua, coisa do tipo, e estava. Eu fiquei mais tranquilo. Foi uma coisa que me marcou assim, foi engraçado.

R: Mas isso ainda pequeno?

E: Pequeninho, prézinho.

R: Você tem essa memória... lembrança até hoje?

E: Acho engraçado, lembro e conto pra todo mundo.

R: Legal, porque é difícil, as pessoas geralmente ter uma lembrança assim tão remota. E talvez por você lembrar e contar bastante você tenha isso bem vivo pra você né? É, você estudava de manhã ou de tarde?

E: Sempre estudei de manhã, a minha vida inteira.

R: Você lembra se isso foi uma escolha sua, por que que foi de manhã?

E: No início não. No início minha mãe que me colocou de manhã. Só depois do Fundamental II que começaram a me perguntar se eu queria estudar de manhã, de tarde, estudar na mesma. Aí começaram a perguntar minha opinião. Mas eu sempre quis estudar de manhã, inclusive no Ensino Médio quando eu fui pro 1º ano eu tive a

oportunidade de estudar num colégio só que a vaga era só de tarde. Eu não quis ir porque de tarde eu achava que ia perder tempo. Porque eu ia ficar dormindo de manhã e a tarde acabava meu dia. Então sempre fui inicialmente por causa da minha mãe, mas depois por escolha mesmo por achar que era melhor.

R: Certo. Assim como você aproveitava esse tempo que você tinha? Ainda quando pequeno você lembra se você tinha lição de casa? Se você tinha trabalhinhas pra fazer?

E: Lembro. Quando pequeno, prézinho essas coisas, tinha aquelas liçõezinhas básicas de colar, de pintar, tal. Minha mãe tem guardado algumas coisas até hoje. Mas eu não lembro exatamente das atividades que eram. Eu lembro que tinha mais uma coisa ou outra que fazia rapidinho e ia brincar, qualquer coisa assim.

R: Questão de... Porque assim, quando a gente é criança ela serve também pra alfabetizar. Então assim, você teve contato com a alfabetização e a leitura dentro da escola ou você já tinha tido antes?

E: Não. Eu tive antes. Isso é uma coisa também, das poucas coisas, que eu lembro quando pequeno. Eu tenho uma tia avó por parte de pai que ela é freira. E a gente ia muito também lá onde ela mora, ela mora lá até hoje, tipo um convento, sei lá. E lá é uma creche também. Então tinha muito material, ela sempre levava caderno, coisas assim de presente pra gente, tal. Uma vez a gente, eu lembro que a gente tava nesse convento dela e tinha caixas de livros e minha mãe foi lá e achou um livro, que eu tenho até hoje, de capa dura, capa não, folhas duras mesmo. Livro infantil pequenininho. Chama “bimbo” acho, “bimbo, é hora de brincar”. Tenho até hoje. Minha mãe leu comigo e eu fui meio que lendo em cima do que ela tava lendo, assim. Mesmo minha mãe tendo feito até a 4ª seria minha mãe lê juntando sílabas, talvez isso tenha até facilitado, porque eu fui lendo junto com ela. É o 1º livro que eu tenho consciência de ter lido e isso foi fora da escola.

R: Antes de entrar mesmo?

E: Eu não tenho certeza se foi antes de entrar ou se eu já estava na escola. Mas eu sabia... eu lembro que eu não sabia ler. Ela foi lendo e eu fui meio que juntando sílabas. Eu lembro que é um livro pequeno de uma frase por página. Então eu lembro que até decorei e eu lia porque sabia a história. Não porque eu tava lendo realmente, mas eu não lembro se eu já estava ou não na escola.

R: Esse primeiro contato fez despertar algum interesse? Depois desse livro, teve alguns outros livros que você tenha lido com a sua mãe ou que você pegava e folheava? Teve algum contato com livros antes da escola, ou mesmo antes da escola, você lembra de alguma coisa assim?

E: Então. Eu não lembro. Esse é o único que eu lembro. Mas sempre teve livro em casa, minhas irmãs na época de faculdade, sempre gostaram de ler. Então livro em casa sempre teve. Eu começo a ter lembranças mais assim de livro, eu lendo, é... No Ensino Fundamental mesmo. Agora até pré a única lembrança que eu tenho é essa.

R: Certo. A relação com os professores era uma relação boa?

E: Sempre foi tranquilo. Sempre fui um aluno bagunceiro, porém, que me garantia. Então nunca tive problema, vai... Eu sempre respeitei. Bagunçava, brincava, mas sempre respeitei. Nunca tive problemas maiores de levar advertência nem nada.

R: Certo. Ainda nesse momento da infância você teve algum problema com a alfabetização? Talvez isso de você já ter lido um pouco em casa você acha que isso te facilitou? Como que foi?

E: Não lembro muito pra ser sincero. Eu lembro de algumas vezes que minha irmã, ela... ela.. ajudou a me alfabetizar. Ela que me deu aula no 1º ano. Ela trabalhou em uma escola e eu fui estudar na escola que ela trabalhava. Ela dava aula, mas aí primeiro ano você já tá mais, ainda não é alfabetizado, mas já está com alguma convivência. Então, mas eu acho que antes disso, não sei dizer se eu estava na escola ou não. Eu lembro que eu estava em casa estudando escrever, aprendendo a escrever. Eu não lembro se tinha alguém me ajudando. Eu estava tentando fazer e não estava conseguindo. Comecei a ficar nervoso, falar que não queria mais, jogar fora e aí meu pai brigou comigo. Eu lembro que foi uma das únicas vezes que aí com doze anos meu pai saiu de casa. Mas foi uma das únicas vezes que meu pai brigou de levantar a mão pra mim. As outras vezes ele brigava, tal, mas nada de bater, coisa do tipo. Aí eu lembro que eu escrevi um bilhetinho bobinho pedindo desculpa pros dois. Fora isso o resto acho que foi normal.

R: Bom. Então agora já passando para o Ensino Fundamental I, tem essa primeira transição né? Já teve a primeira transição que foi a entrada na escola e essa segunda transição que você começa a crescer de certa forma. Você consegue lembrar de alguma diferença do pré pra 1ª série?

E: Ah, eu lembro que a escola. Porque era digamos, eu mudei de escola. Então era bem diferente. Já não era aquela escolinha com mesas coletivas. Sentava mesmo um monte de aluno em volta brincando, desenhando, pra um lugar em que eram mesas individuais, né? A 1ª série eu fui escola onde minha irmã trabalhava. Já eram carteiras normais, de um aluno tudo. Por mais que fazia rodinha, ia pro pátio, sentava no chão e etc, tinha essa diferença né? Enquanto no pré era uma mesona com várias cadeiras em volta que os alunos sentavam. Então essa mudança física mesmo. Mas assim, ainda tinha na escola do 1º ano aquela caixa de areia, escorregador, etc, dia de levar brinquedo na escola, lembro disso também. Claro que tinham algumas tarefas mais complicadinhas, assim, não sei dar exemplo. Mas lembro que era diferente a apostila em si, porque agora eram apostilas. Eu lembro um dia no 1º ano, é também uma das coisas que me marcaram, mais coisas externas me marcaram porque os próprios conteúdos.

R: Fica a vontade pra falar o que quiser.

E: Eu lembro que um dia a gente tava na escola e teve um eclipse e aí todos os alunos, professores, saíram pra fora. Era na quadra e aí era um eclipse. A vizinha da frente, não sei como, não lembro como, tenho essa lembrança, não sei se todos os detalhes foram assim, lembro que ela projetou na parede a imagem do eclipse pra gente não olhar diretamente no sol. Ela projetou, nem lembro como, na parede. A gente ficou olhando, tal, aí foi uma bagunça assim, porque ficou escuro, etc. Eu lembro vagamente disso.

R: Uhum. Certo. Você tem, assim, de todas as pessoas que eu conversei até agora você é a que tem lembranças mais remotas. Isso está sendo bastante interessante. Bom... É... Na 1ª série começa... Ah, uma coisa que você falou, que talvez você possa falar um pouquinho mais sobre o material que você falou que você começa a usar

apostila né? Você tinha, qual que era sua relação com o material? Não sei, tem alguma coisa pra você falar do material que você utilizava?

E: Então, pelo que eu me lembre sempre usei apostila. Né? Mesmo depois desse colégio, depois eu mudei e sempre fui usando apostila, nunca tive problemas. Na verdade eu acabei me acostumando com o sistema, mais pra frente assim, final do fundamental, médio, já pegava a apostila e já fazia na frente do professor pra poder conversar, bagunçar enquanto ele tava fazendo coisas que já sabia. Mas nunca tive problema com livros assim.

R: Mas em questão de organização? Assim, você era cuidadoso com o seu estojo? Com a sua mochila, suas coisas?

E: Sim. Com meu estojo sempre cuidei um pouco. Agora assim, material, apostila em si? Sempre acaba, espiral, sempre acaba soltando capa, uma folha ou outra, tal. Mas eu lembro que minha irmã cuidava muito bem dos meus livros. Quando chegava apostila eu lembro que ela encapava, tudo mais. Quando ela parou eu não fazia mais isso, aí ficava do jeito que veio. Mas quando era pequenininho ela encapava todas as apostilas, cadernos, cuidava, ficava um pouco mais de olho nas minhas coisas.

R: Pra você tinha alguma diferença isso?

E: Não. Não. Nunca... Ah, na verdade todo mundo encapava na época de criança assim. Nunca eram capas diferentes. Ou contact mesmo, ou uma coisinha ou outra mais simples, mas nunca foi um exemplo, assim. Chegava, dava a apostila, elas encapavam e pronto. Quando fiquei maior elas pararam de encapar e nunca mais. Só depois. Um caderno eu lembro que eu fiz uma capa porque era um desses cadernos que minha tia trouxe lá da creche que ela trabalhava, minha tia freira. Ela trouxe, porque era caderno que estava com problema, as capas estavam invertidas, folhas erradas, alguma coisa assim. As vezes a gente pegava esses cadernos. Porque a gente não ligava. Não sei se lá tinha algum problema e ela trazia, mas a gente pegava e a gente fazia a capa. Então recortava figura de jornal, colava mesmo e fazia. Inclusive uma das poucas, que eu me lembro eu duas advertências a minha vida inteira. Uma delas foi por causa desse caderno. Caiu uma foto do caderno, um colega foi me entregar a foto e a professora me deu advertência falando que eu tava vendo figuras durante a aula. Mas, encapar nunca mais rolou.

R: Isso ainda quando criança?

E: Isso já era, não digo médio, mas fundamental II assim. 6º, 7º ano.

R: Entendi. A questão do uniforme, tem alguma coisa pra você falar sobre uniforme?

E: Ahn... Bom, quando eu era pivete é... minha mãe reforçava, básico, os joelhos. Porque estourava todas as calças me jogando no chão, arrastando pelo chão. Então todos os uniformes tinham aquele remendo no joelho. Mas eu nunca tive, tive colegas que eram revoltados com uniforme. Eu nunca me importei. Sempre tinha dois ou três uniformes. Era aquele esquema que eu usava um dia, chegava todo porco, ia lavar, no dia seguinte usava outro enquanto um lavava. Ficava revezando. Mas nunca me importei de usar uniforme não. Pelo contrário. Depois no Ensino médio que podia usar roupa normal muitas vezes eu usava bermuda do uniforme que eu tinha da época do fundamental pra ir pra educação física, a camiseta. Continuei usando muito tempo, mesmo sem precisar.

R: Em relação assim, você teve bastante amigos? Você era mais reservado? Como que era assim o seu... não questão de comportamento, assim, porque você já falou um pouquinho, mas a socialização.

E: Sempre fiz amigos em todos os colégios né. E tenho amigos até hoje de todas essas épocas. Sempre fui de conversar com todo mundo da sala. Um dos meus melhores amigos, até hoje, eu estudei pela primeira vez no 1º ano quando minha irmã dava aula na 1ª série. Depois a gente perdeu um pouco o contato. Depois a gente voltou a estudar junto. Sei lá, 4ª ou 5ª série e desde então a gente é amigo até hoje. É... Tenho ainda, consigo lembrar, citar, pelo menos mais uns três quatro do primeiro ano mesmo que conheço até hoje, um ou outro eu conversava até pouco tempo atrás, ainda tá lá no Facebook, coisa assim. Desde essa época. E tenho uma amiga que é desde o prézinho, jardim, essa época do infantil. Que na verdade eu estudei com ela no infantil, tenho foto dela tudo lá, quando criança nas festinhas, etc, e não sabia. Perdi contato, só no Ensino Médio eu descobri que depois estudando com um menino ele comentou que tinha estudado com essa menina e que me conhecia. Aí a gente começou a conversar, reencontrei ela e aí até hoje eu sou amigo dela, a gente ... conheci minha namorada na casa dela e até hoje a gente conversa, eu vou na casa dela. Então é uma amizade que eu conheci no prézinho, mas ficou um tempo em stand by. Só no ensino médio fortaleceu, até pelas histórias da época do prézinho, as fotos.

(25:40*) R: Bom, na escola, vamos tentar falar um pouquinho sobre a relação com o conhecimento mesmo. É, você lembra das matérias que você tinha ainda no Ensino Fundamental I?

E: Fundamental I? Olha, lembro muito muito pouco. Eu lembro que minha irmã que dava aula na 1ª série, ahn.... apostila, desenhinhos, continhas básicas e era uma professora pra tudo né? Depois disso eu mudei de colégio, é...

R: Na 2ª série?

E: Na 2ª série. Eu fiz a 1ª série nesse colégio, chamava Barros Costa, não existe mais. Depois eu fui pro São domingos Sávio** que é perto da minha casa. Aí eu fiz o 2º ano da 2ª série até a 6ª série nesse colégio, que era sistema apostilado também, Positivo. Eu não lembro da matéria em si, assim, da cara, da apostila, coisa desse tipo. Mas eu lembro que esse colégio SÃO DOMINGOS Sávio ele trabalhava com um sistema de premiação nas melhores notas. Se você conseguisse média oito em todas as matérias, acima de oito em todas as matérias você ganhava um diplominha. Tipo honra ao mérito. Eu lembro que aí tinha todo começo de bimestre tinha cerimônia, cantava o hino, fazia fila, chamava os alunos que ficava com média oito, ganha o diplominha, os pais iam lá. Eu tinha um monte, fazia coleção desse negócio. Minha mãe deve ter uns guardados ainda, mas depois eu descobri que isso não era tão bom porque quando eu fui pro meu 7º ano, quando eu fui pro outro colégio que é o João Paulo Primeiro, que era sistema Anglo**, eu suava pra tirar cinco ou seis, e via que aquela média oito lá do outro colégio não significava muita coisa. Tanto que eu passei uns seis meses brigando tendo que estudar muito mais do que eu era acostumado pra conseguir pegar o ritmo do outro colégio, depois foi tranquilo.

R: Então nesse começo dessa segunda escola você não tinha grandes dificuldades com o conteúdo?

E: Não. Não que eu me lembre. Era bem tranquilo, o colégio era pequeno também, lá eu tenho poucas recordações. Na verdade tive problemas com o colégio, eu

não gostava muito. As pessoas de lá, os funcionários que eu digo assim, lembro de poucos professores. Os funcionários eram meio chatos assim, lembro de dois que eram legais, que era tipo uma bedel que tinha lá e o professor de educação física que eu adorava, adorava muito, muito gente boa. Mas os outros funcionários, outros professores, eu lembro pouquíssimo assim. Eu lembro que no intervalo a gente ficava preso num pátio, tinha que abrir um portão pra ir no banheiro, tinha que ir um por um, não gostava do sistema da escola assim. É, acabei saindo de lá por causa de problemas na época que meus pais se separaram, por problemas de pagamento que o colégio não quis negociar, tal, aí acabei saindo e mudei pro colégio que foi o melhor de tudo. Porque o outro colégio que era Anglo, aí comecei a ver, comecei a estudar de verdade, aprender de verdade e a melhor coisa que eu tenho desse colégio SÃO DOMINGOS SÁVIO que eu estudei do 2º ao 6º ano são os amigos. Que aí eu conheci uma galera legal e são meus melhores amigos até hoje. Pelo menos no aniversário de cada um a gente tá junto ainda. E é uma ga lera bem forte. Acho que é a galera que mais ficou, por mais que eu tenho contato com um ou outro da época do pré, ou mesmo do ensino médio, tem três ou quatro que eu tenho, faço questão de manter amizade, essa época do SÃO DOMINGOS SÁVIO, são os amigos mais fortes que eu tenho até hoje.

R: Você falou que não gostava tanto de ir pra escola nesse momento, eu acabei não perguntando, mas até a 1ª série você gostava de ir pra escola?

E: Então, na verdade eu sempre gostei de ir pra escola, até porque muitas vezes eu ficava no colégio jogando bola né? Até mesmo no SÃO DOMINGOS SÁVIO tinha treino de futebol com esse professor que eu falei que eu gosto. Eu ficava, a gente ficava a tarde inteira na escola, nunca tive problema de ir pra escola, nunca fui de ficar chorando que não queria ir, pelo contrário, sempre gostei de ir pra escola e ficava lá. O que eu não gostava era das regras desse colégio. Por exemplo, essa história de a gente ficar trancado em um pátio, trancado mesmo, de ficar um Bedel com um monte de chave na porta e você ter que pedir pra ir no banheiro, ele destranca, passa um aluno e vai, fica aquela fila, quando o aluno volta que o outro pode ir no banheiro. Isso eu achava meio, não sei, não gostava, não sentia bem com isso. Mas eu gostava, isso é até um julgamento que eu faço hoje, na época eu até reclamava, mas não ligava muito. Eu sempre gostei, eu ia, fazia uma bagunça, tinha os amigos, os professores mesmo, no próprio SÃO DOMINGOS SÁVIO, muitos amigos e tenho várias histórias assim do SÃO DOMINGOS SÁVIO mesmo, comecei a ir sozinho nessa época. Minha mãe sempre me levava e me buscava, só que na hora da saída minha mãe sempre tava lá, na hora que acabava a aula minha mãe já tava lá pra me buscar. Tinham muitos que ficavam, porque a mãe demorava ou ia de perua, ficavam brincando na hora da saída, aí comecei a pedir pra minha mãe não me buscar, no começo eu pedi pra ela me buscar mais tarde, só que ela tinha as coisas dela pra fazer também, e como era perto de casa eu comecei a pedir pra ela não me buscar. Ficava a tarde lá brincando e quando começava todo mundo a ir embora mesmo eu ia embora a pé sozinho. Então fazia questão de ficar lá no colégio brincando com a galera enquanto desse assim. E até lembro de um ou outro professor, mas não foi muito marcante assim. Foi mais pelas amizades. Aí tem uma ou outra história lá do colégio que eu lembro, mas até que não é muito pedagógica assim. São histórias do tipo, é, na hora do intervalo a gente juntava salgadinho de todo mundo pra comer misturado. É, coisas mais assim, sabe? Brincadeiras, é... O dia que teve jogo mundial do Palmeiras, que a gente juntou todo mundo, teve que ir mãe lá pedir pra sair na hora do intervalo pra poder assistir o jogo e foi uma revolução pra conseguir. Eu lembro de coisas assim, mas pedagógico mesmo.

R: Assim, a ideia do meu trabalho são realmente essas lembranças. Então assim, se você, qualquer lembrança que você tiver e se sentir a vontade pra falar pode falar. Não precisa ser necessariamente pedagógica. Então assim, é... no final, vocês conseguiram essa... assistir esse jogo?

E: Sim, a gente teve que brigar. Porque na verdade era um dia que tinha prova e lá era assim, prova nas primeiras aulas, aí tinha um intervalo e depois tinha aula normal. Então a gente queria fazer a prova e ir embora no intervalo. Aí nisso não deixaram. Aí teve que ter autorização na agenda, mesmo assim eles não queriam deixar porque queria uma meia dúzia de aluno queria sair. Aí mãe teve que ir lá. No final da história foi todo mundo lá pra minha casa, inclusive corinthiano, dispensaram todo mundo, foi todo mundo pra minha casa assistir o jogo.

R: Isso com quantos anos? Sabe me dizer?

E: Foi em noventa e nove.

R: Mas você ainda estava nesse colégio?

E: Tava. Tava no SÃO DOMINGOS SÁVIO. Isso devia ser 5º ou 6º ano, por aí, deve ser alguma coisa assim. Tem que fazer os cálculo. A gente era pivete ainda. Mas a gente conseguiu. Minha mãe foi. Minha mãe sempre foi muito tranquila assim, tudo que eu fazia eu falava pra ela. Então “ah, quero ou não quero ir pra aula pra assistir o jogo” e “então tá bom”, até porque não tinha problema de não querer ir pra aula. Então eu ia, fazia festa, queria ficar na escola, ficava de tarde. Então se era um dia que “não quero” ou “quero voltar mais cedo porque tem jogo” e ela deixava. Teve uma vez, isso já no JOÃO PAULO, aí já foi depois do 7º ano, não lembro qual ano foi, não lembro se foi 7º ou 8º ano ou se foi Ensino Médio, mas teve feriado, alguma coisa do tipo. Ia ter aula, não ia emendar. Aí a gente decidiu emendar. Então combinou todo mundo de faltar na aula, só que obviamente a gente não combinou na aula pra ficar em casa. A gente combinou de todo mundo se encontrar na esquina da escola e ir pro shopping. Aí a gente foi, bagunçou, só que como a gente é bem esperto nessa época a gente combinou na esquina da escola, então o pessoal da escola viu que a gente tava lá e não entrou na aula. Então eles ficaram “ah, tá cabulando aula pra ir pro shopping”, a gente foi pro shopping, tudo. Só que minha mãe sabia, né? Então eles começaram a ligar pra casa dos pais pra falar que o aluno não tinha entrado em aula, tal. Só que a gente foi no shopping e depois foi pra casa. Quando ligaram pra minha mãe eu já tava em casa, então eu que atendi. Eles falaram “ah, sua mãe sabe que você não foi na aula?” eu falei “sabe, quer falar com ela?” e ele “não, não precisa”, aí ele desligou. Então assim, minha mãe sempre soube tudo que eu fiz. Eu nunca escondi nada, eu falava “não quero ir hoje” e não ia, e pronto assim. Porque eu gostava muito de ir pra escola, então nunca tive problema com isso não.

R: E assim, sua mãe participava da sua vida escolar? De ver suas lições, ou alguém na sua casa? De ficar em cima. Você a tarde estudava? Como que era seu dia fora da escola? Tudo bem que você disse que ficava bastante brincando né? Mas em casa, tinha alguma relação com a escola?

E: Eu não lembro de olharem minha lição, de cobrarem coisas. É... eu lembro que eu fazia, nunca devi nada assim, eu sempre fazia as lições, não lembro se minha mãe ou minha irmã, lembro que minha irmã me ajudava as vezes. Eu pedia ajuda e elas me ajudavam a resolver uma coisa ou outra. Minha mãe não podia ajudar muito porque ela estudou só até a 4ª série, mas eu lembro que minhas irmãs me ajudavam.

Agora de... de olhar se eu fiz ou se eu não fiz, eu não lembro disso não, até porque eu sempre fiz, sempre... inclusive quando não era obrigatório eu fazia algumas coisas. Isso já no ensino médio eu fazia algumas coisas. Então acho que eu nunca tive problemas com relação a isso. Que vai até pra um lado de comportamento né? Mas eu acho que eu nunca tive essa história não. Não lembro pelo menos de ter. Eu lembro que ajudava, tal. Mas nunca tive, não lembro de ter tão rigoroso assim.

R: Nessa época você já tinha alguma tendência por gostar mais ou menos de algumas matérias?

E: Hmm... Época de fundamental I eu não lembro exatamente. Eu sei que depois, Fundamental II, quando começa a separar mais eu sempre tive, por mais que eu goste de ler, eu gosto de ler viajando assim, lendo por hobbie mesmo, agora ter que ler pra decorar algum fato, alguma data ou coisa assim, que é mais o lado história, geografia, pelo menos as minhas recordações eu acho que eu nunca gostei disso assim. Sempre pegava pra ler livro de história e achava um saco. E lembro de pegar por exemplo a apostila que eu falei, a apostila chegava e matemática eu fazia tudo no dia que a apostila chegava, eu fazia tudo. Essa era a minha técnica. Inclusive ensino médio. A apostila chegava e eu fazia a parte de matemática inteira. Aí tinha lá, sei lá, na aula sete, o exercício dois eu não conseguia, até chegar nesse exercício dois eu não ligava muito, ficava conversando, tal. Nunca fui de atrapalhar a aula a ponto de professor ter que me expulsar de sala, tal. Mas eu não prestava aquela atenção. Ficava conversando. Só quando chegasse naquele exercício, sei lá, da aula sete, o exercício dois, eu parava, prestava atenção, ouvia porque que eu não tinha conseguido, entendia o exercício, fazia e pronto. A apostila acabava ali pra mim. Então eu fazia com esse intuito assim, de saber onde eu tinha problema. No resto eu podia bagunçar a vontade que eu já sabia.

R: é... com as outras disciplinas. Bom, vamos falar dessa transição do fundamental I pro fundamental II. Qual que é a primeira diferença que você vê ir da 4ª série pra 5ª série, se é que tem alguma diferença.

E: Então, eu não lembro, até por estudar no mesmo colégio pra mim até o 6º ano foi de uma vez assim. 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6º ano, 6ª série foi normal né? Eu não lembro de mudanças. A turma era praticamente a mesma. Ficava lá no colégio, jogava futebol de tarde, tinha treino, mudava... o que mudou um pouco foi professor, mas mesmo assim eu ... não foi uma coisa muito marcante, nem lembro de dizer qual ano e quais professores que mudaram, então assim, até o 6º ano pra mim não teve muita mudança, mudou mais do 6º pro 7º.

R: Então vamos falar dessa mudança que é da 6ª série pra 7ª série né? E aí você disse que tinha falado que mudou de escola. Então fala como que foi essa transição, essa grande transição dessa escola pra outra escola.

E: Então, porque assim, do 6º pro 7º que eu mudei, o 7º e 8º ano eu fiz no JOÃO PAULO I, aí a mudança começou pela matéria em si, porque a apostila do ANGLO era muito mais forte, comecei a ter que estudar muito mais. Aquela historinha do diplominha acima de oito eu vi que era falso, porque eu não atingia aquilo. Enquanto em uma eu era super bom aluno sem muito esforço, nessa me esforçando eu não conseguia ser tão bom assim. Mas isso foi bem uma questão de adaptação, porque eu lembro que até o meio do ano eu me matava de estudar, tinha que ficar fazendo um monte de coisa pra conseguir tirar nota. Eu lembro que nas minhas primeiras provas eu fui mal. Mas depois assim, já no meio do ano pra frente eu lembro que já me adaptei e

aí voltei a ser o que era, sabe? De fazer os exercícios rapidinho, de estudar mais de véspera, sem ter que me preocupar muito, porque eu nunca fui de estudar horas. Eu sempre consegui me virar em pouco tempo, né? Eu sempre estudava um pouquinho e pronto, já era suficiente. Mas a mudança foi esse back assim da matéria mais difícil, e claro, escola diferente. Eu lembro até hoje quando tava mudando de escola, porque o que aconteceu foi que meu pai saiu de casa, é... Eu fazia inglês, estudava no SÃO DOMINGOS SÁVIO e fazia inglês. E quando ele saiu de casa a gente descobriu que tinha alguns meses que ele não pagava nenhum dos dois. E a gente não sabia. Aí minha mãe, minhas irmãs iam assumir. Minhas irmãs nessa época algumas já tinham terminado faculdade, outras estavam terminando, então todas já estavam trabalhando. Então no fim da história minhas quatro irmãs e meu irmão que pagaram essas escolas pra mim do 7º até o final, até eu entrar numa faculdade e tudo. Cursinho, eles que pagaram pra mim. Porque eles já eram mais velhos e eu sempre prestei bolsa, sempre consegui quarenta, cinquenta por cento de desconto. Então desde o colégio até o cursinho eu nunca paguei mais de duzentos e pouquinho. Então entre cinco irmãos até que não pesava tanto. Mas aí quando meu pai saiu de casa a gente descobriu que os dois estavam sem pagar, tanto o colégio quanto o inglês. Aí minha mãe, meus irmãos foram, sentaram pra conversar. No inglês foi super tranquilo, conversou. Falou “oh, tá devendo tanto, vamos dividir esse tanto nos próximos meses” e no entanto que eu continuei no inglês e fiz até o final. Me formei lá no curso e acertou tudo sem maiores problemas. Eles foram super legais e deu tudo certo. Já nesse colégio eles não conseguiam aceitar negociação pra pagamento. Eles queriam que pagassem todos os meses que estavam atrasados de uma vez. A gente falou que não dava, o advogado da minha mãe chegou a ir na escola pra explicar a situação, etc, o diretor não aceitou nada, não sei se pode falar isso aqui, mas minha mãe mandou ele ir a merda e eu saí do colégio. Então acho que a dívida está lá até hoje no nome do meu pai. Não sei, nunca mais fui lá ver. O cara perdeu a oportunidade, pra mim foi bom, porque depois eu acabei indo pra um colégio melhor, etc, mas eu acho que se ele não tivesse dado esse problema eu teria continuado no colégio, né? Se ele tivesse aceitado negociar. Como ele não aceitou eu saí, a dívida ficou lá, tanto que depois de um tempo eu fui pegar o histórico escolar e eles não queriam entregar, queriam que eu assinasse um termo falando que está com dívida, minha mãe obviamente não assinou nada e pegou. Porque é um direito que tem de pegar o histórico escolar né? Então pegou sem maiores problemas. Então eu acredito que a dívida deve tá lá pra ele de presente, sei lá. Aí já é coisa do meu pai, não ligo muito. Mas aí teve esses momentos, resolver se ia mudar ou se não ia, depois procurar escola. Eu lembro a gente andando, tal. Chegou na escola eu lembro que minhas irmãs gostaram porque era ANGLO né? Elas fizeram cursinho ANGLO e gostaram do material, tal. Então, é... Da proposta do colégio eles gostaram e eu obviamente gostei muito porque tinham duas quadras gigantes, né? Então de todos os colégios que eu tinha olhado eu tinha gostado daquele por causa das quadras. E prestei prova lá e consegui desconto bom. Aí entrei, me adaptei ao curso que era mais pesado, depois disso, 7º e 8º ano foi tranquilo. Aí depois do 1º semestre do 7º ano o restante, o 8º ano foi super tranquilo. Aí já tava no ritmo, já conhecia o pessoal. Eu lembro que até o primeiro dia desse colégio eu quase briguei com o moleque. Lá no futebol a gente tava jogando, eu lembro que a turma era pequeno, tinha acho que dezoito alunos. Só que eram só cinco ou seis homens. O resto era tudo mulher. Então a gente ia jogar futebol e era mó desfalcado o jogo. As meninas jogando vôlei. Tinha um moleque que depois eu descobri que ele era encrenca mesmo e sempre foi problema do colégio. Ele não quis jogar futebol e foi jogar com as meninas, até aí tudo bem, opção do cara. A gente ficou

jogando futebol, nisso a bolsa caiu pra quadra do lado, onde ele tava. Aí ele pegou a bola, eu fui correndo pra buscar bola, foi lateral. No que eu tava chegando ele pegou, aí eu parei imaginando que ele ia pegar e jogar a bola de volta. Aí ele segurou a bola e começou a jogar pro outro lado. Aí eu fui até ele e dei um tapa na bola pra pegar a bola, aí dei um tapa e tava voltando. Quando eu tava voltando ele veio pra me chutar e aí eu fui pra cima, mas aí separar. Depois falaram “ó, não briga que ele é meio e tal, bababa” e não deu uma semana ele saiu do colégio. Então, aí depois descobri que ele já tinha tido outros problemas, etc. Mas não foi nada demais, assim. Foi até engraçado, todo mundo ficou na bagunça, não foi nada sério. E tenho amigos até hoje de lá também, né? Dessa época, eram poucos alunos. Depois no Ensino Médio entraram outras pessoas que eu tenho amizade até hoje, mas aí tem uma outra transição, eu estou pulando pro primeiro ano, então calma. Mas assim, o 7º e 8º foi bem legal, gostei bastante, a turma era pequena. Aí já começou a rolar aquelas festinhas de ir na casa de amigo, ter festa de aniversário. Eu lembro até hoje de festar que a gente ía, um amigo fez a festa de apagar a luz da sala, colocar luzes e fazer baladinha.

R: Isso amigos da escola mesmo?

(46min)*E: Amigos da escola mesmo.

R: E assim, você falou no começo da nossa conversa de amigos da rua que eram com a mesma idade.

E: É.

R: Mas eles sumiram no meio da história.

E: Então, o que aconteceu. Na verdade foi assim. Tinham, tem a G. o G. e a S. que eram filhos de uma amiga da minha mãe que sempre tava em casa, etc. Eu não lembro exatamente a data certa. Mas o pai dele teve câncer, acabou falecendo e depois disso eles foram morar no Guarujá. Então, aí o contato diário a gente perdeu. Férias a gente sempre alugava casa na mesma rua que eles pra passar as férias no Guarujá. Então ainda tinha esse contato. Mas aí o dia dia perdeu porque eles foram morar no Guarujá. A M. que era filha de uma outra amiga desse mesmo grupo de amigas da minha mãe, a mãe dela também mudou, eles eram um pouco diferentes assim. Eles queriam ter um status que eles não têm, são um pouco estranhos assim. Eles mudaram, aí fiquei um tempo sem ver, depois eles voltaram pra rua, encontrei de novo. Mas aí ela já tava naquela fase eu querendo jogar bola e ela era menina que não pensava nisso. Aí eu sei que ela ainda mora perto da minha casa, mas não tenho contato, ela já teve filho. Não tive mais contato. As vezes eu vejo a mãe dela passar na rua, cumprimentar, mas perdi contato nessas de mudar de casa e etc. Eu fiquei no mesmo lugar sempre, mas ela mudou muito. E o R. é o mais estranho de todos da história que é o que nasceu praticamente ali comigo. Minha mãe e o vô dele foram umas das primeiras casas da rua, né? Então assim, a gente cresceu junto brincando. Só que também não sei te dizer o momento exato, mas em um determinado momento ele começou a ir pra igreja e aí a igreja, ficava o tempo na igreja, amigos da igreja, tentou me levar, eu fui umas duas vezes na igreja dele, mas eu não tenho muita paciência pra essas coisas de religião, então não segui. Então ele se focou totalmente pra lá. Aí começou a sair só com os caras da igreja. Aí começou a ser só de se encontrar na rua e cumprimentar, dar oi. Ele começou a se envolver só lá. Começou a sair só com as pessoas da igreja, namorar com o pessoal da igreja. Hoje também tá casado, com filho. Encontro, cumprimento, mas não converso.

R: Então chegou um momento que suas amizades eram da escola mesmo?

E: É. E aí ficaram amigos que eram de escola antiga que continuaram. Mas que foram amizades construídas na escola. Hoje meus amigos mesmo foram construídos na escola, faculdade, coisas assim. Da época de criança claro. Ainda tenho contato por exemplo com o G. e a S., mas é muito raro, né? E é diferente também. Teve depois uma fase que tinha uma molecada diferente na rua, mas era uma molecada que eu já era mais velho e eles eram pequenos, a diferença de idade era maior, eu brincava, jogava bola com eles na rua. Hoje ainda tão lá, cumprimentam, mas não é uma amizade que eu saio, que tem uma interação maior, que tem realmente amizade é o pessoal do colégio.

R: Ao longo dessa sua fala você falou que fazia o curso de inglês. Você lembra se tinha alguma diferença ou alguma relação entre o curso de inglês que você fazia e a escola? Não necessariamente o inglês mesmo, não sei nem se você tinha o inglês na escola. Mas alguma comparação assim que você possa estabelecer?

E: Era bem diferente. A única coisa igual era a vontade de ir, no sentido assim, porque tinha amigo nos dois. Fiz bastante amizade na escola de inglês que eu fiz. Hmm... Com relação a parte pedagógica, assim, aprendi muito mais na escola de inglês. Quando eu ia pra escola tinha inglês, mas inglês de escola é quase insignificante. Então muitas vezes eu passei a ser auxiliar da professora de inglês, então ficava conversando com ela em inglês, ajudava a turma, coisa do tipo e pra mim era totalmente ridícula a matéria dada na escola. Então o inglês da escola era um momento de eu não fazer nada assim, porque o inglês que eu tinha era muito maior do que o inglês que a escola dava. Mas a escola de inglês era super legal porque eu fiz muitos amigos, saía com o pessoal da escola de inglês também, a escola de inglês fazia passeio pro PLAYCENTER uma vez por semestre, a gente ia toda vez, né? A gente juntou um grupo legal, teve uma época que a gente estava andando em cinco ou seis pessoas. Ia em festa, casa de um, casa do outro fazer uma bagunça, era bem legal. Fora as festas que a própria escola de inglês fazia, de halloween. Fora atividades extras que eram musicas, filmes, a gente combinava e ia nos shows, ia ver um filme, tal. Então era uma interação diferente. Era bem legal assim, gostava muito. Sinto falta do meu curso de inglês.

R: Na escola não tinha nenhuma festa escolar? Nenhuma atividade extra além do futebol?

E: Tinha muito raramente assim uma feira do livro, feira de ciências. E não era todo ano, pelo menos eu não me lembro de ter todo ano. A bagunça maior a gente que fazia mesmo de ir na casa de um, na casa do outro. O pessoal vivia na minha casa pra jogar bola. Então assim, agora evento na escola, pra ser sincero o único que eu lembro, que foi mais marcante assim foi um já no ensino médio. Que aí a gente fez um grupo de... eu tava num grupo que era só moleque, cinco ou seis moleques, a gente fez BEATLES, foi muito legal e a gente dividiu a sala com as meninas que fizeram, eram só meninas e fizeram um trabalho sobre moda. Anos... eu não lembro, oitenta, sei lá, alguma coisa assim. A sala era dividida no meio por um tapete vermelho na diagonal assim, que era onde elas faziam desfile das roupas. Aí numa metade estavam discos, cartazes dos Beatles, uma TV tocando Yellow Submarine, no outro roupas penduradas, aí a sala ficou muito legal, a gente fez meio que uma balada. Então o único evento que teve na escola que eu lembro que foi muito legal, mas aí já foi Ensino Médio. Antes disso era festinha normal, aniversário de alguém, nada muito marcante.

R: É... bom... não sei com qual idade começou a aparecer isso, mas na adolescência começa a aparecer a atração né? Começa a aparecer namoradas, as garotas. É... Apareceu, começou a aparecer em que momento isso? Foi nessa época do ensino fundamental II ou mais pra frente?

E: Mais pra frente. Eu sempre fui muito tranquilo. Minha intenção na escola era jogar bola. Então eu ficava a tarde inteira jogando bola, claro que na época do fundamental II tinha freira na escola, aí tinha treino na escola, aí tinha treino dos meninos e das meninas. Obviamente a gente ficava assistindo o treino das meninas, zoando e coisa do tipo. É... Mas de ficar, coisa assim, a primeira pelo menos pra mim foi no 1º ano do ensino médio. Até o fundamental era só mesmo olhar, zoar e ficava nessas brincadeirinhas. Mas os rolos mesmos foram no ensino médio.

R: Bom, então já vamos fazer essa transição pro ensino médio e aí mais uma vez uma transição né? Você consegue perceber alguma grande diferença do fundamental II pro médio?

E: Então, essa transição no meu caso foi maior. Porque, e aliás deu pra ver um pouco de... de amadurecimento da minha parte. Porque o que aconteceu? Acabou o ano inteiro, né? Eu fiz 7ª e 8ª no JOÃO PAULO I e aquela história “pô, vai pro ensino médio? Por que não o ensino médio numa escola diferente? Ver uma outra dinâmica e quem sabe aprender um pouco mais?”. Minhas irmãs começaram a pesquisar, me deram opções, inclusive opções que tinham cursos técnicos já pensando na parte profissional e etc. Aí a gente conversou, acabei optando por um colégio que era extremamente longe da minha casa, né? Eu moro perto de Taboão da Serra e o colégio ficava na Ana Rosa. E eu... era pegar ônibus todo dia, né? Horas dentro do ônibus pra ir de Taboão até Ana Rosa, o resto eu descia a pé. Era um colégio que era um colégio de uma faculdade. Eu não lembro qual faculdade que era, alguma coisa tipo FAAP, FACAMP, alguma coisa assim. O colégio chamava CEINTER. Só tinha ensino médio. E aí foi uma mudança muito grande porque era um lugar que não era mais tão perto de casa, porque o outro colégio era quinze minutos de ônibus e dava pra ir a pé as vezes. Esse já era a hora, uma hora, uma hora e meia de ônibus. E aí era uma coisa mais com autonomia maior. Porque eu ia de ônibus sozinho, era um colégio que só tinha ensino médio e faculdade, então eu no 1º ano era o mais novo de lá, né? Fora que era tratado... era uma faculdade. Então assim, era uma catraca que você passava, você podia entrar e sair a hora que você quisesse. Intervalo se você quisesse sair e tomar um lanche no bar da frente você ia. Então era uma coisa que até então não tinha, na escola até o 8ª ano, 8ª série era fechadinho ali. Autorização da mãe pra sair, coisa do tipo. Por mais que eu voltasse sozinho, mas eu voltava sozinho porque minha mãe tinha autorizado na agenda no começo do ano que eu poderia voltar o ano inteiro sozinho. Mas esse não, esse a hora que eu quisesse sair do colégio eu saía. Entrar, tal. Tinha horários a se respeitar, chegava atrasado não podia entrar, tinha que esperar a outra aula, coisas do tipo. Mas essa liberdade, a hora do intervalo vou sair e tal. Aí eu ia de ônibus, estudava de manhã, colégio normal. A gente saía, a turma lá, também conhecia muita gente. Lá não mantive contato com ninguém, porque fiquei só seis meses né? Só o 1º semestre. Eu lembro de muita gente de lá, mas não tenho contato com ninguém de lá. Mas a gente saía a turma toda. Saía e almoçava por ali, né? A gente andava por ali, comia ali em algum lugar perto e voltava porque a tarde tinha o curso técnico. Então qual que era regra, a ordem da coisa né?(57 min 13*) A gente tinha as aulas, as aulas eram ruins, o colégio era super fraco, a aula de matemática era basicamente. As aulas de matemática que eu lembro mais, as outras eu não lembro muito. Mas as aulas de matemática o professor entrava,

colocava meia dúzia de problema na lousa e falava “quem resolver vai ganhando pronto” e a gente ia na lousa resolver. Só que chegou um determinado momento que ele mandava eu não resolver porque eu já tinha resolvido muitos, eu já tinha mais nota do que o suficiente e aí ele pedia pra eu não resolver. Então eu resolvia, mostrava pra ele no papel mesmo e ficava esperando alguém ir na lousa resolver. Não aprendi nada. Não tive conteúdo no 1º semestre do 1º ano, né? Isso eu via porque no JOÃO PAULO eu visitava o pessoal ainda, então eu ia direto pra lá. As vezes eu não tinha aula a tarde, eu ia pro colégio, pro JOÃO PAULO. Aí eu ficava comparando as vezes matéria, tal, e via que eu não tava aprendendo nada. Já o curso técnico foi muito legal. Ele era dividido. No 1º ano eu fazia 1º semestre era curso computação, word, excel, access, no 2º ano eu ia ter, no 2º semestre ia ter um técnico de alguma outra coisa que eu não lembro o que, que aí no 2º ano você decidia qual você seguia, se era o lado computador ou se era esse outro ramo que eu não lembro o que que era. Aí você escolhia no 2º ano. Era um esquema legal, tinha TCC pra fazer durante o ano. Trabalho, tal, então assim, eu lembro que a gente fez alguns trabalhos, aliás, isso era a parte boa do colégio. Eu lembro que a gente saiu uma vez tirando foto, fez um trabalho entre a... é... o que a gente via nas ruas ali, o contraste entre mendigos e o pessoal engravatado tal. O colégio ficava perto da EBEMEC ali, que a região ali Ana Rosa, Paraíso, etc. E lá tem muito cara engravatado, então na mesma calçada a gente tirava foto de um cara engravatado e um mendigão deitado no chão. Então a gente fez um trabalho sobre isso. Eu não lembro o tema, mas depois até quando eu saí do colégio eu encontrei o pessoal pra entregar o material que eu tava com o material na minha casa, entreguei pra eles, pra eles terminarem, tal. Mas em resumo assim, conheci muita gente legal. Infelizmente não mantive contato, mas conheci muita gente legal. Não aprendi nada no colégio. O técnico eu aprendi, foi legal, foi bom, é...

R: O técnico você também não continuou fazendo?

E: Então, não porque fazia parte do colégio. Então como eu saí do colégio eu saí de tudo. Então visitando o JOÃO PAULO, etc, vi que não tava aprendendo nada, fui conversando em casa e por mais que tenha sido um período legal, tenho muitas lembranças, apesar de ter sido só um semestre, tenho muitas lembranças do CEINTER, foi uma época que era copa, copa no Japão, Coréia. Os jogos eram de manhã, então a gente chegava, ficava vendo os jogos antes da aula, ou no intervalo a gente corria pra cantina pra assistir um jogo, tinha um chocolate lá que era mó gostoso e era barato, a gente comia muito desse chocolate, todo intervalo jogando truco, jogava muito truco nessa época, foi a época que eu mais joguei truco foi nesse colégio. Então assim, tem várias lembrancinhas, era um prédio de faculdade, então era muito legal os andares, sabe? Um andar era de sala, o outro era de cantina. Então assim, vários esqueminhas na escola. Era... hmm, muitas lembranças legais assim. Era um esquema bem legal. Pena que eu não tava aprendendo nada. Então eu acabei optando no meio do ano por voltar pro JOÃO PAULO. Aí no meio do 1º ano eu voltei, foi legal porque, pô, eu cheguei no colégio, eu conhecia todo mundo, eu não avisei ninguém que eu tava voltando, então eu cheguei todo mundo olhou e “cara, que que se tá fazendo aqui moleque?”, aí foi aquela bagunça com todo mundo. Aí foi legal porque do 8º pro 1º entrou muita gente nova no colégio. Então ficou aquele clima assim, eu cheguei, a maioria já conhecia, eu cheguei bagunçando e aquela galera que eu não conhecia me olhando meio estranho “pô, que que tá acontecendo?”, aí fui conhecendo o pessoal. Então não tive fase de adaptar né? Já tava mais do que adaptado. Puta, foi legal pra caramba ter voltado assim pro colégio. Fora que aí eu comecei a aprender de novo. Tive que correr atrás de algumas coisas,

algumas coisas eu tive que correr inclusive depois mais tarde. Porque o que aconteceu? Quando eu cheguei no colégio, se eu não me engano o JOÃO PAULO era trimestral e o outro colégio era bimestral. Então eu cheguei no JOÃO PAULO, o pessoal tava indo fazer o 2º trimestre. Só que eu já tinha duas notas dos semestres anteriores, então essas notas entraram como do 1º e no 2º trimestre. Só que lá no outro colégio eu não aprendia nada. Então eu tinha as notas altíssimas, então eu já tinha passado de ano. Não dependia nem do 3º trimestre mais. Eu já tinha passado. Então estudar que era bom não precisava. Só que depois eu fui ver por exemplo, uma coisa que é extremamente fundamental que você aprende no 1º ano são vetores em física. E eu não aprendi no outro colégio. Então eu via o 3º semestre acontecendo umas coisas ali em física, só que eu não tinha noção do que tava acontecendo né? Eu lembro que física marcou mais porque tudo que vinha dependia de vetores. Eu não tinha noção do que era vetores, nunca tinha ouvido falar dessa palavra. O pessoal vindo, fazendo coisa e eu não entendia nada. Tive que correr atrás, no 2º ano também pra conseguir entender. Mas aí também, fui, corri atrás e consegui pegar. Aí 2º ano, 2º e 3º ano eu terminei no JOÃO PAULO mesmo e aí sim eu posso dizer que o Ensino Médio foi a melhor época de colégio da minha vida assim. É... lembro de todos os professores, tenho contato com alguns até hoje, trabalho, sou colega de um hoje que pra mim é uma coisa sensacional, ainda não me acostumei, mas assim, foi a melhor época. Se eu pudesse voltar em alguma época da minha vida eu voltaria pra fazer 1º, 2º e 3º ano de novo. Então assim, adorei o ensino médio, tenho muitos amigos dessa época, os professores, lembro das aulas até hoje, lembro de muita coisa, das festas que a gente fazia, das bagunças que a gente fazia, aí ensino médio, aí sim foi marcante. Aí daria pra eu falar a noite inteira de coisas do ensino médio, que de lá eu lembro muito assim, fiz muita coisa mesmo.

R: Você chegou a trabalhar junto com o ensino médio? Em algum momento da escola você chegou a trabalhar?

E: Não não. Eu fazia muito esporte. Meus amigos sempre pagaram pra mim esporte, eu fazia natação, jogava futebol, já fiz judô, fazia capoeira, musculação na época do ensino médio. Eu fui fazer musculação, fiz natação. Aí quando eu... saí do 3º, fui pro cursinho, aí eu decidi parar tudo, fiz cursinho, entrei na faculdade, fiz o 1º ano curtindo a faculdade e trabalhar mesmo sério só no 2º ano de faculdade. Claro que antes tinha umas curtições assim, tinha umas brincadeiras, digamos assim, sem contar aquela de vender dinheiro quando você é criança que você vendia por moeda pra pai, pra mãe. Minha mãe fazia salgadinho né? Ela, teve época que ela trabalhava em casa de família, depois ela parou de trabalhar, aí depois ela voltou a trabalhar uma época, no ensino fundamental ela ainda trabalhava em casa de família, eu ficava sozinho em casa. Aí a galera ia pra minha casa bagunçar, a gente fazia umas comidas gororobas. Tem um amigo que sempre lembra das gororobas que a gente fazia pra comer. Então assim, minha mãe sempre fez salgadinho pra vender pra fora. E assim, eu ajudava ela a fazer. A enrolar a coxinha, fechar esfiha, coisa desse tipo. Ajudava, as vezes ela me dava um dinheirinho, mas nada oficial. Era brincadeira. Teve uma época que eu ajudei a pegar, isso realmente por brincadeira. Minha mãe vendia só pra festa, era o cento, eram tantos reais o cento. Aí teve uma época que eu e esse meu amigo que era meu vizinho, o R., a gente “mãe, a gente vai vender esses salgadinhos”, então ela fazia um pouco a mais, a gente punha numa térmica assim um pouco e ia na rua vender. Saía andando, ia lá perto do inglês que eu fazia, no Taboão nos pontos de ônibus e a gente vendia tudo. Eram dois pivetes que vendia. E minha mãe falava “vende aí”, aí era brincadeira, a gente fazia o preço que a gente queria assim, ah “cinquenta centavos a coxinha”. Vendi e as

moedinhas eram nossas. A gente dividia as moedas entre a gente. Então assim, não é bem um trabalho, era mais uma brincadeira, mas é o mais próximo que eu cheguei de um trabalho.

R: É... No ensino médio você já tinha algum pensamento na faculdade? Você já sabia o que você queria fazer? Já estudava pra passar na faculdade? Já tinha conhecimento da USP? O que era uma universidade pública?

E: Não. Isso foi uma falha minha e do colégio, do JOÃO PAULO no ensino médio. Por mais que o colégio era sistema ANGLO, é... tinha questões né, na apostila, que eram de vestibular. Tinham simulados né? Grandes, de o dia inteiro, tal, eu não ligava. Pra mim eu ia lá, aprendia aquilo que tinha que aprender, nunca fiquei de recuperação, tirava meu sete/oito, tava ótimo assim sem me preocupar. Ahn... Jogava bola, festas. Puta, 3º ano era festa todo final de semana, tinha que aproveitar o último ano, ninguém falava de vestibular. Era o ano de curtir porque era o último ano da galera junto. A gente fazia festa todo final de semana, começou a fazer planos da viagem de formatura, Porto Seguro, depois voltou e só falava da viagem e mais festa porque tava acabando o ano, todo mundo ia se separar. Então assim, acabou meu Ensino médio, eu nunca foquei no vestibular. Sinceramente eu acho que fui descobrir o que que era FUVEST quando no 3º ano eu fui fazer a inscrição que foi quase um treineiro pra mim. Eu prestei por prestar, nem sabia o que que era. EU não sabia que o vestibular da USP era FUVEST. Então assim, eu passei o ensino médio realmente, aprendi muita coisa? Aprendi, mas curti demais. Hoje se eu pudesse voltar eu curtiria o dobro e aproveitaria o dobro né? Eu aprendi muita coisa. Muita coisa que eu sei hoje eu lembro das aulas que os professores do Ensino Médio me deram. Então eu realmente aprendi, não foi só bagunça. A bagunça fez mais parte do que o vestibular. Então assim, é uma das coisas que atrapalhou. No final da história o que que aconteceu? Eu prestei sem saber o que queria, eu falei “vamos prestar a USP, ae, vamos, vamo aí”. Não sabia o que era, não sabia o que prestar, não tinha ideia do que eu queria. Lembro que na época eu sentei e pensei “bom, tem que colocar alguma coisa aqui”. Eu li o manual inteiro pra conhecer as carreiras, as profissões que eu não conhecia, não fui atrás de perguntar pra ninguém. Simplesmente li. Eu falei “ah, sei lá, o que eu gosto na escola?”, erro comum da galera “ah, eu gosto de matemática e de educação física”, beleza, educação física é o que eu gosto mais, sempre fiz muito esporte. Aí não tinha opção, eu lia lá as opções das carreiras e a única coisa era educação física de fato. Só que eu não queria ser professor “Eu gosto de educação física, mas eu não quero dar aula. Nem fodendo”. Aí eu comecei a olhar e “matemática então. Que que tem aí de carreira que usa matemática? Engenharia”. Não tinha conhecimento. Aí fui lá e prestei engenharia. Eu fui bem, porque eu tive um colégio bom, por mais bagunçado que eu fiz o meu ensino médio. Eu aprendi muita coisa, então assim, eram ainda cem questões. Eu lembro que eu fiz cinquenta e tantos, tipo cinquenta e oito, cinquenta e nove, alguma coisa do tipo. Não, mentira. Eu fiz cinquenta e seis. Lembrei. Eu fiz cinquenta e seis. Só que engenharia era sessenta e pouquinho, né? Só que eu não passei. Se eu tivesse prestado matemática eu teria passado, por exemplo. Mas até então eu não sabia o que eu queria. Tô saindo do ensino médio, mas eu vou resumir só pra terminar esse papo. Fiz um ano de ETAPA que eu detestei, emburreci no ETAPA, tanto que eu fui muito pior. Depois de três anos, foi só festa, sem saber o que que era FUVEST eu fiz cinquenta e seis. Depois de um ano de etapa, estudando pra passar em engenharia, sem pesquisar também, sem ir atrás, eu fiz quarenta e pouquinho, quarenta e dois, alguma coisa assim. Caiu muito minha nota, ainda de cem questões. Aí no ano seguinte eu fui pro ANGLO, aí lá no ANGLO eu

comecei a estudar mais a sério. Comecei a conversar com professores, começaram a me mostrar, nisso minha namorada já tinha passado também. Ela começou a me dar umas dicas também.

R: Você começou a namorar no 3º ano do ensino médio?

E: No ETAPA, 3º ano era só bagunça, aí no ETAPA comecei a namorar. Não larguei estudo pra namorar. Estudei mesmo no ETAPA, tal, só que eu não me acostumei, porque era muito quebrado. O problema do ETAPA era muito quebrado. Eu não tinha a organização que o ETAPA exige. Por exemplo, História que não era meu forte, nunca foi, tinham sei lá, três, quatro professores. Tinha professor que era quinzenal, não lembrava o nome do cara, muito menos a matéria as vezes. Os professores de matéria que eu conhecia, por exemplo, física, eles ensinavam de um jeito totalmente complicado e diferente. Coisas que eu olhava e falava “puta, eu sabia isso na escola, tirei dez na escola e não tô sabendo fazer”. Então foi um período que me emburreceu e verdade, não sei dizer saber porquê. Aí no ANGLO eu voltei a estudar, aí já era o sistema que eu tava acostumado, do JOAO PAULO, tal, voltei a estudar forte, conversar com os professores, a minha namorada dava umas dicas também, né? Eu fui estudando, engenharia não era o que eu queria no final da história. Aí comecei a ver matemática, ainda não queria ser professores, acabei optando matemática e não educação física por poder trabalhar em banco, empresa, essas coisas. E acabei prestando matemática, aí passei sossegado, a nota já era noventa... a primeira prova de noventa questões. A nota de corte foi trinta, eu passei com sessenta na primeira fase. Tanto que esse ano eu não prestei mais nada, decidi que eu realmente queria isso. No ano do ETAPA prestei UNESP, UNICAMP, MACKENZIE, cheguei a passar em química no MACKENZIE, como eu não sabia o que queria cada lugar eu prestei uma coisa. No ano seguinte do ano, decidi, prestei só FUVEST, só matemática. Não prestei mais nenhuma outra faculdade.

R: Você lembra se você já sabia a diferença entre licenciatura e bacharelado.

E: Não, não sabia. A diferença que eu sabia era assim, a minha namorada tinha explicado, a frase dela foi “licenciatura você dá aula, bacharelado você pode fazer outras coisas, você não quer dar aula, mas licenciatura é mais fácil você passar. Então presta licenciatura que lá dentro da USP depois é mais fácil você ir pro bacharelado pra trabalhar com outra coisa. No entanto que eu prestei licenciatura, passei, é... o meu 1º ano eu curti a faculdade como eu já falei, CEPE, etc. No finalzinho do ano eu comecei a pesquisar pra mudar pro bacharelado, porque eu não queria. Meu plano era mudar pro bacharelado. Só que não podia né? Você tem que fazer um ano primeiro pra depois mudar. Então eu só poderia mudar no outro ano. Aí eu falei “bom, e agora? Será que eu pego matérias já do bacharelado, será que eu faço?”. Não sabia muito bem o que fazer. Aí veio férias, né? Isso já era dezembro. Aí veio férias, tal, aí lá pra janeiro, janeiro fevereiro, fevereiro assim, eu falei “bom, a aula vai começar, é... tenho que começar a focar pro bacharelado e quero trabalho”, porque no 2º ano eu tava decidido a trabalhar. Comecei a fazer currículo e a distribuir em banco. Antes de eu começar a distribuir em banco, um amigo ligou, o T., e falou “olha, minha mãe trabalhar em um colégio, o PERETZ, tá precisando de um plantão lá, eu não quero pegar. Você topa?”. Como eu tava querendo é... trabalhar, eu falei “puta, acho que topo né?”, não queria dar aula, mas ah, pra conhecer, né? Topei, junto com isso o coordenador do ANGLO que eu estudei também me chamou pra trabalhar lá. Acabei entrando durante a semana no PERETZ, de sábado no ANGLO, comecei a gostar da coisa, desisti de mudar pro bacharelado e virei

professor, e gostando do que faço, assim, não era a ideia inicial. As coisas foram acontecendo e aí foi até engraçado, porque depois eu voltei, todo ano eu ia no colégio do JOAO PAULO que eu falei que o meu ensino médio foi sensacional, voltava lá, dava oi para os professores, fiz estágio lá, pesquisa lá, matérias da faculdade. Ia lá sempre assim, e depois quando comecei a dar aula fui lá pros meus professores contar que eu tinha começado a dar aula, começaram a me zoar falando que agora eu ia aguentar o que eles... passar pelo que eles passaram, coisa do tipo. E resumidamente foi isso.

R: Não, mas assim, você falou bastante coisa, bastante pertinente a sua fala. Eu só queria saber assim, esse gosto por matemática, mesmo na matemática, você lembra por que que começou ou quando que começou efetivamente?

E: Quando, por que começou eu não lembro, mas eu sei de caminhos assim. Eu sei que desde o fundamental eu já tinha uma facilidade, até então em contas né? Foi o que eu falei, a apostila chegava e eu fazia. Inclusive eu ajudava muito amigos em matemática. Não sei quando começou, mas eu sempre tive essa facilidade. Em matemática e inglês. Eram duas matérias que eu sempre ajudava o pessoal. É até engraçado porque eu ajudava mesmo, passava cola. Eu nunca peguei cola. Isso eu não sei, porque eu era contra, eu não pegava cola. Eu entregava questão em branco sem saber fazer. Porque eu não sabia, não era nem questão de ser politicamente correto. Eu tinha preguiça de, de querer, de pegar cola, tentar entender o que o cara escreveu, pra eu tentar interpretar e escrever, porque eu não queria copiar exatamente o que o cara falava. Então eu preferia entregar em branco do que pegar a cola. Porque eu sabia que com o que eu tinha feito eu garantia lá meus seis, sete, tava ótimo. Então eu entregava muita coisa em branco. Meus seis, sete, tava bom. Então pegar cola, eu nunca peguei. Pelo menos até a faculdade. Aí, agora, passar cola, eu sempre passei. E sempre foi muito assim, é... Eu tenho hoje, até hoje, amigos que me encontram, dão risada e falam “pô, passei do colégio por sua causa, matemática, inglês”, então assim, matemática e inglês eu sempre passei muita cola porque eu sempre fazia e achava muito fácil. Eu não estudava. Eu simplesmente ia lá, fazia a prova de matemática e de inglês, tirava as notas tranquilas e eu passava a cola mesmo, de as vezes eu jogar minha prova pra alunos, pra colegas de trás, do lado “tô minha prova aí”. Outro detalhe engraçado é que eu lembro que eu não escondia isso. Só que como eu era, de certo modo, bom aluno, tirava notava boa, etc, nunca desrespeitava o professor, por mais que eu bagunçasse muito, né, mas bagunçava no sentido da idade mesmo, eu não desrespeitava o professor, o professor pedia e eu ficava quieto na hora. Então assim, por ter esse comportamento os professores não acreditavam. Já teve situações de várias vezes, de eu ter terminado a prova, tá ajudando amigo e a professora olhava, passava olhando e falava “você já terminou? Por que você não sai?” e eu falava “ah não, é porque eu tô passando resposta pra não sei quem” e ela passava direto. Eu falava abertamente e ela ou não acreditava ou não ligava. Hoje como eu dou aula eu sei que é muito fácil ver quem tá colando né? Então não sei se ela não acreditava ou se ela não ligava mesmo porque eu me garantia, né? Mas eu falava abertamente “ah não, estou passando” e meus colegas morriam, eu falava “eu tô passando cola pra M.” e ela “como assim, você tá falando? Não sei o que.”. Então coisas desse tipo. Ah, e aí era engraçado essa época. Eu sempre fui muito bem. Inglês por causa do curso e matemática sem explicação. As contas eram tranquilas. Já no Ensino Médio eu sei porque que o meu gosto pela matemática ampliou. Como começou eu não sei, mas porque dominou eu sei, que aí no ensino médio eu tive dois professores que eram muito bons. É... o Z. e a... não lembro o nome da outra professora, o Z. dava geometria. O Z. eu lembro o nome dele porque depois eu encontrei ele

algumas vezes, eu cheguei a encontrar com ele lá no Anglo né? Depois ele sumiu. Ele não foi de fazer muita amizades. Lembrei, era M., era M. o nome da professora. O que acontecia? A M. era super boazinha e ela dava a parte de álgebra e ela sempre me incentivava muito, porque ela via que eu gostava, que eu ia bem. Então ela me incentivava muito. Isso era muito legal assim. E ela costumava encher meu saco, porque assim, eu tinha prova de matemática ou alguma atividade e eu ficava muito preocupado nas partes difíceis e ela falava “eu posso colocar a questão mais difícil que eu conseguir, você vai pegar, sentar, brigar com essa questão até resolver e vai acertar, se eu colocar dois mais dois você erra”. Ela ficava brincando disso, porque eu dava muito atenção pras coisas difíceis, ficava pensando e gostava daquilo. Quando chegava na parte fácil eu fazia de qualquer jeito e errava muita besteirinha. Ela sempre ficava brincando “meo, olha só, você não tirou dez porque você errou a soma. A questão ninguém acertou, você foi o único, mas você errou por causa da soma”. Então assim, ela sempre ficava em cima de mim com essas coisas e era sensacional a aula dela. E o Z. também, a aula dele era sensacional, ele era, ele dava uma aula diferente. Ele demonstrava coisas que... coisa rara de acontecer. Ele demonstrava e era engraçado porque ele ia, mostrava, ele calculou o raio da Terra com a gente. Enquanto eu era o único lá prestando atenção eu prestava atenção e virava. Eu era o contrário, quando ele tava dando uma teoria, ó gente, isso vai cair na prova, eu virava pra trás e não tava nem aí. A turma prestava atenção porque ia cair na prova. De repente ele falava “agora vamos fazer um extra, vamos calcular o raio da Terra”. Todo mundo virava pra trás pra bagunçar e eu virava pra frente pra prestar atenção. Então era meio contrário as situações assim. E gostava do desafio, a prova do Z. era sempre com cinco questões. Duas fáceis, normalmente pra mim era ridículo, porque era igual a matéria. Duas médias que tinha que pensar um pouquinho, tal, e uma impossível, que era sempre a briga pra resolver aquela questão, assim. Hoje eu tenho até umas questões dele guardadas, hoje eu vejo, não é tão difícil assim. Mas na época a briga era resolver essa 5ª questão. E tem várias histórias com os dois, assim, o Z. já chegou a dar prova, é, que não tinha resposta. Que a turma tava bagunçando e aí ele parou a matéria e falou “vou dar prova, a aula que vem é prova disso”. Todo mundo desesperado, ele combinou comigo e mais uma galera “oh, vocês aí fingem que a prova tá fácil e que vocês sabem fazer”. A gente saía, todo mundo desesperado e a prova não tinha resolução, sabe? Muita coisa desse tipo. Aula, outro dia eu dei aula de determinante no cursinho e eu fiz um, comentei da aula dele, da época de colégio. Porque eu lembro que, até hoje, quando ele deu determinante, aquela propriedade de abaixo da diagonal ser zero, você multiplica a diagonal principal pelo elemento da diagonal principal. Ele deu uma matriz que era a folha do caderno inteiro, ele começou a aula assim. Ele virou e falou “copia essa matriz” ele virou e pôs na lousa, era a folha do caderno inteira, era sei lá, dez por dez, gigante. E ele começou a colocar na diagonal principal só tinha números normais, um, dois, menos um, númerozinhos assim. Abaixo dela zero e acima dela ele colocou só coisa bizarra, só que até então ele não tinha dado nenhuma propriedade. Ele só tinha mostrado como calcular determinante. A gente até sabia calcular, ele deu como calcular ordem maior que três, simplificar né? E... e... por kió, cofator, coisa do tipo. E propriedade ele não tinha dado. Ele chegou e deu, matriz gigante, que a diagonal eram números simples. Abaixo dela era zero e acima ele colocou π , raiz de dois, π ao quadrado sobre raiz de três. Ele só colocou números absurdos assim. E deixou a gente calcular a aula inteira. A gente ficou, ficou, ficou. Todo mundo desesperado, aqueles mais nerds da turma quase chorando, a gente lá, e quando bateu o sinal ele “conseguiram?” e a gente “não”. Ele “oh, tem uma propriedade que assim: abaixo da diagonal principal é zero você multiplica a diagonal principal é o

determinante”, ele multiplicou e foi embora. Assim, eu lembro até hoje dessa aula. Comentei quando dei essa aula, comentei disso. Então assim, gostava muito. Ele sabe que eu, como eu comentei, eu cheguei a dar aula junto com ele um curto período, depois ele sumiu, não sei onde ele tá agora. Nunca mais tive notícia, agora a M. é uma professora que eu adoro e queria muito encontrar com ela pra contar que virei professor, que eu lembro das aulas dela, tal. Mas eu nunca mais encontrei, depois que eu saí do colégio logo em seguida ela saiu, porque quando eu saí do JOÃO PAULO no ensino médio, o JOÃO PAULO tava saindo de lá obrigado. Por que? Por causa do metrô. Ele ficava na Francisco Morato, na Avenida Francisco Morato e aí demoliram o colégio e ele foi obrigado a mudar. Só que na época, é, foi tudo muito rápido. Então meu último ano, meu 3º ano já era uma parte com a metade da escola já tava interditada. Tava sendo demolido e aí tava tendo aula só na outra metade do colégio enquanto outro prédio tava sendo construído. Foi muito transição. Então colégio perdeu muitos alunos por ser uma coisa meio nas coxas assim. Eles estavam dando aula numa parte, sabe? Eles improvisaram salas de aula pra poder, pra poder ter aula. Então muita gente saiu, tal, e aí quando tava construindo rolou problema financeiro. No final da história tavam devendo pra professores. Isso eu fiquei sabendo depois né? Quando eu comecei a trabalhar com colegas que eram meus professores eles contaram. Aí ficaram devendo pra professores e tal. Muitos professores saíram brigados, sem receber, etc, essa razão foi uma delas. Ela saiu brigada, tal, e nunca mais tive notícias assim. Eu não sei, nunca mais encontrei nem nada. Mas assim, foi o que eu falei. O começo, o porquê a matemática entrou na minha vida eu não sei. Mas muito de eu ter escolhido matemática e hoje dou aula de matemática eu devo muito a esses dois professores que foram sensacionais.

R: É, teve algum outro professor que não, que talvez tenha legitimado assim, ou tenha alguma lembrança não pela disciplina, mas por algum valor?

E: Então, tudo a época do ensino médio, os professores que mais marcaram. Que eu tive excelentes professores assim. É... Puta, aquela equipe que eu tive de professores no Ensino Médio eu acho que é difícil um colégio ter uma equipe tão boa quanto era aquela época assim. Então eu lembro muito bem de muitos. É... Fora esses dois de matemática que me marcaram tinha um professor de química, o A., inclusive encontrei ele agora em Julho, tinha encontrado, não tinha notícias dele fazia muito tempo. Cheguei a ter notícia dele que dava aula em faculdade, uma vizinha minha teve aula com ele e comentou “ah, estou tendo aula com um professor seu, ele lembrou de você, conversei com ele”, depois fiquei um tempão sem ter notícia, depois encontrei com ele agora no colégio que meu sobrinho estudo. Conversei com ele rapidinho, tal, mas é um professor que na época do colégio ele era professor daqueles rigorosos. Todo mundo detestava e eu gostava desse desafio. Né? E ele, uma coisa que me marcou muito é que eu ia bem, era química, sempre tirei nota muito boa e fazia questão de tirar nota muito boa com ele e ele sempre me desafiava, ele falava “você nunca vai tirar dez na minha prova” e eu nunca tirei mesmo. Mas assim, eu estudava, ia bem, mas chegava na hora eu tirava nove vírgula nove porque ele tirou ponto da vírgula que eu não pus na hora de escrever a resposta, sabe? Então assim, ele fazia questão de tirar alguma coisinha, mas era pela brincadeira. Eu nunca me importei, talvez alguém ficasse bravo com isso. Eu achava legal. E sempre queria tirar o dez na matéria dele. Então assim, ele foi outro professor super marcante, né? Lembro até hoje das aulas dele. A parte de química, tal, química orgânica, tudo. Ahn, a professora de literatura marcou também. É... A L., mas ela marcou porque assim, a aula dela era boa, mas ela marcou mais assim

por ser muito antiga no colégio, então ela mandava nos donos, nos diretores, a gente ficava zoando isso, que ela era praticamente dona. Na biblioteca tinham fotos antigas, tinha foto dela quando o colégio estava sendo construído. Então assim, marcou mais essas coisas. Mas ela era uma boa professora também. A aula dela era muito boa. É... ela, também, literatura sempre foi meu fraco e com ela eu fiz um caderno, tenho guardado até hoje de resumo de literatura, ela levava pra casa e olhava o caderno dizendo se tava bom, se não tava, e tal. Isso é uma coisa que fiz por minha conta mesmo. E lembro bastante dela também, cheguei a conversa com ela depois que saí do colégio. Boa professora. Mas lembro mais dessas coisinhas assim, extra, extra aula.

R: Uhum.

E: Biologia tinha um professor super legal também, tinha o B., que dava uma aula super boa também, é... E lembro também que ele vivia pegando no pé porque eu gostava da aula dele, apesar de detestar Biologia e falava pra ele “biologia é muito chato, não sei o que lá” e ele tentava fazer alguma coisa, zoava também, ele era super legal e a aula dele era boa. Aprendi muito. O que eu sei de biologia foi com ele na verdade. Mas bagunçava muito na aula dele, porque eu detestava biologia e ele sempre com aquela ameaça, assim “é...” ele dava teoria e pedia “oh, vamos fazer os exercícios da tarefa, tais exercícios” e aí começava a bagunça generalizada “eu vou mandar entregar”, ele dava uns chiliques, “eu vou mandar entregar valendo nota e não sei o que”, as vezes funcionava, a galera ficava quieta. As vezes a galera “tá bom, tá bom”. Tinha que entregar e ele sempre vinha né? Eu falava “não quero fazer isso, é muito chato B.” e ele “vou mandar você entregar” e “tá bom”, fazia e entregava pra ele, não sei o que. Nunca tinha nota. Até depois disso, agora, depois que eu virei professor eu encontrei ele na festa junina do colégio, tem dois anos, conversando com ele, relembando essas coisas, eu falava pra ele “pô B., você ficava torturando todo mundo, fazendo ameaça, pedindo pra entregar, não sei o que e a gente entregava” e ele dando risada, virou pra mim e falou “puta, é, mas vocês não tinham jeito. Vocês começavam a bagunçar muito, era o jeito que eu tinha pra tentar controlar vocês, mas aquilo lá era um saco. Eu sempre saía com um bolo de lista, de coisa, eu nunca nem olhava aquilo. Saía da sala e já jogava no lixo ali mesmo”. Então coisas assim sabe? Histórias legais. E ele era um bom professor, muito bom professor. Gostava muito da aula dele. Agora o mais marcante de todos, se duvidar mais até do que os de matemática mesmo, ironicamente, foi um de gramática, o M., o M.. Ele puta professor. Uma das melhores aulas de gramática que já tive, fora que ele super atencioso, no JOÃO PAULO tinha um esquema que antes das aulas, das provas, é... tinha um plantão com os professores. E ele sempre ficava, tinha época, na maioria das vezes que eu, foi aquilo que eu falei, eu estudava pro meus seis sete, tava ótimo. E meo, os alunos não ficavam pra estudar, pra plantão a tarde. Então eu ficava lá só pra conversar com ele. Ele dava plantão de sexta feira, era de sexta feira e eu lembro até hoje, tinha feira na rua do colégio de sexta. Então a gente, eu saía, comprava pastel pra gente, a gente sentava na sala comendo pastel e conversando. Falando besteira, sabe? Época de 2º, 3º ano. O 3º ano a gente falava, juntava “pô M., como você consegue dar aula pra aquelas menininhas do 1º ano?” e ele “puta, nem me fala, é foda”. Ficava falando conversando, falando besteira mesmo. Mas quando precisava né? Ele pegava sério. O plantão era questão de uma hora, teve uma vez que eu lembro, uma das maiores dificuldades da minha vida é conjugar verbo. Detesto isso, o que eu sei foi ele que me ensinou. Teve uma vez que a gente pegou e falou “ó, a gente só sai daqui quando você entender isso daí”. E a gente ficou horas ali, a tarde inteira e ele me explicando, conjugando, nãñã, então assim, o

que eu sei de conjugação verbal é graças a ele assim. Então a aula dele era sensacional. Fora vícios que professor tem né? Ele tinha mania de escrever na lousa, olhar pra traz fazendo biquinho pra dar bronca e isso até hoje eu encho o saco dele, porque ele é o cara que trabalha comigo. Então o professor que eu mais gostei da escola hoje é meu colega e eu acho isso sensacional. Então assim, agora como profissional tenho muito história ainda com ele. A primeira vez que eu fui no ANGLO Osa... ANGLO Alphaville dar aula eu não sabia chegar. Eu liguei lá, a secretária não sabia a me ensinar a chegar, ela “vou te passar pra sala dos professores, tem um professor lá, o R., ele te ensina”. Só que na minha escola, no JOÃO PAULO, quando eu estudei ele era M., o nome dele, então o professor M., que eu chamo ele de M. até hoje. Só que aí ligou na sala dos professes e atendeu o professor R.. Ambos sérios, ele sério e eu aqui né? Tô falando com um professor do ANGLO, eu mó, na época era plantonista, né? Tô indo, sou plantonista, não sei chegar ainda no ANGLO, ele “aonde você tá?”, todo formal, ele me explicou todo o caminho, cheguei lá, primeira coisa que eu fiz foi “vou descer na sala dos professores e agradecer o professor”. No que eu entro o professor R. era o M., eu olhei e falei “mentira que você é o R.”. Ele “você que eu ensinei a chegar? Se foder, devia ter te mandado pra outro lugar. Ter ensinado o lugar errado”, e comecei a conversar assim, sabe? E foi muito legal, e a gente hoje a gente se encontra no ANGLO ou em festas do ANGLO assim e conversa, relembra várias coisas. Eu dei aula pra uma turma do cursinho noturno que ele dava aula também, eu falei pro pessoal “ow, bagunça um pouquinho na aula dele pra vocês verem ele virar com biquinho pra dar bronca”, começou a virar agora brincadeira de colega. Mas tudo da época do, do colégio assim. E é o professor que eu mais, mais gostei de ter aula. Que eu mais aprendi. E até hoje pra mim é exemplo, assim. Sabe? Eu, eu sei lá. Eu, muita coisa eu faço até espontaneamente nas minhas aulas, agora falando na minha parte profissional, eu dou aula meio que espontâneo né? Mas muita coisa na hora, mesmo na parte espontânea eu lembro de tentar fazer ou pelo menos contar pros alunos alguma coisa ou que o Z. que a M. ou que o M. fizeram assim, sempre comento alguma coisa. Lembro da aula deles pra tentar ser bom como eles são assim. E, e... ou até lembrar de professores que foram muito ruins e eu falo “não, esse eu não quero pra mim”. Mas o M. é... é o cara assim.

R: Uhum. Bom é...Eu acredito que a gente já está caminhando pro final da entrevista né? Porque a gente já passou por toda a educação básica. Você falou de certa forma bastante até sobre o seu ensino superior. Qual que foi o ano que você entrou na USP?

E: Dois mil e sete.

R: Certo. E qual momento você tá da sua graduação? Você já tá pra se formar? Já se formou?

E: Reta final. Faltam três matérias. Não vou dizer em anos porque não sei quanto tempo eu vou levar pra fazer essas três matérias, mas faltam três matérias.

R: É... Comparação com a escola, você tinha criado alguma expectativa da sua graduação? É... faz uma comparação assim com a escola né? O que que te agregou? O que que você não gostou da universidade?

E: É... Alguns pontos meio frustrantes mesmo. Assim, é... Bom. Eu entrei na USP, na faculdade pra fazer matemática achando que eu iria aprender muita coisa. E eu não sei, parando pra pensar, fazendo um balanço eu não sei se eu aprendi tanta coisa. Então assim, olhando matérias do colégio que eu uso pra dar aula, que eu já sabia, por,

até por ter bons professores, eu pude aperfeiçoar muito. Porque na época por mais que eu tivesse bons professores ainda era muito cálculo. Na escola, na faculdade eu pude aprender a demonstrar, entender da onde veio. A entender a essência da coisa. Então assim, é... Isso foi muito bom. Unir o meu conhecimento que eu tive, que eu ganhei na escola com esses bons professores, com as aulas que eu tive aqui na faculdade, com a... As aulas que eu dou agora trabalhando. Eu posso dizer que eu tenho uma bagagem desse conteúdo muito legal. Eu sou seguro do que eu falo. Eu tenho uma segurança enorme dessa parte de Ensino Fundamental e médio. Então eu tenho uma segurança legal mesmo. Eu sei da onde veio. Na faculdade eu aprendi a demonstrar. Então em relação a matérias de colégio, que eu já sabia um pouco e eu uso no dia dia, a faculdade me deu uma base muito boa assim, que foi essencial. Mas parou por aí. Agora coisas novas, ahn... A faculdade não acrescentou. Eu não sei se eu me dediquei do jeito que eu deveria, eu não sei se os professores que eu tive a matéria não foram professores, é... Tão, que se enquadravam no meu perfil. Porque eu tenho um problema que eu falei que é de não estudar muito. Eu não consigo sentar e passar horas estudando. Por mais que eu saiba, sei que matemática só se estuda assim. Nunca foi esse o meu perfil, não consigo sentar e estudar. Tanto que no começo da faculdade isso dava muito certo, as primeiras matérias eu fui passando sem sentar pra estudar. Até eu tomar o primeiro nabão lá, nota zero e ter que sentar e estudar pra não bombar. Mas mesmo assim, até hoje eu não consigo sentar e estudar horas né? Então eu preciso muito de um professor que eu goste, que eu entenda o que ele tá falando que daí vai sozinho. Se o professor não é bom parece que eu até travo. Se eu não consigo entender o jeito que ele fala travou e é matéria perdida pra mim. Então assim, matérias novas, é... eu não aprendi. Então, é... Posso colocar, é... Estatística por exemplo, eu só sei estatística, estatística básica que a gente usa na escola, que eu dou aula, que eu aprendi na escola. Calcular média, desvio padrão, variância. Até roubando olhando um pouquinho as fórmulas, por não lembrar de cor. Mas por exemplo, eu lembro muito bem que estatística II da faculdade começa a envolver umas coisas de Cálculo e etc. Não tenho a noção do que é. Eu lembro que envolve cálculo. Eu não sei o que é, pra que serve, nada. O próprio cálculo mesmo, cálculo I, II, II e IV, eu tô terminando o IV. Muito por não saber o que é aquilo. Parece matéria de escola. Pra mim na faculdade seria um lugar que eu ia aprender de verdade, até muita prática. E cálculo na faculdade é uma matéria tipo colégio "oh, a fórmula é essa, decora e usa", não sei da onde veio, não sei pra que que serve e até mesmo aqui dentro aprendi a detestar isso, né? Matérias da escola, agora que eu dou aula eu mostro da onde veio. Não quero que meu aluno decore, né? Do mesmo jeito que eu não quero decorar. Então essa Matéria cálculo que é decora e usa pra mim é uma merda. Não serve pra nada e eu vou mal. Eu comecei agora Cálculo I e II eu posso dizer que eu sei mais porque eu dei monitoria com a C. e ela, puta, aprendi dando monitoria com algo que eu não aprenderia fazendo Cálculo I e II a vida inteira aqui dentro. Infelizmente Cálculo III e IV eu não tive com a C. e nem vou continuar a monitoria porque ela não vai dar essa matéria. Então Cálculo III, ok... Por agora ter uma base boa em Cálculo I e II vai. Cálculo IV que é a que eu tô fazendo agora, puts, nem precisei estudar pra integrais tripla, porque a base que eu tive com a C. ficou tudo muito claro, fez sentido pra mim. Tirei nove na prova de, de, na primeira prova de cálculo IV que eram integrais triplas. Depois disso eu só caí. Porque aí veio a parte de vetores, rotacional, campo conservativo. E essa parte eu não sei, envolve um pouco de física que eu não gosto e tô de REC. Tô com quatro ponto três de média, vou ter que fazer a prova agora, tendo tirado um nove na primeira prova. O pior de tudo é que ninguém ensina isso. A professora que deu, não vou citar nomes, mas você sabe quem é, não vou citar

nomes, a professora que me deu Cálculo IV ela não sabia o que tava dando. Ela não sabia assumidamente. De tá dando rotacional, divergente, aluno levantar a mão e falar “mas professora, o que que é isso?” e “olha, não sei, eu só sei calcular. Eu li aqui no livro, mas não entendi”. Então assim, Não quero saber calcular. Pra mim não vai saber nada. Então daí minha nota caiu pra três, quatro e fiquei de REC. Espero que eu passe pra não ter que passar por tudo isso de novo. Mas tá vendo? É uma matéria que eu quero me livrar. Porque eu sei que não vou aprender. Então eu quero me livrar. E eu não gosto. Então essa parte que me frustrou na faculdade assim. Então, ahn... Já disse isso pra C. quando eu comecei a dar monitoria com ela “as matérias que envolvem matéria de fundamental e médio foram sensacionais na faculdade, me acrescentaram muito e hoje eu tenho uma segurança graças a união da prática de eu dar aula, do colégio que eu tive bom e da sustentação que a faculdade me deu. Agora qualquer matéria que eu aprendi, praticamente deveria aprender na faculdade, não aprendi. A faculdade só serviu pra, pra solidificar o conhecimento pra eu dar aula de matemática. Fundamental e Médio. Agora qualquer novidade, por exemplo, Álgebra II, Anéis, coisas abstratas que são só da faculdade, tipo, não sei pra que que são. Não aprendi, não... é a parte que infelizmente foi jogada fora aqui da faculdade.

R: Alguns últimos questionamentos. Quer dizer, já está caminhando mesmo pro fim. Você lembra do seu primeiro dia que pisou na sala de aula, não como aluno, mas como professor?

E: Então, lembro, mas teve momentos e momentos. Que eu comecei como plantonista né? Até cheguei a dar aula, não era bem aula, eles chamam de plantão dirigido. Que é pra uma turma, porque até então plantão você tá sentadinho, o aluno vem falar com você. Agora quando eu entrei pra uma turma, não era uma turma grande, porque era plantão dirigido, meia dúzia, assim, não conta, digamos assim. É... a primeira vez que eu entrei pra dar aula, que eu ainda mesmo assim, não considero muito, foi quando pediram pra eu dar aula de recuperação, lá no ANGLO, o professor não ia dar e eu fui dar aula de recuperação. Então já teve uma responsabilidade maior, foi legal, mas era ainda uma turma resumida. Era só quem tava de recuperação e mesmo assim era uma semana de aula. Não era uma turma minha, né? Ahn... Os dois momentos mais fortes assim de quando eu entrei pra dar aula que me marcaram, uma foi quando eu ganhei uma turma de verdade, que por mais que não seja uma aula semanal, porque era uma turma de final de semana, de cursinho, então era aula do de sábado e domingo, então acabava dando aula uma ou duas vezes por mês, mas aquele momento que pisei e olhei uma sala de cento e poucos alunos e eu ali e eles vão seguir o que eu falar, o que eu vou falar né? Então teve aquele momento meio tenso, do tipo “puta, responsabilidade. Tem cem pessoas me olhando e eu vou explicar”, mas ao mesmo tempo eu nunca tive vergonha nem insegurança, então fui embora né? E eu, num segundo momento, mais marcante assim, né? Que foi quando eu assumi uma turma mesmo aí séria, séria que eu digo com sequência. Porque a turma de final de semana que é FDS é, como eu falei, uma vez por mês, então eu nem lembro direito das pessoas. Então quando eu assumi turma mesmo, foi legal, assumi ao mesmo tempo cursinho e colégio. O colégio não foi algo tão marcante porque eram só duas turmas e eu já conhecia do plantão o pessoal. Então eu já cheguei meio normal. Agora a turma do curso foi legal porque a primeira turma que eu tive foi o curso noturno em Taboão da Serra, foi exatamente onde eu fiz. Eu fiz cursinho noturno lá. Então eu falei pra eles “puta, isso aqui tá sendo muito legal pra mim porque eu estudei aqui, fiz cursinho aqui noturno e tô dando a minha primeira aula mesmo pra uma turma no cursinho noturno

aqui”. Então teve um significado diferente. Mas foi mais esse lado emocional, assim. Não tive insegurança, ou “puta merda, socorro”. Entrei, dá aquele frio na barriga básico quando você tá entrando, todo mundo olhando desconfiado pra você, mas é cinco minutos, começa a falar, vai embora e eu até hoje, dependendo de quando começa uma turma nova, né, coisa assim, dá aquele friozinho na barriga, entra aluno novo “peraí, pessoa nova, não te conheço ainda”. Mas coisa de dois três minutos e depois vamos embora.

R: E você como professor o que pretende transmitir? Mais a parte de conhecimento mesmo? Você também tenta passar alguma outra coisa?

E: Ah, eu converso muito com os alunos. Eu quero que eles entendam né? Infelizmente nem sempre dá pra fazer por questão de cumprir... tem que dar aquela matéria aquele ano, horário, etc. Então as vezes uma matéria ou outra tem que escolher “essa vou passar um pouco mais rápido, vou por uma fórmula ali e comentar só de onde veio”, porque comentário tem que ter. Nunca coloquei uma fórmula na lousa simplesmente “oh, essa é a fórmula pra resolver exercício, é fácil”, aliás, comento com eles “isso aqui não vou poder demonstrar porque não dá tempo, é... é um pouco longa a demonstração, mas a ideia vem de tal e tal lugar. Desculpa não poder demonstrar, mas não dá mesmo tá? Mas pelo menos vocês sabem de onde veio a historinha. Se eu não falasse nem isso eu ia me sentir muito inútil aqui na frente. A história é quem quiser demonstrar, quem quiser me perguntar fora da aula a gente senta e demonstra. Mas está aqui a ideia, vamos resolver exercícios”. Pelo menos isso eu falo, mas sempre que eu posso ou eu demonstro ou eu obrigo eles a demonstrarem. Eu já cheguei a dar aula, me atrasei no conteúdo por causa disso, mas depois eu recuperei, em que eu parei e falei “olha, vocês que vão fazer essa aula”. Eu parei e fui induzindo eles até eles conseguirem demonstrar todas as formuletas que tinha daquela parte, né? Então eu quero que eles entendam. Eu falo pra eles “não decora, decorar não serve pra nada. Fórmula não serve pra nada. Se você...” uma coisa que eu até encho o saco deles, eu até falo “olha, ter uma fórmula e não saber o conteúdo não serve pra nada”. Poderia passar uma fórmula pro cara do fundamental de cálculo e diferencial, e decora. Tem capacidade pra decorar. Mas vai saber fazer exercício? Não. Então eu falo pra eles “ter a fórmula e não ter o conteúdo não serve pra nada”. A partir do momento que você tem o conteúdo você entende como a coisa funciona. Então você sabe resolver sem ter que recorrer a fórmula. Falo pra eles “conclusão de tudo, fórmula não serve pra nada. Fórmula sem conteúdo não serve, conteúdo, quem tem conteúdo não precisa de fórmula. Então a fórmula nunca é útil né?”. Então tem sempre que mostrar isso pra eles. É o meu objetivo assim. Se um dia eu entrar na aula pra passar fórmula e pedir pra eles fazerem exercício eu desisto disso que tô fazendo. Então eu quero que eles entendam. Eu falo muito isso pra eles “conversem comigo, eu faço entender, eu sento do lado, tento explicar de novo”. Eu falo que a parte mais desafiadora de dar aula e a mais legal é você conseguir explicar uma coisa de maneiras diferentes. Isso eu já falei pra aluno meu também “o meu desafio é fazer você entender, eu expliquei de um jeito, se você não entendeu eu tenho que dar um jeito de explicar de uma maneira totalmente diferente”. Porque eu falei pra eles “a coisa mais irritante que tem é quando você está assistindo uma aula e o professor fala ou escreve alguma coisa e aquilo não faz sentido, por exemplo, você não entendeu, o professor falou, olha, sei lá “b ao quadrado é c ao quadrado mais a ao quadrado”, você fala “mas por que isso?” e você fala “professor, não entendi aquela parte”, aí ele repete tipo mais alto “não, é que b ao quadrado...”, “não é que eu não ouvi o que eu não estou entendendo o que está escrito, são coisas diferentes”, então eu sempre lembro disso

quando tô dando aula. Quando o cara me pergunta, que não entendeu, não é porque ele não ouviu ou porque ele não tá entendendo o que tá escrito, não adianta eu repetir a mesma coisa, repetir é uma merda, não mudou. Então o meu desafio é “perai, vou explicar de outro jeito, buscar outra coisa, outro exemplo”. Então é isso que busco nas minhas aulas.

R: Eu só tenho mais dois questionamentos. Porque assim, você concluiu sua educação básica, já tá caminhando pro final da universidade, que faltam só três disciplinas, e aí eu queria perguntar assim: qual é o seu projeto de vida? Seu projeto pessoal daqui pra frente? Você pretende continuar estudando? Pretende se aperfeiçoar em alguma coisa? Pretende constituir uma família? Depois que você se formar continuará trabalhando como professor? Então qual que é seu projeto mesmo?

E: É, tô envolvido pra caramba em dar aula, esse ano eu já fiquei sabendo que eu vou ganhar mais aulas ainda lá no ANGLO, os professores disseram que saíram, eu vou assumir no colégio uma turma inteira de ensino médio, 1º, 2º e 3º ano. Então é... Tô beirando mais dar aulas. Espero conseguir que eu dê uma aula boa e ganhar bem, pra que eu tenha uma vida legal. Quero terminar logo essa faculdade. Quero e vou tentar me esforçar pra já, já prestar a prova de mestrado o ano que vem e já emendar o mestrado. Porque eu sei que se dar uma pausa pra voltar depois é quase impossível. Por mais que final de faculdade essas matérias, essa frustração de não aprender uma coisa ou outra já tá me enchendo o saco. Eu quero me livrar disso entre aspas. Então eu queria poder ter a força suficiente pra falar “puta, me livro disso, vou ficar uns três anos sem olhar isso, depois faço mestrado”, mas sei que não vai acontecer.

R: Mas por que que você quer fazer o mestrado?

E: Porque eu acho importante, é... ter essa continuidade, fazer mestrado, doutorado, pra poder abrir uma opção de dar aula em universidade, ou até mesmo se eu decidir mudar, falar “não quero mais dar aula”, mas ter opção, ter conhecimento pra ir pra uma empresa, alguma coisa e tá sempre em contato até mesmo pra ir reciclando pras aulas, etc. Acho que não pode parar né? Isso não acontece. Mas eu tô um pouco de saco cheio, mas eu vou me esforçar pra terminar essas matérias agora, prestar a prova e continuar o mestrado. E claro, penso em casar, olhando casa, porque casar só depois que ter casa. Então já tô olhando essas coisas. Então meu plano é esse. É quem sabe ano que vem estar com a minha casa, né? É... dando aula, fazendo meu mestrado e por aí vai.

R: E agora pra finalizar mesmo, pra fazer o fechamento, é... A gente passou por toda essa sua fala pelo seu período escolar, antes de você entrar na escola, durante e depois né? Da educação básica. E aí eu queria que você me falasse só uma frase ou em uma palavra, não sei. Mas você finalizasse falando o que que significou ou qual que foi o sentido da escola antes de você ter entrado na escola, aí, e a mesma coisa... Porque assim, durante a escola, que seria a educação infantil até o terceiro ano do ensino médio e aí depois, e aí tanto na sua... o que que era a escola quando você tava ainda na graduação e o que ela vai ser depois mesmo, assim... Então esse antes, durante e depois em poucas palavras mesmo pra gente fechar.

E: Tá, vou dividir assim, não sei se é bem isso que você quer, se eu entendi. O antes mesmo da escola eu lembro muito pouco, então não tenho muito o que dizer. É... Aí eu tenho esse período ali prézinho que acho que as coisas que lembro são festa junina, coisinhas mesmo de criança.

R: Não, assim, pode ser, talvez, não sei. É... o período da escola pode ter sido festa, pode ter sido aprendizado, pode ser... Não recapitular tudo né? Porque você já falou bastante coisa. Aí no período da escola o que que representava a escola? É... qualquer coisa mesmo, o que vier na sua cabeça agora. Aprendizado, festa, brincadeira, não sei, o namoro, é... frustração. O que você, o que representou.

E: Antes realmente eu não sei o que dizer. A parte infantil também não. Agora Fundamental, Fundamental muita amizade, porque eu tenho os amigos que eu tenho hoje muitos foram formados ali, então no fundamental até a 8ª série amigos. Ensino médio, puta, ensino médio como eu já falei foi a melhor época da minha vida assim. Hoje minha vida eu olho é o ensino médio que eu penso. Tanto pra amigos que eu mantive do Ensino Fundamental, os novos que eu fiz, quando conteúdo, aprendi muito né, tudo que eu sei que eu ainda uso pra dar aula, material que eu tenho pra dar aula é dessa época do ensino médio. Então eu acho que ali é a base de tudo assim. Antes e depois do ensino médio. Então toda minha vida estruturada nesse ensino médio.

(1:55:32)R: Desculpa. Te interrompendo. Mas você fala bastante do ensino médio que contribuiu pra o que você sabe pra você dar aula, mas também teve coisas de outra disciplina que não só matemática, que também contribuíram pra sua vida?

E: Sim, como eu falei né? O professor de matemática, o M., tudo que ele fez né? É... A L. que é de literatura, todos esses professores que eu comentei fazem parte. Eu lembro da aula deles. Acabei roubando um pouquinho de cada um. Né? Pra tentar chegar perto do que eles foram pra mim assim. Então o Ensino Médio realmente serviu pra consolidar amigos do fundamental, novos amigos dali. Pra conteúdo pra hoje eu poder tá fazendo uma USP, pra eu decidir o que eu quero da minha vida, pra minhas aulas eu lembro muito do Ensino Médio, eu uso o material que eu tenho guardado até hoje do ensino médio. Eu acho que o Ensino Médio foi a estrutura da minha vida mesmo. E depois do colégio, bom, aí é uma vida diferente né? Muito trabalho, é... Por mais que eu não queira e tente fugir é levar a sério, tem que ser sério agora, fazer as coisas com mais responsabilidades, mas sempre que eu posso eu fujo, fujo dessa responsabilidade, fujo de crescer e muita saudade do ensino médio.

R: Uhum. É, você já tinha feito alguma vez esse exercício de voltar na sua infância e vir linearmente passando por todas essas etapas?

E: Por todas não, mas de... por partes sim. Né? Tá com... Até por ter esses amigos as vezes encontro uma galera do ensino fundamental, começo a lembrar daquela época, ou encontro a galera do colégio, do ensino médio, começo a lembrar da bagunça, então assim, já... foi o que eu falei. Sou meio saudosista, gosto, sinto muita saudade dessa época, então sempre faço, sempre lembro dessa época, mas em partes picadas. De uma vez só assim como agora foi a primeira vez.

R: E você acha que trouxe alguma contribuição pra você nesse momento? Porque eu acredito que vai te trazer contribuições, mas talvez isso a longo prazo. Mas você acredita que te trará?

E: Ah, traz um monte de memória boa que eu gosto de lembrar. Fico feliz de lembrar tudo isso e querendo ou não acabou eu forçando a lembrar coisas que eu não lembro normalmente. Então acabo lembrando de coisas que foram muito legais, que me faz feliz, acabo lembrando de coisas que talvez eu agora pensando vá usar em aula, “puta, lembrei de uma aula de tal professor aqui falando e vou querer roubar mais um pouquinho dele”. Então é bom, porque lembra de coisas boas, mas também reforça aí

umas coisas que podem me ajudar. Até porque como eu tô nesse contato de escola e ensino médio, fundamental, etc, então querendo ou não, tudo isso me ajuda a enfrentar. Eu lembrar não fica aquele professor distante, porque eu já passei por aquilo, sei como é aquilo. E acho que por eu ter gostado tanto, isso também influenciou na minha escolha. Acho que eu dou aula por gostar tanto, querer estar ali ainda né? Então como eu quero tá ali é o único meio de eu estar ali é essa.

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Então, aí você mudou de escola e no seu ensino médio você estava comentando que percebeu uma grande diversidade né? Nessa turma né?

E: É, todas as turmas que eu passei, acho que até mesmo na faculdade, o pessoal por mais que tenha aquela turma do fundo, as menininhas, é meio que uma turma com a mesma cara. O que aconteceu no CEINTER é que as turmas eram, as turmas do 1º ano ela era muito tribo assim, tinha um pessoal mais normalzinho, num outro canto tinham uns nerds absurdos assim, de ter um até que tinha problema mesmo, tal, no fundo eram os caras que eram quase punks, de usar bracelete com espinho, usar moicano, tal. Então era muito estranho. E como eu falei, eu sempre conversei com todo mundo, sempre fiz muita amizade e nessa sala não foi diferente. Então eu era amigo de todo mundo. Uma situação engraçada que aconteceu, é que assim, eu ficava, eu tinha, eu fazia trabalho por exemplo com uma turma mais normal, digamos assim, aquele TCC que eu falei. Inclusive meu grupo era umas 3 meninas, tinha mais meninas. Muitas vezes na aula eu sentava e ia pro intervalo assim com uma turma que era a turma mais nerd, porque eu gostava de fazer os exercícios, tal, discutir sobre os problemas matemáticos. Então eu andava muito com eles, né? Mas eu também zoava muito com a turma do fundão. A turma do fundão era aquela que realmente fazia o moicano, a professora virava pra fazer o cara sacava um isqueiro, um desodorante e fazia lança chamas no meio da sala, né? E isso acontecia. Eui sempre estava no meio de todo mundo fazendo zoeira, então eu estava lá e zoava com os nerds, mas eu zoava, né? Nem sei se é bullying ou não, naquela época não existia isso. Eu zoava, mas deixava eles me zoarem. E a gente ficava rindo. Aí os outros caras do fundão falavam um monte de merda, zoavam e deixavam zoar. Uma coisa engraçada foi que uma vez eu estava lá conversando aí eu zoei uma coisa com os nerds e eles riram, não sei o que lá, aí depois eu saí com a turma do fundão e aí eles olharam e falaram “meu, porra, por que que você anda com aqueles nerds lá cara? Você é mó legal”. Foi uma coisa que eu fiquei pensando e achei muito estranho, porque pra mim era normal estar com todo mundo. Eu vi que eles achavam estranho eu estar ali brincando, zoando com eles e ao mesmo tempo depois ia falar com os caras mais nerds. É uma situação meio estranha pra mim.

R: Mas você nunca se tinha se dado conta dessa diferença até eles comentarem?

E: Não, pra mim era normal porque eu sempre andava com todo mundo.

R: Tá bom então, obrigado.

Apêndice F – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Leandro

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Bom, vou começar então. Primeiro eu vou explicar mais ou menos o que vai ser essa entrevista e depois a gente começa. Então, eu sou Renan Marcel Barros dos Santos e eu vou desenvolver uma entrevista pra minha pesquisa de Mestrado que estou cursando na Universidade de São Paulo na Faculdade de Educação. Na minha pesquisa eu pretendo estudar diferentes sentidos da escola em diferentes fases da vida de alguns sujeitos. Essas fases eu dividi em antes da escola, o durante a escola, que seria do Fundamental I até o 3º ano do Ensino Médio, e o depois da escola que seria o Ensino Superior. Bom, então pra gente começar eu vou pedir pra você me contar um pouquinho, assim, conta pra mim quando você nasceu, onde você nasceu. Então contextualiza pra mim a sua infância.

E: Eu nasci em 3 de setembro de 88, no Alto da Mooca. Vivi lá até os sete anos, aí depois vim pra zona oeste, pra região da Lapa, e aí comecei, entrei no colégio, na escolinha, tal, minha mãe tinha que trabalhar, então eu ficava na, tipo, creche assim. E aí no Fundamental I eu cursei metade em escola pública e metade na privada, Fundamental II a mesma coisa e o Ensino Médio eu tive só em colégio particular, no São Luís a noite com bolsa e estudei no Objetivo. Mas sempre no Objetivo foi com bolsa.

R: Bom, eu vou retomar algumas questões. Vamos tentar nos deter um pouco mais na sua infância. Pra gente tentar entender todo esse percurso. Então, assim, me conta se você é filho único, a escolaridade dos seus pais, de onde seus pais são. Então vamos realmente...

E: Detalhar...

R: Ver a sua história mesmo. Condição financeira também, se seus irmãos estudavam quando você era criança, ou se tinha parentes, amigos...

E: Vamos lá. Eu tenho uma irmã mais velha, ela estudava também. Ela tem Superior completo. Meus pais não tem superior completo. Minha mãe veio do Piauí. Ela nasceu no Piauí, morou até os 17 anos no Ceará e veio pra São Paulo com 17 anos. Meu pai é daqui mesmo, filho de pernambucano. Tem a escolaridade superior incompleto. A situação financeira nunca foi muito estável, mas nunca foi de faltar nada. Assim, quando meu pai e minha mãe trabalham a situação é um pouco melhor, quando um dos dois está desempregado dá uma caída no nível, mas nada alarmante.

R: É... seus pais quando você era menor, ou até hoje, com que eles trabalhavam ou trabalham?

E: Minha mãe é analista de sistema, ela é especialista num fundo, FGTS, FGTS não, FTVS, eu nunca sei a sigla. Meu pai já fez de tudo cara, já trabalhou no mercadinho da família, já foi corretor de imóveis, já foi assistente parlamentar. Agora ele trabalha como motorista, assim, doméstico de uma senhora.

R: Então, a diferença entre você e sua irmã é de quantos anos? Quando que ela nasceu? Você sabe?

E: Ela é de março de 86 e eu sou de setembro de 88. É uma diferença de dois anos e meio.

R: Eu acabei esquecendo de perguntar também se você lembra pelo menos a década que seus pais nasceram.

E: Lembro, nasceram na década de 50. Meu pai é de 59 e minha mãe de 58.

R: Então assim, provavelmente quando você era pequeno sua irmã já estava na escola. Você morava em casa, apartamento? Você tem muitos primos da mesma idade? Como que é sua família?

E: Na minha primeira infância quando eu morava na região da Mooca eu não ia pra escolinha. Na época que eu estava pra ir pra escola tinha uma tia que tomava conta de mim e da minha irmã. Só que quando minha irmã era pequena ela tinha que ir pra escola, porque meu pai e minha mãe trabalhavam. Eu fiquei mais tempo em casa do que minha irmã, ela foi mais cedo pra escola, escolinha, creche. Entre os primos eu sou o mais novo da minha geração. Até os sete, oito anos eu sou o caçula. Dos familiares de São Paulo, que continuam morando aqui, porque tem gente em Minas, Mato Grosso, tal, tem gente mais nova. Mas daqui eu sou o mais novo. Então dos primos eu estou com 24 agora, meu primo que eu tenho mais ligação de São Paulo está com 30. Então tem uma diferencinha, mas a gente brincava, jogava video game junto, tal.

R: Você é mais próximo dos seus primos, dos vizinhos? Você morava em casa? Porque na nossa geração tinha muito isso de ficar na rua. Como era?

E: Então, até os sete anos quando morava na Mooca não tinha tantos amigos na rua, tinha amigos de parede. Mas depois dos setes anos, que eu vim pra cá pro Alto da Lapa eu morei em prédio. Aí muda tudo, tem playground, tem quadra, tem os amiguinhos do prédio. Hoje em dia tenho contato com alguns amigos de lá e só está eles. Vou lá ver e é decadência, não tem uma criança brincando. O prédio tem uns sete andares, quatro apartamento por andar, é pequeno. Então nossa geração teve sorte. Brincava muito com os amiguinhos do prédio. Amiguinhos na escola, também tinha bastante amigos. Conhecia muita gente sim.

R: Você consegue lembrar se, não sei em relação aos seus amigos, pelo menos dentro da família entre os primos e sua irmã, eles provavelmente já iam pra escola. Você lembra se tinha alguma vontade de ir pra escola? Por causa do uniforme, ou qualquer situação assim?

E: Geralmente... não lembro cara. Não lembro de ter vontade. Não. Eu gostava bastante das férias mesmo, bastante de ficar em casa brincando mais, da volta da escola que era a hora do lanchinho, de brincar.

R: Eu digo assim, antes de você... não digo nem depois que entrou. Antes de você conhecer o mundo da escola mesmo, se criou alguma expectativa. Além disso, se seus pais achavam importante você ir pra escola, se eles não achavam que ia fazer diferença, se sim, o porquê eles achavam importante.

E: Tá, antes de eu ir pra escola sinceramente eu não lembro. Não lembro de ter vontade de ir, nem de ir. É uma coisa meio neutra.

R: Mas você tem lembranças de antes da escola?

E: Então, não. Lembranças da vida?

R: Isso.

E: Tenho, tenho bastante. Mas assim, com relação a isso não. É uma coisa meio neutra. Sabia que uma hora eu teria que ir, mas não tinha uma vontade de ir, nem vontade nem repudia. Com relação aos meus pais não percebia quando era pequeno o que eles achavam. Hoje eu já percebo, não se já pode pular, não...

R: Pode falar, porque por mais que você não percebesse é a mesma expectativa que eles tinham. Se eles achavam importante os estudos ou não.

E: Hoje eu sei que eles acham, tanto é que minha irmã formou o ano passado. Ela ficou um tempo também, não sabia o que fazia, se prestava concurso público, se fazia faculdade ou não e minha mãe sempre “não, vai estudar, vai estudar”. Tanto é que quando ela não estava estudando em colégio regular, já tinha passado de tudo, fez cursinho, fez Kumon pra suprir dificuldades em matemática. Eu sempre quis estudar engenharia depois do colégio. Por ter estudado em escola particular no Ensino Médio com bolsa eu vi que eles se preocupavam muito com meu futuro. Então eles sempre priorizavam “Fica tranquilo com a situação financeira, pode não estar ótima, mas a gente segura as pontas. Não precisa ter pressa. Não vai deixar de fazer uma coisa que você quer, só por causa da gente”. E foi assim cara, foi assim. Eu saí do colégio em 2006, 2007 eu fiz cursinho. Até aí tinha bolsa, mas tinha gasto com transporte, alimentação. Fiz cursinho e em 2008 não passei, fiz cursinho em 2008 também, aí não tinha bolsa, mas era um cursinho mais popular. Aí fiz, passei em Londrina, passei na estadual de Londrina, em engenharia. Sempre quis mecânica, lá tinha elétrica e civil, fiz elétrica. Fiz um ano, morava tranquilo, parecia um hotel. Era quarto, cozinha e banheiro, com tudo já, tudo mobiliado. Morei um ano, sem dificuldades, desisti, tive o apoio da família ainda quando vim pra cá “faz o que você quer”. Meus pais pagaram cursinho em 2010, não passei. Só prestei FUVEST e não passei na POLI. Aí em 2011 eu trabalhei e fiz cursinho a noite e aí eu não passei pra POLI, mas teve reescolha, aí eu caí aqui na LIC. Tudo isso pra falar que assim, eles sempre, eu vi que eles sempre se preocuparam com a educação e escolaridade. É aquela coisa, meio que tipo, meus avós não puderam dar isso pra eles e eles quiseram dar isso pra mim e pra minha irmã.

R: Deu pra perceber que houve grande investimento por parte deles também. De certa forma, sua também. Porque deu pra perceber que era uma coisa que você queria bastante, estudou bastante e acabou conseguindo. Agora, tendo contextualizado um pouco da sua infância, acredito que a gente já pode, de certa forma, entrar na escola. Então lembra que você no início falou um pouco depressa disso, mas você lembra o ano? Você falou que tinha uma tia que cuidava de vocês, mas quando você entrou na escola, você lembra que ano que foi? Como foi essa entrada? Se foi algo fácil, se estudava de manhã, de tarde, se era alguma coisa que você gostava, não gostava. Então agora um pouco dessa fase que seria educação infantil e fundamental I, depende.

E: Você diz escola ou pré e jardim?

R: Se você teve isso também pode falar, fica a vontade.

E: Eu tive isso, entrei. Repeti o pré, mas tem aquela questão de quem faz aniversário no meio do ano precisa refazer a série. Então eu fiquei um tempo a mais no Pré.

R: Você lembra em que ano entrou?

E: Não lembro cara. O ano eu não lembro. Devia ter sete ou oito anos. Acho que oito eu tinha na 1ª série. Então acho que eu tinha sete. É, foi um choque porque eu estava acostumado a ficar em casa, tranquilo, tal. Aí ir pra escolinha com horário, hora de brincar, hora de comer, foi meio que um choque.

R: Você estudava de manhã?

E: Eu estudava o dia inteiro. Quando eu entrei fiquei o dia inteiro, desde o jardim. Mas acostumei rápido, porque é aquele esquema meio que casa ainda, a professora cuida de você, então não tem muitos problemas. Mas a 1ª série foi um *back*, porque tinha uma professora que iria passar matéria. Tinha medo da professora, R. o nome dela. No fim eu chorava pra entrar na sala dela, não sei, ela nunca tinha feito nada. Só tinha visto ela com cara de brava e um monte de livro nas mãos. Aí no fim do ano ela saiu porque ficou grávida e eu me apeguei muito a ela, chorei quando ela saiu também. É uma coisa bem...

R: No início você tinha...

E: Medo dela, a toa. Ela nunca, sei lá, só tinha visto no corredor. Nunca me fez nada, nunca nem me deu bronca por nada. Eu já tinha medo. É porque também é aquela coisa, passou de tia pra professora. Tia da escolinha mesmo, não chamava mais de tia, era professora. Tinha cara de brava, mas era um amor. Eu gostava bastante dela, na 1ª série.

R: Essa professora R. que você falou. Lembra porque começou a gostar tanto dela?

E: Porque eu percebi que ela se importava bastante com a gente. Ela já não tratava a gente como muito criança, mas ela era bem carinhosa, respeitava bastante a gente. Sei lá, tinha bons valores. Sei lá, ela gostava de mim. A sala era pequena, tudo bem, tinha seus 15 alunos.

R: Era escola particular?

E: Particular. 1ª e 2ª série foram particular. Mas assim, foi tudo tranquilo. Gostava dela, no fim das contas passei a gostar. Por isso que te falei, os valores dela, pela postura dela. Tratava bem todo mundo.

R: Você tem algumas primeiras lembranças em relação a disposição? As carteiras, cadeiras. Se tinha quadra, como que era a escola? O espaço físico.

E: A escola era uma casa, essas casas comerciais. Então na entrada tinha um espaço que seria destinado a garagem, mas era por onde a gente entrava na escola. A sala e os quartos eram, tudo comercial, era tudo um pouco maior. Eram salas de aula. Aí na parte, atrás, embaixo, tinha mais uma sala de aula. Do lado tinha brinquedos. Sei lá, aqueles bichinhos com molinha que fica de um lado pro outro, gangorra, balanço, escorregador. Do lado esquerdo ainda tinha uma sala, algumas salas de aula. Em cima tinha uma quadra, era legalzinha, toda protegida pra não cair bola na vizinhança. Tinha uma estrutura, tinha bastante sala até.

R: Essa escola, você lembra até que série ela ia mais ou menos? Não sei se ela tinha até Fundamental II e Médio.

E: No mínimo até Fundamental II, porque minha irmã ficou um bom tempo

na escola. Por ela ser mais velha...

R: Sua irmã estudava na mesma escola que você?

E: Nessa época sim. Pelo menos até Fundamental II eu tenho certeza que tinha. Médio eu não tenho certeza que tinha. Só pra... não sei se é relevante.

R: Fica a vontade, pode falar o que quiser.

E: Essa parte debaixo tinha mais salas, tinha um corredor com bastantes salas. Era grande sim.

R: Onde ficava essa escola?

E: Fica numa travessa da PIU XI, ficava, porque agora mudou de lugar. Uma paralela da Diógenes. Bem perto. Era colégio Lema* que chamava.

R: Em relação às atividades que vocês faziam na sala de aula? Você lembra o que faziam? No Pré mesmo e depois nas primeiras séries.

E: No Pré eu acho que as atividades eram pra aprender a ler e escrever. Agora na 1ª série eu lembro de muita aula de português, muita. Matemática eu lembro pouco. Tinha Ciências, Estudos Sociais, mas eram alguns dias da semana. Eram livrinhos coloridinhos. Tinha que fazer cabeçalho que eu odiava, todo dia. Lembro dessas coisas nas primeiras séries, 1ª e 2ª série. Não lembro com muito detalhe o que fazia em cada série, não lembro.

R: Antes de você entrar na escola, já tinha entrado em contato com leitura, escrita? Tinha vontade de escrever? Alguém já tinha tentado de ensinar a ler e escrever?

E: Já tinha. Minha mãe sempre que podia queria comprar gibi pra mim. Só que assim, ela queria comprar pra que eu lesse, eu queria comprar para ver os desenhinhos. Eu não gostava de ler. Até hoje eu não gosto de ler, mas desde pequeno. Minha irmã já é o contrário. Já lê de coisa boa a coisa ruim. Ela gosta de ler mesmo. Eu não tenho muito esse gosto, não desenvolvi. Meus pais incentivavam nisso, de comprar livro, se eu quisesse. Mas eu não curti muito não.

R: Com esse incentivo da família, consegue perceber alguma facilidade que você teve nas séries iniciais para a leitura? Ou não fez diferença?

E: Acho que não fez diferença. Minha casa sempre teve bastantes livros. Não lembro dos meus pais lendo, não lembro de ver isso quando pequeno. Também nunca tive vontade, eles incentivavam comprando as coisas que a gente queria, eles compravam. Tanto é que, como eu falei, minha irmã tinha muito gibi, muito livrinho, essas novelas em livro, ela tinha sim. Mas eu não me envolvi. Não sei. Não atribuo a eles, atribuo a mim, uma característica minha.

R: Bom. Para além do que você falou da leitura, escrita, língua portuguesa, falou um pouco da Matemática, o que mais acontecia na escola? Porque quando você é criança geralmente a escola se destaca por isso.

E: A menor parte a gente fica na sala de aula né? Ficava o dia inteiro lá, fazendo lição, aula, almoço. Puts cara, brincava muito. Jogava muita bola. Algum dia da semana fazia karatê também, aula na escola mesmo. Brincava muito, jogava muita bola, fazia aula de música, não lembro de nada, mas sei que tinha. Lembro muito de eu brincando mesmo.

R: Mas vocês brincavam na hora do intervalo, na hora do recreio, ou na própria sala?

E: Não. Na sala era todo mundo quietinho, uma coisa bem tradicional. A professora tinha bastante controle porque era de 13 a 15 alunos, não passava disso, por sala. Então a gente ficava bem quietinho, comportadinho. Mas na hora do intervalo, depois da hora do almoço. Tinha intervalo a tarde também. As atividades a tarde eram mais passa tempo mesmo, música, pintura. Não era relacionado ao conteúdo escolar. Era mais uma ocupação pra gente. Era isso, brincadeira também, tipo, hora pra gente brincar no parquinho que tinha. Tinha que revezar, porque não era tão grande. Tinha crianças menores que ficavam mais tempo que a gente. Tinha isso também.

R: Nesse momento, com todas essas ocupações, você falou que não gostava tanto. Não sei se você falou isso ou se sou eu que estou colocando essas palavras. Mas você falou que gostava muito de ficar em casa, dessa vida tranquila. Mas já começava a aparecer alguma, a despertar algum interesse em ir pra escola por causa dessas outras atividades? Ou permanecia o prazer de ficar em casa?

E: A escola não era um lugar que eu não gostava de ir. Eu gostava. Mas como eu ficava muito tempo lá, de manhã até a tarde, eu gostava de ficar em casa. Porque eu sabia que ia ver meus pais, eles iam chegar do trabalho, eu ia ficar lá embaixo brincando com os amigos do prédio, jogado bola com os colegas, video game. Então eu gostava de voltar pra casa também. Eu gostava de ir pra escola, mas ficava um bom tempo. Eu não sentia saudade de ir pra escola. Eu gostava de estar lá, tal, tinha meus amigos, mas gostava também de voltar pra casa.

R: Você falou que tinha muitas atividade. Por exemplo, karatê, música, pintura. São atividades que você já tinha contato? Fazia alguma escolinha de futebol? Alguma coisa assim, ou foi por causa da escola que você teve contato com isso?

E: Futebol, essas coisas de brincadeira, jogo de futebol, queimada, volei, essas coisas, eu brincava com o pessoal do prédio também. Tinha bastante gente. Brincava bastante. Essa parte de... não era aula de pintura. Acho que era uma coisa pra gente ter uma ocupação, sabe? Fazer desenho pro papai, pra mamãe, essas coisinhas assim. Então eu já tinha tido isso na série anterior, no jardim e no pré. Era mais ocupação. Agora música eu tive, eu fui ter o primeiro contato, mas assim, era coisa de flauta, cantar, besteirinha. Não era nada pra gente aprender. Hoje eu vejo, era mais pra gente ter... não ficar a tarde vaga. O que era um pouco mais sério era o karatê. A gente treinava, não era lutinha como a gente chama. A gente treinava os movimentos, tal, isso era um pouco mais sério. O professor era um japonês, um pouco mais sério. Atividade menos recreativa delas, da tarde.

R: Foi algo que você manteve depois?

E: Depois não, mas eu queria fazer por muito tempo. Tinha as graduações de faixa, eu fui até a bordô. São quatro faixa, acho que branca, amarela, vermelha e bordô. Depois eu saí da escola e não dei continuidade. Porque se não me engano, foi a época que ela trabalhava no Unibanco e ela saiu. Ficou só meu pai. Aí tive de ir pra escola pública, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª eu fui pra escola pública. Bom, vamos lá. A 3ª e 4ª série eu fiz no Porchat. Só ia (26:20*) até a 4ª série mesmo e depois a 5ª e 6ª no Boa Nova, que pegava da 6ª até a 8ª.

R: Vamos falar um pouquinho dessa 3ª e 4ª série porque aparece uma

primeira transição. Porque você vai de uma escola particular pra uma escola pública e provavelmente existem algumas diferenças. O que que você percebe assim de diferença nesse momento?

E: Primeiro tiveram alguns choques. A professora já não tinha aquele papel, ela já não era mais tão cuidadosa assim. Ela tinha uma sala grande então tinha que se impor mais para conseguir controlar a sala de aula. Então já foi um susto, por causa da professora. Depois a quantidade de alunos, porque era muito grande. Tinham várias salas da mesma série, não tinha isso na outra escola. Era uma sala de cada série pequena. Agora tinha 30, 40 alunos, era o dobro da quantidade de pessoas. Eu lembro que foi um choque. Fora outra coisa, a escola era maior, aquela coisa, não tinha acabamento tão grande. Tudo muito no concreto, uma coisa mais cinza. Lembro que, sei lá, foi um choque. Fora que tinha outra coisa, o sinal. Eu não sabia o que era o sinal da escola. Nossa, eu achei que tinha acontecido alguma coisa, parecia uma ambulância.

R: Na outra não tinha?

E: Se tinha era algo muito mais sutil, que eu não consigo nem lembrar. Porque só tinha uma professora, então não trocava né? Nessa escola acho que trocava. Tinha um lance de tocar o sinal e eu ficava assustado. Trocava só de sala quando era Educação Artística e vinha a professora de Educação Artística mesmo e Educação Física. Mas tinha o sinal das aulas. A primeira semana eu fiquei meio que perdido. Aí tinha um dia da semana pra cantar o hino também, ficava todo mundo no pátio, a escola inteira. Pra mim era tudo novidade, era algo meio estranho. Mas... e também tinha gente mais velha na sala. Eu achei bem estranho também. Eu até tive sorte porque eu cresci rápido. Eu era bobão por ter vindo de escola particular e estar no meio do pessoal de escola pública. O pessoal já é mais, sei lá...

R: Eles tinham preconceito?

E: Até que não. Mas eles já eram mais espertos, com relação a vida. Já tinham mais experiências de vida. Já eram mais maduros. Maduros no sentido de já ter vivido mais coisas. Mas faziam mais molecagem também. Minha sorte é que eu era grande. Futebol foi uma coisa que eu me entrosei fácil. Então não tive aquela coisa de sofrer bullying. Aí já fiquei mais espertinho também e sei lá, foi isso. Não tive um choque de dificuldade de me entrosar com o pessoal. Eu atribuo pelo fato de eu ter crescido rápido. De eu ser grandão.

R: Mas você percebeu que por ser de outra escola, de uma escola particular, tinha um tratamento diferente com você, a princípio.

E: Com meus amigos não. Com o pessoal que eu comecei a andar não. Porque eu já, não sei se já impunha algum respeito por ser maior na época. Mas eu via coisas que eu não via na outra escola. Eu via bullying, os alunos praticando bullying nas outras crianças. Bullying a gente chama hoje, mas bater, dar tapa, pintar. Eu via isso, não gostava. Não sei, acho que por eu não ter vivido isso nas outras escolas eu sempre defendia o pessoal. Aí meio que parava um pouco. Mas isso eu achava estranho. O pessoal bater no outro, por ser mais acanhado, mais tímido. Isso assustava um pouco. Não que tinha medo que acontecesse comigo, mas achava estranho.

R: E em relação ao conteúdo? Você percebe grande diferença? Se o pessoal tinha mais dificuldade do que você, com relação a leitura, escrita e outras coisas.

E: Tá. Não sei se eu lembro disso. Porque nos primeiros anos da minha vida

escolar eu não lembro de matéria que foi passada. Eu não lembro cara. Sei lá se é porque eu brincava muito. Assim, eu nunca tirava a atenção da professora. Não atrapalhava. Mas eu não prestava muita atenção. Tanto é que tem coisa que minha namorada, minha irmã lembra, o pessoal da escola lembra, dos outros colégios que eu estudei, no Ensino Médio, lembravam “isso é coisa da 6ª série”. Na minha cabeça é um branco. Eu não lembro assim, o pessoal... eu não tenho lembrança se eles tinham mais dificuldades. Provavelmente deviam ter. Lembro de um amigo com dificuldade de leitura. Pra ler uma coisa, ia lendo juntando sílabas. Agora que eu tô falando vou lembrando. F., lembro desse meu amigo. Tinha dificuldade de leitura. Agora nas outras matérias eu não sei nem avaliar. Geografia, o que eu lembro de geografia que eu fazia era desenhar mapa. Desenhar mapa, o professor ficava lendo revista e a gente ficava lá com papel vegetal desenhando e pintando. Isso que eu lembro. Vou lembrando aos poucos. Mas de alguém ter dificuldade, que eu notasse, não lembro muito. Porque eu não era dos mais aplicados.

R: Em relação ao rendimento. Tanto na outra escola, por mais que fossem séries iniciais e nessa escola agora, você lembra se você era um aluno com desempenho satisfatório, se você mesmo tinha alguma dificuldade? Porque você falou que não gostava de ler, mas conseguia ler e escrever? Em matemática também.

E: Conseguia, conseguia ler e escrever. Matemática eu não lembro se eu ia bem ou mal. As notas do boletim eram sempre satisfatórias. Até a 4ª série era bem tranquilo, tanto na pública quanto na particular. Aí na 5ª e 6ª série, não sei. Agora teve uma fase, essa tia que cuidou de mim acabou falecendo e aí eu tive um choque. Fiquei rebelde, fiquei mais largado ainda do que eu era.

R: Com quantos anos foi isso? Em que série que foi?

E: 5ª ou 6ª. Eu lembro que foi na 5ª série, porque eu fiquei de recuperação de verão no Boa Nova na 5ª e na 6ª. Não por bagunçar nada, mas por não prestar atenção na aula. Eu ia pra escola pra brincar mesmo. Fiquei mais rebelde nessa época. Rebelde assim, não tocava o terror, não fazia nada demais. Era mais desligado pra vida. Eu lembro que eu cheguei a fazer recuperação de verão.

R: Você lembra do que que era essa recuperação?

E: Cara eu não lembro. Pode ter sido em alguma coisa de exatas, na matemática, num dos anos, no 6º ano. Acho que foi na própria matemática. Mas era dificuldade por eu não estudar, não prestar atenção. Porque eu ia na recuperação e entendia fácil as coisas. Era mais por estar meio desligado. Aí nessa época que eu te falei que eu perdi a minha tia veio a minha avó para ficar em casa. E aí também minha vó ficou com a gente por um bom tempo. Mas foi um choque ter perdido minha tia. Tanto é que até pouco tempo eu não conseguia falar sem chorar. Até hoje quando eu falo dá um embargo, ela gostava muito de mim e eu gostava muito dela. Nas férias, tipo, ela morava numa casa mais simples. Morava de fundo na casa dos meus tios e não importava, eu queria ficar lá com ela. Nas férias eu ia lá pra casa dela. Aí perder ela foi uma coisa bem, bem difícil. Foi sei lá, bem difícil mesmo.

R: Em casa como era? Você tinha um horário de estudos? Por mais que você ficasse bastante tempo na escola, tinha um horário pra fazer lição de casa? Seus pais perguntavam como estava indo na escola? Tinha um acompanhamento de perto? Eles te ajudavam com dificuldades que você tinha, talvez nessa época que ficou de recuperação?

E: Então, não tinha um acompanhamento próximo. Eles ficavam perguntando como estava, se estava tudo bem e tal. Mas essa época meu pai era corretor, então ele viajava muito, tinha que viajar muito, no mesmo dia ir e voltar. Mas era bem cansativo pra ele. Minha mãe também trabalhava em banco, então acho que ficava meio pilhada. Porque ela não parava, não sentava na mesa com a gente pra ver. Ela só ficava perguntando. Até hoje, quando ela pergunta, aqui eu até vou bem, mas quando perguntava eu falava “está normal. Tranquilo”. Não falava muito. E talvez eles não pressionavam muito nessa época que eu fiquei de recuperação por conta da minha tia, por ter falecido, não queriam me pressionar demais. Acho que entenderam bem o momento. Talvez por isso, sei lá, que eles não pressionavam mesmo.

R: Comparando você e sua irmã, vocês tinham o mesmo ritmo? Mesmo desempenho? Ou como que era?

E: Minha irmã era muito dedicada, nas séries iniciais pelo menos ela era mais dedicada. Notas boas. Aí também tem aquela história, porque ela é muito quietinha. Então sei lá, essa questão de nota é muito subjetiva. Eu tinha nota satisfatória em tudo e fiquei de recuperação também. Tenho esse branco total na minha mente, não lembro o que era dado em sala de aula, de história, geografia, nem de matemática. Quando o pessoal fala “frações”, o pessoal do colégio lembra quando viu. Eu não lembro quando eu vi, como eu vi. É uma coisa bem nebulosa na minha mente. Não lembro, não lembro bem. Mas voltando a minha irmã. Ela tinha um nível muito bom. Ela ia bem. Tinha boas notas. Mas era um pouco desligada, tanto é que no médio, Ensino Médio, ela teve uma caída. Não sei se caída, mas assim, também tinha boas notas, mas não apreendeu muita coisa. Precisou fazer bastante cursinho também, teve que fazer o Kumon, porque ela não quis, na época, prestar bolsa pro São Luís a noite. Eu estudei a noite no São Luís. Eu fiquei lá por quatro meses. Mas ela não quis e então ficou na escola pública e não teve muita coisa, não sei se não teve ou se não aprendeu. Mas ela era aplicada, lia bastante, lê bastante. Você perguntou dela, tal.

R: Certo. Você disse que tem um branco total em relação aos conteúdos disciplinares.

E: Sei lá, equação. Eu sei, não lembro quando eu tive e não lembro como eu aprendi. Sabe? Essas coisas que eu lembro de estar no ginásio, fundamental, fundamental II, da 8ª série, quando o professor passava exercícios de equação de 2º grau. Isso eu lembro bem. Eram 50 exercícios. Aí o pessoal com muita dificuldade. Eu não sabia também fazer. Fui ver como fazia. Bhaskara, achava as raízes tranquilo, quando tinha e não tinha, sabia já. Lembro até que no começo meio que cobrava, eu botava um preço de 15 reais pra fazer a lista pro pessoal. Acabei nem cobrando, mas ajudei eles fazendo isso. Lembro que peguei, consegui fazer, vi que era fácil, que era só prestar atenção na aula ou ver no livro depois como fazia que eu consegui. Nessa fase, minha mãe faz parte, não sei se você conhece a Opus Day, se já ouviu falar. Eles têm centro de estudo, tem pra várias faixas etárias. Pessoal que já é casado, pessoal que está na escola, pessoal que tá na faculdade. Tem um clubinho lá, eles propõe atividades. Por exemplo, tem aeromodelismo, atividades científicas e eu comecei a integrar um. Na 7ª ou 8ª série e começou a rolar. Vi que o que eu aprendia na escola poderia ter utilidade.

R: O que vocês estudavam?

E: Nesse era um projeto relacionado a física. Esse projeto a gente levou por uns dois anos, por bastante tempo. Foi aí que eu comecei a ter um despertar pra escola,

pro aprendizado. Aí eu comecei a valorizar, comecei a entender muita coisa. Na 8ª série eu já entendia alguma coisa de física, o conceito de Força. Conceitos que eu tive antes, sabe? Me dava bem. Com esse projeto a gente ganhou bastantes prêmios em feiras científicas, tipo na FEBRACE, participei da dois, outro dia no bandeirão fui ver e está na onze. Participei da dois, a gente ganhou prêmio de melhor projeto de física. Uma amostra na UNICAMP também que a gente ganhou prêmio, no Rio de Janeiro no IMPA, em uma amostra que a gente foi também, no Rio 100 foi a única feira que a gente foi e não ganhou prêmio. Foi nesse momento que eu tive um despertar assim pra escola, vi que ela podia me ensinar algo, que eu podia usar fora, não era só pra passar em prova. Aí com isso, nessa mesma fase teve essa lista de exercício e eu vi que conseguia fazer. Foi aí que eu comecei, vi que os estudos servem pra alguma coisa. Porque até então, nessa época eu jogava bola. Jogava bola profissional, queria ser jogador. Treinava...

R: Na escola mesmo ou em algum clube?

E: Num clube. Cheguei a disputar um Paulista Sub 15, jogava no Nacional, acho que fiquei treinando um ano, depois joguei no Nacional e na Eletropaulo. Eu só não jogava de segunda feira porque os clubes fechavam. Mas terça e quinta treinava na Eletropaulo a noite e quarta e sexta treinava no Nacional a tarde. Eu lembro que perto da 8ª série foi a época que eu tive de decidir o que eu ia fazer. Comecei a estudar e por mais que eu quisesse jogar bola, sei lá, é meio difícil dar certo. Mas eu tava encaminhado já pra federar no Nacional. Aí desisti, foi um choque pro meu pai, ele queria que eu jogasse bola. Até hoje quando fala de jogar bola ele fica meio bravo porque eu não quis ser jogador. Nessa época eu decidi o que eu queria fazer, decidi que eu queria fazer engenharia, já pensava em engenharia mecânica.

R: Então provavelmente esse despertar pela engenharia foi por causa desse curso que você fazia da Opus Day mesmo? Foi definitivo então?

E: É, foi quando eu comecei a ver os resultados desse projeto. Primeiro que eu comecei a aprender e segundo que eu comecei a ver que eu estava fazendo coisas que não era todo mundo que entendia. Então eu comecei a ver que eu tinha uma facilidade. Apesar de não ter me ligado em estudar desde cedo eu conseguia ver coisa a mais do que o pessoal que estuda, que já estudou. Esse é o fato, “acho que eu tenho um futuro aí depois da escola”, porque até então se eu fosse jogar bola, eu teria até o ensino médio e olhe lá. Aí tive esse despertar com isso. Porque assim, não é relacionado com a igreja. Apesar de hoje saber que a Opus Day faz parte da ala mais tradicional da igreja, extrema direita da igreja, dá pra dizer assim. Tem lá os centros que são separados, masculino, feminino, pra todas as idades. Depois eu cresci e não gostava dessa separação, não entendia muito bem. Mas passei a entender um pouco melhor, mas assim, lá a gente não falava sobre igreja. Era um centro... é um centro universitário que chama, em que morava universitários, jovens universitários, pessoal que fazia mestrado, doutorado também moravam lá. Era uma coisa bem voltada pra academia, sabe? Tinha um oratório lá. Não era uma igreja, tinha o padre que morava lá, tinha tudo assim, mas era um lugar assim, bem, sei lá, pra pessoas que trabalhavam bem intelectual. Antes de casar, toda sexta feira tinha oração da semana. A gente ia lá uma vez por semana e antes desse monte de oração a gente ficava numa sala de estar, tinha uma tertúlia, uma conversa, roda de bate papo. Aprendi muita coisa. O pessoal lia jornal, discutia, conversavam sobre diversos assuntos. Isso me despertou interesse, sei lá, não vou falar que comecei a ler jornal naquela época. Mas me antenava. Muitas vezes via, se não pra

falar, pra começar a entender. Então foi um lugar que me ajudou muito a desenvolver o lado intelectual.

R: Nesse centro você conseguiu, de certa forma, suprir alguma coisa que a escola não dava conta.

E: E o que não supriu eu aprendi a dar valor. Dar valor ao que a escola oferecia, não era só baboseira. Nem que fosse pra entender a conversa dos amigos, daqueles novos amigos, que eu estava até então fazendo, serviria pra saber a localização geográfica de outros países. Porque o pessoal discutia assuntos variados, desde tecnologias até conflitos internacionais. Então eu comecei a ver a importância da geografia, nem que fosse a localização, formação política. Passei a dar valor e sempre que posso procuro aprender, sabe? Não que eu seja um grande conhecedor, mas dou valor. Foi bom pra mim nesse sentido.

R: Além disso, você fazia algum curso de línguas? Algum outro curso? Você lembra também se tinha inglês ou espanhol na escola? Tinha alguma outra atividade, além dos treinos que você já falou.

E: Nunca fiz inglês fora da escola. Tinha inglês na escola. Nunca aprendi muito. Minha mãe principalmente sempre falou, sempre me cobrou “se você quiser vai”, mas ela sempre quis deixar pra gente pra darmos valor “você que quis, você que foi atrás, então tem que estudar.”. Ela nunca matriculou, mas sempre falou “se vocês quiserem, veem preço, fala pra gente que eu e seu pai vemos se vale a pena, se dá ou não”. Mas eu nunca fui, nunca fui atrás, nunca tive vontade de ir atrás. Eu crédito a mim mesmo, não foi falta nem incentivo dos meus pais. Foi má vontade minha mesmo, que nunca quis línguas fora da escola.

R: Outra coisa também, por assim, você falou que não tem grandes lembranças dos conteúdos disciplinares. Mas essa fase da 6ª até a 8ª série.

E: Um detalhe, da 6ª até a 8ª série eu voltei pra escola particular. Fui pra aquele colégio Lema, que não estava no mesmo lugar. Acho que era uma fábrica, porque metade do espaço estava construindo um ginásio, nem cheguei a ver ele pronto. A outra metade era a escola. Cheguei a voltar pra lá, também mudei de casa nessa época, fui pra Freguesia do Ó. Morei ali durante a 7ª e 8ª série. Só pra falar que não estava na pública.

R: É importante saber dessa transição. Até pra te perguntar assim, se você não tem grandes lembranças dos conteúdos disciplinares, você tem alguma lembrança da escola? Algum amigo, talvez também nessa época começa a despertar atração por alguém. Os professores marcantes. Sejam os professores que cobravam, exigiam de você ou os professores que te davam certa atenção. Mas alguma coisa assim. Tinha alguma relação, alguma lembrança que te desperta na escola?

E: Eu tenho lembranças dos meus amigos né? Dessa época. Sempre tive bastantes amigos. Os professores me tratavam bem, me davam atenção, eu era quieto, não atrapalhava a aula. Por mais que fizesse parte da turma dos bagunceiros, geralmente a turma que é mais ativa é a turma que atrapalha a aula. Eu não atrapalhava, ficava mais na minha. Então os professores sempre tiveram boa vontade. Eu lembro de aulas de história, lembro que eu não gostava muito porque o professor falava muito baixo, olhava pra lousa, era meio introvertido, então não aprendi muito. Geografia tinha uma professora bem legal, aí já na 8ª série. Vamos começar da 5ª e 6ª?

R: Pode ser. Se quiser fazer cronologicamente pode ser.

E: Na verdade eu já até comentei. 5ª e 6ª desenhar mapa, geografia. História não lembro de conteúdo de história.

R: Você não tem grandes lembranças de nomes, de afeições, no geral? Não por disciplina, de pessoas, dos professores.

E: Olha, na 3ª série eu lembro que era uma professora, não lembro se era T. O nome dela. Era uma senhora já. Eu acho que ela era nordestina. Ela era bem truncada, assim, no jeito de falar. Mas ela gritava bastante, isso eu lembro bem. Enfim, essa eu lembro. Ela ficou com a gente a 3ª série. Só a 3ª. Aí na 4ª eu mudei de sala, era a M.. Era uma senhora, mas sabe aquela senhora bacana? Bem jovem, sabe? Tinha o cabelo meio compridinho, óclinho redondo. Eu gostava dela como pessoa, agora de aula eu não lembro, não lembro de conteúdo. Agora no Boa Nova, na 5ª e 6ª série...

R: Porque aí tem uma transição. Essa transição você deixa de ficar com um professor e fica com um professor pra disciplina, há a fragmentação disciplinar. Você já sabia? Foi uma surpresa?

E: Essa parte eu já sabia, mas eu não lembro de ter um professor pra cada matéria. Se bobear eu tinha por área. Por área, mas eu lembro forçando a memória no Boa Nova de uma professora de português, uma morena. Porque por ser pública e por ser por matéria, não sei se era por matéria ou se era por área. Eu tive bastante. Eu lembro de ter tido algumas professoras, não lembro de afeições, se gostava ou não gostava. Eu lembro da professora de geografia, era uma senhora um pouco gordinha, tinha o cabelo acho que já tava na hora de pintar, vermelho, ficava aquele vermelho desbotado. Eu lembro disso, dela falando pra gente abrir o livro, o livro didático, e contornar mapa. Lembro disso, contornar e pintar. Eu não lembro nem do professor de Educação Física, que era uma coisa que eu gostava. Eu lembro de poucas coisas, lembro que teve uma época com campeonato de embaixadinha, eu ganhei, tipo, coisa nada a ver. Estou lembrando agora. Eu lembro da cantina, lembro de onde a gente ficava na hora do intervalo. A gente fazia bola.

R: Você ficava em que período? Ou ficava de manhã e de tarde?

E: Na escola pública era só um período, era só a tarde. Acho que era a tarde. No 3ª e 4ª de manhã e 5ª e 6ª a tarde.

R: Você consegue lembrar se gostava mais de manhã, de tarde? Ou pra você tanto faz?

E: Acho que eu preferia a tarde. A diferença é... de manhã acordar cedo eu não gostava, mas tinha mais tempo pra brincar a tarde. A tarde eu acordava mais tarde, ia pra escola e voltava e não tinha tanto tempo pra brincar. Então tinha o lado bom e o lado ruim nos dois. De manhã eu brincava mais a tarde, com meus amigos do prédio. Quando eu estudava a tarde eu acordava mais tarde. Então tem uma equivalência. Tive um estranhamento no começo, com a mudança, mas nada significativo. Foi tranquilo.

R: Bom, até essa época tinha outras atividades? Não sei, passeios que vocês faziam. Festa junina, ou qualquer outra coisa que a escola agregasse.

E: Não lembro de festa junina. Isso que você comentou agora, estou morando perto de uma escola e metade do ano as crianças ensaiam pra festa junina, eu ouço a gritaria delas, eu falo “pô eu não lembro disso, eu não tive isso”. Não lembro de

quadrilha na escola, não lembro porque não tive. Não por causa da memória.

R: Você não teve mesmo?

E: Não. Nem na particular, nem na pública. Eu lembro que as atividades que a gente fazia, dia das mães, fazia uma carinha, dia dos pais, mesma coisa. Dia da avó também, essas coisas. Fazia alguma lembrancinha. Mas isso já entrava naquele período, naquele horário que eu ficava o dia inteiro na escola, na recreação.

R: Em relação a passeios e conhecer zoológico, qualquer coisa...

E: Não, não lembro cara. Eu acho que eu também não ia porque eu sabia como era. Sabia que meus pais já pagavam escola particular. Ah, com relação aos primos também. Meus primos e alguns amigos próximos não estudaram em escola particular, estudaram em escola pública. Então não tinham isso. Aí, meus pais assim, eu já sabia que eu tinha uma chance a mais de ir pra escola particular, sabia que eles tinham um gasto a mais, já tinha consciência disso. Então eu nem ligava se tinha passeio ou não, acho que as vezes nem dava o recado pros meus pais. Então não lembro de ir ao zoológico, museu, fábrica. Minha namorada hoje comenta “quando eu era pequena fui na fábrica da Coca”. Então não fui, não fez parte da minha fase escolar. Tinha excursão acho que pra Playcenter, eu cheguei a ir. Mas nada, tipo, passeios pra agregar coisas na vida. Não lembro de ter ido.

R: Acho que a gente pode entrar também na próxima transição, do Fundamental II para o Médio. Porque você começa a ter outros olhos pra escola. Só uma coisa que você não comentou. Bom, em relação aos seus amigos, aos seus relacionamentos, teve relacionamentos afetivos ou amorosos, de amizade mesmo? Porque você passou por duas ou três escolas né?

E: Duas. Três.

R: Três. É. Então. Assim, você manteve as amizades de uma escola pra outra? Mantém alguma amizade até hoje? Começou a aparecer por causa da escola algum despertar, alguma relação amorosa? Alguma coisa assim?

E: Tá. Olha, eu lembro que lá no Porchat eu estava ali na 3ª e 4ª série e não ligava muito pra isso. Não tinha, não lembro de ter nenhuma paquerinha na escola nessa fase. Aí no Boa Nova, 5ª e 6ª já começou a ter e a cada dois meses mudava. Já tinha atração pelas menininhas.

R: Mas só na escola? Ou era algo que você vivia também fora, talvez no prédio, pelo ciclo de amizades? Ou foi na escola que começou?

E: Não, na verdade começou bem antes. Tinha uma filha da amiga da minha mãe e a gente era namoradinho, mas a gente se via pouco. Nessa idade, 2ª série, já tinha dado beijo de língua. Depois no Porchat não teve nada. Aí na 5ª e 6ª série começou a ter atração. A escola já era maior, já tinha mais, tinha mais menininhas também. Lembro que tinha, que eu gostava. Aí com relação a amizades eu lembro que quando eu saí do Boa Nova e estudei no Lema as escolas eram próximas, dava uma caminhada a pé. Eu cheguei a ir algumas vezes com os novos amigos do Lema até o Boa Nova. Andava junto de bicicleta, a gente marcava passeio no Villa Lobos, andar de bicicleta. Tive um pouco de contato depois. Aí o pessoal do Lema também, quando eu saí da escola, tinha bastantes amigos também. Continuei o contato, mas hoje já não tenho nenhum daquela fase. Tive na época de Orkut, aí vira e mexe aparecia um. Mas não deu continuidade. Eu também mudei muito de casa. Até no final, nessa época do final da 8ª série tive uma

grande dificuldade financeira, a gente teve que sair da Freguesia, não rolava mais nem de pagar o aluguel. Nessa fase meu pai e minha mãe estavam desempregados. Aí fui morar com uma tia. Eu chamo de tia, mas é amiga da minha mãe. Os filhos dela eu chamo de primos. Um prédio na Heitor Penteado. Aí como era mais próximo do meu colégio, meus pais foram morar, no começo eles moraram um tempo lá, mas não se sentiam bem na casa de outras pessoas e foram morar com a minha avó por parte de mãe em São Mateus. Bem longe, moravam num quarto e cozinha um pouco maior do que essa sala. Minha mãe e meu pai. Aí minha irmã acho que terminou o colégio nesse ano e ela foi morar com a minha avó também. Eu fiquei lá até o final da 8ª série. Foi final da 8ª série, não foi meio não. Enfim, a gente foi pra casa dessas pessoas que eu chamo de tio e tia, eles têm quatro filhos e eu chamo todos de primos. Tem um mais velho e por coincidência, ou por influência deles, acho que por coincidência, eles têm a mesma postura em relação a educação dos filhos. Fizeram dívidas para os filhos estudarem nas melhores escolas. Moraram em Valinhos por um tempo e os filhos estudaram junto com Sandy e Junior. Eles não são bem de vida, tinham carros simples, mas davam prioridade a educação. Nunca pressionaram os filhos a fazer faculdade, deixaram bem a vontade. Aí a filha mais nova deles, a G., se formou, acho que fez um ano de cursinho e formou aqui na POLI, agora está morando em Cingapura. O Pablo, ele formou na Unicamp, formou assim, ele fez engenharia, demorou uns cinco ou seis anos na graduação, acho que mais de cinco. Cinco é o mínimo. Fez em seis ou sete anos. Os pais seguraram as pontas. A C. que é a mulher mais velha, o mais velho é o J. que até agora não formou e não tem essa pressão. A C. foi pra Unicamp, começou engenharia, desistiu, foi pra Campinas, mas não tinham pressão de se formarem logo. Eles sabiam que isso é uma escolha difícil, é algo que você vai fazer pro resto da vida. Então eles são assim, não tem essa pressão. Até me perdi.

R: Você estava falando das transições.

E: Isso. Aí fui pra casa deles, por isso também, voltando um pouco, minha irmã não quis prestar essa prova de bolsa no São Luís. Ela fez a noite, queria continuar com as amigas dela. (1:08:56)* que eram do Boa Nova. Ela não quis deixar as amigas. Eu como já tinha muita mudança já, tinha superado o interesse pelos estudos, estava num ambiente que as pessoas entendiam isso. Minha família não entendia isso, meus tios, meus primos. Agora...

R: E os pais?

E: Meus pais não. Mas sei lá, de repente por ouvir tanto dos outros, pode ser que tivesse mudado. Mas como tinha esse pessoal que eu chamo de tio e tia, pensavam o contrário, já tinham esse pensamento de estudar, eu já queria estudar. Queria fazer engenharia, nem sabia direito o que era, mas queria fazer, desde a 8ª série. Pensei “vou estar numa escola boa, vou ter uma base melhor do que a escola pública”.

R: Quem te indicou essa escola?

E: Minha mãe já conhecia. Tanto é que dois anos antes ela tinha oferecido pra minha irmã já, ela que não quis. Aí eu quis, falei “não, vou pra lá”. Fiz a prova, lá eles não dão bolsa integral, mas é um valor bem acessível, ainda mais uma escola do nível São Luís. O pessoal geralmente, tinham alunos de escola pública, bastante. Porque tinha uma função meio social. E tinham alunos até de escolas boas. Tinha colegas do Dante que foram pra lá, no noturno. Aí eu fiquei por cerca de, fiquei um semestre lá, os dois primeiros bimestres. Fiz bastantes amigos também lá, alguns assim que eu tenho

contato. Não de visitar, de ver, mas assim, puta carinho, quando eu falo com eles ainda parece que a gente está se vendo todos os dias, tenho uma intimidade grande. Aí decidi prestar lá, passei na provinha, tal. Eles não levam em conta só a prova, levam história de vida também, bastante coisa. Aí fui estudar lá e depois de quatro meses que eu tava lá, né, depois desses dois bimestres, minha irmã foi fazer cursinho no Objetivo com a C., uma das filhas desse casal. Foi falar com o cara lá que é famoso no Objetivo, um tal de J., e uma menina comentou que eu fazia esses projetos. Comentou por comentar sabe? Não tinha nenhum interesse em nada. Nessa hora que ela comentou ele falou “tá, vou dar bolsa pra vocês, mas traz esse garoto aqui”. Aí eu fui lá, assisti uma aula lá, o cara já abriu o material didático novo e falou “assiste a aula aí e vê o que acha”. Assisti, gostei, era um professor por cada aula, professor com postura de cursinho, a aula que envolve. Aí depois de uma semana que eu fui lá eles me ligaram e falaram que se eu quisesse teria bolsa integral pra estudar de manhã. Foi um choque também, porque eu não esperava uma coisa dessas, aconteceu de repente. Quando isso aconteceu eu saí do São Luís a noite, fui pra lá de manhã e fui morar com meus pais, com a minha avó e com meus pais. Mudei de escola também, fui pro Objetivo. Aí me perdi já.

R: Você está entrando no Ensino Médio. Você está provavelmente no 2º semestre. Mas não me lembro o ano que estamos.

E: 2004, 1º ano do Ensino Médio. Aí como meus pais tinham... a zona oeste era bem longe, a gente tinha um carro. Então meu pai trazia minha mãe, meu pai tinha voltado a trabalhar já e minha mãe estava começando. Meu pai levava minha mãe de carro pro centro e eu pegava carona com eles, ficava o dia inteiro fora de casa, voltava só a noite com meus pais pra casa. Enfim. Aí eu voltei a morar com meus pais. Foi meio que isso assim, quando eu mudei de colégio também pra parte da manhã. Mas sempre que eu precisava ficava na casa dos meus tios, meus tios postiços aí que eu tenho de consideração, de coração. Quando precisava, tinha alguma coisa na escola, que eu queria mesmo não ficar indo e voltando eu ficava lá também.

R: Aí assim, por ser um colégio com postura de cursinho, não sei, talvez o nível, não sei se o nível era mais puxado ou menos. Você começa... porque assim, você não falou de grandes dificuldades. Falou que ficou de recuperação, mas por motivos pessoais. Até então você não teve grandes dificuldades. Você falou que tinha um rendimento satisfatório. Mas e agora? Porque aumenta a fragmentação, começa a aparecer dificuldades ou você com essa nova postura? Como que é essa fase escolar?

E: Teve dificuldades, teve coisas que eu nem tive na escola, que eles já estavam retomando pra explicar outras coisas. Aí eu tive de correr atrás. Sei lá, mais assim, eu sabia que... Não que era expresso, não era por causa da bolsa, tipo “se você tirar vermelha você perde a bolsa”, não tinha essa pressão, mas no final das contas eu tinha consciência de que eu tinha uma oportunidade ali. Então tive de dar uma ralada sim pra conseguir acompanhar, sabe? Não era aluno nota dez em todas as matérias, tinha lá alguns cinco ou seis, sabe? Mas como a média era cinco então não tinha, não ouvia tanto. Mas tive dificuldades de entrar, pra acompanhar as matérias. Os filhos desse casal me ajudaram muito também, me ensinaram a estudar também nessa época. Tipo “ó, lê o livro, vê a matéria, faz exercício em casa”. Deram dicas de coisas que eu não fazia. Com um pouco de disciplina eu não ia mal, ficava ali do mediano pra cima, sabe?

R: Em relação a comportamento você até agora não falou em nenhum momento de direção e coordenação da escola. Você teve alguma situação? Porque você

falou que era da turma do fundão, teve algum impasse?

E: Ali na época que eu voltei pro Lema, na 7ª e 8ª série, teve algumas vezes que meus pais foram pra escola. Mas não fazia nada grave assim não. Era mais conversa em sala de aula, risada em hora errada, sempre fui muito bobo. Com meus amigos, qualquer coisa eu tô rindo. Até hoje, você vê, eu encho o saco da Ju, com 24 anos e ela está com 18, sei lá. Sempre fui daquele jeito. Mas sempre só brincando, nunca prejudicando ninguém. Tudo bem, acho que risada pode ser que atrapalha um pouco no momento da aula. Mas nunca fui de querer tirar a atenção do outro. Nunca fui de tirar atenção da sala inteira vai, tipo “ah, eu vou gritar e todo mundo olha pra mim”, não. Tinham amigos que faziam isso, brincavam mais alto entre eles pra chamar a atenção da sala. Eu não, era aquela coisa que o professor tá na frente, via, acho que desconcentra. Meus pais foram por um tempo, mas por causa dessas besteirinhas, nada grave. Essa foi a experiência de direção que eu tive. No Objetivo eu tive uma experiência, sei lá, besta assim. Meu amigo, a gente tinha um amigo e um dia a gente enrolou com papel higiênico. Zoando, com consentimento dele, não era nada de bullying, foi zoando. Idiotice, molecada de 1º ano. Meu amigo pegou os papéis depois que acabou a brincadeira e jogou pra baixo, só que embaixo tinha um estacionamento. Tinha uma moto parada e zoou todo o carro, assim, ficou coberto de papel higiênico limpo, não tinha água nem nada. Aí a coordenadora lá, cada andar tinha uma coordenadora e acima tinha a direção, a gente foi pra direção e eu não dedurei meu amigo, mas também bati o pé falando que eu não fiz nada. Foi isso só que eu tive de experiência no objetivo.

R: Nada traumático.

E: Nenhum pouco, bem tranquilo.

R: Em relação aos professores marcantes. Talvez por proximidade de conteúdo, maneiras de dar aula. Teve algum professor marcante no Ensino Médio?

E: Vários. Teve bastante. Agora um pouco antes na 8ª série teve um professor de matemática, menos pela matéria e mais pela pessoa, que era o C.. Era uma figura, o cara era magrelão, alto, sabe? Cabelo todo arrepiado, narigudão, tipo... E ele era bem cuidadoso, muito atencioso e quando eu tive essa mudança de postura, em vez de ele pensar “esse aí não vai pra frente” ele reconheceu, deu valor. Por mais que eu era da turma do fundão antes e estava aprendendo agora, não teve aquela separação. Muitos fazem “aluno bom é esse que está aqui na frente, sentou dois anos aqui comigo, ele que é o bom”. Ele reconhecia, valorizava, enfim, era uma pessoa... Não por ter feito isso comigo, mas ele era uma pessoa muito boa. Eu percebia isso, me marcou por isso.

R: Já no Ensino médio?

E: Não, na 8ª série.

R: Mas no Ensino Médio você teve outros professores?

E: Aí eu não sei. Talvez pela mudança de configuração de escola. Por mais que o Lema que eu estudei fosse particular, era um particular que a única diferença é que era pago e selecionava um pouco quem entrava, com relação a dinheiro, mas nem tanto. Era barato, tal. Então os professores não eram muito bons no geral. Mas, quer dizer, não que não fossem bons. Mas não se comparavam aos que eu fui ter no São Luís e Objetivo. No São Luís eu tive professor de matemática muito legal e divertido, tive professor de química também. O cara era bravo, mas era mó figura, o professor A., uma lousa impecável, letra impecável, ensinava muito bem. Ele dava aula também no

Mackenzie e pra gente no São Luís a noite. Sei lá, tinha coisas que eu não entendia, mas enfim. Ele não gostava de gente de boné na sala, ele era um cara gordão, ele falava e a gente tirava, mas a gente era moleque, se fosse mais velho... Ele não gostava que assoviava na sala ou perto dele, ele falava “aqui não é banheiro de bar pra ficar assoviando”, mas um cara muito fora de série. O professor de física lá também era muito bom, que eu tive. Também não lembro o nome. Marcou por ser bom e no Objetivo eu tinha muito professor né? Porque cada matéria, português tinha três frentes, gramática, literatura e redação. Matemática três frentes também, física duas ou três, química duas ou três, biologia tinha muitos professores. Então é difícil pegar um marcante. Mas assim, todos muito muito bons. Estou tentando puxar na memória uns, mas certeza que teve. Não estou lembrando agora pra falar.

R: O que te marcou nessa época do Ensino Médio? Bom, antes de você ir pra escola e como você tratava a escola, você ia por quê?

E: Agora era pra aprender.

R: Antes era?

E: Pra ir, porque tinha que ir. Não tinha interesses assim, naquele finalzinho da 8ª série que começou a ser pra aprender mesmo.

R: Aí você parece que desde a 8ª série você já tinha decidido que ia pra engenharia mesmo. Engenharia mecânica né? Assim, cursando o Objetivo eu acredito que o ensino era voltado para o vestibular mesmo.

E: Totalmente.

R: E assim, você já criava expectativas? Como que era? Assim, essa próxima transição, saída do Ensino Médio para o Ensino Superior?

E: Então, eu sabia também que como eu tinha coisas que nunca tinha visto, coisas que via pela primeira vez. Eu tinha nessa época uma bolsa que eu ganhei pela FEBRACE pra fazer cursinho no Anglo, então eu tava confortável. Sabia que um ano pelo menos eu podia me dar o luxo... Não me dar o luxo, porque não é luxo nenhum fazer cursinho, é muito pesado. Mas eu sabia que eu podia contar com isso. Sabia que não ia tirar dinheiro dos meus pais pra pagar cursinho. Então foi um pouco confortável. Eu tinha em mente que era plenamente possível eu não passar de primeira, tanto é que meus amigos que eu estava mais próximo, que andavam comigo não passou de primeira, queriam POLI e não passou.

R: Lá do Objetivo?

E: Lá do Objetivo. Passou um ano depois com cursinho. Mas assim, eu sabia que tinha uma defasagem, ia levando o colégio. O nível de dificuldade é outro. O Objetivo também é uma escola fácil, tem a fama de ser entre as particulares aquela que pega os alunos de outra escola, a média é mais baixa. Então eu sabia que eu poderia não estar preparado no final do ano. Já tinha essa chance bem nítida já. Já sabia que podia vir cursinho pela frente. Por mais que eu tivesse me preparado. Até porque assim, eu não achava que estava me preparando pro vestibular, estava me preparando pra escola. Pra acompanhar a escola não foi muito fácil. Tinha uma dedicação que eu nunca tinha tido antes. Já tinha percebido uma mudança. Então o vestibular eu deixava em segundo plano porque também eu me dediquei às outras atividades da escola. Assim, extraescola. Tinha lá uma salinha no segundo subsolo que... pra alunos de olimpíadas, tal. Eu participava dessas atividades. Participei também de uns outros anos, era uma espécie de

torneio. Chama torneio internacional de jovens físicas. A primeira fase é aqui no Brasil, tem um time e cada disputa é feita entre três times. Tem o oponente, o relator e o revisor. Aí eu participei dois anos desse tipo de debate sobre física. Fiquei no meu grupo dois anos e em cada ano tinha cinco primeiros lugares, ia uma pessoa de cada grupo. Geralmente a pessoa tinha que falar outra língua, como eu não falava inglês nem me candidatava. Também já ficava muito feliz de ter ganhado a fase nacional, ter feito parte do time que ganhou a fase nacional. Então já dava esse valor. Me dedicava muito a essas atividades extra aulas. Só pra complementar. Já sabia que o vestibular podia não ser alcançado tão facilmente. A passagem para a faculdade. Sempre quis POLI, pelo nome. Pelo que ela representa e também por ser a única faculdade pública aqui de São Paulo que tem, pelo menos na época que eu terminei o colégio era, que tinha engenharia mecânica. Não pensava em morar fora, até pouco tempo não tinha casa pra família, imagina pra mim. Então foi isso. Era meio que POLI ou nada.

R: Bom, aí você saiu da escola... Em algum momento da escola você precisou trabalhar?

E: Não não não. A única vez que eu fui trabalhar foi no final do 3º ano, porque eu quis mesmo. Quer dizer, porque eu quis não, porque o pessoal... eu fui trabalhar numa editora de artigos religiosos pela... via pessoal lá do centro universitário. E era época de natal, tinha mais demanda, cartões de natal com imagem. Era uma editora e também tinha livros. Eu fui pra lá no fim de ano porque surgiu a oportunidade, fui ganhar, sei lá, 500 reais num mês, foi um mês só. Foi bem legal, fiz amigos lá, tinha um pessoal bem divertido lá também e trabalhei meio que assim, porque eu queria mesmo. Não tinha necessidade de ajudar em casa. Trabalhei e fiz o natal daquele ano. Comprei uma imagem pra minha mãe porque eu sabia que ela ia adorar, de uma santa lá. Comprei um filme pro meu pai, de DVD. Comprei pra minha irmã também um DVD e comprei um MP3 pra mim. Gastei todo meu salário nisso, no natal. Foi isso. Não tive que trabalhar não. Trabalhava as vezes quando minha mãe queria, porque eu saía no final de semana. Acho que ensinar a gente a valorizar o dinheiro. Ela pedia pra gente ajudar com o trabalho dela, coisas bestas. Digitar... Nenhum trabalho regular assim.

R: Quando acaba a escola o que começa a acontecer na sua vida?

E: Quando acaba a escola... no final da época da escola meus pais conseguiram alugar um apartamento já em frente ao prédio que eu morava com meus tios, meus tios postiços. E... aí a gente vai voltar pra casa e dar valor a casa que a gente tava, tal. Era um apartamento pequeno, dividia quarto com a minha irmã e... bom. A gente tava nessa fase de voltar a arrumar uma casa. Comprar coisas pra casa. Nessa fase assim.

R: Você já começa a fazer o cursinho do Anglo ou não?

E: Prestei FUVEST em 2006, não passei e fui fazer esse cursinho com bolsa.

R: Não teve nenhum ano que você reprovou na escola? Só aquilo que falou do pré?

E: É, por conta de fazer aniversário no segundo semestre. Eles seguram pra pegar o aluno mais maduro.

R: Aí 2007 você começa o cursinho.

E: Começo o cursinho. Aí também mais uma leva de ótimos professores.

Quer dizer, ótimos em termos de conhecimento. Porque não é aquela coisa de ensinar o indivíduo. Eles te treinam pra uma prova, cachorrinho bem adestrado. Não tem outra finalidade.

R: Já na escola você percebia que existia outra finalidade?

E: Finalidade de educar. Já era notado assim. Educação, postura...

R: Valores...

E: Valor eu não lembro muito da escola, indiretamente né? Mas o contexto já te dá um viver em sociedade. Assim, com pessoas diferentes e tal. Então aprendi isso na escola. Mas no cursinho é mais aquela coisa conteúdo, mais pragmática.

R: Você já começa a construir um ritmo de estudo? Estudava e se dedicava bastante?

E: A minha dedicação foi aumentando gradativamente. Foi tipo... eu não estudava... Eu estudei mais do que eu tinha estudado antes na vida. Mas tipo, não era com uma regularidade tão grande, era sei lá, estudava vai... colocar uma média de dez horas por semana, hora aula. Não é pouco, mas também não é muito. Dá aí duas horas por dia, que não eram distribuídas regularmente. As vezes quatro horas por dia e um dia ou outro sem estudar nada. Mas aí eu fui criando esse ritmo né? Fui pegando esse ritmo que nunca tinha tido antes, de estudar essa média de horas por dia. Nunca tinha estudado. Aí beleza. Não passei também no final do ano.

R: Você só prestou POLI?

E: Só POLI. E prestei só POLI. 2007 só POLI. Aí 2008 foi... no final de 2007 conheci minha namorada no cursinho e a gente começou a namorar, tal, aí em 2008 eu fiz um outro cursinho. A gente mudou de cursinho, ela fazia Anglo também. Ela foi pro Etapa e eu fui pro Alferes. Fiz um ano de cursinho, uma sala bem diferenciada também. No Anglo tinha 200 pessoas por sala e no Alferes era quase o mesmo esquema do Lema, até mais rústico. Era uma casa mesmo. Era bem adaptação meio grotesca. Era bem arranjado pra uma instituição de ensino. A sala era numa garagem. Tipo, a sala de aula era um quarto. Cabia menos pessoas numa sala então eu conseguia perguntar mais pros professores do que eu perguntava no Anglo. O ritmo de aula também era diferente, uma hora e 40 direto, sem intervalo. No anglo eram cinco ou seis aulas por dia. Bom, beleza. Eu não estudei tanto assim. Não cheguei a estudar (1:35:06*) mais do que o ano anterior. Aí prestei UEL e FUVEST e tentei pelo PROUNI, porque tinha tido bolsa no Ensino Médio a maior parte do tempo. Passei na FEI e passei na UEL. Quando eu fui lá na FEI me matricular, pelo período que eu fiquei no São Luís, esses dois primeiros bimestres do 1º ano pagando uma quantia, sei lá...

R: Simbólica?

E: Simbólica. Eles acabaram negando a minha matrícula lá. Eu fiquei meio decepcionado porque eu queria ficar em São Paulo. Mas já estava meio desgastado, porque cursinho, por mais que eu não estudasse todo tempo, eu não estava mais no ritmo dos amigos de prédio, que estava num prédio novo, não tinha lugar pra brincar, não saía com meus amigos de colégio e tal. Eu estava me dedicando como nunca tinha me dedicado antes. Eu não saía pra balada, festas, tal. Era bem reservado. Por mais que eu não estudasse tinha uma concentração aí pro vestibular. E aí falei “puts, não quero mais me privar da minha vida”. Aí fui pra Londrina, fiquei esse ano fora lá. Aí puta, só me ferrava nas matérias lá. Puts, cálculo. Talvez porque eu não quisesse estar lá. Já

estamos em 2009. Minha namorada aqui também.

R: Você percebeu grandes diferenças da universidade para a escola?

E: Percebi total. A universidade já te cobra uma autonomia que você não tem na escola. A escola não me deu. Eu aprendi um pouco a ter de estudar quando eu fui pro Objetivo, mas nem perto do que o curso exigia. Por exemplo, o curso era integral e eu pensava que ia chegar em casa e não ia estudar. Eu tava quebrado, morava sozinho, tinha que fazer comida, cuidar da casa. Por mais que fosse pequeno eu tinha que limpar e eu meio neurótico por limpeza levava um bom tempo com a limpeza. Assim, eu tinha mentalidade de que ia mesmo conseguir levar e não consegui. Não passei nas matérias chaves. Não passei em cálculo nem em física. Em física porque eu discordava da lógica do curso. Tipo, eu tava tendo física e cálculo concomitante. Então cobrava conceitos em física de cálculo que eu não tinha tido. Achava ridículo, aprender pra fazer ali. Então eu abneguei, pra fazer nas coxas eu preferi não aprender. Agora cálculo... cálculo no começo eu achava muito fácil. Assim, até a primeira prova, porque lá era anual o curso de cálculo. Eu achava ridículo, limite né? Tinha aquela noção intuitiva. Primeira prova tomei um nabo. Foi o bastante pra perceber que eu não estudava direito, já foi meio tarde, porque no segundo semestre começou a entrar derivada e uns conceitos mais difíceis de limite que eu não tinha pego. Achava que estava acompanhando então não estudava. Ia pra aula e entendia o que o professor fazia, mas não conseguia fazer sozinho. Só tive uma fase de conseguir recuperar quando minha mãe foi ficar comigo um mês. Aí que eu dei um salto no desempenho. Mas ela foi embora, eu voltei a cuidar das coisas e demandou muito tempo. Eu não conseguia acompanhar e reprovei em cálculo lá. Aí comecei a pensar “puts, estou me ferrando aqui”. Ou seja, não era uma coisa tão fácil de fazer, poderia me dedicar um pouco mais, tentar mais e fazer POLI, tentar mecânica que era o que eu queria, lá eu tava fazendo elétrica. Assim, não sei se é relevante ou não, mas eu prestei elétrica lá porque minha namorada prestava medicina. E UEL, qualquer faculdade estadual pública, medicina, é conceituada. Porque é um curso muito caro. Quando eu conheci ela em 2007 ela já prestou Londrina. Eu não prestei porque já tinha passado o período de inscrição. 2008 eu já prestei. Meus pais ficavam “não vai fazer”, eu tinha certeza que ela ia passar naquele ano. Eles ficavam “é por causa dela”. Enfim. Quando eu tava na 8ª série, o projeto que eu fazia tinha a ver com elétrica. Então deu uma vontade de fazer. Mas não porque ela queria que eu fizesse, eu que queria acompanhá-la. Ela não passou nem na primeira fase nesse ano. Eu pensei nos meus pais, porque eles tinham gasto com hotel, inscrição. Não ia deixar passar tudo isso que eu tinha feito. Aí fui e falei “vou fazer”. Fui pra lá, comecei a fazer e ela começou aqui na Santa Casa. Aí tipo, ela teve um choque aqui. Ela entrou na Santa Casa e não era o que ela esperava da medicina. Ficou muito mal, acho que pelo fato de eu estar longe também. Ficou muito mal, passou com psicólogo. Isso me balançava né? Eu estava de longe vendo isso, vendo ela. A gente se via duas vezes por mês, quando eu vinha e quando ela ia. Eu pensei “estou longe da minha família, estou dando um gasto pros meus pais. Não é o que eu quero, vou tentar um pouco mais”. Aí voltei em 2010. Aí dei um gás, estudei como nunca tinha estudado.

R: Mas você estudou por conta própria?

E: Não, fiz cursinho de novo. Aí já foi pagando. Eu fiz a prova, ganhei bolsa, mas não foi 100%. Tinha um percentual, só que qualquer percentual pouco de muito é muito. E assim, me esgotei em 2010, estudei muito muito muito. Lembro a M. Desistiu em 2009 mesmo na Santa Casa. Aí começou a estudar, fazer cursinho já, 2009

mesmo. Ela passou na SANFRAN tal, começou em 2010. Então ela tinha um conteúdo fresco e uma bagagem de quem estudava na medicina. Ela não estudou muito. Ela fez escola técnica então sabia desde sempre. Como ela não tinha conteúdo... eu invejo ela porque ela sabe estudar. Aí tipo, eu falava “não, tira nota de biologia”. Eu lembro que eu não sabia muito de biologia. História eu me dediquei muito. Geografia eu não me dediquei por é loteria no vestibular. Pode cair atualidades. Você pode saber de tudo de geografia e não cair nenhuma questão. Eu estudei muito, muito. Aí eu prestei POLI e FEI, FEI não, desculpa. GV, FGV. Prestei economia lá. E... bom, não deu. Não deu POLI naquele ano. Deu a GV, por mais que tenha sido lista eu tenho orgulho de ter passado lá por ser um vestibular bem específico.

R: Lista?

E: Lista de espera.

R: Entendi.

E: Mas é um vestibular bem específico. Tanto é que tem cursinho especializado pra lá. Fiquei feliz de ter passado lá. Mas a mensalidade é uma paulada, 2700 ou 2200. Fora da minha realidade. Eu tinha pensado, eu pensava em passar entre os primeiros pra ter a bolsa. Mas certo, pelo que eu estava estudando aquele ano não contava com essa possibilidade, pensava que ia passar na POLI e entre os primeiros. Nem contava, era remoto. Nunca tinha pegado a prova da GV pra fazer, fui fazer no dia mesmo. Porra, aí não passei na POLI, passei na GV. Fiquei duas semanas lá pra conhecer a instituição e porque as duas semanas era o período que eles devolviam o valor que você tinha pago, 70 ou 80%. Essa valor quem pagou foi o pai da M., porque eles tem uma situação mais tranquila, ele tem uma empresa. Ele que me ajudou e tal. Aí eu não... meus planos eram, ele ia me dar um emprego só que pra me ajudar, ao invés de me dar o dinheiro. Ia me ajudar a pagar a bolsa que a faculdade daria, tipo um FIES, a GV tem um fundo de financiamento, só que o resultado desse fundo só saía em junho. Até lá eu tinha que ir pagando o total e depois o que eu tinha pagado a mais do plano que eu fosse conseguir, né, eles devolveriam. Aí eu pensei “não vai dar, saí de Londrina que eu fazia engenharia, queria fazer POLI, vim pra cá pra fazer uma dívida tipo de um apartamento” sabe? Não dava. Aí eu desisti e foi um puta choque. Meu pai já ficou bem puto comigo porque eu já tinha desistido da UEL. Ficou muito puto. Aí contei muito tempo com o apoio, na medida do possível da minha mãe e que ainda assim meio que quando eu desisti da GV, eles achavam que era um tempo desperdiçado. Sabiam que era um curso caro e eu nunca quis fazer economia, queria fazer como segundo plano. Mas eles já entendiam que não era um bom segundo plano, eu teria que trabalhar pra estudar. Mas aí beleza. Em 2010, desculpa, 2010 eu fiz o cursinho. 2011 né, que eu fiz a GV e larguei, aí eu comecei a trabalhar com o pai da M. mesmo. Ele me dava uma ajuda de custo. Não era um trabalho pra me ajudar, era trabalho mesmo. Até acho que eu recebia menos do que eu deveria, mas como não tinha grande experiência profissional, pensei “vou aceitar”. Fazia bastante coisa de auditoria. Consegui fazer Etapa a noite. Como eu tinha estudado muito no ano anterior no Anglo o meu intuito era manter a nota que eu tinha da primeira fase e rever o conteúdo do vestibular pra tentar de novo. Acabou melhorando um pouco o desempenho, o que foi surpreendente pra mim. Aumentou uns quatro pontos na primeira fase e aí, tipo, eu consegui levar com a bagagem que eu tinha de 2010. Não passei na POLI, fiquei na posição, sei lá, 1400 e pouco. Nem deu lista. Sorte que nesse ano teve a reescolha, foi o primeiro ano que teve isso. Aí eu entrei no IME por conta disso. Foi uma coisa, meio um acontecido.

R: Na licenciatura?

E: É, na LIC.

R: Você escolheu a licenciatura por causa do número de vagas? Porque poderia ter sido bacharelado. Poderia ter sido física. Não sei, não sei como funciona o processo de reescolha. Mas como que funciona isso?

E: Pra ser sincero foi pelo número de vagas. Tinham seis vagas. Eu imaginei que não fosse ser tão concorrido e eu tentei e falei “esse ano eu tenho que fazer faculdade, se não não foi pra frente”. Tava esgotadaço de fazer cursinho e não queria perder tudo que eu tinha feito esses anos todos. Se eu não fizesse faculdade agora dificilmente eu faria. Trabalhando eu não dedicaria um tempo a faculdade. Isso por mim mesmo, não por apoio de pai, porque eu já estava esgotado, saturado. A licenciatura aqui tinha seis vagas e eu falei “puts, tem bastante vaga” e eu entrei. Deu certo de eu ter entrado. Hoje, me perguntaram isso, eu me pergunto agora. Agora não, não mais.

R: Você entrou em 2011 ou 2012?

E: 2012. Aí me perguntaram “por que você não fez física? Você já tem um histórico relacionado com a física, projetos que envolviam isso”. Eu não sabia responder. Até hoje não sei responder. Mas eu fiquei meio balançado na época. É verdade, podia ser uma coisa que eu tinha mais facilidade. E também, deixa eu ver o que mais. Quando eu entrei aqui eu fiquei muito mal, pelo menos o primeiro ano inteiro da faculdade remoendo, “porra que queria fazer POLI, tal, engenharia e não passei, me dediquei tanto”. Até hoje me balança um pouco. Fica aquela pergunta no ar, aquele velho interrogatório. Por que que eu não tentei um pouco mais? Eu sei que na época eu não conseguiria mais tentar, não tinha mais força pra tentar. Estava bem saturado mesmo. Agora eu tô vendo que, sei lá, eu dei aula particular já. Curti a experiência sabe? Consegui passar conhecimento pra outra pessoa. Esse projetinho aqui também da OBMEP me dá um gás também.

R: Fala um pouquinho desse projeto então. Fala um pouquinho do seu momento graduação. Porque você já tinha tido contato com cálculo um, por exemplo, quando fez UEL. Como foi essa nova fase da graduação mesmo e estar aqui em São Paulo? O que tem te agregado essa fase da graduação, do ensino superior. Já deu pra perceber que você tinha outras expectativas e de certa forma há uma frustração. Bom, conta como está sendo essa vivência na graduação.

E: Tá. Bom, comecei a estudar aqui. Não curtia muito, porque o curso não era o que eu tinha planejado fazer. Mas não sei, tive uma reação um pouco diferente. Ao invés de pensar “vou largar, levar de qualquer jeito” eu pensei “já que eu não gosto, vou estudar”. Tipo, sei lá, “não vou fazer de qualquer jeito pra pelo menos ter feito uma coisa que eu não gosto”. Não é lógico, mas foi o que eu incorporei. Sei lá. Demandou pouco estudo. Não vou falar pra você que estudei muito aqui na graduação, no primeiro ano. O que eu fazia era o mínimo recomendado. O mínimo esforço. Tinha lista pra fazer, eu fazia a lista. No primeiro ano eu fazia as listas completas. Já no segundo ano eu vejo quais exercícios são pra prova, então fazia os que têm cara de prova. Mas isso no curso nem é todo mundo que faz. Eu nem estudo muito pro curso. Eu levo ele, tipo, com as aulas, tirando dúvidas nas aulas. Prestando atenção nas aulas e com listas, provinhas, tal. Não é uma coisa que... o que demanda tempo é quando eu deixo lista pra fazer na última hora. É o que pega, fazer trabalho. Mas eu não curto muito deixar pra fazer assim não. Eu costumo fazer assim quando eu faço em grupo. Acho que o pessoal

já tem idade pra saber que não vai ter alguém pra falar “vamos fazer, vamos fazer”. Primeiro semestre eu fazia tudo até. Tinha vez que tinha trabalho em dupla, eu não tinha dupla, começava a fazer e falava “não vou depender de ninguém não” e já ia fazendo. Aí depois alguém falava “você fez o trabalho” e eu falava “fiz, dá seu nome e vamos fazer juntos”. Mas esse semestre eu já falei “não vou fazer isso nem a pau. O pessoal não quer fazer e não vou fazer pros outros”. Vou deixando pra última hora e chega na hora de fazer junto com o pessoal por skype pra fazer. Mas assim, com relação ao cálculo daqui e o da engenharia começa a ser mais fácil porque é mais bem explicado. A gente tem mais tempo pra ver as coisas, vê mais devagar. Então acaba tendo bastante coisa em aula. Tudo que eu tive de cálculo lá, vai ser uma coisa idiota, tipo, como desenhar gráfico. Aprendi a entender o que significam as coisas aqui, derivada primeira, derivada segunda, lá eu sabia o que acontecia, o porquê, sei lá...

R: Sabia fazer.

E: Isso, sabia fazer. Sabia qual resultado dava o quê. Aqui já entendia um pouco mais porquê. Durante as aulas tive professores bons na medida do possível. Só esse semestre teve um de cálculo que não foi tão bom, foi razoável. Não vou falar que foi ruim, mas não vou falar que foi bom. Mas assim, já tinha uma bagagem né. Já tinha uma referência. Já achei um pouco mais tranquilo.

R: E assim, tem outras coisas que a faculdade te agrega? Não sei, talvez algum trabalho que apareceu por causa da faculdade. Os próprios amigos. Não sei, qualquer coisa que possa te agregar a faculdade.

E: A questão de amigos na faculdade não fiz muito não. Tipo... o perfil do pessoal, não sei se bate com o meu. O pessoal do pessoal aqui geralmente é mais introvertido, um pessoal que anda em grupos, fala muitas coisas que eu não falo. Esteriótipo né? A maioria deles. Não é todo mundo que é assim. O pessoal gosta de joguinho de RPG, eu nunca me liguei. Sempre curti coisas mais banais, assim, tipo jogo de futebol, luta. Coisas menos intelectuais. Os jogos que eu gostava de jogar, eu gosto de jogar truco, por exemplo, o pessoal repudia. Dizem que não tem que usar raciocínio, é isso que eu gosto, você blefa e ganha, é uma brincadeira só. Enfim. Eu não fiz muitos amigos não. Os amigos que eu fiz, teve um cara que era um grande amigo, tenho contato com ele até hoje, mas ele saiu do curso. Ele foi pro exército, ele é oficial da reserva, ele foi pra essas obras que está tendo em São Paulo. Ele não conseguiu fazer a matrícula do segundo semestre do primeiro ano e perdeu a vaga. Sei lá, é um cara que queria engenharia também. A cabeça dele bem parecida com a minha, era um cara um pouco mais velho, era meio molecão, me considero assim. Enfim. Ele saiu, foi um choque no próximo semestre ver que ele não estava aí, fiquei meio deslocado assim. Os outros amigos que eu tenho são mais esporádicos. Tem um que quase não vem pra faculdade, outro que a gente se fala só quando está um na frente do outro e olhe lá, meio esporádico, tem a J. que eu converso e tem o pessoal que eu dou bom dia. Mas com relação a amigos não me agregou muito não. Agora estou me entrosando um pouco mais com o pessoal da atlética, do projeto, da OBMEP.

R: Como funciona esse projeto?

E: Alguns alunos da escola pública são selecionados pelos professores, alguns que se interessam e eles vem aqui discutir questões de versões passadas da prova. Porque geralmente essas provas abordam raciocínio, não tanto o conteúdo. Precisa do mínimo de conteúdo, só que muitas vezes os alunos não tem. As vezes a

gente acaba discutindo ou até mesmo passando alguma coisa pra eles. Passa até menos do que eu gostaria que passasse, algumas discussões com a coordenação sobre o projeto, eu acho que deveria ter. Ser mais fundado em teoria e discussão de conteúdos pra complementar a teoria e exercícios pra complementar a teoria. Aqui geralmente passa exercício, resolve na lousa ou nos pequenos grupos que são formados. A resolução do exercício ou alguma saída, enfim, que leve a resposta dos exercícios. Mas eu tenho achado bem legal. É um projeto que dura quatro meses. Tem quatro meses de duração. É visando a segunda fase da prova. Esse ano a gente começou um pouco antes, já vimos que eles têm dificuldade até na primeira fase. É uma prova que não é fácil. Tem professores que... as pessoas que monitoram são.... tem dois professores da rede pública e um monitor que é aqui do IME. E as vezes até os professores têm dificuldade de resolver essas questões. Aí a gente começa a entender o porquê que os alunos têm dificuldade de resolver. Porque o professor tem dificuldade de resolver, porque não teve o conteúdo, não aprendeu bem. Então é uma experiência que está sendo bem válida pra mim. Eu tenho curtido. Sei lá, estar a frente de uma sala de aula. Eu não sei se eu lido da melhor maneira possível com os alunos, mas eu tenho. Tento dar uma atenção especial pra cada um. É uma experiência bem legal. Me trouxe bastante benefício. Já adiantando que eu posso ser um futuro professor.

R: Porque assim, pelo que você contou, você não tinha... não foi bem uma escolha a licenciatura. Foi uma opção, ou talvez a falta de opção. Não sei. Mas a princípio você nunca tinha pensado em ser professor.

E: Nunca. Nunca tinha pensado. Assim, eu já cheguei a ajudar amigos estudando, amigos de outras escolas que eu marquei encontro com eles só pra ajudar. Meninas também de outras escolas. Tipo, era uma maneira de me aproximar até. Algumas vezes de... você falou de atração. Já me aproximei assim de meninas. Curti a experiência, elas, as pessoas, os amigos em véspera de prova também achavam legal. Entendiam como que eu falava. Mas assim, de longe nunca pensei em dar aula. Hoje em dia mesmo eu não me vejo numa sala de aula com uma turma regular aplicando prova, sabe? A rotina de um professor, não me imagino. Eu tento absorver o melhor dos professores daqui, ver como é a postura deles, pra se um dia precisar usar. Sei lá, eu me vejo mais continuar estudando, né? Pesquisa, tal. E fazendo bico com aula particular, escola de aula particular, com turma pequena, onde vão, do que com uma sala. Eu realmente não me vejo. Nunca tinha pensado nessa realidade de dar aula. Conto também com a possibilidade de trabalhar numa empresa, porque o pessoal fala que muita gente vai pra outras áreas, não necessariamente na área da educação. Penso nessa possibilidade também e é um pouco difícil. Continuei fazendo esse curto porque ele não demanda muito tempo na faculdade. É uma coisa que dá pra eu ter outra atividade em paralelo. Sem me prejudicar tanto. Eu posso fazer 16 créditos por semestre ao invés de 20 e levar de boa a faculdade com um trabalho. É isso assim. Eu nunca tinha pensado nisso, nessa possibilidade de dar aula.

R: Bom, sendo que você não pensa como uma opção, mas como que você agora, talvez no curso de licenciatura, na graduação né, como que você pensa a escola hoje? O que que a escola é pra você? Não o que ela foi, mas o que ela é agora pra você?

E: Sei lá. O que ela é? Difícil essa pergunta. Mas assim...

R: Ou o que ela pode vir a ser então?

E: Eu não gosto do que ela é. Pelo que eu vi, até na oportunidade de estágio

de Didática. As escolas que eu visitei eu vi que a escola não é mais um lugar que prende a atenção dos alunos. Os alunos já não curtem mais essa história de lousa e tarefa de casa, essas coisas. Na escola pública então eu vi que a escola não ensina. A escola não ensina. Eu vi professora falando coisa errada em sala. Fiquei até meio chateado. Sei lá, acho que a escola poderia ser mais valorizada. Os professores serem mais reconhecidos. A sociedade valorizar mais, tipo “aquele cara é professor”. Tornar uma coisa admirável. Sei lá, poderia não só economicamente falando. Como pessoa mesmo “aquele cara ali dedica a vida dele a ensinar os alunos, que legal”. Não aquela coisa “eu dou aula” e o aluno perguntar “o que mais você faz?”. Acho muito triste, dá muita raiva. Acho que a escola deveria ser um lugar de aprendizado e hoje ela não é. Não vejo ela como sendo, eu vejo que as crianças estão lá cada vez mais... sei lá. Tem essas bolsas aí. Bolsa família, que complementa renda familiar. Na minha época não tinha isso. Eu cheguei a ter amigos que iam pra escola pra comer, porque na escola tinha a hora do lanche e tinha lá comida mesmo. Tinha macarrão, arroz, frango. Alguns amigos iam pra fazer uma refeição. Tanto é que eu passei por ela com um desempenho satisfatório no boletim, tanto é que eu te falei, não lembro o que eu vi. Posso ter aprendido, sei lá, a fazer as coisas, mas não lembro de aprender, como aprendi. Se poderia ser melhor ou não. Sei lá. Eu não sei o que a escola é hoje.

R: Pra você...

E: É um espaço com muita gente.

R: Mas e pra você que hoje está num curso de licenciatura. Porque assim, você falou sua opinião da escola perante a sociedade. E pra você? O seu papel. Você mesmo.

E: Como um professor?

R: O que a escola é pra você? Porque, por exemplo, pra mim ela é um local de trabalho. Pra você o que ela é hoje? Por exemplo, a escola já foi também um lugar de lembranças, outra pessoa que eu entrevistei coloca a escola como um lugar que ela sente muita falta, por exemplo. Mas pra você, o que ela é?

E: Tá. Ela foi um local, o local que ela foi, primeiramente, de muitas amizades, de boas recordações. De uma fase boa da vida, de brincadeiras. Hoje, o que ela é ou como eu vejo? Não sei como direcionar essa resposta.

R: Sinta-se a vontade.

E: Tá.

R: Porque já estamos caminhando para o final.

E: Pelo que eu vi ela é... sei lá, um local com muitas crianças e um adulto tentando passar um pouco de conhecimento, mas que ainda assim tem uma grande resistência por parte dos alunos. De não mais quererem ver aquilo daquela maneira, de quererem uma coisa diferente. Não sei também se não querem nada, porque estão lá. Enfim. Mas ela eu não vejo como um lugar de formar pessoas e transmitir conhecimento. Pelo menos aqui com o projeto, eu vejo que não tem o mínimo, assim, de informação. Não digo nem conhecimento. Tipo informação. No caso da matemática. A área é base vezes altura, a base é isso e altura é isso. Mas a criança não sabe nem a linguagem, o que é vértice, o que é aresta, muito menos o que é reta suporte, o que é distância. Coisas que eu até fico indignado. O que que é perpendicularidade. O que é ângulo reto. Eu fico chateado com a realidade. Hoje a escola que eu vejo hoje em dia,

não atuo em nenhuma de perto, no cotidiano. Mas pelo que eu vejo, eu vejo que não está indo pra um caminho legal. Não estou respondendo sua pergunta.

R: Vou tentar reformular então. Pensando no sentido da escola pra você. No meu caso, o exemplo que eu dou né, pra mim a escola eu digo que, dentre outros, é sobre tudo o mercado de trabalho. É onde eu estou trabalhando. Assim, o sentido que você atribui. Vamos tentar retomar. O sentido da escola que você atribuía antes de entrar na escola, não tinha grandes expectativas pelo que você falou. Já durante a escola, fundamental I, você disse que ia pra escola porque você precisava ir. Então de certa forma, não sei se posso dizer com essas palavras, mas era o sentido de obrigação. Enquanto que no Ensino Médio era o aprendizado, você falou que a partir da 8ª série, tudo que você viveu, começou a querer ir pra escola pra aprender. Agora você falou que a escola, bom ela foi também um espaço de brincadeira, um lugar de diversão, então. Há diferentes sentidos, que é mais ou menos isso que eu queria ver. Os diferentes sentidos ao longo da sua vida. Hoje assim, qual que é o sentido? Nem que seja o vazio, não sei. Eu não quero te dar opções.

E: Vou te responder, parece que não vai ser direto, mas enfim, tem um conteúdo. Ela deveria ser um lugar de aprendizado, ou seja, ela não é. Mas deveria ser. Não sei se isso chega responder sua pergunta.

R: Dá conta sim. E aí assim, pensando no seu projeto pessoal mesmo, de vida assim. Você pretende continuar estudando? Você está no segundo ano da graduação, você pretende ir até o fim com a licenciatura? Se você se formar, você pretende fazer uma pós graduação? Pretende já começar a trabalhar agora na graduação mesmo? Constituir uma família? Se constituir uma família o que você espera da escola para... bom...

E: Bom. Vou falar um pouco de mim agora né? Eu pretendo terminar a graduação.

R: A licenciatura mesmo?

E: Sim. Já tá na metade quase. Pretendo não depender só da opção de dar aula. Isso me assusta um pouco. Porque sei lá, você faz qualquer outro curso e não tem uma opção só. Faz engenharia e pode trabalhar em banco, em indústria, pode trabalhar em um monte de coisa. Talvez até por isso que eu tinha tanta vontade, porque me passava mais segurança. Aqui me assusta um pouco. O curso que estou é voltado para formar profissionais na área da educação, esse é o intuito de curso. Eu penso em prestar concursos público, em área x da vida, pra ter uma estabilidade financeira. Durante a graduação e depois de formado. (2:13:40*) Como eu te falei, não penso na possibilidade de dar aula regularmente em escola. Não é que eu não penso e não quero pensar, mas eu não me vejo a frente de uma sala formando pequenos cuidadinhos. É muito legal, acho importante. O que eu acho legal e vejo importante é que quem está aqui, por mais que tenha dificuldade de conteúdo, quer isso sabe? Quer melhor alguma coisa. E tipo, eu um pouco invejo essas pessoas, que já tem essa vontade. Já sabem o que querem. Já sabiam o que queriam. Eu acho animal isso. Tenho a opção também de continuar, tenho um projeto futuro de constituir família. Não vejo a hora. Vou fazer seis anos de namoro, já queria dar um passo a frente, queria poder ter estabilidade pra propor a minha namorada em noivado, pra poder planejar um casamento, mas isso infelizmente não vejo a curto prazo essa possibilidade de eu poder fazer isso. Já me vejo, sei que vou casar com ela, ela também tem isso em relação a mim. Tem esse lance de constituir

família. Sei lá, penso também na possibilidade de dar continuidade nos estudos, em pós, tal. Mas a primeira possibilidade é com concurso. Consigo uma estabilidade financeira. Eu quero isso, pra poder casar. Ganhar aí, sei lá, um concurso legal de ensino médio, os seus cinco ou seis mil, pra já compensar, dá pra dar uma estabilidade pra depois prestar outro também de nível superior também. Já me vejo confortável com essa situação. Eu fujo muito das perguntas.

R: Não, na verdade você está respondendo.

E: É porque eu começo a falar e volto. Dou muita volta. Mas é isso. O que eu espero do curso, espero agregar bastante conhecimento na área de matemática. Eu gosto da área de exatas. Eu acho que o curso poderia ser mais forte sim, poderia ter... não gosto da distinção que tem, licenciatura ser um curso abaixo. Acho legal a área das humanas, a licenciatura é um complemento. Ela não corta coisas, ela acrescenta sabe? A matemática também poderia ser assim, as matérias no nível de bacharelado. Eu vejo que tem coisa que a gente não aprende, tem coisa que “é assim, acreditem”. Não gosto disso. Também só reclamo. Mas acho que poderia ser diferente. Mas espero aprender mais coisas. Aprimorar as coisas que eu sei. Acho que é isso, com relação ao curso.

R: Acho que realmente, provavelmente é a última questão. Você já tinha feito alguma vez esse exercício de pensar toda a sua trajetória escolar?

E: Nunca. Nunca. Achei legal, bem legal. Queria ter lembrado mais coisas, ficou muita coisa, muita lacuna, muita coisa em branco né. Professores, até mesmo questão de conteúdo. Ficou uma lacuna, mas eu gostei de fazer esse exercício. De fazer um panorama da vida até o momento, acho bem legal.

R: Você acha que te trouxe... Claro que assim, eu acredito que isso vai te trazer contribuições futuras. Não digo agora, mas agora você consegue perceber alguma contribuição que isso pode ter te trazido?

E: Consigo cara. Consigo organizar na minha cabeça. Tipo, eu não falei como justificativa, só falei mesmo da fase que eu fiquei de recuperação. Acho que agora consigo entender o motivo ali na 6ª série, foi uma fase difícil e tal. (silêncio) Sei lá. A fase que eu falei que perdi minha tia e tal. Acho que isso explicou, me fez entender alguma coisa e sempre que eu vejo a história da minha vida, é bom pra eu lembrar também e dar um pouco mais de valor aonde eu cheguei. Porque eu costumo não dar muito valor. Eu costumo me apegar mais ao fato de eu ter fracassado. É legal ver que no fim das contas eu estou saindo de uma família que meus pais não são formados, minha irmã já se formou, eu já estou numa faculdade, tipo, estadual. Dá um puta orgulho de falar que eu estudo aqui. Foi bom. Gostei bem de ter organizado essa trajetória.

R: Isso que você falou acabou surgindo. Você falou do orgulho. Realmente, as pessoas, sejam familiares, amigos. Como que... mudou a maneira como eles te veem depois que você entrou aqui? Alguma coisa mudou?

E: Em relação a família, a família meio que já esperava de mim. No geral, por eu ter me dedicado tanto tempo. A família que eu digo, não a família em casa. A família maior. Tipo tios, tias. Alguns nem tem a noção do que é estar aqui. (2:20:44*) Pra alguns é só uma faculdade, a faculdade igual um primo fez, reconhece isso ,mas pensam “entrou na USP, é difícil de se formar”. Tem muita coisa que tem. Tem gente que pensa que é obrigação. Tem gente que tipo, minha tia fala “como é que está a escola?”. Minha irmã fica puta, virou até piada no começo. Minha irmã “não é escola,

estou na faculdade!”. Agora ela já fala rindo. Alguns não tem noção do que é estar aqui. Alguns já esperavam. Alguns esperavam mais. Então é uma coisa bem heterogênea. Mas tem gente que fala “não, faz matemática lá, difícil, legal”. Tipo, vejo um orgulho nas pessoas. Meus pais veem, mas são um pouco suspeito pra falar. Meus pais veem com muito orgulho, enchem a boca pra falar de mim e da minha irmã. Meu pai fala com muito orgulho, por mais que tenha ficado chateado por eu ter desistido duas vezes dos outros cursos, ele dá uma babada, fica bem orgulhoso quando vai falar para os amigos. Minha mãe também, tipo, as amigas dela, tipo, “faz matemática lá”. Eu desvalorizo um pouco as vezes “é licenciatura, eu não vejo tudo que eu queria ver, não vejo toda a matemática”, mas estou aprendendo que tem muita coisa, mesmo a licenciatura soma bem. Tem um tio da M. que é um cara bem inteligente na família, ele começou licenciatura e quando eu vou falar “licenciatura, não conta muito” e ele diz “eu comecei e não consegui, você tá conseguindo, dê valor”. No geral as pessoas valorizam, não sei se é impressão minha, mas porque é USP e depois porque é matemática e as pessoas não dominam. Não sei se porque desde que eu comecei a estudar eu já entendia, eu acabo desvalorizando talvez. Eu não sei.

R: Agora eu acredito que realmente é a última pergunta.

E: Fica a vontade.

R: Depois de recapitular tudo. Que é isso que você falou mesmo, muita coisa você organizou, não tenho dúvidas que você vai ficar pensando nisso por algum tempo ainda. Mas você já falou das contribuições que esse exercício trouxe pra você em termos de organização. Como o tema mesmo foi a escola, pra sua vida hoje e pensando no seu projeto pessoal, que você falou de passar num concurso, de se casar, talvez continuar estudando... Contribuições que a escola te trouxe. Você acredita que teve contribuições?

E: Teve né. Teve. Por mais que no fundo eu ache que poderia ter tido mais, eu consigo dizer que foi a base pra eu poder entender tudo isso que eu estudo hoje. Sem contar o fator social da escola, tipo, conhecer pessoas diferentes, pessoas de idades diferentes, tipo, entrar em escolas de contextos diferentes, foi difícil sabe. Eu estava na 4ª série e quando fui pra 5ª eu estava na classe mais velha, então de repente eu era, a turma toda 4ª série, os primeiros anos admiram o pessoal da 4ª série, vai pra 5ª série e tinha a galera da 8ª, “eu entrei e tô no começo agora”. Você aprende a lidar com situação e é meio como um microcosmo da vida mesmo. Tudo que você passou na escola, tudo que você passa na vida dá pra puxar alguma coisa da escola. Então acho que alguma base assim de conhecimento, fundamental nem tanto, médio sim. Mas eu acredito que em questão de conviver em sociedade a escola tem o seu papel.

R: Bom, legal. Acredito que é isso mesmo. Se tiver mais alguma coisa que você queira falar... Eu quero agradecer, eu gostei bastante, apareceram muitas coisas que ainda não tinha aparecido com os outros entrevistados. Porque cada história é única e não vou conseguir esgotar, porque cada pessoa que nasce é um potencial novo, mas foi muito bom pra mim, porque também me colocou pra pensar em muitas coisas, primeiro do que eu vivi, tanto coisas que estou vivendo. Não tenho dúvida que a sua fala vai trazer contribuições não só para minha pesquisa, mas para qualquer um que tenha contato com isso que você viveu. Eu não tenho dúvida. Obrigado mesmo. Se quiser falar qualquer coisa, fica a vontade. Mas podemos finalizar também.

E: Queria agradecer por ter chamado também, espero ter ajudado. Falo

muito enrolado, desvio muito meu raciocínio. Não sei se vai sofrer um pouco pra digitar, mas ter contribuído de alguma maneira para o seu trabalho e quero ver depois esse trabalho.

R: Outra coisa também que eu costumo fazer é depois de digitar mandar para a pessoa caso tenha alguma coisa que você queira excluir. Então eu te mando, você dá uma lida e você me devolve se quiser excluir qualquer coisa.

E: O trabalho não vai identificar a pessoa né?

R: Não, tem a garantia do sigilo.

E: Então de antemão eu te falo que fica tudo bem.

R: Os nomes eu vou alterar ou abreviar as iniciais apenas. Mas assim, garantia de total sigilo.

E: Não, tranquilo.

R: Se faltou... acredito que não, mas se faltar qualquer dado, precisar de um complemento, posso entrar em contato com você novamente?

E: Por favor, por favor. Pode entrar sim, já tem meus números já. Meu e-mail, espero sempre que puder ajudar.

R: Digo o mesmo. Então a gente vai finalizar. Obrigado.

Apêndice G – Transcrição da Entrevista narrativa autobiográfica realizada com Cristina

R: Renan Marcel Barros dos Santos

E: Entrevistado

R: Eu sou Renan Marcel Barros dos Santos e vou realizar uma entrevista pra minha pesquisa de Mestrado que estou fazendo na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. A minha pesquisa tem por objetivo ver, ao longo da trajetória de vida, alguns sentidos que a escola teve. Então assim, antes de você entrar na escola, se você tinha alguma vontade de ir pra escola, o que a família esperava da escola. Aí quando você entra na escola, em que considero a escola como Educação Básica. Então o Ensino Infantil, se você teve, Fundamental I, Fundamental II e Ensino Médio. E depois da escola a sua graduação, o Ensino Superior, e como você passa a encarar a escola. Só que pra isso eu vou pedir pra você contar muitas coisas da sua vida. Então vai ser uma conversa mesmo. Quando você nasceu... vai ter bastante coisa que você vai acabar me contando. Então não precisa se deter a essas perguntas que são as questões da minha pesquisa, porque elas vão aparecer naturalmente. A ideia é essa mesmo. Então assim, não precisa falar seu nome, mas se você puder contar um pouquinho pra mim quando você nasceu, onde você nasceu, se é daqui de São Paulo mesmo, falar um pouco da sua família também. Aí conforme for faltando ou aparecendo informações eu vou direcionando, tá bom?

E: Eu nasci em São Bernardo do Campo, São Paulo, só que eu fui morar em São Paulo. Eu vivi sempre aqui em São Paulo, na capital. Fui pra escola bem pequenininha, porque minha mãe trabalhava. Aí eu não lembro muito dessa fase, eu era bebezinha, tinha menos de um ano. Eu praticamente cresci na escola. Era uma escolinha perto da casa da minha avó, porque ficava mais próximo. Eu... é que eu não lembro muito. Quando eu estava com uns três aninhos eu não gostava da escola, era uma criança chata. A minha avó sempre desencorajou minha mãe de me levar pra escola. Como eu era muito pequena ela falava pra minha mãe “deixa a menina em casa, ela é muito pequena, não precisa ir agora” e minha mãe insistiu, maternal, jardim da infância, eu fiz tudo. Só que eu tenho seis meses adiantada, eu era seis meses adiantada na escola. Só que eu não acompanhava os pequenos, era mais os maiores. A escola fez um teste comigo e me passou, então fui cedo pro jardim, pro pré. Então com cinco anos eu já estava indo pra primeira série. Na primeira série como era escolinha de bairro, só tinha até o pré. Aí com cinco ou seis anos eu fui pra primeira série numa escola maior, eu fiquei até o Ensino Médio lá. Eu lembro que a escola lá era voltada muito para o trabalho cultural.

R: Antes de a gente entrar de fato na escola, vou tentar contextualizar um pouquinho melhor. Você é de São Bernardo, mas quando que você nasceu? Outra coisa também que é legal você falar é se tem irmãos, se era só você e sua mãe, se você sabe de quando seus pais são, a escolaridade deles, falar também profissão deles, pra contextualizar mesmo.

E: Eu nasci em 91, minha mãe e meu pai tem... Não lembro quando, eu preciso fazer conta. Acho que a minha mãe é de 63 e meu pai é de 62, eu acho, é alguma

coisa assim. Aí minha mãe só teve até o Ensino Médio, não chegou a fazer faculdade. Meu pai tem Ensino Superior completo, ele é formado em Marketing e ele tem uma empresa de... não sei direito o que é, mas é de produto alimentício. Minha mãe fica em casa. Eu não tenho irmãos, sou filha única, moro com meu avô também. Então lá em casa mora eu, meu pai, minha mãe, meu avô. Meu avô é imigrante, veio em 1950 pra cá, veio da Itália. Então é diferente a relação, a criação dele é diferente da que teve aqui. É isso.

R: Certo. Você falou que você foi cedo pra escolinha porque sua mãe ficava o dia inteiro fora. Nessa época ela trabalhava?

E: Nessa época ela trabalhava. Ela e minha vó tinham uma loja de roupas. Então desde cedo eu ficava na escola sim, porque ela precisava trabalhar, precisava ir pra lá. Mas quando eu tinha uns sete anos ela parou e só ficou em casa. Ficou cuidando de casa.

R: Assim, você sabe me dizer se além disso, dessa necessidade deles te colocarem na escola, se eles achavam importante, ou se acham importante, os estudos? Sempre investiram em educação ou não? Como era essa relação da sua família com a escola?

E: Meu pai sempre procurou investir na educação. Ele fala que a educação é a base, que o que eu quiser fazer, mesmo pra crescer profissionalmente, pra qualquer coisa, ele não nega, ele faz, ele corre atrás, ele me ajuda. Então ele nunca negou a parte de educação. Sempre fez, eu queria fazer curso de inglês, ele pagou... Ele nunca negou nada assim dessa parte, tudo pra eu crescer mesmo. Tanto que eu sempre estudei em escolas particulares, boas escolas. Quando eu fui fazer vestibular eu fiz cursinho, ele pagou, nunca negou. Ele gosta, quer investir mesmo no meu futuro. Ele falou que é um investimento pra sempre. Então é isso.

R: Bom, então você não teve muita escolha de ir pra escola. Como você entrou ainda muito pequena, você não tem quaisquer lembranças de antes de entrar na escola. Mas nesse período assim, ainda pequena, você tem lembranças da escola? Como que era? Como são suas primeiras lembranças da escolinha? Por mais que fosse maternal, você como era sua relação com as pessoas, com a escola. Porque num dado momento você disse que já não gostava de ir pra escola. Mas nesse primeiro momento, como que era isso?

E: Eu sempre fui de poucos amigos porque sou uma pessoa muito tímida, sempre fui muito tímida. Teve uma época que as crianças, sempre tem aquelas pentelhas... e elas ficavam falando “ah, a A., não sei o que lá”. Eu não gostava, queria ir embora. Tinha até que um grupinho que amolava as pessoas. Eu fazia parte do grupo com poucos amigos, quietinha, brincava lá de boa no cantinho. Foi isso. Depois fui crescendo, fui vendo, virei amiga até das meninas me zoavam porque era minha vizinha, então acabava brincando junto nas férias. Dessa fase eu lembro que eu tinha pouquíssimos amigos. Lembro que a escola era pequena, tinha poucos alunos, eu era bem difícil, era bem tímida. Não era com todo mundo que eu falava, não era com todos os professores que eu ia. Então eu era bem difícil. Eu era uma criança bem difícil.

R: Você falou da sua vizinha. Você morava em casa, não sei se é a mesma moradia que você tem. Morava em casa, apartamento? E fora da escola, como que era essa relação? Também tinha poucos amigos?

E: Eu morava em casa. Fora da escola não. Fora da escola tinha muitos amigos, sempre tive muitos primos, eles passavam férias em casa. As vezes juntava dez crianças, ficava o dia inteiro. Então eram os meus amiguinhos da escola, os amigos da rua, tinham os amigos da minha prima que vinham, todo mundo era criança. Em casa eu não era tão tímida. Como eu já conhecia, não tinha esse problema de amizades, só na escola mesmo. Como eu não conhecia ninguém, era mais na minha, eu era de poucos amigos. Em casa não, férias, aniversário vinha aquele monte de criança. Adorava brincar, mas em casa. Fora não. Fora era mais difícil.

R: Depois que você mudou de São Bernardo e veio pra São Paulo, onde você ficou?

E: Moro perto do Ipiranga, ali... eu não sei explicar direito.

R: Tudo bem, é mais pra saber a região. Outra coisa que eu não perguntei, em relação a condição financeira. Você nessa época, ainda pequena, tinha uma condição financeira estável, era favorável? Como você considera o status familiar?

E: Era estável. Nessa época não tinha muito... meu pai trabalhava, minha mãe trabalhava, mais ou menos, porque depois ela parou de trabalhar. Mas não tinha muitas dificuldades, sempre tudo numa boa. Tinha tudo certinho, contas pagas no dia. Pelo menos o que eu lembro. Tanto que eu nunca deixei de estudar em escola particular, meu pai sempre pagou tudo direitinho. Fazia curso, fazia teatro, fiz dança. Então não teve, acho que não tinha problemas financeiros nessa época.

R: Agora já na escola mesmo, depois do pré, que você muda de escola. Então fala um pouquinho dessa primeira transição, a entrada no Fundamental I.

E: É bem diferente do pré, da escolinha que eu tava. Era uma escolinha pequena, de bairro. Do pré pra primeira série tem aquele back porque era uma escola grande que ia da primeira série até o Ensino Médio. Tinham várias unidades, eu ficava perdida lá dentro, uma criança jogada na escola. A sala, antes eram dez, 15 alunos. Aí cheguei numa sala com 25 crianças, eu falei “gente, o que é isso?”. Eu lembro que foi bem difícil, porque eu entrei e tinha um monte de criança perdida comigo, saiu do pré e já foi pra lá. Foi estranho, mas eu não demorei pra me acostumar. Acho que o sistema do colégio era bem legal. Então não demorei pra me acostumar com isso. Foi só os primeiros meses pra pegar.

R: Nesse momento você já estava um pouco mais familiarizada com a escola ou ainda era resistente?

E: Não, já estava mais familiarizada. Fiz mais amigos. Era um pouco mais extrovertida, a professora também ajudava, as brincadeira, as lições. Tudo acho que ajudou bastante porque tinha muito trabalhinho em grupo, sentar em dupla, a professora que escolhia as duplas, então você conversava mais. Tinha um ciclo maior de amizades.

R: Como era o sistema da escola? Porque você acabou comentando pro cima.

E: Era muito voltada para a parte cultural. Acho que até hoje é. Eles valorizavam muito, eles faziam feiras culturais, de livros, passeios bem culturais. Levavam a gente pra biblioteca, não sei o que. Achava bem interessante, bem legal, porque eu sempre gostei disso. Gostava muito de olhar, sempre fui muito curiosa. Não era uma escola que pegava muito no pé, tinha uma certa liberdade. Então acho que foi por isso que me acostumei com o sistema.

R: Você estudava em qual período? Manhã, tarde, ficava o dia inteiro? Era integral?

E: Eu estudava a tarde. Acho que era da uma às cinco, era sim.

R: Você lembra como era sua rotina? Antes de ir pra escola, na escola mesmo e depois quando você voltava?

E: Eu acordava de manhã, porque nessa época que eu fui pra primeira série minha mãe já tinha parado de trabalhar. Eu acordava de manhã, tomava café, fazia lição, porque ela me colocava todo dia no mesmo horário pra fazer lição. Aí eu almoçava e ia pra escola. Chegava na escola eu tinha as aulas, o intervalo, tudo. Tinha um dia da semana que eu chegava mais cedo, mas eu não lembro qual que era. Porque acho que a carga horária deles era meio diferente, não sei. Aí eu chegava da escola, tomava banho, jantava, cama, pra no dia seguinte fazer a mesma coisa de novo.

R: E quando... você... sempre foi assim, como você falou, sempre teve um horário pra fazer lição? Sua mãe acompanhava, te ajudava ou você fazia as coisas sozinha?

E: Ela mandava eu fazer a lição, sempre no mesmo horário. Mas eu pegava, fazia sozinha e depois mostrava pra ela. Ela acompanhava. Ela lia minha agenda, mas ela esperava a minha vontade de fazer. Mas eu não tinha problema com isso, porque fazia a lição certinho. Pois quanto mais rápido eu fizesse, no horário, teria um tempo a mais pra brincar. Então nunca tive problema com isso de lição, minha mãe sempre ajudou e sempre acompanhou.

R: Você lembra quais brincadeiras você tinha?

E: Eu brincava muito de boneca, tinha meus brinquedinhos. Quando minha prima ia em casa, brincava bastante, a gente jogava bastante video game também. Tinha até um joguinho, não lembro o nome, que a gente passava horas jogando, esquecia da vida. Acho que só.

R: Você chegou a brincar de escolinha alguma vez? Gostava? Ou nunca teve isso?

E: Brinquei, mas não lembro muito. Brincava de tanta coisa, pegava a boneca, ou era casinha, ou era escolinha, alguma coisa do tipo. Mas sempre tinha as bonecas. Eu lembro bastante das bonecas, minhas cabaías. Tudo que eu ia fazer era com elas. Acho que eu cheguei a brincar, tanto que na porta do guarda roupa da minha mãe está tudo riscado, eu passava a caneta pra fingir que era a lousa. Então brinquei sim.

R: Você mora até hoje na mesma casa?

E: Moro. Moro lá desde... sei lá, acho que faz uns 14 ou 15 anos que eu moro lá.

R: Agora voltando pra escola. Você... como que era sua relação com professor? Porque disse que tinha bastante atividade. Mas essas atividades aconteciam durante o período da escola mesmo? Tinham atividades que eram extracurriculares que você ia, não sei, talvez no final de semana, ou alguma coisa que era antes ou durante na época que você estudava a tarde.

E: Os dois, tinha coisa que era no período, tanto como extracurriculares. As vezes tinha gincanas, matemática, português. Alguma outra coisa. Sempre era aos

sábados, no final de semana. Mas tipo, eu não lembro muito.

R: Não tem problema se não lembrar.

E: Eu sei que tinha uma professora na 1ª série, eu tinha uma professora que era pra tudo e tinha umas aulas como se fosse extra. Não era extra porque era dentro do período. Mas eram horários diferenciados. Que era um dia só pra professora, não lembro se era inglês, o que que era. Sei que a gente ia até pra uma sala diferente, pra fazer coisas diferentes. Então eu tinha aula no laboratório. Poucas crianças na 1ª série vão para o laboratório. É isso que eu lembro.

R: Nesse início você tinha alguma familiaridade com, porque nessa idade as séries idades são voltadas para alfabetização. Você tinha facilidade com leitura e escrita, chegou a ter dificuldades? Como que era?

E: Eu tinha facilidade, porque como eu entrei na escola muito cedo eu sempre acompanhei. Quando eu era no prézinho, acho que eu não falei, mas eu ficava o dia inteiro. Eu acompanhava tanto o pessoal da minha sala quanto os mais velhos. Como a escola era pequena eu não tinha onde ficar, então eu acompanhava. Eu não senti dificuldade quando eu entrei.

R: Em casa tinha incentivo para leitura? Tinha livros, revistinhas?

E: Tinha. Sempre ganhei. Minha avó me dava muita coisa, ela sempre gostou que os netos dela lessem. Ela sempre me dava livrinhos. Minha mãe fez coleção também que tinha no jornal, que comprava o jornal e ganhava revistinhas. Não lembro o que era, mas eu tenho até hoje guardados os livrinhos que eu tinha naquela época.

R: Na escola como que era a questão de intervalo, material, uniforme? Essas coisas mais da escola, mas que fogem um pouco da relação com o conhecimento.

E: Eu lembro que material a gente comprava, levava no primeiro dia e tinha um armário pra guardar com o nome de cada um. Na prateleira tinham as divisórias e guardava pra cada um. O uniforme era obrigatório. Lembro do tênis, que minha mãe vivia louca pra comprar porque era tênis preto ou branco, não podia usar diferente, igual toda criança tem, tênis de personagem não podia usar. Era só preto ou branco. Mas acho que é isso, não tinha muito.

R: Pra você isso tudo, tanto do material quanto do uniforme, essa obrigação de ir com tênis preto ou branco, isso representava alguma coisa pra você ou era normal?

E: Era normal. Não tinha muita... Era chato porque eu via os tênis na vitrine de personagem, minha mãe comprava, mas também tinha que comprar o tênis branco.

R: Certo. Questão de educação física também. Na escola, era uma coisa que você gostava?

E: Não gostava nem desgostava. Eu fazia. É que tinha um nome diferente, não era educação física, chamava acho que cinésiologia humana. Tinha prova e também tinha brincadeiras, jogar queimada, futebol, vôlei. Mas eu não gostava nem desgostava, pra mim era normal, uma aula como qualquer outra.

R: O que você mais gostava nessa época da escola? Inclusive da relação com o saber mesmo, alguma matéria específica? Já começou a aparecer algum destaque? Como você era? Você tinha um bom desempenho? Tinha dificuldade em alguma área? Ainda nesse Fundamental I, nessas séries iniciais.

E: Não, eu gostava bastante de aula de música. Tinha aula de música e de artes, eram as matérias que eu mais gostava. Lembro que eram minhas notas mais altas. Vinha no boletim dez. Mas não tinha muitas dificuldades com as outras matérias. Nessa época, porque não tinha muito o que complicar. Era tudo muito interdisciplinar, então tudo que você fazia envolvia tudo o que os outros professores estavam fazendo. Então, por exemplo, fazia uma coisa de português e juntava com história, porque era a mesma professora pra tudo, então ela juntava tudo. Então não tinha muita dificuldade.

R: Essas coisas que você falou de arte e música, que a escola te propiciou, você continuou depois com algum curso extra? Ou isso te acompanhou a escola inteira?

E: Música eu acompanhei só na escola, foi até 8ª série. Artes foi até o 1º ano do Ensino Médio. Mas depois eu não continuei. Só quando eu fui prestar vestibular que eu fiz só um curso de desenho rapidinho. Porque a primeira vez que eu prestei vestibular foi pra moda, precisava de um curso de desenho, saber desenhar. Então foi a única coisa que eu fiz de diferente.

R: Certo. Você já falou bastante dessas séries iniciais. Aí tem a primeira transição dentro da educação básica que é do Fundamental I para o Fundamental II, que são os ciclos. Quando você vai da 4ª série para a 5ª série, não sei se era organizado assim na sua escola, mas tem, você percebe alguma diferença? Grandes diferenças? Como é isso?

E: Foi... não sei se foi... foi meio esquisito porque eu saía de uma unidade para ir pra outra, que era pra ir pra unidade do pessoal mais velho. Então tinha Ensino Médio de manhã e Ensino Fundamental II de tarde. Então o horário que eu entrava era o horário que o Ensino Médio tava saindo. Uma criança de onze anos da 5ª série junto com o pessoal de 17 do 3º ano. Era meio estranho. Mas depois, quando passava esse horário da entrada ficava normal. Eram os mesmos alunos. A única coisa que mudou que era bem diferente foi a quantidade de matérias e professores. Porque era um professor pra matemática, um pra português, um pra história, um pra geografia, um pra ciências. Aí era complicado. Eu lembro que mudou o sistema. Antes era livro e aí entrou apostilado. Então entrou aquelas apostilas, eu ficava perdida. Só isso.

R: Isso de ter vários professores, tinham alguns que você gostava mais? Gostava menos? As próprias matérias mesmo. Com essa fragmentação disciplinas, se quiser se demorar um pouquinho mais nisso, falar mais a vontade...

E: Eu gostava bastante da professora de português. A professora de português me acompanhou até a 7ª série. A de português e a de história. A de história foi até o 3º ano do Ensino Médio. A de geografia eu já não gostava tanto, nem da de geografia nem da de ciências.

R: Você lembra porque gostava bastante da de português e dessas outras não?

E: A de português porque eu achava a aula dela legal. Não achava uma aula de português normal. Ela dava bastante, assim, não era material, me fugiu a palavra. Mas ela usava bastante coisas diferentes pra mostrar a matéria. Levava música pra ajudar, levava coisas de literatura diferente, fazia a gente fazer peça de teatro com os livros que a gente lia da escola. Eu gostava disso. Minha professora de história, não sei, foi simpatia com ela, não sei. Nem tanto pela matéria porque eu não sou muito assim de história.

R: E em relação com os números, a matemática, como que era? Você tinha facilidade? Era apenas as operações básicas mesmo? Você lembra de alguma coisa mais?

E: Eu tinha bastante facilidade. É que nessa época eu tive vários professores, teve um ano que trocou três vezes de professores de matemática. Então não tinha muito apego com os professores ou o jeito de dar aula, era por conta mesmo. Eu estudava por conta, o que eu sabia é porque tinha lido, tinha pesquisado, não por causa dos professores. Tinha um que falava de um jeito e no ano seguinte veio outro professor totalmente diferente, ficava pegando. Então eu usava aquilo que eu sabia. Mas eu tinha bastante facilidade com matemática, física. Eu comecei a ter física muito cedo. Aí já dava pra ver, minha mãe falava “A., porque de tanta matéria você vai fazer primeiro as coisas de Matemática?”. Tanto que eu participei de olimpíadas de matemática, participava, ajudava, dava plantão pras outras crianças de matemática. Era mais fácil pra mim.

R: Essas coisas de olimpíadas e plantão começou em que série.

E: Acho que comecei na 7ª série já a ajudar as crianças e entrei acho que na 8ª série nas olimpíadas de matemática.

R: Isso foi uma coisa que a escola te convidou ou você foi atrás?

E: É porque no material... pode falar o nome?

R: Fica a vontade.

E: Era do Anglo*(29:35). Eu tinha professores que eram do cursinho e eles davam cursinho preparatório para as olimpíadas. Entraram convidando e eu fui conhecer e aí eu fiz. Participava de simulados. Na 7ª série eu fiz simulado do ENEM, nada ver fazer, mas eu já fazia.

R: Isso acabava envolvendo todas as matérias mesmo. Era uma coisa que você gostava, gostava de estudar mesmo?

E: Gostava de estudar não. Como eu falei sempre fui muito curiosa. Eu queria fazer pra ver como que era. Se eu não gostasse eu largava mão. Acabei gostando. Estudar, estudar eu nunca fui muito de estudar. Prestava atenção na aula, acompanhava as coisas, ouvia o que o professor falava, então não tinha problema. Fazia tarefa, porque tinha na apostila a tarefa mínima e a complementar, eu fazia o mínimo que podia fazer e tava bom pra mim. Eu não era de ficar estudando, olhar nos livros para as provas. Não precisava disso.

R: Ainda mantinha aquele horário de estudos?

E: Deixei de ter. Eu mudei da tarde para a manhã. Aí eu deixei de ter. Eu chegava em casa e fazia lição quando dava vontade. Minha mãe não ficava tanto mais no meu pé. Ela pegava meu boletim e via “não está tão ruim, porque ela está estudando”. Então parei de estudar, minha mãe parou de pegar um pouco no pé. Lógico, se eu tinha uma nota baixa ela já ia me forçar a estudar.

R: Quando você teve, chegou a alguma vez a ficar de recuperação?

E: Eu comecei a ficar de recuperação no Ensino Médio, porque mudou totalmente as matérias, o jeito, os professores. Aí eu senti aquele back.

R: Ainda no Fundamental II, você... o que mais te chamava atenção na

escola? O que você mais gostava na escola e o que você mais desgostava?

E: Eu gostava bastante das aulas.

R: Pode ser qualquer coisa que não tenha relação com o conhecimento.

E: Não, eu gostava das aulas, de verdade. Eu tinha aula de teatro também e eu gostava bastante. Eu fiz peças de teatro, queria até ter continuado, não continuei porque o professor saiu. Aí eu não queria fazer com outro professor. Porque quando eu gosto de um professor quero fazer com ele e pronto. Acho que só isso, gostava também da escola, da estrutura. Porque como mudou de prédio, era um prédio diferente, então tinha elevador. A sala de estudos era diferente, tinha mesas pra você estudar em grupo.

R: E o que você não gostava? Tinha alguma coisa que não te agradava?

E: Não. Eu gostava bastante da escola, então não tinha problema.

R: A relação com as pessoas também. Você tinha muitos amigos na escola nesse momento? Como era fora da escola também? Tinham outros amigos? Você disse que tinha muitas amigas fora da escola porque morava em casa, tinha seus primos e tudo isso. Eles também iam pra escola? Como que era isso? Vocês conversavam sobre alguma coisa? Eles eram da mesma escola?

E: Duas primas minhas eram da mesma escola. Só que uma é bem mais velha do que eu, então a gente... Quando era pequena ainda dava pra andar juntas. Mas depois ela foi crescendo, como ela era quatro anos mais velha que eu já mudou. Mas tenho uma que é dez meses só mais nova do que eu. Então a gente tinha os mesmos amigos. Tinha além dos meus amigos da minha sala, tinha os amigos da sala dela. Então na escola, no Ensino Fundamental II, eu comecei a ter muitos amigos, colegas, ir pra casa deles. A gente fazia festas e uma ia pra casa da outra, dormia lá. Fora da escola também, a gente, além dos meus amigos da escola chamava os outros amigos que eu tinha de perto de casa, vizinhos, tudo. Já era bem melhor. Como eu falei, esse curso de teatro me ajudou bastante, questão de fazer amizade, de falar.

R: Do inglês que você comentou, que chegou a fazer curso de inglês. Foi... teve alguma relação com a escola esse curso de inglês? Ou você fez por interesse seu mesmo?

E: Não, teve a ver com a escola. Porque eu tinha muita dificuldade em inglês. Passava com aquela nota mínima, tinha que tirar seis pra passar com seis. Eu era uma negação no inglês. Falei pra minha mãe “quero fazer, quero treinar mais porque eu preciso também”. Daí o curso de inglês teve a ver com a escola por causa disso, pra aumentar minha nota, pra eu entender melhor o que a professora estava falando. Porque eu fazia as coisas sem saber, ia lá e chutava tudo, pronto, acabou. Eu comecei a fazer pra ajudar a escola e também porque eu queria fazer, por interesse também. Foi por isso.

R: Aí você percebeu diferença de como era o inglês numa escola de inglês e o inglês da escola?

E: Ah, muita. O inglês da escola eu fiquei três anos vendo quase a mesma coisa. O inglês de onde eu fazia já foi totalmente diferente. Eu vi um mês tudo o que eu via na escola, depois comecei a aprender outros verbos, outros tempos e outras palavras. Falei “gente, o que que é isso?”. Aí comecei a estudar mais, comecei a entender melhor o que a professora queria. Porque ela falava em inglês com a gente na escola sem a gente saber inglês. Era uma coisa meio... sei lá.

R: Por ser uma escola de inglês, outras coisas que aconteciam no inglês. Não só a relação do conhecimento de inglês, os conteúdos específicos de inglês. Semelhanças e diferenças, se você percebia alguma entre a escola de inglês e a escola que você frequentava mesmo.

E: Assim, as professoras falavam quase a mesma coisa, dependendo do conteúdo que era. A única coisa é que eu entendia melhor com a professora do inglês, porque era mais voltado pra aquilo. Porque na escola tinha muitos textos pra ler e a professora passava, sei lá, verb to be e dava um texto de duas páginas pra gente ler. Por que com o verb to be você vai ler um texto de duas páginas? Aí eu comecei a ver que o inglês era mais técnico e com a conversação eu conseguia entender melhor e acompanhar mais na escola.

R: Certo. Você preferia estudar de manhã ou de tarde? Porque você teve esses dois períodos.

E: De manhã. De manhã assim, eu conseguia acompanhar melhor. Meus amigos eram mais de manhã. O pessoal da manhã era mais legal eu achava. De tarde a única diferença é que eu era mais disposta e de manhã eu ficava com mais sono. Mas eu preferia de manhã por causa das pessoas. Não por causa de estudar. Mas se fosse pra eu escolher, por exemplo, quando eu fiz cursinho eu fiz cursinho a tarde, eu preferi fazer a tarde porque eu funcionava melhor.

R: Você falou isso dos amigos que eles eram mais legais. Você era uma aluna que conversava bastante? Chegou alguma vez a ser retirada da sala? Foi pra coordenação, diretoria, alguma coisa assim? Ou não dava trabalho?

E: Mais ou menos. Uma vez só eu fui mandada pra coordenação porque eu briguei com o professor. Eu não concordei com o que ele falou, foi o professor de matemática. Eu não concordei com o que ele falou, eu fui comentar com minha amiga do lado e ele se enfezou e mandou eu pra fora. Eu não estava acreditando naquilo que ele estava falando, ele estava errado.

R: Em relação a conteúdo?

E: É. Eu não concordava com aquilo que ele tava falando, o que ele tava passando um monte de gente não estava entendendo, eu fiquei revoltada, comentei com ele, comentei com minha amiga do lado, ele pediu pra eu ficar quieta, eu continuei falando e ele pediu pra eu sair. Foi a única vez.

R: Por ser a única vez foi um problema isso? Teve alguma reação adversa? Você levou bronca dos seus pais? Alguma coisa ou foi normal?

E: Não, foi normal. Tanto que quando eu cheguei na sala da coordenadora, já era última aula, quase no fim da aula e eu falei “o professor me pôs pra fora por isso isso e isso”. Aí a coordenadora olhou minha ficha e falou “mas é a primeira vez que acontece, então não vou advertir nem nada”. Eu fui embora e normal. Falei para minha mãe e ela “mas você estava certa?” e eu “acho que estava” e ela “então tá bom”.

R: Você teve apoio da sua mãe mesmo. Outras atividades. Você falou que teve bastante coisa na escola: teatro, música, olimpíadas, ajudar os outros alunos. Mas coisas para além da escola. Tinha passeios também? Festas? Como eram as festas da escola?

E: Tinha. Passeios. Eu lembro que tinha bastante passeio cultural. A gente

chegou a ir em museu, agora não lembro o nome do museu. Lembro que tinha várias coisas lá, mas não era... não lembro o que que era. A gente foi também no negócio de meteorologia. Uma vez por ano a gente ia pro Hopi Hari, um passeio legal. Festas na escola, como era muito voltada pra cultura, então sempre tinha. Festa junina eram três dias. Tinha semana cultural. Então tinha um dia que era só voltado... a escola abria, os alunos faziam projetos pra visitação. Então a escola ficava aberta pro pessoal de fora ver os projetos. Eu cheguei a fazer uns três ou quatro projetos grandes. Era um grupo bem grande, chegou a tomar um andar inteiro da escola o nosso projeto.

R: Você pode falar um pouco mais desses projetos?

E: Eu fiz... um foi de energia renovável, não. Biocombustível, alguma coisa do tipo. A gente fez as coisas movidas a hidrogênio. A gente também fez um projeto sobre combustão. O que está acontecendo, o efeito estufa. A gente fez um túnel pra passar e “aqui a gente começou assim: tudo limpo”. Ia passando no túnel e “o mundo começou a ficar assim”, até chegar no final que era o mundo de hoje “quente, está abafado, o lixo”. Então a gente pegou enxofre pra falar do cheiro e dizer “isso aqui precisa mudar”. Fiz várias coisas assim.

R: Você gostava dessas outras atividades que tinha? Você se envolvia?

E: Sim, eu participei de tudo. Todas as atividades eu fazia. Tinha também o 7 de Setembro, Independência, a escola juntava todos os alunos e fazia uma caminhada até, tinha uma praça perto. A gente andava um pouquinho, dava uma volta até chegar na praça, que era pra... a gente ia passando de casa em casa, entregando folhetos, cantando o hino por causa da independência. Eu sempre participei de tudo, eu gostava de verdade.

R: Então você se envolveu muito com a escola. Você falou também em melhorar, tinha muitos amigos. Em relação aos relacionamentos tinha esses relacionamentos de amizade. Aparece algum relacionamento amoroso? Não sei se você chegou a estabelecer alguma relação, mas você gostou muito de alguém? Porque nessa idade da adolescência começa a aparecer as festas de 15 anos, começa a sair. Teve alguma coisa assim que a escola te propiciou?

E: Não. Não aconteceu nada assim. Eu era totalmente “na escola é coisa de escola, o resto é de fora”. Na escola não teve nada não.

R: Nunca teve nenhuma paixãozinha?

E: Dentro da escola não. Como eu tinha amigos na escola e fora da escola, isso era mais com o pessoal de fora da escola. Então era... se eu tive alguma paixãozinha assim foi alguma pessoa fora da escola.

R: Certo. Bom, então depois da 8ª série a gente tem outra transição que você já falou brevemente. Tem novas disciplinas, não sei o material, se por ser apostilado se ele muda. Se você puder falar um pouquinho da diferença de trabalhar com livros e apostilas... porque você falou que no início foi um pouco difícil. Mas depois você se acostumou? Entrou no ritmo? Preferia livros? Preferia apostilas?

E: Depois que eu me acostumei eu passei a gostar bastante da apostila. Porque ela tinha tudo que eu precisava ali. Mesmo que fosse um pouco mais mastigado os professores ajudavam mais. Porque no livro você tinha coisas do livro, você lia o livro e tinha a matéria ali. Apostila não, tinha o resumo e o professor era obrigado a explicar a matéria. Acho que até hoje eu prefiro apostila. Eu gosto, eu gostei do sistema.

R: Fala um pouquinho do Ensino Médio.

E: O Ensino Médio foi bem diferente do Fundamental. O Fundamental pelas minhas notas eu era uma boa aluna. Chegou no Ensino Médio e aquele monte de matéria. Tinha três professores de física, dois de química. Eu olhei e falei “o que é isso? Vários professores de várias coisas”. Foi muito diferente, tanto que eu fiquei de recuperação de matemática. Tinham dois professores de matemática e três de física. Física eu fiquei de recuperação, todas as matérias que eu tinha mais facilidade. Eu falei “não, agora calma aí, tenho que estudar mais isso daqui”. Foi isso. No 3º ano que eu fui me acostumar com o Ensino Médio que aí eu falei “tá, já estou acostumada, são os mesmos professores”. Já sabia que teria 500 professores de uma coisa, 500 de outra, comecei a me acostumar e falei “agora vai”. Mas só no 3º mesmo que eu fui me acostumar. 1º ano foi difícil, acho que o mais difícil deles.

R: E como você sanava essas dificuldades? Além de estudar, você tinha algum horário? Plantão de dúvidas na escola? Precisou ter professor particular?

E: Precisei. Eu fiz aula particular de matemática porque como eram vários professores, as matérias eram totalmente diferentes uma da outra. Eu tinha um professor que era muito bom, o outro professor era muito ruim. Então eu não conseguia olhar para aquilo e não entendia, porque o professor era muito ruim, ele não explicava, ele dormia, ele tinha problema. Teve um dia que ele sentou na aula e falou “gente vou fazer aqui a chamada” e dormiu. Ele era muito ruim. Eu tive muita dificuldade na matéria dele, na parte que ele tratava. Tanto que eu tive que fazer aula particular sobre esse assunto, acho que era Log, alguma coisa do tipo. De física também, Física eu não fiz aula particular, mas eu penei. Eu estudava bastante. A única matéria assim que eu fui levando, não precisava, mas é porque eu não estudava porque eu não gostava era geografia. Geografia eu nunca gostei e aí eu cheguei no Ensino Médio e o professor era ruim, mandava a gente grifar a apostila inteira, “pra que isso? Eu não entendo nada”. Eu ficava de recuperação, não estudava, tirava seis pra poder passar e só.

R: Outras coisas. Você agora tem uma gama de professores. Professores que explicavam bem, professores que explicavam mal. Professores bons, professores ruins. Mas esses professores, você via alguma coisa além do conhecimento? Além das disciplinas que eles lecionavam? Então, por exemplo, o professor de matemática tinha alguma aproximação? O professor que era bom era só porque ele explicava bem ou talvez ele tinha algum valor, alguma característica que você se identificava? Teve alguma coisa que você aprendeu na escola com esses professores além das matérias mesmo?

E: Teve. Teve professor que ele incentivava muito pro vestibular. Então como ele era professor de cursinho ele ajudava a gente bastante “Eu sei que vocês precisam aprender assim, mas faz isso”. Ele era professor de Física, ele mostrava as coisas pra gente. Levava as coisas pra mostrar. Não lembro o que era, eu fiz uma experiência com bexiga e achei o máximo aquilo. Eu gostava bastante, ele era ótimo, eu considerava ele muito bom professor. Professores que eu achava muito bons eram todos do cursinho. Então eu não sei se é porque eles eram do cursinho eu achava que eles eram bons ou se porque realmente a aula deles realmente eram boas, de trazer coisas diferente, coisas do nosso dia dia pra mostrar matéria que a gente tava tendo.

R: Teve alguma coisa que não tinha relação com as matérias? Não sei, talvez alguma coisa que envolvesse questão de respeito, algum professor que era mais

família. Alguma coisa que não tivesse relação com os conhecimentos mesmo, pela pessoa mesmo. Ou viver em sociedade. Não sei, qualquer coisa.

E: Eu tive. Eu não tive, eu... o problema não foi comigo. Mas eu vivenciei porque foi na minha sala. Tiveram duas vezes. Uma que teve dois meninos que começaram a brigar, sair no tapa, no soco no meio da sala de aula, parou a aula. O professor foi tentar separar e acabou levando e eu achei isso chato, o professor também acabou sendo despedido porque ele não conseguiu, ele entrou na briga. Teve outro professor que faltou com respeito com uma menina da sala, achei que o que ele falou foi demais. Ele falou pra ela, ela tava conversando e ele pediu pra ela parar, ela parou, mas não sei o que aconteceu, o estorjo dela caiu. Eu estava na frente e ela era atrás de mim, alguma coisa aconteceu e ele virou e falou “eu já mandei você parar. Por isso que você é uma menina gorda, feia e não arranja um namorado”. Eu fiquei em choque, falei “nunca mais falo nada na aula dele, fico quieta”. Achei falta de respeito do professor, ele não considerou ela como uma aula dele. Sei lá o que ele pensou.

R: Teve alguma coisa positiva que você viu nos professores?

E: Eu aprendi bastante também. Teve professores que mostravam muito, eles valorizavam bastante essa parte do respeito ao próximo. Tinha um professor meu que era muito engraçado. Ele passava isso e a gente aprendia muito com ele. Eu não lembro direito o que ele fez, mas teve uma vez que ele emocionou bastante a gente na aula. Acho que ele era professor de Gramática. Ele ajudava bastante. Ele olhava a gente e falava “não”, quando a gente estava meio triste “não sei o que” e tentava confortar a gente.

R: Você tem bastante lembranças da escola? Quando você fala dos professores, pensa nas diferentes disciplinas, você lembra dos conteúdos mesmo, dos professores? Assim, rosto mesmo, voz. Você lembra de bastante coisa da escola? Não que você precise descrever, se quiser. Mas é uma coisa obscura ou não? Está bastante vivo?

E: Lembro bastante. Tanto que teve professores que como acompanhou eu, tipo a professora de História, desde a 5ª série eu tive um carinho muito grande quando eu terminei o 3º. Eu chorei, abracei ela. Foi uma das professoras mais legais que eu tive, tanto que quando fiz 15 anos eu até convidei pro meu aniversário, fiz festa, quis convidar alguns professores que eu achava importante pra mim e ela foi uma delas. Tive um carinho muito grande por eles. Acho que como eu conheci desde pequeno, mesmo que eu não era aluno deles, como eu estudei no mesmo colégio desde a 1ª série eu conhecia os professores, eles já me viam andando pelo colégio. Então é um carinho que eu tenho. Mesmo com a diretora. A diretora do colégio sempre ajudou, é como se fosse uma mãe. Então tudo que a gente precisava ela estava lá do lado. Precisava “tá com dificuldade nisso, nisso e nisso”. Você marcava horário com ela, ela te atendia e te ajudava e tentava, fazia até acontecer aquilo. Tenho bastante carinho pela escola que eu estudei.

R: Certo. Você falou que prestou vestibular de moda e, não sei, por ser um colégio, esse colégio que você estudou. Ele era muito cultural e depois do Ensino Médio era muito voltado para o vestibular?

E: Era. Porque aí começou, começou até com professores do cursinho. Do cursinho Anglo*. Material também, se eu pego meu material, principalmente do 3º ano, não tinha mais apostila, era apostila do cursinho. Você pode ver que está escrito “Anglo

Vestibular”. Então era bem voltado para o vestibular. Tinha simulado toda semana. Eu achava chato as vezes, porque era uma coisa, você estava no 3º, não estava no cursinho, não sabia nem o que eu queria direto e uma coisa totalmente voltada pro vestibular “não sei nem o que quero da minha vida e vou ter que fazer essa prova”. Professores eram de cursinho então voltava matéria pro vestibular. De redação dava redação pro ENEM, redação pra não sei o quê. Fazia um monte de redação e não sabia nem porque.

R: Essa pressão do vestibular em casa você também teve?

E: Tive. Quando eu decidi o que eu ia fazer. Porque assim, no 3º ano eu decidi que ia fazer Engenharia. Eu fiquei com aquilo na cabeça, não ia prestar USP de jeito nenhum, não queria fazer FUVEST porque era muito difícil. Aí eu já tinha até escolhido as faculdades que eu queria prestar e meu pai falou “Eu não vou pagar faculdade particular. Eu invisto na sua Educação, tudo. Você vai entrar quando entrar nas melhores”. Aí eu decidi fazer matemática, mudei.

R: Mas assim, por que você tinha escolhi do Engenharia?

E: Porque eu gostava. Sei lá, tinha pesquisado e aí eu falei “gostei disso, gostei daquilo”. Eu queria Engenharia Mecânica. Eu conversava com meus professores que eu tinha uns dois professores formados em Engenharia e eu falei “então vou fazer”. Depois comecei a falar com meu professor que fez Matemática e eu falei “vou mudar, vou prestar matemática”. Prestei matemática, mas só fiz Fuvest, mas eu não sabia direito. Porque mudei de Engenharia pra Matemática de uma hora pra outra e falei “não sei o que eu quero, vou fazer isso”.

R: Licenciatura mesmo? Bacharelado? Você sabia a diferença? Como que foi?

E: Prestei Bacharelado. Mas eu fiz por fazer. Eu coloquei Matemática, mas eu não sabia direito se era isso que queria. Não entrei. Como eu não sabia o que eu queria eu fiz a prova de qualquer jeito, não sabia se era isso, se era aquilo e eu falei “Vou fazer a prova de qualquer jeito pra não falar que eu não fiz e depois eu faço o cursinho, porque acho que vou bem melhor com mais um ano pra pensar no que eu quero direito”. Tanto é que eu fiz. Terminando o vestibular já fui atrás de cursinho, fiz prova de bolsas e fui fazer. Eu fiz um ano de cursinho, certa que eu ia fazer Matemática. No meio do ano eu mudei pra Moda. Fui procurar curso, eu fiz coisa de desenho. Aí a faculdade que eu prestei tinha prova específica. Eu prestei USP também, Fuvest, mas era diferente o curso de Moda daqui com o que eu queria. Aí eu entrei, fiz um mês de moda e desisti.

R: Era uma universidade privada ou era pública também?

E: Particular. Uma das melhores, que é referência. Aí meu pai falou “entrou em moda, era o que você queria. Essa eu pago” e eu falei “Tá bom”. Fiz um mês e desisti. Meu pai ficou bravo comigo, ficou um mês sem olhar na minha cara. Ele falou que gastou demais porque a faculdade era cara, material cara. Porque como é Moda, lápis importado, eles querem um lápis, sei lá, número dois, sei lá das quantas. Eu tive que ir atrás do material. Ele ficou bravo porque comprou tudo e eu não usei nada. Aí fui fazer cursinho de novo. Fiz mais um ano de cursinho.

R: Mais pra gente tentar se situar no tempo. Você concluiu a escola em que ano? Você sabe?

E: Em 2008.

R: Você nunca repetiu de ano?

E: Não.

R: Então em 2008 você concluiu a escola e foi fazer cursinho. O primeiro ano você fez cursinho e no final você prestou a Moda e esse ano de cursinho foi em 2009?

E: Foi. Em 2009 eu fiz tudo voltado para exatas e no final acabei fazendo curso de desenho e acabei prestando Moda. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Como eu fiz e não gostei eu vi que “não, não é isso”. Fiz de besta. Também não sabia o que queria, então um ano é pouco. Aí mais um ano e decidi prestar Matemática Licenciatura. Comecei a conversar mais, conhecer alguns professores e aí decidi “não, no segundo ano certeza, vou prestar Licenciatura em Matemática” e foi.

R: Prestou Licenciatura porque queria ser professora mesmo?

E: Foi. Eu gostei “acho que vou me dar bem com isso”, porque sempre tive muita paciência e sempre gostei muito de ajudar os outros, então, sabe “vou tentar, se não for isso que é pra mim eu mudo e vejo o que vou fazer”. Aí prestei vestibular de novo e entrei aqui.

R: Certo. Em relação ainda ao cursinho, você consegue perceber alguma semelhança ou diferença com a escola?

E: Totalmente diferente. As mesmas matérias só que o modo que os professores do cursinho passam é diferente. Não tem aquela cobrança de prova. A única prova que você vai ter é o vestibular no final do ano. Então não tinha aquela cobrança. Você tinha que estudar porque tinha que ter vontade de estudar, não porque teria prova na semana que vem. Acho que era a diferença. O jeito também dos professores transmitir. Teve coisa que eu vi no cursinho que eu não vi no colégio. Por mais que os professores eram de cursinho, o material também. Usava o material Anglo* no colégio só que eu fiz Etapa*. Era diferente o material, as coisas, o modo que os professores passavam as matérias. Tanto que tinha aula no sábado que era reforço. Então tinha coisa que era muito específica. Tinha coisa que eu via e falava “gente, eu vi limite no cursinho. Eu vi derivada”. Era bem diferente. Coisas que eu não vi no colégio.

R: Nesses dois anos que você fez cursinho, você precisou trabalhar também? Você sempre só estudou? Você disse também que escolheu Licenciatura e teve aquela experiência na escola que ajudava os outros alunos mesmo. Alguma vez, na escola mesmo, no Ensino Fundamental ou no Médio, você já tinha pensado em ser professora?

E: Não. Nunca tinha pensado. Fui decidir mesmo no cursinho. Eu gostava de ajudar, mas decidi ser professor mesmo foi no cursinho. Que aí eu falei “acho que é isso que eu quero, eu tenho quase certeza agora”.

R: Precizou trabalhar em algum momento?

E: Não, eu nunca trabalhei. Meu pai sempre se preocupou com os estudos e falou “enquanto não precisar trabalhar, enquanto eu puder te ajudar, enquanto eu puder bancar você não precisa trabalhar. Foca nos seus estudos pra você se formar e ter sua profissão. Se for pra trabalhar, quando for na faculdade, procurar estágio, alguma coisa do tipo”. Mas quando eu tava no cursinho, na escola ele não deixava eu trabalhar, pra focar mesmo nos estudos.

R: Em algum momento, até entrar na faculdade, você teve vontade de trabalhar? Você pensou “não quero estudar, quero trabalhar”.

E: Não, eu sempre falei “quando eu for trabalhar, é pra eu trabalhar com alguma coisa que eu queira, alguma coisa que eu saiba”. Sei lá, quando eu saí do colégio eu ia trabalhar com o que? Eu não sabia nada. No cursinho muito menos, eu ficava o dia inteiro lá. Só agora que eu penso em procurar estágio, alguma coisa assim. Antes não.

R: Fez muitos amigos no cursinho?

E: Bastante. Acho que foram os que mais ficaram. Amigos da escola ficaram na escola. Terminou ali. Acabou o colégio, parece que, não que acabou a amizade ali, mas cada um foi pra um canto. Mudou totalmente. Eu, meus amigos mesmo que são até hoje, foram do cursinho. Amigos mesmo.

R: Aí você entra na USP em 2011?

E: Isso. Entrei em 2011.

R: Conta então um pouco como que é essa nova transição. Agora você está no Ensino Superior. Com quantos anos você entrou? Assim, semelhanças e diferenças da escola? Agora acredito que você possa se demorar mais nisso.

E: Entrei com 19 anos e não teve semelhança nenhuma. Só coisas diferentes. Pra falar que não teve semelhança nenhuma a única coisa que eu achei “isso é parecido” foi Ótica quando tive no 1º semestre do 1º ano eu pensei “se for assim tá fácil”. Ilusão a minha, porque o primeiro semestre eu levei super de boa. Nossa, eu estudava, tinha vontade de estudar “Entre aqui, agora vou fazer acontecer!”, mas não. Não foi bem assim.

R: Como que foi? Pode contar.

E: O 1º semestre eu passei em tudo, achei tudo lindo e maravilhoso. No 2º semestre já bateu aquele desânimo e pensei “será que só eu?”. Comecei a tirar notas baixas, eu olhava para os meus amigos, o pessoal, todo mundo indo bem e só eu tirava dois. Pensava “será que o problema sou eu?”. Em casa eu estudava e não conseguia e pensava “será que eu entrei no curso errado de novo?”. Eu continuei, comecei a fazer outros amigos, conhecer o pessoal de outros institutos, dei uma largada e pensei “vou começar a sair, sei lá, fazer outras coisas”. Comecei a sair com o pessoal que me levou para o “mal caminho”. Comecei a ir pra festas, acabei indo mal, acabei reprovando algumas matérias. Eu tive bastante facilidade com Cálculo, pelo menos os primeiros Cálculos, porque alguma coisa que a gente via de função, esses negócios, acaba relembrando no colégio. Mas foi isso. Eu tenho várias reprovações. Eu não sei se o problema sou eu, se eu estudo pouco. Acredito que não seja esse o problema. O problema deve ser eu não entender o que o pessoal fala.

R: Agora, nesse momento que você está, está em qual ano? Qual semestre da faculdade?

E: Estou no 5º semestre, 3º ano, indo para o 6º. Mas estou fazendo matérias ainda do 4º, do 3º e 4º semestres. Terminei agora e vou começar matérias do 4º semestre, que eu reprovei Cálculo IV e reprovei Desenho Geométrico I. Aí eu não fiz Análise porque quando eu estava fazendo, no ano passado quando teve Análise para o meu período ideal, eu não fui fazer porque fui cumprir DP de Álgebra Linear. Então

acabei atrasando tudo. Virou uma bagunça. Agora pra eu por em ordem vai demorar um pouquinho.

R: Qual é o sentimento que você tem agora? Assim, você falou que pensou em desistir, você ainda pensa nisso? Você tá encarando como o Ensino Superior? Essa graduação que está vivendo.

E: Pensei em desistir sério, fiz até prova de transferência. Mas acabei não pegando porque não consegui, eu fiz o processo de transferência para Engenharia, eram três vagas, e 100 inscritos. Não tinha como eu ir. Tinha gente que ia fazer transferência de Engenharia para Engenharia, então é mais difícil. Eles já estão acostumados. Agora, as vezes bate aquele desânimo, eu falo “vou largar mão, fazer o vestibular de novo”, mas depois eu penso “já estou no 3º ano, estou fazendo as coisas, quase metade do curso, não vou desistir agora. Já estou aqui fazendo projeto e tudo. Eu não vou desistir, não vou largar”.

R: Que projeto é esse que está fazendo?

E: Estou no PIBID. Estou até gostando, achando legal. Já tá bom. Já estou, sei lá, vendo se é isso mesmo que eu quero. O projeto que a gente faz a gente dá aula pras criancinhas lá. Elas tem problemas familiares, algumas que são disléxicas. Então você acaba vendo o que você vai pegar mesmo se for dar aula. Então estou começando a me acostumar ou pouco mais com isso tudo.

R: Teve alguma coisa que a faculdade te propiciou? Não sei, amigos... Você disse que começou a sair mais também. Porque tem bastante coisa aqui também, você disse que conheceu pessoas de outros institutos também. Então coisas que o Ensino Superior te agregou, não com relação a matemática? Coisas que o Ensino Superior tem te agregado.

E: Como eu falei, pessoas de outros institutos, dá pra falar “o meu curso tem isso, isso e isso, e o seu?”. Então trocar ideia “faz assim, faz não sei o que”. Conhecer mesmo as pessoas. Sei lá. Não sei o que dizer. Aqui no IME eu fiz bastantes amigos. Sei lá, é diferente. Meus amigos que eu fiz no cursinho realmente são diferente do pessoal aqui do IME, mas também são muito meus amigos o pessoal do IME. Eu gosto bastante, eles são bem carinhosos. Eu gosto disso.

R: Bom, por você estar fazendo Licenciatura, você tem disciplinas do IME, da Matemática e tem disciplinas da Educação. Você já começou as disciplinas lá?

E: Sim. Já fiz Didática. Eu comecei tarde. Eu queria ter pego antes, mas como eu estava cumprindo DP, aí ficava ruim de eu pegar várias matérias porque eu precisava estudar bastante. Esse semestre eu comecei a pegar, peguei Didática, fiz Psicanálise. É matéria de Psicologia, mas eu tive na Educação. Achei bem legal.

R: Por mais que você tenha dificuldades aqui na Matemática, você... O que você achou da Educação?

E: As minhas dificuldades foram diferentes das dificuldades que eu tive lá. Assim, as minhas dificuldades aqui eu entendo um pouco da matéria, mas eu estudo pouco, aqui é muito exato. Você vê, tem que demonstrar teorema. Lá tem que ler muito texto, tem que fazer muito texto e eu sou péssima pra escrever. Eu demorava três horas pra escrever duas linhas, então foi essa a minha dificuldade. Então eu consegui levar de boa.

R: Você, alguma vez depois que saiu da escola, talvez na época do cursinho ou agora no Ensino Superior, você já voltou alguma vez na escola que estudou? Em alguma festa, voltou pra visitar alguém?

E: Já. Voltei porque eu tenho um priminho, ele tem nove anos. Ele começou a estudar, entrou no mesmo colégio. Minha tia colocou lá “a A. Estudou lá, a G. Estudou lá” que é minha prima, colocou ele lá também desde pequenininho. Então festinha, quando tem esses negócios cultural, festa junina, eu sempre vou assistir ele, vou ver o que ele está fazendo. Aí os professores “oi A. tudo bom?”. Eu volto lá sempre por causa dele.

R: Como é essa sensação? O que essa escola representa pra você?

E: Representa uma época boa. Não sei, me dá boas lembranças. Tem algumas lembranças ruins, mas bem poucas perto das boas lembranças que tenho. Então eu gosto de voltar lá. “Eu fazia isso aqui”, lembro, como são várias unidades, tinha uma que era só pra Educação Física. Então tudo que tem lá, festa junina, campeonato de futebol que meu primo joga, aí eu vou pra lá. Aí “nossa, eu lembro disso aqui, eu me escondia ali, fazia não sei o quê”, fico relembrando coisas.

R: Você já se imaginou como professora? Porque você viveu como aluna, voltou como uma pessoa de fora. Mas ainda não teve experiência de professora né? Mas você se imagina, com esse olhar de aluna que teve, consegue se imaginar como professora?

E: Não. Nunca parei pra pensar eu professora. Não sei. Acho que ainda não me vi ainda.

R: Você já fez algum estágio? Nem que seja estágio obrigatório de disciplina?

E: Não. Não porque na matéria de educação que eu tive era pra fazer estágio só que a professora pediu pra gente fazer outra coisa no lugar. Então não cheguei a fazer, nem aqui na Matemática. Ainda não fiz. A única coisa que eu fiz foi o projeto. O que eu tenho no projeto é como se fosse um estágio. Você vai lá, assiste a aula do professor, prepara material, tudo. Mas só isso.

R: Como que é essa experiência que você está tendo no PIBID? Está sendo algo positivo? De certa forma, começa a ter uma experiência.

E: Eu estou gostando. Acho que vai ser muito bom pra mim. Porque é uma coisa que eu estou valorizando mais o trabalho dos professores. Porque antes eu falava “quero ser professora”, mas eu não sabia o que era. Não sabia as dificuldades. O quanto é difícil controlar a sala, os alunos não entendem, você tem que explicar, você volta. Acho que é bom, porque teve coisas que eu falei “quando eu for dar aula vou saber fazer isso, isso e isso”. Eu tive dificuldades com coisas básicas também, vi que é difícil. Tem que estudar muito pra isso. Está sendo muito bom. Estou aprendendo muito mais com isso,

R: Como você chegou até o projeto?

E: Eu no primeiro ano, mandaram no e-mail falando que precisava. Aí eu fui, fiz minha inscrição, mas não cheguei a fazer. Desisti antes. Aí meus amigos começaram a fazer e “é legal, tenta”. Só que aí acabaram as vagas, larguei mão e desisti “porque acabou as vagas nem vou tentar mais”. Aí no começo desse ano comecei a

pesquisar e queria fazer o Ciências sem fronteiras. Queria fazer a prova do TOFL e eu estava lendo que pra licenciatura precisava do PIBID e pensei “e agora? Preciso ir pro PIBID”. Comecei a procurar, tenho alguns amigos aqui do IME que estão fazendo esse projeto, procurei se tinha vaga, mas não tinha. Aí uma menina conversando comigo um dia disse “abriu vaga no meu grupo” e eu falei “me encaixa aí” e eu fui. Fui interessada no Ciências sem fronteiras, mas gostei realmente do projeto e vou continuar. Já estou no 2º ano do projeto.

R: Talvez agora comece a definir um pouco mais. Você ainda pensa em desistir do curso ou não? Está de certa forma definida. Nesse momento agora que está vivendo, qual é o seu projeto pessoal? Não só a curto prazo. Então assim, depois que você acabar também a faculdade, se você acabar mesmo, você pensa em fazer uma pós graduação? Consegue ver possibilidades de trabalho? Pensa em constituir família? Fala um pouco daqui pra frente como que vai ser.

E: Agora não penso mais em desistir. Mais de meio caminho andado, porque como estou fazendo as DP's das matérias eu já cheguei até aqui. Agora que eu comecei a ver licenciatura mesmo, estou gostando, não vou desistir. Eu penso em continuar. Não sei se vou fazer outra faculdade, uma pós, outra coisa. Ainda não desisti. Mas penso que pra eu ter família, esses negócios, primeiro me estabilizar, vou ficar certinha, começar a trabalhar e depois eu penso em família. Daqui em diante eu penso em terminar aqui, só que eu ainda não decidi o que quero fazer depois. Não decidi se eu termino e começo dar aula, se eu faço faculdade qualquer outra coisa.

R: Não sabe ainda nem se vai ser professor mesmo né?

E: Não sei. Estou vendo. Porque tem alguns amigos meus aqui da Licenciatura mesmo fizeram estágio, deram aula, trabalharam com outras coisas, aí não gostaram. Trabalharam em editora, tentaram fazer material didático, também não gostou e acabou fazendo estágio em outra coisa. Foram pra banco, foram pra qualquer outra coisa. Aí eu falei “não sei, por enquanto estou gostando do PIBID”, mas é a única coisa que eu tenho como parâmetro. Mas não sei, fazendo estágio em outras coisas se vou gostar mais.

R: Bom. E hoje, o que a escola é pra você? Porque quando você estava na escola era boa aluna, ia pra escola e você mesma falou que gostava de ir pra escola porque era curiosa, ia aprender. Hoje o que a escola é pra você? Hoje.

E: Acho que hoje... Não sei. Mudou a visão, lógico. Antes eu via como aluna. Era aquela coisa, gostava de escola, mas também era um pouco chato, mas fazia as coisas obrigado. Hoje eu não sei. Eu não sei como eu vejo. É difícil falar, porque eu posso falar “a escola”, falar várias coisas. Não é... Não sei descrever. Eu ainda não tive uma visão diferente. Lógico, não é a mesma coisa. Ainda não me vejo como professora, também não é mais a aluna vendo a escola. Não sei te dizer.

R: Independente de você se tornar uma professora, independente de qualquer coisa, como você vê a escola num futuro? O que ela vai representar pra você? Ela vai ser um lugar importante pra você, pelo que ela deixou? Em relação a sociedade, em relação a tudo isso, como que você enxerga e como passará a enxergar você acredita?

E: Acho que é um lugar muito importante. Acho que lá é onde tudo começou. Onde eu aprendi, não só aprendi o que sou hoje, porque muitos valores veio

de casa. Mas muita coisa veio da escola, muita coisa eu aprendi lá. A lidar mais com as pessoas, a ter mais paciência e acho que isso é bom. Porque todo mundo que passa, pelo menos quem eu conheço que foi pela mesma escola, acho que saiu com os mesmos valores. Se ela continuar assim, o papel da escola, não é só formar as pessoas, tem que formar pra sociedade, cidadão sabe? Mostrar respeito, esses negócios. Acho que tem que continuar assim, mostrando valores.

R: Certo. Eu acredito que a gente está caminhando para o final da entrevista. Você já tinha feito alguma vez esse exercício de repensar toda a sua trajetória escolar?

E: Não. Acho que foi a primeira vez de eu relembrar tudo e ver tudo que eu passei. Foi a primeira vez.

R: O que você achou desse exercício?

E: Foi legal. Eu lembrei de várias coisas. Eu vim puxando na memória “isso e isso”. Foi bem legal.

R: Você acredita que ter lembrado de tudo isso te trouxe alguma contribuição?

E: Com certeza, porque as vezes fica esquecido sabe? Tem tanta coisa na cabeça que você nem lembra mais. Quando você para pra pensar, pra lembrar você fala “nossa, é verdade, eu posso lembrar disso aqui agora”.

R: Bom, acredito que é isso mesmo. Não sei se tem alguma coisa a mais que você quer falar. Uma coisa que eu ia te perguntar, se faltou alguma informação, se eu posso entrar em contato com você novamente. Outra coisa também que eu costumo fazer é transcrever a entrevista e posso te passar no caso se quiser excluir alguma coisa, sinta-se a vontade. As vezes tem algo que você não queria ter dito, alguma coisa que, por mais que seja garantido o sigilo, mas alguma coisa que talvez você acha que possa comprometer alguém, ou alguma coisa. De todo jeito eu te passou. Quero saber se posso entrar em contato novamente se eu precisar.

E: Pode, com certeza. Estou aqui a disposição.

R: Eu não tenho... Assim, sua fala já trouxe contribuições, primeiro pra mim, pra minha pesquisa. Mas não tenho dúvidas que vai trazer também para as pessoas que tenham contato com a pesquisa. Eu perguntei, de todo esse exercício, se trouxe alguma contribuição. Talvez agora não por estar muito recente, você acabou de fazer. Mas eu não tenho dúvidas que todo esse exercício vai te colocar pra pensar em algumas coisas e virão, surtirão coisas, nem que te coloque pra pensar em outras, mas eu acredito que vai te trazer contribuições também, pra mim foi muito bom. Obrigado pela participação e eu acredito que a gente já pode finalizar então. Tá bom? Obrigado